Sílvio Gallo

VOLUME ÚNICO

Ensino Médio
Área do conhecimento:
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

DO SEU JEITO

Filosofia





MANUAL DO PROFESSOR

editora ática

MANUAL DO PROFESSOR



Ensino Médio
Área do conhecimento:
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

DO SEU JEITO

Filosofia

Sílvio Gallo

Doutor e mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP).

Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC-SP).

Livre-docente em Filosofia da Educação pela Unicamp-SP.

Professor titular da Faculdade de Educação da Unicamp-SP.

1ª edição, São Paulo, 2024.

editora ática

editora ática

Direção executiva de negócio e editorial: Flavia Alves Bravin

Direção de negócio: Volnei Korzenieski

Direção editorial: Lidiane Vivaldini Olo

Gerência de conteúdo: Alice Ribeiro Silvestre
e Julio Cesar Augustus de Paula Santos

Edição: Daniela Nardi (ger.), Luciana Nicoleti (ger.), Ana Carolina de Almeida Duarte, Ana Clara de Oliveira (assist.), Matheus de Oliveira Vieira, Patrícia Harumi Ribeiro, Rafaela T. Silva, Thamirys Gênova da Silva Lemos e Vitor G. Portella

Produção editorial: Renata Galdino

Revisão: Letícia Bento Pieroni (ger.), Carlos Eduardo Sigrist (coord.), Anderson Félix (líder de projeto), Ana Paula C. Malfa, Bruno Freitas, Daniela Lima, Gabriela M. Andrade, Heloísa Schiavo, Luciana B. Azevedo, Luiz Gustavo Bazana e Vanessa P. Santos

Arte: Fernanda Costa da Silva (ger.), Erika Tiemi Yamauchi (coord.), Bárbara Donato Rabaçal (ed. arte) e Teclas Editorial (diagramação)

Digital: Daniela Teves Nardi (ger.), Rafael Pereira de Paula Freitas (coord. produção multimídia), Daniella dos Santos Di Nubila (coord. produção digital) e Rogério Fábio Alves (coord. conteúdo digital e publicação)

Ilustrações: Alberto De Stefano, Bruna Ishihara e Theo Szczepanski

Cartografia: Fernanda Costa da Silva (ger.), Eric Fuzii (coord.) e Alexandre Bueno

Design: Fernanda Costa da Silva (ger.), Erik Taketa (coord.), Luis Vassallo (proj. gráfico) e Talita Guedes (capas)

Licenciamentos: Flávio Matuguma

Licenciamento e iconografia: Roberta Bento (ger.), Iron Mantovanello (coord.), Alice Matoso, Claudia Balista, Douglas Cometti, Mariana Valeiro, Paula Squaiella, Roberta Freire, Thaisi Albarracin Lima (pesquisa e licenciamento), Fernanda Crevin (tratamento de imagens), Beatriz Alves dos Santos, Daniel Scucuglia, Ligia Dona, Liliane Rodrigues, Raísa Maris Reina, Sabrina Regina de Marinho e Sueli Ferreira (analista de licenciamento)

Foto de capa: insta_photos/Adobe Stock, valeriyap/Adobe Stock e Silvio/Adobe Stock

Pré-impressão: Michel Shimamoto (coord.), Alessandro de Oliveira Queiroz, Camilla Félix Cianelli Chaves, Debora Fernandes, Diego Rodrigues de Lima, Fernanda de Oliveira, Lucas Meireles dos Santos e Valmir da Silva Santos

Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.

Alameda Santos, 960, 4º andar, setor 1
Cerqueira César – São Paulo – SP – CEP 01418-002
Tel.: 4003-3061
www.edocente.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Gallo, Silvio Donizetti de Oliveira
Do seu jeito : Filosofia : área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas : volume único : Ensino médio / Silvio Donizetti de Oliveira Gallo. -- 1. ed. -- São Paulo : Ática, 2024.

ISBN 978-65-267-0282-6 - aluno
ISBN 978-65-267-0283-3 - professor

1. Filosofia (Ensino médio)

24-4377 CDD 100

Angélica Ilacqua – Bibliotecária – CRB-8/7057

2024
Código da obra CL 721790
CAE 876551 (AL) / 876544 (PR)
1ª edição
1ª impressão
De acordo com a BNCC.

Envidamos nossos melhores esforços para localizar e indicar adequadamente os créditos dos textos e imagens presentes nesta obra didática. Colocamo-nos à disposição para avaliação de eventuais irregularidades ou omissões de créditos e consequente correção nas próximas edições. As imagens e os textos constantes nesta obra que, eventualmente, reproduzam algum tipo de material de publicidade ou propaganda, ou a ele façam alusão, são aplicados para fins didáticos e não representam recomendação ou incentivo ao consumo.

Impressão e acabamento

Apresentação

Caro estudante do Ensino Médio,

É muito provável que esta seja a primeira vez que você tem contato com a disciplina de Filosofia na escola, uma vez que são poucas as que trabalham com o componente no Ensino Fundamental. Seja, então, bem-vindo a esta prática do pensamento que existe há quase três mil anos, sendo um dos saberes mais antigos da humanidade.

Porém, embora antiga, a Filosofia está longe de ser uma coisa velha e empoeirada. Ainda que exista há tanto tempo, ela segue viva e ativa pensando o mundo e suas transformações e produzindo novos conhecimentos. Em Filosofia, então, saberes de mais de dois mil anos convivem com saberes produzidos nos dias de hoje. É isso que você encontrará neste livro: coisas pensadas há muito tempo, mas que continuam atuais, nos ajudando a compreender o mundo e a viver melhor, mas também coisas pensadas na atualidade, com as mesmas intenções.

Este livro foi pensado e produzido com muito cuidado, para aproximar a Filosofia da sua realidade, de modo que ela possa fazer sentido para você. Não olhe para os conteúdos dessas páginas como coisas a serem decoradas. Aproxime-se deles com curiosidade e você descobrirá, provavelmente, informações que lhe chamarão a atenção. Talvez você encontre algumas ideias sobre as quais já pensou, talvez encontre outras que jamais imaginou que pudessem existir. Observe tudo com atenção e com desconfiança: a Filosofia sempre desconfia das ideias prontas e das respostas fáceis. Reflita sobre as ideias que conhecerá aqui, aproxime-se dos diferentes filósofos e daquilo que pensam e aproprie-se do que julgar pertinente. Em Filosofia, é fundamental que você seja capaz de pensar por si mesmo. Sempre na companhia de outros, mas pensando com sua própria cabeça.

Uma das imagens da Filosofia de que gosto é aquela que afirma que ela é uma espécie de "caixa de ferramentas". Recorremos a uma caixa de ferramentas quando queremos colocar um prego na parede ou soltar um parafuso de algum equipamento, e para isso escolhemos aquela ferramenta que é adequada para a tarefa. Com a Filosofia temos um quadro parecido: na vida, deparamo-nos com inúmeros problemas, que nos desafiam a pensar. A Filosofia nos dá ferramentas para pensar e enfrentar esses problemas, mas é importante saber escolher as ferramentas certas.

Espero que você faça um belo percurso pelas aulas de Filosofia acompanhado deste livro, aprendendo a escolher as ferramentas que, em cada momento, ajudarão você a viver melhor.

O autor

Conheça seu livro

A coleção abarca os componentes curriculares da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas em uma proposta gráfica dinâmica e antenada com o cotidiano dos estudantes da etapa do Ensino Médio.

Estrutura básica

Este volume está organizado em unidades e capítulos. Nele você encontrará textos, boxes e seções. Conheça a seguir a estrutura deste volume.



CAPÍTULO INTRODUTÓRIO

Cada volume apresenta um capítulo introdutório, reunindo os conceitos centrais da Filosofia que serão tratados ao longo deste livro.

Não escreva no livro

Sinaliza que a obra não é consumível. Anotações e respostas às atividades devem ser feitas em material à parte, sem rasuras no livro, que será usado por outros estudantes no futuro.

UNIDADE

As unidades contêm aberturas especiais, compostas de recursos visuais e atividades que evocam conhecimentos prévios e inauguram a jornada de aprendizagem.



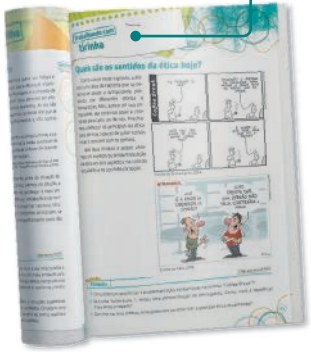
CAPÍTULO

Os capítulos desenvolvem o conteúdo com o apoio de atividades reflexivas, boxes e seções.



Biografia

Apresenta dados relevantes da trajetória pessoal e acadêmica de personalidades citadas ao longo do livro.



Trabalhando com

Promove a análise de recursos visuais e textuais, aprofundando temas pertinentes à Filosofia.



Infográfico

Promove a análise de informações em formato dinâmico, por meio de recursos visuais diversos.



Mundo digital

Promove a reflexão sobre o uso e o impacto das tecnologias no cotidiano, mobilizando ferramentas digitais para o desenvolvimento das atividades da seção.



Mundo do trabalho

Apresenta atividades de reflexão e pesquisa sobre questões contemporâneas do mundo do trabalho.

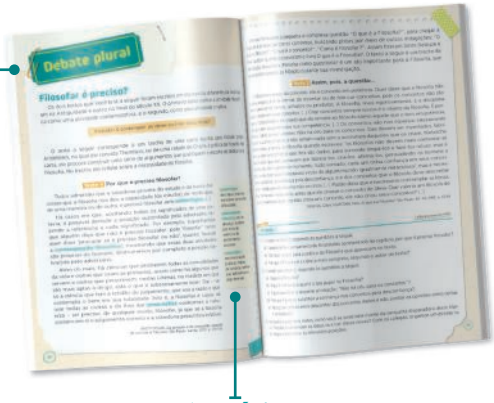
Galeria de atividades

Seção que apresenta atividades de diferentes níveis de dificuldade, além de questões do Enem e dos principais vestibulares do país.



Debate plural

Apresenta textos sobre um mesmo tema e, a partir de uma pergunta mobilizadora, desenvolve competências, como leitura inferencial e argumentação.





Agir no mundo

A seção parte de uma questão mobilizadora e desenvolve projetos que promovem o protagonismo juvenil.

Glossário

Definição de termos para auxiliar o estudante na compreensão do conteúdo.

BOXES

Retome

Retoma conteúdos e conceitos aferindo a aprendizagem após um trecho do capítulo.

No detalhe

Propõe a análise de recursos visuais apresentados na página.

Favoritos

Indica livros, filmes, *podcasts*, *sites*, vídeos, etc. cujas temáticas se relacionam ao conteúdo.

Explicando o conceito

Apresenta e amplia conceitos importantes do capítulo.

Trabalhando com Lógica

Trabalha conceitos de Lógica de forma progressiva com os estudantes.

Assim falou

Apresenta trechos fundamentais das obras de autores e pesquisadores relevantes de cada componente.

Sumário

Introdução

Filosofia: O que é isso? 10
- Filosofia: pensar e transformar o mundo 12
- A Filosofia e o pensamento conceitual 14
  - Filosofia: buscar a sabedoria e transformar a si mesmo 15
  - Filosofar e elaborar conceitos 16
- A Filosofia e suas origens 18
  - Características da cultura grega que estimularam a Filosofia 21
  - Os textos filosóficos 23
- Filosofia e opinião 25

Galeria de atividades 26

Unidade 1 – Como pensamos? 28

Capítulo 1: Filosofia e outras formas de pensar 30
- Senso comum 31
  - O senso comum como ponto de partida 31
  - Senso comum: prós e contras 32
- Mitologia 33
  - Mitologia grega 34
  - Um mito amazônico 35
  - Mito e Filosofia 36
- Religião 37
  - Conflitos religiosos 38
  - Fé e razão 39
  - A Filosofia medieval 40
  - Diferentes pensadores da Idade Média 41
- Pensamento africano 42
  - O pensamento ancestral 42
  - O pensamento afrodiaspórico e contemporâneo 42
- Pensamento ameríndio 44
  - Um pensamento brasileiro 45
  - Produzindo outro futuro 45

Mundo do trabalho: O mito e sua atualidade – pensar e repensar o mundo 46

Trabalhando com letra de música 47

Galeria de atividades 48

Capítulo 2: A Ciência e a Arte 50
- Arte na Ciência e Ciência na Arte 51
- O pensamento científico 52
  - A Ciência na Antiguidade grega 53
  - A Ciência da natureza, segundo os gregos 54
- A busca pelo método: Descartes e o racionalismo 56
  - O método cartesiano 57
- Os empiristas e a Ciência moderna 59
  - A crítica da razão 60
- Ciência: do método às teorias 61
  - A Ciência hoje 62
- Arte: o ser humano como criador 64
  - Impulso criativo e harmonia em Nietzsche 65
  - Arte e criação 66

Mundo digital: Ciência e Arte digital 67

Trabalhando com obra de arte 68

Galeria de atividades 69

Debate plural
- Filosofar é preciso? 72
- Ciência e Arte na vida humana 74

Unidade 2 – O que somos? 76

Capítulo 3: O ser humano quer conhecer a si mesmo 78
- Concepções do humano na história 78
  - Tempos antigos 78

Infográfico – Os principais pensadores renascentistas 80
- Tempos modernos 82
- Natureza humana ou condição humana? 83
  - Hannah Arendt e a condição humana 84
  - Condição humana: a alienação 86
- A filosofia da existência 89
  - Heidegger: em busca da essência 90
  - Sartre: a gratuidade da existência 92

Trabalhando com conferência acadêmica 96

Galeria de atividades 97

Capítulo 4: A linguagem e a cultura: manifestações do humano 100
- Linguagem: exclusividade humana? 100
  - A linguagem verbal: um sistema simbólico 101
- Filosofia e linguagem na Antiguidade 102
- A virada linguística 106
  - Wittgenstein: linguagem e mundo 107
  - Os "jogos de linguagem" 109
- Trabalho, linguagem e cultura 110
  - Diferentes tipos de cultura? 111

Trabalhando com letra de música 113

Mundo do trabalho: A operação lógica de indução 114

Galeria de atividades 116

Capítulo 5: Corporeidade, gênero e sexualidade 118
- A dimensão humana da corporeidade 118
- Filósofos pensam o corpo e a corporeidade 119
  - Platão: ideias e sentidos 120
  - Aristóteles: matéria e forma 122
  - Espinosa: corpo-mente 123
- Novos conceitos na Filosofia do corpo 125
  - Corpo: poder e disciplina 126
- Sexo, gênero e sexualidade: entre o biológico e o cultural 127
  - Questão de gênero 128

Mundo digital: Uma vida editada 130

Trabalhando com filme ... 131
Galeria de atividades ... 132
Debate plural
O que é o humano? ... 134
Corpo utópico e emancipação ... 136

Unidade 3 – Por que e como agimos? ... 138

Capítulo 6: Os valores e as escolhas ... 140
Os valores são universais ... 141
Infográfico – A cidade justa ... 142
Os valores são construções históricas ... 144
Caráter ativo e caráter reativo ... 146
A crítica à inversão de valores ... 148
Duas formas de felicidade ... 149
Valor, escolha e liberdade ... 151
Consciência e valor ... 152
Consciência e má-fé ... 155
Condenado a ser livre ... 156
Os valores e a ética ... 158
Trabalhando com filme ... 159
Galeria de atividades ... 160

Capítulo 7: Ética: por que e para quê? ... 162
Aristóteles: a ética como ação para a felicidade 163
Ética e virtude ... 164
Tipos de vida, tipos de felicidade ... 165
A felicidade como exercício da faculdade racional da alma ... 166
A ação conforme a virtude ... 169
Kant: a ética como ação segundo o dever ... 170
Razão teórica e razão prática ... 171
Princípio ético universal ... 172
Agir ético e saída da menoridade ... 175
Mundo do trabalho: Direito do meio ambiente 176
Trabalhando com tirinha ... 177
Galeria de atividades ... 178

Capítulo 8: A vida em construção: uma obra de arte ... 180
Uma vida filosófica, uma filosofia de vida ... 181
Diógenes e os cínicos: os filósofos como cães ... 181
A Filosofia cínica ... 183
A vida filosófica como vida ética ... 184
O estoicismo e a tranquilidade da alma ... 185
Uma Filosofia do prazer: o epicurismo ... 190
Foucault e a estética da existência ... 194
Esculpir a própria vida ... 195
Mundo digital: Como utilizamos nosso tempo? ... 196
Trabalhando com charge/poesia ... 197
Galeria de atividades ... 198
Agir no mundo ... 200

Unidade 4 – Como nos relacionamos em sociedade? ... 202

Capítulo 9: Poder e política ... 204
Poder e autoridade ... 205
Macrofísica do poder: a teoria da soma zero ... 206
Microfísica do poder: transmissão em rede ... 207
O pensamento político grego ... 209
Platão: o governo dos filósofos ... 209
Aristóteles: o bem comum ... 210
Transformações no pensamento político ... 214
O príncipe e as artes de governo ... 216
Um discurso contra a opressão ... 217
Trabalhando com música ... 220
Infográfico – Formas de governo segundo Aristóteles ... 221
Galeria de atividades ... 222

Capítulo 10: Estado, sociedade e poder ... 224
Teorias sobre a criação do Estado ... 225
Estado de natureza e sociedade ... 225
O direito à propriedade ... 228
O contrato social como expressão da vontade geral ... 230
As críticas ao Estado no século XIX ... 233
Marx e Engels: o socialismo, o comunismo e a superação do Estado ... 234
O anarquismo: a defesa de uma sociedade sem Estado 237
Mundo do trabalho: Exploração no mundo contemporâneo ... 239
Trabalhando com notícia ... 240
Galeria de atividades ... 242

Capítulo 11: Totalitarismo e biopolítica na sociedade de controle ... 244
Arendt e a crítica ao totalitarismo ... 245
O terror totalitário ... 246
Uma política de massas ... 247
Propaganda ideológica ... 248
Foucault: disciplina e biopoder ... 249
Soberania: poder de vida e morte ... 249
Disciplina para a submissão ... 250
Biopoder: bem-estar social ... 252
Formas de resistência ao controle totalitário ... 255
Sociedades de controle ... 255
Uma revolução molecular? ... 258
Mundo digital: A quem serve a inteligência das máquinas? ... 260
Trabalhando com texto de revista ... 261
Galeria de atividades ... 262
Debate plural
Poder e política ... 264
Micropolítica do preconceito ... 266

Unidade 5 – Problemas contemporâneos: epistemologia e estética 268

Capítulo 12: Desafios epistemológicos contemporâneos: quais os limites da ciência? 270

Cientificismo e neutralidade da ciência 271
Comte e o positivismo 272
Neutralidade científica: há limites para a ciência? 274

A tecnociência e algumas de suas consequências 275
Alguns problemas ambientais como consequência dos avanços tecnocientíficos 276
O pensamento ameríndio e uma mudança de perspectiva 277

Infográfico – A ambiguidade do avanço tecnológico 279

Ciência e poder na contemporaneidade 280
Conhecimento e poder 281

Trabalhando com crônica 282

Galeria de atividades 284

Capítulo 13: Desafios estéticos contemporâneos: a arte emancipa? 286

Sentidos, representação do mundo e estética 287
Representação e imitação 288
A estética e a sensibilidade 290

Arte, produção e indústria cultural 292
Arte e reprodução técnica 292
Arte e mercadoria: a indústria cultural 294

Arte e emancipação 296
Arte e subversão da classe social 297
O espectador como criador 299

Mundo do trabalho: Indústria cultural e internet 300

Trabalhando com imagem 301

Galeria de atividades 302

Debate plural
O controle da ciência 304
Arte: dominação ou emancipação? 306

Unidade 6 – Problemas contemporâneos: ética e política 308

Capítulo 14: Desafios políticos contemporâneos: novas formas de agir? 310

A política contemporânea e uma "ordem imperial" 311
O império e a fabricação de uma "ordem mundial" 312
O império diante do colapso sanitário mundial 313
Império, democracia e consenso 314
Em busca de uma democracia da multidão 316

A política como "partilha do sensível" 319
Entre a polícia e a política 320
Um mundo dividido, mundos em convivência 321
Igualdade e emancipação 324
A democracia e o dissenso 325

Mundo digital: A política das redes 326

Trabalhando com texto filosófico de divulgação 327

Galeria de atividades 328

Capítulo 15: Desafios éticos contemporâneos: novas formas de agir? 330

Questões de vida e de morte: elementos da bioética 331
Os princípios da bioética 334
Bioética como ética aplicada: uma nova ética 335

Ética, empresa e sociedade: um novo tecido político? 339
Responsabilidade social das empresas 339
Uma ética da alteridade 341
O entendimento pelo discurso ético 342

Ética e questões ambientais: por um "contrato natural" 344

Infográfico – Exploração animal 347

Trabalhando com texto de ética prática 348

Galeria de atividades 350

Agir no mundo 352

A Filosofia na História 354

Transcrição de áudios 362

Referências bibliográficas comentadas 365

Objetos Educacionais Digitais (OEDs)

Podcast
Ailton Krenak: o primeiro indígena imortal da ABL 45
A importância do corpo na Antiguidade 120
Reflexões sobre diferentes tipos de felicidade 163

Transcrição de áudio

Infográfico clicável
Jogos de Linguagem de Wittgenstein 109
Escola de Frankfurt 292
Do mundo bipolar à Nova Ordem Mundial 312

Vídeo
A influência cartesiana em filósofas durante a Idade Moderna 56
Panoptismo 251
O conceito de modernidade líquida 332

Mapa clicável
Expansão macedônica na Antiguidade 182

Carrossel de imagens
Principais teóricos sobre a criação do Estado 225
O socialismo utópico de Saint-Simon 273

O trabalho com a BNCC

A seguir, elencamos por capítulo as competências gerais (CG) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), seguida das competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CECHSA) e de suas respectivas habilidades mobilizadas neste volume. Indicamos também os Temas Contemporâneos Transversais (TCT) trabalhados.

FILOSOFIA				
Cap.	**CGs**	**CECHSAs**	**Habilidades**	**TCTs**
Intro	1 e 6	1	EM13CHS101 e EM13CHS106	Ciência e Tecnologia: Ciência e Tecnologia Multiculturalismo: Diversidade Cultural
1	1, 2 e 6	1, 2 e 5	EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106,EM13CHS202 e EM13CHS504	Ciência e Tecnologia: Ciência e Tecnologia Multiculturalismo: Diversidade Cultural e Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras
2	1, 2 e 5	1 e 2	EM13CHS101, EM13CHS105, EM13CHS106 e EM13CHS206	Ciência e Tecnologia: Ciência e Tecnologia Multiculturalismo: Diversidade Cultural
3	1, 6 e 8	1, 4, 5 e 6	EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS106, EM13CHS404, EM13CHS501 e EM13CHS605	Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social e Educação em Direitos Humanos Multiculturalismo: Diversidade Cultural
4	1, 4 e 6	1, 2, 3 e 4	EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS106, EM13CHS202, EM13CHS303, EM13CHS404 e EM13MAT406	Multiculturalismo: Diversidade Cultural e Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras Cidadania e Civismo: Educação em Direitos Humanos
5	1, 6 e 8	1, 5 e 6	EM13CHS101, EM13CHS104, EM13CHS106, EM13CHS502 e EM13CHS606	Multiculturalismo: Diversidade cultural Cidadania e Civismo: Educação em Direitos Humanos
6	1, 2, 6, 8 e 10	1, 2, 5 e 6	EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS106, EM13CHS204, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS604 e EM13CHS605	Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social e Educação em Direitos Humanos
7	1, 2, 6, 8, 9 e 10	1, 2, 5 e 6	EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS105, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS205, EM13CHS501, EM13CHS604 e EM13CNT206	Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social e Educação em Direitos Humanos
8	1, 2, 5, 6, 8 e 10	1, 2, 4 e 5	EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS202, EM13CHS401, EM13CHS403, EM13CHS404 e EM13CHS504	Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social e Educação em Direitos Humanos
9	1, 6 e 7	1, 2 e 6	EM13CHS101, EM13CHS106, EM13CHS203, EM13CHS204, EM13CHS602 e EM13CHS603	Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social
10	1, 4, 6 e 7	1, 2, 4, 5 e 6	EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS204, EM13CHS401, EM13CHS404, EM13CHS502, EM13CHS601 e EM13CHS603	Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social e Educação em Direitos Humanos Economia: Trabalho
11	1, 6 e 7	1, 2, 4 e 6	EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS106, EM13CHS202, EM13CHS403, EM13CHS602 e EM13CHS603	Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social e Educação em Direitos Humanos Economia: Trabalho
12	1, 4, 5 e 7	1, 2 e 3	EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS202, EM13CHS206, EM13CHS301, EM13CHS302, EM13CHS304 e EM13CHS305	Ciência e Tecnologia: Ciência e Tecnologia
13	1, 3, 6 e 7	1, 3, 4 e 5	EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS105, EM13CHS106, EM13CHS303, EM13CHS404 e EM13CHS502	Multiculturalismo: Diversidade Cultural Cidadania e Civismo: Educação em Direitos Humanos
14	1 e 7	1 e 2	EM13CHS101, EM13CHS106 e EM13CHS201	Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social e Educação em Direitos Humanos
15	1 e 7	1, 3 e 6	EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS306 e EM13CHS605	Cidadania e Civismo: Vida Familiar e Social e Educação em Direitos Humanos Meio ambiente: Educação Ambiental

Introdução

Filosofia: O que é isso?



Eduard Cortes/Veranda TV 2018

Cena da série catalã *Merlí*, de 2015, dirigida por Eduard Cortés. Com a chegada do professor de Filosofia, Merlí Bergeron (Francesc Orella), os estudantes do Instituto Àngel Guimerà, em Barcelona, Espanha, vão passar por experiências de pensamento e de enfrentamento de problemas que mudarão o curso de suas vidas.

O pensamento filosófico nos tira do lugar-comum. É como se, no dia a dia, vivêssemos "no automático", sem pensar muito naquilo que fazemos, naquilo que acontece à nossa volta. De repente, alguma coisa nos chama a atenção. Algo nos faz parar e pensar. Dizendo de outra maneira: quando nos deparamos com um **problema**, somos levados a exercitar o pensamento.

Pensar, nesse sentido filosófico, não é algo comum. É um acontecimento que produz transformações em nossa vida. Quando pensamos, já não somos os mesmos. Essa reflexão crítica nos permite questionar nossas crenças, valores e pressupostos. Começamos a explorar questões como a moralidade, a liberdade e o sentido da existência, o que nos leva a uma compreensão mais

profunda de nós mesmos e do mundo. Além disso, o pensamento filosófico nos ajuda a desenvolver a capacidade de argumentação e a análise crítica, essenciais para a tomada de decisões informadas. Ele nos encoraja a olhar além das aparências, a considerar diferentes perspectivas e a buscar a verdade em vez de aceitá-la passivamente. Pensar é sair do **automatismo** em que vivemos no dia a dia.

automatismo: atributo daquilo que é automático, que funciona por conta própria, independentemente de vontade ou reflexão.

O pensar filosófico aborda questões como a existência, que busca entender a origem e a natureza do ser; a ética, que interroga sobre o que é o bem e o mal, e como devemos agir; as questões epistemológicas, que investigam a natureza do conhecimento; a mente e sua relação com o corpo e a consciência. Esses são temas importantes que vão além da Filosofia e influenciam outras áreas do conhecimento.

Nesta introdução, vamos explorar as principais características da Filosofia, para que você perceba como ela pode lhe ajudar na vida cotidiana.



Nova Veranda/Collection Christophel/AGB Photo Library

Merlí conversa com um de seus alunos. Questionar o outro e levá-lo a refletir é um caminho duplo, pois quem questiona também repensa a si.

1. Você já teve aulas de Filosofia antes? Já leu algum texto filosófico ou conhece de nome algum filósofo? Em caso afirmativo, o que essa experiência com a Filosofia significou para você?
2. Na cena da série *Merlí*, vemos um professor de Filosofia com seus estudantes, os quais ele desafia e encoraja a pensar. Em vários episódios, tanto o professor quanto os estudantes são levados a sair do lugar-comum. Você já viveu uma experiência desse tipo? Se sim, como reagiu?
3. Você já se viu nesse lugar de estimular questionamentos entre amigos e/ou familiares? Para você, como foi esse exercício?

1. Ouça os relatos dos estudantes e incentive sua participação. Espera-se que aqueles que já tiveram aulas de Filosofia exponham a natureza reflexiva do componente.

2. Espera-se que os estudantes reflitam sobre comportamentos e pensamentos automatizados, para que percebam como essa ponderação em si é um exercício para sair do lugar-comum. Deve-se desenvolver essa reflexão com a turma e iniciar o debate sobre o tema proposto.

3. As respostas podem variar bastante. Faça a mediação do debate e ajude-os a perceber como essa conversa em si já pode ser um exercício de questionamento de si e do outro.

Filosofia: pensar e transformar o mundo



Moviestore/Alamy/Fotoarena

Cena do filme *2001: uma odisseia no espaço*, de 1968, dirigido por Stanley Kubrick.

Foi por meio do exercício do pensamento que o ser humano transformou a si mesmo e o mundo. A primeira cena do filme *2001: uma odisseia no espaço* mostra isso de modo contundente. Um grupo de hominídeos vaga por um ambiente desértico disputando poças de água para matar a sede, caçando animais para comer e, ao mesmo tempo, sendo caçados.

Quando a câmera focaliza o rosto de um deles, o que vemos é uma expressão de medo. Como se sentir seguro quando não se é o mais forte? Como vencer o medo e enfrentar o mundo, uma natureza inóspita, desconhecida e cheia de perigos? O filme nos mostra que a resposta encontrada pela humanidade para solucionar esse problema é o **conhecimento**.

Certo dia, um dos hominídeos pega um osso de um animal morto e começa a batê-lo no chão. Ele percebe que, ao utilizar o osso, sua força é ampliada. Desse modo, o osso se transforma em uma **ferramenta**, algo que pode ser utilizado para realizar uma tarefa.

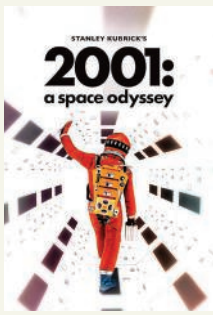
Na sequência, durante a disputa de seu bando por uma fonte de água com um grupo rival, esse hominídeo usa o osso para atacar os inimigos. Sua força é multiplicada pela ferramenta (que, nesse caso, torna-se uma arma) e ele vence. Exultante, o hominídeo joga o osso para o alto. Quando o osso, girando, atinge o ápice e começa a cair, transforma-se em uma espaçonave em órbita na Terra.

Essa cena tem um significado muito profundo: mesmo enfrentando o problema da sobrevivência em um mundo inóspito, o hominídeo passou a ser humano porque foi capaz de inventar uma ferramenta, utilizada, nesse caso, como arma.

O uso de utensílios desenvolveu-se por séculos e milênios, e aquele osso do início converteu-se em outro tipo de ferramenta – um sofisticado aparelho tecnológico (a espaçonave).

Procurando enfrentar seus problemas, os seres humanos elaboraram diferentes tipos de conhecimento e ferramentas. A Filosofia é um deles. Em que a Filosofia se diferencia dos demais saberes? Se todos os saberes são resultado do exercício do pensamento, o que há de específico nela? O que distingue a Filosofia são seus instrumentos e aquilo que ela produz: os conceitos.

Favoritos



Reprodução/Metro-Goldwyn-Mayer

2001: uma odisseia no espaço. Direção: Stanley Kubrick (142 min). Estados Unidos/Grã-Bretanha, 1968.

O filme narra a história de um enigma que acompanha a humanidade desde seus primórdios. Em busca de uma resposta, uma equipe de astronautas é enviada a Júpiter. A bordo da mais moderna e tecnológica nave espacial, a Discovery, controlada pelo supercomputador HAL 9000, os astronautas querem investigar um fenômeno estranho que pode conduzi-los ao esclarecimento desse enigma.

Retome

Não escreva no livro

1. Esclareça as razões pelas quais podemos compreender o conhecimento como uma ferramenta para que o ser humano possa agir no mundo.
2. Aponte os motivos pelos quais um problema está na origem de todo pensamento.

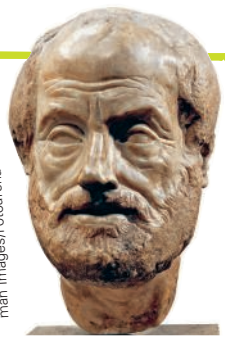
1. No enfrentamento da necessidade de sobrevivência em um mundo inóspito, sem ter a força de outros animais, os humanos desenvolveram a inteligência e a produção de conhecimentos como meio de enfrentar as dificuldades.

2. Pensamos porque somos forçados a pensar por um problema. Quando nos deparamos com algo que nos desafia, temos que refletir para poder compreender a situação e produzir modos de superar as dificuldades, analisando diferentes perspectivas, formulando argumentos e avaliando evidências. Caso julgue necessário, reforce com os estudantes que essas habilidades são centrais para o raciocínio lógico e para a capacidade de questionar ideias, sendo, portanto, fundamentais para a filosofia.

A Filosofia e o pensamento conceitual

A Filosofia já foi definida de várias maneiras. A palavra, de origem grega, é composta dos termos *phílos*, que designa "amigo, amante", e *sophía*, que significa "sabedoria". O significado de filosofia, portanto, é amor ou amizade pela sabedoria. Se a Filosofia é o amor pela sabedoria, isso quer dizer que ela não é a própria sabedoria, e sim uma relação com o saber e que implica um movimento de construção e de busca da sabedoria. O filósofo não é um sábio; é alguém que busca o conhecimento.

Em obras como *Política*, o filósofo Aristóteles defende a existência de uma hierarquia natural das coisas do mundo. Para o autor, o ser humano seria um animal racional. A Filosofia, por sua vez, é definida como a atividade mais digna praticada pelos seres humanos, uma vez que nela o ser humano exercita aquilo que lhe é próprio, ou seja, sua faculdade racional. Seria também uma atividade capaz de proporcionar a felicidade, pois, vivendo filosoficamente, o ser humano estaria vivendo de acordo com a própria natureza.



Universal History Archive/UIG/Bridgeman Images/Fotoarena

Aristóteles, escultura de mármore de autor desconhecido, c. séculos I d.C. e II d.C.

Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.)

Nascido na cidade de Estagira, na Macedônia, ainda jovem se mudou para Atenas, onde estudou com o também filósofo grego Platão. Foi professor de Alexandre, que se tornou imperador da Macedônia e ficou conhecido como Alexandre, o Grande. Em Atenas, Aristóteles fundou uma escola, o Liceu, onde ensinava Filosofia. Vários de seus livros foram escritos para suas aulas ou se originaram de anotações dos estudantes.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Faculdade racional

Aristóteles afirmava que a alma humana é dotada de várias faculdades. Entre elas, a racional ou intelectiva, a qual torna os seres humanos aptos ao pensamento. Nossa capacidade de pensar é diretamente ligada ao fato de sermos seres dotados de linguagem. A razão, então, compreende a possibilidade de pensar e de se comunicar com os outros. Por isso mesmo, segundo o filósofo, ela seria a mais importante, pois nos diferenciaria de todos os outros seres da natureza.

1. Como você explicaria a frase "O ser humano é um animal racional"?

1. Os estudantes devem ser capazes de explicar que, segundo Aristóteles, o ser humano é dotado de linguagem, por isso é capaz de pensar.

2. Explique, com suas palavras, por que a faculdade racional torna possível o pensamento.

2. Espera-se que os estudantes aprofundem a explicação anterior, reforçando os vínculos entre a linguagem e o pensamento.

Filosofia: buscar a sabedoria e transformar a si mesmo

Na segunda metade do século XX, o filósofo Michel Foucault mostrou na obra *A hermenêutica do sujeito* que há duas maneiras de compreender a Filosofia:

- como busca da sabedoria, entendendo o conhecimento como algo que vem de fora e ao qual podemos ter acesso pelo pensamento;
- como um trabalho de cada um sobre si mesmo, um modo de construir a própria vida, transformando-se sempre e aprendendo com isso.

No primeiro caso, a Filosofia é a busca de um saber que está fora de cada um de nós. No segundo, é uma prática de vida, um pensamento sobre nós mesmos, um modo de fazermos com que nossa vida seja melhor.

Essa segunda noção também é uma busca, mas não de algo que está fora de nós. É uma busca para nos tornarmos melhores por meio de práticas cotidianas que certos filósofos denominam **exercícios espirituais**. Mas atenção: a palavra **espiritual**, aqui, tem o sentido de intelectual, mental: um exercício que se faz no espírito. Não confundir com espiritual em um sentido religioso ou místico. Um exemplo de exercício espiritual seria o hábito de escrever um diário. Ao relatar os acontecimentos e as sensações do dia a dia, temos oportunidade de refletir sobre eles e, assim, de nos conhecer melhor.



Michele Bancilhon/AFP

Michel Foucault, fotografia de 1984.

Michel Foucault (1926-1984)

Pensador francês que se dedicou a vários campos do conhecimento, como a Filosofia, a História e a Psicologia. Entre 1970 e 1984, foi professor no Collège de France, uma das instituições de maior prestígio naquele país. Escreveu sobre vários assuntos, entre eles a sexualidade, a loucura e as instituições disciplinares, como a prisão e a escola. Em seus últimos anos de vida, dedicou-se a estudar a Filosofia grega antiga, preocupado com o tema da formação ética. Entre seus vários livros, destacam-se *As palavras e as coisas* (1966) e *Vigiar e punir: história da violência nas prisões* (1975).

Filosofar e elaborar conceitos

Essas duas perspectivas levam a uma terceira: o pensamento filosófico como uma reflexão interna que questiona todos os conhecimentos vindos de fora. Pensar filosoficamente é, portanto, trabalhar os mais diversos problemas e situações "partindo do zero", ou seja, sem aceitar de forma mecânica os conhecimentos recebidos.

Na sua busca pelo conhecimento, a Filosofia elabora conceitos. Para começar a compreender o que são conceitos, pense no que significa a ideia de justiça. Faça a você mesmo algumas perguntas:

- O que é justiça?
- A que situações ela se aplica?
- Com seus amigos, por exemplo, você mantém relações justas? E na escola?
- Deve haver um limite para a justiça? Há situações em que se pode renunciar a ela?
- Será que a justiça tem alguma relação com a Filosofia?
- A ideia de justiça é algo pronto e definitivo ou ela muda conforme o lugar e a época?

Ao fazer essas perguntas a si mesmo, você está praticando a atividade filosófica e reunindo elementos que podem ajudá-lo a elaborar um conceito, o de justiça. Nos dicionários e nas enciclopédias, é possível encontrar muitas definições da palavra "justiça". Contudo, conceito é algo diferente, é uma elaboração própria, que envolve atividade do pensamento e modifica quem a realiza.

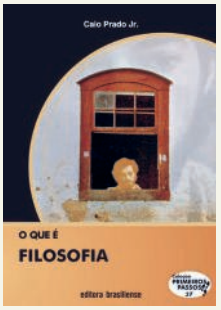
travelview/Shutterstock



Representação da Justiça, escultura em Frankfurt, Alemanha. Fotografia de 2023.

Os conceitos não estão prontos e acabados, estão sempre sendo criados e recriados, dependendo dos problemas enfrentados a cada momento. Cada filósofo cria seus conceitos ou recria os de outros filósofos. Ao criar ou recriar conceitos, o filósofo está também agindo e criando sobre si mesmo, construindo sua vida.

Favoritos



Reprodução/Editora Brasiliense

O que é Filosofia. Caio Prado Júnior. São Paulo: Brasiliense, 2007.

Obra introdutória em que o autor caracteriza o conhecimento filosófico por meio da análise do pensamento de grandes filósofos, desde os gregos antigos.

Isso não significa, no entanto, que apenas alguns privilegiados possam praticar a Filosofia. Segundo o filósofo italiano Antonio Gramsci, nos seus *Cadernos do cárcere* (e especificamente no *Caderno 11*), todos os homens são filósofos, na medida em que todo ser humano, de maneira mais ou menos intensa e duradoura, pensa sobre os problemas que enfrenta em sua vida. De certa maneira, todo ser humano se utiliza de conceitos, ou até mesmo os formula, em alguns momentos da vida.

Os filósofos, porém, dedicam-se à Filosofia de modo mais intenso, fazendo dessa atividade sua profissão e sua vida. Eles problematizam diversas questões, criam conceitos, escrevem textos e livros.

Alguns desses conceitos atravessam os séculos. Embora tenham sido elaborados em um contexto histórico diferente, podem despertar nossa reflexão e ajudar na formulação de nossos próprios conceitos. Pense, por exemplo, na ideia de felicidade. Muitos filósofos já estudaram o assunto em diferentes lugares e épocas e elaboraram os mais variados conceitos de felicidade. Essas concepções são importantes como referência, mas não são estáticas: mudam conforme o contexto e as motivações de quem está refletindo sobre elas.



Mondadori via Getty Images

Antonio Gramsci, fotografia da década de 1930.

Antonio Gramsci (1891-1937)

Jornalista e filósofo italiano. Militante comunista, passou muitos anos preso sob o governo do líder fascista Benito Mussolini (1883-1945). Foi na prisão que escreveu boa parte de sua obra filosófica, de crítica social e política. Por ter sido escrita na prisão, sua obra foi publicada com o título *Cadernos do cárcere*.

Retome

Não escreva no livro

1. Sobre a filosofia como "amizade ao saber":

a) Identifique o sentido da palavra de origem grega "filosofia".

b) Discuta a seguinte afirmação: a Filosofia não é a sabedoria, é a busca pela sabedoria.

2. Sobre os dois modos de se compreender a Filosofia:

a) Caracterize a Filosofia como a busca de um saber que está fora de nós.

b) Examine a afirmação de que a prática da Filosofia significa uma ação de transformação de si mesmo.

3. Explique por que a Filosofia pode ser compreendida como uma atividade de criação conceitual.

1. a) A palavra é formada por outras duas: *phílos*, que significa "amizade, amor", e *sophía*, que significa "sabedoria". Logo, filosofia é a amizade ou o amor à sabedoria.

1. b) Sendo uma amizade à sabedoria, a Filosofia é a busca do conhecimento. O filósofo não é aquele que já sabe (o sábio), é aquele que está em busca do saber.

2. a) A compreensão da Filosofia como amizade à sabedoria implica uma busca por algo que está fora de nós, um conhecimento, uma verdade que já existe e da qual procuramos nos apropriar.

2. b) Mas a Filosofia significa também uma atividade de pensar em si mesmo, sobre si mesmo. Assim, quando se pratica a Filosofia, o sujeito está transformando a si mesmo. Por isso ela foi caracterizada como um tipo de "exercício espiritual".

3. Na busca por um conhecimento novo, que transforma o sujeito que pratica a Filosofia, o filósofo produz conceitos, que são o resultado dessa prática de pensamento. O conceito é o ponto de chegada no trabalho do filósofo: depois de pensar em um problema, ler e conhecer os trabalhos de outros filósofos sobre o mesmo problema, ele elabora a própria resposta.

A Filosofia e suas origens

Com base no pensamento europeu e ocidental, a Filosofia teria surgido na Grécia, por volta do século VII a.C. Porém, essa afirmação desconsidera tradições de pensamento de outros lugares e períodos. Diversos filósofos gregos, como Tales de Mileto, Pitágoras e Heródoto, contavam ter viajado ao Egito, onde conheceram sábios com os quais aprenderam muito. Dessa maneira, talvez possamos dizer que as origens da Filosofia estejam em terras africanas. Entre os egípcios havia a ideia de *rekhet*, a busca pela verdade, um exercício de amor pelo saber, que estaria relacionado com aquilo que, posteriormente, os gregos chamariam de Filosofia.

Lizavetta/Shutterstock



Pirâmides e esfinge de Gizé, no Egito. Fotografia de 2023. Conhecimentos egípcios influenciaram a filosofia grega.

Trabalharemos a seguir com a ideia de que a Filosofia nasceu na Grécia, mas precisamos sempre nos interrogar: A Filosofia será mesmo grega?

Entre os séculos IX a.C. e VIII a.C., os gregos se expandiram para além da península grega, estabelecendo colônias importantes, situadas nas regiões das atuais Turquia, Sicília e sul da Itália. Nelas, viveram alguns dos primeiros filósofos.

Tales de Mileto (c. 624 a.C.-546 a.C.) é considerado o primeiro filósofo. Nasceu na região da Jônia, atual Turquia, e era apontado como um dos sete sábios da Grécia antiga. Foi o primeiro a afirmar que há um princípio universal do qual todas as coisas derivam, chamado de *arkhé*, que se relaciona com o elemento água. Para ele era uma questão lógica: a água é o que há de mais abundante na natureza, por isso deve ser a origem de todas as coisas. Teve diversos seguidores na chamada escola jônica, os quais, embora concordassem com a ideia de *arkhé*, afirmavam que ela estaria relacionada a outro elemento que não a água.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Princípio universal

Na Antiguidade, já se pensava que tudo o que existe é formado pela reunião de alguns elementos básicos. Falava-se na terra, na água, no ar e no fogo como esses elementos. O espaço sideral, além da Terra, seria preenchido por um quinto elemento, o éter, mais leve do que todos os outros.

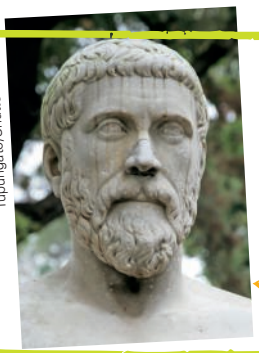
Os primeiros filósofos buscavam compreender qual seria a *arkhé*, o elemento primordial, aquele princípio universal que deu origem a todos os outros e ao mundo tal como o conhecemos. Alguns pensadores falavam também no *apeiron*, que significa "ilimitado", "indefinido". Outros falavam nos *átomos*, ou seja, naquilo que não pode ser dividido.

- Você concorda que há um princípio universal, um primeiro elemento do qual tudo se origina? Por quê? Em caso afirmativo, qual seria esse elemento para você?

Independentemente de concordar ou não, espera-se que os estudantes sejam capazes de argumentar sobre sua posição e sustentá-la racionalmente. Caso julgue oportuno, organize os alunos em grupos para incentivar o debate, valorizando o respeito e a diversidade durante as trocas. Um grupo poderia argumentar a favor e outro contra, utilizando conceitos filosóficos e científicos para embasar suas posições. Essa é uma excelente oportunidade para discutir como a ciência moderna aborda questões sobre a origem do universo e os elementos fundamentais, questionando se as teorias contemporâneas atuais poderiam ser vistas como o princípio universal que os antigos filósofos questionavam.

Fundador de uma importante escola filosófica na Magna Grécia, atuais Sicília e sul da Itália, com sede na cidade de Crotona, o filósofo e matemático Pitágoras de Samos tornou-se muito conhecido pela enunciação de um teorema matemático que recebeu seu nome, o teorema de Pitágoras. Em seu pensamento, defendia que o Universo (em grego, *kósmos*) era regido por princípios matemáticos, sendo o **número** o fundamento (princípio) de todas as coisas.

Filolau de Crotona (c. 470 a.C.-385 a.C.), filósofo e astrônomo que pertenceu à escola pitagórica, defendia o número como a *arkhé* do mundo físico, além de adotar uma estrita conduta para alcançar a boa vida. No campo da Astronomia, foi um dos primeiros a enunciar que a Terra está em movimento e não se encontra no centro do Universo, que seria ocupado por um "fogo central" sempre do lado oposto ao planeta e, por isso, impossível de ser visto pelos seres humanos. Em torno desse fogo central girariam a Terra e os demais corpos celestes.



Tupungato/Shutterstock

Pitágoras de Samos (c. 570 a.C.-495 a.C.)

Uma das grandes contribuições de Pitágoras foi a valorização do pensamento abstrato. Para ele, todo o Universo é regido por regras e relações matemáticas, que permitem compreender a estrutura da natureza. Profundamente religioso, fundou uma escola que mesclava ciência e misticismo.

Pitágoras, busto de mármore de autor desconhecido, em Roma, Itália. Fotografia de 2014.

Em Éfeso, o filósofo Heráclito (c. 535 a.C.-475 a.C.) defendia que o princípio de todas as coisas não era o número, mas sim o fogo. Assim como percebemos nesse elemento incessantes movimentos e transformações, na natureza também tudo se movimenta e se transforma, baseando-se na harmonia dos contrários (quente e frio, leve e pesado, sólido e líquido, seco e úmido, etc.). Esses elementos seriam organizados pelo *logos*, isto é, o princípio racional de inteligibilidade, que tudo organiza e ordena para a composição do *kósmos*.

Essa prática de pensamento, que surgiu na periferia do mundo grego, migrou para as cidades da península grega, em especial Atenas – cidade dedicada a Palas Atena, deusa da sabedoria, e ali se desenvolveu intensamente. É por isso que os pensadores contemporâneos Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992) afirmaram, na obra *O que é a filosofia?*, que "os filósofos são estrangeiros, mas a filosofia é grega". Isso porque ainda que a prática tenha surgido na periferia do mundo grego, foi em seu centro que se desenvolveu e cresceu.

Grécia antiga (séculos VIII a.C. a V a.C.)



Banco de imagem/Arquivo da editora

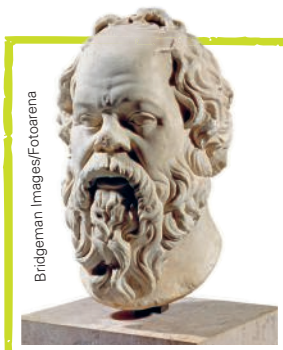
Fonte: elaborado com base em DUBY, Georges. *Atlas historique mondial*. Paris: Larousse, 2007. p. 14.

No detalhe

Não escreva no livro

- Observe no mapa o território que foi ocupado pela civilização grega na Antiguidade. Perceba a multiplicidade de colônias gregas espalhadas nos entornos do mar Mediterrâneo. Em seguida, debata com os colegas e o professor a ideia de que os filósofos são estrangeiros, ainda que a Filosofia seja grega. Leia a resposta no **Manual do Professor**.

É importante notar que a primeira palavra a surgir foi **filósofo**, que é aquele que pratica determinado tipo de investigação teórica. Só mais tarde apareceu a palavra **filosofia**, para designar a atividade desse investigador. Segundo a tradição, houve um filósofo grego muito antigo que se recusava a ser reconhecido como sábio, preferindo chamar-se filósofo. É uma posição semelhante à do filósofo grego Sócrates, que afirmou "Só sei que nada sei", percebendo e admitindo a própria ignorância, conforme relata Platão nos diálogos *Fedro* (c. 370 a.C.) e *Filebo* (c. 360 a.C.-347 a.C.).



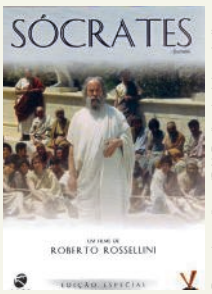
Bridgeman Images/Fotoarena

Sócrates, em escultura de mármore de Lysippus, c. 330 a.C.

Sócrates (c. 469 a.C.-399 a.C.)

Nascido em Atenas, na Grécia, é considerado um dos filósofos mais importantes de todos os tempos. Sócrates ensinava gratuitamente em praça pública. Reorientou o enfoque da Filosofia grega, antes voltada para o estudo da natureza, centrando o interesse no ser humano. Acusado de corromper a juventude e de renegar os deuses atenienses, foi condenado à morte por meio da ingestão de um veneno chamado cicuta. Sócrates nada escreveu: para ele, a Filosofia se praticava no diálogo. Seu estilo filosófico está documentado na obra de Platão.

Favoritos



Reprodução/Luce/RAI Radiotelevisione Italiana

Sócrates. Direção: Roberto Rossellini (120 min). Itália, 1971.

O filme *Sócrates* aborda os últimos momentos do filósofo na Atenas do século V a.C., focando em seu julgamento, condenação à morte e últimos ensinamentos.

Características da cultura grega que estimularam a Filosofia

Mas por que o modo filosófico de pensar, com a recusa de verdades prontas e a elaboração de novos conceitos, surgiu na Grécia? Para entender isso, é preciso recuar no tempo e conhecer um pouco a Grécia dos séculos VII a.C. e VI a.C. Assim, ficará mais fácil compreender quem eram e como viviam os gregos daquele tempo, que tornaram possível inventar a Filosofia.

- **A civilização grega antiga construiu uma cultura pluralista**. Em sua origem, estão três povos (os jônios, os eólios e os dórios), que formaram uma sociedade unida pelo idioma e pelo culto aos deuses, mas que recebia influências de diversas culturas com as quais os gregos entraram em contato. Essa pluralidade foi um campo fértil para o desenvolvimento do teatro, da literatura, da arquitetura, da escultura e da filosofia.
- **Os gregos eram estimulados a pensar por si mesmos**. A Grécia jamais formou um império centralizado. Em vez disso, organizou-se em cidades independentes, chamadas pólis, as cidades-Estado, cada uma com o próprio governo e as próprias leis.

Entre os povos da mesma época que formaram impérios, como os egípcios, os persas e os chineses, a situação era bem diferente. Em razão da influência religiosa, a produção de saberes era monopólio dos sacerdotes ou de pessoas ligadas a eles. As explicações eram determinadas pela visão religiosa e até mesmo o saber prático era controlado. A Matemática é um exemplo. Entre os egípcios, os sacerdotes desenvolveram um conhecimento matemático destinado a registrar e a controlar os estoques de alimentos do templo e a construir pirâmides. Esse conhecimento era privilégio dos sacerdotes. Todo esse controle tendia a impedir que as pessoas pensassem por si mesmas.

Na Grécia antiga, diferentemente, estimulava-se a discussão entre os cidadãos sobre os problemas e os rumos da cidade. Tanto é que foi na cidade-Estado de Atenas que se desenvolveu a forma democrática de governo. É verdade que a sociedade grega era escravagista e que só se consideravam cidadãos os homens maiores de idade, nascidos na cidade e proprietários de terras e de bens. Na Atenas dos séculos V a.C. e IV a.C., esse grupo correspondia, no máximo, a 10% da população total. Mas isso já era um número muito maior de pessoas dedicando-se à política do que nos impérios antigos.

- **Os gregos gostavam de discutir.** O gosto pelo debate e pela disputa vem da própria constituição do povo grego, um povo de guerreiros que, muitas vezes, teve que se unir para combater inimigos em comum. A disputa de ideias fazia parte desse espírito competitivo. Eram comuns, na Grécia antiga, os debates em praça pública.

Ruínas de uma ágora em Atenas, capital da Grécia, em 2024. Situada geralmente no coração das cidades gregas, tendo em volta o comércio e os prédios públicos, a ágora era um complexo arquitetônico aberto, destinado a encontros, debates e outros eventos públicos.

RPBaiao/Shutterstock



A Filosofia é o resultado, portanto, da confluência e da interação de diferentes povos e culturas. A pólis ateniense foi o terreno mais propício para seu desenvolvimento intelectual. Essa é a hipótese mais aceita e difundida sobre as origens gregas da Filosofia.

Mas atenção: quando dizemos que a Filosofia foi inventada na Grécia antiga, isso não significa que outros povos, seus contemporâneos ou mesmo mais antigos, não produzissem conhecimentos. Egípcios e outros povos africanos, chineses e persas, por exemplo, produziram importantes saberes, e muitos deles foram apropriados pelos gregos. Comunidades e povos nativos americanos, da mesma forma, elaboraram importantes saberes antes da dominação europeia. No entanto, a Filosofia, em sua forma própria de pensar, é uma invenção grega.

Os textos filosóficos

Os primeiros filósofos gregos, em sua maioria, praticavam ensinamentos orais. Os que produziam textos escritos geralmente utilizavam a forma poética, reproduzindo o modo de disseminação escrita das narrativas míticas.

Havia também filósofos, como Sócrates, que se recusavam a escrever suas ideias. Consideravam a escrita inimiga da memória: se escrevemos, já não precisamos lembrar, e isso enfraquece o pensamento.

Como relatado por Platão, Sócrates caminhava pelas ruas de Atenas, principalmente pela praça do mercado, onde havia maior circulação de gente, e conversava com as pessoas. Em geral, fazia perguntas que levavam o interlocutor a cair em contradição e, em seguida, a pensar sobre a inconsistência de sua opinião, inicialmente considerada certa e verdadeira. Por isso, dizemos que sua prática era **discursiva** (baseada na fala) e **dialógica** (fundamentada no diálogo, na conversa).

Sócrates dizia que, assim como sua mãe havia sido uma parteira, que dava à luz crianças, ele queria dar à luz ideias. Seu estilo filosófico ficou então conhecido como maiêutica, isto é, "o parto de ideias".

Platão, discípulo de Sócrates, resolveu homenagear o mestre escrevendo suas ideias, o que possibilitou que elas chegassem até os dias atuais. Mas, em vez de escrever em versos, como se fazia na época, elaborou diálogos, inaugurando um novo modo de organizar as ideias filosóficas. Por meio dos diálogos, segundo Platão, seria possível chegar a um refinamento das ideias. O método de perguntas e respostas, para ele, permitia avançar entre contraposições e contradições, obtendo ideias cada vez mais precisas, até que se chegasse ao conhecimento verdadeiro. Esse modo de aprimorar as ideias foi denominado **dialética**.

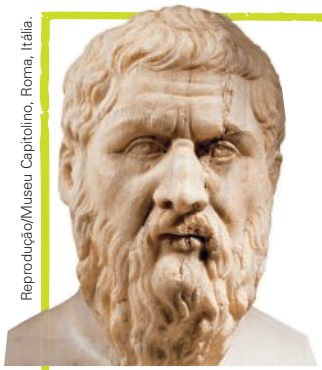
Favoritos



Reprodução/Editora Companhia das Letras

O mundo de Sofia. Jostein Gaarder. São Paulo: Seguinte, 2012.

Certo dia, a menina Sofia começa a receber cartas anônimas com perguntas sobre a existência e a realidade. Assim começa esse romance, uma maneira divertida de aprender um pouco mais sobre a Filosofia, sua história e os principais filósofos.



Reprodução/Museu Capitolino, Roma, Itália.

Platão, escultura em mármore de autor desconhecido, séculos IV a.C. e I a.C.

Platão (c. 427 a.C.-347 a.C.)

Filósofo nascido em Atenas e filho de família aristocrática, era um crítico do regime democrático. Após a morte de Sócrates, dedicou-se a escrever diálogos, difundindo as ideias de seu mestre a respeito da política, da virtude, do amor, do conhecimento, da origem do Universo, entre outros assuntos. Criou uma escola em Atenas, a Academia, onde ensinou Filosofia para seus discípulos, tendo sido Aristóteles o mais famoso deles. Dedicou-se a vários campos do pensamento, como a Matemática e a Geometria. Uma de suas contribuições mais importantes foi a elaboração da Teoria das Ideias.

A invenção da imprensa, no século XV, facilitou a documentação e a difusão da atividade filosófica, e os meios eletrônicos de comunicação de massa expandiram ainda mais essa possibilidade. Hoje, a Filosofia é discutida em diversas mídias. Apesar de seus 2 500 anos de história, a Filosofia persiste na busca de entendimento, motivada pela curiosidade e pelo desejo de compreender a vida e o mundo, sem ideias prévias, partindo sempre "do zero". Nas palavras do filósofo contemporâneo francês André Comte-Sponville (1952-), em sua obra *A felicidade, desesperadamente* (2000): "Filosofia é uma prática discursiva que tem a vida por objeto, a razão por meio e a felicidade por fim".

Retome

Não escreva no livro

1. Sobre as origens da Filosofia:

a) Relate as relações da noção egípcia *rekhet* com a noção grega filosofia.

b) Aponte o nome daquele que é considerado o primeiro filósofo e o que ele pensava.

2. Sobre a Filosofia como invenção grega:

a) Descreva as condições presentes na cultura grega que facilitaram a emergência do pensamento filosófico.

b) Identifique a razão de primeiro ter surgido o filósofo e depois a palavra "filosofia".

3. Sobre os textos filosóficos, aponte os diferentes estilos de texto usados pela Filosofia ao longo dos séculos.

3. Ao longo do tempo, os estilos foram variando: poesia, usada pelos primeiros filósofos; diálogo, usado por Platão; textos discursivos, na modernidade.

1. a) No pensamento egípcio, a palavra *rekhet* significava "a busca pela verdade", enquanto a palavra de origem grega "filosofia" significava "amor pela sabedoria", implicando também uma atitude de buscar a verdade.

1. b) Tales de Mileto é indicado como o primeiro filósofo grego conhecido. Defendia a ideia de que haveria um elemento da natureza que teria dado origem a todos os outros e afirmava que esse elemento era a água.

2. a) Leia a resposta no **Manual do Professor**.

2. b) A razão é que primeiro surgiu a prática de uma busca pela sabedoria, um gosto pelo conhecimento, e só depois as pessoas que exercitavam essa busca começaram a chamá-la de Filosofia.

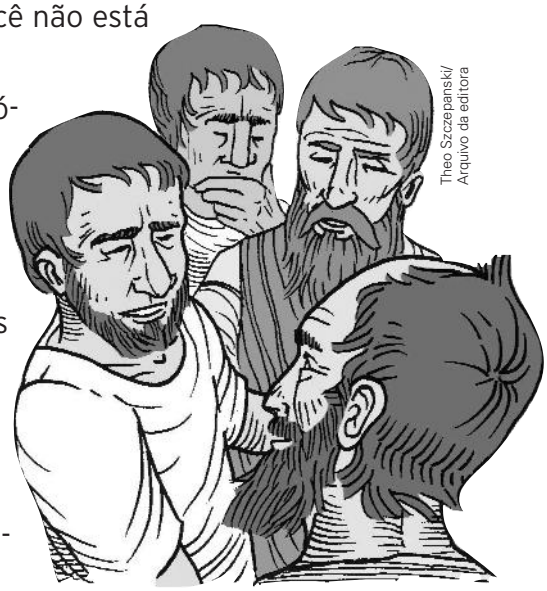
Filosofia e opinião

Qual é a sua opinião sobre a política? O que você pensa sobre a liberdade? Para você, o que é uma amizade verdadeira? Perguntas como essas costumam surgir em rodas de conversa entre amigos. Para respondê-las, você reflete, cita exemplos, faz comparações. Mas será que está utilizando o pensamento filosófico?

A opinião é um pensamento subjetivo, uma ideia vaga sobre a realidade, que não tem fundamentação e, na maioria das vezes, nem pode ser explicada. É comum, por exemplo, alguém dizer que é contra ou a favor de algo sem um motivo concreto, talvez por uma reflexão apressada, por superstição ou crença.

Hoje, nas redes sociais, o que mais vemos é um "desfile de opiniões", como se tudo fosse válido. Já na época de Sócrates, que, como vimos, propunha a Filosofia como um diálogo, um debate de ideias, a opinião era criticada, pois ela era um empecilho ao diálogo franco e aberto. Fica claro, então, que, ao emitir uma opinião, você não está pensando filosoficamente.

A Filosofia é uma prática de elaboração própria de ideias. Ela também parte da opinião, mas a recusa como verdade e vai além dela. Busca uma reflexão mais sólida e fundamentada, por meio da qual o ser humano possa se realizar em sua capacidade racional. As ideias elaboradas dessa forma podem ser defendidas com argumentos consistentes. A prática filosófica humaniza as pessoas, tornando-as mais livres para pensar de modo crítico e criativo, capazes de transformar positivamente a si mesmas e o mundo que as cerca.



Theo Szczepanski/ Arquivo da editora

Retome

Não escreva no livro

1. Sobre a opinião:

a) Expresse o que significa afirmar que a opinião é um pensamento subjetivo.

b) Identifique a razão de uma opinião não poder ser considerada como Filosofia.

2. Sobre a Filosofia:

a) Aponte a característica da Filosofia que a diferencia da opinião.

b) Examine a afirmação que a Filosofia humaniza as pessoas.

1. a) A opinião é subjetiva porque não se baseia necessariamente em fatos concretos, mas sim em percepções e sentimentos, na maioria das vezes, nem sequer pode ser explicada.

1. b) A opinião, em geral, não admite crítica aprofundada, tendo frequentemente como base percepções pessoais, enquanto a Filosofia é necessariamente aberta ao debate plural de ideias, permitindo que as pessoas mudem de posição se forem convencidas pelos argumentos do outro.

2. a) A Filosofia é uma prática de elaboração das próprias ideias, que não se limita a reproduzir o que foi visto ou ouvido, mas busca uma reflexão sólida e bem fundamentada.

2. b) A Filosofia humaniza as pessoas porque as instiga a pensar por si mesmas, de forma criativa e crítica, de modo que se transformem na prática do pensamento.

Galeria de atividades

1. Junte-se a um colega para ler e comparar as definições de Filosofia apresentadas por Aristóteles e por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Em seguida, no caderno, aponte as semelhanças e as diferenças entre elas.

1. Leia a resposta no **Manual do Professor**.

Por que é preciso filosofar?

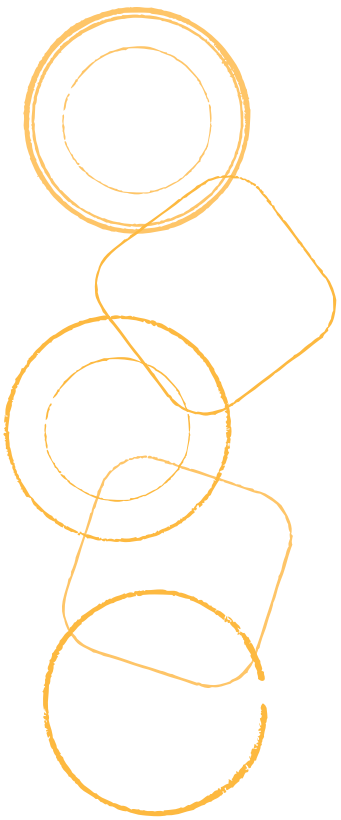
Há casos em que, aceitando todos os significados de uma palavra, é possível demolir a posição sustentada pelo adversário, fazendo a referência a cada significado. Por exemplo, suponhamos que alguém diga que não é preciso filosofar: pois "filosofar" tanto quer dizer "procurar se é preciso filosofar ou não" quanto "buscar a **contemplação filosófica**", mostrando que essas duas atividades são próprias do homem, destruiremos por completo a posição defendida pelo adversário.

Além do mais, há ciências que produzem todas as comodidades da vida e outras que usam as primeiras, assim como há algumas que servem e outras que prescrevem: nestas últimas, na medida em que são mais aptas a dirigir, está o que é soberanamente bom. Daí – se só a ciência que tem a retidão do julgamento, que usa a razão e que contempla o bem em sua totalidade (isto é, a filosofia) é capaz de usar todas as outras e de lhes dar **prescrições** conformes à natureza – ser preciso, de qualquer modo, filosofar, já que só a filosofia contém em si o julgamento correto e a sabedoria prescritiva infalível.

ARISTÓTELES. *Da geração e da corrupção, seguido de convite à filosofia*. São Paulo: Landy, 2001. p. 150-151.

contemplação filosófica: ato de alcançar as ideias por meio do exercício do pensamento racional.

prescrições: recomendações práticas, regras de conduta, normas que definem como algo deve ser.



Assim, pois, a questão...

A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos. [...] Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência. [...] Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam. Nietzsche determinou a tarefa da filosofia quando escreveu: "os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, criá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los. Até o presente momento, tudo somado, cada um tinha confiança em seus conceitos, como num dote miraculoso vindo de algum mundo igualmente miraculoso", mas é necessário substituir a confiança pela desconfiança, e é dos conceitos que o filósofo deve desconfiar mais, desde que ele mesmo não os criou [...]. Platão dizia que é necessário contemplar as Ideias, mas tinha sido

necessário, antes, que ele criasse o conceito de Ideia. Que valeria um filósofo do qual se pudesse dizer: ele não criou um conceito, ele não criou seus conceitos? [...]

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1992. p. 13.

2. Realize uma pesquisa sobre textos de Aristóteles e Deleuze que permitam a comparação de suas concepções filosóficas, destacando suas principais ideias e como o contexto histórico influenciou suas abordagens. Escreva um resumo individual sobre a influência dessas concepções na compreensão da filosofia.

2. A resposta pode variar conforme a pesquisa de cada estudante.

3. Com base nas instruções apresentadas pelo professor, elabore um texto dissertativo se posicionando em relação às concepções de Filosofia de Aristóteles e de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Você pode se colocar a favor ou contra cada uma delas ou mesmo oferecer sua concepção. O importante é apresentar argumentos coerentes que justifiquem sua escolha.

3. Na avaliação da dissertação, é fundamental acompanhar a capacidade dos estudantes de argumentar e construir o pensamento corretamente, fazendo uso das informações trabalhadas em sala de aula. Também devem ser avaliados sua capacidade de organização das ideias e seu modo de escrita.

Enem e vestibulares

1. (Enem)

A filosofia grega parece começar com uma ideia absurda, com a proposição: a água é a origem e a matriz de todas as coisas. Será mesmo necessário deter-nos nela e levá-la a sério? Sim, e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo lugar, porque o faz sem imagem e fabulação; e enfim, em terceiro lugar, porque nela, embora apenas em estado de crisálida, está contido o pensamento: Tudo é um.

NIETZSCHE, F. Crítica moderna. *In: Os pré-socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

Alternativa **c**.

O que, de acordo com Nietzsche, caracteriza o surgimento da filosofia entre os gregos?

a) O impulso para transformar, mediante justificativas, os elementos sensíveis em verdades racionais.

b) O desejo de explicar, usando metáforas, a origem dos seres e das coisas.

c) A necessidade de buscar, de forma racional, a causa primeira das coisas existentes.

d) A ambição de expor, de maneira metódica, as diferenças entre as coisas.

e) A tentativa de justificar, a partir de elementos empíricos, o que existe no real.

2. (UFU-MG)

[...] em lugar de querer apresentar a filosofia como inovação radical, como queria Burnet; e também, em lugar de apresentar a filosofia como pura continuação do herdado, como queria Conford quando afirma que a filosofia era continuação racional do que os mitos narravam, Vernant apresenta as condições históricas, culturais e políticas que marcaram o surgimento da filosofia.

CHAUI, Marilena. *Introdução à Filosofia*: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p. 36 (Adaptado).

De acordo com o excerto acima, a terceira corrente compreende o surgimento da Filosofia de um modo diferente de suas antecessoras, pois considera que a origem da Filosofia foi Alternativa **c**.

a) Promovida pela influência oriental e pelo fenômeno do milagre grego.

b) Impulsionada pela genialidade do povo grego sem influência externa.

c) Decorrente da história e não do súbito despertar do espírito helênico.

d) Provocada pela expansão do domínio grego sobre os povos bárbaros.

UNIDADE 1

Como pensamos?

Na Grécia antiga, em meio à intensa vida cultural, política e comercial da pólis, nasceu a Filosofia, uma forma de pensar conceitualmente o mundo e responder a problemas diversos de modo racional.

Uma vez que a religião, o mito e o senso comum não mais forneciam respostas satisfatórias para as curiosidades cosmológicas, físicas e antropológicas, os primeiros filósofos buscaram uma explicação pautada em critérios claros, demonstrativos e não dogmáticos.

A Filosofia tem uma relação íntima com outros saberes. Na Idade Média, por exemplo, Santo Agostinho (354-430) e Tomás de Aquino (1225-1274) aproximaram a teologia cristã da Filosofia; na Modernidade, Galileu Galilei (1564-1642), Bacon (1561-1626) e Newton (1643-1727) investigaram na Filosofia, na Física e na Ciência nascente o método que seria mais adequado para a produção do conhecimento verdadeiro.

As artes constituem outro ponto de convergência para os interesses filosóficos. Com os pensadores da teoria crítica, como Benjamin (1892-1940) e Adorno (1903-1969), veremos como a arte, sob o ponto de vista filosófico e histórico, teve sua produção e fruição modificadas pelo desenvolvimento de meios técnicos e tecnológicos em um contexto capitalista.

1. Essa obra provoca estranheza em você? Qual sensação ela passa?

2. Defina o que está "errado" na obra.

3. Como a obra analisada se relaciona com o estudo da Filosofia?

1. Espera-se que os estudantes percebam que há um jogo com a perspectiva da obra. **2.** Espera-se que os estudantes compreendam que a obra não está "errada", apesar de dar essa impressão em um primeiro momento. Estimule-os a entender que a expressão se propunha a algo não tradicional, a uma maneira diferente de ver e representar. **3.** Desenvolva com os estudantes a analogia da obra com a Filosofia, que a estranheza provocada por uma é semelhante àquela provocada pela outra. A Filosofia encara problemas e não se conforma com respostas prontas, sempre enfrentando as questões que nos inquietam.



© Magritte, René / AUTVIS, Brasil, 2024. Album/Fotoarena/Galeria Nacional de Arte, Washington, D.C., EUA.

Carta Branca, óleo sobre tela de René Magritte, 1965, 81,3 × 65,1 cm.

CAPÍTULO 1

Filosofia e outras formas de pensar



Reprodução/Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, RJ.

Iracema, óleo sobre tela de José Maria de Medeiros, 1894, 168 × 255 cm. Os mitos são ferramentas usadas para compreender fatos históricos, naturais ou teológicos. No romance de José de Alencar (1829-1877), *Iracema*, apresentam-se as origens da figura do primeiro brasileiro, representado por Moacir, filho da indígena Iracema com o colonizador português Martim. Essa lenda fincou raízes na cultura do Ceará.

Para sobreviver em um mundo repleto de perigos e ameaças, os seres humanos precisaram desenvolver ferramentas, tanto os utensílios que os auxiliavam em suas tarefas quanto o próprio intelecto. A Filosofia formou-se a partir do século VI a.C., na Grécia, como fruto desse desenvolvimento humano.

No entanto, mesmo antes da Filosofia, o ser humano já se preocupava em fornecer respostas para os fatos do mundo e da existência. Os mitos, por exemplo, cumpriram esse papel.

Há ainda outras formas de pensar o mundo em que vivemos além do mito e da Filosofia. O que há de específico em cada uma delas? Uma forma de pensar exclui as demais, ou elas podem coexistir? Como a Filosofia se relaciona com elas?

Senso comum

É provável que você já tenha se deparado com algum ditado popular, como o que diz: "As aparências enganam". Os ditados populares são uma sabedoria oral transmitida de uma pessoa para outra, de geração em geração. De algum modo, os ditados evidenciam um tipo de conhecimento que todos nós experimentamos e que se convencionou chamar de **senso comum**, na medida em que é partilhado por muitas pessoas. Caracteriza-se por ser um tipo de conhecimento absorvido sem muitas reflexões, sem aprofundamento.

Muitas vezes, as pessoas julgam ter conhecimento suficiente sobre determinados assuntos sem se darem conta de que esse conhecimento chegou até elas já pronto, que pode estar calcado no senso comum.

Todos nós pensamos e construímos uma visão de mundo. Das coisas que observamos e vivemos cotidianamente, tiramos conclusões e elaboramos explicações. Mas esse tipo de conhecimento em geral não é sistemático, não se baseia em métodos.



Fernando Gonsales/Acervo do cartunista

Níquel Náusea, tirinha de Fernando Gonsales, 1987.

O senso comum como ponto de partida

Para se desenvolver, a Filosofia necessariamente parte do conhecimento que as pessoas já têm. O pensamento filosófico consiste em gerar um saber sistemático e estruturado por meio da criação de conceitos. Mas essa criação conceitual pelo exercício do pensamento só pode ser feita de acordo com aquilo que conhecemos de antemão, ainda que algumas vezes, no processo de pensar filosoficamente, esse conhecimento inicial acabe por ser abandonado.

Em síntese, não há Filosofia sem um ponto de partida no senso comum; mas, ao mesmo tempo, se o pensamento permanecer no senso comum, não haverá Filosofia. Esse movimento é capaz de transformar o mundo.

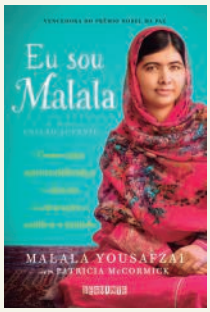
A Filosofia opõe-se ao senso comum na medida em que procura ser um saber sistematizado e crítico por meio da criação de conceitos. Mas a Filosofia não prescinde do senso comum, uma vez que a construção conceitual só pode ser feita de acordo com aquilo que as pessoas já conhecem. É partindo dele que a Filosofia é construída, ainda que, conforme se constrói um pensamento conceitual, o senso comum vá sendo pouco a pouco deixado para trás.

Retome

Não escreva no livro

- Explique em que medida o senso comum faz parte do pensamento filosófico.

Favoritos



Reprodução/Editora Seguinte

Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã, de Malala Yousafzai. Seguinte, 2015.

O livro conta a história de Malala, sua infância no Paquistão e a luta da família para sobreviver em uma região repleta de desigualdade social e dominada pelo Talibã. Malala tornou-se mundialmente conhecida ao sofrer um atentado em 2012, uma represália do Talibã pelo fato de ela defender o direito à educação para as mulheres.

Senso comum: prós e contras

Antonio Gramsci (1891-1937) foi um dos pensadores que mais se ocuparam das relações da Filosofia com o senso comum. Em *Cadernos do cárcere*, em alguns momentos, ele falou positivamente do senso comum, como algo que evidencia que todos os seres humanos pensam e produzem conhecimentos, organizados ou não.

Em outros momentos, porém, Gramsci afirmou que o senso comum é um bom ponto de partida, mas que não podemos nos contentar com ele. Esse tipo de conhecimento pode nos ser útil em determinados momentos da vida, mas em certas situações seria necessário um conhecimento mais sistematizado.

Muitas vezes o senso comum é prejudicial e alimenta preconceitos e injustiças. A estrutura de sociedades patriarcais e a depreciação das mulheres, quando relegadas a uma posição de inferioridade em relação aos homens, são exemplos disso.

A manutenção desse preconceito em relação às mulheres é reforçada pela crença comum de que elas são mais frágeis, não têm as mesmas habilidades nem a mesma inteligência que os homens, bem como nasceram para servir a eles e, por esse motivo, não podem ter os mesmos direitos, devendo permanecer subalternas.

A história do movimento feminista nos mostra quanto foi – e ainda é – difícil lutar contra o senso comum que defende a inferioridade das mulheres. Nesse sentido, a Filosofia, como discussão ética e política, tem contribuído muito para a derrubada de tais crenças.

A tirinha de Armandinho explora o sendo comum que nutre a cultura do machismo em nossa sociedade. O senso comum em torno do machismo é produtor de violência contra as mulheres, ocasionando a morte de muitas delas todos os dias. Por isso, é necessário combatê-lo.



Armandinho, de Alexandre Beck/Acervo do cartunista

Armandinho, tirinha de Alexandre Beck, 2016.

No detalhe

Não escreva no livro

- Qual senso comum é explorado na tirinha de Armandinho e como ele pode ser prejudicial para a vida em sociedade?

Mitologia

Desde a Antiguidade grega, a Filosofia apresenta relações às vezes conflituosas, às vezes complementares, com a mitologia. Na língua grega antiga, a palavra "mito" (*mythos*) significava "uma história narrada". Os mitos, portanto, estavam totalmente identificados com uma cultura oral, anterior à invenção da escrita. No desenvolvimento da mitologia grega, um conjunto de histórias narradas oralmente passou de geração em geração.

Depois de séculos de circulação oral é que esses mitos começaram a ser compilados e escritos, por autores como Homero (as referências são incertas, mas ele provavelmente viveu entre cerca de 928 a.C. e 898 a.C.) e Hesíodo (também de cronologia incerta, mas acredita-se que ele viveu no século VIII a.C.). E foi graças aos escritos desses poetas épicos que os mitos gregos chegaram até nós.

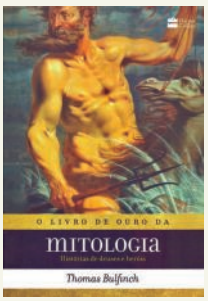
A mitologia é comum a todos os povos e culturas. Por exemplo, no Brasil há um conjunto vasto de narrativas orais dos muitos grupos étnicos que vivem nestas terras desde muito antes da chegada dos europeus. Os diferentes grupos étnicos africanos que foram trazidos para a América na condição de escravizados também contribuíram com suas mitologias. Isso gerou uma complexa trama de narrativas mitológicas (muitas vezes chamadas de lendas), que chegam a nós desde tempos imemoriais, seja por narrativas orais, seja por fontes escritas.



Fabio Colombini/Acervo do fotógrafo

Ancião xavante passando ensinamentos aos homens mais novos da aldeia São José, Terra Indígena Parabubure, em Campinápolis (MT). Fotografia de 2021. As comunidades de tradição oral transmitem sua cultura e narrativas mitológicas por meio da contação de histórias.

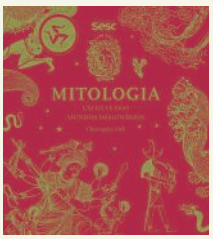
Favoritos



Reprodução/Editora Harpercollins

O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis, de Thomas Bulfinch. HarperCollins, 2017.

Coletânea que não se restringe aos mitos greco-romanos, englobando também as mitologias oriental e nórdica, os druidas e outras tradições. Uma boa introdução ao tema.



Reprodução/Editora Edições Sesc

Mitologia: um guia dos mundos imaginários, de Christopher Dell. Edições Sesc, 2014.

Considera as tradições mitológicas de diferentes culturas de todo o mundo. Assim, aborda temáticas recorrentes em várias tradições.

Mitologia grega

No século VIII a.C., as principais narrativas mitológicas foram reunidas em poemas épicos por Homero e Hesíodo. As duas principais obras de Homero são a *Ilíada*, que relata a história da guerra dos gregos contra Troia, e a *Odisseia*, narrativa sobre o retorno de um dos generais gregos, Odisseu (Ulisses), de Troia para a ilha de Ítaca.

Hesíodo, um pequeno agricultor, teria vivido por volta de cinquenta anos depois de Homero e escreveu ao menos dois poemas épicos que chegaram até os nossos dias: a *Teogonia*, narrativa sobre a origem dos deuses e do Universo, e *Os trabalhos e os dias*, que relata a criação dos seres humanos, bem como seus afazeres cotidianos, como a agricultura e o comércio marítimo.

Um dos temas mais trabalhados na mitologia grega é o destino. Afinal, somos senhores de nossa vida ou somos controlados por forças que estão além do nosso entendimento? Há um destino traçado previamente para cada um ou somos nós que conduzimos nossa vida? Essas são questões cruciais para o desenvolvimento das tragédias gregas, como a famosa *Édipo rei*, escrita por Sófocles, inspirada em narrativas mitológicas.

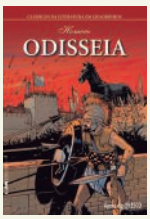
Favoritos



Reprodução/Warner Bros

Os agentes do destino, EUA, 2011. Direção: George Nolfi (106 min). Inspirado em um conto do escritor de ficção científica estadunidense Philip K. Dick (1928-1982), o filme discute os temas destino e escolhas.

Favoritos



Reprodução/L&PM Editores

Odisseia. Homero. Porto Alegre: L&PM/Ediciones del Prado, 2016 (Grandes Clássicos da Literatura em Quadrinhos).

Acompanhe as aventuras do general Ulisses no retorno para casa, na ilha de Ítaca, após a vitória dos gregos na guerra contra Troia. Um dos maiores clássicos da mitologia grega recontado com o dinamismo das histórias em quadrinhos.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Mito

Segundo a definição de Georges E. Zacharakis:

> [a] palavra mito procede do grego *mythos*, que é uma palavra ligada ao verbo *mythevo*, que significa "crio uma história imaginária". Mito, então, é uma criação imaginária, que se refere a uma crença, a uma tradição ou a um acontecimento. Mito também é uma história imaginária ou alegórica, falada ou escrita em obra literária que encerra um fundo moral.
>
> ZACHARAKIS, Georges. *Mitologia grega*: genealogia das suas dinastias. Campinas: Papirus, 1995.

- Explique por que o mito é uma narrativa imaginária.

Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que o mito é uma narrativa imaginária porque está ligado a uma crença ou a algo que não aconteceu de verdade, mas que é transformado em história a ser narrada para os outros, de modo a fazer com que essa crença ou acontecimento imaginário permaneça na memória das pessoas.

Um mito amazônico

Você conhece alguma narrativa mitológica brasileira? Para tomar apenas um exemplo, vamos conhecer um mito amazônico: a narrativa sobre a origem do pirarucu. Esse é o nome de um peixe muito importante na alimentação das comunidades ribeirinhas, mas também nos costumes culinários na região Norte do Brasil de forma geral. Como teria surgido o enorme peixe, senhor das águas dos rios amazônicos?



Vinicius Galhardo/Acervo do ilustrador

Representação da lenda do peixe pirarucu.

Na narrativa do povo indígena Waiwai, Pirarucu era um forte guerreiro, mas de coração perverso. Tupã, então, resolveu puni-lo por sua maldade e convocou Pólo, o lançador de raios, e Iururaruaçu, responsável pelas torrentes e tempestades. Ambos lançaram uma tempestade assustadora sobre Pirarucu, que foi atingido por um relâmpago no coração. Ainda vivo, seu corpo foi arrastado para as profundezas do rio Tocantins, sendo transformado em um peixe enorme.

Pirarucu e seus descendentes passaram a habitar as águas amazônicas com sua força e espírito guerreiro, fornecendo aos seres humanos que possuem a coragem de pescá-los sua carne escura, saborosa e muito nutritiva. Por meio dessa narrativa, podemos compreender a importância desse peixe na alimentação desse povo e a sua preocupação em entender como a natureza concedia tal dádiva a ele.

No detalhe

Não escreva no livro

Responda às questões sobre a lenda de criação do pirarucu.

1. Por que as lendas brasileiras como essa, em torno do peixe pirarucu, podem ser enquadradas como mitologia?
2. De que maneira os elementos da natureza interagem com os seres humanos no mito de origem do pirarucu?

1. Podem ser vistas como mitologia por se tratar de narrativas transmitidas oralmente, de geração em geração, com a intenção de explicar algo importante para aquela comunidade. Também são narrativas imaginárias, que não dependem de evidências empíricas para sua construção.

2. No mito de origem do pirarucu, os elementos da natureza são evocados pelo deus Tupã com o objetivo de punir Pirarucu. Portanto, há uma interação simbiótica e viva entre os elementos da natureza e a vida das pessoas.

Favoritos



Reprodução/Netflix

Cidade invisível, 2021/2023. Direção: Carlos Saldanha. (12 episódios).

A história de ficção mescla diferentes mitos e lendas brasileiros, de diversas culturas e origens, em uma narrativa contemporânea. A série é uma forma de compreendermos como essas narrativas permanecem vivas e ativas.

Mito e Filosofia

A ruptura da Filosofia com o mito deu-se pela introdução de um novo estilo de pensamento. Se o pensamento mitológico é coletivo, o filosófico é individual: cada filósofo procura pensar por si mesmo, muitas vezes colocando-se contra a tradição, procurando novos caminhos para o pensamento. Fruto de uma experiência individual, a Filosofia é transmitida pelo texto escrito, que também pede a leitura como experiência individual. A partir da leitura de um texto filosófico, podemos pensar com ele e mesmo contra ele. Assim, partindo de nossa própria experiência, é possível criar um pensamento novo.

A Filosofia, contudo, não substituiu a mitologia: elas passaram a conviver. Platão, em diálogos como *Timeu*, *Crítias* e *O banquete*, fez uso de narrativas míticas para, de acordo com elas, elaborar suas explicações racionais. Já em *A República*, a mitologia foi combatida como pura **mistificação**. Hoje em dia ocorre algo semelhante. Filosofia e mito convivem, às vezes, conflituosamente.

Procurando nossa "outra metade"

Um dos mitos que Platão cita é o do **andrógino** e está no diálogo *O banquete*. Ele relata que, no início da existência, os seres humanos eram "duplos": tinham duas cabeças, quatro pernas e quatro braços. Mas, como eles desafiaram os deuses, Zeus ordenou que fossem divididos ao meio, criando assim os homens e as mulheres. É por isso, diz o mito, que homens e mulheres se sentem incompletos e passam a vida em busca de sua "outra metade". Em seu texto, Platão utiliza o mito do andrógino para refletir sobre a união de duas pessoas como uma busca de aperfeiçoamento.

Retome

Não escreva no livro

1. Qual é a relação entre a Filosofia e o mito?
2. Em que medida o mito continua sendo atual?

1. A princípio, a Filosofia opôs-se ao mito, procurando oferecer uma explicação racional em lugar das narrativas míticas. Isso não significou o fim ou a morte do mito, e mesmo a Filosofia, em vários momentos, utilizou-se dele para produzir seus argumentos racionais, como foi o caso de Platão.

Favoritos



Reprodução/20th Century Fox Television

Percy Jackson e os olimpianos, 2023. Direção: Rick Riordan e Jonathan E. Steinberg. (8 episódios).

Adaptação da série de livros de Rick Riordan, realizada pelo próprio autor, mostra adolescentes contemporâneos como semideuses, filhos de deuses do Olimpo, e suas aventuras de autodescobrimento.

mistificação: algo feito para enganar, iludir, induzir à mentira.

andrógino: ser que apresenta características dos gêneros masculino e feminino simultaneamente.

Assim falou Platão

[...] nossa espécie só poderá ser feliz quando realizarmos plenamente a finalidade do amor e cada um de nós encontrar o seu verdadeiro amado, retornando, assim, à sua primitiva natureza. Se isso for o que há de melhor, nas presentes circunstâncias o melhor, necessariamente, para cada um será o que mais aproxima-se desse desiderato, a saber: encontrar o amigo cuja natureza corresponda a suas aspirações.

PLATÃO. *O banquete*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Edufpa, 2001. p. 193c3-8.

2. O mito é atual porque continua presente em nossa cultura e em nossa sociedade. Temos, por exemplo, a literatura de Tolkien, que cria toda uma nova mitologia, assim como a permanência de mitos e lendas na cultura brasileira.

Religião

Como você viu anteriormente, a mitologia tem certa proximidade com a religião, mas não é exatamente uma religião. Assim como o mito, a religião é uma forma de pensamento, um modo de explicar a natureza, os fatos cotidianos e o sentido da vida. As religiões são encontradas em todas as culturas humanas, desde tempos imemoriais. Qual seria, então, a diferença entre mito e religião?

Basicamente, pode-se dizer que a religião é um conjunto de crenças, em geral amparadas em um texto, compreendidas como uma revelação de Deus (ou de um grupo de deuses) aos seres humanos. Por serem verdades reveladas por Deus (ou deuses), elas não podem ser contestadas. Dizemos, por isso, que as religiões são dogmáticas. **Dogmas** são fundamentos indiscutíveis, verdades absolutas que não podem ser questionadas.

Outra característica importante da religião é a existência de ritos que orientam a relação dos seres humanos com a(s) divindade(s). Os **ritos** são normas e comportamentos organizados pelos sacerdotes, líderes religiosos considerados intermediários na relação entre cada pessoa e a(s) divindade(s). De modo geral, as religiões se tornam instituições, ou seja, organizações que controlam o funcionamento do grupo religioso. Contam com uma rede organizada de pessoas que ocupam diversos postos, dos mais simples aos mais elevados, formando uma hierarquia.

Em resumo, o conhecimento de tipo religioso caracteriza-se:

- por um conjunto de ideias expressas em um texto ou um livro sagrado, compondo o dogma da religião, embora existam também religiões que se baseiam em uma tradição oral, as quais não têm um livro sagrado, como a umbanda;
- pela organização institucional de pessoas que administram esse conhecimento e são responsáveis pela mediação entre ele e os fiéis;
- pela definição de rituais que delimitam a forma de viver esse conhecimento e se relacionar com ele.



iStock Editorial/Getty Images

Dervixes rodopiantes da ordem Mevlevi, na mesquita de Artekke , em Caramânia, Turquia. Fotografia de 2024. Em seus rituais, o giro é uma forma de meditação e de conexão com Allah.

Conflitos religiosos

Muitas vezes na História, conflitos religiosos provocaram guerras sangrentas entre os povos. Em outras situações, porém, as igrejas exerceram papel de mediadoras em conflitos. Mesmo que se baseiem em dogmas, as religiões não são necessariamente contrárias, por exemplo, à ideia de tolerância, o que permite a convivência pacífica entre concepções religiosas diferentes.

Ocorre, no entanto, que alguns líderes religiosos, influenciados por interesses políticos e econômicos, acabam por manipular a fé de seus seguidores para perseguir objetivos alheios à religião. Foi o que aconteceu, por exemplo, durante as Cruzadas, entre os séculos XI e XIII (conflitos entre cristãos e muçulmanos pelo controle da Terra Santa, região situada entre o rio Jordão e o mar Mediterrâneo, atualmente compartilhada pelo Estado de Israel e pelo Estado da Palestina), ou nos conflitos entre católicos e protestantes na Europa, no século XVI.

Exemplos mais atuais são o conflito entre muçulmanos e judeus no Oriente Médio ou mesmo as reações de populações islâmicas contra atitudes ocidentais consideradas desrespeitosas a sua religião. No caso brasileiro, podem ser mencionados os casos de intolerância religiosa contra as religiões de matriz africana.



Reprodução/Museu do Louvre, Paris, França.

Guilherme de Clermont defendendo Ptolemais (Acre) em 1291, óleo sobre tela de Dominique Louis Papety, 1845, 173 × 135,5 cm.



Abed Rahim Khatib/Anadolu/Getty Images

Destroços de casas bombardeadas por israelenses em Gaza, cidade palestina na Faixa de Gaza. Fotografia de 2024.

No detalhe

Não escreva no livro

A pintura de Dominique Louis Papety, feita em 1845, representa cruzados franceses defendendo uma fortaleza na cidade de Acre (no atual território de Israel), em 1291. Já a fotografia mostra a cidade em meio a escombros após ataques de Israel à Faixa de Gaza, em 2024.

- Como as duas imagens evidenciam uma postura de intolerância religiosa que gera conflitos?

As duas imagens trazem exemplos de conflitos religiosos. A tela do século XIX representa uma batalha entre cristãos e muçulmanos no século XIII. A foto da Faixa de Gaza evidencia o conflito por terras entre judeus e palestinos (muçulmanos) no século XXI. Tais conflitos acontecem em um complexo contexto histórico, que une questões políticas e religiosas.

Fé e razão

O pensamento religioso está centrado na fé, uma confiança absoluta nas palavras que foram reveladas pela divindade. A fé não é racional, embora a razão possa ser utilizada como um instrumento para compreender seus mistérios.

Durante a Idade Média, foram muitos os filósofos cristãos que se debruçaram sobre esses questionamentos. Teólogos medievais, como Tertuliano, usavam um lema em latim: *credo quia absurdum* ("creio porque é absurdo"), justamente para demarcar a diferença entre a fé e a razão.

Os primeiros filósofos foram aqueles que, na Antiguidade, não aceitaram os dogmas religiosos e as explicações míticas. Os filósofos procuraram construir explicações racionais que não estivessem prontas nem fossem definitivas, mas que fizessem sentido e pudessem **convencer pela lógica**, e não pela imposição dogmática.

As relações da Filosofia com as diferentes religiões, por vezes, são conflituosas. Certos filósofos fazem duras críticas àquilo que chamam de "mistificações" da religião; alguns religiosos criticam o "ateísmo" de certos filósofos.

Aqueles que eram filósofos e teólogos ao mesmo tempo vivenciaram o conflito entre Filosofia e religião: Santo Agostinho e São Tomás, dois pensadores medievais, são exemplos disso. Mas pode-se dizer que toda religião se constrói também como uma Filosofia, ou seja, como uma forma de ver o mundo.

Trabalhando com Lógica

A lógica pode ser uma boa ferramenta para combatermos crenças estabelecidas no senso comum. Todos nós praticamos a lógica, ainda que não nos dediquemos a seu estudo. Por exemplo, quando quer convencer um amigo de que seu time de futebol é melhor do que o dele, ou quando quer convencer seus pais ou responsáveis a permitirem que você faça alguma coisa, como faz isso?

Em geral, usamos argumentos. Assim, você diz que o craque de determinado time faz mais gols do que a média dos atacantes, que seus passes são precisos, que seu futebol é bonito e eficiente. Ou, conversando com os pais ou responsáveis, você demonstra como é legal aquilo que pretende fazer, que fará na companhia de seus amigos, que eles conhecem bem, e nos quais eles confiam, que não há perigo naquilo que será feito, etc.

Favoritos

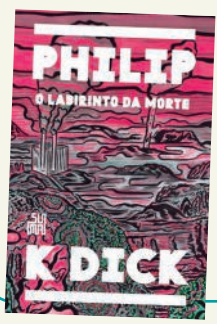
Duna, 2021. Direção: Denis Villeneuve (155 min).

Duna 2, 2024. Direção: Denis Villeneuve (166 min).

Os dois filmes se baseiam na série de romances de ficção científica de Frank Herbert (1920-1986) e mostram a tentativa de colonizar um planeta desértico, onde se produz uma droga que é vendida para vários outros planetas. Entre outros temas, explora como se constitui uma religião e os conflitos sociais e políticos que ela pode gerar.

O labirinto da morte, de Philip K. Dick. Suma, 2023.

Ficção científica que se passa em uma época em que a existência de Deus foi provada cientificamente e os seres humanos conseguiram comunicar-se diretamente com Ele.



Reprodução/Editora Suma

A Filosofia medieval

Foi durante a Idade Média (entre os séculos V e XV) que se desenvolveu o vínculo mais sólido entre Filosofia e religião. Se podemos compreender toda religião como uma "filosofia" (tomando a palavra em sentido amplo), foi no cristianismo que isso ficou mais evidente. O cristianismo é a única religião que estabeleceu também uma Filosofia. Como a religião cristã se constituiu em uma época em que a Filosofia grega era de grande importância cultural, social e política, foi por ela largamente influenciada.

A Filosofia medieval costuma ser agrupada em dois grandes movimentos de pensamento: primeiro, a **patrística** (que tem esse nome porque se refere aos pais da Igreja, aqueles responsáveis pela sua criação), no período em que se consolidaram os princípios da fé cristã. Foram marcantes nessa fase a leitura e a interpretação do pensamento de Platão, como as feitas por Agostinho de Hipona.



Rabatti - Domingie/akg-images/Album//Fotoarena

Retrato de Agostinho, obra de Domenico Beccafumi, 1513, 66 × 49 cm.

Agostinho de Hipona (344-430)

Filho de pai pagão (não cristão), converteu-se ao cristianismo em 386. Foi ordenado padre na cidade de Hipona, no norte da África. A obra filosófica de Agostinho foi muito influenciada por Plotino (205-270), responsável por uma releitura tardia de Platão, e pelo neoplatonismo (corrente de pensamento desenvolvida a partir do século III). Em sua obra, destacam-se *Confissões* (397-398) e *Cidade de Deus* (terminado em 426).

O segundo movimento que marcou a Filosofia medieval foi a **escolástica**, entre os séculos XII e XV. Ela recebeu esse nome pois buscava articular os princípios da fé com o exercício do raciocínio filosófico crítico. Nascida nos mosteiros cristãos, a escolástica foi aprimorada nas universidades medievais. Teve como seu principal expoente São Tomás de Aquino, que desenvolveu um intenso diálogo com a Filosofia de Aristóteles.

Tomás de Aquino (1225-1274)

Elaborou estudos de Teologia e de Filosofia na Itália, em Paris (França) e em Colônia (Alemanha). Sua obra filosófica centrou-se no estudo de Aristóteles, buscando articular a fé dos textos sagrados à razão dos textos filosóficos. Fundou uma corrente de pensamento cristão, o tomismo, que exerceu grande influência no pensamento ocidental. Sua principal obra é a *Suma teológica* (1265-1273).



Oronoz/Album/Fotoarena

Apoteose de São Tomás de Aquino (detalhe), óleo sobre tela de Francisco de Zurbarán, 1631, 480 × 379 cm.

Diferentes pensadores da Idade Média

Entre os séculos VIII e XV, os árabes se estabeleceram na península Ibérica, influenciando o pensamento filosófico ocidental.

Dois pensadores desse período são emblemáticos: **Avicena** (Abu Ali al-Hl-bu ibn Abd Allah ibn Sina, que nasceu por volta de 980 e faleceu em 1037), que foi responsável pela consolidação dos saberes médicos que predominaram na época, além de dedicar-se à Filosofia, à Teologia, à Matemática e à Física; e **Averróis** (Abu al-Walid Muhammad ibn Ahmad ibn Muhammad ibn Rushd, que viveu entre 1126 e 1198), que escreveu comentários sobre a obra de Aristóteles, além de textos teológicos e astronômicos.



akg-images/Album/Fotoarena

Capa do livro *Cânone da Medicina*, de Avicena, 1595.

No período medieval também houve mulheres que se dedicaram a cultivar o pensamento e criaram obras importantes, mesmo que não tenham sido reconhecidas em sua época.

Christine de Pisan (1363-c. 1430), de origem italiana, viveu na França desde a infância, dedicando-se à Filosofia e à Literatura. Depois de se tornar viúva, recorreu à escrita e à produção de livros para ganhar a vida, sendo considerada a primeira (senão única) mulher no período medieval a viver de literatura. Criticou a **misoginia** da sociedade medieval e defendeu o direito das mulheres à educação e ao trabalho intelectual. Seu livro mais conhecido é *A cidade das damas* (1405), no qual três senhoras (Razão, Retidão e Justiça) ajudam a construir uma cidade murada para proteger as mulheres das injustiças dos homens.

misoginia: discriminação, preconceito, propagação de ódio ou aversão por mulheres.



IanDagnall Computing/Alamy/Fotoarena

Representação de Christine de Pisan realizando a leitura de um livro diante de alguns homens. Iluminura, c. 1410.

Retome

Não escreva no livro

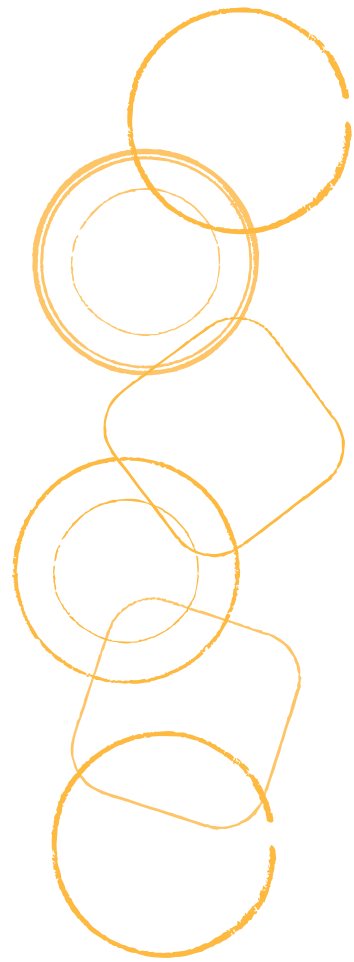
1. Explique, com suas palavras, as diferenças entre mitologia e religião de acordo com o que você estudou no capítulo.
2. Cite os três elementos que caracterizam o pensamento religioso.

1. O mito é uma narrativa, uma ficção que procura explicar os fatos da natureza por meio da ação de forças sobrenaturais. A religião é também uma explicação da natureza por meio de forças sobrenaturais específicas (os deuses e as divindades). Contudo, apresenta também a força do dogma, daquilo que não pode ser posto em questão. O mito, como narrativa explicativa, não apresenta qualquer institucionalização ou prática de ritos; não se desdobra em uma igreja ou templo sagrado e, assim, não apresenta qualquer hierarquia nem cria uma comunidade de fiéis. Já no caso da religião, a hierarquia e a instituição estão presentes: há pessoas designadas para mediar a relação com o sagrado, templos para homenagear as divindades, ritos para reforçar as ligações, etc.

2. As religiões se caracterizam por: um conjunto de ideias presentes em um livro sagrado, que são assumidas pelos fiéis como dogmas; a organização de uma instituição (Igreja) que faz a mediação entre os fiéis e o conhecimento religioso; uma série de rituais que instituem a forma de viver essa religião.

Pensamento africano

Falar de um **pensamento africano**, no singular, é impossível, já que o continente apresenta diversas culturas. Ainda assim, podemos ver elementos semelhantes nos saberes africanos tradicionais. Esses conhecimentos foram levados para outros continentes e continuam a exercer grande influência em comunidades africanas e de afrodescendentes em diversos continentes.



O pensamento ancestral

As primeiras civilizações africanas construíram uma visão de mundo muito ligada à natureza e à comunidade. Em sua concepção, há uma **energia vital** que conecta todos os seres do Universo, visíveis ou não, humanos ou não.

Essas culturas apresentam um pensamento amplo e complexo, no qual o ser humano é parte integrante da natureza. O conhecimento só pode ser obtido quando se sai de casa, expondo-se ao mundo. Um provérbio africano afirma que "Não saber é ruim; não querer saber é pior".

Os povos que habitaram a região por eles denominada *kemet* ("terra negra", em alusão às terras fertilizadas pelo rio Nilo) produziram um conhecimento que influenciou decisivamente o pensamento grego. Eles produziram o *maat*, um conjunto de princípios orientadores da ação na vida cotidiana, tanto para os governantes como para as pessoas do povo.

Produziram também um conhecimento que denominaram *rekhet*, compreendido como o caminho de busca da verdade, que pode ser aproximado daquilo que os gregos chamaram de Filosofia. Segundo esse pensamento, é preciso ser coerente entre o que se fala e o que se faz para se viver uma vida verdadeira.

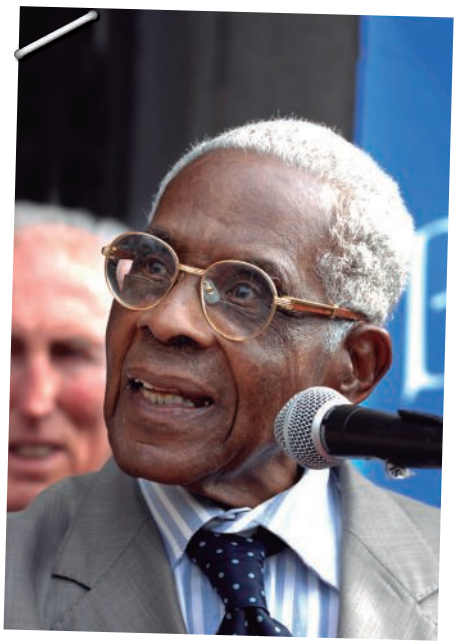
Por meio desse tipo de exercício, o ser humano procura produzir aquilo que há de melhor para si e para a comunidade. Um traço fundamental desse pensamento é que ele é feito com o coração, portador da gota de sangue ancestral, que possibilita a continuidade, passando adiante a vida e a sabedoria nela produzidas.

O pensamento afrodiaspórico e contemporâneo

Como se sabe, milhões de africanos foram escravizados e enviados para terras distantes, como o Brasil, formando comunidades de afrodescendentes em várias partes do mundo, notadamente nas Américas. Esse processo acabou produzindo um pensamento ancorado nas raízes africanas, por isso chamado "afrodiaspórico".

Uma das principais contribuições desse pensamento foi a crítica ao colonialismo não apenas de terras, mas também do pensamento. Entre seus expoentes, podemos citar dois pensadores da Martinica, **Aimé Césaire** (1913-2008), autor de *Discurso contra o colonialismo*, e **Frantz Fanon** (1925-1961), com obras importantes para se pensar a questão da negritude, como *Pele negra, máscara branca* e *Os condenados da terra*.

Atualmente, há diversos filósofos pensando o mundo partindo da realidade africana. Um deles é **Achille Mbembe** (nascido em 1957, na República dos Camarões), autor de *Crítica da razão negra*, em que argumenta que os filósofos europeus brancos, em sua defesa da razão e do Iluminismo, fizeram dos africanos os portadores de uma "não razão", notadamente atribuindo-lhes um sentimentalismo exacerbado.


ERIC FEFERBERG/AFP

Aimé Césaire. Fotografia de 2007.

Oyèrónkè Oyewùmí (nascida na Nigéria, em 1957), no livro *A invenção das mulheres*, propõe uma nova visão das questões de gênero tal como pensadas na tradição ocidental, ao recuperar conceitos africanos. Mostra que o iorubá é uma língua sem gênero e que o pensamento iorubá antes da colonização não levava em conta a categoria da corporeidade. O resgate da cultura africana possibilita um novo pensamento sobre as mulheres e seu papel social.

No Brasil, diversos intelectuais afrodescendentes têm produzido reflexões relevantes. Destacamos duas filósofas: **Lélia González** (1935-1994), que abordou questões de raça e gênero em obras como *Lugar de negro* (1982) e refletiu sobre o feminismo afro-latino-americano. **Sueli Carneiro** (1950-), reconhecida por importantes trabalhos sobre o racismo, sexismo e desigualdade, com destaque para *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*.


Cezar Loureiro/Agência O Globo


AEMarcos Mendes/Estadão Conteúdo/AE

Lélia González, à esquerda, e Sueli Carneiro, à direita.

Pensamento ameríndio

O continente que viria a ser chamado de América era povoado por diferentes culturas antes da chegada dos colonizadores europeus. Não havia aqui a prática da Filosofia nos moldes gregos, que chegou com os europeus, mas havia culturas múltiplas e complexas, algumas que dominavam a escrita, outras que viviam na oralidade. Havia alguns povos com cidades bem desenvolvidas e outros com comunidades menores, mas nem por isso menos complexas.

Se a Filosofia europeia tem sido pensada sob o signo da razão, ela acaba por dar uma centralidade ao ser humano, tomado como o único ser racional. Isso tem ao menos duas consequências: a individualização do pensamento e a separação dele da natureza. O pensamento ameríndio é um contraponto a essa visão: de um lado, o pensamento é sempre coletivo, produzido na comunidade e pela comunidade; ainda que haja alguém responsável pela expressão, não se pensa sozinho. De outro lado, o ser humano é pensado como parte da natureza, como a própria natureza.

Para os pensadores brasileiros, o que vivemos hoje, em especial a crise ecológica, é resultado direto da ação dos seres humanos sobre o planeta. Deixamos de ver a natureza como algo vivo e do qual somos parte, tomando-a simplesmente como fonte de riquezas naturais, que poderíamos explorar sem limites. O resultado disso será o fim do mundo — ao menos como o conhecemos. A cultura yanomami fala em uma "queda do céu". O ato de os seres humanos perfurarem a terra em busca de metais preciosos, poluindo e matando as águas dos rios, fará com que a terra flua para dentro de si mesma, deixando de sustentar o céu, que cairá, destruindo a **floresta-mundo** como a conhecemos.



Denilson Baniwa/Acervo do artista

Caçadores de ficções coloniais (ou finjam que eu não estou aqui), obra de Denilson Baniwa, 2021. Dimensões e técnica não informadas.

No detalhe

Não escreva no livro

- Explore em que medida obras de arte como *Caçadores de ficções coloniais (ou finjam que eu não estou aqui)*, de Denilson Baniwa, traduzem o pensamento ameríndio contemporâneo.

A arte indígena contemporânea no Brasil apresenta um amálgama de elementos tradicionais, que muitas vezes remetem à cosmovisão das diversas culturas originárias, com imagens de animais e da natureza, mostrando uma forma de relação com o mundo bastante distinta daquela que costumamos ter.

Um pensamento brasileiro

Destacaremos alguns aspectos desse pensamento plural e complexo por meio de dois intelectuais brasileiros: **Davi Kopenawa** (1956-), do povo yanomami, que habita o norte do país, e **Ailton Krenak** (1953-), do povo krenak, que habita a região do rio Doce, em Minas Gerais. Ainda que sejam ideias distintas, pensadas em culturas singulares, aqui serão tomados os pontos em comum.

Podcast Transcrição de áudio



Marco Ravagli/Future Publishing/Getty Images

Davi Kopenawa. Fotografia de 2024.

Produzindo outro futuro

Segundo Davi Kopenawa, a "queda do céu" pode ser evitada se passarmos a "sonhar a terra", entrando em sintonia com suas vibrações vitais. A proposta é transcender um entendimento puramente racional, buscando uma compreensão que veja a natureza e a nossa própria existência como interconectadas e partes de uma realidade única.

Para Ailton Krenak, o fim do mundo pode ser adiado, desde que o "povo da mercadoria", como se refere aos não indígenas, seja convencido a mudar sua forma de vida. Uma ação contra um capitalismo que explora a natureza de modo desenfreado pode mudar o fluxo de nosso futuro, pensando em um "futuro ancestral" que consista em recuperar algo que já está aqui.



Mauro Pimentel/AFP/Getty Images

Ailton Krenak. Fotografia de 2024.

Retome

Não escreva no livro

1. Indique pensadores brasileiros contemporâneos que trazem as marcas do pensamento africano.
2. Mostre como o pensamento indígena brasileiro articula as noções de natureza e comunidade, no contraponto ao pensamento de matriz europeia.

1. Lélia González desenvolveu um "feminismo afro-latino-americano", propondo a fusão da tradição africana com a realidade brasileira e latino-americana da atualidade; e Sueli Carneiro, que pensa o "dispositivo de racialidade" como base para compreender a segregação racial no Brasil hoje.

2. O pensamento indígena brasileiro coloca o ser humano como parte da natureza, portanto não faz sentido explorá-la. Além disso, essa é uma perspectiva coletiva, que enfatiza as relações uns com os outros na construção de uma vida compartilhada, ao contrário do enfoque individualista predominante na matriz europeia.

Mundo do trabalho

O mito e sua atualidade: pensar e repensar o mundo

O mito é uma forma coletiva de pensar e compreender o mundo. Por meio da transmissão de histórias, as novas gerações são introduzidas na cultura de seu povo, aprendendo suas estruturas de pensamento, pensando junto com aquele que narra e com aqueles que recebem a narrativa. O mito é profundamente comprometido com a tradição que transmite e mantém viva.

É possível iniciar novas tradições? Repensar as formas de interpretar o mundo a nossa volta? O escritor britânico J. R. R. Tolkien (1892-1973) criou uma mitologia moderna em um lugar imaginário que ele denominou Terra Média. Ali, passam-se as aventuras narradas nos livros *O hobbit* (1937), *O Senhor dos Anéis* (em três volumes, publicados entre 1954 e 1955) e *O Silmarillion* (publicação póstuma, em 1977).



Advol/Alamy/Fotoarena

Toca de *hobbit* aberta para visitação em Hobbiton, a cidade cenográfica criada na Nova Zelândia para a filmagem das séries de filmes *O Senhor dos Anéis*. Fotografia de 2024.

1. A obra do escritor cria todo um novo universo, povoado por seres com língua e cultura próprios. Baseia-se nos tipos de narrativas míticas antigas, inventando algo totalmente diferente, mas que gera uma tradição que é passada às gerações seguintes. **2.** A Filosofia busca compreender a realidade e desenvolver um pensamento crítico sobre questões fundamentais, como a existência, a moral, a mente, o conhecimento e a sociedade. Para tanto, utiliza metodologias analíticas e críticas, ao abordar temos como ética, política, epistemologia (teoria do conhecimento), metafísica (natureza da realidade) e estética. O impacto da Filosofia é, muitas vezes, acadêmico e teórico, influenciando o pensamento e as teorias em diversas áreas, como ciência, política e ética.
A Literatura, por outro lado, tem um enfoque mais estético e expressivo, utilizando a linguagem para explorar emoções, experiências humanas e a complexidade da vida. A intenção é, muitas vezes, provocar reflexão, mas também entreter, emocionar e conectar-se com o leitor de maneiras diversas. Embora a Literatura também possa abordar temas filosóficos, ela foca em aspectos da experiência humana, como amor, solidão, identidade, sociedade e cultura, e os temas são frequentemente explorados por meio de personagens e narrativas. **3.** A profissão do filósofo hoje é dinâmica e adaptável, respondendo a desafios contemporâneos e buscando promover o pensamento crítico em diversas áreas. Embora enfrente desafios, o filósofo se mantém relevante ao refletir sobre questões complexas e buscar uma compreensão mais profunda da condição humana. **4.** Espera-se que os estudantes demonstrem entendimento da função questionadora da Filosofia e como ela propõe olhares diferentes para situações e/ou crenças consolidadas. Estimule-os a refletir sobre o desafio de expandir a Filosofia para além dos ambientes acadêmicos, popularizando reflexões e questionamentos importantes para a vida em sociedade.

Atividades

Não escreva no livro

1. Pesquise a estrutura da narrativa mitológica e explique por que podemos dizer que a criação literária de Tolkien se configura como uma mitologia.
2. A Literatura propõe reflexões sobre emoções, experiências humanas e a complexidade da vida. Ela pode abordar diversos temas e criar mundos diferentes para trabalhar com essas reflexões. Já a Filosofia se debruça sobre questionamentos abstratos e universais, buscando compreender a realidade e desenvolver um pensamento crítico acerca do que questiona. Em comum, ambas pensam sobre o mundo, refletem sobre o cotidiano e são reflexo de seu tempo. Faça uma pesquisa sobre Literatura e Filosofia para entender suas especificidades.
3. Como podemos definir a profissão do filósofo hoje? Se sentir necessidade, pesquise esse tema.
4. Para você, qual é a relevância do pensamento filosófico e quais são os desafios do filósofo hoje?

Trabalhando com

letra de música

Um conhecimento muito antigo?

Você talvez já tenha ouvido a canção de Raul Seixas (1945-1989) que fala sobre um homem que nasceu há 10 mil anos. Ela desfila uma série de fatos que teriam sido presenciados por esse estranho e velho narrador, que se considera um grande conhecedor de todas as coisas. A frase final da letra lança um desafio: "E para aquele que provar / Que eu tô mentindo / Eu tiro o meu chapéu...".

Alguém pode provar que as histórias relatadas na música não aconteceram da forma como a tradição nos conta? Todos conhecem essas histórias, são relatos muito antigos que estão gravados em nosso imaginário. É possível contestá-los?

Muitas vezes, as pessoas julgam ter conhecimento suficiente sobre determinados assuntos sem se darem conta de que esse conhecimento chegou até elas pronto, que pode estar calcado no senso comum.

Caso considere pertinente, você pode apresentar a letra completa para os estudantes. É provável que ouvindo a canção se consiga maior engajamento deles na atividade.

Eu nasci há dez mil anos atrás

[...]
Eu vi a arca de Noé cruzar os mares
Vi Salomão cantar seus salmos pelos ares
Eu vi Zumbi fugir com os negros pra floresta
Pro Quilombo dos Palmares
Eu vi!
[...]
Eu vi o sangue que corria da montanha
Quando Hitler chamou toda Alemanha
Vi o soldado que sonhava com a amada
Numa cama de campanha
[...]

EU NASCI há dez mil anos atrás. Intérprete: Raul Seixas. Compositores: Raul Seixas e Paulo Coelho. *In*: HÁ DEZ mil anos atrás. Intérprete: Raul Seixas. Rio de Janeiro: Philips, 1976.

Atividades

Não escreva no livro

1. Na letra da música, identifique as informações cuja fonte é religiosa.
2. Na letra da música, identifique as informações cuja fonte é histórica.
3. De acordo com a música, podemos caracterizar o tipo de conhecimento narrado como senso comum? Por quê?

1. Arca de Noé; Salomão e os salmos.

2. Ascenção de Hitler; Zumbi e o Quilombo dos Palmares.

3. Sim, pode ser caracterizado como senso comum, pois reúne uma série de informações que são narradas e conhecidas por todos. Qualquer um pode afirmar ter presenciado essas ações, mesmo aquelas sobre as quais não se tem nenhuma certeza histórica, porque fazem parte do imaginário popular.

Galeria de atividades



1. Em grupo, façam uma pesquisa sobre um mito grego. Reescrevam a narrativa, atualizando-a. Para isso, será necessário que vocês interpretem o sentido do mito e reflitam sobre a relação que ele pode ter com os dias de hoje. Acompanhem algumas sugestões:
   - Narciso e a beleza.
   - Cronos e a imortalidade.
   - As sereias e as tentações.
   - Ícaro e as asas de cera.
   - Prometeu e o castigo de Zeus.

   Apresentem o texto elaborado pelo grupo aos colegas da turma.
2. Escolha uma das formas de pensamento estudadas neste capítulo (a mitologia, a religião ou o senso comum) e faça uma dissertação explorando:
   - como você compreende essa forma de pensamento;
   - quais são as relações da Filosofia com ela;
   - por que você optaria pela Filosofia ou por essa forma de pensamento se tivesse de recorrer a apenas uma delas.

   Escolha bons argumentos para justificar sua resposta. Para isso, você pode consultar os seguintes textos:
   - sobre mito: capítulo 1 da obra *O pensamento selvagem*, de Claude Lévi-Strauss (Campinas: Papirus, 2005);
   - sobre religião: apêndice da obra *Crítica da Filosofia do direito de Hegel*, de Karl Marx (São Paulo: Boitempo Editorial, 2010);
   - sobre o senso comum: artigo de Oswaldo Porchat Pereira, presente na obra *A Filosofia e a visão comum do mundo* (São Paulo: Brasiliense, 1981).

1. Em uma formulação radical, o ceticismo sustentava que o filósofo deveria duvidar de tudo, abstendo-se, portanto, de qualquer juízo que afirmasse ou negasse algo categoricamente. Agostinho procurou demonstrar que essa posição era insustentável, pois aquele que duvida possui ao menos uma certeza: não pode duvidar de que existe, vive e pensa. Portanto, a dúvida só pode ser erguida sobre alguma certeza, não existindo uma dúvida absoluta que se sustente por si mesma.

1. Essa atividade depende de escolhas e pesquisas a serem feitas pelos estudantes. É importante verificar a capacidade deles de reelaborar o material pesquisado, construindo uma reflexão própria a respeito dele. Caso julgue necessário, oriente os estudantes a analisarem o mito escolhido em profundidade, compreendendo seu significado original e os valores transmitidos, refletindo sobre como ele abordava questões fundamentais sobre a existência, a moralidade e o sentido da vida no contexto cultural e filosófico da época. Incentive-os a considerar como a nova versão do mito pode oferecer uma compreensão mais profunda dos desafios filosóficos atuais, mostrando a atemporalidade e a relevância dessas questões.

2. Sugere-se centrar a avaliação da dissertação na capacidade de argumentação e na redação dos estudantes. Se julgar necessário, oriente-os a refletir sobre como a Filosofia se relaciona com a forma de pensamento escolhida. Por exemplo: existem pontos de convergência, como a busca por sentido e explicações sobre o mundo? Ou há divergências, como o método filosófico baseado na razão em contraste com outras abordagens mais intuitivas ou tradicionais? Auxilie os estudantes a considerar a validade dos argumentos e a profundidade das explicações. Caso seja utilizada a leitura dos textos indicados, deve-se verificar se os estudantes tiveram dúvidas em sua compreensão.

Enem e vestibulares

1. (Enade)

Quem duvida que vive, recorda, compreende, quer, pensa, sabe e julga? Pois, se duvida, vive; se duvida de onde vem sua dúvida, recorda; se duvida, compreende que está duvidando; se duvida, quer estar certo; se duvida, pensa; se duvida, sabe que não sabe; se duvida, julga que não convém consentir temerariamente. E embora se possa duvidar de muitas coisas, dessas não se pode duvidar, porque, se não existissem, de nada se poderia duvidar.

Santo Agostinho. Tratado sobre a Trindade.

Relacione esse texto de Agostinho com a afirmação dos céticos de seu tempo, os quais diziam que nós não temos certeza de coisa alguma.

2. (Enem)

Texto I

Manda o Santo Ofício da Inquisição que ninguém, seja qual for seu estado, idade ou condição, pare com carroça, caleça ou montaria nem atrapalhe com mesas ou cadeiras o centro das ruas, que vão da Inquisição a São Domingos, nem atravesse a procissão em ponto algum da ida ou da volta, amanhã, 19 do corrente, em que se celebrará auto fé. E também que nem nesse dia nem nos açoites ouse alguém atirar nos réus maçãs, pedras, laranjas nem outra coisa qualquer.

PALMA, Ricardo. *Anais da Inquisição de Lima*. São Paulo: Edusp/Giordano, 1992 (adaptado).

Texto II

Como acontece em todos os ritos, o sentido do auto da fé é conferido pela sequência dos atos que o compõem. Os lugares, as posturas, os gestos, as palavras são fixados previamente em toda a sua complexidade. Por isso, o auto da fé apresenta momentos fortes — durante a preparação, a encenação, o ato e a recepção — que convém seguir em seus pormenores.

BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições*: Portugal, Espanha e Itália – séculos XV-XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

O rito mencionado nos textos demonstra a capacidade da Igreja em Alternativa **d**.

a) abrandar cerimônias de punição.
b) favorecer anseios de violência.
c) criticar políticas de disciplina.
d) produzir padrões de conduta.
e) ordenar cultos de heresia.

3. (Enem)

É preciso usar de violência e rebater varonilmente os apetites dos sentidos sem atender ao que a carne quer ou não quer, mas trabalhando por sujeitá-la ao espírito, ainda que se revolte. Cumpre castigá-la e curvá-la à sujeição, a tal ponto que esteja disposta para tudo, sabendo contentar-se com pouco e deleitar-se com a simplicidade, sem resmungar por qualquer incômodo.

KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo*. Petrópolis: Vozes, 2015.

Qual característica do ascetismo medieval é destacada no texto? Alternativa **e**.

a) Exaltação do ritualismo litúrgico.
b) Afirmação do pensamento racional.
c) Desqualificação da atividade laboral.
d) Condenação da alimentação impura.
e) Desvalorização da materialidade corpórea.

4. (Uece)

Atente para a seguinte passagem que expressa uma das mais importantes e longevas formas de explicação e de interpretação do mundo e da vida humana:

Odin é o mais poderoso e mais velho dos deuses. Ele conhece muitos segredos. Abriu mão de um dos seus olhos em troca de sabedoria. Odin tem muitos nomes. É o Pai de Todos, o senhor dos mortos, o deus da força.

GAIMAN, Neil. *Mitologia nórdica*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018, p. 19-20 (adaptado).

Sobre esta forma de explicação da realidade, é correto afirmar que: Alternativa **c**.

a) se trata da forma racional-filosófica de pensamento, subjacente à cultura dos povos da antiguidade, tais como gregos, romanos e nórdicos.
b) se refere ao conhecimento artístico, tão característico das formas de expressão do início da vida social humana.
c) representa a maneira mitológica de explicação da realidade, baseada, essencialmente, na existência de seres sobrenaturais que conduzem a vida humana.
d) explicita o conhecimento científico ainda em seu início, baseado na proposição de percepções hipotéticas sobre a origem dos humanos a partir das divindades.

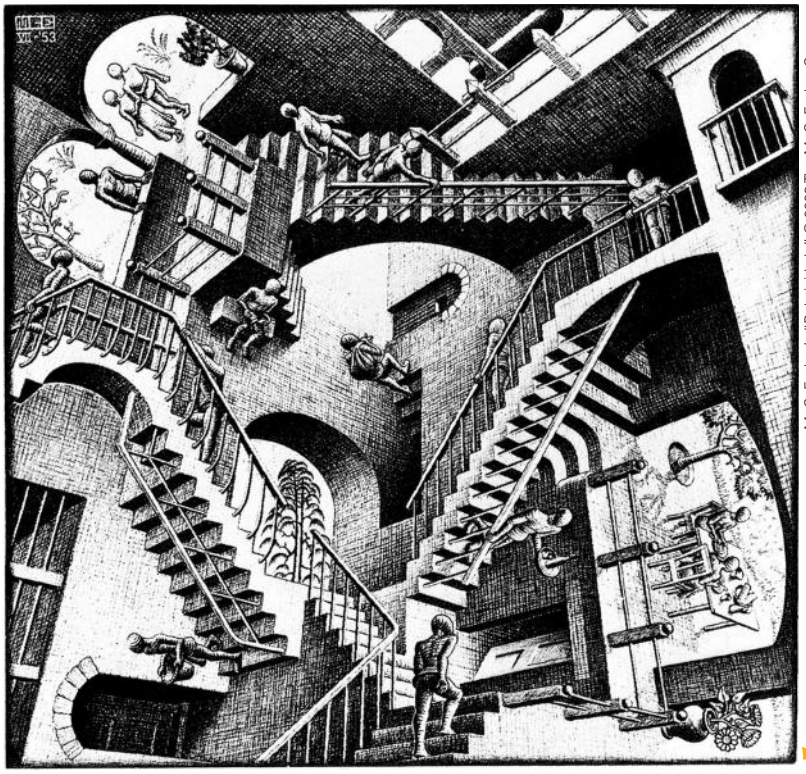
CAPÍTULO 2

A Ciência e a Arte

No capítulo anterior, você estudou formas de pensamento que oferecem às pessoas diferentes maneiras de compreender e explicar o mundo, convidando-as a adotar determinado conjunto de ideias ou até mesmo obrigando-as a fazê-lo, como já aconteceu em certos momentos históricos. Nessa categoria das formas de pensamento estão a Mitologia, a religião e o senso comum. Mas há outras formas que ousam questionar o pensamento instituído.

Muitos são os casos de filósofos, cientistas e artistas que, no decorrer da história, sofreram consequências negativas de elevar suas ideias para além de dogmas políticos e religiosos ou mesmo do senso comum.

Percebemos que a Ciência e a Arte parecem estar em oposição àquelas formas de pensar já estudadas. Nesse sentido, elas podem se aproximar da Filosofia, como veremos neste capítulo.



M. C. Escher's "Relatividade" © 2023 The M. C. Escher Company -The Netherlands. All rights reserved. www.mcescher.com

Relatividade, litografia de Maurits Cornelis Escher, 1953. 277 × 292 cm.

2. Resposta pessoal. Os estudantes podem citar nomes como Sócrates e Galileu Galilei, condenados por suas ideias contrárias ao que era tido como verdadeiro. É possível explorar esses e outros exemplos para desenvolver um debate com a turma sobre a temática que será trabalhada no capítulo.

1. A gravura causa curiosidade e estranhamento ao apresentar diferentes pontos de vista sobre o mesmo espaço. Se analisarmos as diferentes escadas, bem como as formas humanas que estão nelas, perceberemos que a relação com o espaço depende de quem nele está e como esse indivíduo vê as coisas ao seu redor. A obra foi inspirada na teoria de Einstein, segundo a qual aquilo que é observado depende da posição do observador, isto é, a observação é sempre relativa ao observador.

Não escreva no livro

Atividades

1. Analise com atenção a conhecida litografia *Relatividade*, do artista holandês M. C. Escher. Em que medida podemos relacioná-la à teoria da relatividade de Albert Einstein?
2. Você conhece algum caso de cientista, artista ou filósofo que tenha enfrentado problemas com a sociedade por seus pensamentos ou sua obra?
3. Em sua opinião, há relações possíveis entre a Arte e a Ciência? Cite exemplos.

3. Para além dos exemplos, é importante que os estudantes articulem o raciocínio ao fazer a relação, para que a argumentação seja clara e consistente. As respostas podem ser utilizadas para fomentar o debate em turma.

Arte na Ciência e Ciência na Arte

Em 1997, o cantor e compositor Gilberto Gil (1942-) lançou o álbum *Quanta*, no qual propõe uma articulação entre Arte e Ciência. Muitas das canções exploram essa relação entre os saberes e a existência humana.

No cinema, uma cena do filme *O homem que viu o infinito* (indicado no boxe **Favoritos**) é emblemática: o jovem matemático indiano Srinivasa Ramanujan tenta explicar à esposa seu trabalho afirmando que a Matemática é uma maneira muito particular e inusitada de ver os padrões da natureza e que isso é tão bonito quanto as composições das cores. Para ele, a Matemática não deixa de ser uma forma de linguagem.

Também as artes plásticas podem encontrar motivação na Ciência. Um dos exemplos mais notórios da associação entre esses dois saberes é a produção de Leonardo da Vinci (1452-1519). Pintor, escultor, poeta, músico e, ao mesmo tempo, inventor, engenheiro e arquiteto, fez estudos de anatomia humana que, além de ampliarem o conhecimento científico da época, ajudaram-no a desenvolver seus trabalhos de pintura e escultura.

O conhecimento que Da Vinci adquiriu a partir da investigação da estrutura e do funcionamento do corpo (o que na época só era possível por meio de práticas médicas) permitiu o aprimoramento da representação artística de suas obras. Sua perspicácia ao desenhar e descrever aquilo que observava, em contrapartida, também foi útil aos estudos da fisiologia do corpo humano.

Favoritos



Reprodução/Warner Bros.

O homem que viu o infinito, Grã-Bretanha, 2015. Direção: Matt Brown (109 min).

Cinebiografia de Srinivasa Ramanujan, um indiano pobre que, em 1913, viaja à Inglaterra e vai ao Trinity College para encontrar-se com G. H. Hardy, um dos matemáticos mais importantes da época.

Quanta

[...]
Arte de criar o saber
Arte, descoberta, invenção
[...]
Sei que a arte é irmã da ciência
[...]

QUANTA. Intérprete: Gilberto Gil. Compositor: Gilberto Gil. *In*: QUANTA. Intérprete: Gilberto Gil. [*S. l.*]: Warner Music, 1997. 1 CD, faixa 1. Disponível em: https://tedit.net/u9n6b6/. Acesso em: 13 jun. 2024.

1. Arte e ciência são irmãs porque ambas são atitudes criativas e questionadoras diante do mundo, agindo para melhorar a vida humana.

2. A ciência é expressa como uma "arte" de criar conhecimentos, enquanto a arte se expressa como um ato de descoberta e de invenção.

Retome

Não escreva no livro

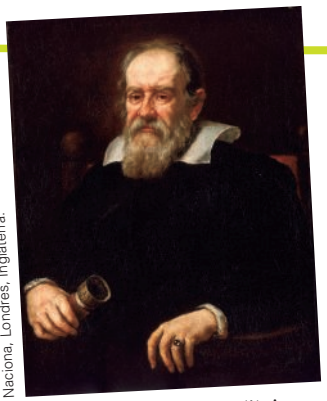
1. Em que sentido o compositor afirma que "a arte é irmã da ciência"?

2. Com base nos versos "Arte de criar o saber / Arte, descoberta, invenção", examine as ações criativas da arte e da ciência.

O pensamento científico

A Ciência investiga os fenômenos da natureza e cria conhecimentos sobre eles por meio do processo de experimentação. É um pensamento **sistemático** e **metódico**, pois é organizado e segue um caminho previamente concebido, utilizando ferramentas adequadas para a obtenção de um resultado. Assim, para produzir um conhecimento científico, é necessário definir o método a ser aplicado.

Foi no século XVII que a Ciência, como a conhecemos hoje, desenvolveu-se. Esse foi um período de grandes transformações na Europa, em que vários pensadores procuravam novas formas de produzir conhecimentos. Um dos maiores representantes desse período foi o italiano Galileu Galilei, que se dedicou a diferentes saberes, como a Astronomia, a Matemática e a Física.



JustusSustermans/Museu Marítimo Naciona, Londres, Inglaterra.

Retrato de Galileu Galilei, óleo sobre tela de Justus Sustermans, c. 1636. 86,36 × 68,58 cm.

Galileu Galilei (1564-1642)

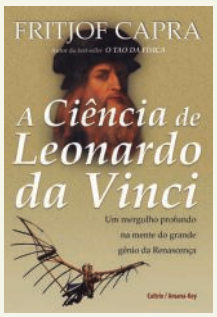
Pensador renascentista italiano, aperfeiçoou o telescópio e realizou observações astronômicas que iam ao encontro da teoria heliocêntrica, segundo a qual a Terra gira em torno do Sol, e não o contrário, como se acreditava na época. Por defender essa teoria, foi acusado de heresia pela Igreja católica, que o condenou à prisão até o final da vida e incluiu suas obras no **índex** de livros proibidos.

Alguns acontecimentos significativos que proporcionaram essas transformações a partir do século XV foram:

- a retomada de valores, ideias, textos e obras greco-romanas da Antiguidade, promovendo a renovação artística e cultural por meio da valorização do ser humano e do pensamento;
- as Grandes Navegações, que levaram os europeus a expandir seus territórios, estabelecer novas rotas comerciais e entrar em contato com outras civilizações;
- a Reforma protestante, que originou uma mentalidade religiosa oposta aos valores feudais da Igreja católica.

O florescimento cultural e científico da época impulsionou o espírito de pesquisa e a busca pelo progresso técnico. Assim, o pensamento científico do século XVII foi a coroação de um processo iniciado bem antes.

Favoritos



Reprodução/Editora Cultrix

A Ciência de Leonardo da Vinci. Fritjof Capra. São Paulo: Cultrix, 2012.

A obra examina as produções científicas e tecnológicas do artista no Renascimento.

Índex: lista, índice ou guia de livros

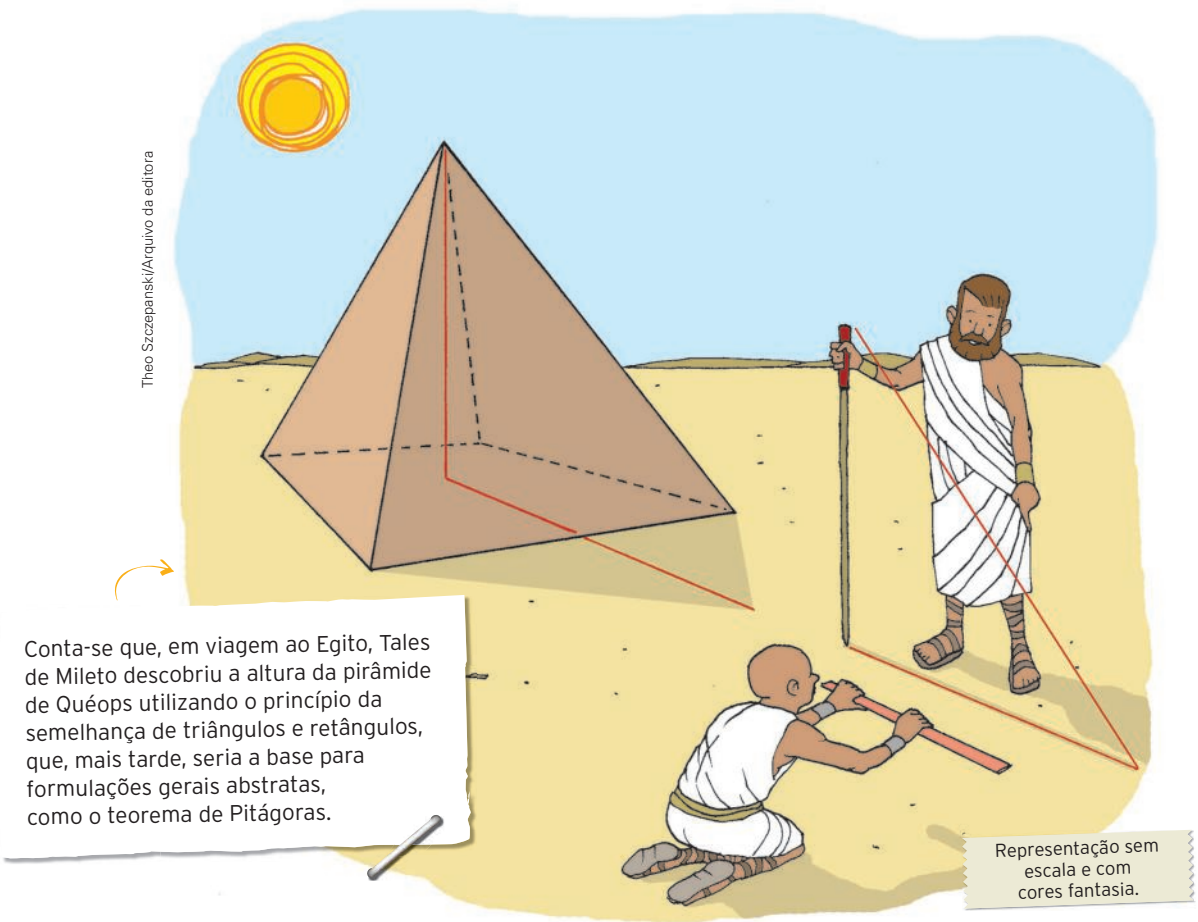
A Ciência na Antiguidade grega

Na Antiguidade grega, os filósofos falavam em dois níveis de conhecimento: a *doxa* e a *episteme*. A *doxa*, em geral, traduzida por "opinião", baseava-se nas observações cotidianas e era produzida sem método nem sistematização, como o que chamamos de senso comum. A *episteme* indicava um conhecimento racional, também com base na observação, mas construído de maneira sistemática e metódica. Em um sentido muito amplo, essa palavra grega é traduzida por "ciência".

O conhecimento sistematizado pode ser encontrado em culturas ainda mais antigas. Os egípcios, por exemplo, criaram uma Matemática bastante avançada, aplicada na construção de grandes monumentos, como as pirâmides. No entanto, esse conhecimento era um tipo de "ciência prática", sem maior elaboração teórica.

Por isso, afirma-se que os gregos aprenderam o conhecimento prático dos egípcios e o transformaram em um conhecimento teórico e investigativo. Assim, criaram, por exemplo, a Matemática como Ciência. Mesmo que esse conhecimento não tivesse uma aplicação direta e imediata, ele poderia ser aplicado no futuro.

Retomando o exemplo das pirâmides, Pitágoras aprendeu com os egípcios que a relação 3 : 4 : 5 entre os lados de um triângulo sempre garante que um dos ângulos seja reto. Assim, ele descobriu um princípio que vale para todos os triângulos de ângulo reto: o quadrado da hipotenusa é sempre igual à soma dos quadrados dos catetos – um conhecimento prático que foi formulado em um teorema.



Theo Szczepanski/Arquivo da editora

Conta-se que, em viagem ao Egito, Tales de Mileto descobriu a altura da pirâmide de Quéops utilizando o princípio da semelhança de triângulos e retângulos, que, mais tarde, seria a base para formulações gerais abstratas, como o teorema de Pitágoras.

Representação sem escala e com cores fantasia.

A Ciência da natureza, segundo os gregos

Os chamados filósofos pré-socráticos dedicaram-se a explicar teoricamente aquilo que os gregos denominavam *physis* (a natureza). Com isso, criaram o que hoje chamamos de Física, isto é, o estudo das leis que regem a natureza. Um de seus principais problemas era a busca pela *arkhé*, ou o princípio universal de todas as coisas, o elemento do qual todas as coisas provêm.

Dessa forma, alguns filósofos, como Tales de Mileto, afirmavam que esse elemento era a água; outros, como Heráclito de Éfeso, acreditavam que era o fogo primordial; havia também aqueles que chegavam a outras noções, como Anaximandro de Mileto e a ideia do *ápeiron*, "o indeterminado"; ou Leucipo com a ideia do átomo, "o indivisível". Já para Pitágoras de Samos, o número era o princípio de todas as coisas.

Embora discordantes entre si, essas hipóteses partiam do princípio de que havia um elemento primeiro do qual derivariam os elementos naturais (terra, água, ar e fogo), bem como da ideia de que a combinação desses quatro elementos teria formado tudo o que existe. Leucipo e Demócrito já teorizavam sobre a existência de partículas indivisíveis formadoras da matéria no século V a.C. No século XIX, a Física conseguiu comprovar experimentalmente a existência do átomo.

O importante a considerar é que esses filósofos antigos procuravam abandonar as explicações míticas ou religiosas sobre a origem do mundo e das coisas, elaborando uma hipótese racional, uma ideia criada pelo exercício do pensamento, por meio da observação dos fenômenos naturais e com base na argumentação. Com isso eles procuravam construir um conhecimento que pudesse convencer as pessoas por sua clareza e sua coerência, semelhante à perspectiva científica atual.



Reprodução/Pinacoteca Querini Stampalia, Veneza, Itália.

Pessoa retratada: Leucipo – filósofo grego do século V a.C., óleo sobre tela de Luca Giordano, c. 1653. Dimensões não informadas.

Leucipo (século V a.C.)

Seu pensamento é mais conhecido por meio de seu discípulo, Demócrito de Abdera (c. 460 a.C.-370 a.C.). O atomismo antigo defendia a ideia de que o princípio de todas as coisas eram partículas indivisíveis que não podemos ver, daí o nome "átomo". Todas as coisas que existem podem ser divididas em partes menores até chegar a essas partículas muito pequenas.

Filósofos pré-socráticos

São filósofos que viveram entre os séculos VII a.C. e V a.C. Nem todos são anteriores a Sócrates, o qual, no entanto, foi considerado um "divisor de águas" na Filosofia antiga ao preocupar-se mais com os problemas humanos do que com os fundamentos da natureza, como faziam os pré-socráticos. Em geral são agrupados em "escolas", sendo as principais:

- Escola jônica (região da Ásia Menor): Tales de Mileto, Anaxímenes de Mileto, Anaximandro de Mileto e Heráclito de Éfeso.
- Escola itálica (região da Itália): Pitágoras de Samos e Filolau de Crotona.
- Escola eleática (cidade de Eleia): Xenófanes, Parmênides de Eleia e Zenão de Eleia.
- Escola atomista (afirmava que o átomo era o princípio das coisas): Leucipo e Demócrito de Abdera.



Costa/leemage/AFP

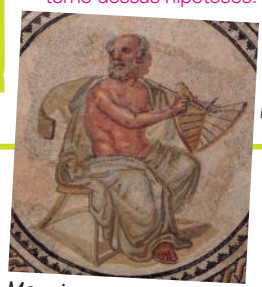
Retrato do filósofo grego Heráclito de Éfeso, gravura de artista desconhecido, século XIX. Dimensões não informadas.

Heráclito de Éfeso (c. 535 a.C.-475 a.C.)

Heráclito afirmava que tudo está em constante fluxo e todas as coisas se formam pela luta entre os opostos: o dia se transforma em noite, o quente se torna frio, etc. Segundo ele, na *physis*, tudo é mutável. A unidade do mundo consiste no fato de que ele é múltiplo. A origem das coisas seria o fogo primordial, que faz tudo a partir de si e é, ao mesmo tempo, todas as coisas.

Anaximandro de Mileto (c. 610 a.C.-545 a.C.)

Filósofo da escola jônica, foi discípulo e amigo de Tales. Dedicou-se também à política e à Física, tendo previsto datas de eclipses. Um fragmento do seu livro *Sobre a natureza* é o mais antigo texto filosófico do qual se tem notícia. Sua noção filosófica mais importante é a do *ápeiron*, aquilo que, mesmo não sendo nenhuma das coisas conhecidas, ainda é capaz de dar origem a todas elas.



The Picture Art Collection/Alamy/Fotoarena

Mosaico romano representando Anaximandro de Mileto com relógio de Sol, mosaico de artista romano desconhecido, início do século 3 d.C. 209 × 188 cm.

1. Três fatores contribuíram para a emergência do conhecimento científico nesse período: a valorização do ser humano, com a retomada de valores, ideias e textos da Antiguidade; as descobertas possibilitadas pelas navegações, que permitiram o contato com outras civilizações e culturas, além do crescimento econômico; e a Reforma protestante, que gerou uma nova maneira de viver a religiosidade.

2. Enquanto os egípcios desenvolveram um conhecimento muito ligado àquilo de que precisavam, por exemplo, a construção de pirâmides e monumentos, a contabilidade e a gestão dos estoques de alimentos, produzindo saberes que diziam respeito a cada situação concreta, os gregos construíram um saber teórico, baseado na contemplação, buscando explicações para os fenômenos observados, o que tornou possível sua aplicação em diferentes contextos.

3. Não reproduzindo as explicações míticas sobre a origem do mundo, esses filósofos se preocuparam em observar a natureza e construir hipóteses racionais para explicar sua origem e seu funcionamento, elaborando uma argumentação lógica em torno dessas hipóteses.

Retome

Não escreva no livro

1. Aponte os fatores históricos que contribuíram para a emergência do conhecimento científico moderno a partir do século XVII.

2. Explique em que medida, na Antiguidade, tivemos o desenvolvimento de uma ciência prática com os egípcios e de uma ciência teórica com os gregos.

3. Identifique como os filósofos pré-socráticos se separaram da Mitologia.

A busca pelo método: Descartes e o racionalismo

Vídeo

Depois da intensa produção grega na Antiguidade, durante o período medieval não houve grandes explorações científicas, visto que o conhecimento estava subordinado à Igreja católica. Filósofos e experimentadores, como Galileu, foram perseguidos pela Igreja. Mas suas ideias e práticas foram se infiltrando na cultura da época e, durante o século XVII, criou-se e consolidou-se o que chamamos hoje de Ciência.

Nessa época, discutia-se intensamente sobre qual seria o método apropriado para chegar ao conhecimento verdadeiro. O filósofo e matemático René Descartes incomodava-se com um fenômeno que observava: nas aulas de Matemática, não via discordâncias entre seus professores, que sempre chegavam às mesmas conclusões. Porém, nas aulas de Filosofia, as conclusões eram sempre diferentes e nunca se chegava a um acordo. Segundo ele, isso se devia ao fato de que, em Matemática, trabalhava-se sempre da mesma forma, enquanto na Filosofia cada um trabalhava a seu próprio modo.

Buscando um método seguro para construir seu conhecimento, Descartes afirmou em sua obra *Discurso do método* que só a razão seria confiável, já que os sentidos podem nos enganar. Tomemos como exemplo a visão: quando colocamos uma colher dentro de um copo com água, de modo que parte dela fique dentro da água e parte fora, vemos uma espécie de "desvio" na colher, como se ela estivesse torta. Porém, sabemos que ela não está torta, e basta tirá-la da água para verificar isso.

Se os sentidos nos "enganam" algumas vezes; então, o que nos garante que eles não nos "enganam" sempre? Como a percepção que temos do mundo por meio dos sentidos é falha, eles não seriam uma fonte confiável e segura para a obtenção de conhecimento.



Alexsalcedo/Shutterstock

Quando vemos uma colher imersa na água, sabemos que ela não está torta, apesar do que os olhos veem.

Reprodução/Coleção particular



René Descartes, gravura de Baudran, c.1846. Dimensões não informadas.

René Descartes (1596-1650)

Fundou a corrente filosófica do racionalismo, ao defender a ideia de que o conhecimento verdadeiro só pode ser produzido pelo exercício da razão, a partir de certas ideias inatas. A célebre frase "Cogito ergo sum" ("Penso, logo existo") evidencia o caráter absoluto de sua dúvida metódica. De suas obras, destacam-se *Discurso do método* (1637) e *Meditações concernentes à primeira filosofia* (1641).

O método cartesiano

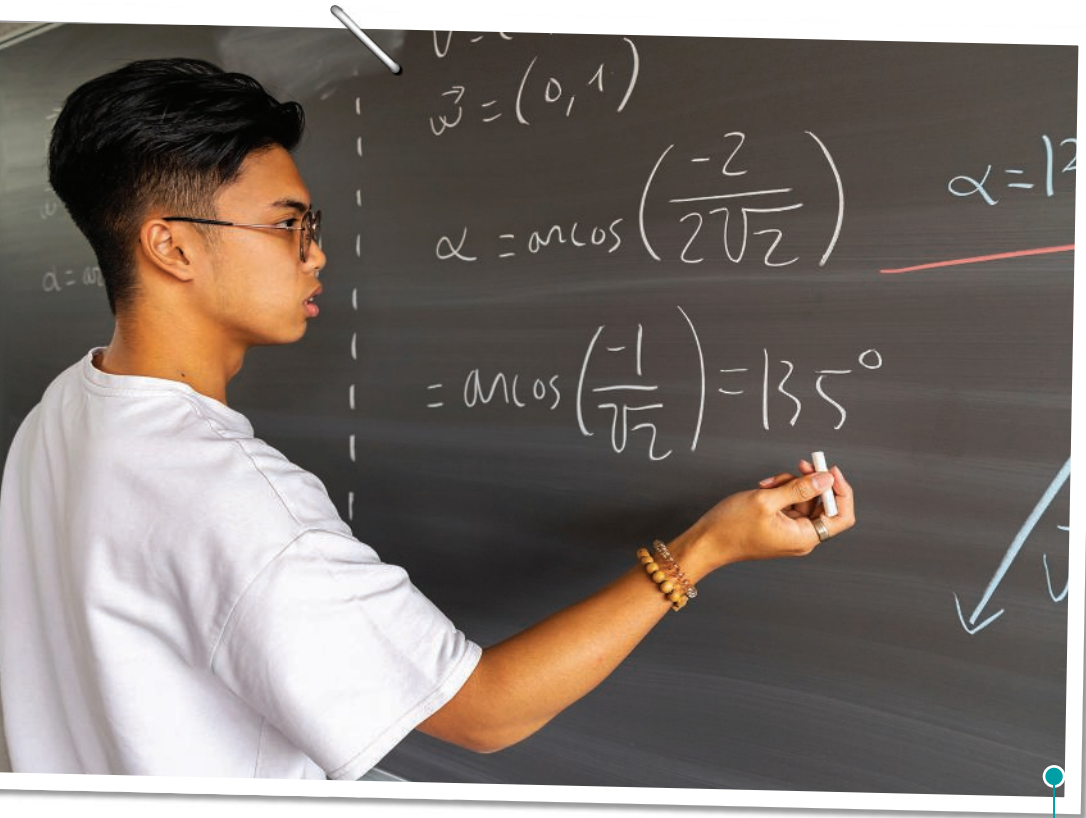
Ao pôr em dúvida os sentidos, Descartes propôs em *Discurso do método* um método racionalista (que parte da razão), conhecido como **método cartesiano**, segundo o qual, a partir das ideias inatas — aquelas que temos em nossa mente desde que nascemos porque ali foram colocadas por Deus —, podemos deduzir novas ideias, que serão necessariamente verdadeiras e corretas.

Ora, essas convicções que já estão em nossa mente quando nascemos só podem ser corretas e verdadeiras, segundo Descartes, porque foi o próprio Deus quem as colocou lá e Ele não nos daria ideias falsas. Se essas ideias que temos primariamente em nossa mente são verdadeiras, tudo aquilo que for derivado delas de forma correta e organizada também será verdadeiro.

A isso Descartes chamou de **dúvida metódica**: um modo que utiliza a dúvida como parte de um método para a obtenção do conhecimento. Para discernir se os conhecimentos são verdadeiros ou falsos, é mais sábio colocar todos eles em dúvida e começar do zero a construção da verdade.

Assim, o método cartesiano é pautado pelos seguintes procedimentos:

- Nunca aceitar como verdadeiro algo de que se possa duvidar.
- Dividir os problemas em problemas menores, que sejam mais fáceis de resolver. Desse modo, a solução é encontrada em partes, chegando-se progressivamente à resolução do problema completo. É o que chamamos de **análise** (palavra de origem grega que significa "por meio da divisão", isto é, que se baseia no método matemático de resolução de equações).
- Conduzir o pensamento de forma ordenada, indo sempre da questão mais simples à mais complexa.
- Revisar a produção do conhecimento em cada etapa, de modo que nada seja esquecido ou deixado de lado.



Daniel Hoz/Shutterstock

O método cartesiano é inspirado na Matemática e concebe a Ciência como um conhecimento **racional** e **demonstrativo**, ou seja, que produz os raciocínios exclusivamente com o uso do pensamento e de seus instrumentos lógicos. Por isso, ele pode ser demonstrado, assim como é possível demonstrar, por exemplo, um teorema da Álgebra ou da Geometria.

No detalhe

Não escreva no livro

- Com as suas palavras, defina a dúvida metódica de Descartes.

A dúvida metódica é um procedimento filosófico que busca a certeza absoluta. Consiste em duvidar sistematicamente de todas as crenças e conhecimentos que não sejam absolutamente indubitáveis. O objetivo é identificar fundamentos seguros e inquestionáveis para o conhecimento.

Retome

Não escreva no livro

Leia o poema a seguir.

nunca sei ao certo
se sou um menino de dúvidas
ou um homem de fé

certezas o vento leva
só dúvidas continuam de pé

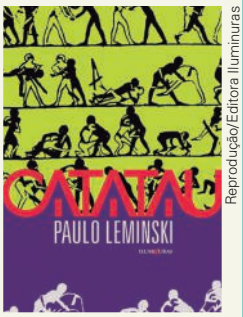
LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 338.

1. Identifique de que modo o poema expressa o conceito de dúvida metódica de René Descartes.
2. E você, vê-se mais como alguém que tem fé ou que duvida? Argumente para justificar sua posição.

1. O poema afirma a importância da dúvida, visto que ela é mais sólida ("só dúvidas continuam de pé") do que as certezas ("certezas o vento leva"), e, por isso, justifica a dúvida metódica cartesiana.

2. Resposta pessoal. Atente à argumentação dos estudantes, estimulando-os a aprofundá-la, quando necessário.

Favoritos



Reprodução/Editora Iluminuras

Catatau. Paulo Leminski. São Paulo: Iluminuras, 2010.

Essa é uma obra experimental que imagina as alucinações de Descartes em uma visita fictícia a Pernambuco em as invasões holandesas. Definido como um "romance-ideia", o livro utiliza elementos do Concretismo e do Tropicalismo para criar uma fábula inovadora, em que o filósofo questiona sua razão diante da natureza e dos costumes locais.

Os empiristas e a Ciência moderna

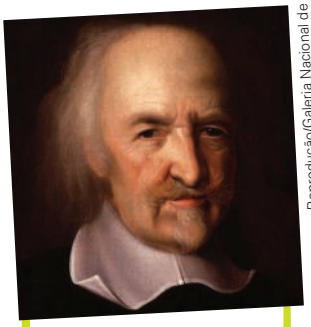
Opositores de Descartes, os filósofos empiristas afirmavam que o conhecimento verdadeiro só poderia ser alcançado a partir das constatações que fazemos por meio de nossos sentidos (visão, audição, tato, paladar e olfato). Como os sentidos nos permitem experimentar o mundo, essa posição ficou conhecida como **empirista** (do grego *empeiría*, que significa "experiência").

Na Inglaterra, ao escrever a obra *Novum organum*, Francis Bacon lançou as bases do empirismo, afirmando a importância dos sentidos, tendo Thomas Hobbes ampliado essa base em *Leviatã*. Bacon defendeu um método experimental para obter conhecimento, em oposição à abordagem teórica e especulativa dos antigos. Ele defendeu o progresso da Ciência e da técnica por meio do exercício de um pensamento crítico. É importante salientar que, a não ser em casos muito específicos, o empirismo não exclui necessariamente o racionalismo.

Quando falamos em conhecimento, há sempre dois polos envolvidos: o **sujeito** do conhecimento, um ser que pensa e observa o mundo, produzindo ideias sobre ele; e o **objeto**, aquilo que é pensado pelo sujeito, a matéria do conhecimento. No método cartesiano, a posição do sujeito que conhece é mais importante do que a do objeto que é conhecido, pois a verdade é uma criação do sujeito.

O empirismo afirma sobretudo a **precedência** do objeto do conhecimento em relação ao sujeito, sem negar a importância da razão na construção do conhecimento. No método empirista, a posição do objeto conhecido é mais importante do que a do sujeito que o conhece, pois admite-se que a verdade está no objeto e só pode ser alcançada pela experiência.

precedência: aquilo que vem primeiro, em ordem de importância; preferência ou primazia.



Reprodução/Galeria Nacional de Retratos, Londres, Inglaterra.

Thomas Hobbes, óleo sobre tela de John Michael Wright, c. 1670. 75,6 × 64,1 cm.

Thomas Hobbes (1588-1679)

Filósofo inglês, defensor de uma visão mecanicista do mundo em oposição à visão teológica. Ficou mais conhecido por suas obras no campo da Filosofia política, sendo um defensor do absolutismo. Afirma que "o homem é o lobo do homem", e, por isso, é necessário haver um poder forte e centralizado, que garanta a vida dos indivíduos. Sua obra mais conhecida é o tratado *Leviatã*, publicado em 1651.



Reprodução/National Portrait Gallery, Londres, Reino Unido.

Francis Bacon, Visconde de Santo Albano, óleo sobre tela de artista desconhecido, c. 1731. 76,5 × 63,2 cm.

Francis Bacon (1561-1626)

É considerado um dos fundadores do pensamento moderno, tendo exercido grande influência na constituição da Ciência. Entre suas obras filosóficas, destaca-se o *Novum organum* [Novo órgão ou Nova lógica], publicada em 1620, na qual Bacon critica a lógica aristotélica e a noção de Ciência dela derivada, propondo uma nova lógica para uma nova Ciência, de natureza experimental.

A crítica da razão

Aprofundando a crítica empirista, John Locke afirmava que não existem ideias inatas, contrariando a tese de Descartes. Para ele, quando nascemos, nossa mente é como uma folha de papel em branco (ou uma *tabula rasa*, na expressão em latim), na qual a experiência vai registrando as informações obtidas por meio dos sentidos.

Em *Ensaio sobre o entendimento humano*, Locke desenvolveu a teoria de que somente depois de haver experimentado o mundo por meio dos sentidos e obtido as informações por essas experiências é que a razão pode agir, articulando essas informações e produzindo novos conhecimentos. Ele fazia distinção entre **ideias simples**, produzidas diretamente das informações obtidas pelos sentidos, e **ideias complexas**, produzidas com base em outras ideias. Como as primeiras estão mais próximas da experiência, a chance de estarem erradas é bem menor do que a das outras.

Da combinação das diferentes concepções de racionalismo e empirismo, surgiu o que se denomina **Ciência moderna**, cuja diretriz foi dada pelo filósofo alemão Immanuel Kant. Em sua obra *Crítica da razão pura* (1781), ele afirma que o conhecimento é sempre algo produzido pela razão, mas que ela nunca é "pura", pois depende dos dados obtidos pelos sentidos por meio da experiência.

Reprodução/Coleção particular



Retrato de Immanuel Kant, técnica não informada, autor desconhecido do século XVIII. Dimensões não informadas.

1. De acordo com o empirismo, o objeto é mais importante porque a verdade reside no objeto e só pode ser alcançada pela experiência que o sujeito tem dele.

Immanuel Kant (1724-1804)

Principal representante do Iluminismo alemão, movimento filosófico que afirmava a importância da razão para o progresso da humanidade. Escreveu três críticas, que formam sua teoria do entendimento humano acerca do mundo: a *Crítica da razão pura* (1781), que trata da questão do conhecimento; a *Crítica da razão prática* (1788), sobre os princípios e fundamentos da moral; e a *Crítica do juízo* (1790), dedicada à apreciação da Arte.

Reprodução/Coleção particular



Retrato de John Locke, óleo sobre tela de Godfrey Kneller, c. 1704. 76 × 64 cm.

John Locke (1632-1704)

Filósofo inglês, dedicou-se principalmente à teoria do conhecimento e à Filosofia política. Sua obra *Ensaio sobre o entendimento humano* (1689) defende a ideia de que experiência é a fonte necessária de todo o conhecimento.

Retome

Não escreva no livro

1. Aponte o motivo de o objeto ser mais importante que o sujeito na relação de conhecimento de acordo com o empirismo.

2. Com base nas ideias de Locke, as diferenças entre as ideias simples e as ideias complexas.

2. As ideias simples são aquelas produzidas diretamente pelas experiências, como resultado da obtenção das informações pelos sentidos; as ideias complexas são ideias criadas pelo sujeito, juntando duas ou mais ideias simples.

Ciência: do método às teorias

O método científico moderno não pode ser compreendido sem as diferentes visões filosóficas estudadas até aqui. Cada uma delas contribuiu com elementos que levaram à consolidação da forma científica de pensar e à produção de conhecimento.

O método científico pode ser caracterizado por cinco passos:

- **Observação**: primeiro é necessário observar o fato que se deseja estudar. Essa observação precisa ser rigorosa, sistemática, seguindo procedimentos e protocolos específicos, definidos pelo método científico.
- **Formulação de uma hipótese**: com base nos fatos observados, faz-se uma reorganização dos dados obtidos, para explicar aquilo que foi visto. Então, elabora-se uma hipótese.
- **Experimentação**: nesta etapa, testa-se a hipótese construída, que pode ser ou não comprovada. Caso a hipótese não seja comprovada, pode-se elaborar outra hipótese, seguida de uma nova etapa de verificação.
- **Generalização**: durante a experimentação podem ser encontrados resultados que se repetem, o que torna possível elaborar "leis" gerais ou particulares que expliquem os fenômenos observados.
- **Elaboração de teorias (modelos)**: com os dados obtidos, é possível criar modelos teóricos de aplicação geral, capazes de explicar realidades complexas.

Ao término da pesquisa, é necessário também que o cientista submeta sua teoria a outros membros da comunidade científica, divulgando seu trabalho, hipótese, método e conclusões. O constante diálogo entre os diversos pesquisadores permite que antigas teses sejam refutadas e novas teorias sejam criadas, pois mesmo a Ciência não conhece verdades absolutas e imutáveis: ela está em constante busca e aperfeiçoamento.

Favoritos



Reprodução/StudioCanal/Amazon Studios

Radioactive, Grã-Bretanha, 2019. Direção: Marjane Satrapi (109 min).

Cinebiografia de Marie Curie que explora as dificuldades de uma mulher que se dedica à produção científica na passagem do século XIX para o XX. Ao descobrir a radioatividade, a cientista criou um dos pilares do mundo moderno.



WH_Pics/Shutterstock

Réplica do fóssil de Lucy, *Australopithecus afarensis*. Fotografia de 2016. O estudo dos fósseis antigos permite aos arqueólogos formular hipóteses explicativas sobre as origens dos seres humanos, o desenvolvimento de técnicas de construção de ferramentas, hábitos alimentares, bem como o desenvolvimento de habilidades manuais. Desde a observação do desgaste dos ossos até a análise do nível de carbono nos fósseis fazem parte dos métodos aplicados na construção do conhecimento arqueológico sobre a história humana.

Resposta ao professor: Todos os habitantes que têm olhos azuis vão abandonar a ilha. Se apenas um tivesse olhos azuis, ele saberia, pois veria que todos os outros 99 habitantes têm olhos castanhos. Caso dois habitantes tivessem olhos azuis, o primeiro (A) poderia pensar que o viajante se referia ao segundo (B) e que há apenas um com olhos azuis, e B pensaria o mesmo em relação a A. No entanto, quando um deles observar que o outro não deixa a ilha no dia seguinte, deduzirá que também tem olhos azuis, de modo que os dois teriam de partir no dia seguinte. O mesmo aconteceria caso fossem três os habitantes com olhos azuis, uma vez que A veria que B e C não deixam a ilha e descobriria, portanto, que ele também tem olhos dessa cor. Segue-se assim até que saiam da ilha todos os habitantes com olhos azuis, sejam quantos forem.

A Ciência hoje

A Ciência, na busca por uma explicação racional, sistematizada e metódica do mundo, existe desde a Antiguidade e, durante muito tempo, fez parte da própria Filosofia. A partir do século XVII, alguns ramos do conhecimento começaram a se especializar e se tornar autônomos da Filosofia. Com a consolidação do método científico, sua aplicação a distintos objetos constituiu diferentes ciências que se especializaram ao longo dos séculos XVIII e XIX.

A partir do século XX, produziu-se a noção de conhecimento científico como um saber aberto, sempre aproximativo e corrigível, e não uma afirmação de verdades absolutas. Durante a pandemia da covid-19, entre os anos 2020 e 2023, os meios de comunicação afirmaram com muita ênfase a necessidade de uma "crença" na Ciência, como forma de combater o negacionismo daqueles que deixavam os conhecimentos científicos de lado. Porém, essa é uma atitude que precisa ser examinada com cuidado, pois o conhecimento científico não está baseado em crença, mas na confiança que pode gerar em nós.

No final do século passado, marcado por intensas discussões filosóficas sobre o conhecimento científico, o filósofo da ciência Paul Feyerabend publicou o livro *Contra o método* (1975). Ele defendia o que denomina um "anarquismo **epistemológico**". De acordo com sua tese central, a Ciência procede de forma anárquica, sem regras definidas, e o único princípio que não dificulta o progresso do conhecimento é aquele que afirma que "tudo vale" no exercício do pensamento. O foco da reflexão desse autor é a criatividade do pensamento científico, que seria diminuída ao ser encerrada em um único método.

epistemológico: derivado de Epistemologia, uma área da Filosofia dedicada a estudar o conhecimento, a teoria e a Filosofia da ciência.

Trabalhando com Lógica

Não escreva no livro

Vamos começar a exercitar o uso das ferramentas de pensamento. Você verá como um pouco de treino ajuda bastante a pensar de forma mais organizada.

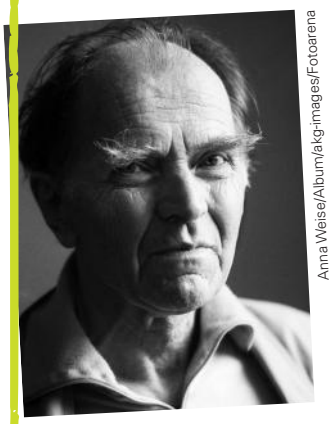
Agora vamos "brincar" com um dos mais clássicos jogos usados para exercitar o pensamento. A versão apresentada a seguir foi traduzida e adaptada de uma publicação *on-line* da seção "Tu cerebro y tú", do jornal espanhol *El País*.

Em uma ilha há 100 habitantes, e todos eles têm olhos azuis ou olhos castanhos. Todos veem a cor dos olhos dos outros, mas não a cor de seus próprios olhos, uma vez que não há espelhos na ilha. Eles estão proibidos de falar nesse assunto. E mais ainda: uma lei estabelece que, se alguém descobre que tem olhos azuis, precisará abandonar a ilha até as 8h da manhã do dia seguinte. Todos os habitantes da ilha são capazes igualmente de raciocinar e todos são capazes de usar impecavelmente a lógica.

Certo dia, chega à ilha um visitante e, ao olhar para todos os habitantes, diz, sem apontar nenhum deles: "Puxa, que bom que é ver pelo menos uma pessoa com olhos azuis depois de passar tanto tempo em alto-mar!".

SIETE juegos clásicos de lógica para ponerte a prueba. *El País*, 27 abr. 2015. Disponível em: https://tedit.net/g8dhm5. Acesso em: 13 ago. 2024.

- Que consequências esse comentário do visitante trouxe para os habitantes da ilha? Argumente para justificar sua resposta.



Anna Weise/Album/akg-images/Fotoarena

Paul Feyerabend (1924-1994)

Nasceu na cidade de Viena, capital da Áustria. Estudou com o filósofo da Ciência Karl Popper (1902-1994). Seus estudos se concentraram no campo da Filosofia da ciência, tendo como temas centrais o método e o caráter anárquico da Ciência. Suas obras mais conhecidas são *Contra o método* (1975) e *Ciência em uma sociedade livre* (1978).

Paul Feyerabend. Fotografia de 1992.

Assim falou Paul Feyerabend

A condição de consistência, que exige que hipóteses novas estejam de acordo com teorias aceitas, é desarrazoada, pois preserva a teoria mais antiga e não a melhor. Hipóteses contradizendo teorias bem confirmadas proporcionam-nos evidência que não pode ser obtida de nenhuma outra maneira. A proliferação de teorias é benéfica para a ciência, ao passo que a uniformidade prejudica seu poder crítico. A uniformidade também ameaça o livre desenvolvimento do indivíduo. Não há nenhuma ideia, por mais antiga e absurda, que não seja capaz de aperfeiçoar nosso conhecimento. Toda a história do pensamento é absorvida na Ciência e utilizada para o aperfeiçoamento de cada teoria. E nem se rejeita a interferência política.

FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2007. [Trechos do índice analítico].

No detalhe

- Como você entende a afirmação de que o princípio que não inibe o progresso científico é o de que "tudo vale"?

Não escreva no livro

Favoritos



Reprodução/Globoplay

A corrida das vacinas. Brasil, 2021. Direção: Álvaro Pereira Júnior (344 min).

Documentário em cinco episódios que mostra os bastidores de uma grande conquista da ciência: a criação, em tempo recorde, de vacinas contra a covid-19.

Retome

Não escreva no livro

1. Enuncie, de forma sucinta e na ordem correta, as etapas seguidas pelo método científico.
2. Aponte por que atualmente a Ciência é vista como um saber aberto, e não uma afirmação de verdades absolutas.

Segundo Feyerabend, a Ciência não pode se conformar com suas teorias bem-aceitas, senão estagnaria. É preciso desconfiar de todo conhecimento e colocá-lo à prova, testando-o e buscando novas hipóteses e teorias, por mais estranhas que possam parecer, pois é assim que o conhecimento científico avança.

1. Na ordem, as etapas percorridas pelo método científico são: observação dos fatos; elaboração de uma hipótese que possa explicar o que foi observado; experimentação controlada, com o objetivo de confirmar ou não a hipótese; generalização, caso a hipótese seja confirmada, dando-lhe um caráter geral, capaz de explicar outros fenômenos do mesmo tipo; e elaboração de teorias que sejam capazes de explicar a realidade.

2. A Ciência está sempre progredindo e evoluindo, produzindo conhecimentos cada vez mais complexos e mais próximos da realidade. Por isso é um saber aberto. Se tomássemos as verdades científicas como absolutas, a Ciência deixaria de evoluir, permanecendo estagnada.

Arte: o ser humano como criador

A capacidade criativa é inata ao ser humano e, desde as primeiras civilizações, a Arte é valorizada como um meio de expressão do nosso potencial.

Em *Filosofia das formas simbólicas* (1923), o filósofo alemão Ernst Cassirer, que estudou a cultura humana, afirma que a Arte encanta porque é capaz de elevar o ser humano além da contemplação ordinária e revela à nossa imaginação a multiplicidade das coisas; o que, por fim, convida-nos a repensar o mundo em que vivemos. Aqueles que produzem a Arte têm, portanto, uma importante função.

O que acontece se a Arte deixa de ser aquilo que nos liberta e faz pensar e passa a ser aquilo que nos aprisiona e limita? Hoje em dia, quais são os interesses por trás dos que produzem Arte?

inesgotabilidade: qualidade do que é inesgotável.



ullstein bild/Getty Images

Ernst Cassirer. Fotografia de 1929.

Ernst Cassirer (1874-1945)

Filósofo alemão de origem judaica, deixou a Alemanha após a ascensão de Hitler ao poder, tornando-se professor em universidades na Suécia e, depois, nos Estados Unidos. Dedicou-se a várias áreas, mas de modo especial à Filosofia da cultura. Dentre sua obra, podemos destacar: *Filosofia das formas simbólicas* (1923) e *Ensaio sobre o homem* (1944).

Assim falou Ernst Cassirer

Funções do parlamento

Na percepção sensorial contentamo-nos em apreender os aspectos comuns e constantes dos objetos à nossa volta. A experiência estética é incomparavelmente mais rica, está prenhe de infinitas possibilidades que não são realizadas na experiência sensorial ordinária. Na obra do artista, essas possibilidades tornam-se realidades; são trazidas à luz e tomam uma forma definida. A revelação dessa **inesgotabilidade** dos aspectos das coisas é um dos grandes privilégios e um dos mais profundos encantos da arte.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 238.

No detalhe

- Considerando o conceito de "experiência estética" de Ernst Cassirer, descreva sua experiência diante da obra *Guernica*.

Não escreva no livro



Mark Green/Alamy/Fotoarena

Mural da obra *Guernica*, na cidade de mesmo nome, no País Basco. Fotografia de 2021. Erguido para rememorar os sessenta anos do bombardeio à comuna que deu o nome à obra, trata-se de uma réplica do mural homônimo pintado por Pablo Picasso.

Espera-se que os estudantes tragam exemplos para aprofundar a compreensão da importância da arte em nossa vida.

Impulso criativo e harmonia em Nietzsche

Em seu primeiro livro, *O nascimento da tragédia* (1872), o filósofo Friedrich Nietzsche atribuiu à arte um papel central na cultura humana. Estudando a Antiguidade grega, ele afirmou que a criatividade e a beleza daquela civilização se deviam à sua capacidade de articular duas forças que, em princípio, são opostas. Inspirado na Mitologia grega, nomeou essas duas forças.

Ele chamou de apolíneo (relativo ao deus Apolo) o princípio que representa a razão como uma beleza harmoniosa e comedida, organizada. E denominou dionisíaco (relativo ao deus Dioniso) o princípio que representa a embriaguez, o caos, a falta de medida, a paixão. Para Nietzsche, nenhuma arte pode ser puramente apolínea (centrada na razão e na harmonia) nem puramente dionisíaca (centrada na desordem criativa e no excesso).

A criação humana depende da articulação dos dois princípios, uma vez que o dionisíaco nos dá o princípio criativo e o apolíneo nos dá a ordem e a harmonia necessárias para a produção de algo belo. Para Nietzsche, é a Arte, com suas forças de criação, que nos faz plenamente humanos, pois ela nos dá a oportunidade de produzir a própria vida, construindo o que somos à medida que vivemos.



Bettmann/Corbis/Getty Images

Nietzsche. Fotografia de 1875.

Friedrich Nietzsche (1844-1900)

Filósofo alemão, era crítico radical do pensamento moderno e do cristianismo. Defendeu a Filosofia como uma educação de si mesmo, um processo constante de autossuperação. Em sua obra, destaca-se *Assim falou Zaratustra* (1883-1885).

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Apolo e Dioniso

Na Mitologia grega, Apolo é filho de Zeus e Leto. Representa a beleza, a perfeição, a harmonia, o equilíbrio e a razão. Protege os marinheiros, os pastores e os arqueiros.

Dioniso é filho de Zeus e da princesa Sêmele. Representa os ciclos vitais, o vinho e as festas. O culto a Dioniso deu origem ao teatro grego.

Na teoria de Nietzsche, as duas forças precisam estar em equilíbrio, para que haja criação.

> Apenas os artistas, especialmente os do teatro, dotaram os homens de olhos e ouvidos para ver e ouvir, com algum prazer, o que cada um é, o que cada um experimenta e o que quer; apenas eles nos ensinaram a estimar o herói escondido em todos os seres cotidianos, e também a arte de olhar a si mesmo como herói [...] – a arte de se "pôr em cena" para si mesmo.
>
> NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 106.

1. Como você compreende a articulação dessas duas forças criadoras?

2. Por que as duas são necessárias?

3. Explique, a partir do trecho citado de Nietzsche, por que a Arte possibilita que olhemos para nós mesmos.

1. Espera-se que os estudantes sejam capazes de compreender que o apolíneo representa a ordem e a beleza e que o dionisíaco, a força apaixonada que impulsiona a criação.

2. As duas são necessárias porque, se tivermos a presença de apenas uma delas, haverá desequilíbrio. A força dionisíaca impulsiona a criação, mas, se não for contida pela racionalidade apolínea, perder-se-á. Por outro lado, se tivermos apenas a racionalidade, não conseguiremos criar, justamente porque faltará o impulso criativo.

3. Segundo Nietzsche, quando assistimos a um espetáculo de teatro, por exemplo, o desenrolar da história nos faz pensar sobre nós mesmos, colocando-nos no lugar dos personagens. Isso também vale para quando lemos um livro ou assistimos a um filme.

Arte e criação

1. A arte nos leva a repensar o mundo porque nos coloca em contato com a multiplicidade das coisas. Ela nos permite ver o que habitualmente não vemos, possibilitando uma relação mais profunda com tudo o que nos cerca.

Ao relacionar-se com o mundo, assim como qualquer pessoa, o artista experimenta sensações boas ou ruins, que o afetam, o mobilizam, deixam nele alguma marca. Mas, diferentemente daqueles que não são artistas, ele é capaz de transformar as percepções e os sentimentos em algo – uma música, uma pintura, uma escultura, um poema ou outro tipo de arte – que condensa esse estado.

O público, quando entra em contato com o objeto artístico, pode ser afetado por essa obra, que pode gerar sensações boas, não tão boas ou mesmo ruins. Por essa razão, **Gilles Deleuze** (1925-1995) e **Félix Guattari** (1930-1992), quando tratam da potência criativa da Arte em *O que é a filosofia?* (1991), afirmam que aquilo que o artista cria, a obra de arte, é um "bloco de sensações". A obra traz em si as sensações do artista, sendo capaz de provocar novas sensações nas pessoas.

Os sentimentos da pessoa que vive a experiência da obra de arte, também chamada de **fruição**, não são necessariamente os mesmos do artista. Cada um tem as próprias percepções e uma mesma obra pode provocar reações muito diferentes nas diversas pessoas que entram em contato com ela.

Por exemplo, diante de um trabalho de Jackson Pollock (1912-1956), em que o artista pintou de forma intensa, jogando tinta sobre a tela e formando composições bastante inusitadas, algumas pessoas veem não mais do que borrões de tinta; outras podem analisar as cores utilizadas, a composição de tons e formas, a intensidade de cada jato de tinta que foi arremessado e sentir alegria, tristeza, angústia, raiva ou admiração.

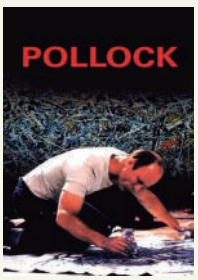
fruição: ato de desfrutar, aproveitar; beneficiar-se dos prazeres da arte.



Laiotz/Shutterstock

Exposição sobre Pollock no Museu Metropolitano de Arte de Nova York. Fotografia de 2023. A intensidade da experiência estética das obras de Pollock prende a atenção das pessoas.

Favoritos



Reprodução/Brant-Allen/Fred Berner Films

Pollock, Estados Unidos, 2000. Direção: Ed Harris (117 min).

Com base na biografia do pintor estadunidense Jackson Pollock, o filme faz uma reflexão sobre a vida do artista e as reações do público perante suas obras.

Retome

Não escreva no livro

1. Descreva em qual sentido a Arte nos leva a repensar o mundo em que vivemos.
2. Aponte em que medida a Arte é criadora, tanto para o artista quanto para quem entra em contato com a obra

2. O artista cria uma obra, colocando nela as suas sensações. Quando entramos em contato com essa obra, ela produz também em nós sensações, não necessariamente as mesmas do artista. Por isso, aquele que se relaciona com a obra também a está criando, na medida em que elabora as sensações que são produzidas por esse contato.

Mundo digital

Ciência e Arte digital

Interdisciplinaridade
com Linguagens

Arte digital é a manifestação artística produzida por meio de recursos eletrônicos avançados, que permitem a criação e a modificação das obras dentro de um ambiente virtual.

Hoje é possível utilizar a inteligência artificial (IA) como ferramenta para edição e "criação" de imagens, textos e sons. Porém, a IA não cria do zero, ela precisa de um repertório prévio para oferecer seus resultados.

A IA busca esse conhecimento em bancos de dados acumulados em anos de existência da internet. Além disso, seu trabalho envolve uma série de técnicas e algoritmos complexos – uma área da Ciência da computação.

Artistas de diferentes segmentos estão se pronunciando sobre o uso da IA para a criação de todo tipo de arte. Eles argumentam que seus trabalhos estão sendo utilizados sem autorização no treinamento dessa tecnologia e que as oportunidades de trabalho estão diminuindo.

Em matéria da BBC News Brasil sobre a questão, publicada em 2024, a ilustradora Lúcia Lemos relatou a declaração de um antigo cliente, que afirmou não valer mais a pena contratá-la, pois a IA poderia fazer os desenhos para ele de maneira muito mais rápida.

Porém, como sabemos, a IA é treinada a partir da arte produzida por pessoas, então de quem são essas produções? Ou até podemos considerar essa produção como arte?

Atividades

Não escreva no livro

1. Faça uma pesquisa sobre arte gerada por inteligência artificial para entender, em linhas gerais, como funcionam esses algoritmos que a produzem. Explore as ferramentas de IA mais conhecidas para a criação de imagens de acordo com a resposta.
2. Com base na pesquisa feita, debata com os colegas se, para você, a arte gerada por IA pode ser considerada uma arte verdadeira.
3. Para manter um registro do trabalho, crie com os colegas um *blog* da turma e compartilhe sua pesquisa, acompanhada de um breve comentário sobre suas conclusões após o debate da atividade anterior.

1. O foco da atividade não é efetuar uma pesquisa profunda sobre o funcionamento da IA, mas dar subsídios para que os estudantes entendam o funcionamento da ferramenta. A IA utiliza enormes bancos de dados de imagens, processando-as junto de suas descrições, para entender padrões, formas e estilos – isso é chamado de treinamento da IA. Quando gera uma imagem, ela articula essas informações, combinando os dados que acumulou durante o treinamento.

2. Estimule o debate e o exercício de argumentação dos estudantes. Por ser um tema recente e complexo, é difícil ter uma opinião consolidada. A proposta é que os estudantes reflitam sobre a humanidade da arte, pensando nas teorias de Nietzsche, Cassirer, entre outros filósofos, e sobre os direitos autorais e a responsabilidade de quem utiliza a IA para criar arte, pois é importante lembrar que a IA é treinada para transformar obras e imagens já existentes, que foram criadas por pessoas.

3. Ofereça *feedback* construtivo após as apresentações, destacando tanto os aspectos técnicos quanto criativos das análises. Essa atividade proporciona uma oportunidade para os estudantes refletirem sobre a interseção entre arte e tecnologia, estimulando uma compreensão crítica e criativa.

Trabalhando com

obra de arte

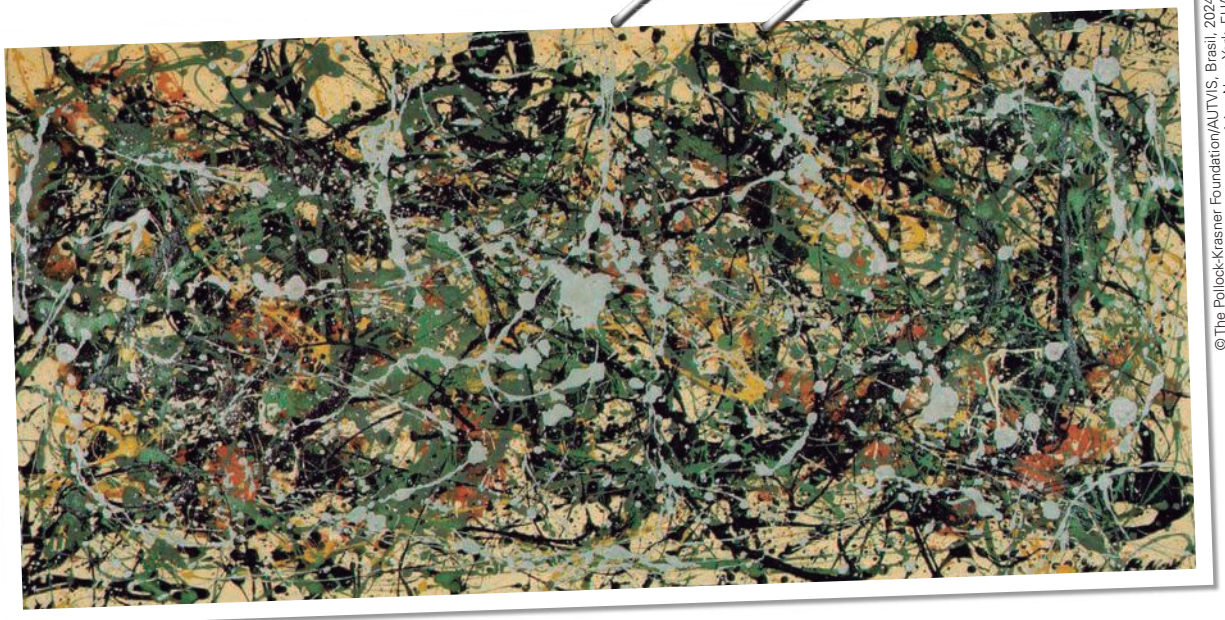
Sentido a tela

A obra de Jackson Pollock é muito particular na história da pintura. Ao ser um tipo de arte que não representa de modo direto aquilo que vemos, ela produz as mais variadas sensações em quem a vê, despertando diferentes opiniões sobre o artista e sua obra.



Rudolph Burckhardt/Sygma/Corbis/Getty Images

Jackson Pollock trabalhando em uma obra. Fotografia de 1950.



© The Pollock-Krasner Foundation/AUTVIS, Brasil, 2024. Reprodução/Neuberger Museum of Art, Nova York, EUA.

Number 8, óleo, esmalte e alumínio sobre tela de Jackson Pollock, 1949. 86,6 × 180, 9 cm.

Atividades

Não escreva no livro

1. Observe atentamente a pintura de Pollock. O que essa obra desperta em você? Descreva suas sensações e procure refletir sobre elas. **1.** Estimule o debate entre os estudantes, ajudando-os a explorar possíveis sensações causadas pela obra.
2. Em grupo, com o auxílio dos professores de Filosofia e Arte, produzam uma pintura com base no "método Pollock". Depois, com os demais grupos da turma, organize uma exposição dessas obras para a comunidade escolar. **2.** Observe em que medida os estudantes são capazes de descrever suas sensações ao analisar a obra e ao pensar sobre elas. É possível, caso considere pertinente, elaborar uma exposição virtual, por meio da criação de um *blog*, inspirada nas releituras feitas pelos estudantes a partir da obra de Pollock.

Galeria de atividades

1. Podemos falar em "Ciência" na Antiguidade? Cite exemplos da produção de um conhecimento sistematizado naquela época.

2. Quais são os dois componentes básicos da Ciência moderna?

3. De acordo com o que foi visto neste capítulo, explique por que a Arte é importante para a vida humana.

4. Faça uma pesquisa (na internet, em bibliotecas, em bancas de jornal) sobre as revistas de divulgação científica disponíveis hoje no Brasil. Escolha um ou mais artigos sobre uma pesquisa atual e, em grupo, preparem uma apresentação para os colegas, para promover uma discussão sobre o tema. A apresentação deve ser precedida pela elaboração, em grupo, de uma análise crítica do artigo ou conjunto de artigos, explicitando:
   - a hipótese ou as hipóteses do autor;
   - o método utilizado na pesquisa;
   - as principais conclusões do texto.

5. No texto a seguir, o antropólogo Claude Lévi-Strauss (1908-2009) rejeita a ideia de uma ruptura absoluta entre o pensamento mítico e a Ciência. Ele afirma que é preciso considerar ambos "em paralelo", pois há mais proximidade entre eles do que supõe a visão comum.

> O pensamento mágico não é uma estreia, um começo, um esboço, parte de um todo ainda não realizado; forma um sistema bem articulado; independente, neste ponto, desse outro sistema que constituirá a ciência [...].
>
> Em lugar, pois, de opor magia e ciência, melhor seria colocá-las em paralelo, como duas formas de conhecimento, desiguais quanto aos resultados teóricos e práticos (pois, sob este ponto de vista, é verdade que a ciência se sai melhor que a magia, se bem que a magia preforme a ciência no sentido de que triunfa também algumas vezes), mas não pelo gênero de operações mentais, que ambas supõem, e que diferem menos em natureza que em função dos tipos de fenômeno a que se aplicam.
>
> Estas relações decorrem, com efeito, das condições objetivas em que surgiram o conhecimento mágico e o conhecimento científico.
>
> LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 2005, p. 28.

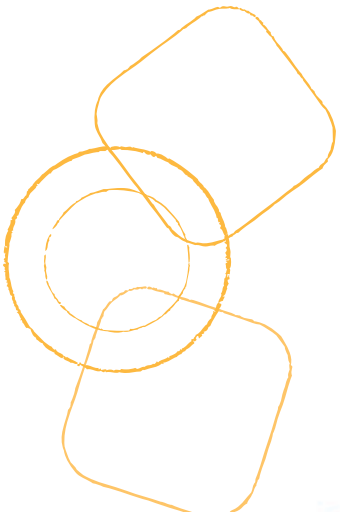
O que você pensa sobre essa questão? Com base em tudo o que estudamos no capítulo, elabore uma dissertação desenvolvendo o seu ponto de vista.

1. Se compreendemos por Ciência o conhecimento produzido por meio do método científico, é evidente que ela não existia na Antiguidade. Mas, se usarmos o termo "Ciência" de forma ampla, significando um conhecimento sistematizado, e não apenas especulativo, é possível falar em Ciência antiga. Como exemplo podemos citar os conhecimentos práticos de Matemática que os egípcios possuíam, assim como sua formulação em teorias pelos gregos, como foi o caso do teorema de Pitágoras ou do teorema de Tales. Outro exemplo são os conhecimentos astronômicos, que eram bastante avançados nas culturas antigas e permitiram a elaboração de teorias sobre o mundo.

2. A Ciência moderna só pode ser compreendida por meio dos polos sujeito e objeto. Só há conhecimento porque há um sujeito que conhece e um objeto que é conhecido. Com base no método, sujeito e objeto se relacionam a fim de produzir conhecimento verdadeiro.

3. A Arte é importante porque por meio dela exercitamos aquilo que é propriamente humano no ser: a faculdade criativa. Somos humanos porque somos capazes de criar, e essa faculdade é mais explorada no universo artístico, de forma que, quanto mais nos dedicamos à Arte – qualquer que seja –, mais nos humanizamos pelo exercício da criação.

4. O objetivo dessa atividade é aproximar os estudantes das revistas de divulgação científica, como *Pesquisa Fapesp*, *Galileu*, *Superinteressante*, *Scientific American Brasil*, entre outras. Sugere-se avaliar nessa atividade a capacidade dos estudantes de identificar nos textos escolhidos as questões relativas ao método científico.



5. Sugere-se centrar a avaliação da dissertação na capacidade de argumentação e na redação dos estudantes.

Enem e vestibulares

1. (Enem)

A lenda diz que, em um belo dia ensolarado, Newton estava relaxando sob uma macieira. Pássaros gorjeavam em suas orelhas. Havia uma brisa gentil. Ele cochilou por alguns minutos. De repente, uma maçã caiu sobre a sua cabeça e ele acordou com um susto. Olhou para cima. "Com certeza um pássaro ou um esquilo derrubou a maçã da árvore", supôs. Mas não havia pássaros ou esquilos na árvore por perto. Ele, então, pensou: "Apenas alguns minutos antes, a maçã estava pendurada na árvore. Nenhuma força externa fez ela cair. Deve haver alguma força subjacente que causa a queda das coisas para a terra".

SILVA, C. C.; MARTINS, R. A.
Estudos de história e filosofia das ciências.
São Paulo: Livraria da Física, 2006 (adaptado).

Alternativa **e**.

Em contraponto a uma interpretação idealizada, o texto aponta para a seguinte dimensão fundamental da ciência moderna:

a) negação da observação.
b) universalização de conclusões.
c) falsificação de teses.
d) contemplação da natureza.
e) proposição de hipóteses.

2. (Enem)

A filosofia é como uma árvore, cujas raízes são a metafísica; o tronco, a física, e os ramos que saem do tronco são todas as outras ciências, que se reduzem a três principais: a medicina, a mecânica e a moral, entendendo por moral a mais elevada e a mais perfeita porque pressupõe um saber integral das outras ciências, e é o último grau da sabedoria.

DESCARTES, R. *Princípios da filosofia*.
Lisboa: Edições 70, 1997 (adaptado).

Essa construção alegórica de Descartes, acerca da condição epistemológica da filosofia, tem como objetivo Alternativa **a**.

a) sustentar a unidade essencial do conhecimento.
b) refutar o elemento fundamental das crenças.
c) impulsionar o pensamento especulativo.
d) recepcionar o método experimental.
e) incentivar a suspensão dos juízos.

3. (Enem)

Texto I

Uma filosofia de percepção que queira reaprender a ver o mundo restituirá à pintura e às artes em geral seu lugar verdadeiro.

MERLEAU-PONTY, M. *Conversas*: 1948.
São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Texto II

Os grandes autores de cinema nos pareceram confrontáveis não apenas com pintores, arquitetos, músicos, mas também com pensadores. Eles pensam com imagens, em vez de conceitos.

DELEUZE, G. *Cinema 1*: a imagem-movimento.
São Paulo: Brasiliense, 1983 (adaptados).

Alternativa **c**.

De que modo os textos sustentam a existência de um saber ancorado na sensibilidade?

a) admitindo o belo como fenômeno transcendental.
b) reafirmando a vivências estética como juízo de gosto.
c) considerando o olhar como experiência de conhecimento.
d) apontando as formas de expressão como auxiliares da razão.
e) estabelecendo a inteligência como implicação das representações.

4. (Unesp-SP)

Ao cunhar a frase "natureza atormentada", no início do século XVII, numa referência ao objeto do conhecimento científico, Francis

Bacon não imaginou que esse ideal iria, no século XXI, atormentar filósofos e cientistas. O "tormento" do mundo natural, para ele, significava conhecê-lo, não pelo saber desinteressado, mas para dominar, transformar e, então, utilizar esse universo da maneira mais eficiente. O berço da ciência moderna trazia a estrutura para que o ideal de controle da natureza pudesse ser realizado. A partir de então, essa relação entre ciência e técnica foi naturalmente se estreitando.

Carlos Haag, "Natureza atormentada", https://revistapesquisa.fapesp.br, agosto de 2005. Adaptado.

De acordo com o tema abordado pelo excerto, o "tormento" gerado em filósofos e cientistas contemporâneos se dá devido à problematização da Alternativa **c**.

a) Eficácia de teorias.

b) Natureza do conhecimento.

c) Noção de progresso.

d) Confiança nos resultados.

5. (UEL-PR)

Um problema filosófico relacionado à Inteligência Artificial diz respeito à possibilidade de que máquinas, tais como robôs humanoides, possam ter consciência, tal qual um humano. Esse problema está, por sua vez, relacionado com a distinção entre o corpo e a mente, ou entre o material e o mental, que foi amplamente discutido por Descartes e Hobbes, dois representantes do debate.

Sobre as relações entre corpo e mente na Filosofia Moderna, assinale a alternativa correta.

Alternativa **c**.

a) Tanto para Descartes quanto para Hobbes toda a realidade é constituída de uma única e mesma substância, a matéria, cuja propriedade fundamental é a extensão.

b) Descartes foi defensor do dualismo, ou seja, a existência de duas substâncias: a mental e a material, enquanto Hobbes defendeu uma posição monista, segundo a qual tudo o que existe é matéria.

c) Descartes e Hobbes foram, ambos, defensores do dualismo de substâncias, teoria que afirma que toda a realidade é composta das substâncias mental e material.

d) Enquanto Descartes defendia que a matéria era a única substância efetivamente existente, para Hobbes tanto mente quanto matéria fazem parte da realidade.

e) Descartes e Hobbes defendiam a interação entre a mente e a matéria, sendo que a propriedade fundamental da primeira é o pensamento, e a da segunda, a extensão.

6. (UEG-GO)

René Descartes (1596-1650), filósofo e matemático francês, é um dos inauguradores da filosofia moderna. Sua concepção integra o movimento de filósofos que promovem a emergência do racionalismo. Descartes desenvolve um método de análise que forneceria os fundamentos do pensamento que prevaleceria na modernidade, que consiste no ceticismo metódico. Com esse método, Descartes: Alternativa **c**.

a) cria uma nova interpretação da teologia com o objetivo de reforçar o catolicismo.

b) fornece as bases para o desenvolvimento de explicações fundadas no senso comum.

c) vê na dúvida o meio de se chegar à verdade, daí emerge sua máxima "penso, logo existo".

d) oferece elementos para a retomada da mitologia como forma de explicar a realidade.

e) faz emergir o irracionalismo que se tornou a base do pensamento pós-moderno.

7. (UECE)

[...] jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; [...] evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.

René Descartes. *Discurso do método*, I. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 37.

Defender a evidência, a clareza e a distinção ao próprio espírito (à própria razão) como primeiro critério do conhecimento verdadeiro expressam uma posição Alternativa **c**.

a) empirista.

b) transcendental.

c) racionalista.

d) dialética.

Debate plural

Filosofar é preciso?

Os dois textos que você lerá a seguir foram escritos em momentos diferentes da história, um na Antiguidade e outro no final do século XX. O primeiro deles define a atividade filosófica como uma atividade contemplativa, e o segundo, como uma atividade criativa.

Filosofar é contemplar as ideias ou criar ideias novas?

O texto a seguir corresponde a um trecho de uma carta escrita pelo filósofo grego Aristóteles, na qual ele convida Themison, rei de uma cidade do Chipre, à prática da Filosofia. Na carta, ele procura construir uma série de argumentos que justifiquem a escolha de dedicar-se à Filosofia. No trecho, ele reflete sobre a necessidade do filosofar.

Texto 1 Por que é preciso filosofar?

Todos admitirão que a sabedoria provém do estudo e da busca das coisas que a filosofia nos deu a capacidade [de estudar], de modo que, de uma maneira ou de outra, é preciso filosofar sem **subterfúgios**. [...]

Há casos em que, aceitando todos os significados de uma palavra, é possível demolir a posição sustentada pelo adversário, fazendo a referência a cada significado. Por exemplo, suponhamos que alguém diga que não é preciso filosofar: pois "filosofar" tanto quer dizer "procurar se é preciso filosofar ou não", quanto "buscar a **contemplação filosófica**", mostrando que essas duas atividades são próprias do homem, destruiremos por completo a posição defendida pelo adversário.

Além do mais, há ciências que produzem todas as comodidades da vida e outras que usam as primeiras, assim como há algumas que servem e outras que prescrevem: nestas últimas, na medida em que são mais aptas a dirigir, está o que é soberanamente bom. Daí – se só a ciência que tem a retidão do julgamento, que usa a razão e que contempla o bem em sua totalidade (isto é, a filosofia) é capaz de usar todas as outras e de lhes dar **prescrições** conformes à natureza – ser preciso, de qualquer modo, filosofar, já que só a filosofia contém em si o julgamento correto e a sabedoria prescritiva infalível.

ARISTÓTELES. *Da geração e da corrupção, seguido de convite à Filosofia*. São Paulo: Landy, 2001. p. 150-151.

subterfúgios: desculpas, evasivas, manobras para evitar dificuldade.

contemplação filosófica: ato de alcançar as ideias por meio do exercício do pensamento racional.

prescrições: recomendações práticas, regras de conduta, normas que definem como algo deve ser.

Uma vez formulada a pequena e complexa questão "O que é a Filosofia?", para chegar à resposta é preciso percorrer caminhos, buscando pistas por meio de outras indagações: "O que é o filósofo?", "O que é o conceito?", "Como é filosofar?". Assim fizeram Gilles Deleuze e Félix Guattari quando escreveram o livro *O que é a Filosofia?*. O texto a seguir é um trecho da introdução dessa obra. Perceba como questionar é um ato importante para a Filosofia, que serve de instrumento ao filósofo durante sua investigação.

2. d) Porque, quando confiamos demasiadamente nos conceitos, eles não nos fazem pensar. Precisamos desconfiar deles, examiná-los com calma e profundidade, para garantir que são confiáveis. Assim torna-se possível recriá-los e alimentar a atividade de criação dos conceitos. Com isso, exercitamos o pensamento.

Texto 2 Assim, pois, a questão...

3. Leia as orientações neste **Manual do Professor.**

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos. [...] Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência. [...] Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam. Nietzsche determinou a tarefa da filosofia quando escreveu: "os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, criá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los. Até o presente momento, tudo somado, cada um tinha confiança em seus conceitos, como num dote miraculoso vindo de algum mundo igualmente miraculoso", mas é necessário substituir a confiança pela desconfiança, e é dos conceitos que o filósofo deve desconfiar mais, desde que ele mesmo não os criou [...]. Platão dizia que é necessário contemplar as Ideias, mas tinha sido necessário, antes, que ele criasse o conceito de Ideia. Que valeria um filósofo do qual se pudesse dizer: ele não criou um conceito, ele não criou seus conceitos? [...]

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* São Paulo: Ed. 34, 1992. p. 13-14.

1. a) Para Aristóteles, a Filosofia é uma atividade própria do ser humano, uma vez que ele é um ser racional e a Filosofia é uma das formas de uso da razão. Filosofar, portanto, é exercitar a faculdade racional própria aos humanos; quanto mais se filosofa, mais humana uma pessoa se torna.

1. b) O texto afirma que a prática da Filosofia nos torna mais humanos. Além disso, afirma que a Filosofia é a única "ciência" capaz de contemplar o bem e usar a razão em sua totalidade; por isso ela é a sabedoria mais completa e deve ser praticada.

Atividades

Não escreva no livro

1. Com base no texto 1, responda às questões a seguir.

a) Considerando o pensamento de Aristóteles apresentado no capítulo, por que é preciso filosofar?

b) Cite duas razões para a prática da Filosofia que aparecem no texto.

c) Por que a Filosofia é a ciência mais completa, segundo o autor do texto?

2. Inspirado pelo texto 2, responda às questões a seguir.

a) O que é a Filosofia?

b) O que é o filósofo e qual é o seu papel na Filosofia?

c) O que quer dizer a seguinte afirmação: "Não há céu para os conceitos"?

d) Por que é preciso substituir a confiança nos conceitos pela desconfiança?

e) Há algo em comum entre desconfiar dos conceitos dados e não aceitar as opiniões como certas e verdadeiras?

2. a) A Filosofia consiste na criação de conceitos que nos ajudam a compreender o mundo e a vida.

2. b) O filósofo é aquele que pensa e, pensando, produz conceitos que nos ajudam a pensar. Por ser o "amigo do conceito", o filósofo tem a potência e a competência para essa atividade de produção.

2. c) Essa afirmação significa que os conceitos não estão prontos, é necessário formulá-los por meio do pensamento; eles precisam ser criados por nós.

2. e) Sim, pois, quando não aceitamos as opiniões, desconfiamos delas e buscamos bases mais sólidas para o pensamento. Se confiássemos nos conceitos, eles seriam semelhantes a opiniões, e não algo que nos faz pensar cada vez mais e melhor.

3. Após a leitura dos dois textos, como você se posiciona diante da pergunta disparadora deste tópico: Filosofar é contemplar as ideias ou criar ideias novas? Com os colegas, organize um debate na turma para confrontar as diferentes posições.

1. c) A Filosofia é a ciência mais completa porque é a única capaz de articular, em uma mesma resposta, o uso da razão e a contemplação do bem. Algumas ciências, segundo Aristóteles, produzem as comodidades da vida; outras usam essas ciências para produzir novos saberes. Além disso, algumas ciências são úteis para nós, enquanto outras são capazes de nos dizer o que fazer. A Filosofia é a única ciência capaz de fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Ciência e Arte na vida humana

Dos dois textos a seguir, o primeiro aborda o pensamento científico e o segundo trata da importância da Arte para o exercício de um pensamento livre. Leia-os atentamente.

Em que medida a Ciência e a Arte tornam a vida humana melhor?

Para pensar cientificamente, precisamos lidar com os conhecimentos e preconceitos já cristalizados, como as opiniões – grande obstáculo a ser removido –, conforme explica o filósofo Gaston Bachelard (1884-1962) no texto a seguir.

Texto 1 A formação do espírito científico

A ideia de partir de zero para fundamentar e aumentar o próprio acervo só pode vingar em culturas de simples justaposição, em que um fato conhecido é imediatamente uma riqueza. Mas, diante do mistério do real, a alma não pode, por decreto, tornar-se ingênua. É impossível anular, de um só golpe, todos os conhecimentos habituais. Diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber. Quando o espírito se apresenta à cultura científica, nunca é jovem. Aliás, é bem velho, porque tem a idade de seus preconceitos. Aceder à ciência é rejuvenescer espiritualmente, é aceitar uma brusca mutação que contradiz o passado.

A ciência, tanto por sua necessidade de coroamento como por princípio, opõe-se absolutamente à opinião. [...] O espírito científico proíbe que tenhamos uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular com clareza. Em primeiro lugar, é preciso saber formular problemas. E, digam o que disserem, na vida científica os problemas não se formulam de modo espontâneo. É justamente esse sentido do problema que caracteriza o verdadeiro espírito científico. Para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 17-18.

Para Nietzsche, apenas quando usamos o "chapéu de bobo" a vida é suportável. Segundo esse filósofo, a Arte nos ajuda a deixar de ser "pesados e sérios" e a experimentar o pensamento livre.



Theo Szczepanski/Arquivo da editora

Texto 2 A gaia ciência

Como fenômeno estético a existência ainda nos é suportável, e por meio da arte nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência para poder fazer de nós mesmos um tal fenômeno. Ocasionalmente precisamos descansar de nós mesmos, olhando-nos de cima e de longe e, de uma artística distância, rindo de nós ou chorando por nós; precisamos descobrir o herói e também o tolo que há em nossa paixão do conhecimento, precisamos nos alegrar com nossa estupidez de vez em quando, para poder continuar nos alegrando com a nossa sabedoria! E justamente por sermos, no fundo, homens pesados e sérios, e antes pesos do que homens, nada nos faz tanto bem como o chapéu do bobo: necessitamos dele diante de nós mesmos – necessitamos de toda arte exuberante, flutuante, dançante, zombeteira, infantil e venturosa, para não perdermos a liberdade de pairar acima das coisas, que o nosso ideal exige de nós. Seria para nós um retrocesso cair totalmente na moral, justamente com a nossa **suscetível retidão**, e, por causa das severas exigências que aí fazemos a nós mesmos, tornamo-nos virtuosos monstros e espantalhos. Devemos também poder ficar acima da moral: e não só ficar em pé, com a angustiada rigidez de quem receia escorregar e cair a todo instante, mas também flutuar e brincar acima dela! Como poderíamos então nos privar da arte, assim como do tolo? – E, enquanto vocês tiverem alguma vergonha de si mesmos, não serão ainda um de nós!

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 132-133 (aforismo 107).

suscetível: que tem tendência para receber influências.

retidão: característica daquilo que é reto. No texto, trata-se de uma retidão moral, retidão de caráter.

Atividades

Não escreva no livro

1. Com base no texto 1, responda às questões a seguir.
   a) O que quer dizer a seguinte afirmação de Bachelard: "Aceder à ciência é rejuvenescer espiritualmente [...]"? Utilize dados do próprio texto e as informações sobre as características da Ciência moderna que você estudou neste capítulo.
   b) Por que, segundo o texto, a formulação do problema caracteriza o espírito científico?
2. Inspirado pelo texto 2, responda às questões a seguir.
   a) Segundo Nietzsche, na Arte as pessoas podem "descansar de si mesmas". O que ele quis dizer com isso?
   b) O aforismo citado fala sobre um "espírito livre". De acordo com sua leitura do texto e a relação entre Filosofia e Arte, responda: Qual é o significado dessa expressão?
3. Com base na leitura dos dois textos, escreva um texto curto no qual você deve refletir sobre a frase: "A Arte e a Ciência nos ajudam a escapar da ingenuidade".

1. a) Bachelard apresenta uma metáfora ao afirmar que ninguém começa a se dedicar à ciência com um espírito jovem. Com isso, quer dizer que o cientista, como qualquer um, traz já em seu espírito um conjunto de ideias e de opiniões que foram se cristalizando ao longo do tempo. Como o essencial da "atitude científica" é colocar em questão tudo isso que já se sabe, buscar o conhecimento científico significa rejuvenescer o espírito.

1. b) Porque não há conhecimento científico sem uma pergunta. A faculdade de perguntar, de propor problemas, é, então, central para a produção do conhecimento científico. Ela é o passo inicial para a construção de qualquer conhecimento no campo da Ciência.

2. a) Para Nietzsche, a Ciência é um conhecimento que faz com que os seres humanos se tornem demasiadamente "sérios" e compenetrados. Ela nos faz seres de certezas, o que nos torna pesados, incapazes de agir de forma leve e descompromissada. A Arte, com seu potencial de criação, nos permite essa leveza e esse "descompromisso". E é nesse sentido que ela nos consente um distanciamento de nós mesmos, como esse ser pesado e sério da ciência. Assim, o exercício da Arte possibilita um descanso da seriedade e do peso da verdade científica.

2. b) Espírito livre é, para Nietzsche, aquele capaz de pensar e de criar por si mesmo, construindo a própria vida.

3. Espera-se que os estudantes sejam capazes de produzir um pequeno texto, como resultado da própria reflexão sobre os dois textos lidos. Ambos os textos falam em saída da ingenuidade, no primeiro, como superação do senso comum pela construção do conhecimento científico; e, no segundo, afirmando que a Arte nos ajuda a ver a vida com mais leveza e diversão.

UNIDADE 2

O que somos?



Em algum momento, o indivíduo pergunta a si mesmo: "Quem sou eu?". A mitologia e a religião, estudadas na primeira unidade, preocuparam-se em buscar respostas a essa inquietação, assim como a Filosofia. Com base nas descobertas de Charles Darwin (1809-1882) e de sua teoria evolucionista, no século XIX, a ciência também se voltou para o tema, constituindo a Antropologia e a Psicologia, que trouxeram suas contribuições para o enfrentamento da questão.

Suponha que a tecnologia nos permita criar androides, seres artificiais iguais a nós. Como distinguiríamos os "verdadeiros humanos" desses seres artificiais? Será que eles se perguntariam sobre sua existência? Esse é o argumento do romance de ficção científica *Androides sonham com ovelhas elétricas?*, de Philip K. Dick, escrito em 1968 e adaptado para o cinema em 1982, com o título *Blade Runner: o caçador de androides*. Como saber quem somos?

Cena do filme *Blade Runner: o caçador de androides*, 1982. Ironicamente, a androide Pris, mais forte e inteligente que o humano J. F. Sebastian, diz a ele: "Eu penso, Sebastian, portanto, eu sou". O que nos faz seres humanos?

2. Respostas pessoais. Em geral, as características que aprendemos pela Biologia são sobre o corpo humano e seu funcionamento. Elas são importantes, mas sozinhas não nos explicam o que é o humano, uma vez que ele é composto de muitas dimensões, além da corporal (física), como a cultural-simbólica e a econômica, entre outras.



Album/Fotoarena

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes articulem seus argumentos de forma coerente, sustentando suas opiniões de maneira racional.

1. Na cena do filme *Blade Runner*, vemos a androide Pris com o engenheiro J. F. Sebastian, que, em suas horas vagas, cria bonecos animados com os quais convive em sua solidão. O que você pensa acerca da capacidade criativa dos seres humanos?

2. A Biologia nos ensina algumas das características do ser humano. Quais conhecimentos de Biologia você considera importantes para compreendermos o ser humano? Por quê?

CAPÍTULO 3

O ser humano quer conhecer a si mesmo

Concepções do humano na história

Como vimos, a investigação da natureza era o centro dos questionamentos dos primeiros filósofos. Foi a partir do século V a.C. que **Sócrates** (c. 469 a.C.-399 a.C.) passou a pensar sobre o ser humano.

Afirma-se, com base nos escritos de **Platão** (c. 428 a.C.-348 a.C.), que ele adotou para sua prática filosófica o lema "conhece-te a ti mesmo", que coloca o ser humano como a fonte e o caminho para a obtenção de todo o conhecimento. Assim, a vida, examinada e investigada por meio da prática da Filosofia, iria se tornar mais digna de ser vivida.

Tempos antigos

Platão foi discípulo de Sócrates e contribuiu para as reflexões a respeito do ser humano. Ele afirmava que somos a união de um **corpo** físico, material, imperfeito e mortal, com uma **alma** imaterial, perfeita e imortal, defendendo um equilíbrio entre ambos. A alma abriga razão e pensamento, por isso deveria guiar o corpo para evitar que a vida se perdesse nas imperfeições físicas. Esse **dualismo psicofísico** baseia-se na ideia de que, controlando os instintos e as paixões do corpo, a alma pode se dedicar às ideias.

Contudo, Platão advertia que o bom uso da alma depende da saúde do corpo, que precisa ser bem cuidado. Um corpo devidamente exercitado possibilitaria que a alma também se exercitasse corretamente, por meio da prática filosófica.

Resposta pessoal. Espera-se que o estudante tome posição por uma concepção monista, afirmando que o ser humano não pode ser dividido em duas – ou mais – esferas; ou uma posição dualista, justificando a divisão entre corpo e alma. Incentive os estudantes a se expressarem livremente, valorizando o respeito e a diversidade, contribuindo para o desenvolvimento de suas habilidades argumentativas. A mediação das trocas pode ser feita pedindo que reflitam sobre como percebem a relação entre corpo e mente: a neurociência poderia contribuir nesse contexto? Existem exemplos de experiências subjetivas que parecem transcender a materialidade? Essas concepções influenciam nossa compreensão da moralidade ou da vida após a morte? Não é necessário que os estudantes encontrem consensos, mas é importante que reconheçam as argumentações e suas fundamentações.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Dualismo psicofísico

Dualismo é uma perspectiva em Filosofia que se opõe ao monismo. Enquanto este último afirma que "tudo é um", o dualismo afirma que a realidade é sempre dividida em duas. Em Platão, por exemplo, encontramos a perspectiva de que há um mundo material e um mundo ideal. Ele é um dualista. O dualismo psicofísico afirma que o ser humano é composto de duas esferas distintas: o corpo e a alma.

- Sua concepção de ser humano é monista ou dualista? Explique e argumente.

Sem se afastar do dualismo corpo-alma platônico, **Aristóteles** (c. 384 a.C.-322 a.C.) avançou nos estudos filosóficos sobre o ser humano. Desenvolveu uma teoria que distingue os vários atributos da alma, sendo a razão o mais importante deles, por ser encontrada apenas nos seres humanos. Definiu o ser humano como um animal racional e político.

Os gregos antigos afirmavam que o ser humano só pensa por meio da linguagem, o que significa que pensamento e linguagem estão entrelaçados. Ao afirmar que o ser humano é um animal racional, Aristóteles também quer dizer que ele é dotado de pensamento e de linguagem. Para designar tal característica, ele usou a palavra grega *logos*, que significa tanto "razão", "pensamento" quanto "palavra", "linguagem".

Dessa primeira definição decorre a segunda: se somos seres de linguagem, se nos comunicamos com aqueles que são iguais a nós, então, com eles compartilhamos a vida. Por isso somos seres sociais, seres políticos, que não apenas têm necessidade de viver em comunidade, mas que só realizam plenamente sua humanidade na vida política.

A palavra **política** tem origem no termo grego *polis*, "cidade", e se relaciona ao modo como os gregos conduziam a vida nas cidades, por meio de debates e discussões públicas. Animal político, então, seria aquele que só consegue realizar seu potencial no âmbito da pólis.



Reprodução/Galeria de Arte de Manchester, Inglaterra

As águas do Lete ao lado das planícies do Elísio, têmpera e ouro sobre tela, de John Roddam Spencer Stanhope, c. 1880. 147,5 × 282,4 cm. Em *A República*, de Platão, encontramos o mito de Er, que narra a jornada das almas rumo à reencarnação. Conduzidas ao rio Lete ("esquecimento", em grego), as almas tinham de beber a água desse rio para se purificar. As almas que bebiam muita água esqueciam mais e se tornavam tolas; as que bebiam menos se tornavam sábias.



Giuliano Gomes/PR Press/Folhapress

Manifestação de estudantes em Curitiba (PR), 2024.

As manifestações estudantis são políticas porque mostram a organização de uma coletividade que se comunica por meio da linguagem e se propõe a debater com a sociedade um tema do interesse de todos.

No detalhe

- A ação política é o que nos torna de fato humanos segundo Aristóteles. Em que medida ações como manifestações de estudantes são uma ação política?

Os principais pensadores renascentistas

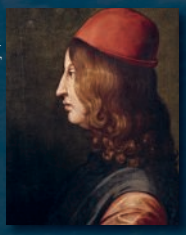
Com a expansão do cristianismo, a Filosofia esteve estreitamente ligada à religião na Europa. A Igreja católica utilizava argumentos filosóficos para reforçar os ensinamentos cristãos. O ser humano era considerado criação e instrumento de Deus. Assim, o mais importante era conhecer aquilo que o criador espera da criatura. A pergunta, então, não era "Quem sou eu?", mas, sim, "Como Deus quer que eu seja?".

Entre os séculos XIV e XVI, a situação começou a mudar. Era a época do Renascimento, movimento que se difundiu na Europa e que voltou a valorizar as qualidades humanas. Pensadores renascentistas propuseram que o centro das preocupações humanas deixasse de ser Deus (teocentrismo) e passasse a ser o próprio ser humano (antropocentrismo), como forma de recuperar a "dignidade humana". Conheça alguns desses pensadores a seguir.



Reprodução/Editora Lafonte

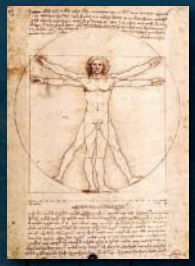
Capa de uma edição brasileira de *A dignidade do homem*, de Giovanni Pico della Mirandola, publicada em 2024.



Reprodução/Galeria Uffizi, Florença, Itália

Giovanni Pico della Mirandola, técnica não informada de Cristofano dell'Altissimo, século XV. Dimensões não informadas.

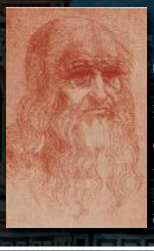
Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494), nobre italiano erudito e polêmico, publicou em 1480 um discurso denominado *A dignidade do homem*, uma das primeiras obras humanistas.



Reprodução/Academia de Belas Artes de Veneza, Veneza, Itália

Homem vitruviano, lápis e tinta sobre papel de Leonardo da Vinci, 1490. 34,6 × 25,5 cm. Com base nos escritos do arquiteto romano Vitrúvio (século I a.C.), Da Vinci desenvolveu esse estudo das proporções humanas, cuja imagem se tornou o símbolo do Renascimento.

Leonardo da Vinci (1452-1519), **polímata** nascido na República de Florença (atualmente Itália), foi uma figura importante do Renascimento. O pensador considerava que ciência e arte não eram excludentes e conseguia mesclar perspectivas de ambos os campos em suas obras de engenharia, por exemplo, que fundiam arte e filosofia natural.



Christophe Cpat/Alamy/Fotoarena

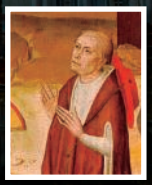
Retrato de um homem com giz vermelho, giz sobre papel de Leonardo da Vinci, c. 1510. 33,3 × 21,3 cm. Pesquisadores da História da arte sugerem que esse seria um autorretrato de Da Vinci feito quando o artista tinha por volta de 60 anos de idade.

polímata: indivíduo que estuda ou que detém conhecimento de diversas áreas.



Reprodução/Coleção particular

Frontispício de uma edição de *Da Douta Ignorância*, de Nicolau de Cusa, publicada em 1488.



Hansrad Collection/Alamy/Fotoarena

Nicolau de Cusa, têmpera sobre madeira de Mestre da Vida da Virgem (detalhe do altar na capela do Hospital de São Nicolau), c. 1480. Dimensões não informadas.

Nicolau de Cusa (1401-1464), cardeal católico nascido em Cusa, Alemanha, e fortemente influenciado pela literatura antiga e medieval, sobretudo por escritos neoplatônicos. Escreveu diversas obras, como *Da Douta Ignorância*, de 1440. Defendeu a ideia de que o saber humano está dividido entre aquele conferido por Deus e outro de origem racional.

1463

1452

1401

O espaço entre as datas não é proporcional ao intervalo de tempo.

Não escreva no livro

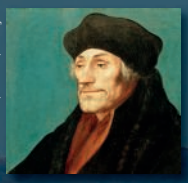
1. Trata-se de uma ruptura porque durante a Idade Média Deus era considerado o centro de tudo, ficando o ser humano em segundo plano.

1. Por que o Renascimento marca uma ruptura com o pensamento medieval?

O Renascimento retomou os saberes antigos para reafirmar a importância e a dignidade do ser humano.

2. Qual é a principal característica da obra *Ensaios*, de Montaigne?

2. A apresentação da diversidade do ser humano, narrada a partir da experiência pessoal do autor.



Reprodução/Museu de Belas Artes, Basel, Suíça.

Erasmo de Roterdã, pintura sobre madeira de tília de Hans Holbein, c. 1530. 18,2 × 14,5 cm.

Erasmo de Roterdã (1466-1536), monge católico nascido nos Países Baixos e crítico da vida monástica. Sua obra mais conhecida é *Elogio da loucura*, de 1509. Para ele, a dignidade do ser humano reside em aceitar-se como tal, agindo de acordo com sua própria consciência. Ser humano é ser louco, mas loucura maior ainda é querer elevar-se além de sua própria condição.

1466



Reprodução/Thomas Fisher Rare Book Library, Toronto, Canadá.

Frontispício de uma edição francesa de *Elogio da loucura*, de Erasmo de Roterdã, publicada em 1728.

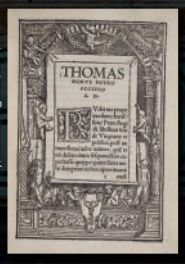


Reprodução/Coleção particular, Nova York, EUA.

Retrato de Sir Thomas More, óleo sobre painel de carvalho de Hans Holbein, o Jovem, 1527. 74,9 × 60,3 cm.

Thomas More (1478-1535), ou Thomas Morus, exerceu vários cargos políticos na Inglaterra, chegando a ser conselheiro do rei Henrique VIII. Católico radical, recusou-se a reconhecer o divórcio do rei, razão pela qual foi condenado à morte. No século XX, foi canonizado pela Igreja católica. Sua principal obra é o diálogo *Utopia*, de 1518, no qual descreve uma fantasiosa sociedade perfeita na ilha de Utopia (em grego, "o não lugar", "o lugar que não existe"), a fim de criticar a situação política e social inglesa.

1478



Reprodução/The Folger Shakespeare Library, Washington, DC, EUA.

Frontispício da primeira impressão de *Utopia*, de Thomas More, publicada em 1518.



Reprodução/Castelo de Versalhes, França.

Retrato de Michel de Montaigne, óleo sobre tela de autor desconhecido, século XVII. Dimensões não informadas.

Michel de Montaigne (1533-1592), pensador francês que desenvolveu um estilo de escrita e pensamento muito particular, no qual sua própria vida e suas preocupações eram o foco. Sua principal obra, *Ensaios*, foi publicada em três livros, entre 1580 e 1588. Não se ocupou em "definir" o ser humano, mas quis apresentá-lo em sua diversidade, discutindo os mais variados temas, como a política, até questões mais subjetivas, como o amor.

1533



Reprodução/Bibliothèque municipale | Bordeaux

Frontispício do terceiro volume de *Ensaios*, de Michel de Montaigne, publicado em 1588.

Domo da Catedral de Santa Maria del Fiore Vista, em Florença, Itália, em 2019. Florença é considerada o berço do Renascimento.

ChiccoDodiFC/Shutterstock

Tempos modernos

A ênfase no ser humano marcou também o Iluminismo (século XVIII), movimento que reafirmou a capacidade da razão de superar as adversidades do mundo. Podemos perceber a importância dada ao conhecimento na *Enciclopédia*, volumosa coleção que visava sistematizar todo o saber humano da época e que foi escrita com a colaboração de inúmeros pensadores iluministas. **Voltaire** foi um dos grandes entusiastas do progresso das ciências, das artes e do suposto avanço da civilização europeia, acreditando que as luzes haviam chegado para acabar com a superstição e o obscurantismo.



Reprodução/Coleção particular

Voltaire (1694-1778)

Pseudônimo de François-Marie Arouet. Foi um incansável defensor da liberdade de pensamento e de expressão e um dos pensadores mais influentes do século XVIII em toda a Europa. É autor de uma vasta obra na forma de contos, peças de teatro, poesia, tratados filosóficos e cartas. Entre seus trabalhos mais conhecidos estão *Cândido, ou o otimismo* (1759), *Tratado sobre a tolerância* (1763) e *Dicionário filosófico* (1764).

Retrato de Voltaire, óleo sobre tela de Maurice Quentin de la Tour, 1736. 62 × 51 cm.

1. O dualismo psicofísico consiste na afirmação de que o ser humano é um ser duplo, constituído de um corpo físico e de uma parte espiritual, psíquica. Nessa visão, não faz sentido pensar o ser humano como puramente corpo ou puramente alma; ele só pode ser compreendido como a união dessas duas instâncias, intimamente.

Com a Revolução Industrial do século XIX, ganhariam forma as preocupações com a "desumanização" trazida pelas técnicas e com a exploração do ser humano pelo ser humano na sociedade capitalista. Assim, a razão ganhava uma posição renovada na Filosofia, sendo vista como necessária à crítica dos efeitos de sua própria aplicação. Os avanços científicos nos séculos XIX e XX, sobretudo com a formação das várias Ciências Humanas, também trouxeram conhecimentos que atribuíram novo significado às reflexões sobre o ser humano no campo da Filosofia.

2. Os gregos antigos evidenciaram as relações entre racionalidade e política. No período medieval, o ser humano era pensado como criação e instrumento de Deus. No Renascimento, retomou-se a importância do ser humano. A partir do final do século XIX, teremos o desenvolvimento das Ciências Humanas.

Retome

Não escreva no livro

1. O que é o dualismo psicofísico? Como ele caracteriza o ser humano?
2. Como o conhecimento sobre o ser humano transformou-se ao longo da história?

Natureza humana ou condição humana?

Na busca pelo sentido do humano, uma pergunta frequente é: O que há em nós que nos faz humanos? Qual é a natureza humana? Nessa pergunta está implícita a ideia de que existe uma essência humana que nos torna únicos.

Aristóteles ressaltou que os humanos são seres racionais e, se somos dotados de uma natureza humana, significa que já nascemos com ela. O que fazemos ao longo de nossa vida é transformar em ato essas potencialidades que carregamos desde o nascimento.

No decorrer do tempo, alguns filósofos compreenderam a realização das potencialidades humanas de formas diversas: usar a linguagem e a razão (*Homo sapiens*); estabelecer relações econômicas (*Homo economicus*); conseguir criar, fabricar (*Homo faber*); trabalhar (*Homo laborans*); brincar, jogar (*Homo ludens*); ou, então, o conjunto de todos esses aspectos.

Outros filósofos, porém, não foram convencidos pela ideia de uma suposta natureza humana. Eles afirmaram que o ser humano não é definido por uma característica universal, mas por aquilo que cada um faz de si mesmo, de acordo com as realizações humanas no mundo. Eles tiraram o foco da definição pela **essência** humana e o colocaram na **existência**.

Nessa perspectiva, não há nada universal que defina o ser humano, e só podemos compreendê-lo observando como vive e se relaciona com seus iguais e as coisas do mundo. Para saber o que o define, seria mais importante estudar a **condição humana** do que uma suposta natureza humana.



Natureza humana/Vida, morte, instalação em tubo de neon com estruturas de suspensão tubular de vidro transparente de Bruce Nauman, 1983. 182,9 × 10,2 cm. Ao redor, estão escritos em inglês três pares de palavras: "vida e morte", "amor e ódio", "prazer e dor". No centro da peça, aparecem repetidamente os termos: "humano","animal" e "natureza".

© 2018 Bruce Nauman / Artists Rights Society (ARS), New York/AUTVIS 2024

Essa condição refere-se aos fatores históricos e sociais em meio aos quais o ser humano vive e, sobretudo, suas ações sob influência do meio, sendo capaz de produzir novas condições. Na ideia de condição humana há uma abertura de sua compreensão, que está de acordo com a diversidade de ações. Os filósofos que pensam em termos de condição humana colocam muito mais ênfase na investigação da existência, pois assim podemos conhecer o ser humano mais profundamente.



FrentaN/Shutterstock

Toda semente tem a potência para se transformar em planta. Assim, o devir é a ação de um ser, que vai do ato, de sua forma de ser atual (semente), à realização da potência nele contida, isto é, ao que ele pode vir a ser no tempo (planta).

No detalhe

Não escreva no livro

- Analise a fotografia dos vasos de plantas e leia a legenda. Você concorda com essa definição sobre ato e potência? Converse sobre o tema com os colegas e o professor. Resposta pessoal. Espera-se que o estudante perceba o foco dado à **essência** humana, que, mais tarde, seria transferido para a **existência** humana, e possa opinar sobre o assunto.

Hannah Arendt e a condição humana

A filósofa contemporânea **Hannah Arendt**, por exemplo, compreendia essa condição como o exercício do que denominou uma *vita activa* ("vida ativa"), que se desdobra nas três atividades humanas fundamentais: o trabalho, a obra e a ação. O trabalho é a atividade relacionada às necessidades básicas do ser humano, à sua sobrevivência biológica. A obra é a atividade da existência, que consiste em transformar a natureza e criar cultura. A ação é a atividade política, aquilo que os indivíduos realizam entre si. A cada uma dessas atividades corresponde uma condição humana. Ao trabalho corresponde a própria vida, pois ela é necessária para a realização de todas as atividades. À obra corresponde a mundanidade, na medida em que os seres humanos criam um mundo por meio da cultura e é o mundo que possibilita a obra. À ação, por fim, corresponde a pluralidade, pois ela é requisito para que a política possa ser feita por todas as pessoas.



Fred Stein Archive/Archive Photo

Hannah Arendt (1906-1975)

Filósofa alemã de origem judaica, naturalizada estadunidense em 1951, foi aluna de importantes pensadores do início do século XX, como Heidegger, Husserl e Jaspers. Foi vítima do nazismo, mas conseguiu fugir de um campo de concentração. Exilou-se em países europeus no início da década de 1930 e, a partir de 1941, nos Estados Unidos, onde viveu até sua morte. Em sua obra, destacam-se *As origens do totalitarismo* (1951), *A condição humana* (1958) e *A vida do espírito* (1971).

Hannah Arendt em 1949.

A **condição humana** é o que nos possibilita que, exercendo uma vida ativa, sejamos humanos de fato. Contudo, ressaltou Arendt, essa noção não explica, não define o que somos. Ela nos influencia e nos mostra um horizonte no qual construímos nossa vida, mas não nos determina de modo absoluto, como uma natureza humana. Esta só poderia ser conhecida do ponto de vista de uma divindade, de um ser que estivesse acima dos humanos; já as condições humanas podem ser conhecidas, proporcionando às pessoas o referencial dentro do qual podem se mover e criar.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

A condição humana

Leia o excerto a seguir, no qual Hannah Arendt explica o conceito de **condição humana**.

> Para evitar erros de interpretação: a condição humana não é o mesmo que a natureza humana, e a soma total das atividades e capacidades humanas que correspondem à condição humana não constitui algo que se assemelhe à natureza humana. Pois nem aquelas que discutimos neste livro nem as que deixamos de mencionar, como o pensamento e a razão, e nem mesmo a mais meticulosa enumeração de todas elas, constituem características essenciais da existência humana no sentido de que, sem elas, essa existência deixaria de ser humana.
>
> ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 11-12.

- Em sua opinião, por que a filósofa considerou importante diferenciar condição humana de natureza humana?

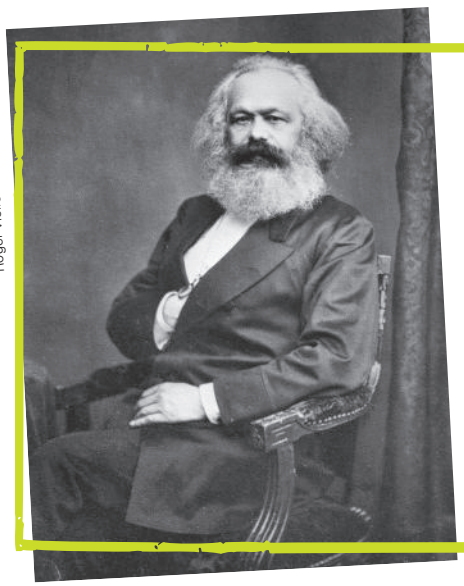
Resposta pessoal. Espera-se que o estudante comente que, para Arendt, a condição humana nos mostra um caminho e nos influencia, mas não nos determina, como uma natureza humana inescapável. Essa diferença é importante para compreender o que defende a autora.

Condição humana: a alienação

Outro filósofo que já havia refletido sobre a natureza e condição humana é o alemão **Karl Marx**. No entanto, Marx procurou integrar as visões de tal distinção. Em seu texto *Manuscritos econômico-filosóficos,* propôs que, para compreender o ser humano, é necessário investigar ambas as perspectivas.

Por natureza humana, são considerados os aspectos biológicos, anatômicos, fisiológicos e psicológicos que se expressam no aspecto material da vida cotidiana. O pensamento marxista distingue entre uma natureza humana geral, que são os aspectos invariáveis, e uma natureza humana modificada de cada época histórica.

Para Marx, o ser humano constrói a si mesmo por meio do trabalho e, conforme se constrói, ele se modifica. O trabalho, nesse sentido, remete a todo tipo de criação, produção e transformação que o ser humano é capaz de empreender no mundo. A construção de si é feita por meio de uma espécie de "matéria-prima", que é o próprio ser humano, e essa "matéria-prima" permanece sempre igual. Daí a possibilidade de falar em uma natureza humana. Na medida em que, ao trabalhar e transformar a natureza, o ser humano também se modifica, é o trabalho que o faz ser um humano.



Roger Viollet Collection/Getty Images

Karl Marx (1818-1883)

Filósofo alemão e um dos mais eminentes intelectuais do século XIX. Sua obra, em parte escrita em parceria com outro pensador alemão, Friedrich Engels (1820-1895), inspirou as lutas pelos direitos humanos e trabalhistas e a concepção do comunismo moderno. Escreveu diversos livros, entre os quais o *Manifesto do Partido Comunista* (1848), com Engels, e sua principal obra, *O capital* (que começou a ser editada em 1867 e só teve sua publicação concluída completamente depois da morte de Marx).

Karl Marx em 1865.

Por **condição humana**, nos escritos de Marx, entende-se a situação concreta vivida por homens e mulheres, bem como as características que eles assumem em cada momento histórico. Na sociedade capitalista do século XIX, Marx afirmava que a condição humana era a **alienação** no processo do trabalho ou o **trabalho alienado**.

Marx denominava **trabalho alienado** aquele que acontece no capitalismo industrial, no qual, em razão da divisão de funções entre os trabalhadores, cada trabalhador não conhece o processo geral do trabalho. Ele não tem condições de compreender como a atividade que ele realiza se encaixa no processo de produção. Outro aspecto é que aquilo que o trabalhador produz não pertence a ele, mas ao dono da fábrica. Sob essa ótica, o trabalhador perde sua "humanidade" no processo do trabalho, uma vez que se empenha na produção de algo que não pertence a ele. Em suas obras de maturidade, como *O capital*, Marx denominou esse processo **reificação**, termo oriundo da palavra latina *res*, que significa "coisa".

O trabalho deixa de ser fonte de humanização e passa a ser, então, um processo de "coisificação" do trabalhador; deixa de ser um processo de transformação da natureza e perde a possibilidade de ser algo criativo, convertendo-se em um processo mecânico e repetitivo. O trabalho já não é aquilo que faz do ser humano plenamente humano, tornando-o um **animal** como qualquer outro.



Future Publishing via Getty Images

Trabalhadoras de fábrica de meias em Funan, China, 2022. Os preços baixos dos produtos fabricados na China muitas vezes se devem ao baixo custo com mão de obra. É comum que os trabalhadores atuem em longas jornadas e sejam mal remunerados por elas.

No detalhe

Não escreva no livro

- Analise a fotografia e a relacione ao pensamento de Marx para explicar por que a alienação nos fazer perder a humanidade.

A alienação implica a perda da humanidade porque o ser humano executa o trabalho de forma mecânica, não criativa, sem planejamento e sem saber a finalidade e o resultado do trabalho. Assim, ele perde a principal característica humana, que é a criatividade para transformar a natureza.

Segundo Marx, se foi a humanidade quem produziu a desumanizante condição humana do capitalismo, os próprios seres humanos devem transformar essa condição, superando o trabalho alienado. Para ele, isso só pode ser alcançado por meio da abolição da propriedade privada dos meios de produção.

Dessa forma, seria possível retomar o processo de autoconstrução do humano, a criação coletiva e histórica daquilo que chamamos **natureza humana** e que os seres humanos produzem cotidianamente em suas relações consigo mesmos, com os outros e com o mundo.

Favoritos

Tempos modernos, Estados Unidos, 1936.
Direção: Charles Chaplin (87 min).

De forma bem-humorada, o filme conta a história de um trabalhador de fábrica e suas dificuldades para lidar com as péssimas condições do trabalho fabril no início do século XX. Chaplin se inspirou largamente nas ideias e nos movimentos de sua época que criticavam o capitalismo, sistema de organização social e econômica vigente até hoje.



Reprodução/CC Film Corp./Continental

Assim falou Karl Marx

Humano ou animal?

[...] a atividade do trabalhador não é sua própria atividade espontânea. É atividade de outrem e uma perda de sua própria espontaneidade.

Chegamos à conclusão de que o homem (o trabalhador) só se sente livremente ativo em suas funções animais – comer, beber e procriar, ou no máximo também em sua residência e no seu próprio embelezamento –, enquanto em suas funções humanas se reduz a um animal. O animal se tornou humano e o homem se torna animal.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. *In*: FROMM, Erich. *O conceito marxista do homem*. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 94.

Retome

Não escreva no livro

1. Como Hannah Arendt pensou a condição humana?
2. Por que, segundo Karl Marx, a condição humana no capitalismo é a alienação?

1. Arendt pensou a condição humana como o exercício da vida ativa na articulação de três elementos: o trabalho para a manutenção da vida orgânica; a obra como produção de cultura, pensada como transformação da natureza; e a ação como atividade política na vida em comunidade.

2. Segundo Marx, o trabalho, entendido como transformação da natureza e atividade criativa, é fonte de realização humana. Porém, na sociedade capitalista, realiza-se um trabalho alienado, no qual os trabalhadores não têm controle sobre o processo de produção nem sobre os produtos que criam, resultando em uma desconexão entre o trabalhador e sua própria humanidade, pois o trabalho, que expressaria a criatividade humana, torna-se desumanizante. Por isso, a alienação é a condição humana nessa sociedade, algo que nos afasta daquilo que é humano.

A filosofia da existência

No século XX, o pensamento sobre o ser humano assumiu novas perspectivas com as concepções dos filósofos Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre. As raízes dessas ideias surgiram um século antes, sobretudo com **Søren Kierkegaard** (1813-1855) e **Friedrich Nietzsche** (1844-1900).

Na primeira metade do século XIX, Kierkegaard afirmou que, para compreender a vida humana, o filósofo deve pensar sobre a própria vida. Ele produziu uma filosofia, de certo modo, como reação ao pensamento de **Friedrich Hegel** (1770-1831), que considerava que nossas escolhas seriam, em grande parte, determinadas por condições históricas. Kierkegaard refutou essa afirmação dizendo que nós somos livres para exercer nossa vontade, prevalecendo o fator subjetivo. Diante dessa liberdade de escolha, o ser humano viveria um constante sentimento de apreensão, de angústia. Tais conclusões serviram de base para a construção da filosofia existencialista, no século XX.

Na segunda metade do século XIX, Friedrich Nietzsche reafirmou que o sentido da Filosofia é a interrogação sobre a própria vida. Para Nietzsche, todo ser humano é um estranho para si mesmo e, por isso, a prática filosófica precisa orientar-se para uma investigação da existência humana cotidiana. Ele acreditava que a razão e os instintos precisam conviver e um não deve sobrepor o outro.

Nietzsche pretendia destruir as concepções tradicionais e revalorar todos os valores, recobrando a importância da vida real e do mundo em que vivemos. Para ele, a vida não tem um sentido definido de antemão; seus sentidos são construídos por nós mesmos conforme vivemos. Com sua postura contestadora, Nietzsche abriu uma janela para a ilimitada possibilidade humana.



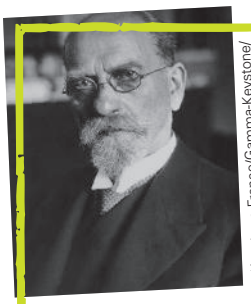
CARL DE SOUZA/AFP/Getty Images

O homem que caminha, escultura de bronze de Alberto Giacometti, 1961. 183 × 26 x 95,5 cm. O tema do existencialismo é marcante em obras de Giacometti. Nessa escultura, ele apresenta um rosto mal definido e explora os desafios com os quais os seres humanos precisam lidar em um mundo cheio de conflitos e desastres naturais.

Heidegger: em busca da essência

No século XX, período em que ocorreram duas guerras mundiais, a Filosofia procurou novos caminhos para pensar sobre a humanidade. Um deles desembocou na corrente denominada **existencialismo**, desenvolvida a partir do enfoque na vida humana herdado do século XIX.

O método utilizado por essa corrente se denomina **fenomenologia**, uma forma de analisar a realidade com base nas percepções de cada indivíduo. **Edmund Husserl** criou esse método com o objetivo de procurar desvendar a essência das coisas e dos seres. O objeto de estudo da fenomenologia é o fenômeno, isto é, a aparição das coisas à consciência, a ideia imediata que concebemos sobre algo. Com base na análise dos fenômenos da consciência, podemos chegar às essências, àquilo que permanece inalterado, que são as coisas em si mesmas.



Keystone-France/Gamma-Keystone/Getty Images

Edmund Husserl em 1932.

Edmund Husserl (1859-1938)

Matemático e filósofo austríaco, cuja produção intelectual se deu na Alemanha. Sua principal realização foi a criação do método fenomenológico, adotado por diversos filósofos do século XX. Recebeu grande influência de Franz Brentano (1838-1917) na Universidade de Viena. Entre as obras que publicou, estão: *Investigações lógicas* (1901), *Filosofia como ciência rigorosa* (1911), *Ideias para uma fenomenologia pura* (1913) e *Meditações cartesianas* (1931).

Trabalhando com Lógica

Como construímos um argumento? A dedução é uma operação lógica fundamental que pode ser utilizada para isso. Ela consiste em tirar conclusões a partir de algumas ideias gerais.

Num raciocínio dedutivo, chamamos de premissas as ideias gerais das quais partimos para chegar a uma conclusão. Desse modo, precisamos sempre ter algumas premissas para que seja possível deduzir uma conclusão. Segundo as regras da lógica formal, a conclusão nada pode acrescentar às premissas, sob o risco de invalidar o argumento.

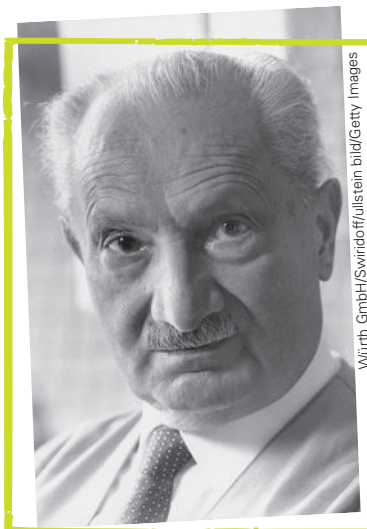
O tipo mais comum de dedução é aquele no qual produzimos uma conclusão sobre um caso específico a partir de ideias gerais. Observe o seguinte raciocínio:

- Todo planeta gira em torno de uma estrela. [premissa 1]
- A Terra gira em torno do Sol. [premissa 2]
- O Sol é uma estrela. [premissa 3]
- Logo, a Terra é um planeta. [conclusão]

Temos três premissas: uma que afirma um princípio geral e duas que inserem casos particulares. Dessas premissas, extraímos uma conclusão. Note que a conclusão não acrescenta nada às premissas. No exemplo, deduz-se uma característica do planeta Terra a partir daquilo que foi exposto antes.

Martin Heidegger adotou alguns aspectos do método fenomenológico para investigar a existência humana. Primeiro, distinguiu ser e ente. Para ele, tudo o que existe é um ente – uma mesa, um livro, um cão, um humano. O ser é o único ente que tem a faculdade de questionar a respeito de si mesmo: o ser humano. Para ele, a existência torna-se a via de acesso ao ser, no qual, de fato, está a essência humana. Por essa razão, Heidegger resistiu a ser classificado de "filósofo existencialista". A essência humana que ele buscava se relaciona a uma consciência de si e denota o caráter subjetivo da reflexão realizada por esse filósofo.

Há algumas características existenciais investigadas por Heidegger que definem a condição humana. Heidegger as denominou: ser-no-mundo, ser-com e ser-com-os-outros. O ser humano é um ser-no-mundo porque não pode ser separado dele, e sua tomada de consciência ocorre em meio a suas vivências, a partir do momento em que se projeta no mundo. Uma vez no mundo, torna-se um ser de relações (ser-com); e é também um ser-com-os-outros, pois se relaciona com as coisas e também com outros seres humanos.



Würth GmbH/Swiridoff/ullstein bild/Getty Images

Martin Heidegger (1889-1976)

Filósofo alemão, Heidegger estudou com Edmund Husserl e depois se tornou seu assistente. Foi professor em algumas universidades alemãs, tendo se tornado reitor da Universidade de Freiburg. Dos seus muitos livros, destacam-se: *Ser e tempo* (1927), *Que é Metafísica?* (1929), *Que é isto – a Filosofia?* (1956), *Nietzsche* (1961) e *Heráclito* (1970).

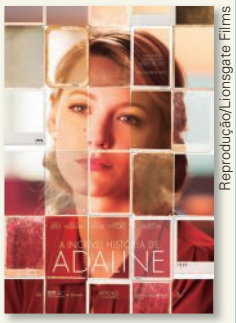
Heidegger em 1960.

Heidegger afirmava ainda que o ser humano é livre porque é capaz de fazer escolhas e traçar rumos e futuros mesmo que tenha sido lançado em algo que, a princípio, não escolheu. Nesse sentido, não caberia falar em natureza humana, já que não há nada que determine sua existência.

Na verdade, a essência do humano é a indeterminação. O fundamento da liberdade humana é essa consciência de mundo, por meio da qual o ser humano é capaz de julgar os atos e escolher entre todas as opções de que dispõe.

Outra característica do ser humano é que ele vive a dimensão da temporalidade e descobre-se como um ser-para-a-morte. Somos seres finitos, vivemos no tempo. Nesse sentido, a morte não é apenas o fim da vida, mas atravessa toda a existência, como possibilidade constante e da qual não podemos escapar. Quando o ser humano se descobre no tempo, pode escolher como dar sentido à própria existência. Mas, para Heidegger, o ser humano é invadido pela angústia diante da constatação de que vive para a morte e tem apenas o tempo de uma vida para construir sua história e dar sentido à existência.

Favoritos



Reprodução/Lionsgate Films

A incrível história de Adaline, Estados Unidos, 2015. Direção: Lee Toland Krieger (110 min).

Aos 29 anos, Adaline sofre um acidente e descobre que se tornou imortal. Como pode ter sentido a vida de alguém que não vai morrer? Adaline passa a viver no isolamento, até conhecer alguém que a faz ter vontade de aproveitar a vida novamente.

Sartre: a gratuidade da existência

Para Aristóteles, a essência existe antes mesmo de o ser existir. Ao longo da vida, a essência vai se realizando com a ação. Para compreender isso, pense em uma semente, como a do ipê. A semente traz em si mesma a identidade do vegetal. Sua germinação, seu crescimento e sua transformação em uma árvore florida nada mais são do que a realização de sua essência.

De acordo com **Jean-Paul Sartre**, a filosofia existencial se opõe a essa ideia, no caso do ser humano, e afirma que **a existência precede a essência**. O ser humano não tem uma essência ao nascer, como a árvore; ele vai construindo aquilo que é ao longo de sua vida, de sua existência.

Sartre conheceu os trabalhos de Husserl e decidiu aplicar o método fenomenológico ao estudo da existência humana. Escreveu vários livros sob essa influência, o principal deles *O ser e o nada*, publicado em 1943.

Essa obra retoma o dualismo psicofísico para afirmar que, embora dual, o ser humano é uma unidade inseparável de corpo e consciência, uma vez que um corpo sem consciência não é humano e uma consciência sem corpo é impossível. Para Sartre, há no humano duas modalidades de ser: o corpo é um ser-em-si (que existe em si mesmo, que tem uma identidade) e a consciência é um ser-para-si (que existe para si mesmo, que sabe que existe, mas que não tem uma identidade).



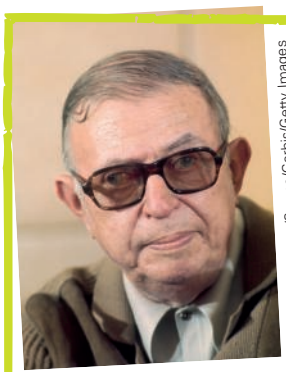
izaias Souza/Adobe Stock

Ipê-amarelo em São Tomé das Letras (MG), 2024. Para Aristóteles, a árvore florida pode representar a realização de sua essência, trazida desde sua semente.

Essa existência dual gera angústia, pois o ser humano anseia ser idêntico a si mesmo (ser-em-si), mas não pode sê-lo; ao mesmo tempo, também não poderia ser pura consciência (ser-para-si), pois, para que haja consciência, é preciso que estejamos no mundo, e só podemos estar no mundo encarnados, por meio do corpo.

Para Sartre, apenas os seres humanos são conscientes e a consciência é o único ser-para-si em meio a um mundo de coisas, de seres-em-si. No caso das coisas, a essência vem em primeiro lugar, fornecendo uma identidade a cada ser. Mas, no caso do ser humano, por ser consciente (ter ciência de alguma coisa é saber; ter consciência é saber que sabe), a existência é anterior à essência. Isso significa que primeiro existimos, somos lançados no mundo, para que depois possamos ser alguma coisa. Nascemos sem essência e sem identidade e as construímos enquanto existimos, ao longo de nossas vidas. É por isso que Sartre abandona a noção de natureza humana, que se refere a uma essência comum a todos os humanos, para falar em uma condição humana.

Para Sartre, a condição humana é marcada por três realidades, muito próximas daquelas identificadas por Heidegger: o humano é um ser-no-mundo; um ser-com-os-outros; e um ser-para-a-morte.



Alain Nogues/Sygma/Corbis/Getty Images

Jean-Paul Sartre, em 1970.

Jean-Paul Sartre (1905-1980)

Filósofo francês, Jean-Paul Sartre dedicou-se à Filosofia, à literatura, ao teatro e à militância política. Viveu até o fim da vida uma relação amorosa com a também filósofa Simone de Beauvoir (1908-1986). Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de Literatura, mas recusou-se a receber o prêmio, considerando que isso seria uma concessão à vida burguesa. Entre 1930 e 1950, desenvolveu as bases de uma filosofia existencialista e, a partir da década de 1960, intensificou sua militância social e política, com forte influência do marxismo.

Favoritos

A elegância do ouriço. Muriel Barbery. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Uma série de reflexões sobre a vida e a morte, tendo como protagonista uma criança de 11 anos e uma senhora de meia-idade. Uma leitura agradável, cheia de inspirações filosóficas.



Reprodução/Editora Companhia das Letras

A condição humana determina que o ser humano construa sempre sua identidade. Ele nunca é alguma coisa, ele sempre **está** em determinada condição. Você, por exemplo, hoje é estudante do Ensino Médio, mas não será isso sempre; você **está** estudante. Por isso, Sartre afirma que o humano não é propriamente um **ser**, mas um **vir-a-ser**, na medida em que ele é sempre um projeto.

Em sua relação com os outros, o ser humano também recebe uma identidade. Por exemplo, um professor de Filosofia é reconhecido por seus estudantes como professor. Ele sabe, porém, que essa identidade não o define por completo: ele não é apenas professor. A aceitação de uma identidade imposta por outro, contudo, limita as possibilidades do indivíduo e, portanto, fere sua liberdade. A esse tipo de ação Sartre chamou **má-fé**, pois a pessoa que vive assim está mentindo para si mesma e vivendo uma existência inautêntica.

Assim falou **Jean-Paul Sartre**

Brincar de ser...

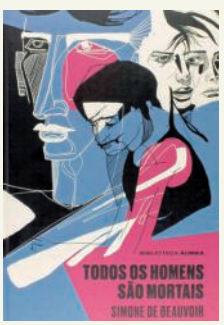
Vejamos esse garçom. Tem gestos vivos e marcados, um tanto precisos demais, um pouco rápidos demais, e se inclina com presteza algo excessiva. Sua voz e seus olhos exprimem interesse talvez demasiado solícito pelo pedido do freguês [...]. Toda sua conduta parece uma brincadeira. Empenha-se em encadear seus movimentos como mecanismos regidos uns pelos outros. Sua mímica e voz parecem mecanismos; e ele assume a presteza e a rapidez inexorável das coisas. Brinca e se diverte. Mas brinca de quê? Não é preciso muito para descobrir: brinca de ser garçom. Nada surpreendente: a brincadeira é uma espécie de demarcação e investigação. A criança brinca com seu corpo para explorá-lo e inventariá-lo, o garçom brinca com sua condição para realizá-la.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 105-106.

Favoritos

Todos os homens são mortais. Simone de Beauvoir. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

Um romance sobre um homem que atinge a imortalidade foi o meio que a filósofa encontrou para refletir sobre a condição humana e a consciência da morte como aquilo que dá sentido à vida.



Reprodução/Editora Nova Fronteira

Por outro lado, uma **existência autêntica** é a recusa da má-fé e está fundada na afirmação da liberdade, que nada mais é do que a capacidade de fazer escolhas. Para Sartre, o ser humano é livre porque sua existência é gratuita, contingente, não tem uma finalidade definida. Na medida em que é nada, o ser humano pode ser tudo, pode ser qualquer coisa.

A liberdade se traduz no ato da escolha. Cada situação que vivemos nos coloca algumas possibilidades, e temos sempre de escolher entre essas possibilidades. Toda escolha tem suas consequências, pelas quais somos responsáveis. Assim, a liberdade gera em nós uma angústia: a de ter de decidir; a angústia de se saber responsável pelas escolhas e por suas consequências. Liberdade envolve, portanto, responsabilidade.

A Filosofia de Sartre recebeu críticas de que seria pessimista, mas, ao contrário, é a afirmação da abertura, da possibilidade. O ser humano é o ser da liberdade, da escolha, do projeto. A vida é sempre uma construção.

Favoritos

Homem-Aranha no Aranhaverso, Estados Unidos, 2018. Direção: Bob Persichetti, Peter Ramsey, Rodney Rothman (117 min).

A animação apresenta o Homem-Aranha, herói para o qual "grandes poderes trazem grandes responsabilidades", um conceito alinhado com a filosofia existencialista. Aqui, com a perspectiva de universos múltiplos, cada um com seu Homem-Aranha em particular, temos a noção de que uma condição "Homem-Aranha" é vivida por diferentes personagens, cada um a seu modo, mostrando não haver identidades fixas, os atos de cada um dependendo de suas escolhas.



Reprodução/Columbia Pictures/Marvel Entertainment

Retome

Não escreva no livro

1. O que você entendeu por existencialismo ou filosofia da existência?
2. Em que sentidos Kierkegaard e Nietzsche forneceram as bases para o existencialismo?
3. Por que filósofos como Heidegger e Sartre apontaram o ser humano como um "ser-para-a-morte"?

1. O existencialismo é uma perspectiva filosófica que pensa o ser humano a partir de sua existência. Com isso, deixa de se perguntar sobre a natureza (ou essência) humana e procura compreender o humano em seus atos, na sua existência.

2. Esses dois pensadores do século XIX tomaram a Filosofia em seu sentido mais subjetivo, afirmando ser necessário pensar sobre a própria vida. Kierkegaard ressaltou a liberdade e a angústia humanas, enquanto Nietzsche preocupou-se com uma revaloração dos valores humanos.

3. Esses dois pensadores identificaram o ser humano como um ser que vive na temporalidade. A consciência de sermos mortais, o fato de sabermos que vamos morrer um dia, é que dá sentido às nossas vidas. Sabendo que a vida é finita, esforçamo-nos para viver do modo mais autêntico possível.

Trabalhando com

conferência acadêmica

O que é o humano?

Leia o excerto retirado de uma conferência proferida porJean-Paul Sartre em 1946, na qual ele rebate as críticas ao existencialismo.

Escolhendo-me, escolho o homem

[...] Se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é, de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens. [...] Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isso ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se, por outro lado, a existência precede a essência, e se nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda a nossa época. Portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira. [...] Numa dimensão mais individual, se quero casar-me, ter filhos, ainda que esse casamento dependa exclusivamente de minha situação, ou de minha paixão, ou de meu desejo, escolhendo o casamento estou engajando não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade, na trilha da monogamia. Sou, desse modo, responsável por mim mesmo e por todos e crio determinada imagem do homem por mim mesmo escolhido; por outras palavras: escolhendo-me, escolho o homem.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 6-7. (Os Pensadores).

Atividades

Não escreva no livro

1. Explique o significado da afirmação "a existência precede a essência".
2. O que significa afirmar que o ser humano "se escolhe a si mesmo"?
3. Em uma conferência acadêmica, o desenvolvimento dos argumentos não apenas expõe informações, mas também as analisa, resultando em uma conclusão objetiva. No excerto, é possível observar esses aspectos em relação à seguinte questão: Ao fazermos uma escolha, estamos envolvendo toda a humanidade nessa decisão?

1. Essa afirmação significa que, no caso do ser humano, não há uma essência universal que nos faz ser o que somos. Ao contrário, primeiro existimos, somos lançados no mundo, para em seguida construirmos nossa vida e aquilo que somos. Assim, uma essência do ser humano não pode ser mais do que aquilo que ele realiza ao longo de sua vida.

2. Significa que o ser humano é livre e que por isso precisa fazer escolhas. Escolher a si mesmo é assumir a construção de sua própria vida, não confiar que já está tudo definido de antemão, mas afirmar que tudo está por ser feito.

3. Espera-se que os estudantes apontem que uma escolha individual envolve a humanidade inteira porque o ser humano é um ser de valores. Quando alguém faz uma escolha, indica aquilo que pensa ser bom, não apenas para ele, mas para todos. No excerto, observa-se essa ideia ao afirmar que "não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser". Ao escolher, estamos, na verdade, afirmando um valor que consideramos universal. Como analisa Sartre: "o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos". Assim, as escolhas individuais são feitas sob a premissa de uma responsabilidade que se estende a toda a humanidade, conforme analisado posteriormente: "nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira". Essa ideia é, por fim, concluída com a afirmação: "escolhendo-me, escolho o homem".

Galeria de atividades

1. A noção de natureza humana afirma que o ser humano pode ser compreendido com base em algo que faz com que ele seja humano, e não outra coisa qualquer. Por exemplo, quando afirmamos que o humano é um ser racional, estamos dizendo que a natureza humana é a razão. Ela nos distingue dos outros seres vivos. A noção de condição humana, por outro lado, afirma que não há nenhuma característica que defina o que é ser humano. Ele só pode ser compreendido historicamente por meio das condições em que vive, uma vez que são essas condições que fazem com que o ser humano seja de um modo ou de outro.

1. Reavalie as noções de natureza humana e condição humana. Com qual delas você mais concorda? Justifique sua resposta apontando as diferenças entre elas.

A segunda parte da questão pede uma posição pessoal e argumentada.

2. Note as obras do pintor estadunidense Edward Hopper (1882-1967) e faça o que se pede.

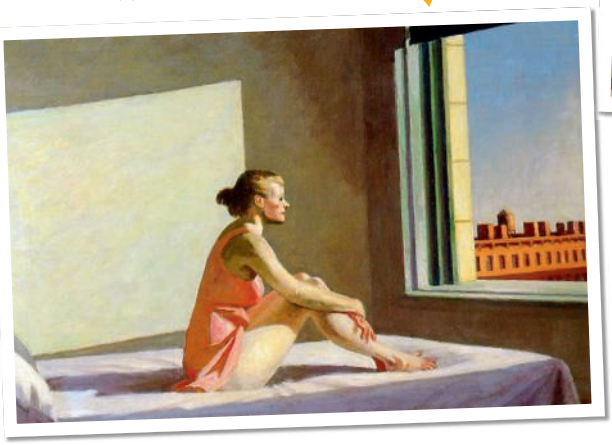
- Compare os quadros de Hopper com as ideias sobre o existencialismo estudadas neste capítulo. De que forma essas obras podem ser relacionadas à filosofia existencial?



© Hopper, Edward/ AUTVIS, Brasil, 2024. Reprodução/Instituto de Arte de Chicago, Illinois, EUA./akg-images/Album/Fotoarena

Automat, óleo sobre tela de Edward Hopper, 1927. 71,4 × 91,4 cm.

Sol da manhã, óleo sobre tela de Edward Hopper, 1952. 22 × 15 cm.



© Hopper, Edward/ AUTVIS, Brasil, 2024. Reprodução/Museu de Arte de Columbus, Ohio, EUA.

2. Espera-se que o estudante seja capaz de articular os temas estudados no capítulo com as pinturas de Hopper, pensando nas possibilidades de interpretação das cenas representadas nas pinturas. Um elemento que se espera é a questão do isolamento, da solidão, que leva a uma postura de pensar sobre si mesmo, além de certa expressão de tristeza, melancolia, que vemos nas imagens. Para os existencialistas, quando o ser humano toma consciência de sua condição no mundo, ele se angustia, pois não vê saída, sendo obrigado a aprender a viver consigo mesmo da forma que é.

3. Reflita sobre as noções estudadas de natureza humana e condição humana e sobre o princípio existencialista que afirma que a "existência precede a essência". Assuma uma posição em relação a esse debate e escreva uma dissertação para defendê-la.

4. Em grupos de três estudantes, realizem uma pesquisa (na internet, em livros de história da Filosofia ou em outras fontes) sobre as várias definições dadas para a pergunta "O que é o ser humano?". Com base nesse levantamento, elaborem uma dissertação, argumentando a favor de uma das definições encontradas.

5. Em grupos, façam uma pesquisa sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Destaquem os artigos que considerarem mais desrespeitados atualmente. Em seguida, ilustrem com imagens o desrespeito à Declaração, montando um painel e expondo-o na sala de aula ou em outro local da escola.

5. Espera-se que os grupos construam a relação entre texto, sociedade e imagens, argumentando por que consideram os direitos destacados os mais desrespeitados e a maneira como utilizam as imagens como expressão desse desrespeito.

3. Resposta pessoal. A dissertação é sempre um percurso pessoal de cada estudante. Aqui, pede-se que ele assuma uma posição e use os elementos estudados no capítulo para construir uma argumentação. Nesse sentido, independentemente da posição assumida, é importante que o foco da avaliação esteja na argumentação do estudante, em sua fundamentação e na capacidade de desenvolver um raciocínio coerente, articulando os aspectos da perspectiva existencialista.

4. A dissertação é sempre um percurso pessoal, de cada estudante. Aqui, pede-se que ele assuma uma posição sobre o que é ser humano e use os elementos estudados no capítulo para construir uma argumentação. Deve-se avaliar, então, sua capacidade de argumentar, e não a posição assumida.

Interdisciplinaridade
com História

1. (Enem)

Texto 1

Gerineldo dorme porque já está conformado com o seu mundo. Porque já sabe tudo o que lhe pode acontecer após haver submetido todos os objetos que o rodeiam a um minucioso inventário de possibilidades. Seu apartamento, mais que um apartamento, é uma teoria de sorte e de azar. Melhor que ninguém, Gerineldo conhece o coeficiente da dilatação de suas janelas e mantém marcado no termômetro, com uma linha vermelha, o ponto em que se quebrarão os vidros, despedaçados em estilhaços de morte. Sabe que os arquitetos e os engenheiros já previram tudo, menos o que nunca já aconteceu.

MÁRQUEZ, G. G. O pessimista. *In*: *Textos do Caribe*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

Texto 2

A situação é o sujeito inteiro (ele não é nada a não ser a sua situação) e é também a coisa inteira (nunca há mais nada senão as coisas). É o sujeito a elucidar as coisas pela sua própria superação, se assim quisermos; ou são as coisas a reenviar ao sujeito a imagem dele. É a total facticidade, a contingência absoluta do mundo, do meu nascimento, do meu lugar, do meu passado, dos meus redores – e é a minha liberdade sem limites que faz com que haja para mim uma facticidade.

SARTRE, J.-P. *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997 (adaptado).

A postura determinista adotada pelo personagem Gerineldo contrasta com a ideia existencialista contida no pensamento filosófico de Sartre porque: Alternativa **b**.

a) evidencia a manifestação do inconsciente.
b) nega a possibilidade de transcendência.
c) contraria o conhecimento difuso.
d) sustenta a fugacidade da vida.
e) refuta a evolução biológica.

2. (Enem)

Eu poderia concluir que a raiva é um pensamento, que estar com raiva é pensar que alguém é detestável, e que esse pensamento, como todos os outros – assim como *Descartes* o mostrou –, não poderia residir em nenhum fragmento de matéria. A raiva seria, portanto, espírito. Porém, quando me volto para minha própria experiência da raiva, devo confessar que ela não estava fora do meu corpo, mas inexplicavelmente nele.

MERLEAU-PONTY, M. *Quinta conversa*: o homem visto de fora. São Paulo: Martins Fontes, 1948 (adaptado).

No que se refere ao problema do corpo, a filosofia cartesiana apresenta-se como contraponto ao entendimento expresso no texto por:

a) apresentar uma visão dualista. Alternativa **a**.
b) confirmar uma tese naturalista.
c) demonstrar uma premissa realista.
d) sustentar um argumento idealista.
e) defender uma posição intencionalista.

3. (Enem)

Sem dúvida, os sons da voz (*phone*) exprimem a dor e o prazer; também a encontramos nos animais em geral; sua natureza lhes permite somente sentir a dor e o prazer e manifestar-lhes entre si. Mas o logos é feito para exprimir o justo e o injusto. Este é o caráter distintivo do homem face a todos os outros animais: só ele percebe o bem e o mal, o justo e o injusto, e os outros valores; é a posse comum desses valores que faz a família e a cidade.

ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (adaptado).

Para o autor, a característica que define o ser humano é o logos, que consiste na:

a) evolução espiritual da alma. Alternativa **d**.
b) apreensão gradual da verdade.
c) segurança material do indivíduo.
d) capacidade racional de discernir.
e) possibilidade eventual de transcender.

4. (UTFPR)

O alemão Karl Heinrich Marx em conjunto com Friedrich Engels produziu em 1847 o "Manifesto Comunista", documento considerado o primeiro esboço da teoria que seria chamada posteriormente de "Marxismo". Marx tornou-se o principal idealizador do socialismo e do comunismo revolucionários. Dentre as suas obras, a principal e mais importante delas foi publicada, em diversos volumes, entre os anos de 1867 e 1894.

Assinale dentre as alternativas a seguir, aquela que apresenta o nome desta obra de Karl Marx: Alternativa **e**.

a) O Pequeno Príncipe.
b) Casa Grande & Senzala.
c) Curso de Filosofia Positiva.
d) Utopia.
e) O Capital.

5. (Unioeste-PR)

Edmund Husserl é conhecido como fundador da Fenomenologia. A raiz do pensamento husserliano reside na meditação sobre o modo de ser da consciência, cuja marca principal, para o autor, é a intencionalidade. Esta pode ser assim resumida: toda consciência é consciência de algo, tem algo sob atenção. Logo, não é aqui determinante que de fato haja algo perante nós: a consciência preenche-se de conteúdo significacional, isto é, intenciona algo, "pensamos em algo". Dentro de uma sala de aula, imaginamos um campo aberto – o campo aberto é o conteúdo significacional, o objeto intencionado. Quando, porém, por exemplo, deixamos a sala de aula e vemo-nos em meio ao campo aberto, diz-se haver a intuição (visão direta) do objeto. A intuição preenche a intenção – o antes intencionado é, agora, diretamente intuído. Por fim, a consciência da intuição é nomeada "evidência". Evidência apodítica seria aquela em que se verificasse perfeita coincidência entre intencionado e intuído – o que não é possível para nós.

Com base nos esclarecimentos acima, considere as afirmações a seguir e assinale a alternativa CORRETA.

I. É possível, para Husserl, obtermos evidência apodíctica apenas de intuições empíricas.
II. Sempre coincidem o conteúdo significacional de uma intenção e as intuições.
III. A intenção preenche a intuição: intuímos algo e, em seguida, a consciência se permite intencionar um objeto.
IV. Intencionalidade é uma característica eventual da consciência, irrompendo quando imaginamos algum objeto.

Alternativa **d**.

a) São corretas as afirmações I e IV.
b) Apenas IV é correta.
c) Apenas I é correta.
d) Todas são incorretas.
e) Apenas III é correta.

6. (Uece)

O filósofo cearense Alcântara Nogueira (1918-1989) afirma o seguinte sobre o materialismo histórico:

> Marx considera o processo histórico significando uma atividade que se exerce em contínua transformação e que, no final, se realiza como ação em constante modificação renovadora. [...] Existe a realidade objetiva, mas é preciso que esta seja modificada, porque só assim haverá condições para alcançar sua compreensão [...].
>
> NOGUEIRA, Francisco Alcântara. *Poder e humanismo*. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 1989, p.147.

Em outras palavras, a compreensão da realidade

a) não depende da ação humana. Alternativa **b**.
b) só é possível com a ação humana.
c) antecede toda ação humana.
d) é o mesmo que a ação humana.

7. (Unicentro-PR) Alternativa **c**.

Para Jean Paul Sartre, filósofo existencialista contemporâneo, a liberdade não é uma escolha, pois o ser humano está "condenado a ser livre". Assinale a alternativa mais adequada para fundamentar a concepção sartreana de liberdade.

a) A liberdade se impõe ao homem, pois a sua natureza determinada o faz um ser limitado frente ao poder de Deus e as forças naturais.
b) A vida humana se assemelha à vida de uma planta, cujo futuro já está escrito na semente, o que corresponde a compreender que Deus já determinou a essência de cada pessoa desde o seu nascimento.
c) O ser humano não está sujeito ao determinismo, ou seja, o seu ser não lhe é dado pronto e ele necessita, a cada momento, fazer escolhas a partir das quais vai construindo a sua essência, o seu ser, ou seja, o homem está obrigado a decidir o que fazer de si.
d) Ser livre é o mesmo que ser condenado, pois o destino da humanidade é avançar rumo ao aperfeiçoamento, com vistas à construção de um mundo melhor.
e) Condenação e liberdade andam juntas porque, ao ser livre, o homem está sujeito ao erro que o leva à condenação.

CAPÍTULO 4

A linguagem e a cultura: manifestações do humano

Linguagem: exclusividade humana?

Conforme aponta Aristóteles, o ser humano é um ser de linguagem. Portanto, é a linguagem que nos faz humanos e nos diferencia dos outros animais.

O filme *Planeta dos macacos: a origem* demonstra esse raciocínio: um chimpanzé recebe uma droga capaz de deixá-lo mais inteligente e dá-se um salto evolutivo quando ele aprende a falar. A primeira palavra que pronuncia é "não!" e, em seguida, inicia uma rebelião contra os humanos.

No conto "Um relatório para uma academia" (1917), de Franz Kafka (1883-1924), encontramos um relato similar. Um chimpanzé é capturado nas florestas tropicais da África e enjaulado para ser levado de navio à Europa. Ele procura um modo de se libertar e logo percebe que a saída é imitar os humanos. Começa a fazer tudo o que os vê fazerem, das coisas mais simples às mais reprováveis, tornando-se cada vez mais semelhante às pessoas. Nas duas histórias, animais tornam-se humanos quando aprendem a falar como nós.

É evidente que os animais se comunicam entre si e há comunicação entre humanos e outras espécies. Existem várias pesquisas que indicam que animais, como chimpanzés e cachorros, são capazes de reconhecer palavras e expressões humanas. O que nos diferencia é a capacidade de comunicação por meio de uma linguagem articulada.

Favoritos

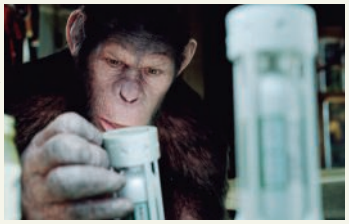


Photo 12/Alamy/Fotoarena

Planeta dos macacos: a origem, Estados Unidos, 2011. Direção: Rupert Wyatt (105 min).

Will Rodman, um cientista, testa um medicamento para Alzheimer em seu pai e em César, um filhote de macaco com inteligência avançada. Após César atacar um vizinho, ele é confinado e começa a se revoltar.

Favoritos



Reprodução/Editora Aleph

O planeta dos macacos. Pierre Boulle. São Paulo: Aleph, 2023.

Esse livro de ficção científica narra a história de um astronauta que chega a um planeta desconhecido, onde descobre que a civilização é composta por macacos inteligentes, com uma linguagem bem desenvolvida. Os seres humanos, incapazes de falar, são capturados e usados como animais de carga.

Não escreva no livro

A linguagem verbal: um sistema simbólico

PeopleImages.com - Yuri A/Shutterstock



O processo de aprendizagem de novos signos é muito intenso na infância.

A linguagem humana se baseia em palavras (faladas ou escritas), que são organizadas em frases e em conjuntos de frases. A linguagem verbal é um sistema simbólico, por meio do qual nos comunicamos, expressando sentimentos e impressões do mundo, pedimos ajuda, damos ordens. A linguagem é também matéria-prima para várias formas de expressão artística, como a poesia e a música.

As palavras que compõem qualquer língua humana são símbolos, isto é, formas de representar algo, seja um objeto, seja uma ação. A palavra "cadeira", por exemplo, é um símbolo que representa um objeto usado para sentar-se; a palavra "comer" é um símbolo que representa o ato de nos alimentarmos, e assim por diante.

O símbolo representa algo por convenção. Isso quer dizer que as pessoas, ao criarem uma palavra, combinam entre si que aquele termo será compreendido da mesma forma por quem entende aquele idioma.

As palavras escritas formam um conjunto de símbolos gráficos criados com base em nossa fala, que é um conjunto de símbolos orais. É por meio desses sistemas simbólicos que nos comunicamos e convivemos com outras pessoas.

As crianças, quando estão aprendendo a falar, internalizam os significados dos símbolos de seu idioma. Por isso, é comum que sejam imprecisas ao fazer classificações. Uma criança pequena que já viu cães e os entende como animais domésticos de quatro patas pode dizer "cachorro" ao ver um gato pela primeira vez. Ao ser corrigida, aprenderá um novo símbolo da linguagem, associando-o às características do novo animal conhecido. Esse processo é comum em crianças, mas não para e ocorre ao longo da vida, conforme vamos aprendendo novos nomes, conceitos e ideias.

Retome

Não escreva no livro

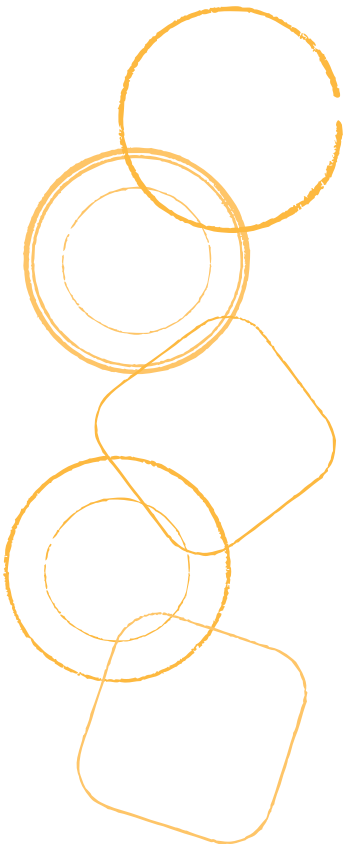
1. Se os animais também se comunicam entre si, por que se afirma que apenas os humanos são seres de linguagem?
2. Em que sentidos a linguagem é um sistema simbólico?
3. Você já passou pela experiência de aprendizado de uma língua estrangeira? Fale sobre suas dificuldades de aprender novos símbolos para objetos já conhecidos e nomeados em sua língua materna.

1. Porque, até onde sabemos, apenas os seres humanos possuem uma linguagem articulada, compartilhada por toda uma comunidade e que pode ser aprendida.

2. A linguagem é um sistema simbólico porque é formada por símbolos. As palavras, tanto no registro oral quanto no escrito, são símbolos que representam uma coisa, um objeto.

3. Sugere-se estimular os estudantes a comentar experiências desse tipo e organizar uma discussão oral em sala de aula sobre o ato de nomear as coisas como uso primeiro da linguagem.

Filosofia e linguagem na Antiguidade



Além de afirmar que o ser humano é um ser de linguagem, os gregos antigos mostraram os vínculos da linguagem com o pensamento, com a racionalidade. Em vários diálogos platônicos, como *Protágoras*, *O sofista* e *Hípias maior*, vemos a discussão do filósofo com os sofistas, que ensinavam retórica aos jovens atenienses. A intenção desse tipo de ensino era que os jovens se tornassem oradores capazes de persuadir os demais cidadãos nas assembleias. Olhavam mais para o ser humano que para a natureza, mas, ao defender que a verdade é relativa, os sofistas propagavam uma visão de mundo diferente da de Sócrates e, por isso, foram duramente criticados por ele e seus seguidores.

Em sua crítica aos sofistas, Platão afirmava que a palavra é um *pharmakon* ("fármaco" em grego) que pode agir como um remédio ou como um veneno, dependendo da forma como é usada. A palavra, portanto, não seria boa em si mesma, não teria um valor positivo. Dependeria sempre de quem a usa e dos interesses com que é utilizada. O bom uso da palavra ocorre quando ela faz o pensamento se exercitar em direção ao conhecimento verdadeiro.

Em Platão, o processo pelo qual a alma aproxima-se cada vez mais das ideias, da verdade, é o diálogo entre as pessoas, o que deu origem à **dialética**. Mas, para Platão, os sofistas não se preocupavam em buscar a verdade; e o conhecimento da linguagem era, muitas vezes, uma ferramenta para persuadir, manipular e enganar, já que nas assembleias a discussão pública era vencida por quem conseguisse envolver aqueles que ignoravam os assuntos tratados.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Dialética

Em Platão, a dialética é o processo pelo qual a alma se eleva, por degraus, das aparências sensíveis às realidades inteligíveis, ou ideias. [...] A dialética é um instrumento de busca da verdade, uma pedagogia científica do diálogo graças ao qual o aprendiz de filósofo tendo conseguido dominar suas pulsões corporais e vencer a crença nos dados do mundo sensível, utiliza sistematicamente o discurso para chegar à percepção das essências, isto é, à ordem da verdade.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p. 71.

- A dialética é um processo que possibilita a elevação da alma até que estágio? A dialética, segundo Platão, conduz a alma até a verdade das ideias, pela percepção das essências.

Aristóteles concordava com a crítica de Platão aos sofistas, mas não concordava totalmente com a visão platônica sobre o uso da palavra e da linguagem. Para ele, essa visão gerava um novo problema, uma vez que Platão fazia uma distinção entre o **mundo sensível** dos fenômenos e o **mundo inteligível** das ideias. Segundo Aristóteles, isso implicava uma **duplicação da realidade**.

Reprodução/Palácio Papal, Cidade do Vaticano, Itália.



Escola de Atenas, afresco de Rafael, 1509-1511. Afresco, 500 × 700 cm.

No detalhe

Não escreva no livro

- *Escola de Atenas* é uma das mais importantes obras do renascentista Rafael (1483-1520). Converse com os colegas e o professor sobre as ideias renascentistas presentes na obra.

Os estudantes podem comentar que a obra representa a importância do pensamento racional e do debate público e resgata os valores clássicos.



Reprodução/Palácio Papal, Cidade do Vaticano, Itália.

Detalhe *Escola de Atenas*, afresco de Rafael, 1509-1511. A obra mostra o desacordo entre Platão e Aristóteles: enquanto o primeiro aponta para cima, indicando as ideias, o outro está com a mão indicando o "meio-termo", a realidade como uma composição de matéria e ideia.

O mundo das ideias só poderia ser alcançado por meio do intelecto. Segundo Platão, esse é o mundo real, eterno, no qual não há mudança. O outro é o mundo em que vivemos, o mundo sensível, que pode ser conhecido por meio dos sentidos e corresponde a uma realidade imperfeita. Por exemplo: no mundo inteligível há uma ideia perfeita de cavalo. Todos os cavalos que habitam o mundo sensível são cópias imperfeitas da ideia original. Isso explica por que existem tantos cavalos diferentes.

Além disso, no mundo sensível, as coisas mudam, pois tudo aquilo que é imperfeito busca a perfeição. Nele as coisas têm uma duração: o que foi criado será um dia destruído; tudo que nasce um dia morrerá. Para Platão, a variabilidade e a multiplicidade do mundo sensível não permitem que obtenhamos um conhecimento verdadeiro das coisas que existem aqui; esse mundo seria apenas um meio para elevar nosso intelecto em direção às ideias perfeitas que existem no mundo inteligível. Assim, de acordo com Platão, as palavras que utilizamos para nomear as coisas, nossa linguagem, também constituiriam um problema para o conhecimento, porque a representação de uma coisa nunca equivaleria à coisa mesma.

A questão de Aristóteles era: Como construir um conhecimento rigoroso que se baseie não no mundo das ideias (como queria Platão), mas no mundo sensível, aquele com o qual nos defrontamos todos os dias? Como conhecer a verdade sobre as coisas com as quais nos relacionamos?



Adriano Kirihara/Pulsarimagens

Cavalos em São Roque de Minas (MG). Fotografia de 2024. Qual seria o cavalo perfeito? Ou como construímos um conhecimento rigoroso sobre o animal com o que temos no mundo sensível?

Enfrentando esse problema, Aristóteles, em sua obra *Órganon*, conjunto de tratados sobre lógica, foi talvez um dos primeiros pensadores a destacar a importância da estrutura da linguagem, e não apenas das palavras. Para ele, embora as palavras sejam convenções – portanto relativas –, existe uma estrutura na linguagem, uma série de regras de uso que permite a construção de um discurso verdadeiro. Assim, elaborando proposições a respeito das coisas e analisando se são verdadeiras ou falsas, Aristóteles acreditava ser possível adquirir conhecimento sobre o mundo físico. Ele afirmou que a palavra é *pharmakon* (nos dois sentidos, como em Platão), mas é também *organon*, isto é, instrumento do pensamento. Ao procurar estabelecer as regras do discurso correto, Aristóteles definiu as regras do pensamento correto, criando, assim, o campo que depois seria conhecido como lógica.

Segundo Aristóteles, é o fato de sermos seres de linguagem, portadores da palavra, que nos diferencia dos outros animais; pela palavra nos comunicamos, mas também pensamos. Por meio da palavra compartilhamos a vida, vivemos em comunidade com outros seres humanos, tornando-nos seres políticos.

Assim falou Aristóteles

O dom da palavra

O homem é um animal cívico [político], mais social do que as abelhas e outros animais que vivem juntos. A natureza, que nada faz em vão, concedeu apenas a ele o dom da palavra, que não podemos confundir com os sons da voz. Estes são apenas a expressão de sensações agradáveis ou desagradáveis, de que os outros animais são, como nós, capazes. [...] nós, porém, temos a mais, senão o conhecimento desenvolvido, pelo menos o sentimento obscuro do bem e do mal, do útil e do nocivo, do justo e do injusto, objetos para a manifestação dos quais nos foi principalmente dado o órgão da fala. Esse comércio da palavra é o laço de toda sociedade doméstica e civil.

ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 4.

Retome

Não escreva no livro

1. Segundo os gregos antigos, por que a palavra é um medicamento (*pharmakon*)?
2. Qual é a razão da crítica de Platão e de Aristóteles aos sofistas?
3. Por que Aristóteles foi o primeiro a mostrar a importância da linguagem?

1. A palavra é um medicamento porque ela tanto pode curar como envenenar. Ela não é nem boa nem má, mas pode provocar os dois efeitos.

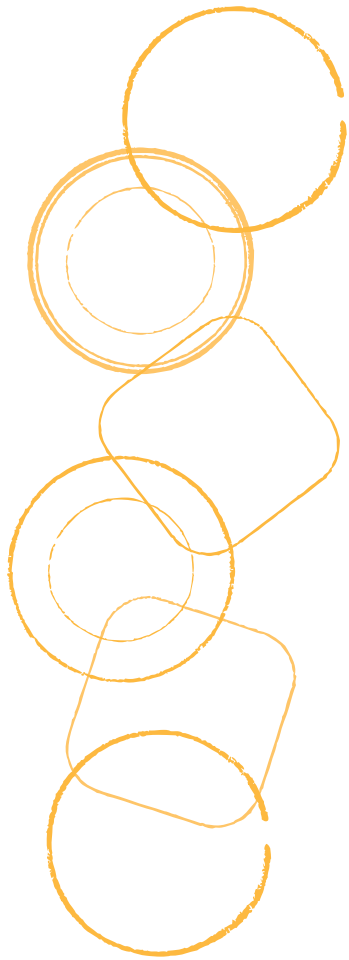
2. A crítica aos sofistas deve-se ao fato de que eles não estavam comprometidos com a busca da verdade por meio da palavra. Ensinavam a retórica, arte de convencer os outros segundo seus próprios objetivos, podendo, portanto, mentir nesse processo.

3. Porque Aristóteles não se preocupou apenas com as palavras e seus usos, mas mostrou a necessidade de conhecermos a própria estrutura da linguagem, de modo que a possamos usar corretamente.

A virada linguística

Pense na afirmação: "O irmão de Lucas está doente". Ela é verdadeira ou falsa? A resposta pode parecer fácil: bastaria saber se ele está ou não doente. No entanto, é preciso saber: quem é Lucas? Ele tem apenas um irmão? No caso de ser mais de um, qual deles estaria doente? Ele está doente quando o autor escreve essa frase? E no momento em que você a lê? Perguntas como essas caracterizam o tipo de preocupação da **filosofia analítica**, corrente filosófica surgida no século XX que considerava como única tarefa da Filosofia a análise lógica da linguagem.

No mesmo século, consolidou-se uma nova ciência, a linguística, também orientada para os estudos da linguagem. E ela teria grande influência em outras Ciências Humanas e na Filosofia, por meio do **estruturalismo**. Dada a importância da linguagem nos estudos filosóficos no século XX, fala-se em uma "virada linguística", isto é, uma mudança de foco nas preocupações da filosofia, que passa a ter na linguagem seu problema central.



Explicando o conceito

Não escreva no livro

Estruturalismo

Corrente de pensamento criada pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913). Para ele, ao estudar uma língua, além de prestar atenção a seus conteúdos e suas formas, precisamos analisar sua estrutura inconsciente, isto é, como esses elementos se relacionam entre si, pois essa estrutura é o que determina a língua. Essa noção seria aplicada a outras Ciências Humanas, como a Antropologia, a Literatura e a Psicanálise. O estruturalismo também provocou reações contrárias, uma vez que, ao afirmar a importância da estrutura para o conhecimento de certo fenômeno, deixava de lado seus aspectos históricos.

- O que significa afirmar que toda língua tem uma "estrutura inconsciente"?

Significa que para compreender uma língua, além de conhecer seus aspectos formais e aparentes, como a gramática, a sintaxe, etc., é preciso conhecer algo que em princípio não aparece para nós, a estrutura dessa língua.

Favoritos

O que é linguística. Eni Pulcinelli Orlandi. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Primeiros Passos.)

Uma introdução ao estudo da língua e da linguística como ciência no século XX.



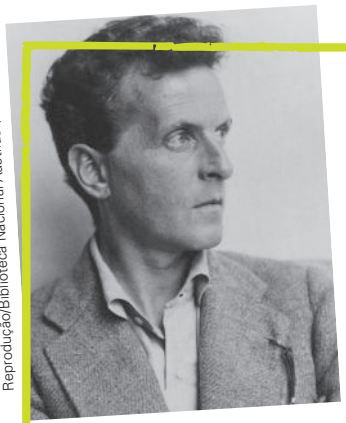
Reprodução/Editora Brasiliense

Wittgenstein: linguagem e mundo

Um dos mais importantes pensadores da linguagem no século XX foi Ludwig Wittgenstein. Na primeira fase de seus estudos, ele se alinhou às perspectivas da filosofia analítica da linguagem, tendo como foco a essência da linguagem, com seu mecanismo de significação das coisas e do mundo.

A linguagem é tratada como um sistema de representação, portanto algo diferente do mundo, pois aquilo que representa precisa ser diferente daquilo que é representado. Ao mesmo tempo que é diferente, o representante (a palavra) deve ter semelhanças com o representado (a coisa), ou não pode haver representação. Segundo o filósofo, o mundo é composto de fatos, e o que a linguagem representa, por meio das proposições, são os fatos.

No pensamento de Wittgenstein, linguagem e mundo estão, portanto, intrinsecamente ligados. É por isso que ele chega a uma interessante afirmação: quanto mais ampla minha linguagem (minhas possibilidades de representação), mais amplo é meu mundo; quanto mais restrita minha linguagem, mais restrito é meu mundo. De modo que, quanto mais amplos meu mundo e minha linguagem, mais possibilidades de pensamento tenho. Em seu *Tratado lógico-filosófico*, Wittgenstein afirma que "Os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo".



Reprodução/Biblioteca Nacional Austríaca/Viena, Áustria.

Ludwig Wittgenstein, 1930.

Ludwig Wittgenstein (1889-1951)

Austríaco, filho de uma rica família de Viena, foi educado em meio a artistas e músicos. Foi aluno do filósofo e matemático Bertrand Russell (1872-1970) e tornou-se professor de Filosofia na Universidade de Cambridge. Entre suas obras, destacam-se *Tratado lógico-filosófico* (1921) e *Investigações filosóficas* (1953).

Favoritos

La vie en close. Paulo Leminski. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

Esse livro póstumo reúne poemas do escritor curitibano nos quais os jogos de linguagem estão presentes, em especial por meio do humor.

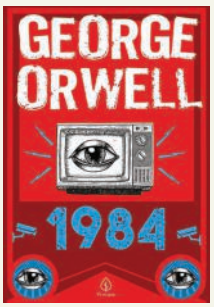


Reprodução/Editora Companhia das Letras

A ideia dos limites impostos pela linguagem é trabalhada no romance *1984*, de George Orwell (1903-1950). O livro narra uma sociedade no futuro (o livro foi escrito em 1948, daí a projeção do futuro em 1984), na qual os seres humanos são vigiados e controlados por um governante totalitário, o Grande Irmão (ou *Big Brother*, no original inglês).

Nessa sociedade, o controle sobre os cidadãos é absoluto, e o principal objetivo do governo é regular o que as pessoas pensam e sentem, para conseguir mantê-las sob seu domínio. Para tanto, utiliza a linguagem como ferramenta de dominação. Ciente de que uma linguagem muito rica, com muitas palavras, gera muitas possibilidades de pensamento, o governo cria então a "novilíngua", que é uma simplificação da linguagem. A cada semana é publicado um novo *Dicionário de novilíngua*, que tem cada vez menos palavras, e as pessoas são proibidas de utilizar termos que não estejam no dicionário. A cada semana, a linguagem é reduzida, o mundo é reduzido, o pensamento é reduzido. E cada vez há menos possibilidade de resistência e ação política contra o regime totalitário.

Favoritos



Reprodução/Editora Principis

1984. George Orwell. São Paulo: Principis, 2021.

Numa sociedade do futuro, o controle sobre o pensamento é feito por meio do repertório de palavras que cada indivíduo pode usar.



kpa Publicity Stills/United Archives GmbH/Alamy/Fotoarena

Cena do filme *1984*, dirigido por Michael Radford e lançado no Reino Unido em 1984. Secretamente, Winston Smith, interpretado por John Hurt (1940-2017), tenta registrar suas memórias e expressar suas opiniões em um diário que mantém escondido em seu quarto.

Os “jogos de linguagem”

Infográfico clicável

Ao longo da vida, Wittgenstein mudou o enfoque de suas reflexões. Ele passou a considerar que não haveria essência a ser encontrada na linguagem, que não existe a linguagem, mas linguagens múltiplas, com diferentes objetivos.

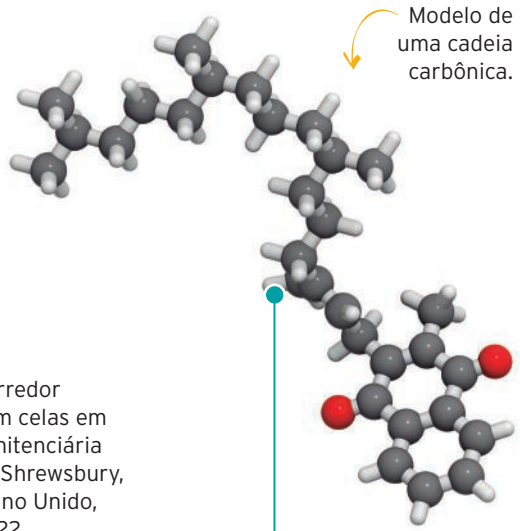
O filósofo faz uma analogia com os jogos: não existe um único jogo, mas diversos jogos. Eles têm semelhanças entre si, mas são definidos por suas diferenças. Os jogos têm componentes, conteúdos e modos de funcionamento próprios; por exemplo, futebol e pôquer, xadrez e peteca. Mesmo diferentes entre si, todos são jogos. Para Wittgenstein, as linguagens são múltiplas porque múltiplos são os jogos de linguagem.

Na obra *Investigações filosóficas*, publicada postumamente em 1953, Wittgenstein aponta que é preciso saber como a linguagem será utilizada, e isso varia em função do jogo que está sendo jogado. O significado de uma palavra, portanto, não é universal nem imutável: tudo consiste em saber usar as palavras de acordo com o jogo de linguagem em questão.



searagen/Alamy/Fotoarena

Corredor com celas em penitenciária de Shrewsbury, Reino Unido, 2022.



Modelo de uma cadeia carbônica.

molekuul.be/Adobe Stock

No detalhe

Não escreva no livro

- Quando em Química falamos em “cadeia de carbono”, a palavra “cadeia” tem um sentido; quando falamos que a pena para um crime corresponde a “alguns anos de cadeia”, a mesma palavra tem outro sentido. Observe as imagens desta página e reflita: Em que medida elas abordam os jogos de linguagem?

Com base nas imagens, podemos entender o conceito de jogos de linguagem. A palavra “cadeia” muda de sentido quando mudamos o jogo. Na Química, cadeia de carbono significa uma molécula na qual átomos de carbono se juntam a outros; na questão social, cadeia significa o lugar em que se encarceram pessoas que cometeram atos criminosos.

Retome

Não escreva no livro

1. Em que sentido se pode dizer que o século XX foi palco de uma “virada linguística”?

2. Explique, com suas palavras, o que é jogo de linguagem.

1. Fala-se em virada linguística para explicar o fato de que no século XX a linguagem se tornou o centro das atenções da Filosofia.

2. Jogo de linguagem é uma expressão usada por Wittgenstein para mostrar que toda linguagem tem regras, assim como os jogos. Quando mudamos as regras, mudamos o tipo de jogo, de modo que a mesma palavra pode ter diferentes significados quando colocada em diferentes jogos de linguagem.

Trabalho, linguagem e cultura

Conforme Ernst Cassirer (1874-1945), podemos compreender o ser humano como um animal simbólico, pois é o ato de simbolizar que nos abre todo o universo da cultura.

Os antigos romanos empregavam a palavra "cultura" no sentido de "cultivar algo", tanto o cultivo de alimentos quanto o "cultivo de si". É apenas no século XIX que se difunde a ideia de cultura como a forma de vida de determinado povo.

Como estudamos no capítulo 3, Karl Marx associou o trabalho à natureza humana, pois é por meio do trabalho que o ser humano transforma o mundo e a si mesmo. A atividade de transformação do mundo pelo trabalho é o que chamamos de cultura.

Trabalho, cultura e linguagem estão ligados. Produzimos cultura ao transformar o mundo e expressamos essas transformações por meio da linguagem. Porém, a produção de linguagem é uma forma de trabalho, o que significa que também a linguagem transforma o mundo.

Pensando na cultura como o mundo transformado pelo ser humano, Cassirer afirmou que podemos concebê-la como uma trama simbólica produzida pela linguagem. Por exemplo, quando usamos determinada roupa, ela não apenas nos protege, mas também expressa valores e identidade social.

Assim falou **Ernst Cassirer**

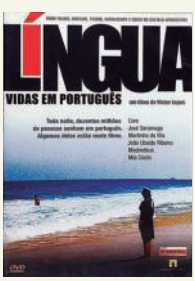
Razão é um termo muito pouco adequado para abranger as formas da vida cultural do homem em toda sua riqueza e variedade. Mas todas essas formas são simbólicas. Portanto, em lugar de definir o homem como um *animal rationale*, deveríamos defini-lo como um *animal symbolicum*. Desse modo, podemos designar sua diferença específica, e podemos compreender o novo caminho aberto ao homem: o da civilização.

CASSIRER, Ernst. *Antropologia filosófica*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977. p. 51.

Favoritos

Língua: vidas em português. Portugal/Brasil, 2004. Direção: Victor Lopes (105 min).

Contando com a participação do escritor português José Saramago e do brasileiro João Ubaldo Ribeiro, o documentário mostra a curiosa relação que os diversos países lusófonos mantêm com a língua portuguesa.



Reprodução/Costa do Castelo Filmes

Diferentes tipos de cultura?

É comum ouvirmos falar em "cultura erudita" e "cultura popular". A primeira compreenderia as realizações culturais humanas mais complexas, elaboradas com base em um estudo sistemático de realizações anteriores; a segunda reuniria expressões tradicionais ou que circulam em amplos setores da sociedade, como festas, crenças, músicas e outras manifestações.

Embora alguns possam valorizar uma dessas formas de cultura em detrimento da outra, ambas são igualmente importantes como expressões da diversidade e criatividade humanas.

A ópera, por exemplo, é frequentemente considerada um dos principais exemplos de cultura erudita. Já foi considerada uma das artes mais completas, por englobar música, teatro, poesia e artes visuais. No Brasil, temos espetáculos populares, como os desfiles de escolas de samba ou o duelo do bumba meu boi no Festival de Parintins. São espetáculos que também articulam, de modo complexo, música, dança, teatro, poesia e artes visuais. Ambos os tipos de espetáculo ilustram a diversidade cultural humana, seja eles em formatos considerados eruditos, seja populares. A seguir, alguns exemplos desses espetáculos.

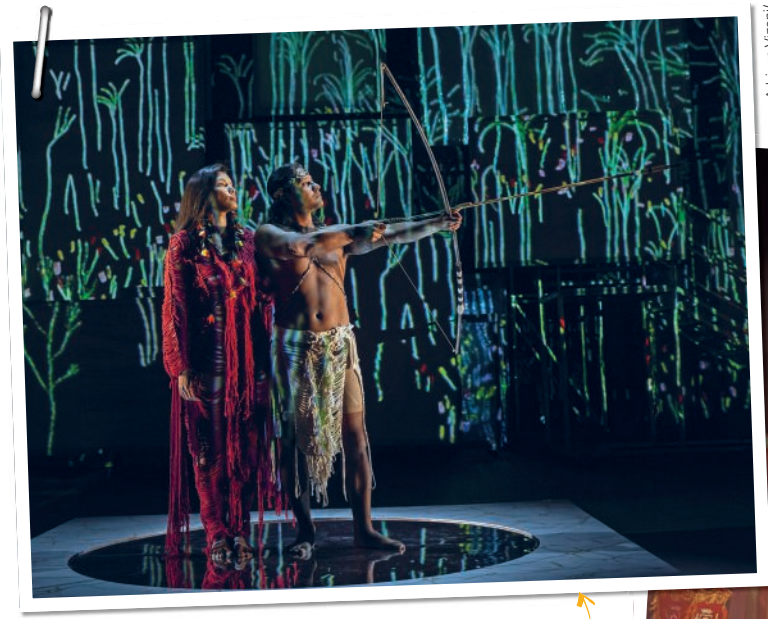
Favoritos



Reprodução/Editora Brasiliense

O que é cultura popular. Antônio Augusto Arantes. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Primeiros Passos.)

Uma reflexão introdutória sobre a cultura, centrada na questão da cultura popular.



Adriano Vizoni/Folhapress

O Guarani, ópera de Antônio Carlos Gomes (1836-1896), 2023. Essa montagem, realizada no Theatro Municipal de São Paulo (SP), contou com atores indígenas, com concepção geral de Ailton Krenak (1953-) e direção artística de Denilson Baniwa (1984-).



Focus Pix/Shutterstock

Festival Folclórico em Parintins, Amazonas, 2024. Esse é considerado um dos maiores eventos populares do Brasil.

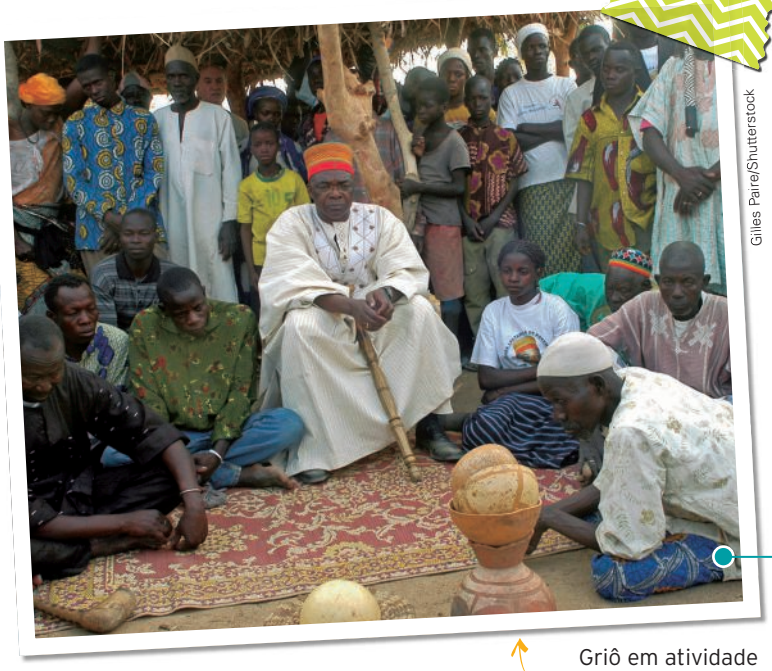
No detalhe

Não escreva no livro

- A partir dos dois exemplos, um de cultura erudita, outro de cultura popular, você considera que faz sentido estabelecermos distinção entre elas?

Resposta pessoal. Quando observamos esses exemplos, a distinção perde o sentido, pois são manifestações da criatividade humana, cada uma com grande complexidade, que exige muito trabalho e destreza para sua produção.

Na cultura de muitos países da África Ocidental, por exemplo, os griôs são os responsáveis por transmitir tradições, conhecimentos e histórias de sua comunidade por meio de músicas e relatos orais. Trata-se de uma forma bastante importante e antiga de transmissão de conhecimento. No Brasil, também temos a tradição de transmitir conhecimento por meio de canções e contações de história, especialmente em comunidades indígenas e demais comunidades tradicionais.



Gilles Paire/Shutterstock

Griô em atividade em Burkina Faso, 2007.

Ao mesmo tempo, na sociedade capitalista, a cultura também é transformada em mercadoria, em produto, algo que pode ser negociado. Isso levou o pensador francês Félix Guattari (1930-1992) a distinguir três sentidos do termo "cultura": **cultura-valor**, no sentido do cultivo de si mesmo; **cultura-alma coletiva**, quando falamos da expressão de um povo ou uma civilização; e **cultura-mercadoria**, o conjunto dos bens culturais produzidos.

Para Guattari, o que prevalece em nossos dias é o conceito de cultura-mercadoria, embora os outros dois conceitos continuem válidos. Hoje, a cultura é considerada moeda de troca. É uma cultura que se produz, reproduz-se, difunde-se a todo momento, seja pela lógica do mercado capitalista, seja às margens desse mercado, pois mesmo uma "cultura marginal" também é mercadoria.

No detalhe

Não escreva no livro

- Você conhece alguém em sua comunidade que desempenhe uma atividade semelhante à do griô que vemos na fotografia? Como se dá a interação dessa pessoa com a comunidade?

Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes relatem exemplos de pessoas da comunidade que, por meio de relatos orais, transmitem a tradição e o conhecimento local. É importante trabalhar a diferença entre o relato de um parente, que tem muito valor e transmite conhecimentos, do relato de alguém que tem a função de preservar e passar adiante elementos importantes da história e da cultura da comunidade. Além disso, eles podem comentar que essa interação se dá por meio da linguagem.

Retome

Não escreva no livro

1. Por que a cultura está ligada ao ato de simbolizar?
2. Por que razão na sociedade capitalista a cultura é uma mercadoria?

1. Simbolizar é produzir símbolos que representam a materialidade vivida. Quando o ser humano simboliza, está criando todo um mundo de representações, ao qual denominamos cultura.

2. No capitalismo tudo se transforma em mercadoria, pois tudo pode ser comprado e vendido, intermediado pelo dinheiro. Nesse contexto, os produtos culturais (livros, músicas, filmes, etc.) também são comercializados, portanto são mercadorias. Caso julgue necessário, incentive os estudantes a comentarem exemplos de cultura-mercadoria que observam atualmente. Músicas do gênero *pop*, por exemplo, são amplamente comercializadas, assim como séries de TV e filmes de grandes estúdios estadunidenses. Além disso, há jogos de videogame com grande apelo, que lucram com a venda de expansões e de itens dentro do jogo. Também são exemplos os influenciadores digitais, que comercializam seu estilo de vida e produtos associados a ele.

Trabalhando com

letra de música

Linguagem simbólica e representação do mundo

A composição "Nome não", de Arnaldo Antunes (1960-), é um exemplo de como simbolizamos com a linguagem, fornecendo nomes para as coisas que conhecemos. Mas a obra nos alerta: os nomes não são as coisas, são apenas sua representação. Analise o texto com atenção e, se possível, ouça a canção.

Nome não

Os nomes dos bichos não são bichos
Os bichos são:
Macaco gato peixe cavalo
Macaco gato peixe cavalo
(Vaca elefante baleia galinha)

Os nomes das cores não são cores
As cores são:
Preto, azul, amarelo, verde, vermelho
Marrom

Os nomes dos sons não são sons
Os sons são

Só os bichos são bichos
Só as cores são cores
Só os sons são, som são, som são
Nome não, nome não
Nome não, nome não

Os nomes dos bichos não são bichos
Os bichos são:
Plástico pedra pelúcia ferro
Plástico pedra pelúcia ferro
Madeira cristal porcelana papel

Os nomes das cores não são as cores
As cores são:
Tinta cabelo cinema Sol arco-íris TV

Os nomes dos sons não são os sons
Os sons são

Só os bichos são bichos
Só as cores são cores
Só os sons são
Som são, nome não
Nome não, nome não
Nome não, nome não

NOME não. Intérprete: Arnaldo Antunes. Compositor: Arnaldo Antunes. *In*: NOME. BMG: [*s. n.*], 1993. 1 CD, faixa 17. Disponível em: https://tedit.net/j7mfth. Acesso em: 01 out. 2024.

1. Ao afirmar que "só os bichos são bichos, só as cores são cores", enquanto os nomes não são nem os bichos nem as cores, Antunes coloca em evidência que os nomes são símbolos que atribuímos para nomear os bichos ou as cores, por exemplo. A dimensão simbólica alcança um patamar ainda superior nos versos em que afirma que os bichos são "plástico pedra pelúcia ferro / madeira cristal porcelana papel" ou que as cores são "tinta cabelo cinema sol arco-íris TV"; nesses casos, trata dos animais de brinquedo, produzidos com diferentes materiais, e das cores materializadas em diferentes suportes.

Atividades

Não escreva no livro

1. Como o poeta evidencia a faculdade simbólica da linguagem?

2. Qual é o sentido de afirmar que "só os sons são, nome não"?

2. Os nomes, na linguagem oral, são expressos como sons. Os sons, então, são objetos que trazem uma representação. Por exemplo, o som da palavra "gato" nos remete imediatamente ao animal. Ainda que o nome não seja o animal, ele é um som; por isso a afirmação que "só os sons são, nome não".

Mundo do trabalho

A operação lógica de indução

Interdisciplinaridade
com Matemática

A operação lógica da dedução parte de premissas gerais para expressar conclusões específicas. Dediquemo-nos agora a examinar uma operação inversa, a indução, que consiste em partir de dados singulares para chegar a afirmações gerais, universais.

Trabalhando com Lógica

Todos os dias João espera pelo ônibus para ir à escola. Há um horário previsto para que o ônibus passe pelo ponto, mas João já está acostumado com um atraso de dez minutos. Observando que o atraso se repete, João conclui que o ônibus sempre se atrasa dez minutos. Essa inferência a partir da observação de casos que se repetem é o que chamamos de indução. Assim, vemos um evento que se repete muitas vezes, o que nos leva a afirmar que isso sempre acontece; com base em dados particulares, emitimos uma conclusão que é geral.

A indução é também uma das etapas do método científico. Por exemplo, como se chegou à "lei geral" de que o ponto de ebulição da água, em condições normais de temperatura e pressão, é de 100 °C? Por indução: colocou-se uma quantidade de água para ferver e fez-se uma medição da temperatura no ponto de fervura. Repetiu-se essa operação diversas vezes e observou-se que o ponto de ebulição sempre ocorria a determinada temperatura. Assim, estabeleceu-se, como conclusão geral, que a água ferve a 100 °C.

Cesar Diniz/Pulsar Imagens



Estudantes em ponto de ônibus em Dourados (MS), 2018.

O procedimento de indução pode ser notado em diferentes profissões. Ele é usado, por exemplo, por profissionais que trabalham na produção de pesquisas e estatísticas. Se queremos saber a opinião da população brasileira sobre determinado assunto, partimos de um problema evidente: não há possibilidade de entrevistar todos os brasileiros. Nesse sentido, é preciso definir um número mínimo de pessoas que seja necessário entrevistar para chegar a uma resposta confiável. Isso é o que os institutos de pesquisas chamam de "universo de pesquisa".



Edson Grandisoli/Pulsar Imagens

Recenseador do IBGE em Sorocaba (SP), 2023.

Essas pessoas devem ser selecionadas de modo a contemplar, de forma proporcional, a composição da população brasileira em suas diferentes características – faixa etária, gênero, etnia autodeclarada, etc. É preciso também entrevistar pessoas de diferentes regiões brasileiras, pois há variações nas opiniões. Selecionado o universo de pesquisa, o instituto coleta respostas e, com base nelas, apresenta os resultados conclusivos, que são fruto de um processo lógico indutivo.

Para esta atividade, sugerimos que se trabalhe com o professor de Matemática. A estatística será importante para embasar essas análises, ajudando a chegar a um universo de entrevistados que seja confiável. No entanto, caberá sempre considerar que, por mais que esse universo seja indicativo do conjunto de estudantes, pode haver variações importantes. Por meio da atividade, os estudantes podem compreender como lidar com essas variações ao analisar outros tipos de dados no dia a dia. Leia as demais orientações no **Manual do Professor**.

Atividades

Não escreva no livro

1. Forme grupos de até seis estudantes para produzir uma pesquisa estatística. Por meio de procedimento de indução, o grupo deve responder à seguinte questão: Quais são as cinco profissões que mais interessam aos estudantes da minha escola? Considere estes passos para a pesquisa e siga as demais orientações do professor.

a) De forma proporcional, selecione um número de estudantes do Ensino Médio para entrevistar na escola.

b) Faça a mesma pergunta a todos os entrevistados para descobrir as cinco profissões mais mencionadas por eles.

c) Tabule os dados e produza gráficos para apresentar os resultados obtidos.

d) Divulgue os dados para os colegas e a comunidade escolar. Essa divulgação pode ser feita por meio de recursos impressos ou digitais.

e) Por fim, converse com os colegas e o professor sobre a seguinte questão: A indução é sempre confiável?

Galeria de atividades

1. Você concorda com a afirmação de que é a linguagem que nos define como humanos? Explique os motivos de sua posição.
2. Em que sentido podemos afirmar que "a cultura é uma trama simbólica"?
3. Faça uma pesquisa sobre a linguagem utilizada na internet, principalmente nas redes sociais. Como as pessoas escrevem? O que elas escrevem? Como se expressam? Esse tipo de linguagem se aproxima ou se afasta do discurso oral? Com base na pesquisa, faça uma análise crítica sobre os "jogos de linguagem" que são encontrados nas redes sociais como manifestação cultural.
4. Pergunte a seus pais, tios ou avós sobre as músicas que eles ouviam e ouvem ainda hoje e procure a letra de algumas dessas músicas. Compare essas letras com as das músicas que você ouve. Faça uma análise crítica da linguagem utilizada nos dois casos.

Interdisciplinaridade
com Sociologia

5. Realize uma pesquisa e dê exemplos de cultura-mercadoria que circulam na sociedade atual.
6. Leia com atenção a letra da música a seguir e, se possível, ouça a canção. Após, discuta com os colegas o fato de necessitarmos de sistemas simbólicos para nos comunicarmos com outras pessoas. Escreva um texto dissertativo refletindo sobre a linguagem como representação das coisas. Use elementos que aprendeu neste capítulo e assuma uma posição, defendendo-a com argumentos.

1. Resposta pessoal. Sugere-se observar se os estudantes demonstram capacidade de dialogar com os elementos trabalhados no capítulo.
2. O ser humano é capaz de simbolizar o mundo por meio de várias perspectivas, como a linguagem. Se considerarmos a cultura um conjunto das atividades da ação humana sobre o mundo, podemos dizer que ela constitui a associação dos mais variados símbolos por nós criados, o que, por sua vez, constitui a possibilidade de novas simbolizações.

O mundo

O mundo é pequeno pra caramba
Tem alemão, italiano e italiana
O mundo, filé à milanesa
Tem coreano, japonês e japonesa
O mundo é uma salada russa
Tem nego da Pérsia, tem nego da Prússia
O mundo é uma esfirra de carne
Tem nego da Zâmbia, tem nego do Zaire
O mundo é azul lá de cima
O mundo é vermelho na China
O mundo tá muito gripado
O açúcar é doce, o sal é salgado
O mundo – caquinho de vidro
Tá cego do olho, tá surdo do ouvido
O mundo tá muito doente
O homem que mata, o homem que mente
Por que você me trata mal
Se eu te trato bem?
Por que você me faz o mal
Se eu só te faço o bem?
Todos somos filhos de Deus
Só não falamos as mesmas línguas
Todos somos filhos de Deus
Só não falamos as mesmas línguas
Everybody is filhos de *God*
Só não falamos as mesmas línguas
Everybody is filhos de *God*
Só não falamos as mesmas línguas

O MUNDO. Intérprete: Karnak. Compositor: André Abujamra. *In*: TRINITUS. Sony Music: [*s. n.*], 1995. 1 CD, faixa 4. Disponível em: https://tedit.net/ddnds9. Acesso em: ago. 2024.

3. Resposta pessoal. É importante que os estudantes percebam a diversidade da linguagem usada na internet, que inclui desde formas semelhantes às já existentes até novas possibilidades inauguradas pela comunicação instantânea e pelos recursos próprios da informática, dos *softwares* e das redes sociais.
4. Atividade aberta a ser desenvolvida individualmente.
5. Resposta pessoal. Atentar para a compreensão da noção trabalhada no capítulo.
6: O texto dissertativo a ser realizado com base nos elementos fornecidos. Avaliar a capacidade dos estudantes de utilizá-los no próprio discurso.

Enem e vestibulares

1. (Enem)

Sempre que a relevância do discurso entra em jogo, a questão torna-se política por definição, pois é o discurso que faz do homem um ser político. E tudo que os homens fazem, sabem ou experimentam só tem sentido na medida em que pode ser discutido. Haverá, talvez, verdades que ficam além da linguagem e que podem ser de grande relevância para o homem no singular, isto é, para o ho-

mem que, seja o que for, não é um ser político. Mas homens no plural, isto é, os homens que vivem e se movem e agem neste mundo, só podem experimentar o significado das coisas por poderem falar e ser inteligíveis entre si e consigo mesmos.

ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

No trecho, a filósofa Hannah Arendt mostra a importância da linguagem no processo de:

a) entendimento da cultura. Alternativa **e**.
b) aumento da criatividade.
c) percepção da individualidade.
d) melhoria da técnica.
e) construção da sociabilidade.

2. (Enem)

Por força da industrialização da cultura, desde o começo do filme já se sabe como ele termina, quem é recompensado e, ao escutar a música, o ouvido treinado é perfeitamente capaz, desde os primeiros compassos, de adivinhar o desenvolvimento do tema e sente-se feliz quando ele tem lugar como previsto.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

A crítica ao tipo de criação mencionada no texto teve como alvo, no campo da arte, a: Alternativa **c**.

a) burocratização do processo de difusão.
b) valorização da representação abstrata.
c) padronização das técnicas de composição.
d) sofisticação dos equipamentos disponíveis.
e) ampliação dos campos de experimentação.

3. (UEL-PR)

De acordo com a crítica à "indústria cultural", na sociedade capitalista avançada, a produção e a reprodução da cultura se realizam sob a égide da padronização e da racionalidade técnica.

No contexto dessa crítica, considerando o fast food como produto cultural, é correto afirmar: Alternativa **a**.

a) A padronização dos hábitos e valores alimentares obedece aos ditames da lógica material da sociedade industrializada.
b) O consumo dos produtos da indústria do fast food e a satisfação dos novos hábitos alimentares contribuem com a emancipação humana.
c) A homogeneização dos hábitos alimentares reflete a inserção crítica dos indivíduos na cultura de massa.
d) A racionalidade técnica e a padronização dos valores alimentares permitem ampliar as condições de liberdade e de autonomia dos cidadãos.
e) A massificação dos produtos alimentares sob os ditames do mercado corresponde à efetiva democratização da sociedade.

4. (Unioeste-PR)

Considere o seguinte excerto:

Quando, então, no *Tractatus* [*Tractatus Logico-Philosophicus*, 1921], Wittgenstein analisa a Linguagem, esta não é abordada como corpus empírico, mas como variedade de articulações lógicas possíveis. [...] Eis a Linguagem, tal como é tematizada no Tractatus: é o conjunto de formas lógicas proposicionais possíveis de representação dos fatos. Essa concepção de Linguagem não tem, assim, nada em comum com a prática científica do linguista, que trabalha sobre corpus específicos de línguas determinadas [...].

MORENO, Arley. *Wittgenstein – ensaio introdutório*.

Obra que marca a primeira fase da filosofia de Wittgenstein e que teve forte influência sobre grande número de filósofos, no século XX, o *Tractatus* é tema contínuo de debates em filosofia da linguagem. A respeito das teses wittgensteinianas dessa obra, assinale a alternativa CORRETA. Alternativa **c**.

a) Não pode haver relação de simetria entre Linguagem e Mundo, porque a Linguagem é eminentemente lógica, e o Mundo, factual.
b) A Linguagem dispõe de um número determinado de proposições elementares, não podendo, por isso, dar conta de todos os fatos.
c) Os limites da minha Linguagem denotam os limites do meu Mundo.
d) É tarefa do cientista falar sobre a Linguagem enquanto tal, além de pesquisar as línguas determinadas.
e) A forma lógica é um fato do Mundo.

CAPÍTULO 5

Corporeidade, gênero e sexualidade

A dimensão humana da corporeidade



Jonathan Saruk/Getty Images

Cartaz sobre medidas femininas consideradas ideais no Shisanba Cosmetic Surgery Hospital, em Beijing, China. Fotografia de 2011.



© The Estate of Francis Bacon. All rights reserved. AUTVIS, Brasil / DACS, London 2024. Reprodução/Coleção particular

Tríptico, óleo sobre tela de Francis Bacon, 1983. 198 × 132 cm. Essa obra nos leva além das representações estéticas do corpo: o que significa ser um corpo?

Atualmente, as pessoas são bombardeadas por um **padrão de beleza** reproduzido à exaustão em propagandas e programas de televisão, revistas e redes sociais. Apesar de o conceito de **diversidade** ser mais amplamente discutido e aceito pela sociedade nos últimos anos, as cirurgias estéticas que buscam certa uniformidade estão se popularizando cada vez mais em vários países. No Brasil, houve um aumento considerável do número de procedimentos estéticos em jovens de até 18 anos, o que pode estar relacionado à importância dada a críticas e a elogios feitos nas redes sociais, traduzida, por exemplo, na cultura das *selfies*.

O culto ao corpo é intenso na atualidade. Há uma forte pressão social para que determinado padrão seja seguido: as pessoas devem ser magras, com tônus muscular e aspecto jovem. No entanto, esses critérios nem sempre estão relacionados à busca por saúde. O culto ao corpo é muito mais uma preocupação com a estética, com a beleza, do que com o bem-estar.

Retome

Não escreva no livro

1. O que você pensa sobre a definição de medidas corporais como um padrão estético?

2. Por que, em geral, essas medidas são definidas para o corpo feminino? Como pensamos isso em relação a corpos masculinos?

1. Estimule o debate. Espera-se que os estudantes se engajem na argumentação sobre este tema.

2. Como evidência do machismo presente em nossa sociedade, define-se o padrão de beleza feminino, que é imposto às mulheres, mas os homens não se sentem tão pressionados por essa questão, ainda que também exista um "culto ao corpo" masculino na valorização do cultivo do físico em academias de ginástica.

Filósofos pensam o corpo e a corporeidade

O filósofo **Gilles Lipovetsky** trabalha em sua obra *A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos* a ideia de que essa onda de preocupação com o corpo é parte daquilo que ele denomina "sociedade pós-moralista". Em vez da antiga sociedade moralista, na qual a ética e a virtude impunham uma série de deveres, vive-se agora em uma sociedade que valoriza, principalmente, o bem-estar individual.

No lugar dos deveres, há "tarefas" que devemos cumprir para alcançar a felicidade. Tais "tarefas" envolvem muitos aspectos de nossas vidas, como a exposição social da orientação sexual, cuidados exacerbados com a higiene traduzidos como "amor ao corpo", existência de campanhas antifumo e antidrogas com ranço higienista, prática quase obrigatória de esportes e realização de tratamentos estéticos sem necessidade ou critério.

Podemos destacar a **corporeidade** – o fato de sermos um corpo – como uma das dimensões humanas mais fundamentais. Como a Filosofia tem conceituado o corpo ao refletir sobre o ser humano? Será ele o que nos faz ser o que somos? Quando dizemos "eu", falamos de um corpo ou de alguma outra coisa (alma), como um "recheio" que está no corpo? Para compreender como a Filosofia construiu esse conceito, é preciso fazer um percurso por sua história.



Eric Fougere/VIP Images/Corbis/Getty Images

Gilles Lipovetsky. Fotografia de 2008.

Gilles Lipovetsky (1944-)

Filósofo francês, professor na Universidade de Grenoble, dedica-se a refletir sobre o mundo contemporâneo. Dentre suas várias obras, destacam-se: *A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos* (1992); *Os tempos hipermodernos* (2004); e *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo* (2006).

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Corporeidade

Corporeidade é um conceito trabalhado especialmente pela Filosofia existencialista, que recusa pensar o humano de forma dualista, como no dualismo psicofísico. A corporeidade é o fato de o ser humano ser um corpo consciente no mundo (não se trata de "ter" um corpo, pois com essa afirmação se remete a uma alma ou a uma consciência separadas do corpo, como na perspectiva dualista). De acordo com filósofos como Sartre e Merleau-Ponty, só podemos ser conscientes porque estamos no mundo e percebemos as coisas, e é nesta percepção que adquirimos consciência de nós mesmos. E o que dá nossa vinculação com o mundo é a materialidade do corpo.

- Com suas palavras, explique a noção de corporeidade.

A corporeidade pensa o humano como unidade, de modo que só podemos ter consciência por sermos um corpo inserido no mundo, o que nos permite ter contato com as coisas e outros seres.

Retome

Não escreva no livro

- Por que, em nossa sociedade, existe uma pressão estética sobre o corpo?

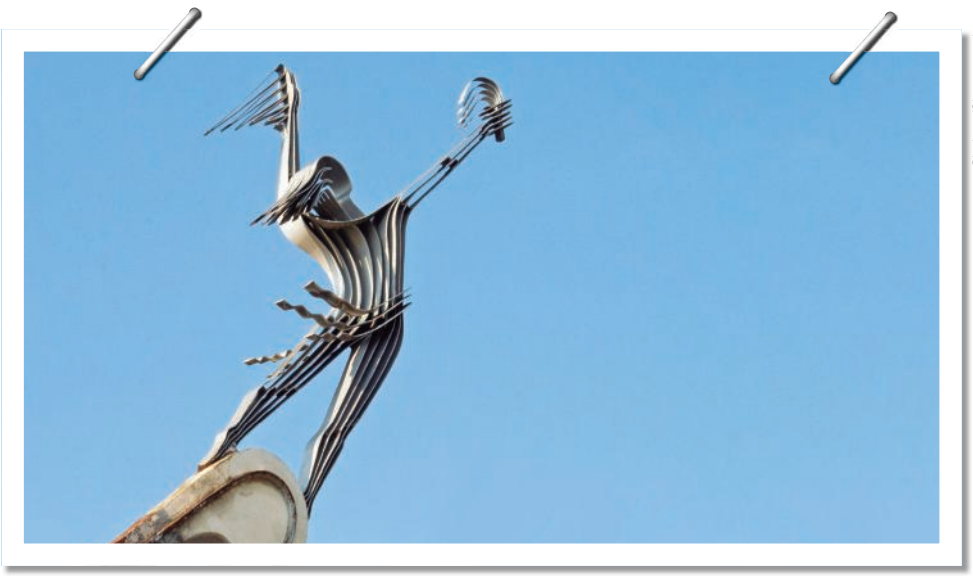
Segundo Lipovetsky, isso se deve ao fato de que vivemos em uma sociedade pós-moralista, que valoriza o bem-estar individual e impõe padrões de beleza física que precisam ser perseguidos para que o indivíduo seja feliz.

Platão: ideias e sentidos

Os gregos antigos davam muita importância ao corpo. Exercitavam-se e procuravam alimentar-se bem, de modo a ter um corpo saudável. A admiração pela força e beleza do corpo levou à prática de disputas atléticas, como as que ocorriam nos Jogos Olímpicos.

Para os gregos, o ser humano é constituído de *soma* (que traduzimos por "corpo"), uma certa quantidade de matéria, e de *psique* (que traduzimos por "alma"), o "sopro" que anima a matéria, que dá vida ao corpo.

Na mitologia grega, a história da criação da humanidade conta que Prometeu fez bonecos de barro e começou a brincar com eles. Zeus então soprou nos bonecos, que ganharam vida. Essa narrativa mítica buscava explicar a dupla natureza do ser humano: uma parte material, o corpo, moldado no barro; e uma parte espiritual, a alma, que é um sopro divino e que dá vida ao corpo material.



Cholpan/Shutterstock

Estátua de Prometeu em Tbilisi, Geórgia. Fotografia de 2021. Na mitologia grega, o titã Prometeu criou os seres humanos e, depois, roubou o fogo para eles, gerando a ira de Zeus.

A preocupação grega com o corpo estendeu-se para a Filosofia, que dedicou grande esforço para compreendê-lo. Platão refletiu sobre a relação entre corpo e alma em vários de seus diálogos e sob diferentes abordagens. Em *A República*, por exemplo, ele elaborou uma concepção baseada no **dualismo psicofísico**.

Platão explicava o mundo considerando uma duplicação da realidade, composta pelo mundo das ideias e pelo mundo dos sentidos. O primeiro é imaterial e inteligível; o segundo, sensível, material e físico. As ideias (também chamadas de formas) são eternas, sempre existiram e sempre existirão, e compõem um mundo considerado perfeito, distinto deste em que vivemos. Na criação do mundo que conhecemos, um espírito artesão, que Platão denominou "demiurgo", contemplou as ideias que habitam o mundo ideal e fez cópias delas a partir da matéria sem forma.

Corpo humano: imperfeito e mortal

Assim, contemplando a ideia perfeita de árvore, que é única e imutável, o demiurgo criou diversas cópias de árvores materiais; contemplando a ideia perfeita de homem, criou vários homens materiais; da ideia perfeita de mulher, copiou diversas mulheres materiais. E assim tudo o mais foi criado, como cópias imperfeitas dessas ideias. Nós, que habitamos o mundo imperfeito dos sentidos, poderíamos, por meio do pensamento, tentar conhecer as ideias de onde tudo se originou.

Para Platão, o corpo humano é parte do mundo sensível, enquanto a alma é parte do mundo ideal. A alma tem a mesma constituição das ideias; portanto, é perfeita e imortal. O corpo, tendo uma constituição material, é imperfeito e mortal. Enquanto um ser humano está vivo, ele é a união indissolúvel de um corpo físico mortal com uma alma ideal imortal.

Por isso o ser humano precisa cuidar do corpo, exercitá-lo, cultivá-lo: é por meio do cuidado com o corpo que podemos cuidar da alma, fazendo com que ela domine esse corpo imperfeito. Mas, quando o corpo morre, a alma se libera e volta ao mundo das ideias, podendo depois encarnar em outro corpo. Vê-se então que, para Platão, a alma é mesmo um "recheio" do corpo.



Devald Kirsten/Shutterstock

Cavalo puro-sangue inglês.



SandrasKnipserei/Shutterstock

Cavalo da raça *clydesdale*.



Sabine Hagedorn/Shutterstock

Cavalo tipo pônei.

Retome

Não escreva no livro

- Segundo a filosofia de Platão, diferentes exemplares de cavalo seriam cópias imperfeitas da ideia singular e perfeita de cavalo. É o que acontece também com tudo o que existe: para cada ser (ou coisa), há apenas uma ideia perfeita da qual todos os seres (ou coisas) são cópias. Por que, para Platão, os seres materiais são sempre imperfeitos?

Os seres materiais são imperfeitos porque são cópias de uma ideia. A ideia é perfeita, eterna e imutável, mas sua cópia, usando-se matéria para que se torne concreta, será sempre imperfeita. Por um lado, porque a matéria em si é imperfeita; por outro, porque uma cópia pode reproduzir de forma mais fiel ou menos fiel uma ideia, mas nunca será exatamente igual a ela.

Trabalhando com Lógica

Vejamos agora um tipo específico de indução, a **analogia**. Se, na indução, partimos de casos particulares para produzir uma conclusão geral, na analogia fazemos o mesmo, mas estabelecendo comparações e tirando conclusões por relações de **semelhança**.

Daí o nome analogia: afirmamos que duas coisas são análogas, semelhantes, de modo que aquilo que é válido para uma também deve ser válido para a outra. Essa é uma das formas mais comuns e frequentes de indução. Porém, ao realizá-la, precisamos estar atentos ao fato de que as semelhanças entre as coisas comparadas precisam ser bastante relevantes, ou o processo se torna falho.

Aristóteles: matéria e forma

Insatisfeito com a perspectiva platônica, Aristóteles escreveu em seus livros *Física* e *As partes dos animais* sobre a noção de **hilemorfismo** (das palavras gregas *hylé*, "matéria"; e *morphé*, "forma"), segundo a qual todas as coisas resultam de dois princípios diferentes e complementares: a **matéria** e a **forma**. A matéria é aquilo de que a coisa é feita; a forma é o que faz com que a coisa seja aquilo que é. No caso do ser humano, o corpo físico é a matéria, enquanto a forma é dada pela alma. Mais do que em Platão, essas duas realidades são inseparáveis, embora distintas. Uma só pode agir em conjunto com a outra.

Essa concepção de Aristóteles pode ser chamada de **orgânica**: a alma é aquilo que anima o corpo, que lhe confere movimento, estando totalmente integrada a ele. Corpo e alma formam um sistema orgânico. Um movimento físico, como levantar a mão, é realizado pelo corpo e possibilitado pela ação da alma, responsável pelo movimento. Um pensamento também é uma ação da alma, mas só pensamos porque somos seres corpóreos. Para Aristóteles, mesmo que fosse possível conceber uma alma separada de um corpo, essa alma não pensaria.

Ainda que tenha avançado em relação ao dualismo de Platão, em Aristóteles a alma continua sendo o "recheio" do corpo, pois é ela que lhe dá o movimento e a ação. Centenas de anos depois, já na Idade Média europeia e sob a influência do pensamento cristão, essas ideias de Platão e de Aristóteles foram retomadas e reelaboradas.

Vários filósofos dedicaram-se a reler a Filosofia antiga segundo os preceitos do cristianismo. Os dois mais importantes, como tratamos na unidade 1, foram **Agostinho de Hipona** (354-430) e **Tomás de Aquino** (1225-1274), em diferentes períodos da Filosofia medieval: o primeiro, no início do período conhecido como **patrística**, a filosofia dos "padres da Igreja"; o segundo, no da **escolástica**, a filosofia ensinada nos mosteiros e nas universidades medievais.

Favoritos



Reprodução/DreamWorks

O perfume. Patrick Süskind. Rio de Janeiro: Record, 2022.

Jean-Baptiste Grenouille se dedica a tentar produzir um perfume que o torne irresistível. Para isso, mata pessoas a fim de extrair de seus corpos essências que permitam a produção do perfume.



De Agostini/Getty Images

O alto-relevo enfatiza a representação dos corpos musculosos, tidos pelos gregos como expressão da beleza.

Neste detalhe de um alto-relevo ateniense do século VI a.C., vemos uma cena de luta entre dois atletas.

No detalhe

- Considerando o modo como os gregos pensavam a beleza dos corpos, explique como o desenho do alto-relevo expressa essa visão.

Não escreva no livro

Espinosa: corpo-mente

A concepção de corpo e alma coexistindo mais ou menos separados ganhou outros contornos sob a influência do pensamento cristão. O corpo passou a ser considerado fonte e lugar do pecado, uma vez que foi por meio do corpo que o ser humano pecou e perdeu o paraíso. À alma, expressão de pureza divina, cabe a função de controlar os desvios do corpo.

Apenas no século XVII, **Espinosa**, em sua *Ética*, propôs uma visão diferente desse padrão dualista que compreendia o ser humano como corpo e alma, destacando tanto aspectos positivos quanto negativos. O filósofo não utiliza a palavra **alma**, preferindo falar sempre em **mente**. Para ele, mente e corpo são **uma coisa só**. Quando nos referimos ao **pensamento**, o chamamos de **mente**; e, quando se trata da **matéria**, a chamamos de **corpo**. Mas um não pode ser concebido sem o outro.

Assim, Espinosa elaborou uma concepção não dualista do ser humano que nega que a mente prevaleça sobre o corpo. Como um e outro são a mesma coisa, nem o corpo pode obrigar a mente a pensar, nem a mente pode forçar o corpo a agir. Quando pensamos, o fazemos na condição de corpo-mente; quando nos movimentamos, também o fazemos na condição de corpo-mente.

Enquanto a tradição filosófica considerava o corpo pura matéria controlada por uma alma imaterial, Espinosa afirmava que, até então, ninguém havia sido capaz de dizer quais eram as possibilidades do corpo, aquilo que ele podia ou não fazer. Podemos compreender essa ideia pensando em situações extremas, nas quais o corpo reage de maneira inesperada.



Reprodução/Cappella Brancacci, Florença, Itália

A expulsão do Jardim do Éden, afresco de Masaccio, 1424. 208 × 88 cm. Para filósofos como Tomás de Aquino, o pecado original se perpetua porque os seres humanos de sucessivas gerações têm a mesma natureza, recebida do primeiro homem, Adão.

Os afetos e as ações do corpo

Para Espinosa, as ações do corpo dependem dos estímulos que ele recebe, aos quais ele chamou de **afecções**. O corpo pode ser afetado de diferentes formas e age a partir dessas afecções. E, dependendo de como o corpo é afetado, sua potência de agir aumenta. Um bom exemplo é o atleta que compete: o estímulo para alcançar a vitória é a afecção que aumenta sua potência de agir, levando a bons resultados.

Há também afecções que diminuem a potência de agir de um corpo. Quando ficamos decepcionados com algo e nos sentimos abatidos, temos pouca vontade de fazer qualquer coisa; nossa potência de agir se reduz. Espinosa denomina o aumento da potência de agir de **alegria**, enquanto a diminuição dessa potência é a **tristeza**.

Assim falou Espinosa

Afeto: ação e paixão

II. Digo que agimos quando ocorre em nós ou fora de nós algo de que somos causa adequada, isto é, quando de nossa natureza segue em nós ou fora de nós algo que pode ser entendido clara e distintamente só por ela mesma. Digo, ao contrário, que padecemos quando em nós ocorre algo, ou de nossa natureza segue algo, de que não somos causa senão parcial.

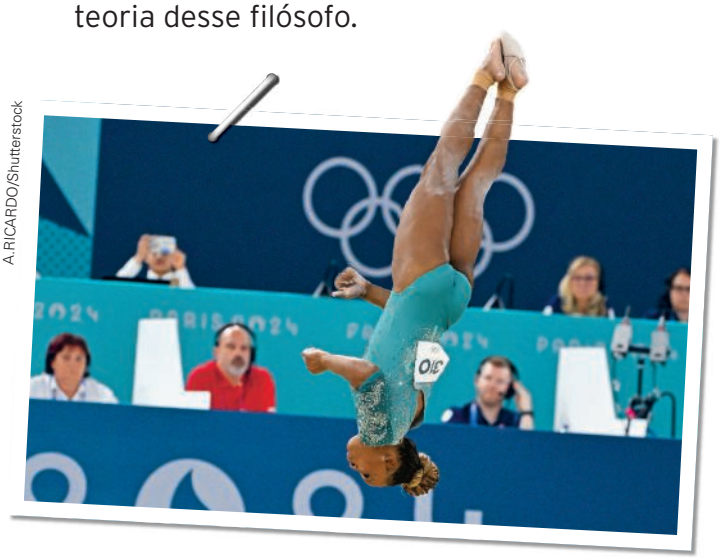
III. Por afeto entendo as afecções do Corpo pelas quais a potência de agir do próprio Corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida, e simultaneamente as ideias dessas afecções.

Assim, se podemos ser causa adequada de alguma destas afecções, então por Afeto entendo ação; caso contrário, paixão.

ESPINOSA. *Ética*. São Paulo: Edusp, 2018. p. 237.

Vemos assim que, para Espinosa, não faz nenhum sentido pensar no corpo como uma porção de matéria que tem por "recheio" uma mente ou uma alma que nos faz ser o que somos, que nos dá uma identidade. Não há um "recheio" diferenciado do resto do corpo, ele é o próprio recheio.

Hoje, com os avanços na Ciência, conhecemos bem melhor o corpo, sua anatomia e sua fisiologia, do que no tempo de Espinosa. Só recentemente, porém, a Neurociência tem conseguido compreender melhor as interações entre o corpo e a mente, dando ampla razão à teoria desse filósofo.



A. RICARDO/Shutterstock

A ginasta brasileira Rebeca Andrade apresenta-se durante os Jogos Olímpicos de Paris, em 2024. Em um exercício como esse, o corpo é levado a seus limites, equilibrando força e destreza.

1. Segundo Espinosa, podemos compreender o treinamento de um atleta como a forma de conhecer as possibilidades de seu corpo, agindo de modo a aumentar sua potência. Trata-se de um afeto ativo, que permite chegar até os limites do corpo para obter o resultado desejado.



Reprodução/Coleção particular

Retrato de Baruch Espinosa (1632-1677), filósofo holandês, óleo sobre tela de Samuel van Hoogstraten, 1670. Dimensões não informadas.

Baruch Espinosa (1632-1677)

Filho de uma família portuguesa, nasceu em Amsterdã (na atual Holanda) e recebeu uma sólida formação religiosa judaica e humanista. Por suas ideias consideradas heréticas, foi expulso da comunidade judaica local. Suas principais obras foram: *Tratado da reforma do entendimento* (escrito por volta de 1671 e só publicado após sua morte), *Tratado teológico-político* (1670) e *Ética demonstrada segundo o método geométrico* (1677).

Retome

Não escreva no livro

1. De acordo com a filosofia de Espinosa, como explicar o fato de que o corpo humano parece desafiar seus próprios limites?

2. Na história da Filosofia, houve diferentes formas de dualismo psicofísico. Cite alguns exemplos.

3. Em que a visão de Espinosa sobre o corpo se diferencia da visão dualista?

2. Cada estudante pode escolher diferentes perspectivas do dualismo psicofísico para sua resposta. Como exemplos, pode-se citar o dualismo platônico e o dualismo cartesiano.

3. A visão de Espinosa não é dualista porque, para ele, o corpo não é um simples receptáculo físico para a alma, aquilo que faz com que sejamos humanos. Corpo e alma não são duas realidades distintas, mas uma só e a mesma coisa. Nós não podemos separar corpo e alma, pois isso não faria sentido em seu pensamento. Quando pensamos, pensamos corporalmente; quando agimos, agimos corporalmente.

Novos conceitos na Filosofia do corpo

No século XX, o pensamento filosófico sobre o corpo recebeu novas contribuições, como aquelas de **Maurice Merleau-Ponty** e **Michel Foucault** (1926-1984).

Na obra *Fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty desenvolve o conceito de **corpo próprio**. O filósofo muda o foco da afirmação "Penso, logo existo", de **Descartes** (1596-1650), que coloca a certeza da existência no pensamento (na consciência ou na alma), para situá-la no corpo.

Vivendo no mundo, sendo um corpo em meio às coisas, nós as percebemos. É no ato da percepção que descobrimos a nós mesmos, que descobrimos que existimos. Nós só sabemos que existimos porque somos um corpo no mundo.

Merleau-Ponty criticou a Filosofia e a Fisiologia (o estudo biológico das funções do corpo) por serem **mecanicistas**, isto é, por considerarem o corpo um objeto, um mecanismo cujo funcionamento podemos conhecer. Isso, segundo ele, significa transformar o corpo em pura materialidade, que só ganha sentido se for "recheada" por uma mente ou uma alma.

O corpo próprio, para Merleau-Ponty, é a ideia de que cada pessoa é um corpo que percebe e que pensa – e, pensando, atua no mundo e sobre si mesmo. Desse modo, o corpo não é um objeto, como uma pedra ou um martelo, tampouco pura consciência ou pura percepção. O corpo próprio é a sede da percepção do mundo e de mim mesmo, possibilidade única de existência concreta.



Jean-Regis Rouston/Roger Viollet/Getty Images

Maurice Merleau-Ponty. Fotografia de 1950.

Maurice Merleau-Ponty (1908-1961)

Filósofo francês, foi professor em escolas de Ensino Médio e no Ensino Superior. Trabalhou com o método fenomenológico de Husserl e procurou desenvolvê-lo para além daquilo que foi imaginado por seu criador. Entre suas obras, destacam-se *Fenomenologia da percepção* (1945), *As aventuras da dialética* (1955) e *O visível e o invisível* (publicada postumamente em 1964).

Corpo: poder e disciplina

O filósofo francês Michel Foucault reflete sobre outro aspecto da corporeidade: a atuação do poder sobre o corpo. Segundo o filósofo, o aparente "desprezo pelo corpo" visto na Idade Moderna tirava atenção do esforço para mantê-lo controlado para que pudesse ser tomado como força de trabalho. O suposto "esquecimento do corpo" pela Filosofia tinha sua função: fazer com que não se percebesse sua submissão e os mecanismos que o submetiam.

Em *Vigiar e punir*, Foucault fala sobre o **poder disciplinar**, um importante mecanismo de controle que atuava individualizando os corpos. Esse poder era exercido em instituições, como fábricas, escolas, hospitais, prisões e quartéis. Em cada um desses lugares, o indivíduo tem um registro, é colocado em um lugar específico e tem seu progresso avaliado. São formas de disciplinar os sujeitos para manutenção da ordem estabelecida, ao mesmo tempo construindo para eles um papel que deve ser cumprido. Esse tipo de controle transforma corpos em sujeitos presos a identidades que lhes são atribuídas.

Ao mesmo tempo, a disciplina tem também seus efeitos positivos: ela possibilita a cada um que se conheça melhor e tenha consciência do próprio corpo. A tomada de consciência possibilita uma "revolta do corpo", que busca mais liberdade e menos controle. Para que o corpo seja afirmado, é preciso que seja conhecido; para ser conhecido, o corpo precisa ser disciplinado.

E, se o corpo é lugar de exercício de poder, ele é também lugar de se fazer único. O corpo resiste ao controle que lhe é imposto. Dessa forma, há uma relação do corpo com os poderes por meio da educação – uma relação de submissão, mas também de resistência. Não sabemos o que pode o corpo, pois nosso olhar para ele é limitado; o corpo é colocado em determinadas formas por um processo de educação, mas o corpo também resiste às normas e busca outras possibilidades.

1. A noção de corpo próprio é uma reação ao tratamento dado ao corpo como um objeto. Segundo Merleau-Ponty, não faz sentido afirmarmos que "temos" um corpo, pois isso indica que haveria algo ou alguém que controla esse corpo. A noção de corpo próprio implica afirmar que "somos" um corpo e habitamos um mundo que é percebido por esse corpo. É também o corpo próprio que permite que nos relacionemos com o mundo e com outras pessoas.

Retome Não escreva no livro

1. O conceito de "corpo próprio" criado por Merleau-Ponty considera o pensamento como fonte da certeza de nossa existência? O que significa tal conceito?

2. Explique como o poder disciplinar age sobre os corpos.

2. O poder disciplinar age individualizando os corpos, por exemplo, por meio da atribuição de um número de registro, um lugar na fila, um lugar na sala de aula para cada estudante. Ele permite controlar as pessoas nas instituições. Mas também permite que cada um se conheça melhor e possibilita que o corpo resista ao controle imposto.

Favoritos



Reprodução/Lacuna Filmes/Vitrine Filmes

Hoje eu quero voltar sozinho, Brasil, 2014. Direção: Daniel Ribeiro (96 min).

Leonardo é um adolescente cego que vivencia a experiência da amizade e da descoberta sexual.



Reprodução/Editora Brasiliense

O que é corpo. José A. Gaiarsa. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Em linguagem acessível, o autor transita por diversos temas ligados à corporeidade, da Medicina à Psicologia e à Filosofia.

Sexo, gênero e sexualidade: entre o biológico e o cultural



Bruno Santos/Folhapress

A cartunista Laerte, em fotografia de 2023. Um dos maiores nomes do jornalismo brasileiro, identificou-se como homem durante boa parte de sua vida. Por volta dos 58 anos, tornou-se adepta do *crossdressing* (prática de se vestir com roupas atribuídas ao gênero oposto) e, mais tarde, assumiu-se como mulher transgênero.

Um dos desdobramentos do conceito de corporeidade é a **sexualidade**: todo corpo humano é sexuado. Em uma visão mecanicista do corpo, podemos afirmar que o sexo é puramente biológico e definido por características com as quais nascemos. Excluindo alguns casos genéticos específicos, existem o sexo feminino, as mulheres, e o sexo masculino, os homens.

Com base nisso, também somos levados a crer que há coisas que se relacionam exclusivamente às mulheres e outras que são exclusividade dos homens. Mas nada é tão simples assim. Como compreender, por exemplo, que existem homens e mulheres que gostam de se vestir de acordo com os padrões estabelecidos para o sexo oposto?

Para entender a complexidade dessa questão, precisamos recorrer a uma visão não mecanicista do corpo. A maneira como nos vestimos, por exemplo, deve ser considerada em uma dimensão simbólica, que diz respeito ao modo como representamos e vivemos nossa corporeidade, e que, portanto, se coloca além do aspecto biológico. Como estudamos anteriormente, essa dimensão simbólica é o universo da cultura.

Se o corpo não é apenas matéria, se ele existe em determinada cultura, assuntos ligados à sexualidade estão relacionados à dinâmica da vida humana e não são apenas traços físicos ou biológicos. O sexo é biológico, mas as maneiras de vivê-lo são culturais, por isso se modificam de pessoa para pessoa, de cultura para cultura, de uma época para outra. Para dar conta dessa complexidade e promover uma discussão mais ampla, foi introduzido o conceito de **gênero**.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Gênero

Se o sexo é uma realidade biológica, o gênero introduz as dimensões da história e da cultura. Ser homem em uma cultura de um povo originário no Brasil é diferente de ser homem na cultura europeia; ser mulher na sociedade grega antiga é diferente de ser mulher na sociedade brasileira contemporânea. Portanto, ainda que haja um determinante biológico, a forma como se vive essa determinação depende da cultura e do momento histórico.

O gênero amplia a questão do sexo biológico ao afirmar suas dimensões sociais e históricas e torna mais fluida a separação entre os dois paradigmas de sexo masculino e sexo feminino. Assim, podemos falar em **pessoa cisgênero**, aquela que se identifica com seu sexo biológico; e em **pessoa transgênero**, aquela que se identifica com o outro sexo.

- Faça uma pesquisa e dê exemplos de diferenças na forma de vivenciar a masculinidade e a feminilidade em diferentes culturas.

Espera-se que os estudantes encontrem exemplos de formas distintas de masculinidade (como a virilidade dos guerreiros gregos antigos e a forma como ela se expressa em nossa sociedade) e de feminilidade.

Questão de gênero

Na obra *História da sexualidade: a vontade de saber* (1976), Foucault investigou como as sociedades entenderam a sexualidade ao longo do tempo e mostrou que foi se impondo uma visão moralista do sexo, que reprime certas práticas e legitima outras, criando uma série de hábitos sociais relacionados à sexualidade.

Essa moral sexual padronizou uma perspectiva centrada na visão biológica. Tal visão afirma não só a distinção absoluta entre homens e mulheres (**cisnormatividade**), como a complementaridade necessária entre esses dois sexos por meio do relacionamento afetivo (**heteronormatividade**).

Mas, como a vivência da sexualidade é a conjunção de fatores biológicos e culturais, nela também interferem os papéis atribuídos aos homens e às mulheres na sociedade, ou, como costuma ser denominada, a **questão do gênero**.

A filósofa **Simone de Beauvoir** dedicou-se a estudar a condição da mulher na sociedade. Em sua obra *O segundo sexo*, publicada em 1949, afirmou que "ninguém nasce mulher: torna-se mulher" conforme se vive. Não existe algo como uma "natureza feminina", porque o "ser mulher" não é uma essência (biológica ou cultural) que se realiza, mas uma construção que cada mulher faz em sua vida.

Para Beauvoir, assim como falamos em uma **condição humana**, de modo geral, podemos falar em uma **condição feminina**, de forma particular. A filósofa argumenta que a cultura e o pensamento foram sempre dominados pelos homens, e por isso a mulher foi considerada o outro, o não homem, e relegada a um segundo plano (daí o título de sua obra). Desvendar e compreender essa condição é, assim, a tática para poder lutar contra ela e construir outras realidades para o feminino.

Favoritos



Reprodução/Válvula Produções

Vestido de Laerte, Brasil, 2012. Direção: Pedro Marques e Claudia Priscilla (13 min).

Ficção baseada em uma história vivida pela cartunista Laerte, narra a busca de sua personagem, uma travesti e transgênero interpretada por ela mesma, por um certificado que lhe garantisse o direito de utilizar o banheiro público feminino.



Reprodução/Crystel Fournier/Hold Up Films

Tomboy, França, 2012. Direção: Céline Sciamma (82 min).

Laure é uma garota de 10 anos que se muda com os pais e a irmã mais nova para um local onde não conhece ninguém. Ela tem o cabelo curto e gosta de vestir roupas masculinas. Um dia conhece Lisa, que a confunde com um menino. Laure então se apresenta como Mickaël, e passa a ter uma dupla identidade: para os novos amigos ela é um menino, mas, em família, continua sendo menina.



Daniel Simon/Gamma-Rapho/Getty Images

Simone de Beauvoir. Fotografia de 1983.

Simone de Beauvoir (1908-1986)

Filósofa francesa nascida em Paris, dedicou-se também à literatura. Foi professora de Filosofia em vários colégios franceses antes de resolver dedicar-se exclusivamente a escrever. Produziu uma obra extensa, composta de romances, novelas e ensaios filosóficos. Tornou-se conhecida por sua ligação com o existencialismo e por seus trabalhos sobre a mulher e sua condição. Dentre suas obras, destacam-se: *Uma moral da ambiguidade* (1947); *O segundo sexo* (1949); e *A cerimônia do adeus* (1981).

1. Sexo diz respeito ao corpo biológico, podendo ser masculino ou feminino, enquanto o gênero trata das questões culturais de vivência do corpo sexuado, implicando uma multiplicidade de formas de vivê-lo. O gênero se afasta do binarismo homem-mulher, permitindo-nos compreender outras formas de manifestação da sexualidade humana.

Feminismos: heranças de Beauvoir

A afirmação de Beauvoir sobre o "tornar-se mulher" teve grande impacto nos movimentos feministas no século XX. Mas podemos dizer que sua validade é mais ampla, uma vez que essa formulação também é aplicável para o homem: ninguém nasce homem, mas se torna homem. Isso significa que as classificações "homem" ou "mulher" são construções culturais humanas, e não dados imutáveis da natureza.

Dessa forma, a condição dos gêneros está em constante reavaliação. É culturalmente, em nossas relações sociais, que as identidades de gênero vão sendo construídas. E é também pela produção cultural que elas vão mudando, de acordo com os valores socialmente dominantes.

Judith Butler é uma filósofa contemporânea que tem se dedicado a pensar a problemática do gênero, e se tornou uma das principais referências na área. Segundo ela, partindo de Beauvoir e Merleau-Ponty, há uma materialidade dos corpos que implica um estar no mundo, porém a forma como isso é vivenciado é cultural e histórica.

Segundo Butler, o gênero é uma ***performance***, o que significa que ele pode ser pensado e vivido de muitas maneiras. Cada pessoa "embaralha" em si mesma o masculino e o feminino, o heterossexual e o homossexual, de modo que uma definição de gênero e orientação sexual é sempre algo transitório e que se faz em determinado contexto, não algo que determine, de fato, como vivemos nosso corpo, como experimentamos o desejo, como construímos aquilo que somos.

***performance*:** realização, feito, atuação, desempenho.

Esse jogo de construções de si mesmo é um jogo de identidades. A cada momento somos chamados a assumir uma identidade, um papel social, e a agir de acordo com ele. Na vivência desses papéis, vamos ouvindo coisas como "homem que é homem não chora" e "menina não pode se sentar desse jeito".



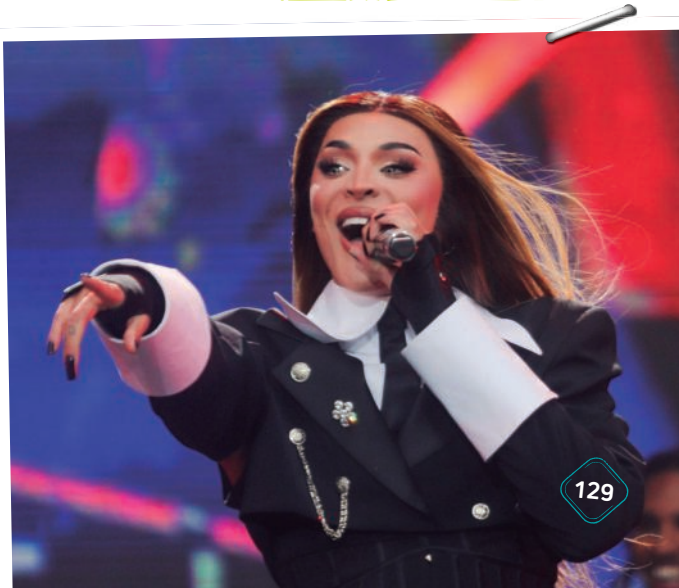
Aldara Zarraoa/Getty Images

Judith Butler em Madri, Espanha. Fotografia de 2022.

Judith Butler (1956-)

Filósofa estadunidense que se identifica como uma pessoa não binária. Dedica-se à Filosofia política e à Ética, bem como aos estudos feministas e à teoria *queer*. É professora universitária e faz conferências em diversos países.

Dentre suas obras mais importantes, temos: *Os atos performativos e a constituição do gênero* (1988), *Problemas de gênero* (1990) e *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"* (1993).



Yuri Murakami/Fotoarena

Pabllo Vittar, em São Paulo (SP), em fotografia de 2023. A cantora ficou conhecida como um símbolo de fluidez de gênero. Um exemplo de que a questão de gênero pode ser desconstruída, pois a divisão do mundo entre masculino e feminino não dá conta de abarcar todos os papéis sexuais que podem existir.

Retome

Não escreva no livro

1. Explique a distinção entre sexo e gênero.

2. Por que Simone de Beauvoir afirmou que "ninguém nasce mulher: torna-se mulher"?

2. A afirmação de Beauvoir significa que o "ser mulher" (bem como o "ser homem") é uma construção social, que depende de fatores históricos e culturais, não apenas dos biológicos. É por isso que a mulher aprende a ser mulher à medida que vive e é educada em determinada sociedade e cultura.

Mundo digital

Uma vida editada

Conforme vimos no início do capítulo, as redes sociais estão entre os principais canais para propagação de padrões de beleza. Esse tipo de conteúdo pode influenciar na percepção da autoimagem e, em casos mais graves, distorcer a compreensão do indivíduo sobre a realidade.

Muitas vezes, o consumo constante de conteúdos midiáticos causa um efeito inconsciente de exacerbação de expectativas e, consequentemente, de frustrações sobre si próprio ou sobre seu estilo de vida.

A facilidade de acesso a informações de diversas partes do mundo pode deixar um indivíduo profundamente influenciado por amostras de estilos de vida e de cultura talvez impossíveis de serem vivenciados. Além disso, no dia a dia, não pensamos em como boa parte do que acessamos na internet é idealizado para agradar, encantar e ganhar admiração do máximo de pessoas possível, em troca de monetização. Mas, muitas vezes, o que é exposto não é exatamente o real.

Agora, vamos refletir especificamente sobre a internet e as redes sociais.

Atividades

Não escreva no livro

1. Debata com seus colegas sobre o papel da internet na vida cotidiana.
2. Quais redes sociais você utiliza e com que frequência? Quais conteúdos você consome e compartilha?
3. Tendo em mente seu uso de redes sociais, é possível dizer que o conteúdo que consome influencia a forma como você se vê ou se expõe?
4. Você já apresentou uma versão "melhorada" de si mesmo *on-line*? Por quê?
5. Você diria que o uso de redes sociais impacta sua autoestima? Por quê?
6. Para registro dos debates, grave um *podcast* de 5 a 10 minutos de duração com suas reflexões e conclusões pessoais. O arquivo será disponibilizado para avaliação do professor e, se você se sentir confortável, ele também poderá ser compartilhado com os demais colegas da turma.

1. Espera-se que os estudantes contribuam com suas percepções sobre a internet no geral, não tanto as redes sociais. Estimule-os a contar quais conteúdos consomem em outras plataformas, como *sites* de notícia e *streamings*.

2. Observe as respostas dos estudantes e incentive o debate. É muito provável que apresentem as mesmas redes sociais em sua maioria, mas, caso mencionem uma menos conhecida ou dê falta de alguma que considerava popular, solicite que expliquem por que as acessam.

3. Estimule o exercício de autoconsciência dos estudantes. É bastante possível que eles já apresentem esse comportamento em suas redes sociais, mas não tenham consciência disso. Desenvolva a ideia de como um simples filtro em uma fotografia, um recorte ou a busca por um ângulo melhor visam mostrar ou privilegiar uma aparência que não necessariamente é cotidiana.

4. Promova uma reflexão consciente. Peça exemplos de situações em que os estudantes tiveram um grande cuidado ao produzir uma fotografia ou um texto e por que tiveram tanto cuidado. Questione: "Quais são seus objetivos nessas postagens?".

5. No decorrer do debate, espera-se que os estudantes percebam que, por vezes, o uso de redes sociais pode deixá-los inseguros por expor padrões inalcançáveis.

6. Este é um exercício reflexivo que deve ser exposto à comunidade escolar apenas se o estudante estiver confortável. Espera-se que eles reflitam e exponham suas opiniões com maior tranquilidade por se tratar de um ambiente privado; é importante que pensem em como isso afeta o seu cotidiano.

Trabalhando com

filme

A condição da mulher e a política

O filme *A candidata perfeita*, dirigido por Haifaa al-Mansour (Arábia Saudita, 2019, 101 min), mostra as dificuldades enfrentadas pela jovem médica Maryam Alsafan em uma pequena cidade saudita. Após enfrentar uma série de problemas de falta de verbas em seu hospital e sem conseguir ser ouvida, ela decide se candidatar às eleições municipais com o objetivo de trazer melhorias para seu local de trabalho, podendo atender melhor à população.

A médica enfrenta uma série de dificuldades, por exemplo, não poder viajar para o exterior para participar de um congresso médico sem a autorização de um homem (o pai, o marido ou algum responsável). Sua campanha esbarra na cultura conservadora e machista local, provocando impactos em sua vida e em sua família.

Assista ao filme e debata com os colegas o tema tratado e os problemas levantados.



Reprodução/Al Mansour Est./Audiovisual Media

Cartaz do filme *A candidata perfeita*, de Haifaa al-Mansour (Arábia Saudita, 2019, 101 min).

Atividades

Não escreva no livro

1. Compare a situação descrita no filme em relação à Arábia Saudita e àquela que você conhece no Brasil. Quais são as diferenças E as semelhanças?
2. Em sua opinião, como a condição subalterna da mulher pode ser superada?
3. Escreva uma redação sobre a condição da mulher na política no Brasil contemporâneo.

1. Ainda que a sociedade saudita seja mais explicitamente machista que a brasileira, inclusive em termos legais, no Brasil, a mulher também ocupa uma posição subalterna. Diferenças: na Arábia Saudita a mulher não pode se apresentar sozinha em público; deve usar roupas que cubram todo seu corpo; precisa de autorização de um homem adulto pelo qual ela esteja tutelada para fazer uma série de atividades, como viajar, estudar, entre outras. Semelhanças: nos dois países, a participação política de mulheres e homens não é equilibrada, havendo muito menos mulheres, apesar de serem elas, pelo menos, metade da população; em ambos os países, as mulheres vivem em uma condição subalterna, ainda que no Brasil tenham mais direitos e possibilidades de ação.

2. Estimule o debate para que os estudantes exercitem a reflexão e a argumentação.

3. Espera-se que os estudantes demonstrem consciência das dificuldades e desigualdades de gênero no país.

Galeria de atividades

1. Escolha dez estudantes de sua escola com idades diferentes e faça uma entrevista com cada um deles, com as seguintes perguntas:
   - Qual é seu ideal de um corpo perfeito? Você faz alguma coisa para ter ou manter um corpo assim?
   - O que é para você um corpo saudável? O que você faz para ter uma vida saudável?

   Com base nas respostas, faça uma análise crítica dos resultados para discussão coletiva em sala de aula. De acordo com os entrevistados, há relação entre um corpo perfeito e um corpo saudável? A perfeição do corpo é algo meramente estético? O que parece mais importante: estética ou saúde? Há equilíbrio entre os dois aspectos?
2. Converse com seus amigos que têm perfil em redes sociais. Pergunte a eles se a fotografia que eles divulgam recebe ou não algum tipo de edição em programas de correção de imagem e, em caso afirmativo, o que eles alteram e por que fazem isso. Escreva uma dissertação sobre como cada um divulga publicamente sua imagem.
3. Faça uma pesquisa em livros e na internet sobre imagens de corpos humanos que sofrem intervenções estéticas, como tatuagem e *piercing*. Que tipo de linguagem esses corpos comunicam?
4. Escolha um mangá ou *anime* e analise como os gêneros masculino e feminino são representados nos desenhos. Compare essa representação com a de personagens de quadrinhos e animações ocidentais. Discuta com sua turma as conclusões.
5. Procure a música "Homem com H", de autoria de Antonio Barros – se possível, assista a um vídeo em que ela seja interpretada pelo cantor Ney Matogrosso, que a tornou conhecida nacionalmente em 1981. Em seguida, elabore uma reflexão com base no que você estudou sobre gênero.

1. Atividade de pesquisa aberta, que pode apresentar distintos resultados. Na discussão, é importante que os estudantes reconheçam que não existe "corpo perfeito", sendo esse um valor subjetivo. Além disso, os estudantes devem considerar de maneira crítica a diferença existente entre a saúde corporal e os ideais estéticos sobre o corpo comuns em nossa sociedade.

2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes sejam capazes de refletir criticamente sobre como as redes sociais podem ser usadas para transmitir versões idealizadas e irreais de seus usuários, o que muitas vezes impacta negativamente a autoestima dessas pessoas, além de reforçar padrões de beleza e de estilo de vida cada vez mais difíceis de manter.

3. Resposta pessoal. Os estudantes devem buscar compreender de maneira respeitosa as intenções das pessoas que fizeram essas intervenções estéticas e como elas buscam expressar suas personalidades por meio desses procedimentos.

4. Atividade aberta, com resposta de cunho pessoal. É esperado que os estudantes identifiquem como a representação dos gêneros é subjetiva e pode variar de acordo com o contexto cultural. Além disso, os estudantes devem buscar perceber se as obras analisadas representam a diversidade existente na sociedade em que foram produzidas, buscando problematizar estereótipos.

5. Resposta pessoal. É esperado que os estudantes consigam perceber que a letra faz referência a ideais de masculinidade e que reflitam sobre o significado desses ideais com base na interpretação da composição e, se possível, da execução dos artistas.

Trabalhando com Lógica

6. a) É possível concluir que: quando entramos novamente no rio, as águas já não são as mesmas; quando entramos novamente no rio, nós já nos transformamos e não somos os mesmos; tudo está sempre mudando.

6. Tome os fragmentos a seguir como premissas e, deles, extraia possíveis conclusões. Os fragmentos indicados foram extraídos do livro *Escrever é desvendar o mundo*, de Severino A. M. Barbosa e Emília Amaral (2. ed. Campinas: Papirus, 1987):
   - **a)** "Não nos banhamos duas vezes nas águas de um mesmo rio." (Heráclito)
   - **b)** "A morte é fácil
     O difícil é a vida
     e o seu ofício" (Maiakóvski)

6. b) Pode-se concluir que não devemos temer a morte, que é fácil, e que devemos nos concentrar no difícil ofício da vida.

7. a) Ensinar a pescar dá autonomia a alguém; ter autonomia é muito importante para o ser humano.

7. b) Nem toda herança favorece a autonomia do indivíduo; uma herança em bens pode prender o indivíduo a uma situação.

7. Agora, faça o movimento inverso ao realizado na atividade anterior: tome os fragmentos indicados como conclusões e escreva a(s) premissa(s) que pode(m) levar a tais conclusões:
   - **a)** "O importante não é dar o peixe, mas ensinar a pescar." (Ditado popular)
   - **b)** "A melhor herança que se pode deixar a um filho é possibilitar que ele mesmo desbrave o seu próprio caminho." (Isadora Duncan)

Enem e vestibulares

1. (Enem)

Nas últimas décadas, uma acentuada feminização no mundo do trabalho vem ocorrendo. Se a participação masculina pouco cresceu no período pós-1970, a intensificação da inserção das mulheres foi o traço marcante. Entretanto, essa presença feminina se dá mais no espaço dos empregos precários, onde a exploração, em grande medida, se encontra mais acentuada.

NOGUEIRA, C. M. As trabalhadoras do telemarketing: uma nova divisão sexual do trabalho? In: ANTUNES, R. et al. *Infoproletários*: degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2009.

A transformação descrita no texto tem sido insuficiente para o estabelecimento de uma condição de igualdade de oportunidade em virtude da(s): Alternativa **b**.

a) estagnação de direitos adquiridos e do anacronismo da legislação vigente.

b) manutenção do status quo gerencial e dos padrões de socialização familiar.

c) desestruturação da herança patriarcal e das mudanças do perfil ocupacional.

d) disputas na composição sindical e da presença na esfera político-partidária.

e) exigências de aperfeiçoamento profissional e de habilidades na competência diretiva.

2. (Uece)

O tema gênero e sexualidade, atualmente, é mote de muitos debates acalorados e polêmicos na sociedade brasileira. Porém, é forçoso reconhecer a pertinência desses debates a favor de mais inclusão social para o convívio em uma sociedade que deve prezar por valores democráticos como os das liberdades individuais. Em tempo, partindo de uma compreensão geral das ciências sociais, gênero e sexualidade são produtos da relação entre a subjetividade individual (algo que é de cada pessoa) e a cultura (questão coletiva). Assim, o "ser homem", o "ser mulher" e as orientações sexuais passam pelo crivo intrincado de decisões pessoais e socioculturais. E essa perspectiva das ciências sociais em torno do tema aponta para o melhor convívio nas democracias contemporâneas.

Assim, considerando o tema gênero e sexualidade nas ciências sociais, avalie as proposições a seguir: Alternativa **c**.

I. A sigla LGBTQIA+ procura representar, da forma mais inclusiva possível, os diferentes modos de ser e de se orientar pelo gênero e sexualidade.

II. As livres expressões da sexualidade causam prejuízos para a liberdade sexual de todos aqueles que não se enquadram nessas formas indefinidas de gênero.

III. Nem a cultura nem questões psicológicas conseguem mudar o fato biológico natural que distingue o que significa ser do sexo masculino ou do sexo feminino.

IV. A sociodiversidade de gêneros e de orientações sexuais ainda hoje enfrenta os males dos preconceitos que julgam como anormais as pessoas não heterossexuais.

Está correto o que se afirma somente em

a) II e III.
b) II e IV.
c) I e IV.
d) I e III.

3. (UFSJ-MG)

Analise o enunciado a seguir.

Toda inferência analógica parte da semelhança de duas ou mais coisas em um ou mais aspectos para concluir a semelhança dessas coisas em algum outro aspecto.

I. Copi. Introdução à Lógica. São Paulo: Mestre Jou, 1968, p. 315.

Esquematicamente, se a, b, c e d forem quaisquer entidades, e P, Q, R forem quaisquer propriedades ou "aspectos", um argumento analógico poderá ser representado da seguinte forma: Alternativa **b**.

a) a, b, c, d têm todas as propriedades R e Q a, b, c têm todos a propriedade Q portanto, d tem a propriedade Q

b) a, b, c, d têm todas as propriedades P e Q a, b, c têm todos a propriedade R portanto, d tem a propriedade R

c) a, b, c, d têm todas as propriedades R e P a, b, c têm todos a propriedade P portanto, d tem a propriedade P

d) a, b, c, d têm todas as propriedades R e R a, b, c têm todos a propriedade R portanto, d tem a propriedade R

Debate plural

O que é o humano?

Para aprofundar a investigação filosófica sobre o ser humano, leia os dois textos a seguir.

O ser humano pode ser compreendido por uma natureza?
Ou ele será aquilo que faz em sua existência?

Neste texto, o filósofo Ernst Cassirer reflete sobre a dificuldade para compreender o ser humano. Se buscamos uma "natureza humana", atribuímos ao humano uma homogeneidade que ele não tem.

Texto 1 O que é o homem?

[...] Nem a lógica ou a metafísica tradicionais estão em melhor posição para compreender e resolver o enigma do homem. Sua primeira e suprema lei é o princípio da contradição. O pensamento racional, o pensamento lógico e metafísico, só pode compreender os objetos que estão livres da contradição e possuem uma natureza e verdade coerentes. Entretanto, é precisamente essa homogeneidade que nunca encontramos no homem. [...]. A contradição é próprio elemento da existência humana. O homem não tem "natureza" – não é simples e homogêneo. É uma estranha mistura de ser e não ser. Seu lugar fica entre esses dois polos opostos. [...]

A filosofia das formas simbólicas parte do pressuposto de que, se existe alguma definição da natureza ou "essência" do homem, só pode ser compreendida como funcional, não como substancial. [...] A característica notável do homem, a marca que o distingue, não é sua natureza metafísica ou física – mas seu trabalho. É esse trabalho, o sistema das atividades humanas, que define e determina o círculo de "humanidade". [...] A linguagem, a arte, o mito, a religião não são criações isoladas ou fortuitas, são unidas entre si por um laço comum; este não é um *vinculum substantiale* [vínculo substancial] como foi concebido e descrito pelo pensamento escolástico; é antes um *vinculum functionale* [vínculo funcional]. É a função básica da linguagem, do mito, da arte, da religião que devemos procurar muito além de suas formas e expressões inumeráveis e que, em última análise, devemos tentar rastrear até uma origem comum.

CASSIRER, Ernst. *Antropologia filosófica*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977. p. 30; 116.

O texto a seguir é um trecho de uma conferência de Jean-Paul Sartre, proferida em 1946 e depois publicada em livro. Nessa conferência, ele rebate as críticas que o existencialismo recebia dos cristãos, que o acusavam de não ter esperança, e dos marxistas, que o acusavam de alienado, sem consciência dos problemas sociais e humanos. No trecho aqui reproduzido, Sartre explica o ato humano da escolha e como ele nos "engaja" com toda a humanidade.

Texto 2 Escolhendo-me, escolho o homem

[...] Se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é, de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens. A palavra subjetivismo tem dois significados, e os nossos adversários se aproveitaram desse duplo sentido. Subjetivismo significa, por um lado, escolha do sujeito individual por si próprio e, por outro lado, impossibilidade em que o homem se encontra de transpor os limites da subjetividade humana. É esse segundo significado que constitui o sentido profundo do existencialismo. Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. [...] Escolher ser isso ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se [...] a existência precede a essência, e se nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda a nossa época. Portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira. [...] Sou, desse modo, responsável por mim mesmo e por todos e crio determinada imagem do homem por mim mesmo escolhido; por outras palavras: escolhendo-me, escolho o homem.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 6-7. (Os pensadores).

1. a) O autor afirma que não há uma natureza humana porque, para ele, o ser humano não é homogêneo e simples, mas uma heterogeneidade, uma mistura de ser e não ser ao mesmo tempo. Por isso, o ser humano só pode ser pensado com base naquilo que faz e realiza, e não em algo que o defina de antemão.

1. b) O autor afirma que o pensamento metafísico só é capaz de compreender aquilo que é simples e homogêneo, dotado de uma natureza intrínseca. A metafísica é incapaz de compreender aquilo que é heterogêneo, formado por contradições e que não possui uma natureza clara e distinta.

1. c) Segundo o autor, só podemos estudar o ser humano por meio de suas manifestações e realizações no mundo. Por isso, o objeto de estudo de uma Filosofia antropológica só pode ser o "círculo de humanidade", constituído pela linguagem, pelo mito, pela religião, pela Arte, pela Ciência, pela História.

2. a) Essa afirmação significa que, no caso do ser humano, não há uma essência universal que nos faz ser o que somos. Ao contrário, primeiro existimos, somos lançados no mundo, para em seguida construirmos nossa vida e aquilo que somos. Assim, uma essência do ser humano não pode ser mais do que aquilo que ele realiza ao longo de sua vida.

Atividades

Não escreva no livro

1. Com base no texto 1, responda:
   - **a)** Por que o autor afirma que não há uma natureza humana?
   - **b)** Que crítica o texto faz ao pensamento metafísico?
   - **c)** Como construir uma "filosofia do homem"?
2. A partir do texto 2, responda:
   - **a)** Explique o significado da afirmação: "a existência precede a essência".
   - **b)** O que significa afirmar que o ser humano "se escolhe a si mesmo"?
   - **c)** Explique por que, segundo Sartre, quando fazemos uma escolha, estamos envolvendo a humanidade inteira nessa escolha.
3. Com a ajuda do professor, a turma será dividida em dois blocos, e estes serão subdivididos em trios. Os grupos do bloco A assumirão a perspectiva do texto 1 e farão perguntas sobre o texto 2. Os grupos do bloco B irão assumir a perspectiva do texto 2 e farão perguntas sobre o texto 1. Após a elaboração das questões, os grupos formarão um debate ao responder às perguntas dos colegas.

2. b) Significa que o ser humano é livre e por isso precisa fazer escolhas. Escolher a si mesmo é assumir a construção de sua própria vida, não confiar que já está tudo definido de antemão, mas afirmar que tudo está por ser feito.

2. c) Uma escolha individual envolve a humanidade inteira porque o ser humano é um ser de valores. Quando alguém faz uma escolha, indica aquilo que pensa ser bom, não apenas para ele, mas para todos.

3. Não há respostas definidas. O professor precisa estar atento às perguntas, verificando se de fato elas se articulam com o texto e com as respostas, para ver se também estas estão articuladas e se são resultado de uma reflexão do grupo. No debate, estimular a argumentação dos estudantes.

Corpo utópico e emancipação



Reprodução/ONU

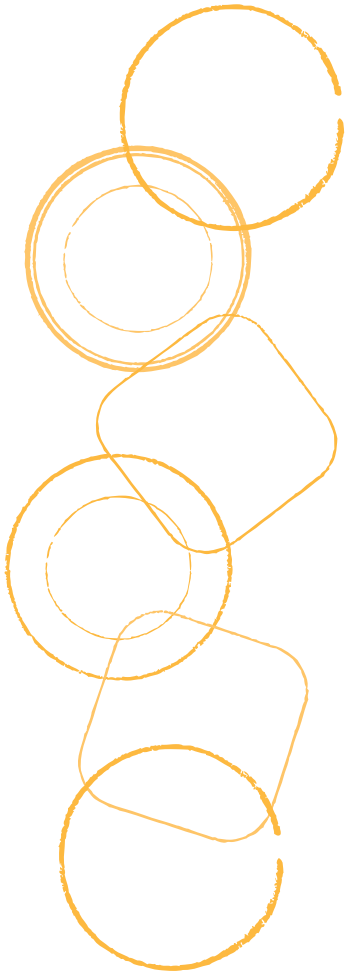
Agora, vamos refletir sobre corpo e gênero inspirados por textos de Michel Foucault e Simone de Beauvoir.

Qual o papel do corpo na constituição dos sujeitos?

No texto a seguir, Michel Foucault mostra a relação entre o corpo humano e a utopia. A utopia no corpo está nas roupas que usamos, na maquiagem, em máscaras ou tatuagens. Mudamos o corpo, mudamos a nós mesmos, mudamos nossos lugares no mundo.

Explique aos estudantes que *Cidade do Sol* é o título de um livro de Tommaso Campanella (1568-1639) que descreve uma cidade utópica.

Texto 1 O corpo utópico



[...] O corpo é ele mesmo um grande ator utópico, quando se trata de máscaras, da maquiagem e da tatuagem. Mascarar-se, maquiar-se, tatuar-se, não é exatamente, como poderíamos imaginar, adquirir um outro corpo, simplesmente uma pele mais bonita, mais bem decorada, mais facilmente reconhecível; tatuar-se, maquiar-se, mascarar-se é sem dúvida algo completamente diverso, é fazer o corpo entrar em comunicação com os poderes secretos e as forças invisíveis. A máscara, o desenho tatuado, o produto cosmético depositam no corpo toda uma linguagem: toda uma linguagem enigmática, toda uma linguagem cifrada, secreta, sagrada, que chama sobre esse mesmo corpo a violência do deus, a potência surda do sagrado ou a vivacidade do desejo. A máscara, a tatuagem, o cosmético localizam o corpo em outro espaço, eles o fazem entrar em um lugar que não tem um lugar diretamente no mundo, eles fazem desse corpo um fragmento de espaço imaginário que vai se comunicar com o universo das divindades ou com o universo de outrem. [...]

Eu estaria maluco, de fato, se acreditasse que o corpo jamais está em outro lugar, que ele está irremediavelmente aqui e que ele se opõe a toda utopia.

Meu corpo, de fato, está sempre em outro lugar, ele é ligado a todos os outros lugares do mundo, e verdadeiramente ele não é senão em outro lugar. Pois é em torno dele que as coisas estão dispostas, é em relação a ele – e em relação a ele como um soberano – que há um acima, um abaixo, uma direita, uma esquerda, um adiante, um atrás, um próximo, um distante. O corpo é o ponto zero do mundo, o lugar em que os caminhos e os lugares vêm se cruzar; o corpo não está em nenhum lugar: ele é no coração do mundo esse pequeno núcleo utópico a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego, pelo poder indefinido das utopias que imagino. Meu corpo é como a Cidade do Sol, ele não tem um lugar, mas é dele que partem e se distribuem todos os lugares possíveis, reais ou utópicos.

FOUCAULT, Michel. *Le corps utopique, les hétérotopies*. Paris: Lignes, 2009. p. 15-18. Texto traduzido.

A constituição da mulher como um fator cultural e não apenas biológico é o tema dos trechos a seguir. Simone de Beauvoir reflete sobre a produção da masculinidade e da feminilidade e afirma que a "libertação da mulher" requer que ela se assuma como ser sexuado.

Texto 2 Tornar-se mulher...

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. O drama do nascimento, o da desmama desenvolvem-se da mesma maneira para as crianças dos dois sexos [...].

[...] O privilégio que o homem detém, e que se faz sentir desde sua infância, está em que sua vocação de ser humano não contraria seu destino de homem. Da assimilação do falo e da transcendência, resulta que seus êxitos sociais ou espirituais lhe dão prestígio viril. Ele não se divide. Ao passo que à mulher, para que realize sua feminilidade, pede-se que se faça objeto e presa, isto é, que renuncie a suas reivindicações de sujeito soberano. É esse conflito que caracteriza singularmente a situação da mulher libertada. Ela se recusa a confinar-se em seu papel de fêmea porque não quer mutilar-se, mas repudiar o sexo seria também uma mutilação. O homem é um ser humano sexuado: a mulher só é um indivíduo completo, e igual ao homem, sendo também um ser sexuado [...].

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 9; 452.

1. a) Segundo o filósofo, seu efeito é projetar o corpo em outro espaço, por isso ele fala em "corpo utópico". Essas intervenções estéticas sobre o corpo produzem o efeito de uma multiplicação das possibilidades e sentidos do corpo. Não se trata de buscar um outro corpo, mas de multiplicar as possibilidades simbólicas do próprio corpo.

1. b) É pelo corpo que nós nos colocamos no mundo e é por meio dele que podemos nos relacionar com as coisas e com outras pessoas. Nesse sentido, tudo parte do corpo e tudo passa por ele. O corpo é, para cada um de nós, como uma esquina na qual se encontram todos os caminhos, a confluência de todas as possibilidades.

2. a) Vivemos em uma cultura centrada no masculino, uma cultura patriarcal, que coloca o sexo feminino como o outro sexo, ou seja, como o sexo que se define por não ser o sexo masculino. Cultural e socialmente, produziu-se, portanto, uma perspectiva de divisão e de segregação, como se os mundos masculino e feminino fossem completamente separados, como se cada um dos sexos tivesse sua função definida.

2. b) Na cultura machista, o homem costuma afirmar sua sexualidade dominante. Como à mulher é reservado o lugar da passividade, do dominado, a sexualidade feminina foi identificada com essas características. Assim, afirmar a independência da mulher seria o mesmo que afirmar sua masculinidade, sua posição de não passividade. Mas a autora alerta que isso é uma armadilha; a mulher não pode se libertar afirmando-se como homem. Ela precisa se libertar afirmando sua sexualidade feminina, tirando essa sexualidade do lugar social da passividade e do dominado.

Atividades

Não escreva no livro

1. Com base no texto 1, responda:
   - **a)** Segundo Foucault, qual é o efeito de intervenções estéticas sobre o corpo, como a maquiagem e a tatuagem?
   - **b)** Como podemos compreender a afirmação de que "o corpo é o ponto zero do mundo"?
2. A partir do texto 2, responda:
   - **a)** Por que a mulher foi considerada pelos homens como o Outro? Quais são as decorrências culturais e sociais disso?
   - **b)** Em que sentido a libertação da mulher requer que ela se assuma como ser sexuado? Por que se recusar a isso seria como uma mutilação?
3. Depois de ler os dois textos, você pensa que diferenças emocionais entre homens e mulheres estão ligadas à diferença na educação de filhos e filhas? Qual é o papel do corpo nesse processo? Elabore uma dissertação explicando suas conclusões.

3. Trata-se de uma resposta pessoal, a partir da conclusão da reflexão do estudante. Atentar para sua capacidade de refletir sobre o problema, chegar a conclusões e argumentar em torno delas.

Questões como "Por que agimos?" e "Como agimos?" constituem o campo da ética, uma área da Filosofia que estuda as ações humanas e os valores que orientam e motivam nosso agir coletivo e individual.

No decorrer da história, diversos filósofos atribuíram nossas ações a vários motivos: razão e busca da felicidade; vida pessoal e cotidiana; contexto cultural e político; e temas como sexualidade, história e hedonismo.

Assim, os valores que orientam a ação humana podem mudar ao longo do tempo? Como é possível conduzir nossa vida de forma ética? O que é preciso para escolhermos e efetuarmos uma boa ação? Estudaremos esses temas nesta unidade.



UNIDADE 3

Por que e como agimos?



Os trapaceiros, óleo sobre tela de Michelangelo Caravaggio, 1595. 90 × 112 cm.

Reprodução/Museu de Arte Kimbell, Forte Worth, Texas, EUA

1. Observando a imagem, como você a descreveria?

2. O que você pensa sobre o tema da imagem?

3. Qual é sua opinião sobre um jogo: vale tudo para ganhar?

1. Espera-se que os estudantes descrevam a imagem como um grupo jogando cartas, no qual algum ou alguns deles estão trapaceando.

2. Espera-se que os estudantes chamem a atenção para a necessidade de debater socialmente esse tipo de atividade.

3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes assumam uma posição favorável ou contra e a justifique, de modo a ensejar um debate sobre os valores.

CAPÍTULO 6

Os valores e as escolhas



CANAL+ ESPAÑA/CINEBISS/HIMENOPTERO/MOD PRODUCCIONES/Album/Fotoarena

Cena do filme *Alexandria*, de 2009, na qual vemos a filósofa e astrônoma Hipátia e seu escravo Davus. No filme, eles se veem envolvidos em uma trama que narra conflitos éticos e morais entre fé e razão.

O filme *Alexandria* se passa no século IV e narra os embates entre o pensamento secular tradicional e o cristianismo em ascensão em todo o Império Romano. Em Alexandria, no Egito, a filósofa Hipátia luta pela sobrevivência da sabedoria antiga, enquanto Davus, um escravizado recém-convertido ao cristianismo, luta por sua fé e liberdade.

Por que uma pessoa é condenada em razão de seu modo de pensar e agir? Sobre quais valores e critérios se baseiam as leis e os costumes para que se possa julgar uma ação como certa ou errada, transgressora ou prejudicial à vida em sociedade?

O conflito de valores presente no filme mostra um problema que a Filosofia enfrenta desde seus primórdios: o que move nossos atos? Por que somos levados a certas ações? Em que nos baseamos quando decidimos o que vamos fazer?

Para responder a essas questões, a Filosofia parte da noção de valor. Quando temos que decidir entre uma opção e outra, entre duas ou mais possibilidades, nós avaliamos prós, contras e atribuímos diferentes valores a cada uma delas. Então, escolhemos aquela que nos parece mais apropriada às circunstâncias analisadas; ou, dizendo de outra forma, escolhemos aquela que nos parece ter mais valor.

Mas surgem, então, outros questionamentos: O que é o valor? Ele é sempre o mesmo ou muda de acordo com o tempo?

Não escreva no livro

Os valores são universais

Foi pensando nas questões em torno do valor que Platão escreveu o diálogo *A República*. Nesta obra, o filósofo grego trata da ideia de justiça e a exemplifica com um modelo perfeito: a cidade justa, lugar em que as pessoas encontrariam a felicidade, pois viveriam de acordo com sua própria natureza, o que as tornaria mais aptas a fazer a escolha certa entre os valores e a agir corretamente.

Para Platão, nós somos felizes quando vivemos de acordo com a nossa natureza e não somos forçados a viver contra ela. Para garantir a felicidade de uma cidade, portanto, seria necessário possibilitar aos cidadãos o conhecimento de sua própria natureza, com suas qualidades particulares e suas habilidades.

O conhecimento da natureza de cada um seria obtido pelo processo educativo. Na cidade ideal pensada por Platão, todas as crianças seriam entregues aos cuidados do Estado ao nascerem e receberiam a mesma educação, baseada em ginástica (para bem formar o corpo) e música (para bem formar a alma). À medida que elas avançassem no processo de instrução, seriam também observadas pelos adultos, seus educadores, que deveriam, pouco a pouco, reconhecer no comportamento de seus pupilos a natureza ou o **caráter** de cada um.

Reprodução/Galleria Nazionale delle Marche, Urbino, Itália



A cidade ideal, óleo sobre painel atribuído a Luciano Laurana, c. 1480. 67,7 × 239,4 cm. A obra representa Calípolis, a "cidade bela" segundo Platão. O filósofo planejou uma cidade ideal, na qual cada cidadão teria seu lugar definido, de acordo com seu caráter. No século XVI, o tema da cidade ideal foi retomado pela arquitetura renascentista.

No detalhe

Não escreva no livro

- Observe a simetria da obra apresentada. O edifício central é ladeado por igual número de prédios; embora eles sejam diferentes, têm tamanhos parecidos, mantendo uma harmonia do espaço. Por que essa harmonia é importante em uma cidade bela e justa?

A simetria e a harmonia da imagem chamam a atenção para a necessidade de justiça; mesmo que nem todos sejam perfeitamente iguais, é preciso haver equilíbrio e não desproporção. A imagem de uma cidade bela evidencia o equilíbrio da justiça, razão da felicidade de todos.

A cidade justa

Aprendemos que Platão via o ser humano como uma articulação entre corpo (material) e alma (imaterial).

Para ele, cada um de nós possui três almas distintas. Uma "alma inferior", que se subdivide em duas, "alma irascível" e "alma concupiscível", e uma "alma superior". Nosso temperamento é a forma como essas três almas se misturam, com uma delas predominando.

Tendo em vista esses três tipos de pessoas, Platão dizia que a cidade justa deve contar com três grupos sociais, pois cada um viveria conforme sua natureza e a cidade seria governada visando à justiça.



1

A **alma superior** é a alma racional, que se localiza na cabeça e é responsável pelo pensamento. As pessoas de caráter racional seriam os administradores, responsáveis pelas atividades de gestão.

2

A **alma irascível** é ligada à ira, à irritação e se localiza no peito. Aqueles de caráter irascível seriam guerreiros e guardiões.



Fonte: elaborado com base em PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martins Fontes, 2006

Ilustração: Alberto de Stefano/Arquivo da editora

3

A **alma concupiscível** está localizada no ventre, e é responsável por nossos desejos e paixões. As pessoas de caráter concupiscível seriam responsáveis pela produção.

Na cidade justa, aquele que mais age de acordo com sua própria natureza é qualificado virtuoso, pois é capaz de fazer o bem para si mesmo e para os outros. A virtude, para Platão, é o principal valor compartilhado pelos cidadãos da cidade justa, porque é aquilo que move suas ações.

Valores como felicidade, justiça e virtude são universais, isto é, valem para todos em qualquer época e lugar. Segundo Platão, a virtude já está presente no indivíduo ao nascer e a alcançamos por meio do autoconhecimento. Só assim o cidadão saberá se orientar racionalmente na hora de escolher suas ações, para que estejam de acordo com sua natureza, com o bem da cidade e com sua felicidade.

Não escreva no livro

1. Com suas palavras, procure explicar a noção de valor.
2. Como se configura cada um dos três caracteres ou temperamentos (ou mesmo "perfis humanos", se quisermos atualizar o termo) definidos por Platão?

Leia as respostas no **Manual do Professor**.

Os valores são construções históricas

No final do século XIX, em obras como *Genealogia da moral* e *Para além de bem e mal*, **Friedrich Nietzsche** (1844-1900) fez uma forte crítica à ideia platônica de universalidade dos valores. Para o filósofo alemão, os valores são produzidos historicamente em função da situação do indivíduo no contexto social. Assim, a principal tarefa da Filosofia seria produzir uma escala de valores, mostrando sua hierarquia.

Nietzsche reflete sobre a ideia da moral como uma prescrição de formas de agir com base em valores considerados universais. Ele afirma que os filósofos sempre se preocuparam em encontrar os fundamentos da moral, os valores que garantem a existência de uma moral, mas nenhum deles preocupou-se com a moral em si, e se, de fato, existe uma moral. Para ele, é preciso pensar sobre a própria moral compreendida na história, analisada em suas origens – realizar, enfim, o que chamou de **genealogia da moral**.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Genealogia (da moral)

A genealogia consiste no estudo da origem de um indivíduo, família, grupo social e, por extensão, de uma palavra ou conceito. Para Nietzsche, a genealogia é um procedimento de investigação filosófico, histórico e **filológico** de palavras, saberes, práticas e instituições, com o objetivo de revelar os valores que estão em sua base, mostrando que eles são sempre decorrentes de jogos de forças.

Assim, uma genealogia da moral significa um estudo filosófico e histórico sobre a moral, de modo a compreender os valores que a sustentam. O filósofo afirma que a moral e seus valores tiveram uma emergência na história, não sendo, assim, universais. Fazer uma genealogia da moral significa desvendar os valores historicamente produzidos que a sustentam.

- Explique, com suas palavras, por que a genealogia mostra que os valores são históricos e não universais.

filológico: relativo ao estudo científico do desenvolvimento de uma língua.

Espera-se que os estudantes afirmem que os valores são históricos porque eles têm origem no contexto de sua época; se fossem universais, não seria possível identificar sua emergência histórica.

Favoritos

Nietzsche & Para além de Bem e Mal. Oswaldo Giacoia Jr. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. (Passo a Passo).

Apresentação comentada de uma das principais obras de Nietzsche dedicadas ao estudo dos valores e da moral.



Reprodução/Editora Zahar

Assim falou Nietzsche

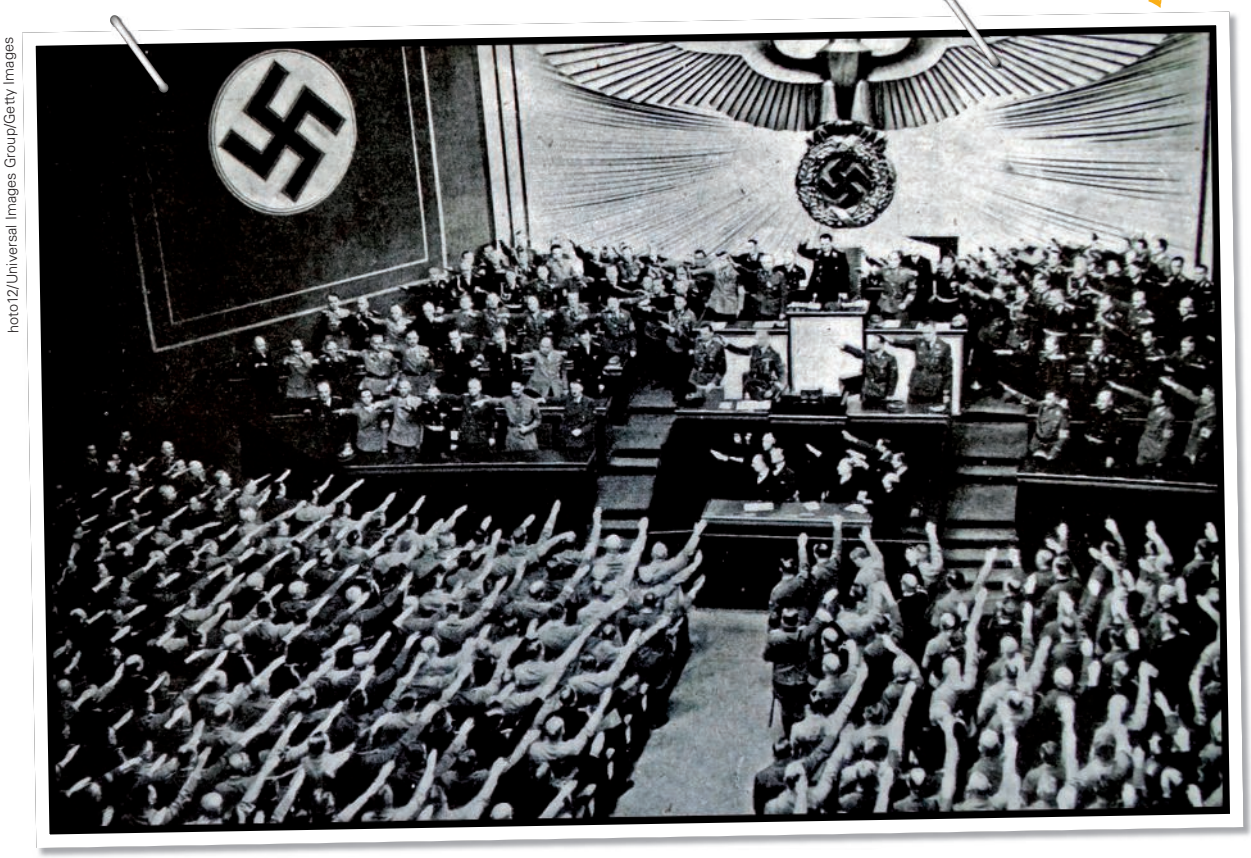
A tarefa do filósofo

A questão: que vale esta ou aquela tábua de valores, esta ou aquela "moral"? deve ser colocada das mais diversas perspectivas, pois "*vale para quê*?" jamais pode ser analisado de maneira suficientemente sutil [...] Todas as ciências devem doravante preparar o caminho para a tarefa futura do filósofo, sendo essa tarefa assim compreendida: o filósofo deve resolver o problema do valor, deve determinar a hierarquia dos valores.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 46.

Segundo alguns especialistas, Nietzsche antecipou a crítica às formas autoritárias de poder da primeira metade do século XX, como o fascismo (Itália) e o nazismo (Alemanha).

No livro *Genealogia da moral* (1887), ele se preocupou com o nascimento dos valores morais concebidos como universais e eternos. Para Nietzsche, predomina entre nós uma "moral de rebanho", um tipo de ação em que grandes grupos seguem um líder. Segundo ele, o princípio de que "a união faz a força" é a expressão de uma moral de fracos porque, se os indivíduos forem fortes por si mesmos, não precisam se unir. São os fracos que procuram seus iguais e vivem sob as ordens de um comandante, um "pastor de rebanho" que mostra a todos o caminho a seguir. Sua pergunta é: de onde provém essa moral? Segundo o filósofo, provém de uma inversão de valores que leva as pessoas a considerar que ser fraco é melhor que ser forte.



hoto12/Universal Images Group/Getty Images

Saudações nazistas após discurso proferido no Palácio do Reichstag (parlamento), em Berlim (Alemanha), em 1938. O nazismo foi uma ideologia que mobilizou muitas pessoas em apoio a um líder autoritário, baseando-se em valores morais conservadores, tidos como necessários e universais. Esse fenômeno histórico pode ser também compreendido sob a luz da crítica nietzschiana da moral.

Caráter ativo e caráter reativo

Para explicar essa ideia, Nietzsche afirma que todos os seres vivos são animados por um impulso vital que ele denomina **vontade de poder** ou **vontade de potência**. Embora seja um conceito muito abrangente, que aparece de diferentes formas e com sentidos distintos ao longo de sua obra, podemos dizer que essa força é algo orgânico e biológico, que está sempre em expansão, fazendo-nos afirmar a vida e querer permanecer vivos.

Para Nietzsche, esse impulso está presente em todos os indivíduos e se manifesta quando temos conhecimento, quando produzimos saberes sobre o mundo, por exemplo. Além disso, há uma "vontade de poder forte", que é ativa, e uma "vontade de poder fraca", que é reativa. Elas implicam dois tipos de caráter: um caráter ativo (forte) e um caráter reativo (fraco).

O **caráter ativo** está presente nos indivíduos que são capazes de afirmar a si mesmos por meio da ação. Nas palavras de Nietzsche, são aqueles que conseguem "dizer um grande sim à vida" e a vivem de forma intensa. Um exemplo de caráter ativo é o de um artista que cria suas obras segundo seus impulsos, sem se importar com as convenções sociais ou com a recepção pelo público. Sua criação é uma afirmação de si mesmo.



Eugene Gologursky/Getty Images for Artery

O grafiteiro Eduardo Kobra (1975) frente a uma de suas obras em Nova York (Estados Unidos), 2022. Nascido na periferia de São Paulo, fez do grafite, uma arte considerada marginal, sua forma de expressão. Hoje, é reconhecido mundialmente como um grande muralista.

Já o **caráter reativo** é o do indivíduo que não é capaz de afirmar a si mesmo senão por meio da negação do outro. Ele não age, mas reage às ações do outro. Por isso Nietzsche o identificou como fraco: sua ação não tem impulso criador, ocorre em função do outro. Em oposição ao caráter ativo, poderíamos citar como típico do caráter reativo o artista que faz suas obras apenas para agradar ao mercado consumidor, segundo o gosto comum, para que elas sejam aceitas por muitas pessoas e se tornem fonte de recursos financeiros.

Os indivíduos fortes são aqueles capazes de dizer: "Eu sou bom"; por isso eles são nobres, poderosos, superiores. Os indivíduos fracos são aqueles que olham para o forte e dizem: "Você me domina, então você é mau; e se você é mau, eu, por oposição, sou bom".

Na natureza, o forte é o bom (o que não significa que o fraco seja mau). Ele é bom porque é capaz de afirmar-se. A partir de determinado momento na história humana, contudo, foi sendo criada a ideia de que os fracos são os bons e os fortes, por oposição, são maus. Essa é uma inversão de valores.

Trabalhando com Lógica

Silogismo

Na lógica formal, o tipo mais comum de argumento é o denominado **silogismo**, uma forma perfeita de raciocínio que se estrutura segundo um conjunto de regras bastante rígidas que garantem sua validade lógica. Observe:

1. O silogismo é composto apenas de três premissas: a maior, a menor e a média. A primeira, chamada de "maior", expressa uma ideia geral. A segunda, denominada "menor", é relacionada a ela e traz um caso particular. Articulando-as corretamente, é possível obter uma conclusão verdadeira sobre o caso particular.
2. Aquilo que é afirmado na conclusão não pode ser mais geral do que aquilo que é afirmado nas premissas.
3. O termo médio não pode aparecer na conclusão.
4. Ao menos uma das premissas deve ser geral, universal.
5. Não podemos tirar nenhuma conclusão de duas premissas negativas.
6. Se tivermos duas premissas afirmativas, a conclusão nunca pode ser negativa.
7. A conclusão sempre diz respeito ao termo menos geral, à premissa mais fraca.
8. Se tivermos duas premissas particulares, sem qualquer afirmação geral, nada pode ser concluído a partir delas.

A crítica à inversão de valores

Segundo Nietzsche, há duas fontes principais para a inversão de valores na cultura ocidental.

A primeira é a crença na imortalidade da alma, como propunha a Filosofia socrático-platônica. Se acreditamos que a alma é imortal, que continuaremos vivendo após a morte do corpo (mesmo que de outra maneira), deixamos de afirmar a vida tal como a conhecemos. Por causa dessa crença, diz Nietzsche, os gregos deixaram de afirmar a vida, de ser criadores, indivíduos nobres, para se tornarem produtores de uma cultura de **resignação**.

resignação: conformismo face aos sofrimentos ou às condições a que se está submetido.

A segunda fonte é o cristianismo. Nietzsche foi um crítico radical do cristianismo (e não do Cristo) como religião e filosofia por sua defesa da resignação e da afirmação da vida terrena.



Ezra Acayan/Getty Images

Fiéis chicoteiam as costas durante a Sexta-Feira da Paixão. Infanta (Filipinas), 2024. Presente não apenas em vertentes do cristianismo, mas também em outras religiões, a autoflagelação visa à purificação dos pecados e à elevação do espírito por meio da dor causada pela penalização do corpo.

O caráter ativo (que se baseia na afirmação) e o caráter reativo (centrado na negação) implicam dois sistemas de valores distintos, ou duas diferentes morais. A moral afirmativa Nietzsche denomina de **moral dos fortes** ou **moral dos nobres**. É um sistema de valores centrado na afirmação de qualidades como a coragem, a força, a saúde e o orgulho.

Favoritos



Reprodução/Editora Leya

Entendendo Nietzsche – um guia ilustrado. Laurence Gene. Desenhos de Piero. São Paulo: Leya, 2014.

Os principais elementos do pensamento de Nietzsche são expostos em linguagem clara e direta, com ilustrações que ajudam a compreender as ideias desse pensador.

Nietzsche chama a moral reativa de **moral dos fracos**, **moral dos escravos**, ou mesmo **moral de rebanho**, e afirma que ela está centrada em valores como submissão, humildade, piedade e importância do sofrimento.

Há uma questão psicológica fundamental na criação de uma moral de rebanho: o **ressentimento**. Segundo o filósofo, os indivíduos fracos não conseguem esquecer e superar determinadas situações. Isso produz neles um sentimento de rancor e seus valores são produzidos em reação a esse ressentimento. Já os indivíduos fortes não são ressentidos; em sua afirmação da vida e de si mesmos, eles simplesmente superam as coisas de que não gostam e constroem aquilo que lhes interessa.

Duas formas de felicidade

Havendo dois caráteres, há também duas concepções de felicidade. Uma é a felicidade ativa, a felicidade do nobre, que é viver ativamente, criando e produzindo. A outra é a felicidade passiva, a felicidade do fraco, que é um entorpecimento, algo que se espera um dia possuir — quem sabe no reino dos céus.

Em síntese, para Nietzsche, não são valores universais como o Bem e o Mal que fundamentam as escolhas humanas, pois bem e mal são valores construídos historicamente pelos próprios seres humanos, a partir das avaliações que fazem das coisas e situações.

Quando essa avaliação é feita por uma perspectiva do forte, da afirmação, as coisas e situações são tidas como boas ou como ruins, sendo ruim simplesmente aquilo que não é bom.

Na perspectiva do fraco, a avaliação não conta com uma afirmação direta. O fraco é aquele que diz que o forte é mau porque o subjuga. O mau não é simplesmente o ruim, o que não é bom; o mau o é por sua própria natureza, ele é mau porque se impõe aos outros. E, em decorrência, o bom é aquele que não é mau.

Favoritos

Assim falou Zaratustra. Friedrich Nietzsche. Tradução do japonês por Drik Sada. Porto Alegre: L&PM Mangá, 2020.

Aqui, o principal livro de Nietzsche foi reescrito em quadrinhos, no estilo japonês do mangá. Uma forma leve e divertida de compreender a complexa filosofia do pensador alemão.



Reprodução/Editora L&PM

Em suma, na perspectiva do fraco, o bom é aquele que faz o bem (tomado como princípio universal) e o mau é aquele que pratica o mal (também tomado em sua universalidade). Mas o forte é aquele para quem não há universalidade de bem e de mal, ele está além disso: as coisas e os seres são bons ou ruins de acordo com seu juízo.

Houve, segundo o filósofo, uma luta milenar entre esses valores contrapostos, "bom e ruim", "bem e mal"; luta que se trava ainda hoje, mesmo que nos últimos séculos a moral dos fracos tenha triunfado.

Foi essa inversão que pôs em jogo a universalização dos valores, segundo a qual haveria um Bem e um Mal, e não mais simplesmente bom e ruim. Por isso, segundo o filósofo, é urgente um processo de **transvaloração dos valores** pela afirmação de valores ativos, e não mais dos reativos.

1. Para Nietzsche, não há valores universais. Todos são criações humanas e correspondem a interesses particulares. Os valores são sempre criações históricas, com validade em determinado tempo e lugar. Segundo o filósofo, há um caráter ativo, que afirma seus próprios valores, e um caráter reativo, que só afirma seus valores negando os valores do outro. Para ele, uma situação saudável é aquela em que predomina o caráter ativo.



United Archives GmbH/Alamy/Fotoarena

Cena do filme *Brincando nos campos do Senhor*, de 1991, dirigido por Hector Babenco, em que um casal de missionários estadunidenses tenta pregar aos indígenas da Amazônia brasileira que renunciem a suas crenças e seus costumes em nome dos valores cristãos e dos hábitos ocidentais.

Retome

Não escreva no livro

1. Explique a noção de valor desenvolvida por Nietzsche.

2. Por que o filósofo alemão afirma que os valores foram invertidos?

2. De acordo com Nietzsche, na sociedade ocidental houve um processo de "inversão de valores", pois predomina o caráter reativo, centrado na negação da vida e não em sua afirmação. Por isso é necessária uma "transvaloração dos valores", que recoloque em cena o caráter afirmativo da vida.

Valor, escolha e liberdade

Em sua obra *O ser e o nada* (1943), o filósofo **Jean-Paul Sartre** (1905-1980) discute a universalidade do valor. Ele fala no "ser do valor", que seria uma produção da consciência. Sartre trabalhou com o método fenomenológico, que tem como um dos conceitos centrais o de consciência. Para **Edmund Husserl** (1859-1938) e Sartre, a consciência é a realidade do ser humano, único ser consciente no mundo.

Segundo a **fenomenologia**, a consciência é vazia de conteúdo. Ela se caracteriza por ser um **ato**: o ser consciente é aquele que observa o mundo e, ao vê-lo, percebe que está vendo. Por exemplo, enquanto você observa uma árvore, na mesma experiência percebe que você não é a árvore observada. Você é algo que tem a capacidade de perceber a existência da árvore. Mas, se você tenta pensar sobre si mesmo, não encontra nenhuma referência material. A consciência é, então, o ato de observar a árvore e, nessa observação, perceber a si mesmo.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Fenomenologia

Esse termo designa "o estudo filosófico do fenômeno" (em grego, *phainómenon*), isto é, "daquilo que aparece". Entre muitos fenomenólogos, Edmund Husserl se destacou com a publicação da obra *Investigações lógicas*, de 1901. A partir dela, a fenomenologia contemporânea passou a designar não apenas o estudo daquilo que aparece aos nossos sentidos e intelecto como manifestação da realidade, mas também a manifestação ou aparecimento de algo **em si mesmo**, ou seja, na sua essência. Assim, opõe-se à tradicional distinção entre **aparência** (falsidade, não ser) e **essência** (verdade, ser) presente em concepções fenomenológicas anteriores.

- Por que é importante estudar os fenômenos, aquilo que aparece para nós? O que podemos aprender com esse estudo?

Segundo a fenomenologia, ao estudar os fenômenos, podemos ir além das aparências, pois os fenômenos manifestam a essência das coisas. Por meio do estudo dos fenômenos, podemos conhecer as essências dos objetos observados.

Roberto Resston Fo/Shutterstock



Crianças brincam em parque em Caraguatatuba (SP), 2024. Ao longo da infância, a brincadeira é uma das maneiras que temos de nos apropriar do mundo. No ato de brincar, aprimoramos nossa percepção do mundo e das coisas e isso possibilita que aprimoremos nossa consciência, pensando também em nós mesmos.

Consciência e valor

Para Sartre, o ser humano é um **ser consciente**, e o valor é a forma de ser da consciência. Em sua concepção, **valor** e **vontade** têm a mesma "estrutura de ser". Ao afirmar isso, ele está se referindo à noção de **falta**, que acredita ser o elemento comum a esses dois conceitos.

Segundo o filósofo, nós atribuímos valor àquilo que nos falta, da mesma forma que temos vontade daquilo que não possuímos, pois, se já temos essa coisa, não a **desejamos**.

É no mesmo sentido que Sartre afirma que o valor tem estrutura semelhante à da vontade: o valor é uma falta, uma ausência, que nos faz atuar para preenchê-la, para anulá-la. É assim, quando mobilizamos ação e pensamento em busca da realização de um desejo, que a consciência produz novos valores.

Porém, como a falta constitui a própria estrutura da consciência, tão logo agimos e conquistamos um valor, a consciência quer se manifestar de outra forma, por meio de outros valores. O vazio retorna e novamente buscamos outra maneira de preenchê-lo, como fazemos diante de desejos ainda não saciados, que se renovam e reacendem assim que o sentimento de satisfação se torna frio e evanescente. Sendo essa a própria filosofia do ser da consciência humana, esse processo constante de escolha consiste em uma necessidade.



Ethel BLUM-LERIN/Gamma-Rapho/Getty Images

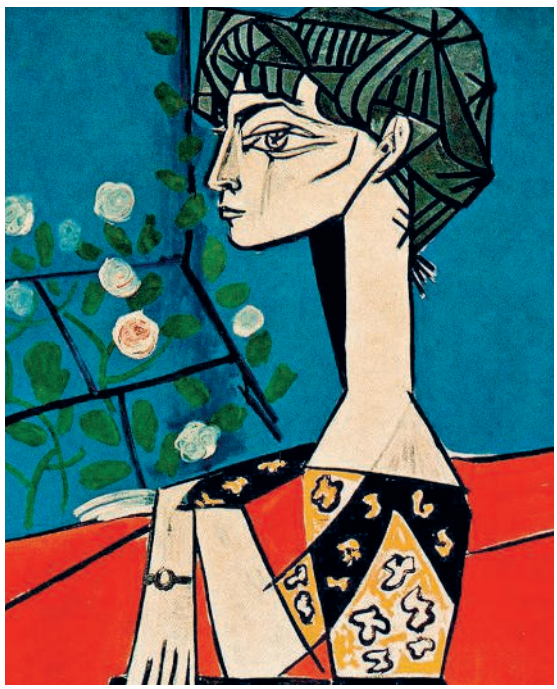
Jean-Paul Sartre em manifestação pública numa rua de Boulogne-Billancourt, na França, em outubro de 1970. Conceitos como consciência, ação e liberdade evidenciam a preocupação de Sartre com as questões suscitadas em sua época. A ética, em seus aspectos teóricos e práticos, é repensada à luz da reflexão sobre os conflitos ideológicos que marcaram o século XX.

Segundo Sartre, é por meio desse processo que um ser **transcende** seu próprio ser, indo além de si mesmo. Por exemplo: um pintor, depois de uma longa busca, consegue criar uma técnica com a qual se torna conhecido. Ele poderia permanecer nesse estado, atrelado à concepção técnica que orienta sua produção artística. Porém, tão logo conquista o desafio inicial que o consagra, ele deseja ir além. Mais experimentos, diferentes temas e muitos estudos são algumas medidas práticas e teóricas que o pintor mobiliza para realizar essa nova busca: a superação da técnica anterior.

Essa superação de si mesmo é o que Sartre chama **transcendência**. Ela só é possível por intermédio do valor, que, no exemplo do pintor, é a técnica artística. Ao possibilitar a manifestação da vontade, a consciência lhe toma como seu motor. O valor impulsiona constantemente o indivíduo à ação para superar-se na busca de novos valores. Se eles mudam, a consciência muda também; modifica-se o seu próprio **ser** e também o **ser consciente**, isto é, a pessoa, que pensa, age e se expressa mediante os valores. Eis por que os valores são o motor da ação humana.



Reprodução/Coleção particular © Succession Pablo Picasso/AUTVIS, Brasil, 2024. Mark Green; Alamy/Fotoarena



Reprodução/Coleção particular © Succession Pablo Picasso/AUTVIS, Brasil, 2024. Mark Green; Alamy/Fotoarena

À esquerda, *Mulher com os braços cruzados*, óleo sobre tela de Pablo Picasso, 1902. 81,3 × 58,4 cm; à direita, *Jaqueline com flores*, óleo sobre tela de Pablo Picasso, 1954. 116 × 88,5 cm. Lado a lado, as duas pinturas de Pablo Picasso (1881-1973) ressaltam a mudança de técnica alcançada pelo pintor espanhol ao longo de sua carreira.

No detalhe

Não escreva no livro

- Podemos identificar essa mudança de estilo na pintura de Picasso como um exemplo da transcendência da qual fala Sartre? Por quê?

Sim, ela pode ser vista como uma transcendência, porque a pintura mais antiga mostra que o autor cultivava o valor da arte clássica representacional, procurando dar o máximo de realismo à tela. Cinquenta anos depois, seu estilo é totalmente diferente, com utilização de formas geométricas para compor personagem e ambiente, evidenciando que ele foi além dele mesmo, mudou seus valores.

Uma vez que o valor não é algo dado ou absoluto, mas um produto da consciência, percebe-se que é impossível, na perspectiva de Sartre, uma moral que fundamente normas e leis em **valores absolutos** e **abstratos**, como faz a moral cristã. Quando determina, por exemplo, "não matarás", a moral cristã afirma a vida como um valor absoluto. No entanto, ele é apresentado de forma abstrata quando se diz simplesmente "não matarás", sem especificar as circunstâncias. Um exemplo: se estou sendo mortalmente atacado por alguém e, para me defender, mato quem me agride, estou, ainda assim, cometendo um pecado por infringir essa regra moral geral? Como pensar o valor da vida numa situação como essa?



Valery Evlakhov/Shutterstock

Para o Estado brasileiro, não existem direitos absolutos, mas fundamentais. Por exemplo, de acordo com o Código Penal, não deve ser considerado ilícito o ato praticado em defesa de agressão atual ou iminente.

No entanto, se tomarmos a perspectiva apontada por Sartre, só podemos falar em uma **moral** baseada na **ação individual**, sem regras gerais e válidas para todos. Isso quer dizer que cada ação humana só pode ser julgada depois de realizada e avaliada caso a caso. Não seria possível enunciar uma regra geral como "não matarás" porque o valor da vida é julgado e avaliado em cada situação, podendo sofrer variações. Assim, Sartre afirma a **relatividade** da moral: o valor de um ato é sempre relativo à situação em que ele é praticado.

Favoritos

A sociedade da neve. Espanha, 2023.
Direção: Juan Antonio Bayona (144 min).

Com base na história verídica de um avião uruguaio que transportava jovens jogadores de rúgbi daquele país e que caiu na cordilheira dos Andes, o filme mostra a luta pela sobrevivência e como muitos valores tidos por "universais" são revistos numa condição extrema.



Reprodução/Netflix

Consciência e má-fé

A inovação introduzida por Sartre é o fato de dizer que o valor não é um ser em si mesmo, mas uma **estrutura da consciência**, ou seja, produzimos valores porque somos seres conscientes.

Toda consciência é consciência reflexiva, pois pressupõe o movimento de aperceber-se de si no ato de perceber o outro. A consciência reflete, volta-se sobre si mesma, tornando-se objeto do pensamento.

Sendo parte da estrutura da consciência, os valores não são absolutos e universais, mas criações particulares e individuais. Sartre diz que é preciso abandonar aquele "espírito de seriedade" teorizado por Nietzsche, que toma os valores como dados, absolutos, como bons em si mesmos e, portanto, geradores do bem. Uma moral baseada nesses valores é uma moral de **má-fé**, pois estamos recebendo uma orientação externa, muitas vezes imposta a nós. Se nos apoiarmos nela sem reflexão, corremos o risco de estarmos enganando a nós mesmos.

má-fé: autoengano, ação segundo uma imagem abstrata que recebemos de fora, dos outros, e não segundo a afirmação de nosso ser, de nossa consciência.

Criar nossos próprios valores significa que nós mesmos damos sentido às nossas vidas. Esse sentido por nós escolhido é nosso valor: a falta que procuraremos completar para a nossa realização durante nossa existência.



Roger Viollet/TopFoto/AGB Photo Library

Grupo de mulheres ligadas à Resistência Francesa, movimento contra a ocupação nazista na França e sua rede de apoiadores no próprio país. Paris (França), novembro de 1944. Em situações decisivas como essa, temos a oportunidade de criar e seguir os valores que sustentarão nossas ações.

O único valor para o ser humano é, então, a realidade humana, pois tudo o que fazemos é a construção de nossa realidade, de nossa vida.

Conclui-se que, sem a humanidade, nunca haveria valor. E as consequências políticas dessa afirmação são bastante claras: ao criar um "valor universal", cria-se uma abstração irreal usada com a finalidade de manipular as consciências e a realidade humana.

Ao longo da história, legisladores morais de todos os tipos desprezaram a liberdade em nome de um poder absoluto e da exploração. Sua ação sempre foi facilitada pela angústia existencial que sentimos frente ao nada de nosso ser e, para fugir a tal angústia, aderimos – de "má-fé" – a qualquer identidade externa que nos seja oferecida. Em nosso íntimo, porém, sabemos que essa tranquilidade que conseguimos com a identificação social é falsa, e é a coragem de abandoná-la que fundamenta as revoltas políticas que visam resgatar a dignidade humana e sua autonomia.

Condenado a ser livre

Para Sartre, o ser humano é livre, e a liberdade consiste no ato da escolha. Nós sempre escolhemos. Quando dizemos que não há opções, na verdade dizemos que não gostamos ou não queremos as que estão disponíveis.

Essa situação evoca a experiência que vivemos durante a pandemia da covid-19. Laboratórios farmacêuticos se esforçaram para produzir vacinas e prevenir o contágio pelo coronavírus e iniciou-se um debate sobre tomar ou não a vacina. Ela nos protege, mas, ainda assim, podemos escolher não nos vacinar.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens



Vacinação de pessoas idosas contra a covid-19 no Rio de Janeiro (RJ), 2023. É importante estarmos cientes de consequências relacionadas a nossas escolhas. Não tomar uma vacina nos deixa mais vulneráveis ao contágio e, se formos contaminados, podemos transmitir a doença para outras pessoas.

Favoritos



Reprodução/Editora Vozes

O existencialismo é um humanismo. Jean-Paul Sartre. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2014.

Nessa célebre conferência, temos um texto de Sartre mais acessível do que seus tratados filosóficos. Encontramos explicada por ele sua teoria existencialista como uma afirmação do humano, como ser de liberdade e abertura para o mundo.

Quando fazemos uma escolha entre uma via e outra, nós julgamos e avaliamos com base nos valores que nos servem de referência e critério – lembrando que esses valores são mutáveis. O valor, como seu motor, impulsiona o ser consciente a sempre agir, isto é, a escolher entre um valor e outro, uma via e outra, e a executar uma ação.

É nesse sentido que Sartre afirma que o ser humano está "condenado a ser livre". A vida consiste em agir. Essa expressão ressalta a condição paradoxal do ser humano: ao mesmo tempo que estamos condenados a agir, somos livres para escolher e arcar com a responsabilidade por resultados e consequências dessas ações sobre nós e outras pessoas.

Podemos dizer que só avaliamos e valoramos as coisas, as pessoas, os atos, as situações porque somos livres; mas, ao mesmo tempo, somos livres porque avaliamos e valoramos, escolhendo e agindo.

Favoritos

O muro. Jean-Paul Sartre. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

Nesse livro de contos literários, encontramos o pensamento existencialista de Sartre materializado em narrativas que evidenciam o humano como ser-no-mundo, descortinando-nos temas como a subjetividade e a liberdade.



Reprodução/Editora Nova Fronteira; Cia das Letrinhas

Assim falou Sartre

Liberdade e responsabilidade

[...] o homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser. [...] Portanto, é insensato pensar em queixar-se, pois nada alheio determinou aquilo que sentimos, vivemos ou somos. Por outro lado, tal responsabilidade absoluta não é resignação: é simples reivindicação lógica das consequências de nossa liberdade. O que acontece comigo, acontece por mim, e eu não poderia me deixar afetar por isso nem me revoltar nem me resignar.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 678.

1. Para Sartre, a liberdade é a capacidade humana de fazer escolhas. Mas, para escolher, precisamos avaliar, julgar o valor de nossos atos. O valor é, então, um dos motores da liberdade. No entanto, o valor é como o desejo: valorizamos sempre aquilo que não temos. Por isso, é fonte de transcendência, coloca-nos sempre em ação em direção àquilo que ainda não possuímos, àquilo que ainda não somos.

2. Tal afirmação provém do fato de que o tempo todo o ser humano precisa fazer escolhas, dos atos mínimos aos mais importantes. Sempre temos que escolher entre duas ou mais opções. Só não podemos escolher não fazer escolhas, de modo que estamos condenados a escolher. Não podemos fugir dessa condição.

Retome

Não escreva no livro

1. Na filosofia de Sartre, como se relacionam os conceitos de valor e de liberdade?

2. Por que Sartre afirma que o ser humano está condenado a ser livre?

Os valores e a ética

Após esse percurso por diferentes perspectivas na história da Filosofia, podemos retomar a pergunta do início do capítulo: com base em quais valores nós agimos?

Duas posições são centrais: uma que afirma a universalidade dos valores, e outra que afirma sua historicidade. Se a primeira se apresenta de forma mais rígida, a segunda parece mais flexível. Se na primeira constatamos algumas dificuldades de sustentação, como no citado caso do preceito "não matarás", na segunda também é possível identificar problemas e limitações.

Todos os valores são criações da consciência ou invenções históricas, portanto, são igualmente legítimos. Em nome de que valores, por exemplo, pode-se condenar a decisão das mulheres muçulmanas por usar burca e aceitar uma posição subordinada na sociedade em que vivem?

STEVENS FREDERIC/SIPA/AP Photo/Imageplus



Na fotografia, vemos uma mulher muçulmana em manifestação realizada em Paris (França), em 2011, por cidadãs francesas contrárias à lei que proibiu o uso da burca ou de qualquer outro adereço que cubra completamente o rosto em lugares públicos da França.

No detalhe

Não escreva no livro

- Como a questão da historicidade do valor se manifesta em um episódio como esse?

A fotografia mostra um momento de conflito social provocado por um conflito de valores. Enquanto a sociedade francesa, alicerçada em um valor republicano, proibia as manifestações culturais da religião muçulmana, as praticantes dessa religião afirmavam seu direito de praticar um valor religioso.

Ora, numa situação como essa, como julgar o que é certo ou errado? Em qual valor devemos nos fiar? Em quais critérios podemos nos basear para fazer a escolha correta?

Questões e problemas assim, vistos neste capítulo, instigaram os filósofos de todos os tempos a pensar em respostas e soluções filosóficas. A esse campo filosófico, próprio às reflexões sobre o agir, deu-se o nome de **ética**. E é exatamente disso que continuaremos a tratar em outros capítulos.

Favoritos



Reprodução/Editora Martins fontes

Ética — uma primeira conversa. Roger-Pol Droit. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

O filósofo e jornalista francês apresenta a ética na forma de uma conversa, em tom coloquial, o que torna o livro bastante agradável e fácil de ser lido. É uma boa introdução ao tema.

Trabalhando com

filme

Qual é a base de nossos atos?

Professor, para garantir que todos assistam ao filme, sugere-se que selecione alguns trechos em sala e solicite que as duas primeiras questões sejam feitas como atividade em casa.

Em 1956, o escritor estadunidense Philip K. Dick (1928-1982) publicou um conto de ficção científica intitulado *Relatório da minoria* (*Minority report*, no original). O argumento é intrigante: no futuro, teríamos pessoas paranormais (chamadas de *precogs*, pré-cognitivas) capazes de prever um crime antes de ele acontecer. A polícia monta então uma unidade responsável pelo combate aos crimes baseada nas visões de três *precogs*. Pelo menos duas visões precisam coincidir para que a polícia entre em ação e prenda o futuro criminoso antes mesmo de praticar o ato. Fala-se em relatório da minoria porque sempre pode haver um relatório divergente: dos três, um prevê que o crime não acontecerá. Em torno dessa ideia, monta-se uma incrível história de ação.



Reprodução/Twentieth Century Fox

O conto foi adaptado para o cinema no filme *Minority Report – A nova lei*, como foi chamado no Brasil (direção de Steven Spielberg, Estados Unidos, 2002, 145 min).

Assista ao filme e siga as orientações do professor.

1. No filme, é apresentada uma ideia de justiça como valor universal, assim como a segurança dos indivíduos na sociedade. Em nome dessa sensação de segurança (tomada como valor), aceita-se que a polícia prenda uma pessoa com base apenas em uma possibilidade de que ela venha a cometer um crime. Essa é uma linha de interpretação, outras podem ser exploradas pelos estudantes.

2. Os dilemas expostos podem ser pensados de diferentes formas. Uma delas é por meio dos conceitos trabalhados no capítulo. Se tomamos o valor como algo universal, pode fazer sentido a prisão como maneira de manter uma universalidade da justiça. Mas, se tomamos o valor como construção histórica, então o filme mostra como se constrói um valor de segurança social que justifica os atos da polícia, ainda que possam ser extremos.

Atividades

Não escreva no livro

1. Faça uma análise da história contada no filme com base na noção de valor trabalhada neste capítulo.
2. Se sempre escolhemos o que vamos fazer, como entender que a polícia possa agir antes mesmo de se cometer um crime? Se ainda não houve o ato criminoso, a pessoa deveria ser presa? Como pensar esses dilemas?
3. Debata o filme com os colegas e monte um cartaz com ideias sobre as questões levantadas. Pode ser um cartaz físico, a ser exposto na sala de aula ou em algum lugar na escola, ou um cartaz na forma de imagem para ser divulgado em redes sociais.

3. Espera-se que os estudantes sejam criativos na construção do cartaz e demonstrem coerência com as ideias trabalhadas.

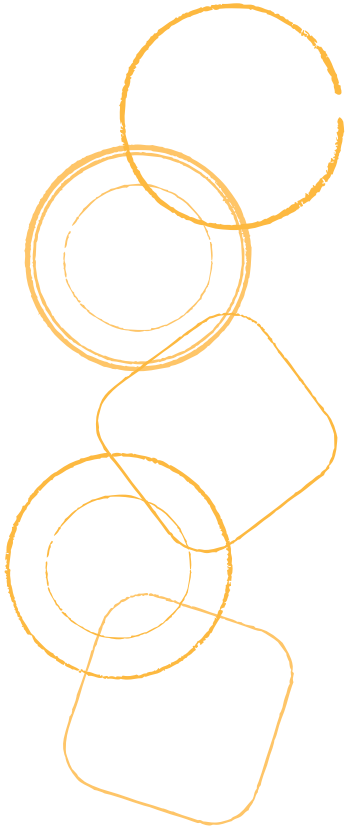
Galeria de atividades

1. Debata em grupo a seguinte questão: "O que é pior: praticar ou sofrer uma injustiça?". Consideremos uma situação: um estudante foi acusado de ter pichado o muro da escola, mas não o fez. O que é pior: realizar o ato ou ser acusado de tê-lo feito? Como você se posiciona perante essa questão? Os colegas têm uma visão diferente ou concordam com você?
2. As histórias de super-heróis geralmente trabalham com valores, como Bem e Mal, sendo os heróis os que defendem a justiça. Escreva uma dissertação sobre como a ideia de justiça é trabalhada nessas histórias.
3. Analise a seguinte situação: um(a) colega foi repreendido(a) porque sua roupa foi considerada inadequada ao ambiente escolar. Segundo a direção da escola, a roupa não estava de acordo com as regras estabelecidas. Tal estudante resolveu divulgar o acontecimento nas redes sociais com base em seus valores. Após apurados os fatos por uma comissão mista de alunos, pais e professores, constatou-se que houve um exagero na atitude do(a) estudante, causando uma situação de injustiça para com os envolvidos. Se você passasse por uma situação como essa, o que faria? Reflita sobre a questão e debata com os colegas de sala sobre as noções de regra e de valor. Depois, escreva um texto dissertativo sobre o debate, defendendo seu ponto de vista.

Antes de iniciar a escrita de um texto dissertativo, é importante fazer uma pesquisa e selecionar e atenta dos trechos ou textos completos que lhe servem de base. Para isso, você pode adotar alguns procedimentos básicos:

- primeiro, procure um exemplo de texto e entenda como o autor se expressa. De modo geral, a forma do texto está intimamente ligada a toda a estrutura argumentativa (teses, hipóteses, explicação de conceitos, exposição, contra-argumentação, exemplos, etc.) e ao tema filosófico em questão (verdade, justiça, beleza, etc.);
- depois, faça uma primeira leitura do texto, observando o significado de cada parágrafo com atenção redobrada e consultando um dicionário da língua portuguesa e, se possível, um dicionário filosófico. O primeiro fornece o significado e a etimologia (origem) das palavras; o segundo traz as diferentes acepções que alguns conceitos ganharam ao longo da história da Filosofia por diferentes pensadores.

1. Sem resposta objetiva, espera-se que os estudantes sejam capazes de ir além da mera repetição de normas sociais ou familiares mais comuns, refletindo sobre a moral do dilema e defendendo seus argumentos de forma filosófica. Pode ser útil convidá-los a mobilizar pelo menos um dos autores estudados na defesa de suas ideias.



2. Espera-se que os estudantes desenvolvam um texto dissertativo reconhecendo que, em grande parte das histórias, as noções de justiça, de Bem e de Mal podem, muitas vezes, ser vistas como simplistas, pois partem de um dualismo segundo o qual uma ação ou alguém é fundamentalmente bom ou mau, não podendo ser ambos ao mesmo tempo, ou mesmo variar entre essas categorias. Se possível, peça aos estudantes que escolham obras desse tipo (podem ser quadrinhos, filmes, séries) para que façam uma análise de como essas categorias são representadas. Há muitas obras que operam de forma mais sofisticada na construção de heróis e vilões, mostrando como algumas vezes se podem atingir consequências diferentes das intenções com uma ação, ou como a caracterização de quem é herói e de quem é vilão pode variar conforme o ponto de vista de cada um.

3. Atividade aberta a ser realizada individualmente e debatida em grupo. É possível, ainda, dividir os estudantes em grupos que defendam posições diferentes para simular um debate sobre o tema. É importante que demonstrem capacidade de debater de forma respeitosa, mobilizando argumentos bem fundamentados.

Enem e vestibulares

1. (Enem)

Os verdadeiros filósofos, tornados senhores da cidade, sejam eles muitos ou um só, desprezam as honras como as de hoje, por julgá-las indignas de um homem livre e sem valor algum, mas, ao contrário, têm em alta conta a retidão e as honras que dela decorrem e, julgando a justiça como algo muito importante e necessário, pondo-se a serviço dela e fazendo-a crescer, administram sua cidade.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (adaptado).

No contexto da filosofia platônica, o texto expressa uma perspectiva aristocrática acerca do exercício do poder, uma vez que este é legitimado pelo(a): Alternativa **a**.

a) prática da virtude.

b) consenso da elite.

c) decisão da maioria.

d) riqueza do indivíduo.

e) pertencimento de sangue.

2. (Enem)

Minha fórmula para o que há de grande no indivíduo é *amor fati*: nada desejar além daquilo que é, nem diante de si, nem atrás de si, nem nos séculos dos séculos. Não se contentar em suportar o inelutável, e ainda menos dissimulá-lo, mas amá-lo.

NIETZSCHE apud FERRY, L. *Aprender a viver*: filosofia para os novos tempos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010 (adaptado).

Essa fórmula indicada por Nietzsche consiste em uma crítica à tradição cristã que:
Alternativa **e**.

a) combate as práticas sociais de cunho afetivo.

b) impede o avanço científico no contexto moderno.

c) associa os cultos pagãos à sacralização da natureza.

d) condena os modelos filosóficos da Antiguidade Clássica.

e) consagra a realização humana ao campo transcendental.

3. (Uema)

Em sua obra *O ser e o nada*, o filósofo francês Jean Paul Sartre (1905-1980) trata da condição humana, mais precisamente, da liberdade.

Para o referido filósofo, o homem, pela sua condição de ser homem, é ser livre e, portanto, ele, o homem, é fruto de sua liberdade porque, no seu dia a dia, escolhe as ações que fará. Dessa forma, a liberdade não é uma conquista humana, mas é uma condição da própria existência dele, do homem.

Explica o filósofo que

Com efeito, sou um existente que aprende de sua liberdade através de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade [...] Assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser.

Jean-Paul Sartre. *O ser e o nada*. (Adaptado)

De acordo com o referido filósofo, se somos livres, temos sempre de escolher.

Ao analisar essa premissa, como condição em uma sociedade capitalista, afirma-se que "Se você fracassa, as escolhas foram suas." Essa afirmação mais popular decorrente da premissa de Sartre está centrada no entendimento de que:
Alternativa **e**.

a) o Estado é que proporciona a capacitação para as escolhas.

b) o capitalismo é que pode oferecer o trabalho remunerado.

c) a formação familiar é limitante para a educação do filho bem-sucedido.

d) a formação escolar é determinante para as escolhas de um sujeito.

e) o próprio indivíduo é que escolhe seu percurso de projeto de vida.

CAPÍTULO 7

Ética: por que e para quê?



Armandinho, de Alexandre Beck/Acervo do cartunista

Armandinho, tirinha de Alexandre Beck, 2015.

Você já pensou em como orienta sua vida? Você sempre age de acordo com regras e costumes preestabelecidos? Ou assume a responsabilidade de construir suas próprias opiniões? Costuma refletir sobre os valores que as pessoas ao seu redor compartilham? Quem são as pessoas que você toma como exemplo de boa conduta e por quê?

Em Filosofia, a área dedicada a refletir sobre as ações humanas em relação à vida em coletividade e à vida de cada um é denominada **ética**. Esse termo vem da palavra grega *êthos*, que significa "caráter", "índole", a maneira de ser de uma pessoa ou de uma sociedade.

Os gregos antigos tinham outra palavra muito próxima, *éthos* – que em latim seria *mos*, *moris* –, da qual se origina o termo em português **moral**. Essa palavra tinha o sentido de "costume", "uso", "hábito". Para eles, pertence ao âmbito da moral aquilo que é feito de modo habitual, as ações que não são objeto de reflexão e se orientam pelos **costumes** e **hábitos** partilhados pelos membros da comunidade.

Profundos debates filosóficos no decorrer da história levaram a questionamentos no campo da ética. Um deles, inspirado nas reflexões de Sócrates, indagava: Quando agimos eticamente, o que buscamos? Existe uma finalidade para as ações éticas? Se sim, qual é ela?

Na tentativa de responder a essas questões, alguns filósofos disseram que uma vida ética consiste em procurar a felicidade; outros afirmaram que ela consiste em agir de acordo com o dever. Vejamos, então, quem foram eles e como argumentaram.

Aristóteles: a ética como ação para a felicidade

Podcast

Transcrição de áudio

Nos escritos de **Aristóteles** (c. 384 a.C.-322 a.C.), *Magna moralia*, *Ética a Eudemo* e, principalmente, *Ética a Nicômaco*, podemos constatar uma preocupação com as questões éticas. Foi ele quem começou a sistematizar esse campo do saber filosófico.

No século IV a.C., Aristóteles estabeleceu uma primeira organização das ciências no sentido antigo do termo, isto é, um saber sistematizado segundo critérios racionais de classificação. Ele as dividiu em dois grandes campos.

De um lado ficaram as **ciências teoréticas**, aquelas produzidas por teoria, **contemplação**, e que não criam seus objetos, pois se dedicam a pensar objetos que já existem e independem do pensamento. A finalidade dessas ciências está fora delas, pois seu objeto é exterior ao pensamento. Nesse grupo Aristóteles incluiu a metafísica (que estuda os objetos não materiais e é denominada "filosofia primeira") e a Física, subdividida em Filosofia da natureza, Biologia e Psicologia.

De outro lado ficaram as **ciências práticas** (ou **ciências da práxis**), que têm por objeto a **ação humana**. Segundo Aristóteles, essas ciências criam seus próprios objetos e encontram suas finalidades nelas mesmas. Dizemos que criam seus objetos, pois a ação humana depende do pensamento; é pensando que agimos. No caso dessas ciências, o pensar e o agir estão intimamente conectados. Por isso Aristóteles afirma que elas encontram suas finalidades nelas mesmas: ao pensar as ações dos seres humanos, essas ciências não focam objetos exteriores, mas o próprio ser humano.

Nesse grupo foram incluídas a economia, a política e a ética. A primeira cuida da administração da casa; a segunda, da gestão da cidade; e a última trata da organização da vida de cada um. São, pois, três ciências bastante integradas entre si, uma vez que todas tratam de nossas ações, cada uma relativa a determinada esfera: a vida familiar, a coletiva e a privada.

Favoritos

Ética. TV Cultura/O2 Filmes, 1994 (195 min). Disponível em: https://tedit.net/pngv4u. Acesso em: 2 out. 2024.

Série de programas produzidos com intelectuais brasileiros sobre temas centrais da ética. Os temas dos programas são: "A arte de viver", "A culpa dos reis", "O drama burguês" e "Ética das aparências".



Reprodução/História da Educação no Brasil/Youtube

Ética e virtude

A filosofia ética, afirma Aristóteles, estuda as ações humanas baseadas naquilo que é natural em cada indivíduo: seu **caráter**. O caráter é o temperamento, o modo como se temperam em cada um de nós os quatro elementos básicos (quente, frio, seco e úmido) e os quatro **humores** (sangue, **fleuma**, **bílis** amarela e bílis negra), de forma que um deles predomine sobre os demais. O temperamento dá origem a quatro tipos básicos de caráter: sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico.

A ética aristotélica ensina a viver de acordo com o caráter, equilibrado por uma ação racional, refletida. Para Aristóteles, nós aprendemos a agir eticamente quando controlamos nosso impulso natural, nosso apetite ou desejo de buscar o prazer e fugir da dor, ou seja, evitamos o vício e alcançamos a virtude pelo exercício da prudência.

Quanto mais refletirmos sobre a finalidade das nossas ações, mantendo-nos na direção das ações virtuosas, quanto mais soubermos agir racionalmente, conduzindo nossos desejos para longe dos vícios, mais prudentes, melhores e felizes seremos.

fleuma: muco secretado pelas membranas mucosas, especialmente aquelas do sistema respiratório.

bílis: fluido produzido pelo organismo que auxilia na digestão; bílis amarela (secretada pelo fígado) e bílis negra (segundo os antigos, proveniente do baço).

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Humores

A **teoria dos quatro humores** foi criada por **Hipócrates de Cós** (c. 460 a.C.-377 a.C.) e se tornou a base da Medicina antiga. De acordo com o humor predominante no temperamento, temos os diferentes caracteres: o sanguíneo (corajoso e amoroso), o fleumático (racional e calmo), o colérico (com predomínio da bílis amarela, agressivo e irritadiço) e o melancólico (com predomínio da bílis negra, desanimado e inquieto).

- Com suas palavras, explique o modo como a teoria de Hipócrates foi apropriada pela ética aristotélica.

Aristóteles se apropria da teoria de Hipócrates para desenvolver os quatros tipos básicos de caráter: o sanguíneo (corajoso e amoroso), o fleumático (racional e calmo), o colérico (com predomínio da bílis amarela, agressivo e irritadiço) e o melancólico (com predomínio da bílis negra, desanimado e inquieto).



Reprodução/Antiga Pinacoteca, Munique, Alemanha

Os quatro apóstolos, de Albrecht Dürer, 1526 (óleo sobre madeira). 204 cm × 74 cm.

No detalhe

Não escreva no livro

Acredita-se que essa obra de Dürer foi inspirada na teoria aristotélica dos humores. Assim, da esquerda para direita, João seria o sanguíneo; Pedro, o fleumático; Marcos, o colérico; e Paulo, o melancólico.

- Relacione as expressões dos apóstolos retratados aos quatro humores.

O primeiro, João, é apresentado como o de caráter sanguíneo. Seu rosto é corado e sua expressão é serena. Pedro, o segundo, representa o fleumático: sua expressão é serena, com a cabeça inclinada para baixo em atitude concentrada. O terceiro, Marcos, é o colérico: seus olhos são expressivos e ele parece estar em prontidão para o que acontecer. Por fim, Paulo representa o melancólico; ele olha para o lado, com expressão desconfiada.

Tipos de vida, tipos de felicidade

Vivemos para ser felizes e para bem agir, segundo Aristóteles. Mas o que é a felicidade? Muitas pessoas consideram que ela seja algo simples e óbvio, como o prazer, a riqueza ou a honra. Mas será isso mesmo?

Para Aristóteles, não há uma resposta única. Ele afirma que existem pelo menos quatro ideias diferentes de felicidade, que correspondem a três tipos de vida.

Para o tipo de **vida "vulgar"**, comum, a felicidade consiste em ser capaz de experimentar os prazeres sensíveis imediatos e os prazeres da riqueza. Para a **vida política**, a felicidade consiste em ser reconhecido publicamente como alguém honrado. Por fim, para a **vida contemplativa** (daqueles que se dedicam ao pensamento, à Filosofia), a felicidade é o próprio exercício da contemplação, a atividade da parte racional da alma, que nos difere de todos os outros animais.

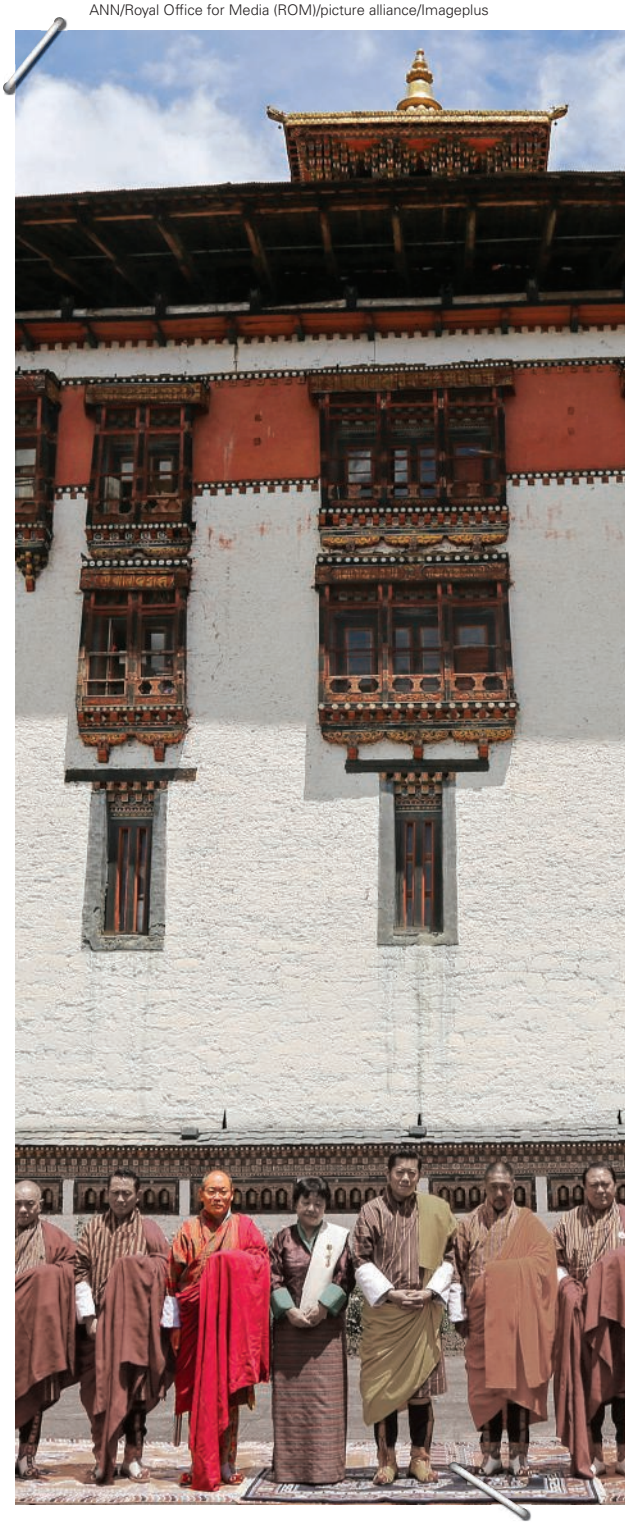
Então, alguém deseja a riqueza, por exemplo, porque pensa que, ao se tornar rico, será feliz. Se analisarmos com atenção, de fato, sua finalidade é alcançar a felicidade, não a riqueza. Da mesma forma, aqueles que buscam prazeres e honra também os têm apenas como meios para atingir a felicidade, e não como um fim em si mesmos. Vejamos o que diz o banqueiro estadunidense Dennis Levine:

> Quando estava ganhando vinte mil dólares por ano, achei que era capaz de ganhar cem mil. Quando já ganhava cem mil por ano, achei que poderia ganhar duzentos mil. Quando estava ganhando um milhão de dólares por ano, achei que poderia ganhar três milhões. Havia sempre alguém num degrau mais alto que o meu, e eu não conseguia parar de pensar: será que ele é realmente duas vezes melhor do que eu?

SINGER, Peter. *Ética prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 351.

Aristóteles também afirma que o bem almejado só pode ser alcançado por meio da ação, do ato, e não pela teoria, pela contemplação, como afirmava Platão. Assim, a felicidade é o supremo bem para a ação humana, pois é em nome dela que agimos. A felicidade é o único bem absoluto e autossuficiente, constituindo, assim, a finalidade, a meta das ações humanas.

ANN/Royal Office for Media (ROM)/picture alliance/Imageplus



Karma Ura, presidente do Centro de Estudos do Butão, em 2018. Ele é um dos divulgadores do conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB), criado em contrapartida ao Produto Interno Bruto (PIB). A FIB mede a riqueza do país não pela soma de seus bens produzidos e serviços prestados, mas sim pelo grau de satisfação e de felicidade de seus habitantes com as condições de vida.

A felicidade como exercício da faculdade racional da alma

Para Aristóteles, o ser humano é dotado de uma única alma (não três, como afirmava Platão), que é composta de várias funções ou faculdades.

Há uma **faculdade nutritiva e reprodutiva**, cuja função vital é conservar e reproduzir a vida; uma **faculdade sensitiva**, responsável pelos sentidos (tato, paladar, olfato, audição e visão); uma **faculdade locomotora-apetitiva**, que orienta os seres vivos a evitar a dor e buscar o prazer; e uma **faculdade racional**, responsável pelo pensamento e pelo intelecto.

Como o ser humano é um ser racional, Aristóteles entende que sua função é uma vida ativa segundo a faculdade racional da alma. Nesse sentido, o bem é proveniente de uma atividade da alma que esteja em consonância com a **virtude**: agir com prudência (capacidade de refletir, deliberar e ser criterioso na escolha das ações) e autonomia (capacidade de submeter suas escolhas e suas ações a regras e normas refletidas por si e dadas a si mesmo).

A pessoa que faz o bem, nesses termos, age virtuosamente e, portanto, é feliz. Compreendida como atividade, a felicidade consiste, então, na ação cotidiana do agente prudente e autônomo, que busca a medida correta na hora de decidir normas e regras de orientação das ações.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Virtude

O termo **virtude** (no grego antigo, *areté*) significava originariamente "poder", "força", "potência". Em sentido ético, é aquilo que nos faz agir, que potencializa nossa ação.

Em um sentido ético, a virtude é uma qualidade positiva do indivíduo que faz com que aja de forma a fazer o bem para si e para os outros. Platão considerava a virtude como inata, como uma qualidade que o indivíduo traz consigo e que, portanto, não pode ser ensinada. Contrariamente a Platão, Aristóteles considerava que a virtude podia ser adquirida, sendo na realidade resultado de um hábito.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 270.

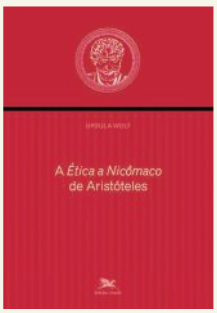
1. O que é a virtude em sentido ético?

1. A virtude é aquilo que faz um indivíduo agir visando ao próprio bem e também ao dos outros.

2. Qual é a diferença nas concepções de Platão e de Aristóteles em relação à virtude?

2. Enquanto Platão pensava que cada um já nascia ou não com a virtude, Aristóteles pensava que ela era aprendida e adquirida ao longo da vida.

Favoritos



Reprodução/Edições Loyola

Ética a Nicômaco. Aristóteles. São Paulo: Loyola, 2010.

São atribuídos a Aristóteles três livros que tratam de temas relacionados à ética, sendo *Ética a Nicômaco* o mais completo. Não se sabe ao certo a razão de seu título. Especula-se que seja uma homenagem ao pai ou a um filho de Aristóteles, ambos chamados Nicômaco.
Os estudiosos concordam que é uma obra da maturidade, que desenvolve e aprofunda temas que aparecem em seus outros livros sobre ética.

As virtudes

Ora, mas como exatamente a virtude conduz o agir, de acordo com a filosofia ética aristotélica?

Aristóteles diferenciava dois tipos gerais de virtude: as **virtudes práticas** ou **morais**, baseadas nos hábitos e nos costumes, e as **virtudes intelectuais**, próprias da alma racional. O agir ético é aquele que se faz em torno das virtudes intelectuais.

As virtudes práticas (ou morais) estão ligadas aos assuntos políticos e militares. A nobreza e a grandeza são dois exemplos delas. Tais virtudes, segundo Aristóteles, não têm relação com lazer ou diversão, pois visam a um fim diferente: por um lado, os seres humanos trabalham com esforço e empenho para obter, além do sustento, momentos de ócio e de descanso; por outro, eles guerreiam com bravura, honra e coragem com a finalidade de alcançar a vitória, seja para defender seus territórios, seja para garantir a paz.

Portanto, as virtudes práticas são importantes, ainda que não sejam desejáveis em si mesmas. Essas virtudes são ligadas à parte apetitiva da alma, isto é, à parte privada de razão. Nem por isso são dispensáveis a uma vida feliz. Já as virtudes intelectuais (ou racionais) estão ligadas à contemplação, ao que há de racional na alma humana.

Para Aristóteles, os seres humanos são dotados de uma disposição natural ao conhecimento e, assim como todo apetite nos impulsiona para uma ação com fins de satisfação, o ser racional busca o prazer na contemplação. A arte, a ciência e mesmo a prudência na vida prática são alguns exemplos desse tipo de virtude.



Fabio Colombini/Acervo do fotógrafo

Obra de arte em alto-relevo e legenda em braile, na galeria Santa Maria delle Grazie, em Milão, Itália.

No detalhe

Não escreva no livro

Atualmente, alguns museus e galerias de arte trazem recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual. O objetivo é permitir que todos possam conhecer importantes obras de seus acervos, até então disponíveis apenas para quem pudesse vê-las. Na foto, vemos as mãos de uma pessoa com deficiência visual tateando uma das obras.

- De acordo com Aristóteles, esse tipo de fruição artística seria considerado uma virtude prática ou intelectual? Por quê? Seria uma virtude intelectual, pois é um exercício de contemplação da beleza artística, ligado àquilo que é racional na alma humana.

Prazer e felicidade

Aristóteles propõe uma distinção entre prazer e felicidade. Enquanto a felicidade é a finalidade de nossas atividades, o prazer é um complemento dela, algo que se realiza em um instante, não tende a nada e extingue-se em si mesmo. Quando afirma que todos desejam o prazer, Aristóteles se coloca contra alguns de seus contemporâneos que diziam que o prazer é um mal que nos desvia do verdadeiro sentido da vida e ao qual seria preciso renunciar.

Ao contrário, Aristóteles considera o prazer um bem, algo a ser almejado, ressaltando, porém, que a finalidade da vida ética não pode ser só o prazer. Do contrário, estaríamos recaindo em imprudência e desequilíbrio, justamente por não priorizarmos o racional (as virtudes) em nossas ações, mas sim o irracional (os apetites).

Segundo o filósofo, para diferentes atividades existem diferentes prazeres, cabendo à ética traçar uma hierarquia entre eles. Os prazeres de um cão, por exemplo, não seriam os mesmos de um cavalo. Os prazeres de um cavalo não seriam os mesmos de um ser humano, assim como os prazeres do paladar não são os mesmos da audição, que, por sua vez, são diferentes dos prazeres que obtemos por meio da visão.

Da mesma forma, os prazeres do pensamento, provenientes da parte racional da alma, são diferentes e superiores a todos os outros.

Novamente: a felicidade almejada é aquela proveniente da ação segundo a razão, com a fruição dos prazeres próprios ao ser humano, um ser racional por excelência. Além disso, para Aristóteles, a parte racional da alma é a presença do "elemento divino" no ser humano. Por isso, se vivemos de acordo com ela e nos ocupamos de seu conhecimento, estamos desfrutando a mais suprema felicidade.



Reprodução/Galleria degli Uffizi, Florença, Itália.

Fortitude, de Sandro Botticelli, 1470 (têmpera sobre madeira). 167 cm × 87 cm. "Fortitude" é um termo pouco usado da língua portuguesa, que significa "força" tanto no sentido moral como físico.

A ação conforme a virtude

Contemplar, pensar e raciocinar são formas de agir e intervir no mundo. Aristóteles afirma que não é suficiente **saber**, é necessário **agir**. Por ser composto de uma parte racional e uma parte privada de razão, o ser humano precisa ser educado, pois a paixão não cede com facilidade aos argumentos racionais. É preciso aprender o **hábito** de agir de acordo com a razão.

Para garantir o aprendizado do hábito de agir racionalmente, são necessárias leis que forcem os indivíduos a proceder de acordo com as normas e os valores da razão, até que isso se torne "natural" e eles passem a seguir a lei conscientemente, e não apenas para evitar uma punição. Por exemplo, as leis de trânsito levam em consideração o bem comum e determinam limites de conduta e punições para aqueles que as infringirem.



Fernando Frazão/Agência Brasil

O teste do bafômetro sendo aplicado em motorista pela Polícia Militar do Rio de Janeiro. Fotografia de 2020. Aprovada no Brasil em junho de 2008, a Lei Seca, como ficou conhecida a Lei n. 11 705/2008, diz que "constitui crime dirigir sob a influência do álcool".

O objetivo desse tipo de lei é que as pessoas aprendam a transformar em hábito uma norma prescrita. Se as leis forem justas, o agente encontrará prazer em respeitar a norma, pois entenderá estar de acordo com a virtude e a razão; ao passo que, na punição, ele encontrará o desprazer, consequência de uma ação irracional e desmedida.

Pode-se afirmar, então, que para Aristóteles há sempre uma moral (prescrição de regras que geram um costume) que fundamenta uma ética (a ação racional e refletida). Assim como a lei é necessária para a criação de hábitos que possibilitam o agir ético, a ética, como ação individual, é a base da política como ação coletiva.

Assim, podemos notar uma relação intrínseca que favorece o agir individual e o agir coletivo: a ética depende da política para elaborar leis que geram no indivíduo o costume de viver de acordo com a razão, e a política depende da ética para que a ação coletiva seja a continuação dessas ações racionais individuais.

Retome

Não escreva no livro

1. Por que podemos considerar a ética aristotélica uma "ética dos fins"?

1. Na Filosofia aristotélica, a ação humana é sempre orientada para os fins que se pretendem alcançar; por isso, essa filosofia é vista como uma "ética dos fins". Sua questão é saber quais são os melhores e verdadeiros fins para os quais devem convergir nossas ações.

2. De acordo com o que você estudou, em que sentido a felicidade pode ser considerada o "supremo bem"?

2. Para Aristóteles, os fins da ação humana são sempre um bem, porque não faz sentido agirmos em direção ao mal. Entre os vários bens para os quais nossas ações tendem, a felicidade é o bem superior, porque ela é um bem em si mesma. Isto é, nós procuramos a felicidade por ela mesma, não como um meio para atingir outra coisa.

3. Qual é a relação entre a cena apresentada na fotografia desta página e o pensamento de Aristóteles?

3. Ela exemplifica a necessidade de criação e aplicação de leis que tornem hábito a ação das pessoas, de modo a agir eticamente para o bem comum.

Kant: a ética como ação segundo o dever

No século XVIII, o filósofo alemão **Immanuel Kant** (1724-1804) desenvolveu uma concepção de ética baseada na ideia de que as ações humanas são orientadas por **intenções**, não por finalidades, como afirmava Aristóteles. Kant destaca a noção de dever como intenção fundamental das ações humanas. As perguntas básicas da ética pensada nesses termos seriam: o que **devo** fazer? Como **devo** agir?

Costuma-se caracterizar o século XVIII como o "século da moral", por ter sido profundamente marcado pelo **Iluminismo**, um projeto pedagógico-político de construção da autonomia da razão e emancipação da humanidade que fornecia os meios intelectuais para uma ação consciente. É nesse contexto histórico e filosófico que se delineia o projeto da ética de Kant.

Kant lançou as bases de seu pensamento sobre ética na obra *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785). O projeto foi desenvolvido e aprofundado em *Crítica da razão prática* (1788) e em *Metafísica dos costumes* (1797-1798). O sujeito moral, que age racionalmente, é uma das facetas do ser humano, segundo Kant. As outras são o sujeito de conhecimento, que busca o saber, e o sujeito estético, que percebe o mundo e produz arte.



Reprodução/Musee Nat. du Chateau de Malmaison, Rueil-Malmaison, France

Leitura da peça "O órfão da China", de Voltaire, no salão de madame Geoffrin, de Anicet Charles Lemonnier, 1812 (óleo sobre tela). 129,5 cm × 196 cm. Entre o final do século XVIII e o início do século XIX, na França, eram comuns reuniões de membros da aristocracia, escritores e pensadores a propósito de discussões políticas e artísticas.

Favoritos



Reprodução/Legendary Pictures/Warner Bros

300: a ascensão do império, Estados Unidos, 2014. Direção: Noam Murro (147 min).

Sequência do filme *300*, dirigido por Zack Snyder, lançado em 2007. Os filmes se baseiam em um clássico das histórias em quadrinhos que conta um episódio da história grega: Batalha das Termópilas, na qual trezentos soldados espartanos, comandados pelo rei Leônidas, resistiram à invasão dos persas até serem massacrados. O filme narra episódios históricos anteriores, mas sempre tendo por base os conflitos entre gregos e persas. Trata-se de uma metáfora da ação pelo dever.

No detalhe

Não escreva no livro

1. Ao observar a imagem anterior, você percebe uma presença maior de homens ou mulheres?

1. Embora haja algumas mulheres, a maioria dos presentes é de homens.

2. Pelo local e pelas roupas, o que podemos dizer sobre a classe social dos participantes?

2. Pode-se facilmente perceber que os frequentadores desse tipo de salão eram pessoas de classe social privilegiada.

Razão teórica e razão prática

Kant distingue duas esferas da razão: a **razão teórica** (ou especulativa), voltada para o conhecimento; e a **razão prática**, voltada para a ação. É importante salientar que não se trata de duas razões distintas, mas de uma mesma razão humana que se desdobra em duas esferas.

Cada uma delas corresponde a aplicações distintas de nossa faculdade racional. Se a razão teórica está relacionada a ações envolvidas na cognição, a razão prática está relacionada à determinação da vontade. A razão prática, portanto, é aquela capaz de **legislar** sobre a vontade, impondo-lhe normas que conduzem a ação moral.

Para Kant, a **vontade** não é simplesmente um instinto ou um apetite, um desejo, como pensava Aristóteles; ela é racional, é resultado do exercício da razão. A noção de razão prática implica então a possibilidade da **liberdade** humana. Somos livres porque somos seres de vontade.

Se a vontade resulta do exercício da razão, somos livres porque somos racionais. Ser livre, pois, é estar submetido à ação de uma razão prática. Somos livres quando temos nossa própria lei, quando nossa lei não nos é imposta por outros. Em outras palavras, somos livres quando somos **autônomos**.



Reprodução/Museu do Louvre, Paris, França.

A Liberdade guiando o povo, de Eugène Delacroix, 1830 (óleo sobre tela). 260 cm × 325 cm. As ideias iluministas influenciaram amplamente a sociedade europeia. Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade presentes nas críticas de filósofos franceses como Rousseau, Voltaire e Diderot inspiraram profundamente revoltas contra o absolutismo entre o fim do século XVIII e o início do século XIX.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Autonomia

Sim, porque somos livres quando somos autônomos, isto é, capazes de fazer nossas próprias leis, sem sermos obrigados a seguir leis impostas pelos outros.

Autonomia, do grego *autonomía* ("auto", "próprio", "si mesmo"; e *nomos*, "regra", "lei"), refere-se ao direito de reger-se segundo leis próprias, à capacidade de se governar por si mesmo, sem obedecer a outrem, provendo seus próprios meios de vida.

- Podemos dizer que, para os iluministas, autonomia equivale a liberdade?

Segundo Kant, no século XVIII vivia-se uma "época de esclarecimento" na Prússia (reino que deu origem à Alemanha), sob o governo do rei Frederico, que tratava seus súditos de modo tolerante. Ainda não seria uma "época esclarecida", mas um momento de produção do esclarecimento.

A questão, para Kant, era como ser livre, autônomo, agindo racionalmente e, ao mesmo tempo, manter-se sob o comando de um governo. Mas, se o governante fosse um "agente do esclarecimento", o problema estaria resolvido: o governante não impediria os governados de serem autônomos, de viverem por si mesmos.

Aí está uma das principais ações do exercício de uma razão prática.

Retome

Não escreva no livro

- Como relacionar a tela de Delacroix à noção de autonomia?

Na medida em que o povo é guiado pela liberdade, isso significa que cada um dos indivíduos é livre, capaz de escolher por si só. As revoluções que ocorreram na Europa entre o fim do século XVIII e o início do século XIX foram realizadas para garantir a autonomia dos cidadãos perante os regimes absolutistas.

Princípio ético universal

Embora a ética trate das ações humanas individuais, Kant afirma que essas ações devem estar fundamentadas em um princípio universal. Se cada um de nós agir de maneira própria, não teremos uma comunidade humana. É preciso que haja algo comum em nossas ações, para que possamos construir uma coletividade. Para ele, esse comum é justamente a lei racional, a lei que nós próprios exercemos com base em nossa autonomia.

Kant acredita que, sendo a razão a mesma em todos os sujeitos, a lei pensada pela razão também será a mesma, ainda que os sujeitos sejam diferentes. Ao mesmo tempo, se agimos de acordo com uma vontade individual em meio a outros seres humanos, a ação de cada um precisa ser validada pelos demais. Apenas assim garante-se a universalidade das ações humanas.

De certo modo, já encontramos essa universalidade quando pensamos na moral segundo os costumes. É o que vemos em formulações como: "não faça aos outros aquilo que não quer que façam a você". Trata-se de colocar um princípio de ação comum entre os indivíduos. Se você não quer ser insultado, não insulte; se não quer ser agredido, não agrida.

Mas essa universalidade de uma regra moral, nessa esfera vulgar, não estaria garantida. Ela é uma aposta: você não insulta aos outros e espera não ser insultado, mas nada garante que todos os outros também seguirão a mesma regra. Você pode não insultar e, mesmo assim, acabar sendo insultado por um colega. Como você agiria então? Revidaria? Ou manteria seu princípio? Aí está a questão de Kant.

Favoritos



Reprodução/Editora Brasiliense

O que é ética. Álvaro L. M. Valls. São Paulo: Brasiliense, 2002.

Uma exposição em torno de alguns dos principais temas da ética, por um brasileiro especialista no assunto. Inclui uma série de indicações de leitura para aprofundamento do tema.



Francis Miller/The LIFE Picture Collection/Shutterstock

Martin Luther King Jr. (1929-1968) no dia de seu famoso discurso "Eu tenho um sonho", em Washington D.C., fotografia de 28 de agosto de 1963. Ele foi um pastor, ativista e um dos principais líderes do movimento pelos direitos civis dos afrodescendentes nos Estados Unidos. Conhecido pelo lema da não violência, Luther King tinha como arma a desobediência civil, princípio pelo qual os cidadãos têm o dever de desobedecer a leis injustas até que seus governantes formulem leis justas para todos.

O imperativo categórico

Para garantir a universalidade da regra moral é necessário que a lei moral seja, de fato, uma regra universal. É fundamental que nossas justificativas da ação sejam válidas para todos e aceitas por todos. Isso só é possível com a intervenção da razão prática.

Por isso Kant afirma que tal lei precisa ser apresentada na forma de um imperativo categórico, uma fórmula que ordena a conduta de modo incondicional. Na obra *Fundamentação da metafísica dos costumes*, Kant elabora três formulações desse imperativo:

- Aja unicamente de tal forma que sua ação possa se converter em lei universal.
- Aja de modo que sua regra de conduta possa ser convertida em lei universal da natureza.
- Aja de acordo com princípios que considerem a humanidade sempre como um fim e nunca como um meio.

Em cada uma dessas fórmulas encontramos um princípio de ação (e não uma finalidade, uma meta) que é universal, válido para todos, em qualquer época. Com tal princípio, Kant realiza seu projeto de uma moral racional universal: agimos como **devemos** agir, baseando-nos em **regras universais** que nos são dadas pelo exercício do pensamento racional.

Não se trata de agir meramente segundo os costumes ou a tradição de uma cultura. Não se trata de agir seguindo metas preestabelecidas. Trata-se de agir segundo um princípio que me é dado por minha própria razão, determinando minha vontade, como um ato de liberdade.

Trabalhando com Lógica

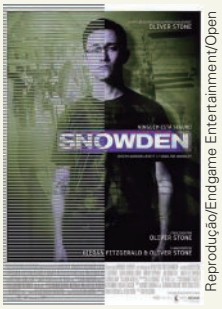
"Não me venha com argumentos falaciosos!"

Você já ouviu alguma frase desse tipo? O que seria um "argumento falacioso"?

Em lógica, chamamos de **falácia** um raciocínio incorreto. A palavra é originada do latim *fallere*, que significa "enganar". Colocada em uma argumentação, a falácia engana o interlocutor, pois parece ser um raciocínio correto e verdadeiro, embora não o seja.

A falácia também é chamada de **sofisma** (palavra de origem grega que significa "raciocínio capcioso") ou **paralogismo** (aquilo que tem uma aparência lógica, mas não é). Alguns lógicos consideram que, ao formular o sofisma, seu autor tem a intenção de confundir, de enganar o interlocutor. No paralogismo isso não acontece, pois o próprio autor desconheceria que está errado. Assim, teríamos: a falácia como categoria geral do raciocínio incorreto; o sofisma como uma falácia com a intenção de enganar; e o paralogismo como engano no raciocínio do próprio autor, sem intenção de enganar os outros.

Favoritos



Reprodução/Endgame Entertainment/Open Road Films

***Snowden* – herói ou traidor**, França/Alemanha/Estados Unidos, 2016. Direção: Oliver Stone (134 min).

Edward Snowden, ex-funcionário da Agência de Segurança dos Estados Unidos, divulga para jornalistas uma série de atividades de espionagem do governo daquele país. Procurado como criminoso, ele foi também visto como herói, pois divulgou informações secretas de como o governo busca informações sobre pessoas e outros países. Snowden terá agido pelo dever de contar a verdade? Ou será apenas alguém que agiu contra a lei?

A moral cristã frente ao imperativo categórico

Pense neste exemplo: encontramos na moral cristã a regra "não roubarás". Sendo cristão, devo viver de acordo com essa regra. Ao fazer isso, estou agindo de forma heterônoma, pois obedeço a uma regra que não foi criada por mim, mas que sigo conforme o costume e a tradição da minha comunidade, que me ensinou a respeitar e a seguir tal regra. Caso eu não obedeça, posso até mesmo ser punido.

Em determinada circunstância, tenho vontade de roubar um bem que não me pertence, mas evitarei fazer isso porque obedeço à tradição e ao costume, mesmo que eles sejam contrários à minha vontade. Se eu deixo de fazer aquilo que quero apenas porque sou obrigado a isso, estou renunciando à minha liberdade em nome de uma regra moral externa a mim. Se eu tive vontade de roubar, na verdade não concordo com essa regra.

Agora, vamos analisar essa mesma situação de acordo com o imperativo categórico kantiano: eu posso **decidir**, por vontade própria, não roubar um bem alheio, porque sou capaz de refletir e julgar que não é correto tomar de outro aquilo que não me pertence, e este é um valor universal, que deve ser seguido por mim e por todos os outros.

Dessa forma, estou agindo de acordo com um **princípio** que assumo para minha vida. Se assim for, eu sequer terei **vontade** de roubar, não importa a circunstância, uma vez que minha vontade livre, fruto da própria razão, segue um princípio que assumi como meu, de forma autônoma, que é válido para todos, e que **condiciona** a minha vontade e a minha ação.

A **ética**, segundo o pensamento kantiano, seria diferente da moral, pois diz respeito às ações refletidas, nas quais se pensa e sobre as quais se decide de acordo com o caráter de quem as executa. Consiste, portanto, no oposto de agir de acordo com a moral.

Favoritos

O livro de Manuel e Camila: diálogos sobre moral. Ernst Tugendhat, Ana María Vicuña e Celso López. Goiânia: UFG, 2002.

Escrito por um filósofo alemão especialista em ética e por dois professores chilenos, o livro procura trabalhar de forma romanceada e em linguagem acessível aos adolescentes alguns dos principais problemas éticos.



Reprodução/Editora UFG

Ética para meu filho. Fernando Savater. São Paulo: Planeta, 2012.

Um filósofo espanhol escreve para o filho adolescente, explicando-lhe aquilo que ensina na universidade. Em linguagem clara e fluente, a obra apresenta os principais temas da ética.



Reprodução/Planeta

Agir ético e saída da menoridade

Em 1784, Kant publicou em um jornal da cidade de Berlim (na atual Alemanha) um pequeno texto com o título "Resposta à pergunta: 'que é esclarecimento?'". Nesse artigo, ele procurou responder a uma questão enviada por um leitor do jornal que pedia uma explicação sobre esse conceito. Kant definiu esclarecimento como "a autonomia do indivíduo no uso da própria razão". Quando age de modo racional e autônomo, o indivíduo adquire maturidade, e só assim pode ser efetivamente livre.

A regra básica do esclarecimento é o lema (que Kant enuncia em latim) *Sapere aude!* (Ouse saber!). A ousadia do conhecimento próprio e autônomo é a base para qualquer ação humana livre. É preciso saber governar-se a si mesmo, elaborar suas próprias regras, para que seja possível uma ação coletiva.



Picture Creative/Adobe Stock

Urna eletrônica, com destaque para o braile nas teclas, fotografia de 2020. O direito ao voto e o dever cívico nos são conferidos pelo Estado como gesto de confiança em nossa maturidade.

Um indivíduo autônomo, quando participa de uma coletividade, não se deixa governar e conduzir pela vontade do outro; ele se conduz pela própria vontade livre. Sendo livre em meio a outros indivíduos livres, pode construir uma comunidade livre, uma comunidade de iguais. Aí reside o Esclarecimento: em uma comunidade livre e autônoma, governada por uma vontade comum.

O processo do esclarecimento, segundo Kant, é a saída de uma condição de menoridade – na qual o indivíduo não é autônomo e é governado por outro – para uma condição de maioridade, do exercício da autonomia da razão.

Assim falou Kant

O esclarecimento é a saída do homem da condição de menoridade autoimposta. Menoridade é a incapacidade de servir-se de seu entendimento sem a orientação de outro. Essa menoridade é autoimposta quando a causa da mesma reside na carência não do entendimento, mas de decisão e coragem em fazer uso de seu próprio entendimento sem orientação alheia. *Sapere aude!* Tenha coragem em servir-se de teu próprio entendimento! Esse é o mote do Esclarecimento.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: "O que é esclarecimento?". *In*: MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 95.

Retome

Não escreva no livro

1. A noção kantiana de "ética dos princípios" segue a mesma questão da finalidade aristotélica? Explique.

2. Por que, segundo Kant, o imperativo categórico é importante para a construção de uma comunidade humana?

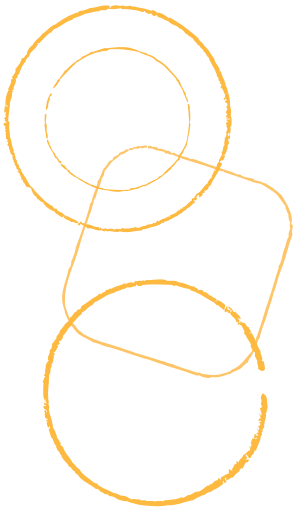
1. Para Kant, as ações humanas são orientadas para finalidades. Porém, o que confere valor a essas ações não são as finalidades, mas os princípios com base nos quais nós agimos. Os fins podem se alterar, mas nossos princípios de ação devem ser sempre os mesmos.

2. Porque a existência de uma comunidade humana só é possível se houver respeito mútuo, que garanta boas práticas de convivência. Desse modo, se todos seguirem o princípio universal do imperativo categórico, a convivência será harmoniosa.

Mundo do trabalho

Direito do meio ambiente

Interdisciplinaridade
com Ciências da Natureza



Conforme vimos, para Aristóteles, vivemos para ser felizes e bem agir. O que ambicionamos são os meios para alcançar a felicidade, não os fins em si. Segundo ele, o ser humano é composto de uma parte racional e outra irracional, e, por isso, precisa ser educado para agir de acordo com a razão. Dessa maneira, as leis são necessárias para direcionar o comportamento racional até que se torne um hábito natural, seguido conscientemente e não apenas para evitar punições.

> Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.
>
> BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [2016].

Hoje o Direito ambiental é uma importante área de atuação do Direito e visa proteger o meio ambiente. Como vemos na citação, a Constituição brasileira prevê a necessidade de proteger o meio ambiente e garantir desenvolvimento sustentável, estabelecendo normas para minimizar impactos negativos e preservar recursos naturais para futuras gerações. Se pensarmos conforme Aristóteles, se há uma legislação sobre o tema, o (bom) comportamento ainda não está naturalizado.

Atividades

Não escreva no livro

1. Pesquise o artigo 225 da Constituição e as leis a ele relacionadas e reflita sobre como é a regulamentação do uso do meio ambiente para práticas econômicas. Avalie se essas leis estão sendo cumpridas e se são suficientes para proteger o meio ambiente e conforme previsto na Constituição.
2. Com base na sua análise, sugira intervenções e soluções sustentáveis para mitigar os impactos sofridos pelo meio ambiente. Considere como suas propostas podem ser implementadas dentro do marco legal existente e sugira possíveis melhorias nas leis ambientais.

1. Nesse trabalho de pesquisa, espera-se que os estudantes reúnam recursos para analisar a situação ambiental brasileira. A tendência é que eles se coloquem de maneira crítica em relação à legislação existente, que vem sendo descumprida, colocando em risco tanto a biodiversidade quanto populações vulneráveis.

2. Trabalho de reflexão ética sobre a condição ambiental brasileira e possíveis maneiras de agir de maneira legal para uma proteção mais eficiente do meio ambiente. A atividade tem interdisciplinaridade com a área de Ciências da Natureza e propõe o uso de ferramentas do Direito para sua execução.

Trabalhando com

tirinha

Quais são os sentidos da ética hoje?

Como vimos neste capítulo, a ética é uma área da Filosofia que se desenvolve desde a Antiguidade, passando por diferentes teorias e formulações. Mas, apesar de sua antiguidade, ela continua atual e relevante para cada um de nós. Precisamos conhecer os princípios da ética para sermos capazes de guiar nossas vidas e conviver com os demais.

Nas duas tirinhas a seguir, veremos um exemplo de problematização da ética em dois aspectos: na vida do estudante e na convivência social.



© André Farias/vidadesuporte.com.br

Tirinha de André Farias, 2013.

1. A tirinha explicita que mesmo tendo aulas de ética um estudante decide fraudar o resultado de sua prova, pois tem capacidade técnica para alterar o sistema da escola. Isso mostra que o estudante nada compreendeu das aulas, ou desprezou totalmente o que aprendeu, pensando apenas em si mesmo e no seu resultado imediato.

2. Como diz o próprio título da tirinha, é uma representação clara de intolerância. Esta reside no fato de que um dos personagens afirma que não concorda com a liberdade de opinião.

3. Analisando as duas tirinhas, podemos dizer que atualmente a ética é desprezada por muitas pessoas. Algumas, em nome de seus interesses próprios, recusam-se a aceitar os resultados das avaliações que fazem. Isso pode parecer de menor importância, mas evidencia uma atitude que vai contra a boa convivência social. Outras exercitam os mais diversos tipos de intolerância, sendo incapazes de viver com os demais de forma pacífica e respeitosa.



Cazo/Acervo do cartunista

Tirinha de Cazo, 2018.

Atividades

Não escreva no livro

1. Como podemos caracterizar a problematização apresentada na tirinha "Coffee Break"?
2. Na tirinha "Intolerância...", vemos uma demonstração de desrespeito. Como você a identifica? O que pensa a respeito?
3. Com base nas duas tirinhas, como podemos caracterizar a questão ética atualmente?

Galeria de atividades

1. Explique a divisão que Aristóteles faz entre ciências teoréticas e ciências práticas. Em qual delas a ética se enquadra e por quê?
2. Na filosofia de Kant, agir eticamente significa a "saída da menoridade". O que ele quer dizer com essa ideia?
3. Leia o seguinte trecho:

> O que estou pretendendo lhe dizer ao colocar um "faça o que quiser" como lema fundamental da ética em cuja direção caminhamos tateando? Pois simplesmente (embora eu tema que depois acabe não sendo tão simples) que é preciso dispensar ordens e costumes, prêmios e castigos, em suma, tudo o que queira dirigi-lo de fora, e que você deve estabelecer todo esse assunto a partir de si mesmo, do foro íntimo de sua vontade.
>
> Não pergunte a ninguém o que você deve fazer de sua vida: pergunte a si mesmo. Se você deseja saber em que pode empregar melhor a sua liberdade, não a perca colocando-se já de início a serviço de outro ou de outros, por mais que sejam bons, sábios e respeitáveis: sobre o uso da sua liberdade, interrogue... a própria liberdade.
>
> SAVATER, Fernando. *Ética para meu filho*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 67.

Com base na leitura do capítulo, como você interpreta o texto anterior? Ele se relaciona a uma ética orientada para a felicidade ou a uma ética orientada para o dever? Justifique sua resposta com argumentos do capítulo.

4. Com base nos dados da reportagem a seguir e utilizando os conceitos de ética estudados, elabore um texto dissertativo sobre os princípios que regem o comportamento no trânsito. Que ações você proporia para evitar os acidentes relatados na matéria? Apresente seu texto para a turma e convide os colegas a debater o tema.

Acidentes de trânsito são a segunda causa de morte entre jovens no Brasil

Acidentes de trânsito são a segunda causa de morte entre jovens de 18 a 24 anos no Brasil, atrás apenas dos homicídios. O Brasil ocupa hoje o segundo lugar no *ranking* do Mercosul, sendo que a taxa de mortalidade subiu para 22,5 mortes por cada 100 mil habitantes. Em Uberaba (MG), a violência no trânsito também é medida em números. Em oito meses, a Polícia Militar (PM) registrou 4326 acidentes, sendo 1227 com vítimas.

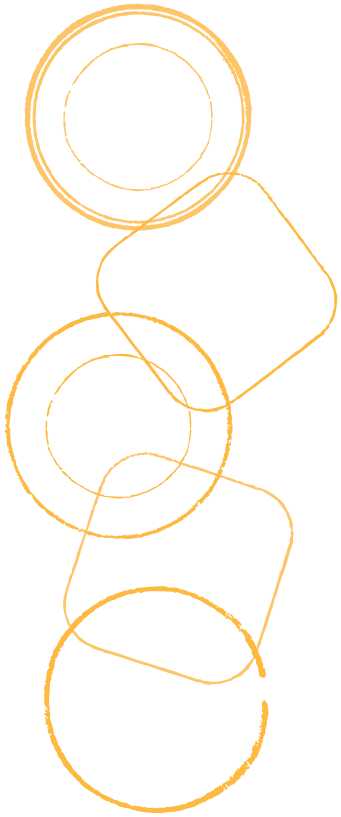
Conforme dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Defesa Social, Trânsito e Transporte (Sedest), um terço dessas ocorrências com vítimas envolveu motociclistas precisando da intervenção de viaturas de Resgate do Corpo de Bombeiros. [...] Enquanto no ano passado houve 418 motociclistas envolvidos em acidentes graves, de janeiro a agosto deste ano [2015] foram registradas 465 ocorrências.

1. As ciências teoréticas são aquelas produzidas por contemplação e que pensam sobre objetos que já existem, independentes do pensamento. As ciências práticas são aquelas que trabalham com a ação humana, criando seus objetos. A ética é uma ciência prática, pois seu objeto é a ação dos seres humanos.

2. Para Kant, a maioridade consiste no uso pleno da razão. Saímos da menoridade quando somos autônomos, isto é, capazes de pensar e agir por nós mesmos, sem obedecer a outras regras que não aquelas que nossa própria razão considera adequadas. Nisso consiste a liberdade e a ação ética.

3. Resposta pessoal. Atividade de interpretação de texto na qual os estudantes devem utilizar argumentos trabalhados no capítulo.

4. Resposta pessoal. Nesta atividade, os estudantes devem produzir um texto dissertativo.



Os acidentes com vítimas atendidas pelo Corpo de Bombeiros superam os da Polícia Militar. Viaturas de resgate foram acionadas 2 098 vezes no mesmo período, com 1 215 casos de traumas. Nas estatísticas do Corpo de Bombeiros figuram 49 atropelamentos em oito meses, contra 104 ocorridos em 2013, e 19 acidentes com ciclistas, sendo que as ocorrências do gênero somaram 72 no ano passado. [...]

Nos casos de acidentes menos graves, a Justiça permite que a multa aplicável ao infrator seja convertida para a frequência em curso de reciclagem. Porém, de acordo com o secretário, dos infratores que têm esta oportunidade, de 20% a 30% jamais comparecem à aula.

MACEDO, Thassiana. Acidentes de trânsito são a segunda causa de morte entre jovens no Brasil. *Jornal da Manhã*, Uberaba, 23 set. 2015. Disponível em: https://tedit.net/bnjrag. Acesso em: 2 out. 2024.

Enem e vestibulares

1. (Enem)

Princípios práticos são subjetivos, ou máximas, quando a condição é considerada pelo sujeito como verdadeira só para a sua vontade; são, por outro lado, objetivos, quando a condição é válida para a vontade de todo ser natural.

KANT, I. *Crítica da razão prática*. Lisboa: Edições 70, 2008.

A concepção ética presente no texto defende a:

a) universalidade do dever. Alternativa **a**.

b) maximização da utilidade.

c) aprovação pelo sentimento.

d) identificação da justa medida.

e) obediência à determinação divina.

2. (Enem)

Texto I

Duas coisas enchem o ânimo de admiração e veneração sempre crescentes: o céu estrelado sobre mim e a lei moral em mim.

KANT, I. *Crítica da razão prática*. Lisboa: Edições 70, s/d (adaptado).

Texto II

Duas coisas admiro: a dura lei cobrindo-me e o estrelado céu dentro de mim.

FONTELA, O. Kant (relido). In: *Poesia completa*. São Paulo: Hedra, 2015.

A releitura realizada pela poeta inverte as seguintes ideias centrais do pensamento kantiano: Alternativa **a**.

a) Possibilidade da liberdade e obrigação da ação.

b) Aprioridade do juízo e importância da natureza.

c) Necessidade da boa vontade e crítica da metafísica.

d) Prescindibilidade do empírico e autoridade da razão.

e) Interioridade da norma e fenomenalidade do mundo.

3. (Enem)

A felicidade é, portanto, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, e esses atributos não devem estar separados como na inscrição existente em Delfos "das coisas, a mais nobre é a mais justa, e a melhor é a saúde; porém a mais doce é ter o que amamos". Todos estes atributos estão presentes nas mais excelentes atividades, e entre essas a melhor, nós a identificamos como felicidade.

ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

Ao reconhecer na felicidade a reunião dos mais excelentes atributos, Aristóteles a identifica como: Alternativa **b**.

a) busca por bens materiais e títulos de nobreza.

b) plenitude espiritual e ascese pessoal.

c) finalidade das ações e condutas humanas.

d) conhecimento de verdades imutáveis e perfeitas.

e) expressão do sucesso individual e reconhecimento público.

CAPÍTULO 8

A vida em construção: uma obra de arte

Pensando na diversidade de concepções éticas, o filósofo **Peter Singer**, na introdução de seu livro *Ética prática*, esclarece que, embora a ética esteja centrada na ação individual, ela só faz sentido porque vivemos no coletivo, com as ações de uns interferindo nas ações de outros.

Assim, a ética é um saber relacionado às ações cotidianas. Por isso, o sentido de uma ética prática é justamente o de encorajar uma discussão profunda e ampla sobre grandes temas contemporâneos.



Photo 12/Alamy/Fotoarena

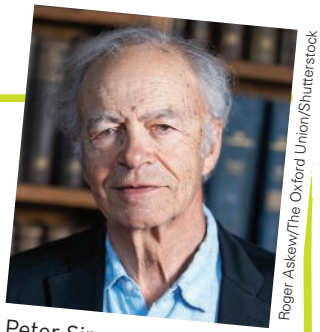
Cena do filme *A vida é bela*, de 1997. Guido (Roberto Benigni) e seu filho Giosué (Giorgio Cantarini) conversam enquanto estão detidos em um campo de concentração nazista.

No filme *A vida é bela*, ambientado durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), um judeu italiano é enviado a um campo de concentração com seu filho pequeno. Para evitar que o garoto fique aterrorizado com as coisas que acontecem no campo nazista, ele faz o possível para que o filho acredite que tudo aquilo se trata de um jogo do qual estão participando. Em uma condição de total desesperança, o pai é capaz de criar uma dimensão de coragem, solidariedade e encantamento.

O filme nos coloca diante de uma questão que a Filosofia discute desde a Antiguidade: Qual tipo de comportamento devemos assumir na construção da vida prática? Será que esse comportamento pode determinar a beleza com que vemos a vida?

Peter Singer (1946-)

Filósofo australiano, atua como professor na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. Dedica-se ao estudo filosófico de questões relativas à ética prática, tais como o aborto, a eutanásia e a exploração animal. Dentre seus vários livros, destacam-se: *Libertação animal* (1975), *Ética prática* (1979) e uma coletânea de ensaios com o título *Vida ética* (2000).



Roger Askew/The Oxford Union/Shutterstock

Peter Singer, 2022.

Não escreva no livro

Uma vida filosófica, uma filosofia de vida

Pelo menos desde o século V a.C. os filósofos gregos refletem sobre a vida humana. Algumas escolas filosóficas antigas fizeram desse tema sua preocupação central e desenvolveram a ética como uma espécie de "arte de viver", uma reflexão constante sobre a existência.

Durante muito tempo, essas escolas foram vistas como "filosofias menores", uma vez que não criaram teorias muito elaboradas; porém, é inegável sua contribuição para o campo da ética, ainda que estivessem mais preocupadas em organizar a vida prática cotidiana por meio de exercícios do que em propor explicações sobre o sentido da vida.

Algumas dessas escolas já existiam no tempo de Sócrates e de Platão, porém se difundiram mais durante o período helenístico, iniciado com a tomada da Grécia por Alexandre Magno (356 a.C.-323 a.C.), no século IV a.C., no qual esse imperador macedônico difundiu a cultura grega pelos territórios que conquistou. O helenismo estendeu-se até a época da conquista da Grécia pelo Império Romano, no século II a.C. Foi um período de grande difusão da cultura grega pela região do Mediterrâneo e do atual Oriente Médio.

Favoritos



Divulgação/Imagem Filmes

A vida é bela, Itália, 1997. Direção: Roberto Benigni (116 min).

Uma reflexão singela sobre a possibilidade de sermos sujeitos de nossas vidas e de fazermos dela algo bonito, sejam quais forem as condições em que vivemos.

Diógenes e os cínicos: os filósofos como cães

O cinismo foi fundado por um discípulo de Sócrates, Antístenes (c. 445 a.C.-365 a.C.), que centrou sua filosofia na ética, defendendo uma vida pautada pela virtude. Antístenes ensinava no Cinosarges, em Atenas, uma escola para atenienses filhos de mães estrangeiras. Acredita-se que o nome da escola poderia ter dado origem ao termo **cinismo**.

Os filósofos cínicos não escreveram tratados, mas faziam da Filosofia uma prática cotidiana, assim como Sócrates, que filosofava dialogando com as pessoas na praça pública. Enquanto Sócrates usava a **ironia**, os cínicos usavam o **humor**: seu pensamento e sua filosofia eram expressos na forma de anedotas e piadas.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Ironia

Recurso por meio do qual se diz o contrário da ideia que se quer transmitir, resultando em algo engraçado ou sarcástico.

Para Sócrates, a ironia tinha um sentido um pouco diferente. Ele fazia dela seu método de diálogo com as pessoas. Sócrates dizia não conhecer certo assunto e inquiria seu interlocutor sobre ele. Em seguida, desmontava todo o discurso do interlocutor, mostrando que este estava enganado.

- Cite exemplos de expressões irônicas que você já ouviu ou conhece.

São muitas as respostas possíveis. Por exemplo: "ele corre rápido como uma tartaruga"; "você está de recuperação, parabéns!".

Foi com Diógenes de Sinope que essa filosofia ganhou mais expressão e popularidade. Tanto Antístenes como Diógenes foram apelidados de Cão (*kunós*, em grego), alcunha que tinha um sentido pejorativo, pois o cachorro era considerado um animal sem-vergonha. Também se atribui o termo cinismo a essa origem, significando a "filosofia do cão".

Diógenes levou às últimas consequências a noção de vida como prática filosófica. O pensamento deveria ser não apenas uma teoria, mas uma ação do dia a dia. Como os filósofos cínicos afirmavam que o sentido da vida não estava na posse de bens materiais, Diógenes preferia viver na mais absoluta pobreza.

Uma das anedotas reproduzidas sobre ele conta que, estando um dia em uma fonte bebendo água com sua cuia, viu uma criança que bebia diretamente com as mãos; deu então sua cuia para o primeiro que passou, pois descobriu que lhe era um bem desnecessário.

Outra anedota relata seu encontro com Alexandre Magno. Diógenes estava recostado, e o grande conquistador colocou-se diante dele, fazendo-lhe sombra, e disse: "O que posso fazer por você?", ao que o cínico teria respondido: "Não tire de mim o que não pode me dar! Deixe-me ao sol".



Reprodução/Museu de Belas Artes, Rouen, França.

Mapa clicável

Alexandre e Diógenes, óleo sobre tela de Nicolas-André Monsiau, 1818, 140,5 × 180 cm.



Reprodução/Coleção particular

Diógenes de Sinope, gravura de Joachim von Sandrart, feita entre 1675 e 1679. Dimensões não informadas.

Diógenes de Sinope (c. 413 a.C.-323 a.C.)

Sabe-se que Diógenes foi expulso de sua cidade natal com seu pai, um banqueiro acusado de falsificar moedas. Viveu como pobre em Atenas, onde defendia que não devemos nos prender a bens materiais. Suas únicas posses teriam sido um manto e um bastão, além do barril que lhe servia de abrigo. Há referências sobre suas obras escritas, mas as informações são polêmicas.

No detalhe

Não escreva no livro

A tela do pintor Nicolas-André Monsiau, *Alexandre e Diógenes*, de 1818, é uma das muitas representações do possível encontro do imperador com o filósofo. Conta-se que Alexandre ficou tão impactado com seu encontro com o filósofo que mais tarde afirmou: "Se eu não fosse Alexandre, certamente seria Diógenes".

- Note no quadro o contraste entre as figuras de Alexandre e de Diógenes. Qual é a razão de o imperador ter afirmado que se não fosse ele mesmo seria Diógenes?

Alexandre reconhece o poder de Diógenes, que, justamente por não ter riquezas, é senhor de si mesmo e não se intimida frente ao homem mais poderoso do mundo naquela época. Ele reconhece que o poder não vem de riquezas e conquistas, mas do fato de ter o controle da própria vida, como o filósofo.

A Filosofia cínica

A Filosofia cínica apresenta-se como uma intervenção direta contra os costumes instituídos. Com um modo de vida simples, os cínicos exercitavam aquilo que muitos filósofos teorizavam. Suas ações pretendiam expor aos habitantes da cidade as hipocrisias de suas vidas, confrontando os valores da aristocracia.

Como desprezavam tudo o que fosse inútil para a vida cotidiana, também rejeitavam a Filosofia abstrata e metafísica, como a platônica. Essa rejeição foi marcada pelas zombarias com que se dirigiam à teoria de Platão.

Ao confrontarem o jeito de ser das pessoas, esses filósofos foram malvistos, considerados um incômodo. Por isso, e também por não se preocupar com a sistematização do pensamento, o cinismo ganhou uma conotação pejorativa e ficou conhecido como uma Filosofia marginal.

Mas o efeito do humor pode ser considerado desestabilizador, porque nos retira do lugar-comum e nos "obriga" a pensar sobre algo que estava naturalizado.

É inegável a contribuição desse pensamento para a ética. Levando às últimas consequências a ideia de uma vida orientada pela virtude, os cínicos produziram uma "ética encarnada". Eles não diziam a ninguém como viver, mas viviam da maneira que achavam melhor, esperando que isso servisse como exemplo ou como um modo de fazer as pessoas pensarem em suas próprias vidas.

Assim falou Diógenes

A errância humana

Diógenes ouvia um dia na ágora [praça pública] um astrólogo que, mostrando tabuletas nas quais estavam desenhadas estrelas, explicava que se tratava dos astros errantes [planetas]. "Não diga asneiras, meu amigo – disse-lhe Diógenes –, não são os astros que erram, mas estes aqui", e indicou com o dedo aqueles que assistiam.

ESTOBEU *apud* PAQUET, Léonce. *Les cyniques grecs*: fragments et témoignages. Paris: Le Livre de Poche, 1992. p. 112. Texto traduzido.

Retome

Não escreva no livro

1. Explique a razão de o cinismo ser apresentado como a "filosofia do cão".
2. Em que sentido podemos afirmar que os cínicos desenvolveram uma "ética prática"?

1. O cinismo era apresentado, de forma pejorativa, como a filosofia do cão porque esses filósofos se portavam nos espaços públicos da cidade como cachorros sem dono, que perambulam em busca de restos de comida, não têm vergonha, isto é, não seguem as convenções sociais, e podem ser agressivos quando se sentem encurralados.

2. Os cínicos não se dedicaram a produzir tratados teóricos de ética, a pensar em como deveríamos agir. Eles simplesmente agiam, no espaço público, de forma coerente com seu pensamento. Por exemplo: se pensavam que o dinheiro não é fundamental para a felicidade, viviam em uma situação de pobreza material, mas com grandeza de espírito. Sua ação era, assim, uma forma de ensinamento prático para aqueles que com eles conviviam.

A vida filosófica como vida ética

Segundo Pierre Hadot, filósofo e historiador da Filosofia, o pensamento antigo foi marcado pela prática de exercícios espirituais. Embora tenham sido mais evidentes nas filosofias que se dedicaram intensamente à prática de vida, como o **cinismo**, o **estoicismo** e o **epicurismo**, que veremos a seguir, os exercícios também eram encontrados em outras escolas filosóficas. A escrita e a meditação são dois exemplos de exercício espiritual.

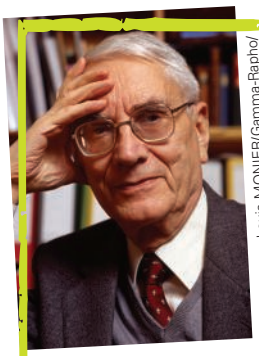
Os **exercícios de escrita** incluem: escrever sobre si mesmo, como forma de se conhecer melhor; escrever um diário, narrando os acontecimentos de cada dia, para analisar os fatos e suas decisões; escrever cartas para parentes e amigos, narrando sua vida e falando de si mesmo.



Gorodenkoff/Shutterstock

Em um mundo intensamente acelerado e digitalizado, o hábito de escrever torna-se uma ferramenta importante para organizar pensamentos, expressar ideias de forma organizada, desenvolver a criatividade e promover o autoconhecimento.

As **meditações** sobre temas da vida são um modo de preparar-se para o que acontece. Meditar sobre a morte, por exemplo, pode ser uma forma de não temê-la. Um exercício recomendado pelos estoicos era, pela manhã, ao acordar, pensar em tudo de ruim que poderia acontecer naquele dia. Caso uma dessas coisas acontecesse, a pessoa não seria pega de surpresa; caso nada daquilo acontecesse, poderia, na meditação de balanço ao final do dia, concluir que tinha sido uma boa jornada.



Louis MONIER/Gamma-Rapho/Getty Images

Pierre Hadot, em 1990.

Pierre Hadot (1922-2010)

Filosofo francês especializado em Platão, Plotino e as filosofias helenistas. Defendeu a ideia de que a Filosofia grega antiga consistia na prática de exercícios espirituais, e que ela poderia ser retomada atualmente. Dentre seus vários livros, destacam-se: *Exercícios espirituais e filosofia antiga* (1981), *O que é a filosofia antiga?* (1995) e *A filosofia como modo de vida* (2001).

O estoicismo e a tranquilidade da alma

O estoicismo foi uma escola filosófica fundada por Zenão de Cítio (c. 334 a.C.-262 a.C.) em Atenas. Influenciado pelo cinismo, mas sem compartilhar totalmente de sua crítica radical ao modo de vida predominante, Zenão ensinava em um local público – por não ser cidadão ateniense, ele não tinha o direito de comprar terras ou edifícios onde pudesse se estabelecer. Lecionava sob um pórtico, do qual se avistava a ágora. Daí deriva o nome estoicismo – em grego, pórtico é *stoá*, de modo que os estoicos são "aqueles que se reúnem no pórtico".

A busca da *ataraxia*

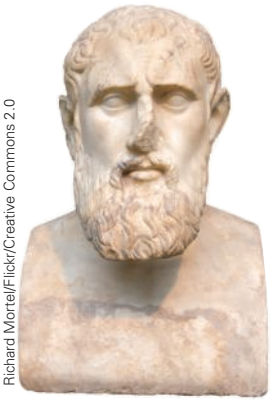
O estoicismo persistiu por mais de cinco séculos: do século IV a.C., quando foi criado, até o século II d.C. Ao longo desse tempo, essa escola filosófica passou por várias fases, mas, de modo geral, organizou-se em torno de uma **física** (o estudo da natureza), de uma **lógica** (o estudo da razão e do discurso) e de uma **ética** (aquilo que diz respeito à vida humana).

Na física estoica, é fundamental o conceito de acontecimento. Para os estoicos, quando dois corpos físicos se encontram, produz-se um acontecimento, que não é algo corpóreo. Por exemplo: quando comemos uma maçã, acontece o encontro de nosso corpo com o corpo da maçã. Comer é um **ato**, não um corpo, mas é produzido pelo encontro dos dois corpos. Outro exemplo: quando um carro bate em um poste, o acontecimento é o ato de bater, resultado do encontro do corpo físico carro com o corpo físico poste.



Cre8tive Images/Shutterstock

Para a física estoica, o acontecimento ocorre no encontro de dois corpos.



Richard Mortel/Flickr/Creative Commons 2.0

Zenão de Cítio (c. 334 a.C.-262 a.C.)

Filósofo grego nascido na ilha de Chipre. Frequentou a Academia de Platão e teria conhecido filósofos cínicos. Fundou sua escola no Pórtico Pintado (*Stoá Poikilé*). Consta que escreveu diversas obras sobre ética, lógica e física, entre outros assuntos, além de uma obra sobre política, na qual contrapõe o modelo de uma comunidade estoica à república de Platão.

Zenão de Cítio, busto esculpido em pedra.

Essa noção de acontecimento é fundamental para a ética dos estoicos, pois seu princípio básico afirma que não devemos nos preocupar com aquilo que não está sob nosso **controle**. O acontecimento, aquilo que nos acontece, é justamente o que não podemos controlar.

Segundo os estoicos, o objetivo da vida é atingir a *ataraxia*, termo grego que denomina um estado de não perturbação da alma, ou a "paz de espírito", situação na qual residem o verdadeiro prazer e a suprema felicidade. Para se chegar a esse estado de **imperturbabilidade** e tranquilidade é preciso exercitar o corpo e a mente, praticando os princípios e exercícios espirituais que constituem a ética estoica. Desse modo, a pessoa estaria preparada para a vida e para o que foge de seu controle.

imperturbabilidade: qualidade daquele que não é perturbável; que não pode ser perturbado; estado de serenidade, tranquilidade.

Favoritos

O doador de memórias, Estados Unidos, 2014.
Direção: Phillip Noyce (97 min).

Em um futuro em que não há diferença ou singularidade, todos parecem iguais e felizes, pois não conhecem o sofrimento. O doador do título é o responsável por guardar a memória do sofrimento e guiar os habitantes com sabedoria. Seria possível viver em uma comunidade assim?



Reprodução/Walden Media/Paris Filmes

Liberdade e servidão

Epiteto ensinava que há coisas que dependem de nós, das quais somos agentes (o impulso, o desejo, as opiniões), e coisas que não dependem de nós, das quais não somos agentes (o corpo, a reputação, a riqueza). Coloca-se aí a oposição entre liberdade e servidão.

A **liberdade** consiste em podermos controlar aquilo que depende de nós: o pensamento e a vontade. Se ficamos presos às coisas materiais, que não dependem de nós, não somos livres. A liberdade é condição para termos a alma tranquila e sermos felizes, pois, quando ficamos presos aos bens materiais, o desejo de ter sempre mais nos perturba e impede a felicidade.

A ética estoica consistia, portanto, em aprender a querer o acontecimento, a desejar para si aquilo que não estivesse sob nosso controle, de forma a saber usá-lo em proveito próprio. Se fico me lamentando por aquilo que me acontece e que não controlo, não posso ser feliz. Mas, ao contrário, se acolho o que acontece e vivo de acordo com isso, no fluxo dos acontecimentos, então estou no controle da vida e tenho a alma tranquila e feliz.

Muito da ética estoica foi assimilado pela Filosofia e pela religião cristã. A moral do cristianismo, baseada na **resignação**, é, em grande medida, uma reinterpretação do estoicismo. Porém, é importante destacar que no estoicismo não há resignação. Quando a ética estoica recomenda conformar-se ao acontecimento, não significa que não podemos fazer nada. Ao contrário, é essa conformação, esse saber moldar-se ao acontecimento que nos permite ser atores e sujeitos de nossas próprias vidas.

resignação: submissão à vontade de alguém, ao destino; aceitação, conformação.

Assim falou Epiteto

Aproveitar o acontecimento

Não te perturbes se um corvo lançar um grito de mau augúrio. Pondera, distingue entre as tuas ideias, e diz para ti mesmo: "Este grito nada pressagia para mim. Sim para meu pobre corpo, para os meus pequenos haveres, para a minha vã glória, para os meus filhos, para minha mulher. Quanto a mim, todo o augúrio é bom, se tal for o meu desejo. Porque [...] só de mim depende que do acontecimento eu devidamente me aproveite".

EPITETO. *Manual*. Lisboa: Vega, 1992. p. 49.



Reprodução/Biblioteca Pública de Boston, EUA

Epiteto (55-135)

Nasceu em Hierápolis, na Ásia Menor (atual Turquia). Aprendeu os princípios do estoicismo com Musônio Rufo. Fixou-se em Nicópolis, onde ensinou Filosofia até sua morte. Escreveu oito livros de *Conversações*, dos quais nos chegaram quatro, além de um *Manual*, compilação de textos que resumem sua filosofia, todos do início do século II.

Epiteto, gravura de William Sonmans e Michael Burghers, de 1715. Dimensões não informadas.

O surfe sob o prisma da ética estoica

Talvez um exemplo ajude a entender o princípio ético do querer o acontecimento. Um surfista não controla as ondas. Se não houver onda, não haverá surfe. Não basta o surfista querer que as ondas venham, porque elas não dependem de sua vontade. Mas ele fica lá, sobre a prancha, esperando. Quando ele sente que vem uma boa onda, ele se coloca em pé e surfa, faz com que aquela onda seja sua e com ela produz seus movimentos.



Ed Sloane/Getty Images

A surfista brasileira Tatiana Weston-Webb pegando uma onda durante prova de surfe nas Olimpíadas de Paris. Fotografia de 2024. Imagine quanto tempo de treino e prática é necessário para surfar uma grande onda com segurança.

Assim, o surfista transforma o acontecimento que está fora de seu controle (esse encontro com a onda), fazendo aquilo que lhe é possível e tentando controlar apenas o que está ao seu alcance.

É isso o que nos ensina a ética estoica: ficar à espreita e transformar aquilo que acontece em nossas vidas em uma produção própria. Mas, assim como ninguém é capaz de surfar uma onda sem muita prática e aprendizado, ninguém é capaz de viver sem orientação e treinamento.

Trabalhando com Lógica

Alguns raciocínios que à primeira vista parecem corretos podem conter equívocos lógicos ou argumentos falsos que nos enganam. São inúmeros os tipos de falácia que a Lógica estuda. Eles são agrupados em duas grandes categorias.

As **falácias formais** são aquelas que, em sua estrutura, vão contra as regras lógicas do raciocínio correto. Embora pareçam corretas, elas não atendem a alguma (ou algumas) daquelas oito regras que vimos anteriormente, e, portanto, possuem algum erro na própria forma do silogismo.

As **falácias não formais** são muito frequentes em nosso dia a dia. Nesse caso, o erro não está na forma do raciocínio, mas em algum elemento que é introduzido nele e que não sustenta a conclusão.

Assim falou Marco Aurélio

Conformar-se ao acontecimento

Deves conformar-te com o que te acontece, por duas razões: primeira, porque foi feito para ti, prescrito para ti e se relacionava contigo desde o alto, na urdidura das causas mais veneráveis; segunda, porque o que acontece a cada um em particular assegura a quem rege o conjunto o bom andamento, a perfeição e, por Zeus!, a própria coexistência.

AURÉLIO, Marco. *Meditações*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. p. 279. (Os Pensadores).

Fases do estoicismo e pensadores estoicos

Ao longo de mais de cinco séculos, destacaram-se vários filósofos estoicos. Os historiadores da Filosofia costumam agrupá-los em três períodos:

Estoicismo antigo: começa com sua criação por Zenão, entre os séculos IV a.C. e III a.C. Outros filósofos de destaque no período foram Cleanto de Assos (c. 331 a.C.-232 a.C.) e Crisipo de Soles (c. 280 a.C.-210 a.C.).

Estoicismo médio: século II a.C., período marcado pelo encontro com a cultura romana, que introduziu algumas modificações importantes no pensamento estoico. Os principais pensadores do período foram Panécio de Rodes (c. 185 a.C.-110 a.C.) e Posidônio de Apameia (c. 140 a.C.-51 a.C.).

Estoicismo eclético ou imperial: séculos I d.C. e II d.C., quando o estoicismo foi uma espécie de "Filosofia oficial" do Império Romano. Três pensadores se destacaram: **Marco Aurélio**, **Sêneca** e **Epiteto** (-135 d.C.).

Favoritos



Reprodução/Editora Penguin-Companhia das Letras

Sobre a vida feliz. Sêneca. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2021.

Reunião de três diálogos escritos pelo filósofo estoico, constituindo uma espécie de introdução à Filosofia do bem viver.

Robson90/Adobe Stock



Marco Aurélio, estátua em bronze de autoria desconhecida, século II d.C.

Marco Aurélio Antonino César Augusto (121 d.C.-180 d.C.)

Adotado por seu tio, o imperador romano Aurélio Antonino, foi indicado para ser seu sucessor. Assumiu o trono em 161 e governou Roma até a morte. Dedicou-se à Filosofia como forma de ser um bom governante e evitar a tirania. Por isso ficou conhecido como "O imperador filósofo". Escreveu uma obra, *Meditações* (século II), na qual registrou suas reflexões.

Andrea Izzotti/Shutterstock



Sêneca, busto em bronze de autoria desconhecida, século I d.C.

Sêneca (4 a.C.-65 d.C.)

Nasceu na província romana de Córdoba, na atual Espanha, e recebeu uma educação aristocrática. Foi membro do Senado e, mais tarde, conselheiro do imperador Nero. No ano 65, acusado de participar de um complô para matar Nero, foi condenado pelo imperador a suicidar-se. De sua vasta obra, destacam-se: *Sobre a ira*, *Sobre a brevidade da vida* e *Sobre a tranquilidade da alma*.

Uma Filosofia do prazer: o epicurismo

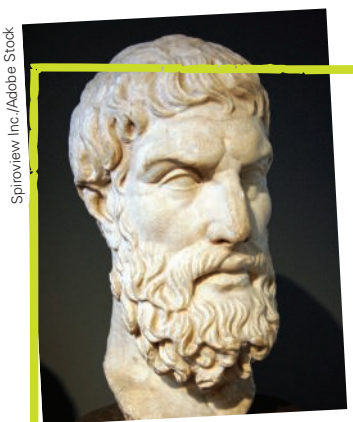
hedonismo: o prazer como bem supremo a ser alcançado.

Na passagem do século IV a.C. para o século III a.C., formou-se na Grécia uma escola filosófica que conquistou grande número de adeptos: o **hedonismo** de **Epicuro**, ou epicurismo. Em termos de ética, os epicuristas defendiam que o supremo bem a ser buscado na vida é o prazer (em grego, *hedon*).

A escola de Epicuro foi fundada na mesma época em que Zenão de Cítio criou a escola estoica, mas elas se apresentavam como iniciativas praticamente opostas. Embora ambas tivessem por objetivo a imperturbabilidade da alma (a *ataraxia*), recomendavam meios diferentes para alcançá-la. O estoicismo defendia o exercício da virtude e a recusa do prazer, enquanto o epicurismo afirmava que só o prazer poderia levar à paz de espírito, razão pela qual este seria o bem supremo a ser almejado.

É importante observar, contudo, que Epicuro não se referia ao **prazer sensorial** ao falar em prazer, mas ao **prazer racional**. Tratava-se do prazer do sábio, o exercício da quietude da mente e da paz de espírito, o controle sobre as emoções e o domínio de si mesmo. Esse é o verdadeiro prazer, fonte da saúde e da felicidade.

Epicuro foi adepto do **atomismo** de Leucipo (c. 490 a.C.-460 a.C.) e Demócrito (c. 460 a.C.-390 a.C.) e o desenvolveu ainda mais. Ele afirmava que tanto nosso corpo como nossa alma são compostos de átomos indestrutíveis e, portanto, são materiais. A morte nada mais é que a desagregação dos átomos que nos compõem, os do corpo e os da alma, de modo que também a alma é mortal. Mas, como os átomos são indestrutíveis, eles tornarão a se juntar a outros, compondo novos corpos.



Spiroview Inc./Adobe Stock

Epicuro de Samos, busto em mármore de autoria desconhecida, [s. *d.*].

Epicuro de Samos (c. 341 a.C.-271 a.C.)

Passou a juventude em Atenas, estudando na Academia e no Liceu. Retornou à terra natal, a ilha de Samos, onde fundou sua primeira escola filosófica. Aos 35 anos de idade montou sua escola em Atenas, que ficaria conhecida como O Jardim.

Há informações de que escreveu em torno de trezentas obras, das quais restaram apenas três cartas e alguns fragmentos de textos.

Dessa noção física, ele enunciou um princípio ético: não há que se temer a morte, pois com a morte nada sentimos e depois dela não mais existimos. Trata-se, então, de viver plenamente a vida.

Assim falou Epicuro

Não temer a morte, buscar o prazer

Habitua-te a pensar que a morte nada é para nós, visto que todo o mal e todo o bem se encontram na sensibilidade: e a morte é privação da sensibilidade.

[...]

Chamamos ao prazer princípio e fim da vida feliz. Com efeito, sabemos que é o primeiro bem, o bem inato, e que dele derivamos toda a escolha ou recusa e chegamos a ele valorizando todo bem com critério do efeito que nos produz.

EPICURO. *Antologia de textos*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. p. 13, 17. (Os Pensadores).

Remédio da humanidade

A filosofia de Epicuro encontrou muitos seguidores em sua época. Suas ideias chegaram ao mundo contemporâneo pela intervenção de dois discípulos. No século II, cerca de quinhentos anos depois da morte de Epicuro, um certo Diógenes mandou gravar nos muros de um dos pórticos da cidade de Enoanda, na Capadócia (atual Turquia), o "remédio da humanidade", segundo o filósofo epicurista.

Esse muro foi encontrado em escavações arqueológicas do final do século XIX e nele podem ser lidos os quatro princípios epicuristas conhecidos como *tetraphármakon*, isto é, o "quádruplo remédio":

- Não há o que temer quanto aos deuses.
- Não há nada a temer quanto à morte.
- Pode-se alcançar a felicidade.
- Pode-se suportar a dor.

Encontramos também no poema "*De rerum natura*" ("Sobre a natureza das coisas"), de Tito Lucrécio Caro (c. 99 a.C.-55 a.C.), uma sistemática exposição da Filosofia epicurista. Esse poema foi muito conhecido no mundo romano e, redescoberto durante o Renascimento, influenciou filósofos como Michel de Montaigne (1533-1592) e todo o pensamento moderno.

Favoritos

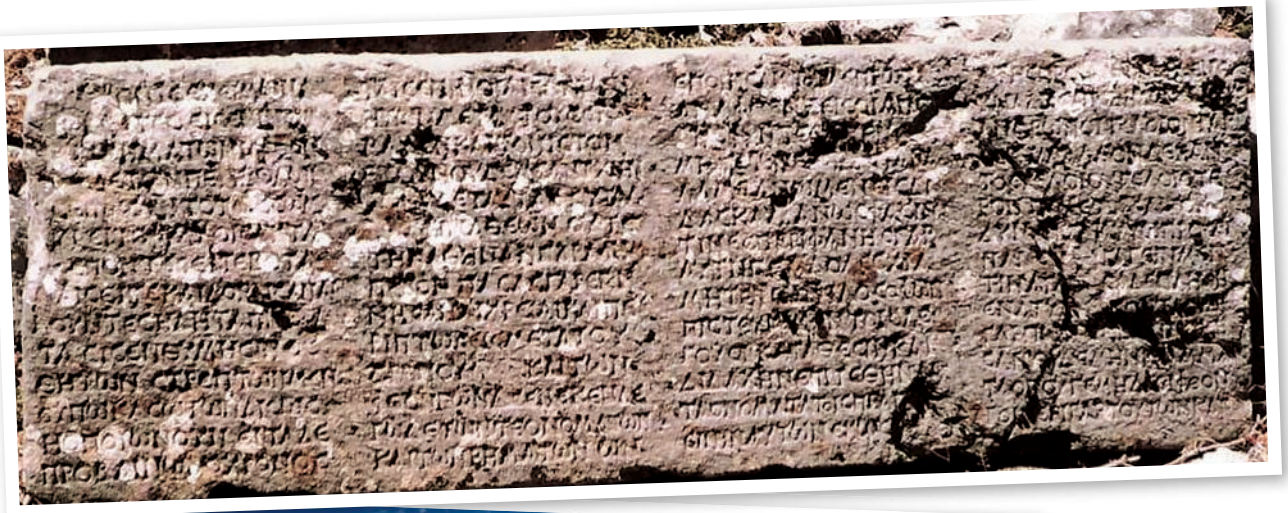
Cartas e máximas: "Como um deus entre os homens". Epicuro. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2021.

Reunião de textos de Epicuro, uma importante fonte de acesso ao seu pensamento.



Reprodução/Editora Penguin-Companhia das Letras

Em suma, o epicurismo constituiu uma **ética hedonista**, colocando o "verdadeiro prazer", o prazer do repouso do espírito, como o bem a ser almejado. Não se trata de uma busca desenfreada por bens materiais, mas do exercício paciente do pensamento como forma de produzir a tranquilidade da alma. A felicidade consiste, para Epicuro, em não sofrer no corpo, evitando as dores que podem ser evitadas, e não ter a alma perturbada.



Reprodução/epicurism.info

Muro da cidade grega de Enoanda (localizada na atual Turquia), com inscrições, datadas do século II, que representam os quatro princípios epicuristas conhecidos como *tetraphármakon*, ou o quádruplo remédio, [*s. d.*]



Sergio Arruda/Acervo Thiago Teas

Grafite de Thiago Teas, em muro na cidade de Recife, Pernambuco. Fotografia de 2021.

No detalhe

Não escreva no livro

Na primeira imagem, vemos um muro da cidade grega de Enoanda (localizada na atual Turquia), com inscrições, datadas do século II, que representam os quatro princípios epicuristas conhecidos como *tetraphármakon*, ou o quádruplo remédio.

Na segunda imagem, um dos muros pintados em Recife pelo grafiteiro Thiago Teas, da periferia de Jaboatão dos Guararapes.

- Compare as duas imagens, que explicitam a capacidade humana de divulgar mensagens em muros, pelos quais muitas pessoas passam com frequência. Em que sentido podemos dizer que a pintura do muro em Recife se assemelha à do muro em Enoanda?

Assim como o muro em Enoanda procurava transmitir uma mensagem ética por meio da fórmula de Epicuro, o grafite no muro em Recife também procura fazer isso, estimulando as pessoas que por ali passam a encarar o dia com otimismo e abertura de possibilidades de se fazer coisas boas.

Um hedonismo contemporâneo

O filósofo francês **Michel Onfray** (1959-) defende um "materialismo hedonista", nome criado por ele. Trata-se de uma linha de pensamento centrada no resgate do corpo, esquecido e espezinhado pela Filosofia durante a Idade Média e a Idade Moderna. Inspirado em **Friedrich Nietzsche** (1844-1900) e em Epicuro, Onfray formulou o que ele chama de uma "moral jovial e trágica", na qual o prazer desempenha um papel central. Ele é autor de dezenas de livros, mas tratou do hedonismo principalmente nas seguintes obras: *A escultura de si* (1993), *A arte de ter prazer* (1997) e *A potência de existir: manifesto hedonista* (2006).



SYSPEO/SIPA/Shutterstock

Michel Onfray.
Fotografia de 2022.

Assim falou Nietzsche

Epicuro e o sofrimento

Epicuro. Sim, orgulho-me de sentir o caráter de Epicuro diferentemente de qualquer outro, talvez, e de fruir a felicidade vesperal da Antiguidade em tudo o que dele ouço e leio: vejo o seu olhar que se estende por um mar imenso e esbranquiçado, para além das falésias sobre as quais repousa o sol, enquanto pequenos e grandes animais brincam à sua luz, seguros e tranquilos como essa luz e aquele mesmo olhar. Apenas um ser continuamente sofredor pôde inventar uma tal felicidade, a felicidade de um olhar ante o qual o mar da existência sossegou, e que agora não se farta de lhe contemplar a superfície, essa delicada, matizada, fremente pele de mar: nunca houve uma tal modéstia de volúpia.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 87.

Retome

Não escreva no livro

1. Comente a noção estoica de *ataraxia* (alma não perturbada).

1. A tranquilidade da alma significa não se deixar afetar pelos problemas, especialmente aqueles que fogem ao nosso controle. Devemos aprender a não sofrer por aquilo em que não podemos interferir. Assim fazendo, conseguimos viver de modo sereno e feliz.

2. Explique a compreensão de prazer segundo Epicuro e seus seguidores.

2. Para Epicuro, o verdadeiro prazer é o espiritual, é a tranquilidade da alma. Se vivemos os prazeres sensoriais do corpo, vivemos perturbados, querendo sempre mais. Atingir o prazer e a felicidade significa não se deixar perturbar pelas frivolidades.

Foucault e a estética da existência

No século XX, o filósofo francês **Michel Foucault** (1926-1984) procurou retomar a ética como construção da vida de cada um. A Filosofia como forma de vida nada mais seria que uma forma de cuidar de si.

Em meados da década de 1970, empreendeu pesquisas para a produção de uma "história da sexualidade" que o auxiliasse a compreender esse fenômeno no Ocidente. Nelas, deparou-se com questões morais relativas à vivência da sexualidade e dedicou-se a estudar textos e documentos antigos para pesquisar como os gregos e os romanos tratavam a questão.

Nessas pesquisas, Foucault encontrou dois conceitos importantes: o de "cuidado de si" e o de "falar a verdade", "falar francamente" (*parresia*, em grego), que ele via como centrais para a ética antiga. Ele não chegou a escrever um livro sobre ética, mas em seus escritos finais deixou pistas interessantes.

Ele chamou a atenção para a dificuldade de construir uma "ética do eu" em nossos dias, marcados pelo consumismo exacerbado, pelo culto ao corpo nas academias e nas redes sociais e pela exaltação das imagens por meio da propaganda. Essas preocupações limitadas a prazeres materiais e imediatos evocam um hedonismo muito diferente daquele de Epicuro.

Ao mesmo tempo, Foucault afirmava que a tarefa de construir essa ética seria urgente, pois seria a única possibilidade de se construir a autonomia nos dias de hoje, resistindo aos poderes políticos.



Apu Gomes/Folhapress

Oficina têxtil em Americana, região de Campinas, SP. Fotografia de 2013. O universo do consumo de roupas é um dos que explora trabalhadores em diversas partes do mundo, em um regime análogo à escravidão.

Esculpir a própria vida

A ética necessária na contemporaneidade, segundo Michel Foucault, tem como tarefa a relação de cada um consigo mesmo, tornando-se sujeito de sua própria vida. Em outras palavras: não viver submetido às regras morais que são impostas de fora, mas assumir-se sujeito de suas próprias escolhas, criar e construir sua vida. Construir a si mesmo como autor de suas próprias ações, da mesma forma que um artista é sujeito criador de sua obra.

Partindo de uma provocação lançada por Nietzsche, "seja o mestre e o escultor de si mesmo", Foucault nos propôs pensar uma ética que seja uma "estética da existência". Segundo o filósofo francês, é conhecendo a si mesmo e cuidando de si mesmo que cada um pode construir sua vida na relação com os outros. Uma ética do cuidado de si não implica, portanto, isolamento ou egoísmo. Ao contrário, é apenas quando cada um cuida de si que pode também preocupar-se com o outro, estar em relação com ele, aprender com ele e também lhe ensinar, implicando o crescimento de ambos.

O exercício do cuidado de si é uma forma de exercer autocontrole; e é esse poder sobre si que permite a alguém regular o poder que exerce sobre os outros e construir práticas de liberdade. Para Foucault, o sujeito não é algo dado, mas algo construído. Cada ser humano é uma construção que se faz ao longo da vida. Por isso, não tem sentido afirmar que a liberdade é uma característica desse sujeito. Nós não somos simplesmente livres ou não livres.

Vivemos em meio a outros seres humanos e, como você verá na próxima unidade, as relações entre os sujeitos são relações de poder. Não somos livres permanentemente, mas em nossas relações com os outros podemos construir práticas de liberdade, formas de relação nas quais possamos ser nós mesmos, enquanto cada um dos outros é também ele mesmo. Segundo Foucault, esse é o objetivo de uma ética contemporânea.

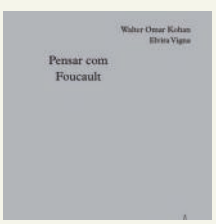
1. Na sociedade capitalista contemporânea, vivemos um individualismo extremado, ao mesmo tempo que tudo é transformado em mercadoria. Uma "ética do eu" nesse contexto significa uma intensificação do individualismo, bem como um hedonismo (culto do prazer) direcionado ao prazer como consumo. Isso desvirtua completamente a perspectiva de uma ética como construção de si mesmo.

2. Foucault não vê a liberdade como uma essência, como uma característica intrínseca do sujeito. Para ele, a liberdade está na ação e só faz sentido falarmos em práticas de liberdade. O sujeito capaz dessas práticas é aquele que cuida de si mesmo, que constrói sua vida e a si mesmo, sem se deixar levar pelos processos sociais de assujeitamento.

Favoritos

Pensar com Foucault. Walter Omar Kohan e Elvira Vigna. Rio de Janeiro: Faperj/Lamparina, 2015.

Trechos curtos de obras de Michel Foucault escolhidos para um primeiro contato direto com o pensamento do filósofo.



Reprodução/Editora Lamparina

Retome

Não escreva no livro

1. Explique por que, segundo Foucault, nos dias de hoje é difícil construir uma "ética do eu" (ou ética de si mesmo).

2. Por que, segundo Foucault, o cuidado de si propicia a liberdade?

Mundo digital

Como utilizamos nosso tempo?

A sensação de perda de tempo após utilizar demasiadamente o celular ou maratonar uma série é muito comum nos dias de hoje. Para algumas pessoas, esse sentimento pode ser ainda mais forte, quando percebem que o consumo está saindo do controle e se tornando um vício, a ponto de atrapalhar outras atividades da rotina.

Essa questão está relacionada à discussão sobre o bom ou mau uso do tempo. Para refletir sobre ela, leia a seguir uma charge contemporânea e um texto de Sêneca, filósofo estoico nascido em 4 a.C.



Caco Galhardo/Folhapress

Tirinha de Caco Galhardo, 2024.

Procede deste modo, caro Lucílio: reclama o direito de dispores de ti, concentra e aproveita todo o tempo que até agora te era roubado, te era subtraído, que te fugia das mãos. Convence-te de que as coisas são tal como as descrevo: uma parte do tempo nos é tomada, outra parte se vai sem nos darmos conta, outra a deixamos escapar. Mas o pior de tudo é o tempo desperdiçado por negligência. Se reparares bem, durante grande parte da vida agimos mal, durante a maior parte não agimos nada, durante toda a vida agimos inutilmente. Podes me indicar alguém que dê o justo valor ao tempo, aproveite bem o seu dia e pense que diariamente morre um pouco? É um erro imaginar que a morte está à nossa frente: grande parte dela já pertence ao passado, toda a nossa vida pretérita é já do domínio da morte!

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009. p. 1.

Atividades

Não escreva no livro

1. A charge e o texto analisados são úteis para refletir sobre o uso do tempo na era das redes sociais e dos *streamings*? Por quê?

1. Sim, pois tanto a charge quanto o texto destacam a finitude da vida humana e o tempo como um recurso valioso que precisa ser gasto com sabedoria.

2. Com sua turma, produza uma exposição de *memes* que abordem o uso do tempo nos dias de hoje.

2. Espera-se que os alunos escolham ou criem *memes* que ajudem a refletir sobre o uso do tempo. Além de *memes* que problematizem o desperdício de tempo, podem ser expostos outros que falem sobre a incessante busca pela produtividade, um fenômeno que pode causar efeitos indesejados na sociedade.

Trabalhando com

charge/poesia

Sentidos da vida e da morte

As correntes filosóficas helenistas estudadas neste capítulo privilegiaram a ética, tornando a Filosofia uma "arte de viver". Um dos temas abordados por essas filosofias foi a questão da morte e elas se esforçaram para preparar os indivíduos para esse momento, visto ser algo inevitável.

Tanto Epicuro quanto os estoicos (Sêneca, por exemplo), refletiram sobre o tema e propuseram meditações a respeito. Para essas filosofias, o "sentido da vida" não deve ser procurado fora, mas entendido como aquilo que construímos à medida em que vivemos.

© Chappatte in Le Temps, Switzerland/Acervo do cartunista.



Charge de Chappatte, 2006.

Sentido

se a vida não faz
sentido
por que é que morrer
haveria de fazer
sentido?

SENTIDO. Intérprete: Arnaldo Antunes. Compositores: Arnaldo Antunes e Nando Reis. *In*: DISCO. Intérprete: Arnaldo Antunes. [*S. l.*]: Rosa Celeste, 2013. 1 CD, faixa 14.

1. As duas obras podem ser relacionadas com as correntes da Filosofia antiga estudadas neste capítulo. A charge usa o humor para desconcertar, assim como faziam os filósofos cínicos. A canção fala sobre a vida e a morte, como a Filosofia estoica e o epicurismo. Ambas tratam de questões da vida cotidiana, objetivando nos preparar para que vivamos melhor.

2. Sim, é possível afirmar a arte do humor como um cinismo contemporâneo, na medida em que o humor é usado para desestabilizar o que está posto, fazer desconfiar das certezas e, com isso, faze-nos pensar sobre a vida e nossas ações.

3. Ambas as filosofias se preocupavam em preparar os indivíduos para saber morrer, desmistificando os mistérios e os medos em relação à morte. Os compositores indicam que não há sentido algum na morte, porque também não há sentido na vida; podemos concluir então que nós somos aquilo que construímos. Por isso, não há razão para temer a morte.

Atividades

Não escreva no livro

1. Observe atentamente a charge do artista libano-suíço nascido no Paquistão Chappatte e leia a letra da canção "Sentido", de Arnaldo Antunes e Nando Reis. Que relações podemos identificar entre as duas obras?
2. Com base na charge, podemos dizer que esse tipo de arte é uma forma contemporânea da Filosofia cínica?
3. Como podemos relacionar o poema/canção de Arnaldo Antunes e Nando Reis com o estoicismo e o epicurismo?

Galeria de atividades

1. Analise e comente as diferenças teóricas entre o epicurismo e o estoicismo no que diz respeito à ética.
2. Explique como os "exercícios espirituais" foram usados pela Filosofia. Cite exemplos e comente-os.
3. Vamos praticar um "exercício espiritual". Experimente a escrita em forma de diário. Você pode usar um caderno ou fazer um *blog* – nesse caso, decida se será um *blog* público ou com acesso restrito. Preste muita atenção naquilo que você vai escrever e em como vai escrever, pensando nas pessoas que lerão seus textos. Durante um mês, anote todos os dias aquilo que você pensa e sente. Compartilhe seu caderno ou *blog* com os colegas. Após esse período, releia tudo o que você escreveu e reflita sobre isso. Compartilhe suas conclusões com os colegas de turma e converse com eles sobre a experiência. Será possível conhecer mais sobre você mesmo e sobre eles a partir desse exercício?

   Você pode prolongar essa experiência; continue a escrever enquanto julgar interessante. **3.** Atividade aberta a ser realizada individualmente.
4. Leia o texto e o poema a seguir.

   [...] o ser humano busca a felicidade porque ele é desejo (e desejo consciente) e porque, sempre capaz de reflexões, está sempre em condições de contestar seu presente por seu futuro e de visar nesse futuro a plenitude de seu desejo.

   Mas a vida espontânea do desejo desdobra-se na maioria das vezes como séries de conflitos e frustrações, ou, se quisermos, como sofrimento. Não se vá por isso renunciar ao desejo como nos propõem as religiões ascéticas, mas compreender que esse desejo, sendo também liberdade, deve sair de suas crises de modo excepcional e radical. Só uma transmutação de nosso olhar sobre as coisas nos permite alcançar realmente nosso desejo, isto é, o que há de preferível em nosso desejo: satisfação e justificação, plenitude e sentido.

   Em termos simples, digamos que a felicidade é a consumação real e autêntica do desejo; não o acesso imediato e caótico a todos os prazeres despedaçados (com suas contradições e decepções), mas o acesso à satisfação do prazer pensado, querido, partilhado e habitado por um sentido [...].

   MISRAHI, Robert. Felicidade. *Café Philo*: as grandes indagações da filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 45.

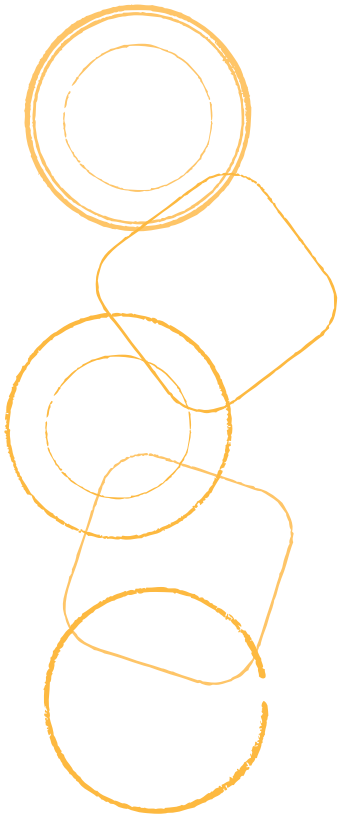
Por quê?

Por que nascemos para amar, se vamos morrer?
Por que morrer, se amamos?
Por que falta sentido
ao sentido de viver, amar, morrer?

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 1242.

1. As duas escolas filosóficas defendiam a vida pautada no princípio da não perturbação da alma (*ataraxia*). No entanto, divergiam na forma de alcançar a tranquilidade da alma. Para os epicuristas, chegava-se à *ataraxia* pela dupla ação de evitar a dor e buscar o prazer. Para os estoicos, a *ataraxia* era alcançada evitando-se o prazer. É interessante que, com base nesse núcleo, os estudantes construam sua análise e aprofundem a questão.

2. Os exercícios espirituais foram usados, especialmente na Filosofia antiga, como práticas de pensamento, de construção de si mesmo, voltados para uma autoformação. Por meio deles, a Filosofia deixa de ser pura contemplação e se torna algo prático. Como exemplos, podemos citar várias maneiras de escrita, nas quais a pessoa escreve (para si ou para os outros) como forma de se conhecer melhor e aprimorar sua vida.



4. Dissertação filosófica pessoal. Avalie as capacidades de redação e argumentação, bem como se os estudantes seguem os aspectos formais de uma dissertação.

Com base na leitura do texto e do poema, além daquilo que foi estudado no capítulo, escreva um texto dissertativo sobre o tema: "A felicidade é nosso único objetivo?".

5. Analise os silogismos a seguir e identifique se estão corretos ou não, explicando as razões que o levaram a essa conclusão, com base no que vimos na unidade.

a) Todos os gatos são mamíferos.
Todos os cachorros são mamíferos.
Logo, todos os cachorros são gatos.

b) Todos os seres humanos têm um cérebro.
João é humano.
Portanto, João tem um cérebro.

6. Com base nas regras do silogismo estudadas nesta unidade, formule dois silogismos e explique seus componentes.

6. Resposta aberta. Os estudantes podem formular qualquer silogismo e explicar o que são as premissas e o que são as conclusões. Atente para a correção do raciocínio nas respostas dadas.

7. Os datilógrafos, no Brasil, estão desaparecendo.
Aquele rapaz é datilógrafo.
Logo, aquele rapaz está desaparecendo.

5. a) Silogismo incorreto. O erro está no fato de que as duas premissas são universais, relacionando diferentes espécies animais à condição de mamíferos. Assim, as informações das premissas não autorizam concluir que esses animais são equivalentes apenas pelo fato de serem ambos mamíferos.

- De que tipo de falácia se trata o argumento? Explique sua resposta.

7. Trata-se de uma falácia de ambiguidade. A primeira premissa diz que está ocorrendo o desaparecimento dos datilógrafos no Brasil, indicando sua diminuição, o que os faria desaparecer como profissão. Já a conclusão toma desaparecimento no sentido de sumir da visão, relacionando-o a um datilógrafo específico, o que, evidentemente, torna a afirmação falsa.

Enem e vestibulares

5. b) Silogismo correto. Apresenta uma ideia geral e em seguida um caso particular, compreendido pela ideia geral, e que permite concluir que esse caso particular atende à condição geral.

1. (Enem)

A quem não basta pouco, nada basta.

EPICURO. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

Remanescente do período helenístico, a máxima apresentada valoriza a seguinte virtude: Alternativa **c**.

a) Esperança, tida como confiança no porvir.
b) Justiça, interpretada como retidão de caráter.
c) Temperança, marcada pelo domínio da vontade.
d) Coragem, definida como fortitude na dificuldade.
e) Prudência, caracterizada pelo correto uso da razão.

2. (Enem)

Entretanto, nosso amigo Basso tem o ânimo alegre. Isso resulta da filosofia: estar alegre diante da morte, forte e contente qualquer que seja o estado do corpo, sem desfalecer, ainda que desfaleça.

SÊNECA, L. *Cartas morais*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1990.

O excerto refere-se a uma carta de Sêneca na qual se apresenta como um bem fundamental da filosofia promover a: Alternativa **e**.

a) valorização de disputas dialógicas.
b) rejeição das convenções sociais.
c) inspiração de natureza religiosa.
d) exaltação do sofrimento.
e) moderação das paixões.

3. (Enem)

Tomemos o exemplo de Sócrates: é precisamente ele quem interpela as pessoas na rua, os jovens no ginásio, perguntando: "Tu te ocupas de ti?" O deus o encarregou disso, é sua missão, e ele não a abandonará, mesmo no momento em que for ameaçado de morte. Ele é certamente o homem que cuida do cuidado dos outros: esta é a posição particular do filósofo.

FOUCAULT, M. *Ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

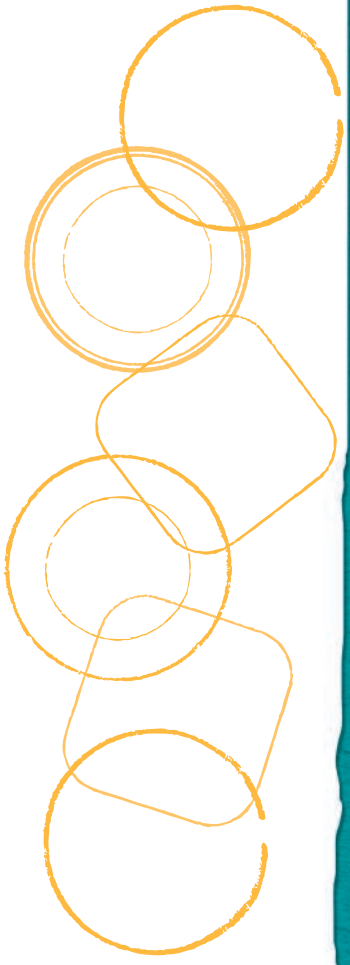
O fragmento evoca o seguinte princípio moral da filosofia socrática, presente em sua ação dialógica: Alternativa **a**.

a) Examinar a própria vida.
b) Ironizar o seu oponente.
c) Sofismar com a verdade.
d) Debater visando a aporia.
e) Desprezar a virtude alheia.

Agir no mundo

Obedecer ou desobedecer?

Uma questão fundamental para a Ética e para o Direito são os critérios que devem ser usados para condenar ou não pessoas e ações. Por exemplo, uma pessoa que agiu sob ordens de um superior em uma organização hierárquica deve ser responsabilizada por um ato ilegal ou injusto?



Para entender o tema

As ações dos subordinados a Adolf Hitler (1889-1945) foram determinantes na perseguição, tortura e morte de milhões de judeus durante o Holocausto (1933-1945). Após a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os crimes cometidos pelos nazistas foram julgados no Tribunal de Nuremberg, organizado pelos vencedores da guerra (Estados Unidos, União Soviética, Reino Unido e França). Muitos dos acusados tentaram se defender alegando que estavam apenas cumprindo ordens e que poderiam ser severamente punidos caso não o fizessem.

O oficial nazista Adolf Eichmann (1906-1962), responsável por organizar o envio regular de judeus aos campos de concentração, foi um dos criminosos que conseguiu fugir e não esteve nos julgamentos de Nuremberg. Anos mais tarde, ele foi capturado, acusado e condenado por operacionalizar o assassinato em massa de judeus. Durante seu julgamento, Eichmann também insistiu que estava apenas cumprindo ordens de seus superiores, sem as questionar.

Alegações semelhantes foram feitas por militares acusados de terem torturado e assassinado pessoas durante a ditadura no Brasil (1964-1985). Leia o que disse a historiadora Clarissa Grahl sobre Brilhante Ustra (1932-2015), primeiro militar reconhecido como torturador pela Justiça brasileira:

> Ustra recorre frequentemente ao princípio da obediência devida [a ideia de que suas ações só ocorreram porque cumpria ordens] como uma forma de defesa, fazendo questão de ressaltar que agiu em acordo com a hierarquia de comando e que ao longo de sua carreira não só nunca foi punido, como também foi agraciado com condecorações.

BRUM, Maurício. Quem foi Brilhante Ustra, o primeiro militar reconhecido como torturador pela Justiça. *Gazeta do Povo*, 22 mar. 2018. Disponível em: https://tedit.net/s5rj2m. Acesso em: 24 set. 2024.

Esses são casos históricos específicos e de julgamentos de crimes graves, mas que servem de exemplos para refletirmos sobre uma questão importante e atual: a da responsabilidade dos atos de quem age sob ordens ou coação de uma pessoa ou instituição.

A obediência hierárquica é um elemento forte em muitos contextos culturais, especialmente nas instituições militares. Para a Polícia Militar de São Paulo, por exemplo, a hierarquia é "a ordenação progressiva da autoridade em graus diferentes, da qual decorre a obediência" e a disciplina consiste "na rigorosa observância e acatamento integral das [...] ordens" (Lei Complementar n. 893, de 9 de março de 2001). Mas será que os policiais devem obedecer a ordens ilegais ou injustas?

Pensando nesses exemplos, você e sua turma deverão criar uma regra ética sobre a responsabilização de atos injustos ou ilegais praticados sob ordem ou coação. Para isso, cumpra as etapas a seguir.

Etapa 1

Com auxílio do professor, organize a turma em dois grupos. Um deles usará o pensamento de Kant, e o outro, o de Sartre, para criar uma regra sobre a responsabilização de atos praticados sob ordem ou coação. Em seu grupo, leia e discuta sobre os conceitos do autor que será utilizado.

Etapa 2

Em grupo, faça uma pesquisa para compreender melhor os exemplos apresentados no texto de introdução, a fim de analisá-los de acordo com os conceitos filosóficos. Vocês também podem buscar outros exemplos, reais ou fictícios, de pessoas julgadas que alegaram ter cumprido ordens. Após a análise, crie um cartaz apresentando uma regra ética sobre a questão. Em uma folha de papel sulfite, anote os principais argumentos e conceitos que a sustentam.

Recursos necessários

- celular ou computador com acesso à internet;
- folha de papel sulfite e cartolina.

Conclusão

Escolha um porta-voz para defender a regra criada por seu grupo. Os demais integrantes podem ajudar pontualmente na defesa. Depois das defesas, participe de uma conversa final com toda a turma sobre o debate, considerando as dificuldades encontradas para elaborar regras éticas sobre o tema. Então, faça uma votação para identificar qual das regras conseguiu convencer mais pessoas e os motivos para que isso tenha acontecido.

Para a primeira etapa, os grupos deverão retomar os textos dos capítulos 6 e 7. De modo geral, é importante que cada grupo respeite as noções básicas de cada autor: no caso de Kant, deve ser buscada uma regra ética universal sobre o tema; no caso de Sartre, deve ser buscada uma regra que considere a avaliação caso a caso para o julgamento de um ato praticado.

Para a segunda etapa, espera-se que os estudantes aprofundem sua compreensão sobre os casos do Tribunal de Nuremberg, o julgamento de Eichmann e os depoimentos de militares brasileiros envolvidos na ditadura, colhidos pela Comissão da Verdade. Os estudantes também devem pesquisar sobre como a questão é tratada pelas leis brasileiras. Em geral, os militares são obrigados a obedecer a seus superiores, mas são considerados culpados, de acordo com o artigo 22, do Código Penal, se obedecerem a ordens ilegais. De todo modo, na formulação da regra, os estudantes não devem apenas considerar a responsabilização de atos ilegais, mas também de atos que, embora legais, possam ser injustos. Nesse caso, deverão considerar o que é justiça e se esse é um valor universal ou relativo.

Faça a mediação do debate. Os estudantes devem se portar como se estivessem em uma votação de projeto de lei. A intenção é que eles debatam e argumentem, visando analisar os casos levantados como exemplo sob o prisma de conceitos filosóficos e a partir de exemplos concretos. No encerramento, se desejar, amplie o debate sobre regras de conduta, pois os estudantes estarão familiarizados com os conceitos de dois importantes filósofos do campo da Ética e poderão discutir, por exemplo, sobre hierarquia de regras e sobre ser ou não válido quebrar regras visando a um fim benéfico para o maior número de pessoas.

É na Grécia antiga, com Platão e Aristóteles, que a política surge como reflexão filosófica sobre a administração da pólis e dos interesses de uma comunidade.

Já na Idade Média, Santo Agostinho diferencia poder temporal (não religioso) e espiritual (da Igreja), visando moralizar a vida mundana.

No Renascimento, Maquiavel e La Boétie focam no poder político do príncipe e sua opressão sobre os súditos.

Na modernidade, Hobbes, Locke e Rousseau teorizam sobre a sociedade, valores e organização do Estado.

No século XIX, Marx, Engels e anarquistas criticam o Estado, enxergando-o como instrumento burguês para perpetuar a exploração do proletariado.

E, no século XX, Arendt, Foucault, Deleuze e Guattari analisam política, Estado e totalitarismos após guerras mundiais e ditaduras.

Se a política é um dos fatores que determinam o rumo de uma sociedade, refletir a seu respeito é essencial para a construção do mundo que desejamos.



Três de maio de 1808, óleo sobre tela de Francisco Goya, 1814. 2,6 × 3,4 m. Em 1808, a Espanha estava dominada pelo exército francês. A casa real espanhola havia sido subjugada por Napoleão. Contra essa situação, cidadãos de Madri se revoltaram, mas foram rapidamente detidos pelas forças francesas. O evento ficou conhecido como "Levante de 2 de maio". A pintura de Goya retrata o brutal fuzilamento de 44 madrilenhos que participaram do levante.

UNIDADE 4

Como nos relacionamos em sociedade?



Reprodução/Museu do Prado, Madri, Espanha.

1. Em sua opinião, por que Goya produziu sua obra em cores predominantemente escuras?

2. Na tela, as pessoas fuziladas e aquelas que atiram estão em lados opostos. Em que outras situações as relações humanas podem se dividir em "dois lados"?

3. Você poderia citar algum momento da história do Brasil em que vivemos uma situação de grande divisão social?

1. Espera-se que os estudantes vejam na obra uma crítica política à Espanha dominada pela França, considerando a punição dos espanhóis revoltosos um momento sombrio da história do país.

2. Exemplos de divisão nas comunidades humanas incluem a separação entre pobres e ricos, fortes e fracos, dominadores e dominados, etc. Em termos políticos, temos a clássica divisão "direita" e "esquerda", herdada da Revolução Francesa.

3. É possível citar a divisão de posições no momento da Declaração de Independência ou da Proclamação da República, além de uma reflexão sobre o tempo presente, no qual as diferentes ideias políticas são apresentadas como contrapostas.

CAPÍTULO 9

Poder e política

Em 2001, nos Estados Unidos, um grupo extremista que alegava seguir o Islã realizou atos terroristas, condenados por líderes muçulmanos, que ressaltaram que essas ações não refletem os ensinamentos da religião. Foram sequestrados quatro aviões de passageiros e lançados contra alvos civis e militares. Um dos principais alvos foi o World Trade Center, e o ataque resultou na morte de quase 3 mil pessoas, reacendendo o debate sobre radicalização e medidas de segurança.



Spencer Platt/Getty Images

Ataque às Torres Gêmeas do World Trade Center, na manhã de 11 de setembro de 2001. Consideradas um símbolo do capitalismo, as torres eram um complexo empresarial em Nova York, Estados Unidos.

Em reação, o governo dos Estados Unidos instaurou a "Guerra ao Terror", um conjunto de medidas que supostamente visava combater o terrorismo. Afeganistão e Iraque foram invadidos em 2001 e 2003 respectivamente, com o argumento de prender os idealizadores dos atentados e impedir o suporte aos terroristas. Durante os períodos de ocupação, um grande número de militares morreram, assim como centenas de milhares de civis locais.

Esse episódio histórico nos apresenta o cerne de um dos problemas humanos mais importantes: a vida em comum e as relações que travamos com nossos semelhantes na administração dos interesses de uma comunidade.

A esse universo os gregos deram o nome de política, pois estava relacionado àquela que, para eles, era a comunidade humana mais abrangente: a cidade (em grego, *polis*).

Hoje, muitos pensam que a política é algo distante, e que os cidadãos precisam apenas se preocupar com o voto na época das eleições.

A Filosofia nos fornece elementos para pensar a política de forma mais abrangente e nos mostra que somos seres políticos, que agimos politicamente ao nos relacionarmos com as pessoas com as quais convivemos.

Poder e autoridade

A base para qualquer noção de política é compreender a convivência e as relações entre os seres humanos. Para isso, é necessário compreender o que é **poder**. Uma primeira definição é que o poder consiste na capacidade e oportunidade de impor sua vontade ao outro.

A noção de poder implica também a noção de **autoridade**: sob esse aspecto, poder é a capacidade de ter suas ordens obedecidas. No entanto, o poder deve agir no sentido de unificar e organizar as vontades díspares e múltiplas, que passam a representar a vontade do poder, a qual todos respeitam porque, idealmente, concordam com ela.

A principal forma que o poder utiliza para conseguir administrar as vontades particulares dos indivíduos é a **catalisação**. Tal como o catalisador de uma reação química, o poder não é responsável pela reação em si, mas sim facilita ou dificulta, apressa ou retarda, o ritmo dos acontecimentos, a fim de privilegiar determinadas ocorrências e evitar outras. É com esse tipo de mecanismo que o poder administra as vontades em um dado grupo social, organizando-as em torno da vontade do governante.

Favoritos



Reprodução/Editora Brasiliense

O que é poder. Gérard Lebrun. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Uma introdução à Filosofia política centrada no tema do poder, escrita pelo professor francês que trabalhou no Brasil.



Mauro Batista Rodrigues/Shutterstock

Manifestação de estudantes em Brasília, no dia 15 de março de 2023, em favor da revogação da reforma do Ensino Médio. A organização política estudantil é muito importante, pois se constitui em torno dos interesses culturais, sociais e educacionais dos estudantes.

Macrofísica do poder: a teoria da soma zero

Na teoria política clássica, a noção de poder leva à ideia de que ele ocupa determinados lugares na sociedade, como se estivesse concentrado em lugares específicos. Em uma monarquia absolutista, por exemplo, o poder reside no próprio governante, enquanto em uma democracia, ele está nas instituições que perduram independentemente dos governantes transitórios.

Nessa linha teórica, para equilibrar a organização social, o poder detido pelo governante deve ser equivalente ao poder não possuído pelos governados. O poder não pode ocupar dois lugares ao mesmo tempo: se alguém o detém, é porque outras pessoas foram desprovidas dele. Nesse aspecto, o poder é visto como um "bem" que pode ser transferido. A situação de equilíbrio pode ser representada pela equação **[p + (−p) = 0]**. Se houver desequilíbrio, seja pela concentração excessiva de poder nas mãos do governante ou falta de poder dos governados, a estrutura social pode se tornar instável.

A **teoria da soma zero**, conforme Gérard Lebrun em *O que é poder*, baseia-se em elementos espaciais e matemáticos. Por isso, podemos entendê-la como uma visão **macroscópica** do poder, isto é, um modo de observar (*skopé*, em grego) em perspectiva ampla (*makrós*, em grego).

É como se conseguíssemos, de fora, apreender todo o conjunto social e perceber as relações de força que se estabelecem em seu interior, com a finalidade de quantificá-las e somá-las. Imagine se olhássemos um tabuleiro de xadrez e conseguíssemos saber onde estão as possibilidades de jogadas e se o jogo está equilibrado ou não.



Ricardo Stuckert/PR Atribuição (CC BY 2.0)

Em sua posse, em 1º de janeiro de 2023, o presidente Luís Inácio Lula da Silva recebe a faixa presidencial de representantes do povo brasileiro. A sucessão presidencial e o exercício do poder em um sistema político democrático dependem amplamente do bom funcionamento das instituições públicas, como a justiça, o ensino, a saúde, a segurança, etc.

Microfísica do poder: transmissão em rede

No século XX, **Michel Foucault** (1926-1984) construiu um conceito de poder diferente daquele da teoria da soma zero. Olhando para as microrrelações sociais, ele afirmou que o poder não é um "bem" acumulável ou trocável, mas sim uma rede que permeia toda a sociedade. Esse tipo de análise ele denominou **microfísica do poder**, pois a atenção está voltada para as pequenas relações, e não para os grandes movimentos políticos.

Segundo Foucault, o poder não pode ser concebido apenas como **repressão**, como se a pessoa que pode ordenar concentrasse todo o poder e a que deve obedecer não tivesse nenhum.

Devemos levar em conta, também, o poder como fonte de produção social. É o que Foucault denomina **tecnologia do poder**: constrói-se toda uma maquinaria por meio da qual o poder se exerce, interditando certas ações e produzindo outras. As muitas peças dessa maquinaria intervêm de maneiras variadas. O jogo do poder seria muito mais complexo do que uma análise macrofísica nos permite ver.

Foucault rompe com a concepção clássica do poder, pois não acredita que ele esteja materializado em lugares específicos. Em vez disso, o poder está diluído no tecido social e é onipresente. Está difuso nas relações cotidianas, desde familiares até estruturas administrativas do Estado.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Estado

De modo geral, o Estado é a organização política básica de uma sociedade. Compreende instituições políticas, jurídicas, administrativas e econômicas, bem como um território próprio, sob um governo autônomo. Na Antiguidade grega, o Estado era a cidade; nos impérios antigos, era o próprio império. Na Idade Moderna ocidental, constituíram-se Estados-nações independentes, forma que predomina em nossos dias.

- Explique com suas palavras o que você compreende como Estado.

Espera-se que os estudantes se mostrem capazes de expressar de modo próprio o que foi definido como conceito de Estado.



Reprodução/Editora Companhia das Letras

Favoritos

O processo. Franz Kafka. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

Toda a obra de Kafka pode ser lida como uma metáfora das relações de poder. Esse romance talvez seja sua expressão mais direta: nele, um indivíduo é processado pelo Estado sem conseguir compreender o motivo.

Foucault resume sua teoria do poder em cinco pontos:

- **O poder se exerce** – ele não é algo a ser conquistado, possuído ou perdido, mas algo que todos os indivíduos exercem e sofrem. O poder só existe se é exercido.
- **As relações de poder são imanentes** – o poder é interno a todo e qualquer tipo de relação social: ele emana dela e é seu efeito imediato.
- **O poder vem de baixo** – ele vem das pequenas situações. São as correlações de força microscópicas que sustentam os macropoderes que enxergamos de forma mais imediata.
- **As relações de poder são intencionais** – o poder é sempre estratégico, ou seja, guiado por metas e objetivos, obedecendo a uma lógica e a uma racionalidade interna.
- **Se há poder, há resistência** – a resistência não vem de fora, não é exterior ao poder, mas é uma condição de existência do jogo do poder.

imanentes: que necessariamente fazem parte da natureza de um ser, de um objeto ou de um fenômeno.

Analisando as sociedades ocidentais desde a Idade Moderna, Foucault distingue três tecnologias de poder que se sucederam como formas de organização política: o poder de **soberania**, que embasou os regimes monárquicos; o poder **disciplinar**, centrado nas instituições, que garantiu a emergência e a consolidação do regime capitalista; e o **biopoder**, que estrutura os Estados contemporâneos.



EyePress News/Shutterstock

O jornalista e ciberativista australiano Julian Assange (1971-). Fotografia de 2024.

No detalhe

1. O ativismo político de Julian Assange evidencia que o poder se constitui como uma rede que permeia toda a sociedade. O trabalho de um único indivíduo pode desestabilizar um governo como o dos Estados Unidos, que luta para puni-lo por isso, impedindo seu ativismo.

Não escreva no livro

Julian Assange criou o *site* WikiLeaks em 2006. Em 2010, o *site* publicou uma série de documentos confidenciais vazados do governo dos Estados Unidos, e, pouco depois, foi emitida uma ordem de prisão internacional contra ele. Após viver sete anos como asilado político na embaixada do Equador em Londres, foi preso pela polícia inglesa e passou cinco anos em um presídio de segurança máxima. Após um acordo com o governo estadunidense em 2024, foi libertado. Seu ativismo inspirou muitas pessoas a se engajarem na luta pelo acesso a informações de interesse público.

1. Como se pode compreender o trabalho de Assange segundo os conceitos estudados?

2. O que você pensa sobre esse tipo de ativismo político? **2.** Atente para a argumentação dos estudantes.

Retome

1. De um lado, a macrofísica do poder o analisa de uma perspectiva ampla, percebendo as grandes linhas de seu exercício. Nesse contexto, o poder é visto como repressão, capacidade de interdição, e o fato de alguns deterem o poder significa que outros estarão fora dele. De outro lado, a microfísica do poder o vê como uma rede de relações, presente em todas as relações humanas, desde as mais simples, como o envolvimento entre professor e estudante, até as mais complexas, como entre governantes e governados. Nesse caso, o poder é entendido como algo que todos os sujeitos exercem em âmbitos próprios de relação; aqui, o poder gera causas e efeito, sempre encontrando resistência.

Não escreva no livro

1. Exponha e discuta os conceitos de macrofísica e microfísica do poder.

2. Qual dos dois lhe parece mais apropriado para uma reflexão sobre a política hoje? Justifique sua resposta.

Veremos, em seguida, como a Filosofia tem pensado o poder e a política ao longo da História.

2. Espera-se que os estudantes apresentem uma boa argumentação para justificar a abordagem escolhida.

O pensamento político grego

A organização política da Grécia, estruturada em cidades independentes, e a invenção da democracia como forma de governo originaram ideias que atravessaram os séculos e ainda hoje são utilizadas no pensamento político.

As ideias de Platão e Aristóteles merecem destaque. Ambos viveram em Atenas sob um regime democrático e fizeram críticas a ele. Várias questões pensadas por eles foram incorporadas às teorias políticas modernas que embasam o regime democrático na atualidade.

Platão: o governo dos filósofos

Platão era de uma família aristocrática e viveu durante o período de decadência da democracia ateniense, o que pode ter influenciado sua posição crítica a essa forma de governo. Segundo Platão, apenas os cidadãos preparados e capacitados deveriam governar a cidade, ao contrário do que ocorria na democracia ateniense.

Em seus escritos, Platão reflete sobre a melhor forma de governar e como identificar o governante mais apto ao cargo. Seu amplo pensamento político foi desenvolvido, principalmente, em três de seus diálogos: *A república*, que trata da perfeita organização de uma cidade; *O político*, cujo tema é o conhecimento necessário ao político para exercer um governo bom e justo; e *As leis*, em que discute as ações dos cidadãos e a constituição de leis que as regulem, visando ao bem de todos.

Reprodução/Coleção particular



Discurso fúnebre de Péricles, impressão de albumina com posterior pintura de Philipp von Foltz, 1877. 9,8 × 12 cm. Péricles foi um dos principais estadistas do período democrático ateniense. Nessa época, Atenas era uma das mais importantes cidades gregas. A decadência após seu governo levou Platão a criticar duramente essa forma de governo com maior participação dos cidadãos, que não necessariamente estavam bem-preparados para isso.

No diálogo *A República*, Platão afirma que uma cidade perfeita seria aquela governada pelos mais sábios, praticantes da Filosofia e donos de um caráter racional (como vimos no Capítulo 6). Assim, os filósofos seriam governantes melhores porque, por meio do exercício da razão, podem contemplar a ideia de justiça e, assim, governar justamente. Isso levou-o a afirmar que, para que haja um bom governo, ou os reis deveriam se tornar filósofos, ou os filósofos deveriam se tornar reis.

Aristóteles: o bem comum

Aristóteles, que foi preceptor do jovem Alexandre Magno (356-323 a.C.), futuro imperador da Macedônia, também não considerava a democracia a melhor forma de promover o bem comum.



Reprodução/Coleção particular

Alexandre, O Grande, e Aristóteles, gravura em madeira de autoria desconhecida, 1885. Dimensões não informadas.

Numa crítica mais branda, Aristóteles analisou várias cidades de sua época, procurando classificar as boas formas de governar, e mostrou que elas podem resultar em caminhos corrompidos de governo.

Para Aristóteles, diferente do que Platão disse em *A política*, o bom governo é aquele que visa ao bem comum e ao interesse coletivo, única maneira de garantir a felicidade de todos. Já o mau governo é aquele em que o interesse de quem governa se sobrepõe ao interesse da coletividade.

Aristóteles define três "formas puras" de governo, bem como suas "formas degeneradas":

- **monarquia** é o governo de uma só pessoa, que visa ao interesse comum. Ela pode degenerar em uma **tirania**, que é o governo de uma pessoa que valoriza apenas seus próprios interesses;
- **aristocracia** é o governo de um pequeno grupo de pessoas responsável por defender o interesse de todos. Ela pode degenerar em uma **oligarquia**, o governo de um pequeno grupo voltado apenas para seus interesses;
- **república** é o governo de um grande grupo com o objetivo do bem comum. Ela pode degenerar em **demagogia**, o governo em proveito próprio, no qual se procura manipular os demais.

Aristóteles pensou também na origem e na finalidade da comunidade política. Ele definiu o ser humano como um **animal político**: os seres humanos vivem em grupo e se diferenciam de animais que apresentam o mesmo comportamento porque **compartilham** a vida por meio da **linguagem**. Faria parte da nossa natureza nos juntarmos a outros iguais a nós para compartilhar nossas vidas. Assim, reunimo-nos em famílias; várias famílias reunidas formam uma aldeia; várias aldeias crescendo num mesmo espaço geográfico formam uma cidade. A cidade, portanto, não seria uma "invenção" humana, mas a realização da própria natureza dos seres humanos.

Ainda que uma cidade se origine de uma reunião natural de famílias, não podemos ver essas comunidades humanas como uma simples continuidade. Aristóteles definiu a existência de duas esferas: a **privada** (relativa à família e à casa) e a **pública** (relativa à comunidade, à cidade). Se a **economia** é a ciência da gestão da casa (privada), a **política** é a ciência da gestão da cidade (pública).

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Economia

Hoje compreendemos a economia como a ciência que trata da produção, da distribuição e do consumo de bens. No entanto, em sua origem grega, a palavra tinha um sentido muito mais restrito. Formada por *oikós*, que significa "casa", e por *nomos*, "regra", "organização", economia era a ciência da organização da casa, isto é, do espaço privado. Por isso, para Aristóteles, ela era essencialmente diferente da política, que tratava exclusivamente do espaço público.

- Explique as diferenças entre a compreensão de economia por Aristóteles e a compreensão contemporânea. Em que elas se aproximam?

Para Aristóteles, a economia estava relacionada apenas à gestão da casa, concebida por ele como espaço privado. A compreensão atual é muito mais abrangente, dizendo respeito à produção e à circulação de bens, podendo ser nacional e mesmo global. Porém, em comum, as duas têm a característica de pensar a economia como uma ciência do espaço privado, e não do espaço da política.

Aristóteles afirmava que na esfera privada, doméstica, a hierarquia familiar era centrada na figura do pai, que exercia quatro tipos de poder: o **poder econômico**, que é a faculdade de organizar e gerir sua casa; o **poder paternal** sobre os filhos; o **poder marital** sobre a mulher; e o **poder despótico** sobre quem é por ele escravizado. Os três últimos são assimétricos, isto é, exercidos de forma plena pelo pai sobre aqueles que lhe deviam obediência.

Não poderia haver continuidade desses poderes da esfera privada para a esfera pública. Em casa, esses homens exerciam um poder sobre desiguais (filhos, mulher e escravizados), mas, na administração da cidade, seria ilegítimo exercer um poder assimétrico, pois todos os cidadãos são iguais perante a lei. Para Aristóteles, portanto, o despotismo é impensável no exercício da política – que deve ser a arte da convivência entre iguais.

Assim falou Aristóteles

Governo doméstico e governo político

[...] o poder "despótico" e o governo político são, apesar da opinião de alguns, coisas muito diferentes. Um só existe para os escravos; o outro existe para as pessoas que a natureza honrou com a liberdade. O governo doméstico é uma espécie de monarquia: toda casa se governa por uma só pessoa; o governo civil [político], pelo contrário, pertence a todos os que são livres e iguais.

ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 16.

Esse tipo de pensamento se justificava no caso da democracia ateniense porque a cidadania era restrita a um pequeno conjunto da população: indivíduos do sexo masculino, livres, nascidos na cidade, maiores de idade e proprietários de terra. Os historiadores afirmam que, no auge da democracia ateniense, isso representava menos de dez por cento da população. Quando, na Idade Moderna, o direito de cidadania tornou-se mais abrangente, já não se podia adotar tão facilmente o princípio da igualdade como era entendido pelos gregos.

Favoritos



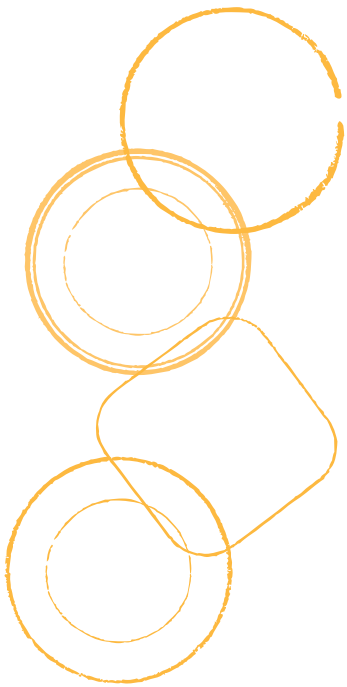
Reprodução/Editora Planeta

Política para meu filho. Fernando Savater. Rio de Janeiro: Planeta, 2012.

Um professor espanhol de Filosofia escreveu esse livro para seu filho adolescente, procurando explicar os grandes temas da Filosofia política.

Ainda que seja resultado de um processo natural, a comunidade política tem uma finalidade principal: o "bem viver juntos". E o bem viver, para Aristóteles, consiste na felicidade – "felicidade privada", que diz respeito à vida de cada um, e "felicidade pública", que está relacionada à vida pública em sociedade.

A fonte dessas duas felicidades é aquilo que o filósofo denominou **vida ativa**, que engloba tanto as ações e os projetos (objeto da política) quanto as meditações e reflexões em torno deles, que os aperfeiçoam (é a prática da Filosofia). A vida feliz consiste, assim, na associação da atividade política com a atividade contemplativa, a Filosofia. Uma cidade feliz é aquela que proporciona aos cidadãos a possibilidade de se dedicarem a essas duas atividades.



Trabalhando com Lógica

Vimos até aqui as preocupações da lógica com a organização do pensamento para que ele não incorra em erro. Sendo o pensamento correto aquele que afirma o que é verdadeiro, a lógica trabalha com as chamadas **teorias da verdade**, que buscam definir e explicar o que é o verdadeiro.

Com base na posição de Aristóteles, várias "teorias da verdade" foram propostas por filósofos em diferentes momentos. Sintetizamos as principais a seguir:

- **Verdade como coerência**: a verdade consiste em relações de coerência em um determinado conjunto de crenças.
- **Verdade como correspondência**: compreende como verdadeiro aquilo que corresponde aos fatos que exprime.
- **Verdade como utilidade**: a verdade é algo verdadeiro na medida em que suas consequências são úteis. Essa teoria articula elementos da correspondência e da coerência.
- **Verdade como redundância**: o verdadeiro é redundante. Afirmar "É verdade que o caderno é vermelho" é o mesmo que dizer "O caderno é vermelho", isto é, afirmar a verdade de uma proposição é uma redundância.

Como é possível observar, essas abordagens focam na relação entre o que é afirmado e a realidade objetiva, não na subjetividade individual.

1. Platão determinou, por meio de critérios, a função de todos os integrantes de uma cidade de acordo com seu caráter. Para ele, o governo cabe aos filósofos, aos sábios. Dotados de um caráter racional, podem contemplar a ideia verdadeira de justiça, por meio do exercício do pensamento; a defesa da cidade fica reservada àqueles em que o caráter irascível predomina, por serem corajosos; e a produção de bens necessários à sobrevivência fica reservada aos de caráter concupiscível, por serem ambiciosos.

2. Para Aristóteles, a comunidade política é natural porque é a realização da própria natureza dos seres humanos. O ser humano é um ser social, um "animal político". Por ser dotado de linguagem – e, portanto, de razão –, o ser humano busca naturalmente a forma comunitária de sociabilização mais racional: a cidade.

Retome

Não escreva no livro

1. Como Platão resolveu conceitualmente o problema dos pretendentes ao governo na sociedade grega?

2. Por que Aristóteles considerava a comunidade política algo natural?

Transformações no pensamento político

Se na Antiguidade grega verificou-se uma intensa reflexão sobre os fins e as formas da atividade política, no Império Romano destacou-se o exercício de um poder centralizado, sem maiores debates em torno disso.

Na Idade Média, embora tenha havido grande descentralização política na Europa, o pensamento político se voltou para uma reflexão em torno das relações entre a esfera do **poder temporal** (aquele exercido pelos governos em geral) e a do **poder espiritual** (exercido pela Igreja católica). Uma obra que influenciou muito o pensamento filosófico desse período foi *A cidade de Deus*, de **Agostinho de Hipona** (354-430), publicada em 426. O livro descreve duas cidades: a "cidade dos homens", corrupta, vil e fruto do orgulho humano; e a "cidade de Deus", eterna, perfeita e fruto do amor divino. Para Agostinho, a política consiste em aproximar o máximo possível a cidade humana da cidade divina, por meio do exercício das virtudes.



Reprodução/Fundação Maximilianeum, Munique, Alemanha.

Coroação Imperial de Carlos Magno, de Friedrich Kaulbach, 1861. Técnica e dimensões não informadas.

No detalhe

Não escreva no livro

A obra retrata o episódio da coroação do imperador Carlos Magno pelo papa Leão III em 25 de dezembro de 800. Na Idade Média, a Igreja se fortaleceu como uma instituição que fundamentava a política e a cultura em grande parte da Europa. Soberanos como Carlos Magno fundamentavam o seu poder na Igreja, que enriquecia com a cristianização de outros povos e com a doação de terras.

- Observe com atenção a reprodução da tela de Kaulbach e identifique os elementos pictóricos que representam o episódio histórico mencionado. A cerimônia acontece em uma igreja. Na parte à esquerda da tela, ao lado de Carlos Magno, vemos membros da nobreza, inclusive com a presença de representantes de povos ditos bárbaros. Na parte à direita, ao lado do papa, vemos membros da Igreja. Representa-se, assim, nessa cerimônia, uma articulação do poder político temporal com o poder político espiritual.

No Renascimento, o grande desenvolvimento econômico e urbanístico das cidades europeias e a emergência de novas formas de relacionamento social e político fizeram surgir outras maneiras de conceber a política.

Uma figura emblemática desse período foi o florentino **Nicolau Maquiavel**, considerado o fundador da teoria política moderna. Enquanto o pensamento político antigo se preocupava em estabelecer os fundamentos da política e definir o que ela **deveria ser**, Maquiavel procurava mostrar o que ela **efetivamente é**. Sua teoria política é apresentada como **realista**, por se ocupar das coisas como são, e **utilitarista**, na medida em que dá conselhos sobre como governar.



Santi di Tito/Palazzo Vecchio, Florença, Itália.

Retrato de Nicolau Maquiavel, óleo sobre painel de Santi di Tito, século XVI. 104 × 85 cm.

Nicolau Maquiavel (1469-1527)

Nascido em uma família da pequena nobreza, foi secretário de Guerra da República florentina até 1512, quando um golpe de Estado levou a família Médici de volta ao poder. Dedicou-se então a escrever, sendo suas principais obras políticas *O príncipe* (escrita em 1513 e publicada em 1532) e *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio* (escrita por volta de 1517 e publicada em 1531).

Favoritos

O nome da rosa, Itália/Alemanha, 2019. Direção: Giacomo Battiato. 8 episódios.

Adaptação do romance de mesmo título de Umberto Eco, que também já teve versão em longa-metragem em 1986. A narrativa se passa no século XIV e assume a forma de uma investigação policial em um mosteiro medieval no qual ocorrem mortes estranhas inicialmente atribuídas a forças diabólicas. Acompanhar a história é uma forma de compreender as relações políticas medievais e a força do poder eclesiástico naquele período.



Reprodução/11 Marzo Film e Palomar

O príncipe e as artes de governo

O livro *O príncipe*, de Nicolau Maquiavel, tornou-se um clássico sobre a arte de governar e é até hoje uma referência para aqueles que se dedicam à política. Essa obra recebeu interpretações polêmicas. De um lado, há quem veja ali a defesa de um governo forte e centralizador, um conjunto de conselhos sobre como proceder para conquistar o poder e mantê-lo, constituindo um verdadeiro "manual de política". De outro lado, alguns afirmam que, ao revelar como funcionam os mecanismos do poder político, o autor estava chamando a atenção do povo para os perigos da tirania. Seja qual for a interpretação, não se pode negar que esse livro mudou completamente a forma de pensar a política.

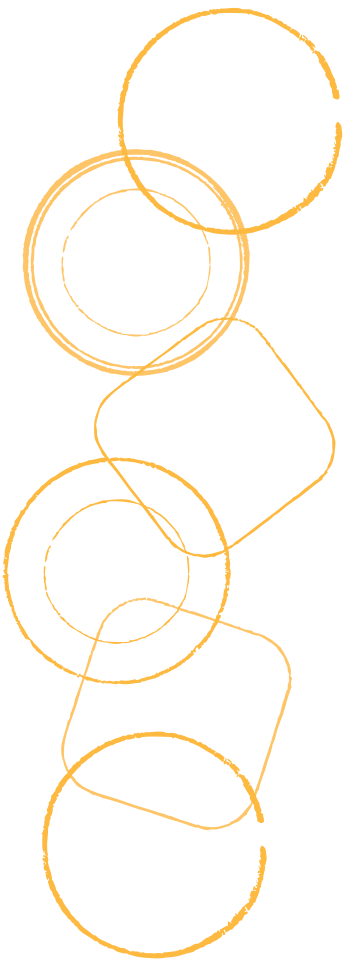
Maquiavel relata como os principados se organizavam e dá uma série de recomendações para conquistar e manter o poder, lidar com o povo e evitar os perigos dos aduladores. Para que seus conselhos fossem implementados, era preciso que o governante tivesse a capacidade de saber ler a história e identificar o momento oportuno para a sua realização, bem como agir com ponderação.

O autor procurou a inspiração para pensar sobre sua época em autores da Antiguidade. Nesse diálogo com o passado, compreendia a política como um conflito e estudou as formas de gerir as várias facetas desse conflito. Sua teoria política possui dois conceitos fundamentais: ***virtù*** (virtude) e ***fortuna*** (sorte).

A *virtù* é a capacidade do governante de lidar com os acontecimentos. Para manter-se no poder, é preciso ser capaz de moldar suas ações segundo as situações. Se age sempre da mesma forma, quando a situação se altera, o governante não consegue adaptar-se; logo, perde o poder. A *fortuna* é o conjunto de tudo o que acontece aos seres humanos e que eles não podem controlar.

É a *virtù* do governante que lhe permite agir para se adaptar ao que a *fortuna* traz, de modo a tirar proveito das situações, ainda que pareçam adversas. O bom governante é, portanto, aquele que não segue uma regra rígida, mas sim o que sabe agir nas situações conflituosas, impondo uma ordem, aliando a *virtù* à *fortuna* a fim de se manter em posição de comando.

Com o surgimento dos regimes democráticos, palavras como **maquiavelismo** e **maquiavélico** ganharam uma conotação pejorativa. Diz-se que uma pessoa é **maquiavélica** quando ela é falsa, ardilosa, age de modo desleal. O ideal de conduta política hoje predominante condena o maquiavelismo. Porém, o que Maquiavel fez foi mostrar como as coisas efetivamente se passavam no âmbito das relações de poder e de governo.



Um discurso contra a opressão

Embora com menor repercussão que Maquiavel, outra voz renascentista importante para a construção do pensamento político moderno foi o francês **La Boétie**, que, no século XVI, escreveu um pequeno ensaio contra a tirania e em favor da liberdade: o *Discurso da servidão voluntária*.



Hugo Martin/Alamy/Fotoarena

Étienne de La Boétie (1530-1563)

Filósofo e humanista, traduziu obras de Xenofonte e Plutarco para o francês. Foi amigo de Michel de Montaigne (1533-1592), a quem confiou o manuscrito de seu *Discurso*. Montaigne, por sua vez, dedicou-lhe o ensaio *Sobre a amizade* (1580). A única obra de sua autoria de que se tem conhecimento é o *Discurso da servidão voluntária* (publicação póstuma, em 1577).

Escultura feita em homenagem a Étienne de La Boétie em sua cidade natal, Sarlat, na França. Fotografia de 2007.

La Boétie afirmava que compreendia a existência da **servidão involuntária**, quando os indivíduos são subjugados por meio da violência, da escravidão e da guerra. Porém, para ele, se submeter espontaneamente a um soberano era algo sem explicação; assim, considerava a **servidão voluntária** um vício inominável.

A astúcia de La Boétie foi perceber que a chave dessa servidão está nas relações de poder que se estabelecem pelo tecido social, e não na imposição de um tirano a uma população submissa. Em sua perspectiva, o lugar do poder não é o corpo do tirano, mas estende-se por uma rede de nós sociais. O que sustenta o tirano não seria sua própria autoridade, mas a entrega dos súditos. A dominação só seria possível com a participação direta dos próprios dominados.

Favoritos

Medici: Mestres de Florença, Itália/Reino Unido, 2016-2018. Direção: Frank Spotnitz e Nicholas Meyer (3 temporadas).

A série mostra a ascensão e a consolidação da família Medici ao poder na cidade de Florença, e sugere como se davam as relações políticas na época, de modo a entender o papel de Maquiavel.



Reprodução/Lux Vide/Big Light Productions/Rai Fiction

Buscando as raízes da servidão voluntária, La Boétie concluiu que a primeira delas é o **costume**: os nascidos súditos servem por toda a vida e não veem, pois, outro caminho que não seja o da perpétua servidão. É essa tradição em servir que sustentou os impérios ao longo da História, e os movimentos pontuais contra algum tirano de nada adiantaram. A segunda raiz da servidão voluntária é a **covardia**, que decorre da tradição: acostumadas a viver sob o jugo do tirano, as pessoas perdem o brio e a coragem de combater aquele que as oprime.

Assim falou **La Boétie**

Os olhos e os pés do soberano

Aquele que tanto domina vocês só tem dois olhos, só tem duas mãos, só tem um corpo, e não tem outra coisa que o que tem o menor homem do grande e infinito número de suas cidades, senão a vantagem que vocês lhe dão para que ele os destrua. De onde tirou tantos olhos com os quais espia vocês, senão aqueles que vocês mesmos colocam a serviço dele? Como tem tantas mãos para golpear vocês, se não as suas? Os pés com que espezinha suas cidades, de onde lhe vêm, se não de vocês? Como ele tem algum poder sobre vocês, se não por vocês? Como ousaria atacar se vocês não estivessem coniventes? Que poderia fazer, se vocês não fossem os receptadores do ladrão que lhes rouba, cúmplices do assassino que lhes mata, e traidores de vocês mesmos? [...] Decidam não mais servir e serão livres; não pretendo que o empurrem ou o sacudam, basta não o sustentar mais e vocês o verão se desmanchar com seu próprio peso, como um grande colosso do qual retirou-se a base, e se rebentar.

LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso da servidão voluntária*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 16. [adaptado]

No entanto, para além da dominação e da covardia, que a tradição incute no povo, o tirano tem como sustentáculo seu significativo séquito. La Boétie demonstrou que, ao redor do tirano, cria-se uma rede de poder, uma trama de micropoderes que enreda as forças sociais, comprometendo com o tirano quase todos os membros da comunidade, direta ou indiretamente.

Reprodução/Chapter 2/Constantin Film/Pathé



Favoritos

Os três mosqueteiros: D'Artagnan, França/Alemanha/Espanha/Bélgica, 2023. Direção: Martin Bourboulon (121 min).

Adaptação mais recente da famosa obra de Alexandre Dumas (romancista francês do século XIX), repleta de ação. Para além da história de aventura, o filme mostra as artimanhas e as disputas de poder que mobilizavam franceses e ingleses no século XVII.

Com essa concepção, La Boétie subverteu a teoria clássica do poder e antecipou ideias posteriormente exploradas por Foucault, destacando que é a rede de micropoderes que sustenta e alimenta o poder central, não o contrário.

Para La Boétie, o nível em que se dão as relações políticas que permeiam o Estado é marcado pelo temor. No âmbito do poder, a amizade é impossível, pois ali imperam o ódio, o interesse, a conspiração; só com a extinção do poder seria possível instituir uma sociedade amigável, e a amizade seria a principal inimiga da tirania.

Apesar de seu foco crítico na tirania, as análises de La Boétie oferecem reflexões valiosas para compreender diversas formas de organização política, incluindo a democracia.

1. A concepção de Maquiavel introduziu uma nova maneira de pensar sobre a política em um sentido oposto à concepção dos antigos: enquanto estes consideravam a política sob o ponto de vista do que ela deveria ser, Maquiavel buscou defini-la como ela efetivamente é. Nesse sentido, sua concepção ficou conhecida como realista (as coisas como realmente são) e utilitarista (os conselhos a um bom governo).



Andreas Wolochow/Shutterstock

Adolf Hitler é recebido na cidade de Nuremberg, na Alemanha, em 1933. A ascensão do líder do partido nazista ao poder contou com amplo apoio popular.

Retome

Não escreva no livro

1. Em que sentido a concepção de Maquiavel introduziu uma nova forma de pensar sobre a política?

2. Explique a crítica de La Boétie à servidão voluntária.

2. A crítica de La Boétie à servidão voluntária recai sobre as relações de poder que se estabelecem no tecido social, e não sobre as que se dão por meio da imposição de um tirano a uma sociedade submissa. Assim, as razões de os indivíduos serem subjugados à violência, à escravidão e à guerra não se encontram na autoridade do tirano, mas na submissão voluntária dos súditos às suas imposições. Para ele, a dominação se realiza mediante a participação direta dos próprios dominados, que, ao se entregarem ao tirano, fundamentam seu poder.

Trabalhando com

música

Podres poderes?

Neste capítulo, estudamos o poder como a base da política. Durante muito tempo, o poder foi compreendido como a capacidade que alguns têm de impor sua vontade.

O filósofo francês Michel Foucault introduziu uma nova forma de ver o poder, na qual ele se estabelece como um jogo. Todos têm poder de alguma maneira, pois resistir é uma forma de poder. Na visão de Foucault, o poder não é apenas negativo; se ele tem a capacidade de negar, de proibir, também tem a característica de criar ideias e situações.

Tendo em mente o que foi estudado no capítulo, leia com atenção a letra da canção "Podres poderes", de Caetano Veloso. Depois, faça o que se pede nas Atividades.

Podres poderes

Enquanto os homens exercem
Seus podres poderes
Motos e fuscas avançam
Os sinais vermelhos
E perdem os verdes
Somos uns boçais

Queria querer gritar
Setecentas mil vezes
Como são lindos
Como são lindos os burgueses
E os japoneses
Mas tudo é muito mais

Será que nunca faremos senão confirmar
A incompetência da América católica
Que sempre precisará de ridículos tiranos
Será, será, que será?
Que será, que será?
Será que esta minha estúpida retórica
Terá que soar, terá que se ouvir
Por mais zil anos

Enquanto os homens exercem
Seus podres poderes
Índios e padres e bichas
Negros e mulheres
E adolescentes
Fazem o carnaval

Queria querer cantar afinado com eles
Silenciar em respeito ao seu transe num êxtase
Ser indecente
Mas tudo é muito mau

Ou então cada paisano e cada capataz
Com sua burrice fará jorrar sangue demais
Nos pantanais, nas cidades
Caatingas e nos gerais

Será que apenas os hermetismos pascoais
E os tons, os mil tons
Seus sons e seus dons geniais
Nos salvam, nos salvarão
Dessas trevas e nada mais

Enquanto os homens exercem
Seus podres poderes
Morrer e matar de fome
De raiva e de sede
São tantas vezes
Gestos naturais

Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo
Daqueles que velam pela alegria do mundo
Indo e mais fundo
Tins e bens e tais

PODRES poderes. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. *In*: VELÔ. Intérprete: Caetano Veloso. [*S. l.*]: Polygram, 1984. 1 disco, faixa 1. Disponível em: https://tedit.net/ub0mcg. Acesso em: 22 jun. 2024.

1. "Enquanto os homens exercem seus podres poderes [...] / Será que nunca faremos senão confirmar / A incompetência da América católica / Que sempre precisará de ridículos tiranos? [...] / Ou então cada paisano e cada capataz / Com sua burrice fará jorrar sangue demais / Nos pantanais, nas cidades / caatingas e nos Gerais [...] / Enquanto os homens exercem / Seus podres poderes / Morrer e matar de fome / De raiva e de sede / São tantas vezes / Gestos naturais".

2. "Queria querer gritar / Setecentas mil vezes / Como são lindos / Como são lindos os burgueses / E os japoneses / Mas tudo é muito mais [...] / Índios e padres e bichas [...] / Mas tudo é muito mau [...] / Será que apenas os hermetismos pascoais / Os tons, os mil tons, seus sons / Seus dons geniais / Nos salvam, nos salvarão / Dessas trevas e nada mais [...] / Eu quero aproximar o meu cantar / vagabundo / Daqueles que velam pela alegria do mundo / Indo mais fundo / Tins e bens e tais".

Atividades

Não escreva no livro

1. Destaque na letra da canção os versos que ressaltam o poder como interdição.
2. Destaque os versos que ressaltam o poder como jogo.
3. Como você analisa a letra da canção no que diz respeito às maneiras de compreender o poder que foram estudadas neste capítulo?

3. Vários elementos da letra da música estão articulados com os assuntos do capítulo. Por exemplo, quando fala em carros e motos que não respeitam o sinal, isso tem relação com a questão da lei tal como pensada por Aristóteles; a América que precisa de tiranos tem relação com a servidão voluntária denunciada por La Boétie. Toda a letra se constrói no contraponto dos "podres poderes" opressivos (macrofísica do poder) com a alegria do Carnaval e da música (há muitas alusões à música brasileira: Tom Jobim, Milton Nascimento, Tom Zé, Hermeto Paschoal, Tim Maia, Jorge Ben Jor), produções da microfísica do poder.

Formas de governo segundo Aristóteles

FORMA DE GOVERNO IDEAL	VERSÃO DEGENERADA
MONARQUIA O governo de uma só pessoa, que visa ao interesse comum.	**TIRANIA** O governo de uma pessoa que valoriza apenas os próprios interesses.
REPÚBLICA O governo de um grande grupo com o objetivo do bem comum.	**DEMAGOGIA** O governo em proveito próprio, no qual se procura manipular os demais.
ARISTOCRACIA O governo de um pequeno grupo de pessoas responsável por defender o interesse de todos.	**OLIGARQUIA** O governo de um pequeno grupo voltado apenas para seus interesses.



Não escreva no livro

Leia as respostas no Manual do Professor.

1. Em sua opinião, qual das formas de governo descritas por Aristóteles se relaciona melhor com o país em que você vive? Justifique sua resposta.
2. Faça uma reflexão sobre as situações que podem demonstrar que um governo republicano pode estar se transformando em sua forma degenerada. Utilize os conceitos do capítulo na elaboração da resposta.

Infográfico por Bruna Ishihara. Imagens: Shutterstock AI Generator/Shutterstock, Yachagan Malkhasyan/Shutterstock e Macrovector/Shutterstock

Galeria de atividades

1. Escreva um pequeno texto sintetizando e comentando as relações de poder na sua escola. Para isso, pesquise:
   a) De onde provêm as verbas da escola?
   b) Como é decidida a utilização dessas verbas?
   c) Quem define as regras que os estudantes e os funcionários devem seguir?
   d) Os funcionários estão representados por alguma entidade (sindicato, associação, etc.)?
   e) Os estudantes têm algum canal de participação nas decisões tomadas na escola? Se têm, qual é esse canal?

2. Leia o texto a seguir.

   Nós, seja na floresta, seja em um apartamento, precisamos despertar nosso poder interior e parar de ficar caçando um culpado ao nosso redor: uma corporação, um governo. Porque essas coisas todas acabam e nós não podemos ter uma data de validade igual à delas. Não podemos ficar esperando o governo mandar suprimentos, ou o supermercado, ou qualquer uma dessas fábricas que empacotam tudo. A maioria das pessoas não só come coisas aparentemente envenenadas, tipo morangos e tomates, como também consome muita coisa que nem sabe o que é. Tem uma composição lá qualquer, cheia de nomes que não sabemos o que significam. Ora, como é que você vai acreditar naquilo? Podem ter processado qualquer lixo e estarem te dando para comer. Por isso seria muito melhor a gente cuidar da nossa sementinha, ver ela brotar, acompanhá-la, para então colher. Só assim você vai saber de onde vem o que come.

   Em diferentes lugares, tem gente lutando para este planeta ter uma chance, por meio da **agroecologia**, da **permacultura**. Essa micropolítica está se disseminando e vai ocupar o lugar da desilusão com a macropolítica. Os agentes da micropolítica são pessoas plantando horta no quintal de casa, abrindo calçadas para deixar brotar seja lá o que for. Elas acreditam que é possível remover o túmulo de concreto das metrópoles.

   KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 20-22.

   Como as ideias do autor se relacionam com as noções de macrofísica e microfísica do poder estudadas neste capítulo?

3. A Lei Complementar n. 131/2009 determina que os órgãos públicos devem disponibilizar à população, pelos meios eletrônicos, dados referentes ao uso das verbas públicas.

   A prefeitura da cidade em que você mora tem uma página oficial na internet? Em caso afirmativo, visite-a e procure saber que informações ela contém e que serviços oferece à população. Escreva um texto avaliando se a página da cidade contribui para que a população tenha participação mais direta nos destinos da comunidade.

1. Espera-se que os estudantes façam a pesquisa de maneira satisfatória.

2. O texto fala em macropolítica, que equivale à macrofísica, quando se concebe o poder nas instituições (ele cita governo, corporações, fábricas) e contrapõe a ela uma micropolítica, equivalente à microfísica, quando cita as pessoas que agem por conta própria e se organizam com outros para constituir uma comunidade diferente daquela preconizada na macropolítica.

agroecologia: ciência que fornece os princípios ecológicos básicos para o estudo e tratamento de ecossistemas produtivos ou preservadores de recursos naturais.

permacultura: ciência socioambiental de planejamento de assentamentos humanos autossustentáveis, que evoluem naturalmente em relacionamentos dinâmicos e renováveis com o ambiente ao seu redor e congrega saberes científicos e tradicionais.

3. Espera-se que os estudantes redijam uma avalição consistente sobre o *site*. Caso a cidade não tenha um, incentive a pesquisa por outros meios e/ou faça uma reflexão sobre a dificuldade de acesso às informações.

Enem e vestibulares

1. (Enem)

Se os filósofos não forem reis nas cidades ou se os que hoje são chamados reis e soberanos não forem filósofos genuínos e capazes e se, numa mesma pessoa, não coincidirem poder político e filosofia e não for barrada agora, sob coerção, a caminhada das diversas naturezas que, em separado buscam uma dessas duas metas, não é possível, caro Glaucon, que haja para as cidades uma trégua de males e, penso, nem para o gênero humano.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

Alternativa **b**.

A tese apresentada pressupõe a necessidade do conhecimento verdadeiro para a:

a) superação de entraves dialógicos.
b) organização de uma sociedade justa.
c) formação de um saber enciclopédico.
d) promoção da igualdade dos cidadãos.
e) consolidação de uma democracia direta.

2. (Unesp-SP)

Ora resta examinar quais devem ser os procedimentos e as resoluções do príncipe com relação aos seus súditos e aos seus aliados. Há uma grande distância entre o modo como se vive e o modo como se deveria viver, que aquele que em detrimento do que se faz privilegia o que se deveria fazer mais aprende a cair em desgraça que a preservar a sua própria pessoa. Ora, um homem que de profissão queira fazer-se permanentemente bom não poderá evitar a sua ruína, cercado de tantos que bons não são. Assim, é necessário a um príncipe que deseje manter-se príncipe aprender a não usar [apenas] a bondade.

Nicolau Maquiavel. *O Príncipe*, 1998. Adaptado.

O tema abordado por Maquiavel no excerto também está relacionado ao seu conceito de fortuna, que diz respeito ao fato de o governante: Alternativa **e**.

a) privilegiar a vontade popular.
b) valorizar a vontade divina.
c) agir com virtude na vida privada.
d) conseguir equilibrar as riquezas reais.
e) saber lidar com imprevistos.

3. (PUC-PR)

Considere o texto a seguir.

Não são muito melhores os que hoje não fazem mal algum, mesmo importante, sem antes fazer passar algumas palavras bonitas sobre o bem público e a tranquilidade geral.

ÉTIENNE DE LA BOÉTIE. *Discurso da Servidão Voluntária*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, p. 28-29.

Em *O discurso da servidão voluntária*, La Boétie apresenta algumas razões para entender por que os homens servem voluntariamente.

De acordo com o texto e com seus conhecimentos, assinale a alternativa **CORRETA** a respeito de uma dessas razões. Alternativa **d**.

a) O tirano procura assegurar a confiança dos homens para que não sintam o mal que sobre eles é lançado.
b) Valorizar o bem público e a tranquilidade geral da população é o ato de altruísmo do tirano para com o povo.
c) O tirano busca garantir a confiança do povo para que os projetos que visam o bem público sejam melhor aceitos.
d) Para disfarçar o uso da violência e da força na manutenção do poder, o tirano se utiliza de discursos bonitos.
e) Conquistar a admiração da população é útil na medida em que favorece a condução justa do Estado tirânico.

CAPÍTULO 10

Estado, sociedade e poder



Fabio Vieira/FotoRua/NurPhoto/Getty Images

Movimentos negros em manifestação contra violência policial. São Paulo (SP), 2023. O uso de força excessiva e a transgressão dos direitos humanos têm sido problemas constantes nas instituições de segurança pública brasileiras.

O Estado é uma instituição política que, entre outras atribuições, detém o monopólio do uso legítimo da força. Assim, uma das principais funções do Estado é proteger os indivíduos contra a violência, seja ela interna, seja ela externa. Porém, é possível que o Estado se mostre violento contra sua própria população?

O pensamento político dos séculos XVIII e XIX dedicou-se a criar as bases de uma sociedade distinta da sociedade feudal. Foi retomada a ideia de democracia, e ganharam espaço as reflexões sobre representatividade e cidadania.

Com a ascensão do sistema capitalista, a capacidade de produção atingiu uma escala inédita e formaram-se duas novas classes sociais: o proletariado, formada por trabalhadores que recebem remuneração por sua força de trabalho; e a burguesia, classe economicamente dominante. Esta última, favorecida pelo sistema, concentra a riqueza produzida.

No século XIX, o capitalismo passou a ser duramente criticado pelos trabalhadores, pois eles se deram conta de que a maior parte da sociedade produz os bens, mas apenas uma minoria fica com os lucros. Alguns pensadores questionaram as bases do sistema, afirmando que a democracia não existe de fato em uma relação de exploração: a democracia só seria possível em uma sociedade de iguais.

Algumas das principais ideias políticas desenvolvidas no período moderno são analisadas a seguir.

Teorias sobre a criação do Estado

Carrossel de imagens

Uma das ideias políticas surgidas no século XVII foi a de que a sociedade e sua estruturação política, o Estado, são criações humanas, e não fenômenos da própria natureza, como pensava Aristóteles. Segundo essa ideia, teria sido necessário um "acordo" que organizasse a sociedade.

Estado de natureza e sociedade

A noção de que a sociedade foi instituída pelos seres humanos por meio de um pacto coletivo, com base no qual os indivíduos convivem, é chamada de **contrato social**. Em decorrência desse contrato, o estado pré-social, em que não havia uma associação humana organizada, teria sido extinto para dar lugar à sociedade, uma vida coletiva pautada por regras e leis provenientes de um poder capaz de organizar o coletivo e atuar como árbitro nas disputas entre seus membros.

As teorias baseadas nessa ideia ficaram conhecidas como **contratualistas**, e têm por base o **jusnaturalismo**.



Reprodução/Biblioteca Britânica, Londres, Inglaterra

Folha de rosto da obra *Leviatã*, do filósofo inglês Thomas Hobbes, escrita em 1651. Nesta imagem, podemos ver o soberano, uma pessoa artificial composta para representar a multidão (as diversas ações dos diferentes conjuntos de pessoas).

Explicando o conceito

Essa transferência de poderes e liberdade se dá em nome da garantia da segurança e da sobrevivência. Por medo de serem atacadas, as pessoas consentem em obedecer a um soberano, que deve garantir a sobrevivência coletiva.

Não escreva no livro

Jusnaturalismo

Do latim *jus*, "direito", e *naturalis*, "natural", é a doutrina segundo a qual existe um direito natural que é anterior ao Estado e superior às leis estabelecidas por ele. O direito natural prevê que todos os seres humanos são iguais, livres e têm direito à vida, podendo lutar pela sobrevivência. Para dar base ao contratualismo, o direito natural justifica que os indivíduos, por serem livres, podem transferir seus poderes a um soberano que garanta a sobrevivência de todos.

- Segundo o conceito, por que os indivíduos transferem sua liberdade e poderes a um soberano?

O primeiro filósofo contratualista importante foi **Thomas Hobbes** (1588-1679). Em meio à agitação política da Inglaterra entre monarquistas e republicanos, ele defendeu em suas obras *Sobre o cidadão* (1642) e *Leviatã* (1651) um governo monárquico e absolutista e desenvolveu a ideia de contrato social.

Para ele e os demais filósofos contratualistas, a natureza humana é individualista e egoísta, sugerindo que, antes da vida em sociedade, o ser humano vivia em um **estado de natureza**, sem lei, no qual prevalecia a guerra de todos contra todos – uma condição de constante insegurança e conflito. Isso o levou a afirmar que "o homem é o lobo do homem".

É importante notar que tanto o estabelecimento de um contrato social como o estado de natureza são hipóteses especulativas levantadas pelos filósofos para justificar a organização social à qual chegamos. Não se trata de eventos históricos comprovados, e sim de uma reflexão que procura responder ao questionamento sobre a legitimação da existência do Estado.

No **estado de natureza** imaginado por Hobbes, cada indivíduo desejaria impor sua vontade aos demais, e a propriedade privada de bens e terras seria garantida somente pela lei do mais forte. Nessas circunstâncias, ninguém estaria seguro, sendo necessário manter uma vigília constante. A melhor defesa seria sempre o ataque, perpetuando o estado constante de guerra. O medo da morte, principalmente de uma morte violenta, preocuparia a todos. Até que, em dado momento, os indivíduos teriam se cansado de viver dessa forma.

Para selar a paz entre as pessoas e garantir a cada indivíduo o direito de viver e acumular bens sem o medo constante de ser roubado ou assassinado, um pacto social teria sido realizado. Segundo esse pacto, cada um abdicaria da liberdade natural que possui em nome da segurança de todos.

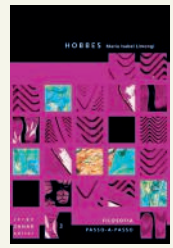
A partir desse momento, todos teriam passado a viver sob as ordens de um único chefe, que teria assumido a responsabilidade pela segurança e pela garantia da propriedade de cada um. Para isso, o soberano teria criado leis que substituíram o direito natural e regulamentaram a vida da comunidade, **arbitrando** as disputas entre os membros do grupo.

Arbitrando: julgando como árbitro, decidindo na qualidade de árbitro.

Favoritos

Hobbes. Maria Isabel Limongi. São Paulo: Jorge Zahar, 2002.

Uma excelente introdução ao pensamento de Thomas Hobbes, com seleção de textos do filósofo.



Reprodução/Editora Zahar

De acordo com Hobbes, antes do contrato social não havia **povo**, havia uma **multidão**, que não era um corpo político porque não tinha uma unidade. Foi o pacto coletivo que transformou a multidão em povo, em uma unidade política com um projeto comum. Dessa forma, foi criado o Estado, personificado na figura do monarca. Seu poder soberano não pode ser contestado pelo povo, já que sua existência é legitimada pelo pacto.

As ideias políticas de Hobbes deram fundamentação às monarquias absolutistas europeias dos séculos XVII e XVIII. Entretanto, progressivamente o liberalismo ganhou espaço na política da Inglaterra e, depois, de toda a Europa, o que contribuiu para a formação de monarquias constitucionais e de Estados republicanos e democráticos. No plano da reflexão política, sua ideia de contrato social teve vida mais longa e serviu de matriz para outras teorias políticas.



Miramax Films/Entertainment Pictures/ZUMA Press/Imageplus

Cena do filme *Ensaio sobre a cegueira*, de 2008, dirigido pelo cineasta brasileiro Fernando Meirelles.

No detalhe

Não escreva no livro

Baseado no romance homônimo do escritor português José Saramago (1922-2010), esse filme de ficção nos fornece um bom exemplo do que seria uma volta ao estado de natureza tal como pensado por Hobbes. Sem a intermediação do Estado, um grupo de indivíduos precisa lutar pela própria sobrevivência. Como eles agem entre si? Que tipos de sentimentos predominam?

- E você, como pensa que seria a vida dos seres humanos sem uma instituição política como o Estado, que atua na intermediação dos conflitos entre os indivíduos?

Incentivar o levantamento de hipóteses e a capacidade argumentativa visando a respostas diferentes entre os estudantes da turma para gerar um debate.

Favoritos



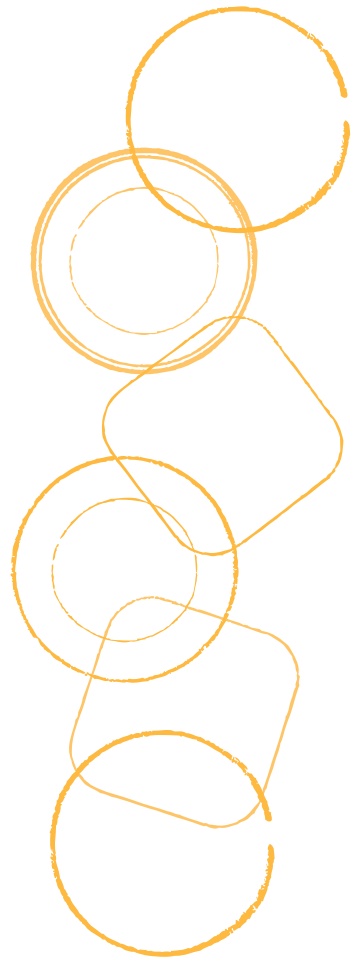
Reprodução/Companhia das Letras

Ensaio sobre a cegueira. José Saramago. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

O escritor português cria uma fábula contemporânea. Em uma grande cidade do mundo, uma pessoa fica cega. As pessoas com as quais ela tem contato começam também a apresentar o mesmo problema, o que leva o governo a declarar uma pandemia. Em quarentena, os cegos são deixados à sua própria sorte. O livro nos faz pensar ética e politicamente sobre como nos relacionamos com os outros.

O direito à propriedade

Assim como Hobbes, o médico, filósofo e político inglês **John Locke** (1632-1704) se apoiou nas ideias de estado de natureza e contrato social para construir sua filosofia política. Locke, porém, defendia a monarquia parlamentarista, na qual o poder estaria no Parlamento, nos representantes da população, e não na realeza. Esse sistema de governo foi instaurado na Inglaterra com a chamada Revolução Gloriosa de 1689, que pôs fim ao regime absolutista, sendo John Locke um dos que contribuíram com sua fundamentação teórica.



Como vimos na unidade 1, embora tenha sido influenciado por René Descartes (1596-1650), Locke discordava da existência de ideias inatas. Discordava igualmente da existência de um poder inato ou de origem divina, como pretendiam justificar alguns defensores do absolutismo. Para ele, todo poder vem do povo. A teoria de Hobbes ajudou-o a desenvolver essa ideia, mas, contrariamente a Hobbes, Locke não via no estado de natureza uma guerra permanente. Para ele, o fato de os indivíduos viverem na mais absoluta liberdade não implicaria que vivessem sem leis. No estado de natureza concebido por Locke, os seres humanos seriam governados pela **lei natural da razão**, sendo seu princípio básico a **preservação da vida**. Portanto, as pessoas não agrediriam nem matariam indistintamente apenas para impor sua vontade ou tomar a propriedade de alguém.

De acordo com o filósofo, todo indivíduo já nasceu livre e proprietário de seu corpo e de sua capacidade de trabalho. Tudo aquilo que produzir, retirando da natureza ou transformando-a por meio de seu próprio trabalho, será de sua propriedade, uma vez que empenhou seu corpo e sua vida nessa tarefa. Se, no estado natural, os seres humanos não só gozavam da plena e absoluta liberdade como também podiam ter acesso a propriedades, o que os teria levado a abandonar esse estado e instituir a sociedade civil?

Segundo a hipótese de Locke, com o tempo, o produto do trabalho humano e o acesso à propriedade se tornaram mais complexos. Assim, passou a ser necessário arbitrar sobre os direitos, em razão das disputas que começaram a surgir entre os indivíduos. Se todos são iguais, quem poderia arbitrar as questões e fazer justiça?

Locke afirma que ocorreu um **pacto de consentimento**, em que os indivíduos concordaram em instituir leis que preservassem e garantissem tudo aquilo de que eles já desfrutavam no estado de natureza. Também nesse ponto ele diverge de Hobbes, para quem o contrato é um **pacto de submissão** que instaura uma situação contrária à liberdade que vigorava no estado de natureza. Locke faz uma analogia com o casamento, uma modalidade de união que só é possível porque há o consentimento de ambas as partes.

O contrato social instituiu, então, a sociedade civil e o Estado como garantia dos direitos naturais, e não como criação de outros direitos. Os indivíduos teriam se reunido em comunidade com o objetivo de facilitar o gozo do direito de propriedade, que, mesmo possível, era incerto e inseguro quando se vivia em estado natural. Para Locke, portanto, o principal objetivo do contrato social é a preservação do **direito de propriedade**.

Antônio Cruz/Agência Brasil



Na foto, vemos manifestação de povos indígenas em Brasília em 2023, em protesto contra a aprovação do marco temporal, que define que os indígenas só têm direito à terra que já ocupavam na época da promulgação da Constituição de 1988.

No detalhe

Não escreva no livro

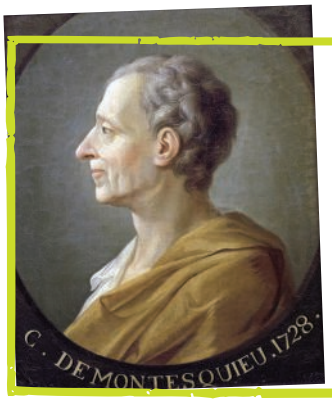
- Se, de acordo com Locke, a instituição do Estado se faz para garantir o direito à propriedade, como pensar a questão da terra indígena no Brasil?

Trata-se de uma questão complexa. De um lado, os indígenas têm pleno direito à terra em que já habitavam quando chegaram os colonizadores. Por outro lado, é evidente que não povoavam toda a extensão do território, havendo espaço para o estabelecimento de novas propriedades. O problema político se coloca quando a expansão das propriedades coloca em risco o respeito ao direito de propriedade dos indígenas.

Sendo fruto do consentimento de todos, a instituição de uma sociedade política não significaria a renúncia à liberdade individual, e sim a instauração de uma nova forma de liberdade: a **liberdade civil**. Esta não se contrapõe à liberdade natural, mas a preserva e a amplia, já que os direitos naturais se tornam direitos políticos.

Para Locke, primeiro houve um pacto para a instituição da sociedade e, posteriormente, a sociedade instituída definiu as formas de governo. O contrato social, segundo Locke, não é a transferência do poder de cada um para um soberano. A **soberania** (o poder) pertence à totalidade do povo, que pode indicar quem assumirá as funções de administração e de **governo**. E todo indivíduo que ocupar essa função o fará em nome do povo, podendo ser destituído por ele quando não corresponder às expectativas.

Locke se refere à necessidade de separar e articular os **poderes Legislativo** (que elabora as leis), **Executivo** (que as coloca em prática) e **Judiciário** (que arbitra a prática das leis), para evitar a concentração de poder em uma única pessoa ou grupo. Essa teoria foi consolidada no século XVIII por **Montesquieu** e se tornou elemento fundamental do sistema democrático moderno.



Reprodução/Palácio de Versalhes, França

Montesquieu (1689-1755)

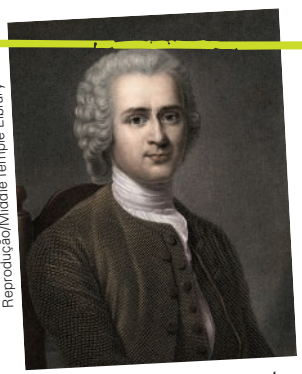
Charles-Louis de Secondat, barão de Montesquieu, foi um pensador iluminista crítico da monarquia absolutista e dos excessos políticos do clero católico na França. Tornou-se famoso com *Cartas persas* (1721), obra na qual faz uma crítica dos costumes franceses da época. Mas foi *O espírito das leis*, de 1748, que exerceu maior influência no pensamento político ocidental.

Retrato de Montesquieu, feito por Jacques-Antoine Dassier no século XVIII. Óleo sobre tela. 63 × 52 cm.

O contrato social como expressão da vontade geral

A frase: "O homem nasceu livre, e em toda parte vive acorrentado" abre o livro *Do contrato social*, de **Jean-Jacques Rousseau**. Enquanto Hobbes concebia o estado natural como guerra e o estado social como fonte de segurança individual, Rousseau considerava o estado natural fonte da liberdade e da igualdade, e a sociedade política, fonte da guerra, pois instaurava a desigualdade entre as pessoas.

Para Rousseau, nascemos livres na natureza, mas nos aprisionamos pelas convenções sociais. O problema político poderia ser enunciado da seguinte maneira: como estabelecer um pacto social que garanta a liberdade, e não a escravização dos indivíduos?



Reprodução/Middle Temple Library

Rousseau em gravura, autor desconhecido, c. 1755. 27 × 35 cm.

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778)

Escritor e filósofo nascido em Genebra (Suíça). Em um momento de predomínio da filosofia iluminista, foi crítico da confiança incondicional na razão humana. Escritor polêmico, viu algumas de suas obras serem proibidas e queimadas em praça pública, o que o levou a exilar-se por certo tempo em Neuchâtel, na Suíça. Escreveu sobre diversos assuntos, da música à educação, mas destacou-se especialmente no campo da política. Publicou, entre outras obras: *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1754-1755), *Emílio, ou Da educação* (1762) e *Do contrato social* (1762).

Em seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, Rousseau afirmava que o estado de natureza foi a **idade de ouro**, quando os seres humanos eram todos livres e iguais entre si, autossuficientes e isolados uns dos outros, vivendo em paz e harmonia. Isso fez com que se atribuísse a Rousseau a ideia do "bom selvagem" – a crença de que o ser humano é naturalmente bom, mas se corrompe pela vida em sociedade –, embora ele nunca tenha usado essa expressão.

Para Rousseau, a origem da **propriedade** é também a origem da verdadeira **desigualdade** entre os seres humanos. As diferenças naturais (dos atributos físicos) não deveriam ser levadas em conta, porque a desigualdade social seria a única que origina uma distinção negativa entre os seres humanos. Rousseau considerava que a fundação da sociedade civil se deu na primeira vez em que um ser humano cercou um terreno, afirmando "Isto é meu!", e encontrou aceitação por parte de seus semelhantes. A origem da propriedade é a origem da sociedade, mas ainda sem as bases jurídicas que são garantidas por um Estado.

No detalhe

Na foto, vemos a vizinhança contrastante entre prédios luxuosos no bairro do Morumbi e a favela de Paraisópolis, na cidade de São Paulo.

- Explique como essa fotografia exemplifica a desigualdade econômica e social apontada por Rousseau.

Não escreva no livro

Andre Penner/AP Photo/Imageplus



Fotografia aérea de trechos do bairro do Morumbi e da favela de Paraisópolis em São Paulo, 2020.

Rousseau discute como a instituição da propriedade levou ao acúmulo de bens, desigualdades e violência. Para ele, o primeiro contrato social que instituiu o Estado resultava da ação daqueles que tinham mais posses e puderam coagir os que não as tinham, na tentativa de resguardar suas propriedades.

O interessante é observar o contraste presente na foto. Enquanto alguns vivem em edifícios luxuosos, com áreas verdes e muito espaço, outros vivem em edificações precárias em favelas. Certamente as diferenças naturais entre as pessoas não explicam essa imensa diferença econômica e social que se produz na sociedade contemporânea.

Desse modo, Rousseau antecipou a noção de Estado como instrumento de classe, que o filósofo alemão Karl Marx enunciaria no século XIX. Entretanto, a instituição política não seria essencialmente destinada a defender interesses individuais; o Estado poderia ser organizado de forma a preservar os direitos naturais e a igualdade entre os indivíduos.

Na teoria de Rousseau, o conjunto dos indivíduos entrega o controle a um **indivíduo coletivo** formado pela união de todos os que firmaram o contrato social. Esse indivíduo coletivo é denominado **vontade geral**, uma das bases de todo e qualquer Estado. O soberano, aqui, é o próprio Estado, como união dos indivíduos. Assim, a **soberania** pertence ao povo, como conjunto dos indivíduos pactuantes; então, nunca há submissão individual. A igualdade política dos indivíduos se realiza no Estado, assim como sua liberdade se realiza ao seguir as leis criadas por eles mesmos, e não impostas por outrem.

Ciente de que o Estado e a sociedade em que vivia não eram aqueles imaginados por ele, Rousseau sugere que a educação pode mitigar a corrupção social. Suas ideias são exploradas na obra *Emílio, ou Da educação*.

Para transformar o conjunto da sociedade, porém, também seria necessária uma forma de organização não corrompida e não corruptora, que possibilitasse uma vida livre e em que não houvesse a exploração de uma pessoa por outra. Esse tema foi trabalhado no livro *Do contrato social*.

Favoritos



Reprodução/L&PM Pocket

O contrato social. Jean-Jacques Rousseau. Porto Alegre: L&PM, 2014.

Essa obra de Rousseau é a base da teoria política moderna, fundamento dos Estados democráticos, assim como inspirou pensadores socialistas do século XIX. Aqui temos uma versão adaptada em formato mangá, que permite uma leitura fácil e agradável.



Delfim Martins/Pulsar Imagens

Aula em escola de tempo integral no Ceará, 2022. Segundo Rousseau, a educação é fundamental para que o indivíduo possa conhecer sua natureza e preservá-la da exploração e da corrupção presentes em uma sociedade injusta e desigual.

As ideias de Rousseau originaram algumas das principais bases teóricas das democracias modernas.

Retome

Não escreva no livro

- Relacione as principais semelhanças e diferenças entre as noções de "estado de natureza" e "contrato social" em Hobbes, Locke e Rousseau.

Há muitas possibilidades de relacionar as semelhanças e diferenças entre as noções de "estado de natureza" e "contrato social" em Hobbes, Locke e Rousseau. De um modo resumido, pode-se dizer que Hobbes, Locke e Rousseau pensavam que o contrato social era precedido de um estado de natureza. Esse estado, tanto para Hobbes como para Locke, era marcado pelo exercício da liberdade natural em nome da segurança individual. Para Hobbes, isso ocorria por meio da violência e da guerra de todos contra todos, deflagrada em nome da sobrevivência, da posse de bens e da propriedade privada. Para Locke, os indivíduos, livres e com direito natural à propriedade, percebem o risco desse contexto em que as leis reguladoras da vida comum e os direitos garantidores da paz estão ausentes. Discordando dos dois pensadores ingleses, em especial de Hobbes, Rousseau afirmava que o estado de natureza era justamente o estado de liberdade e igualdade entre os seres humanos. Para ele, era a sociedade política a verdadeira fonte de guerra contra a qual um pacto social (contrato social) deveria ser firmado, a fim de garantir a paz, a liberdade e a igualdade a todos. Além disso, embora Locke e Rousseau concordassem que no estado de natureza a disputa pela propriedade era central, Rousseau discordava de que uma das finalidades do contrato social fosse regular e garantir o direito à propriedade privada, conforme Locke propunha. Para Rousseau, a necessidade do pacto consistia justamente em suprimir a desigualdade histórica que fundou o estado social.

As críticas ao Estado no século XIX

No século XIX, vários Estados liberais surgiram na Europa, caracterizados pela liberdade individual na economia, política e religião, operando sob princípios democráticos que impulsionaram o capitalismo durante a Revolução Industrial (1760-1840). A industrialização fez emergir o operariado, que tinha a força de trabalho como única propriedade, vendida em condições muito severas por baixo salário. Aos poucos, esses operários se organizaram para reivindicar melhores remunerações e condições de trabalho, como a limitação da jornada e o fim do trabalho infantil.

A luta dos trabalhadores era econômica e política. Em geral, eles não se consideravam representados nas câmaras legislativas ou pelos governos. A greve passou a ser utilizada como ferramenta de luta para pressionar patrões e governantes. Começaram a se desenvolver teorias políticas baseadas no ponto de vista da classe operária. Essas teorias viam no Estado um instrumento de opressão e dominação dos trabalhadores. Algo, portanto, a ser combatido e destruído.



Album/Entertainment Pictures/ZUMA Press/Imageplus

Cena do filme *Germinal*, de 1993, dirigido por Claude Berri. Inspirado no romance homônimo do escritor francês Émile Zola, o filme aborda a luta de operários explorados por uma mineradora no século XIX para conquistar melhores condições de trabalho.

Favoritos

Germinal – A Revolução, França, 2021. Direção: David Hourrègue (1 temporada).

Adaptação mais recente do romance de Zola, que mostra trabalhadores explorados de uma mina que resolvem se organizar para lutar por melhores condições de trabalho e de vida, desencadeando importantes transformações sociais.



Reprodução/France 2/Salto

Marx e Engels: o socialismo, o comunismo e a superação do Estado

O filósofo alemão **Georg Wilhelm Friedrich Hegel** (1770-1831) se afastou das teses contratualistas e, na obra *Princípios da filosofia do direito* (1821), afirmou que o Estado é autônomo em relação aos indivíduos e não faz sentido colocá-lo fora da História. Para Hegel, a sociedade se constitui em duas esferas: a **sociedade civil**, que representa os embates e antagonismos dos indivíduos em sua luta diária pela sobrevivência; e a **sociedade política** (o Estado), a instância em que os antagonismos da sociedade civil são superados em nome do interesse público.

Essa concepção foi retomada algumas décadas mais tarde por **Karl Marx** (1818-1883). Invertendo a concepção idealista de Hegel, segundo a qual o Estado é quem determina a História, Marx sustentou que é a produção social dos seres humanos, por meio da luta entre as classes sociais, que determina a estrutura do Estado e a evolução histórica. Marx chegou a essa conclusão analisando a história da humanidade, pois percebeu que em nenhum momento o Estado foi o representante dos interesses coletivos, tampouco o promotor de uma "vontade geral". Ao contrário, o Estado foi sempre aquilo que Rousseau já havia denunciado: um instrumento de determinado grupo social para conquistar e manter privilégios. No caso de uma sociedade organizada pelo sistema capitalista, o Estado é instrumento da classe burguesa, que está em conflito com a classe operária. Essa análise histórica, política, econômica e social de Marx, elaborada em conjunto com o também filósofo **Friedrich Engels** (1820-1895), posteriormente foi denominada **materialismo histórico**.

A concepção marxista marcou o divórcio entre sociedade civil e Estado. Embora seja determinado pela sociedade civil, o Estado teria certo grau de independência, o que lhe permitiria fixar regras e leis que perpetuariam a estrutura social vigente e manteriam os privilégios e os infortúnios dessa organização social. O Estado deixa, portanto, de ser considerado um contrato entre indivíduos que promove a realização da sociedade humana (segurança, direito à propriedade, liberdade) e passa a ser considerado um instrumento da classe dominante para a manutenção do poder econômico.



Reprodução/Biblioteca Nacional, Paris, França.

É preciso que o jogo termine logo, gravura francesa de autoria desconhecida, 1789. 40,57 × 50,24 cm.

No detalhe

Não escreva no livro

Vemos na gravura um camponês montado por um clérigo e um nobre. De modo crítico e irônico, a gravura representa os três estados da sociedade francesa do final do século XVIII (o clero, a nobreza e o povo) e o uso abusivo que os dois primeiros faziam do Estado para manter seus privilégios econômicos à custa da exploração do terceiro estado.

- Se tomarmos a classificação de Hegel, quem representa a sociedade civil e quem representa a sociedade política nessa gravura?

A sociedade civil é representada pelo camponês (o povo, terceiro estado), que carrega nas costas a sociedade política (Estado) composta pela nobreza e pelo clero (primeiro e segundo estado respectivamente).

A liberdade de que falam os filósofos liberais seria, portanto, ilusória em uma sociedade organizada por um Estado, pois Marx vê o Estado como um estágio transitório na evolução humana em direção à verdadeira liberdade, semelhante à idade de ouro imaginada por Rousseau. Assim, o Estado é apenas um momento no trajeto da humanidade rumo ao reino da liberdade e, como tal, não deve ser legitimado, mas superado.

Se o Estado historicamente tem sido um instrumento de determinadas classes sociais para dominar e explorar outras, sua dissolução só seria possível em uma sociedade sem classes, em que a propriedade privada dos meios de produção não existiria. A isso Marx denominou **comunismo**, isto é, uma sociedade em que os meios de produção seriam comuns a todos, pois a propriedade é a base da divisão da sociedade em diferentes classes e, não havendo classes sociais com interesses diferentes, o Estado deixaria de ser necessário.

Reprodução/The Granger Collection



Cartaz de propaganda política da então União Soviética, impresso em 1919, com o inscrito "Proletários de todo o mundo, uni-vos!". Essa frase pertence ao *Manifesto do Partido Comunista*, escrito por Karl Marx e Friedrich Engels, em 1848. 22 × 29 cm.

A teoria marxista afirma que as transformações sociais são impulsionadas pelo conflito entre classes sociais. Partindo dessa ideia, Marx estudou a sociedade capitalista a fim de promover a organização dos trabalhadores para uma ação política e propôs medidas como a coletivização dos meios de produção e a eliminação gradual das classes sociais, culminando em uma sociedade comunista sem necessidade de Estado. É bastante conhecida a frase final de um texto que escreveu em parceria com Engels, publicado em 1848, o *Manifesto do Partido Comunista*: "Proletários de todo o mundo, uni-vos!".

Como o Estado era considerado instrumento de dominação da classe burguesa, a ruptura com o capitalismo seria possível apenas por meio de uma revolução. Nela, a classe trabalhadora organizada se tornaria dominante, o que levaria à democracia, ao poder exercido pelo povo, e não mais por uma pequena classe economicamente privilegiada. A propriedade privada seria extinta e todos os meios de produção passariam a pertencer ao Estado. Como esta seria a expressão do conjunto da população, os bens necessários à produção da vida material seriam de todos. Esse conjunto de medidas caracteriza o que Marx denominou **socialismo**.

Com o fim da propriedade privada dos meios de produção, os interesses da antiga classe privilegiada pouco a pouco desapareceriam. Haveria, finalmente, uma sociedade sem classes. Nesse contexto, o Estado já não seria necessário e desapareceria. Isso significaria a emergência de uma **sociedade comunista**, na qual todos seriam livres e iguais entre si. Nesse momento, teria início, segundo Marx e Engels, a "verdadeira história da humanidade".

Favoritos



Reprodução/L&PM Pocket

Manifesto do Partido Comunista. Karl Marx e Friedrich Engels. Porto Alegre: L&PM, 2014. A obra de Marx e Engels de crítica ao capitalismo e estratégia de luta para sua superação adaptada para os quadrinhos em estilo mangá.

Trabalhando com Lógica

Os princípios da lógica matemática provêm da sistematização proposta por Euclides, matemático grego que viveu em Alexandria (Egito). No livro *Os elementos* (c. 300 a.C.), ele organizou conhecimentos sobre figuras, linhas e ângulos, distinguindo definições, axiomas e postulados. No sistema euclidiano, esses são os fundamentos do conhecimento verdadeiro, autoevidentes e não sujeitos a dúvida. A partir deles, são deduzidos teoremas que podem ser demonstrados.

São cinco os axiomas apresentados por Euclides:

1. Duas coisas iguais a uma terceira são iguais [entre si].
2. Se parcelas iguais forem adicionadas a quantidades iguais, os resultados permanecerão iguais.
3. Se quantidades iguais forem subtraídas de quantidades iguais, os restos serão iguais.
4. Coisas que coincidem são iguais.
5. O todo é maior que suas partes.

CERQUEIRA, Luiz Alberto; OLIVA, Alberto. *Introdução à lógica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 27-28.

A lógica matemática contemporânea deriva diretamente desse tipo de raciocínio, e busca organizar e sistematizar a linguagem simbólica perfeita.

O anarquismo: a defesa de uma sociedade sem Estado

O anarquismo como movimento social e político surgiu no século XIX, no contexto do movimento operário, e desenvolveu uma filosofia política que defende uma sociedade sem Estado. Para os anarquistas, o Estado é fonte da opressão humana e instrumento de dominação. Se ele existe para resolver os conflitos entre os indivíduos, ele não é necessário em uma sociedade que expresse a igualdade, a liberdade e a solidariedade.

O primeiro pensador a desenvolver ideias anarquistas no século XIX foi **Proudhon**. Em 1840, ele lançou um livro com o título *O que é a propriedade?*, e sua resposta à pergunta do título era simples e direta: a propriedade é um roubo. Fazendo a crítica da propriedade privada, Proudhon propunha uma sociedade sem propriedade, uma sociedade comunista.

Antes de Proudhon definir suas ideias como **anarquistas**, essa palavra tinha uma conotação pejorativa. Durante a Revolução Francesa, certos grupos chamavam seus adversários de anarquistas para dizer que não eram sérios, que eram baderneiros e desordeiros. Proudhon deu à palavra um sentido positivo, ao afirmar que a anarquia não é desordem, mas a expressão de uma "ordem natural", não de uma ordem artificial criada por um grupo segundo seus interesses. Sua conclusão: "Assim como o ser humano procura a justiça na igualdade, a sociedade procura a ordem na anarquia".



Reprodução/Museu de Orsay, Paris, França

Proudhon retratado por Gustave Courbet. Óleo sobre tela, 72 × 55 cm, 1865.

Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865)

Filósofo anarquista francês. De origem humilde, empregou-se muito jovem em uma tipografia e tomou contato com socialistas e revolucionários que influenciariam seu pensamento. De sua vasta obra, destacam-se: *O que é a propriedade?* (1840); *Sistema das contradições econômicas, ou filosofia da miséria* (1846); e *Do princípio federativo* (1864).

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Anarquia

A palavra deriva do grego *arkhía*, *arkhé*, que significa "princípio", "governo", "chefe", "autoridade", e o prefixo *-a* ou *-an*, que indica negação. Literalmente, portanto, anarquia significa ausência de governo, de chefe, de comando. Quando se parte do princípio de que o governo é absolutamente necessário, a palavra adquire um sentido negativo. Porém, para o anarquismo como teoria política e movimento social, a ausência de governo seria exatamente a realização de uma sociedade justa e igualitária.

- Por que, segundo o anarquismo, a ausência de governo consolidaria uma sociedade justa e igualitária?

Porque, para o anarquismo, o governo existe em uma sociedade desigual, de classes sociais, na qual uma classe privilegiada precisa controlar as outras. Se não há classes, se todos são iguais, o governo de uns pelos outros não é mais necessário.

Mesmo com o sentido positivo da anarquia defendido por Proudhon, sendo uma teoria crítica à sociedade capitalista, o anarquismo não deixou de ser criminalizado por essa sociedade.

As ideias de Proudhon influenciaram vários filósofos anarquistas, como **Mikhail Bakunin**, revolucionário que visava acabar com a exploração capitalista.

O princípio central da filosofia anarquista é a liberdade individual. Os anarquistas consideram que os indivíduos são livres e que a sociedade não pode limitar essa liberdade. Se a liberdade do outro é um limite para minha liberdade, então nem ele nem eu somos livres.

Os filósofos anarquistas, em especial Proudhon e Bakunin, elaboraram um conceito coletivista de liberdade. Para eles, a liberdade não é um dom natural do indivíduo: **nós nos tornaríamos livres ao aprender e conquistar a liberdade**. Isso só poderia ser feito nas relações sociais, em meio a outros seres humanos, em que as liberdades dos indivíduos confirmassem umas as outras.

As relações sociais não seriam outra coisa senão um jogo de liberdades. Quando esse jogo tende ao domínio de uns sobre outros, anulam-se as liberdades de todos. Para os anarquistas, historicamente é isso que os sistemas políticos fazem: o Estado é um instrumento de dominação de um grupo sobre o restante da sociedade.

Para os anarquistas, a revolução social deveria derrubar imediatamente o Estado, pois sua manutenção perpetuaria a exploração e a desigualdade.



Reprodução/Christies, Nova York, EUA

Fotografia de Bakunin feita por volta de 1870.

Mikhail Bakunin (1814-1876)

Russo, filho de grandes proprietários de terra, aproximou-se dos movimentos operários revolucionários quando estudava Filosofia, tendo sido preso algumas vezes por sua militância política e social. Escreveu panfletos e textos políticos, como: *A Comuna de Paris e a noção de Estado* (1871); *Federalismo, socialismo e antiteologismo* (1872); *Estado e anarquia* (1873); e *Deus e o Estado* (1882).

Retome

Não escreva no livro

1. Que críticas os marxistas e os anarquistas fazem ao Estado? Em que elas se aproximam e em que se distanciam?
2. Qual é a diferença entre a estratégia dos marxistas e a dos anarquistas para chegar a uma sociedade comunista?

1. Assim como Marx e Engels, os anarquistas criticavam o Estado como instrumento da burguesia para conquistar e manter privilégios por meio da limitação das liberdades individuais e da exploração do proletariado, mantendo assim a dominação sobre os indivíduos e a desigualdade social. Porém, anarquistas e marxistas discordavam quanto ao uso político do Estado como meio para alcançar a liberdade e chegar a uma sociedade comunista.

Assim falou Bakunin

A liberdade dos outros eleva a minha ao infinito

Só sou verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me cercam, homens e mulheres, são igualmente livres. A liberdade do outro, longe de ser um limite ou a negação da minha liberdade, é, ao contrário, sua condição necessária e sua confirmação [...] Ao contrário, é a escravidão dos homens que põe uma barreira na minha liberdade, ou, o que é a mesma coisa, é sua animalidade que é uma negação da minha humanidade [...] Minha liberdade pessoal assim confirmada pela liberdade de todos se estende ao infinito.

BAKUNIN, Mikhail. *Textos escolhidos*. Porto Alegre: L&PM, 1983. p. 32-33.

2. Os marxistas defendiam a tomada do poder de Estado pela classe trabalhadora e a estatização dos bens e dos meios de produção, com a instituição do socialismo. Com o tempo, o Estado se tornaria desnecessário e desapareceria. Os anarquistas defendiam que a revolução social deveria destruir rapidamente o Estado e abrir caminho para a construção de uma sociedade igualitária e libertária.

Exploração no mundo contemporâneo

Para o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (1959-), o indivíduo contemporâneo é coagido a autoexplorar-se. Segundo o autor, o regime neoliberal exerce seu poder não exatamente ao restringir direitos e liberdades, como ocorre em ditaduras, mas a partir de uma nova lógica:

> A técnica de poder do regime neoliberal assume uma forma sutil, flexível e inteligente, escapando a qualquer visibilidade. [...] Ineficiente é todo poder disciplinar que, com grande esforço, aperta violentamente as pessoas com um **espartilho** de ordens e proibições. Muito mais eficiente é a técnica de poder que faz com que as pessoas se submetam ao contexto de dominação *por si mesmas*. Essa técnica busca ativar, motivar e otimizar, não obstruir ou oprimir.
>
> HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica*: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018. p. 26.

Na sociedade atual, o trabalhador é **compelido** a aprimorar-se a todo momento. Por isso, a vida, em sentido amplo, torna-se uma vida apenas voltada para o trabalho. ***Coaches* motivacionais**, cursos de produtividade, *workaholics* (trabalhadores compulsivos) e *burnout* (síndrome do esgotamento profissional) são desdobramentos dessa nova forma de poder no mundo do trabalho.

espartilho: peça de roupa interior feminina constituída por uma espécie de colete com tiras de aço.

compelido: deslocado pela força ou por um sentimento.

***coaches* motivacionais:** treinadores cujo objetivo é desenvolver um pensamento positivo, otimista em seus clientes.

Atividades

Não escreva no livro

1. Segundo Byung-Chul Han, os trabalhadores da atualidade são mais ou menos livres do que aqueles que viveram em outros contextos, como as ditaduras? Você concorda com o autor?
2. As redes sociais podem contribuir para o problema exposto por Byung-Chul Han? Por quê?
3. Em seu cotidiano, é possível perceber manifestações de autoexploração?

1. Segundo o autor, os trabalhadores no regime neoliberal são menos livres do que aqueles que viveram em outros contextos históricos, pois em vez de serem submetidos a ordens e proibições impostas por agentes externos, submetem-se a elas por conta própria a todo momento.

2. É possível considerar que as redes sociais podem colaborar com a cultura da autoexploração, uma vez que servem como meios de divulgar e valorizar conteúdos motivacionais e padrões de vida cada vez mais caros, impelindo as pessoas a buscarem a todo custo o sucesso profissional para alcançar esses padrões.

3. Espera-se que o aluno utilize sua experiência de vida para refletir sobre a questão da autoexploração.

Trabalhando com

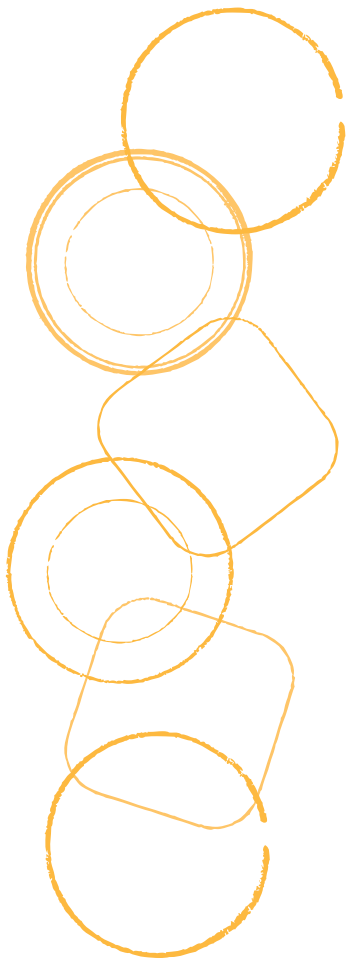
notícia

O Estado e o trabalho

Uma das ações do Estado é a regulamentação do trabalho. Vivendo em uma sociedade capitalista, isso se organiza por meio de uma classe empresarial, que investe na produção, contratando pessoas da classe trabalhadora, que vende sua força de trabalho.

O trecho a seguir refere-se a uma experiência no interior de São Paulo, na cidade de Sumaré.

Após a leitura, realize as atividades propostas.



Vinte anos após a ocupação, fábrica gerida pelos próprios trabalhadores ainda luta por seus direitos

No dia 12 de junho de 2003, operários da empresa sediada em Sumaré (SP) decidiram tomar a fábrica e passar a administrá-la, uma vez que os grupos Cipla Interfibra e Holding Brasil (HB), seus antigos proprietários, entraram em falência. [...]

No início da ocupação, questões como organização e remuneração eram um desafio. Por se tratar de uma "experiência nova", o tema é debatido "permanentemente", explica Santinho [Pedro Santinho, coordenador do Conselho de Fábrica da Flaskô].

Inicialmente, eram realizadas assembleias diárias. Depois, passaram a ser reuniões semanais, até que foram consolidadas as assembleias mensais. "Só assembleias elegiam conselhos e comissões de fábrica, que faziam a gestão", conta o coordenador. [...]

Atualmente, a Flaskô não está produzindo. Isso se deve a um corte de energia, imposto pelas dívidas milionárias acumuladas pelos antigos donos da fábrica, que nunca foram quitadas. [...]

"Os desafios nesse período todo sempre foram ligados à própria manutenção da sobrevivência da fábrica. Nossa pauta sempre foi a defesa dos empregos e dos direitos, com a compreensão que a única saída diante da situação real da fábrica, que havia deixado milhões em dívidas, era a estatização da fábrica pelo governo", alega.

Mobilização

Embora reconheça que a mobilização dos próprios trabalhadores seja fundamental no combate ao desemprego e à precarização no país, Santinho fala que não há uma "receita". Ele também alega que um ponto fundamental para a reivindicação de direitos é a organização.



Reprodução/Josiane Lombardi

Fábrica de tambores plásticos administrada desde 2003 pelos operários da empresa, cidade de Sumaré (SP). Foto de 2013.

"A questão da mobilização das pessoas é uma questão bastante importante. [...] Grande parte da mobilização se dá em defesa dos seus próprios interesses e, com o processo de consciência e de educação permanente, todo mundo pode participar, principalmente com as organizações. Os sindicatos – por mais que muitos entendam que eles não têm um papel hoje a cumprir – estão ali para defender esses interesses, mesmo quando aqueles que estão apresentados no momento não cumprem com isso. É papel dos trabalhadores fazer dessa ferramenta uma ferramenta que seja eficiente", frisa. [...]

MACARRONI, Matheus. Vinte anos após a ocupação, fábrica gerida pelos próprios trabalhadores ainda luta por seus direitos. *TV Cultura*, 28 mar. 2023. Disponível em: https://tedit.net/m0bcwo. Acesso em: 25 jun. 2024.

Atividades

Não escreva no livro

1. Que relações podem ser estabelecidas entre o caso da fábrica Flaskô e o que foi estudado neste capítulo?
2. O processo de estatização dos meios de produção é proposto por qual pensamento político do século XIX?
3. Em que medida podem ser estabelecidas relações entre a ocupação da fábrica e o pensamento anarquista?

1. Podemos relacionar esse caso com as teorias críticas ao Estado produzidas a partir do século XIX por marxistas e anarquistas. Essas teorias defendiam a organização dos operários para lutar contra a exploração do capital.

2. O processo de estatização, tal como defendido pelos operários da Flaskô, era uma das bandeiras de luta de Marx e Engels, pois, segundo eles, era necessário passar a propriedade dos meios de produção para o Estado, para que se pudesse organizar a sociedade de forma justa, sem exploração.

3. O pensamento anarquista defendia a liberdade e a autonomia dos trabalhadores, de modo que a ocupação da fábrica e sua gerência pelos próprios trabalhadores podem ser vistas como uma ação anarquista. Porém, eles se distanciam do anarquismo quando defendem a estatização da fábrica, prática não articulada com esse pensamento, que defende o fim imediato do Estado.

Galeria de atividades

1. Espera-se que os estudantes façam pesquisas em fontes confiáveis.

1. Faça uma pesquisa sobre movimentos organizados da sociedade civil que reivindicam direitos civis no Brasil. Analise o teor dessas reivindicações e como esses grupos são tratados pelo Estado. Reflita sobre os dados obtidos e escreva um texto argumentativo expondo suas posições sobre a questão.

2. Como as teorias estudadas neste capítulo podem ajudar você a compreender a estrutura de poder em seu país?

3. O que você pensa sobre a obrigatoriedade do voto no Brasil? E sobre o voto aos 16 anos? Você se sente preparado para exercer esse direito de cidadania? Escreva sobre isso e depois debata com seus colegas.

3. Resposta pessoal.

4. Faça um texto dissertativo sobre o tema: O fim do Estado é inevitável?

Além do que foi estudado neste capítulo, consulte os textos seguintes.

4. Resposta pessoal. Os estudantes devem produzir um texto dissertativo.

[...] A reflexão da filosofia política clássica evidencia entretanto um aspecto do Estado que contesta de antemão essas concepções instrumentalistas ou funcionalistas. O economismo que hoje domina o pensamento das ciências sociais não deveria fazer com que subestimássemos sua importância. Somos tributários de Thomas Hobbes por ter sido um dos primeiros a estudar esses aspectos em sua teoria da "pessoa fictícia" do soberano. A frase que se atribui a Luís XIV ("O Estado sou eu") o diz bem: na unidade física, visível, da pessoa do soberano, quer se trate de um monarca ou de uma assembleia, realiza-se por artifício a união dos cidadãos que a ele confiam sua segurança e bem-estar. *O Leviatã* revela assim suas forças propulsoras antropológicas com as quais tem de lidar essa pretensa "máquina". Espinosa, pouco suspeito de simpatia pela monarquia absoluta, concorda nesse ponto com o filósofo inglês. Define o Estado como um indivíduo que só pode existir sobre o modelo de uma pessoa, dotada de uma vontade. "O corpo do Estado", escreve ele em seu tratado político, "deve ser dirigido como que por uma única alma, e é por isso que a vontade da cidade deve ser considerada como a vontade de todos". E acrescenta que as "leis são a alma do Estado. Enquanto permanecerem, o Estado subsiste necessariamente. Mas as leis não podem permanecer invioladas se não estiverem sob a proteção da razão e das afecções comuns aos homens".

2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes utilizem os conceitos estudados para analisar sua própria realidade.

O Estado, tal como conhecemos, nem sempre existiu. Sem dúvida o mundo atual nos pede para inventarmos formas novas de organização política. Mas nada seria mais grave do que esquecer, por cientificismo, as forças propulsoras antropológicas com as quais tiveram sempre de lidar os Estados modernos. Pois essas forças não desaparecerão. Toda transformação da forma estatal consistirá apenas em sua reativação conforme novas regras. E já vemos com nossos próprios olhos o preço que teríamos de pagar por uma denegação tecnocrática dessa realidade: explosões assassinas de ódio nacionalista e racista em reação ao que apareceria como um puro e simples desmantelamento; o desamparo de uma juventude que se entrega à violência destruidora (drogas incluídas) na impossibilidade de adquirir uma identidade e tornar-se alguém; ou ainda por nostalgia, o efeito bumerangue do que Espinosa chamava "o ódio teológico", que talvez seja o mais feroz de todos aqueles de que é capaz o ser humano.

LECOURT, Dominique. O fim do Estado é inevitável? *In*: *Café Philo*: as grandes indagações da filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 51-53.

Enem e vestibulares

1. (Enem)

Polemizando contra a tradicional tese aristotélica, que via na sociedade o resultado de um instinto primordial, Hobbes sustenta que no gênero humano, diferentemente do animal, não existe sociabilidade instintiva. Entre os indivíduos não existe um amor natural, mas somente uma explosiva mistura de temor e necessidade recíprocos que, se não fosse disciplinada pelo Estado, originaria uma incontrolável sucessão de violências e excessos.

NICOLAU, U. *Antologia ilustrada de filosofia*: das origens à Idade Moderna. São Paulo: Globo, 2005 (adaptado).

Referente à constituição da sociedade civil, considere, respectivamente, o correto posicionamento de Aristóteles e Hobbes:

Alternativa **b**.

a) Instrumento artificial para a realização da justiça e forma de legitimação do exercício da coerção e da violência.

b) Realização das disposições naturais do homem e artifício necessário para frear a natureza humana.

c) Resultado involuntário da ação de cada indivíduo e anulação dos impulsos originários presentes na natureza humana.

d) Objetivação dos desejos da maioria e representação construída para possibilitar as relações interpessoais.

e) Realização da razão e expressão da vontade dos governados.

2. (Enem)

O fim último, causa final e desígnio dos homens, ao introduzir uma restrição sobre si mesmos sob a qual os vemos viver nos Estados, é o cuidado com sua própria conservação e com uma vida mais satisfeita; quer dizer, o desejo de sair da mísera condição de guerra que é a consequência necessária das paixões naturais dos homens, como o orgulho, a vingança e coisas semelhantes. É necessário um poder visível capaz de mantê-los em respeito, forçando-os, por medo do castigo, ao cumprimento de seus pactos e ao respeito às leis, que são contrárias a nossas paixões naturais.

HOBBES, T. M. *Leviatã*. São Paulo: Nova Cultural, 1999 (adaptado).

Para o autor, o surgimento do estado civil estabelece as condições para o ser humano:

Alternativa **e**.

a) internalizar os princípios morais, objetivando a satisfação da vontade individual.

b) aderir à organização política, almejando o estabelecimento do despotismo.

c) aprofundar sua religiosidade, contribuindo para o fortalecimento da Igreja.

d) assegurar o exercício do poder, com o resgate da sua autonomia.

e) obter a situação de paz, com a garantia legal do seu bem-estar.

3. (Unesp-SP)

Se eu tivesse que responder à seguinte pergunta: O que é a escravatura? e respondesse sem hesitar: É o assassínio, o meu pensamento ficaria perfeitamente expresso. Não precisarei de fazer um grande discurso para mostrar que o poder de privar o homem do pensamento, da vontade e da personalidade, é um poder de vida e morte e que fazer de um homem escravo equivale a assassiná-lo. Por que, então, a essa outra pergunta: O que é a propriedade? não posso responder simplesmente: É o roubo, ficando com a certeza de que me entendem, embora esta segunda proposição não seja mais que a primeira, transformada?

Pierre Joseph Proudhon. *O que é a propriedade?*, 1975.

O texto, escrito em 1840, expressa uma posição:

Alternativa **a**.

a) anarquista, de crítica ao direito de propriedade e de defesa do valor supremo da liberdade.

b) comunista, de crítica à burguesia e de defesa da revolução social como forma de construir um Estado proletário.

c) liberal, de defesa do direito de propriedade e de crítica às desigualdades sociais.

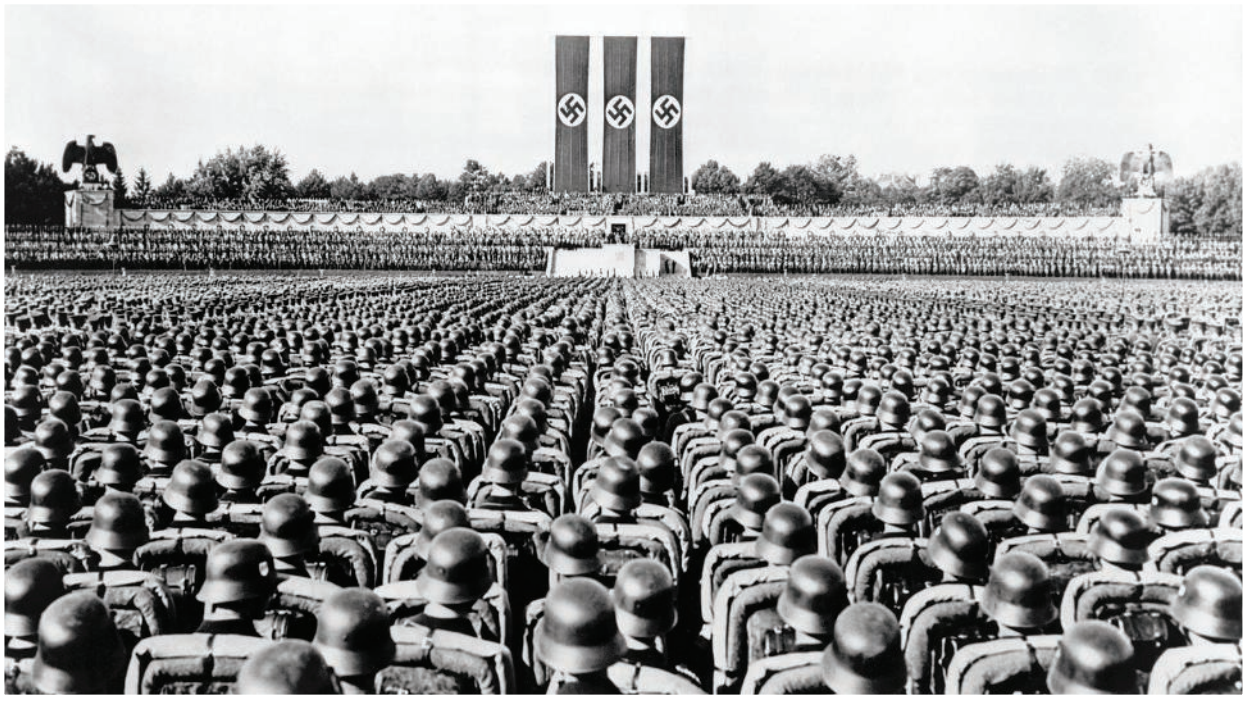
d) positivista, de crítica à falta de ordem social e de defesa de ações voltadas ao progresso.

e) marxista, de defesa da eliminação da propriedade privada e de crítica ao regime de trabalho assalariado.

CAPÍTULO 11

Totalitarismo e biopolítica na sociedade de controle

Everett Collection/Shutterstock



Convenção do Partido Nacional Socialista realizada na cidade de Nuremberg, na Alemanha. Fotografia de 1935. A reunião ocorreu em pleno regime nazista.

Após a consolidação das democracias liberais europeias no século XIX, o século XX assistiu à emergência de um novo fenômeno político, que teve consequências devastadoras, o **totalitarismo**.

A Alemanha nazista de **Adolf Hitler** (1889-1945) e a União Soviética sob o comando de **Joseph Stalin** (1878-1953) são as experiências totalitárias vividas no século XX marcadas por autoritarismo político, terror e perseguição a qualquer opositor político.

Mais tarde, no final do século XX, com o rápido desenvolvimento da tecnologia da informação, foram desenhados os contornos de uma sociedade na qual os indivíduos podem ser acompanhados e controlados em tempo real. Isso levou o filósofo **Gilles Deleuze** (1925-1995) a caracterizar o que denominou "sociedade de controle", considerando tudo o que isso representa em termos de avanço tecnológico e social, mas também de ameaça às liberdades.

Arendt e a crítica ao totalitarismo

A filósofa alemã **Hannah Arendt** (1906-1975) viveu o horror disseminado durante a expansão do nazismo. Viu a ascensão de ideias políticas baseadas em teorias biológicas racistas, que afirmavam que existiria uma raça superior, a **raça ariana**, e usavam esse argumento para perseguir os judeus na Alemanha. De família judaica, Arendt se viu obrigada a se exilar nos Estados Unidos. Dedicou-se, então, a refletir sobre o totalitarismo, tomando-o como um problema filosófico, e não apenas político e social.



Fred Stein/picture-alliance/dpa/Imageplus

Hannah Arendt, uma das principais pensadoras do século XX, revolucionou a compreensão da política e desenvolveu uma das mais agudas interpretações do totalitarismo. Fotografia de 1949.

Em seu livro *As origens do totalitarismo*, publicado em 1951, Arendt propôs uma explicação dessa nova forma de governo por meio de um amplo estudo histórico e político. As duas primeiras partes do livro tratam de antissemitismo e imperialismo, e destacam alguns dos elementos que permitiram a ascensão do totalitarismo alemão. A terceira parte do livro analisa os elementos que constituíram os governos totalitários de Hitler, na Alemanha, e de Stalin, na União Soviética. Em ambos os casos, esse tipo de regime se fundamentou na imposição de uma ideologia, na mobilização das massas e no terror.

O totalitarismo é uma negação radical das liberdades individuais. Uma questão filosófica que ele suscita é: Como as pessoas podem consentir com a negação de sua própria liberdade, suportando e até apoiando esse tipo de regime político?

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Raça ariana

No século XIX, foi proposta a ideia de "raça ariana" para designar os descendentes europeus de um antigo povo (os arianos) que teria migrado da Ásia. A palavra "ariano" deriva de *arya*, "nobre", em sânscrito. No contexto racista do nazismo, o termo referia-se especificamente a nórdicos e germânicos, que supostamente pertenciam a uma linhagem "pura" de arianos e por isso seriam superiores. A ideia de "raça" aplicada a seres humanos foi refutada, pois não há diferenças genéticas que justifiquem essa diferenciação.

- Por que a noção de "raça ariana" pôde ser usada em um discurso que afirmava sua supremacia?
  A noção pôde ser usada com essa finalidade porque em sua origem já indica nobreza; a raça ariana seria a raça nobre, portanto superior às outras.

O terror totalitário

Arendt retomou a análise de **Montesquieu** (1689-1755) para afirmar que o totalitarismo se diferencia do sistema da política clássica. No esquema analítico de Montesquieu, há certos princípios de ação que são seguidos pelos indivíduos em cada regime político, bem como por seus governantes. Em uma monarquia, esse princípio é a **honra**; em uma república, é a **virtude**; em uma tirania, é o **medo**.

Portanto, em uma monarquia, as pessoas agem visando à honra pública; em uma república, tanto cidadãos como governantes sentem orgulho em não dominar os demais, ao menos naquilo que diz respeito aos assuntos públicos; em uma tirania, o que move as ações é o medo – o medo dos súditos em relação ao tirano e o medo do tirano em relação aos súditos.

Todo esse esquema se baseia em uma separação das esferas privada e pública da vida. As relações políticas dizem respeito à esfera pública, e aquilo que o indivíduo faz em sua vida privada não é necessariamente controlado pelas regras de relação pública. Segundo Arendt, o totalitarismo escapa a esse esquema porque visa à dominação total do ser humano, apagando a distinção entre as esferas pública e privada.

O objetivo de um governo totalitário não é dominar apenas o cidadão (esfera pública), mas dominar também o indivíduo (esfera privada). Sendo assim, é evidente que o princípio de ação do governo totalitário não é a virtude nem a honra.

Além disso, Arendt afirma que o totalitarismo não é apenas uma tirania pautada no medo. Para a filósofa, o princípio político do totalitarismo é o **terror**, que torna desnecessários quaisquer daqueles princípios de ação expostos por Montesquieu.

Favoritos

Zona de interesse, Estados Unidos/Reino Unido/Polônia, 2023. Direção: Jonathan Glazer (105 min).

Durante o regime nazista, um comandante alemão vive com sua família em uma casa ao lado do campo de concentração de Auschwitz, na Polônia. Enquanto pessoas são exterminadas, do lado de fora do muro uma família vive uma vida burguesa idílica, como se nada de mais estivesse acontecendo. Adaptado do romance homônimo escrito pelo autor Martin Amis, no ano de 2014.



Reprodução/Film4/Access/A24

Uma política de massas

A questão central do governo totalitário é que ele se coloca fora da divisão tradicional entre poder legal, de direito, ou ilegal, arbitrário. A dominação totalitária não segue nenhuma lei já conhecida: no caso de Stalin, segue uma razão que considera a existência de uma "lei da história"; no caso de Hitler, uma "lei da natureza".

Ambas as leis estão além das convenções humanas e não podem ser debatidas ou humanamente controladas. Por exemplo: nenhum regime político pode matar os cidadãos, pois a lei garante o respeito à vida; mas o totalitarismo nazista matou "legalmente" milhões de judeus, pois, segundo suas ideias, estava seguindo uma "lei da natureza" de purificação racial.

Os governantes nazistas consideravam um "bem à humanidade" matar os judeus, e o faziam segundo a sua lei, e não de modo **arbitrário**. Esta é a base do terror totalitário: atribuir ares de legalidade a ações abomináveis dos governantes.

arbitrário: que não tem regras estabelecidas; que depende da vontade de quem decide.

Ampliando a perspectiva de sua análise, Arendt afirmou que o totalitarismo é capaz de obter a adesão dos indivíduos porque eles se encontram totalmente isolados, sem laços sociais. É o que ela chamou de uma **sociedade atomizada**. Isolamento seria diferente de solidão: na solidão a pessoa está "consigo mesma", enquanto no isolamento nem consigo ela dialoga.

Para Arendt, o terror totalitário consegue unir esses indivíduos na mesma medida em que os mantém isolados. O totalitarismo amplia seu isolamento porque só indivíduos isolados podem ser dominados por completo, sem opor resistência. O terror totalitário não forma uma comunidade política de fato, em que as pessoas participam de uma vida comum. O totalitarismo transforma o povo em "massa", em multidão, aquilo que **Thomas Hobbes** (1588-1679) dizia ser algo anterior ao pacto político.

Favoritos

É isto um homem? Primo Levi. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

Levi, um judeu italiano, relembra seus dias em Auschwitz, um campo de concentração nazista, refletindo sobre a condição humana.



Reprodução/Editora Rocco

Propaganda ideológica

Outro aspecto importante do totalitarismo é que seu governo só existe enquanto se mantém em movimento. Sua proposta é fundir todos os indivíduos em uma única humanidade, sob um mesmo governo totalitário, mesmo que estejam todos isolados uns dos outros.

Ainda segundo Arendt, o totalitarismo prepara os indivíduos para serem, ao mesmo tempo, carrascos e vítimas. Até aqueles que ocupam postos de poder no governo podem tornar-se vítimas, sofrendo o mesmo destino que impunham aos outros. Isso é garantido por meio da ideologia e de sua propaganda.

O totalitarismo constrói uma **ideologia**, um sistema explicativo do mundo e da vida, que não tem, necessariamente, relação com a experiência concreta, mas explica tudo – o passado, o presente e o futuro. A ideologia amplia seu efeito por meio da **propaganda**.

Segundo Arendt, a grande lição do totalitarismo em relação ao perigo que ele representa é o isolamento dos seres humanos. Ainda que esse isolamento seja o sintoma de uma sociedade de massas, ele é contrário à **condição humana**, segundo a qual os seres humanos habitam o planeta como coletividade, e não como seres isolados. O modo de evitar novos regimes de terror, portanto, é resgatar os laços sociais e políticos entre os indivíduos.



Galerie Bilderwelt/Getty Images

Judeus húngaros chegando no campo de concentração em Auschwitz, Polônia, 1944.

O confinamento contribui para o isolamento em dois aspectos. De um lado, ao separar grupos de pessoas, confinando-as, sem permitir contato social entre elas e o grupo social do qual foram separadas. De outro lado, provocando terror naqueles que não foram confinados, levando-os a se isolar do convívio social por medo. O isolamento é contrário à condição humana porque somos seres coletivos e vivemos em comunidades, e não isolados.

No detalhe

Não escreva no livro

Na fotografia, vemos judeus húngaros conduzidos pelo exército nazista chegando ao campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, em junho de 1944.

- Tendo como base a fotografia e o que foi discutido, estabeleça o motivo de os campos de concentração, com seu isolamento e confinamento, serem contrários à condição humana.

Foucault: disciplina e biopoder

Vimos no capítulo 9 que **Michel Foucault** (1926-1984) desenvolveu a ideia de uma microfísica do poder, uma nova forma de compreender o poder nas relações sociais. O filósofo afirmou que, nas sociedades ocidentais, predominaram três **tecnologias de poder** distintas, por meio das quais o poder é exercido: poder de soberania, poder disciplinar e biopoder. Vamos entender cada uma delas.



Reprodução/Galeria Nacional de Arte Antiga, Roma, Itália

Retrato de Henrique VIII da Inglaterra, óleo sobre madeira, de Hans Holbein, 1540. 88,5 × 74,5 cm. Henrique VIII é considerado um dos soberanos mais absolutos da história. Foi rei da Inglaterra de 1509 até sua morte em 1547. Promulgou o Ato de Traição, que determinava a morte de todo aquele que não reconhecesse sua autoridade.

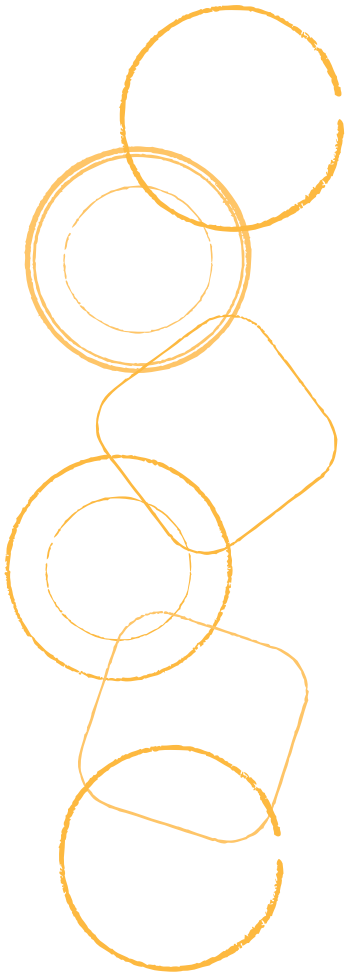
Soberania: poder de vida e morte

O **poder de soberania** predominou nas sociedades pré-capitalistas, em geral com governos monárquicos. É a tecnologia de poder que caracterizava as sociedades analisadas por Hobbes e **Nicolau Maquiavel** (1469-1527). Foucault afirmou que o princípio dessa tecnologia de poder era o direito do soberano sobre a vida e a morte de seus súditos. O governante soberano tinha o poder de estabelecer leis que se aplicavam a todos os seus súditos, mas não a ele mesmo.

A lei determinava que um indivíduo não devia matar o outro (pois o soberano deveria ser capaz de manter a vida, a segurança e a integridade física de seus súditos), mas não se aplicava ao soberano: ele era o único que poderia tirar a vida de alguém sem descumprir a lei. Ou seja, por ser aquele que tinha o poder de fazer morrer qualquer um de seus súditos, o soberano era também aquele que tinha o poder de deixar viver.

Na análise do poder soberano, Foucault definiu que as relações políticas no meio social nada mais são que uma maneira de gerir os conflitos entre os indivíduos, isto é, trata-se da guerra entre os indivíduos organizada de outro modo. Além disso, Foucault não considerava que o poder emana do governante, mas que, na realidade, há uma rede de poder distribuída entre as pessoas que sustenta a posição do soberano.

Disciplina para a submissão



Segundo Foucault, o crescimento do capitalismo se sustentou graças à **disciplina**. Para ele, o poder disciplinar foi uma invenção burguesa do século XVII e consolidada nos séculos XVIII e XIX. É um tipo de poder que se exerce sobre os corpos dos indivíduos.

Para que essa tecnologia de poder funcione com todo seu potencial, foram criadas "instituições disciplinares" nas quais os indivíduos são confinados: a fábrica, o exército, a prisão, o hospital, a escola. Nessas instituições, as pessoas são individualizadas. Cada indivíduo tem um prontuário, no qual se anota tudo o que lhe acontece. Por meio da disciplina, o indivíduo pode ser conhecido, controlado e explorado, tirando-se dele tudo o que pode oferecer.

Foucault analisou o poder disciplinar no livro *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*, em que mostra como a punição aos criminosos no Ocidente foi se transformando, dos castigos físicos ao modelo da penitenciária. Essa nova forma de punir impôs ao condenado uma vigilância e uma disciplina que poderiam lhe permitir a ressocialização.

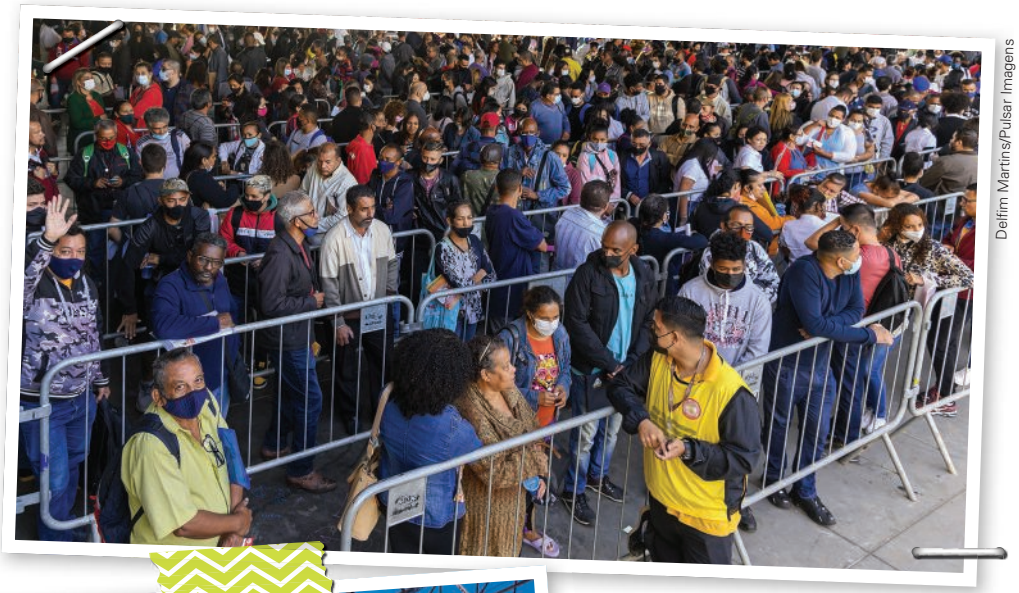
A função da disciplina é produzir **corpos dóceis**, que possam ser moldados e configurados segundo as necessidades sociais. Corpos disciplinados são exercitados e submissos; assim são produzidos os corpos dos estudantes, soldados, policiais e trabalhadores. Segundo Foucault, a disciplina aumenta a força voltada para a produção, mas diminui a força política, tornando-os obedientes. A obediência e a conformação dos corpos aumentam sua produtividade.

A **disciplina** é uma "arte das distribuições". Sua primeira operação é a distribuição dos indivíduos no **espaço**. É necessário, portanto, delimitar esse espaço. Não é por acaso que a arquitetura das escolas é bastante típica, assim como a das fábricas ou a dos quartéis: trata-se da organização de um espaço disciplinar. Nesse espaço, os indivíduos são distribuídos segundo uma lógica organizacional.

Como exemplo, basta pensar em como os estudantes são distribuídos na escola, organizados por séries ou anos, por classes e grupos, e no interior das salas de aula. Essa ação, segundo o filósofo, transforma uma "multidão confusa" em uma "multiplicidade organizada".

O segundo aspecto da tecnologia disciplinar é sua ação de controle das atividades. Em uma instituição disciplinar, toda atividade é controlada, e esse controle começa pelo **tempo**: há o momento certo para fazer cada coisa. Cada indivíduo aprende a controlar seu corpo, de modo, por exemplo, a ir ao banheiro no horário estabelecido, e não quando tiver vontade; almoçar no horário estipulado pela instituição, e não quando sentir fome.

A disciplina, por meio do adestramento dos corpos, produz indivíduos que são vigiados e controlados o tempo todo. Quando se desviam do comportamento esperado, são punidos. A punição tem a função de normalizar sua ação, fazendo com que voltem a agir com eficiência e produtividade.



Delfim Martins/Pulsar Imagens

Trabalhadores enfileirados em cercado para cadastramento em mutirão de emprego no sindicato dos comerciários em São Paulo (SP), 2022.



Michael Runkel/Imago/ZUMA Press/Imageplus

Penitenciária no modelo panóptico idealizado por Jeremy Bentham, na Ilha da Juventude, em Cuba. Fotografia de 2023.

Na primeira fotografia, pessoas desempregadas formam fila para tentar uma oportunidade de emprego, mostrando que o disciplinamento age sobre seus corpos, para mantê-los controlados. Na segunda fotografia, vemos o interior de uma penitenciária em que todos os presos podem ser vigiados, ao mesmo tempo, da torre central. O confinamento na visibilidade faz com que cada detento interiorize as regras e normas da prisão, para não ser punido.

Vídeo

No detalhe

O filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham (1748-1832) idealizou, em 1785, um modelo de penitenciária chamado panóptico, composto de uma torre central de vigilância em torno da qual se distribuíam as celas. Da torre, funcionários podem vigiar os presos, mas estes não sabem se estão sendo vigiados ou não. Segundo Foucault, o poder disciplinar está presente tanto em prisões como em escolas, hospitais e manicômios.

- Como as duas imagens expressam manifestações do poder disciplinar?

Biopoder: bem-estar social

Foucault afirmou que, uma vez consolidada a tecnologia de poder disciplinar, por volta do fim do século XIX começou a se constituir uma nova tecnologia. É o que ele denominou **biopoder**, um poder sobre a vida.

A tecnologia do biopoder está voltada para a manutenção da vida das populações organizadas pelo Estado como corpo político. Ela é a base do chamado "Estado de bem-estar social", que se preocupa em oferecer condições mínimas de vida digna para toda a população. O biopoder se manifesta, por exemplo, na criação dos programas de previdência social, destinados a garantir saúde e aposentadoria dos trabalhadores, assim como nos sistemas públicos de saúde, que atendem à população, por exemplo, em campanhas de vacinação em massa, como forma de prevenir doenças.

O biopoder, porém, não deve ser confundido com o poder soberano. O poder soberano é aquele que decide sobre a vida ou a morte dos súditos, ao passo que o biopoder é aquele que procura **administrar** a vida de uma população. O biopoder é complementar ao poder disciplinar, mas apresenta diferenças.

Vimos que o poder disciplinar se exerce sobre indivíduos adequando-os à norma. O biopoder, por sua vez, se exerce sobre os grandes grupos de indivíduos já disciplinados que formam as populações. O poder disciplinar é, portanto, uma condição para que o biopoder se exerça e, enquanto a **tecnologia centrada no corpo** é individualizante (produz indivíduos), a **tecnologia centrada na vida** é massificante (trabalha com grupos populacionais, não com indivíduos).



Reprodução/Ministério da Saúde

Cartaz da campanha nacional de vacinação contra a covid-19, divulgado pelo Ministério da Saúde em 2023. Segundo a Constituição federal, é competência do Estado cuidar da saúde e da assistência pública, o que mostra seu funcionamento ao modo da biopolítica.

Disciplina e biopoder: sociedades de segurança

O biopoder constitui o que Foucault denomina **sociedades de segurança**, em que as ações dos governos já não estão voltadas para a disciplina (já estão todos disciplinados e individualizados), mas para a segurança da população em múltiplos sentidos. E a garantia da segurança é feita pelo controle populacional.

Segundo Foucault, essa tecnologia inverte o princípio do poder de soberania; trata-se agora de "fazer viver". O Estado é responsável por fazer com que os cidadãos vivam mais e melhor, evitando as mortes que considerar desnecessárias. A morte torna-se um "problema de Estado": só uma autoridade legalmente constituída pode atestar que alguém morreu, emitindo uma certidão de óbito, assim como é o Estado que emite uma certidão de nascimento.

Durante a pandemia da covid-19, com sua fase mais aguda em 2020-2021, a tecnologia do biopoder ficou evidente. Os governos foram forçados a implementar ações de controle populacional, como a limitação de circulação, o fechamento de espaços públicos, escolas e outras instituições. Entre os objetivos estavam: limitar o contágio da população pelo vírus, evitar um colapso nos sistemas de saúde e reduzir as mortes provocadas pela doença.

Interpretando essa situação com base na visão de Foucault, pode-se afirmar que as sociedades contemporâneas atuam com as duas tecnologias de poder simultaneamente: a disciplinar e o biopoder. O cidadão vive em uma situação de permanente controle por parte dos vários mecanismos estatais, e essa disciplina lhe garante segurança e bem-estar.



Photocarioca/Shutterstock

Soldados do exército brasileiro desinfetam vagão de trem do metrô para evitar a propagação do coronavírus SARS-CoV-2, causador da covid-19. Rio de Janeiro (RJ), 2020.

Biopoder e necropolítica

O filósofo africano **Achille Mbembe** (1957-) faz um contraponto à biopolítica explorada por Foucault, dizendo que ela diz respeito ao funcionamento das sociedades europeias colonizadoras. Nos países e territórios colonizados, operou-se uma **necropolítica**, um poder no qual "deixar morrer" é aceitável.



Paul S. Amundsen/NTB Scanpix/ZUMA Press/Imageplus

Achille Mbembe em premiação na Universidade de Bergen, Noruega. Fotografia de 2024.

O regime de *plantation*, utilizado nos territórios colonizados e que se valeram de mão de obra africana escravizada para a produção agrícola, operava na forma de um necropoder, em que a soberania era exercida pela imposição do terror sobre uma população que não tinha direito à própria vida, enquanto nos países europeus operava-se uma política de afirmação da vida dos cidadãos. A necropolítica persiste em nossos dias, como é o caso dos territórios palestinos.

Durante a pandemia da covid-19, houve exemplos de governos operando uma biopolítica, controlando as ações da população para evitar o contágio, impondo cuidados individuais e promovendo campanhas de vacinação para imunização. Também tivemos exemplos de ações necropolíticas, em que governos recusaram medidas restritivas, deixando suas populações vulneráveis à morte.

Criação burguesa do século XVII, a disciplina é um tipo de poder que age sobre os indivíduos e o corpo deles. Essa tecnologia de poder é utilizada em "instituições disciplinares" (a fábrica, o exército, a prisão, o hospital, o manicômio, etc.) cuja função é disciplinar corpos. Por meio do tratamento individualizado, vigiado, punitivo, violento, repressor e impositivo, essas instituições procuram reconfigurar o indivíduo segundo as necessidades sociais e as expectativas desejadas. Já o biopoder é uma tecnologia criada no final do século XVIII, no contexto do Estado moderno, que designa a administração da vida e da morte dos indivíduos de uma sociedade. Ele é complementar à disciplina, porém diferencia-se dela ao dispor o poder não apenas sobre indivíduos isolados, mas também sobre grandes grupos de indivíduos já disciplinados, de modo massificante e controlado, dentro de um contexto de políticas de bem-estar social. O poder soberano, típico das sociedades pré-modernas, concentra-se em uma figura central, como um rei, que tem a autoridade de decidir sobre a vida e a morte dos súditos. Esse poder se manifesta por meio de punições corporais e violência física, como execuções públicas e torturas.

Assim falou Achille Mbembe

Poder colonial e necropolítica

Como ilustra o caso palestino, a ocupação colonial contemporânea é um encadeamento de vários poderes: disciplinar, biopolítico e necropolítico. A combinação dos três possibilita ao poder colonial a dominação absoluta sobre os habitantes do território ocupado. O "estado de sítio" em si é uma instituição militar. Ela permite uma modalidade de crime que não faz distinção entre o inimigo interno e o externo. Populações inteiras são o alvo do soberano. As vilas e cidades sitiadas são cercadas e isoladas do mundo. A vida cotidiana é militarizada. É outorgada liberdade aos comandantes militares locais para usar seus próprios critérios sobre quando e em quem atirar. O deslocamento entre células territoriais requer autorizações formais. Instituições civis locais são sistematicamente destruídas. A população sitiada é privada de suas fontes de renda. Às execuções a céu aberto somam-se matanças invisíveis.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 Edições, 2018. p. 48-49.

Retome

Não escreva no livro

- Contextualize e explique cada uma das tecnologias de poder analisadas por Foucault.

Formas de resistência ao controle totalitário

Félix Guattari (1930-1993) e Gilles Deleuze analisaram os desdobramentos políticos dos acontecimentos da segunda metade do século XX, após o término da Segunda Guerra Mundial, e as transformações ocorridas, de modo a pensar possíveis movimentos de resistência.

Sociedades de controle

Deleuze denominou **sociedade de controle** a conformação social que opera segundo o biopoder. Sua principal característica é a **abertura**: enquanto a sociedade disciplinar precisava confinar os indivíduos em instituições para que o poder pudesse ser exercido sobre eles, agora isso já não é necessário. Deleuze mostrou que as instituições disciplinares estão desgastadas.

Pouco a pouco, a escola parece ser substituída pela noção de formação permanente. O ensino escolar não é mais algo a ser concluído; há sempre algo novo a aprender, e a formação nunca cessa. Nesse contexto, as tecnologias de ensino a distância ganham cada vez mais adeptos. Já não é necessário sair de casa nem ter um horário determinado para estudar. A pandemia da covid-19 e a necessidade de uso de recursos tecnológicos para substituir as aulas presenciais deixou isso evidente.

Também a área da saúde tem passado por mudanças. Prioriza-se a prevenção, para evitar que se fique doente; em vez de serem internados, alguns pacientes são tratados em hospitais-dia, nos quais não precisam permanecer por longos períodos. Nas empresas e fábricas, a palavra de ordem tem sido "flexibilidade", e é cada vez mais comum que os funcionários possam organizar seu próprio tempo, muitas vezes trabalhando em casa.

Favoritos



Reprodução/K/O Paper Products/ DreamWorks Pictures

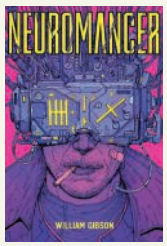
Controle absoluto, EUA, 2008. Direção: D. J. Caruso (118 min).

Filme de ação no qual duas pessoas são envolvidas em uma complexa trama de espionagem, sendo vigiadas todo o tempo por um supercomputador dotado de inteligência artificial capaz de usar os sistemas de comunicação e informação para localizar e controlar indivíduos. Uma ficção que expõe as possibilidades de uma sociedade de controle.

Favoritos

Neuromancer. William Gibson. São Paulo: Aleph, 2016.

Um clássico contemporâneo da ficção científica, criador do gênero *cyberpunk*. Toda a problemática da sociedade de controle, da tecnologia da informação e da comunicação abordada de forma vertiginosa.



Reprodução/Aleph

Livres para serem controlados

Até mesmo o confinamento nas prisões tem sido reduzido. Investe-se em penas alternativas, como prestação de serviços sociais, para reduzir ou substituir o encarceramento. Além disso, as pulseiras ou tornozeleiras eletrônicas, que monitoram os prisioneiros, têm permitido ampliar o cumprimento de penas fora das prisões.

Entretanto, essa aparente liberdade também permite que haja controle. Podemos fazer quase todas as operações financeiras pela internet, por exemplo, sem precisar ir a uma agência bancária. Isso nos dá uma sensação de liberdade. Podemos pagar uma conta em qualquer horário, e não apenas quando a agência bancária está aberta. Mas, para que isso seja possível, todos os nossos dados financeiros ficam mais vulneráveis.

Deleuze pensou no exemplo da construção de autoestradas. Cortar o país com extensas rodovias parece muito interessante, pois facilita a mobilidade da população. Mas, ao mesmo tempo, a autoestrada permite que se controle esse deslocamento. Antes das autoestradas, as pessoas podiam escolher seus trajetos, seguindo por pequenas estradas locais, por exemplo. Para ir de uma cidade a outra, havia várias possibilidades, e cada indivíduo era livre para escolher qual caminho seguir.



Joa Souza/Shutterstock

Centro de Operações da Prefeitura de Salvador. Fotografia de 2024.

No detalhe

Não escreva no livro

As câmeras de vigilância urbana e o sistema de armazenamento e circulação ilegal de dados pessoais na internet são alguns elementos que compõem a rede de poder e controle na sociedade contemporânea. Na fotografia, agentes do Centro de Operações da Prefeitura de Salvador acompanham em tempo real ações em diferentes locais da cidade.

- Explique por que os sistemas de vigilância por câmera são instrumentos da sociedade de controle.

Esses sistemas são implementados, segundo os governos, para evitar crimes e infrações e garantir a segurança dos cidadãos. Contudo, eles podem representar que estamos sendo sempre vigiados, que nossos atos são controlados.

Microcontrole

Com a popularização do sistema de posicionamento global (*Global Positioning System*, conhecido como a sigla GPS), saber a localização de uma pessoa se tornou muito simples. Durante a pandemia da covid-19, algumas cidades no mundo usaram essa tecnologia para controlar o distanciamento social imposto.

O avanço da tecnologia eletrônica intensificou a sociedade de controle descrita por Deleuze. A internet e o uso de dispositivos eletrônicos nos tornam objeto de controle por meio de telefonemas, *sites* e aplicativos que armazenam nossas informações, além de ferramentas que indicam nossa localização exata.

A frase "Sorria, você está sendo filmado!" sintetiza a sociedade de controle, que espalha câmeras de vigilância por todo lado. Sabendo que há controle, muitas vezes, os indivíduos deixam de fazer coisas que talvez fizessem se não estivessem sob vigilância. Muitas vezes, de forma inconsciente, nos tornamos instrumentos de controle do outro.

Em relação a algumas características, a sociedade de controle se aproxima dos totalitarismos analisados por Hannah Arendt. É uma sociedade atomizada, que isola as pessoas enquanto as controla o tempo todo.

Comunidades virtuais

Por que dizer que estamos mais isolados se nos comunicamos o tempo todo pelas redes sociais e pelos aplicativos de mensagem? Essas novas formas de comunicação criam a ilusão de proximidade com um número quase infinito de pessoas. Entretanto, ao ampliar indefinidamente o contato, a tendência é que ele se torne superficial e ligeiro. Assim, apesar do aumento na quantidade de contatos, essas tecnologias podem diminuir a profundidade das relações.

É importante dizer que os meios de controle podem também ser meios de ação política. Deleuze afirma que não se trata de "temer ou esperar, mas de buscar novas armas". Precisamos inventar formas de ação para resistir ao potencial totalitário da sociedade de controle.



Oleg Elkov/Shutterstock

Pessoas utilizando celulares. Fotografia de 2023. Embora estejam fisicamente próximas, ou, muitas vezes, no mesmo lugar, jogando os mesmos jogos e participando das mesmas comunidades virtuais, o que indica que existem interesses em comum, as pessoas se isolam cada vez mais por meio do mundo virtual.

Uma revolução molecular?

Gilles Deleuze escreveu obras em parceria com Félix Guattari, nas quais analisaram o **capitalismo** e pensaram em uma ação política para sua transformação. Uma das conclusões a que chegaram é que o capitalismo é um sistema "elástico". Enquanto o marxismo afirma que um modo de produção se transforma quando se esgotam suas possibilidades de exploração e ele chega ao seu limite, Deleuze e Guattari sustentam que o capitalismo sempre coloca seus limites mais adiante.

Já se anunciou o esgotamento do sistema capitalista algumas vezes, mas ele sempre conseguiu se recompor e ampliar seus limites. A contracultura e o movimento *hippie* da década de 1960, por exemplo, questionavam o mercado capitalista. Para se opor ao sistema de consumo, os ativistas usavam roupas velhas e desgastadas. Também contrários à cultura de massa, muitas vezes faziam suas próprias roupas, como forma de afirmar sua singularidade. Décadas depois do movimento, entretanto, o capitalismo se apropriou da estética *hippie*, fabricando, em massa, mercadorias inspiradas naquele estilo. Esse movimento de adaptação do sistema, percebido no universo cultural, também está presente no universo econômico.

A força do capitalismo, segundo Deleuze e Guattari, reside no fato de que ele captura nossos desejos e nos faz desejar aquilo que o sistema quer que desejemos. Agimos de acordo com nossos desejos, pensando que somos livres, mas estamos sendo controlados e manipulados. Para esses autores, essa é a mesma dinâmica do fascismo, que serviu de base para os governos totalitários. Mas, em vez de um "fascismo de Estado", trata-se de um "microfascismo", que é ainda mais eficaz porque passa despercebido e se estende por toda a sociedade.



Curioso.Photography/Shutterstock

Lembranças com o rosto de Che Guevara (1928-1967) expostas para venda a turistas em Cuba. Fotografia de 2019. Nesse caso, pode-se considerar que o militante anticapitalista também se transformou em produto.

Resistir ao fascismo no cotidiano

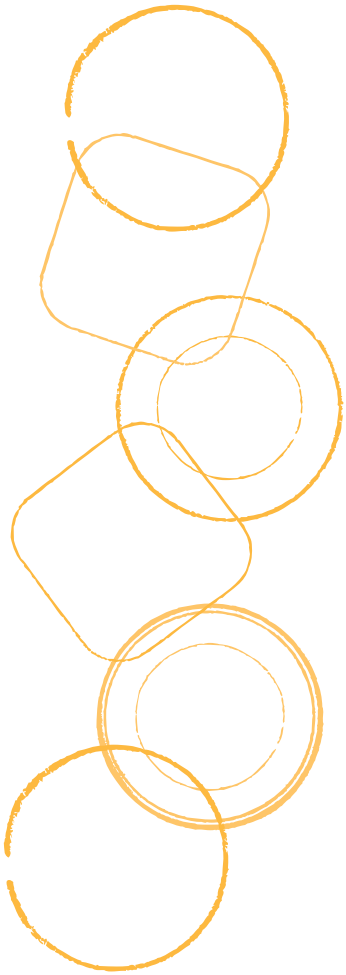
Se a força desse fascismo reside no desejo, é nessa força individual e subjetiva que também encontramos a possibilidade de fazer resistência. Deleuze e Guattari defendem uma micropolítica que se construa nas relações cotidianas e que possa resistir ao fascismo da sociedade de controle.

Não podemos lutar contra o Estado com suas próprias armas, pois seremos vencidos. Não há como usar as armas do controle contra ele próprio. É necessário inventar novas armas. Para Deleuze e Guattari, não faz muito sentido negar o Estado e achar que é possível destruí-lo; ao contrário, é preciso reconhecê-lo, conhecer sua força, para mantê-lo afastado. Essa é uma luta constante, não uma revolução capaz de transformar o mundo em um outro completamente diferente de uma hora para outra.

Essa é a lição daquilo que esses filósofos denominaram **revolução molecular**: uma revolução que se faz todo dia, nas pequenas coisas, procurando agir de modo não fascista, cada um consigo mesmo e com aqueles que estão próximos, inventando maneiras de viver o próprio desejo, não se deixando capturar e controlar.

Não se trata de uma grande revolução, que porá fim aos problemas e criará uma nova realidade, mas de pequenas revoluções permanentes, que vão produzindo novos fluxos de desejo e de ações, novas possibilidades de ser, sentir, pensar e agir.

Esse seria um caminho possível para construir laços sociais que não nos deixem no isolamento, presas fáceis para um novo totalitarismo.



Favoritos

Snow crash. Neal Stephenson. São Paulo: Aleph, 2022.

Romance *cyberpunk* que mistura questões filosóficas, religiosas e políticas em uma narrativa embasada em temas da biopolítica e da sociedade de controle.



Reprodução/Aleph

Sim. Segundo Deleuze e Guattari, em termos políticos, a sociedade de controle se aproxima do totalitarismo porque visa ao mesmo objetivo, isto é, ao controle absoluto da vida das pessoas. Para isso, ela fornece às pessoas os meios pelos quais serão isoladas, controladas e vigiadas. Exemplos disso são os sistemas de vigilância por câmera e as tecnologias informacionais (celulares, computadores, redes sociais, etc.), oferecidas às pessoas como benfeitorias ou inovações tecnológicas, promotoras da segurança pública e da comunicação.

Retome

Não escreva no livro

- De acordo com o pensamento de Deleuze e Guattari, podemos dizer que a "sociedade de controle" é um sistema totalitário? Por quê?

Mundo digital

A quem serve a inteligência das máquinas?

Segundo a filósofa e psicóloga social Shoshana Zuboff, no **capitalismo de vigilância**, o produto mais lucrativo é o seu comportamento. Leia o que ela escreveu a esse respeito:



Andrey_Popov/Shutterstock

O capitalismo de vigilância reivindica de maneira unilateral a experiência humana como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais. Embora alguns desses dados sejam aplicados para o aprimoramento de produtos e serviços, o restante é declarado como superávit (lucro) comportamental do proprietário, alimentando avançados processos de fabricação conhecidos como "inteligência de máquina" (Inteligência Artificial) e manufaturado em produtos de predição que antecipam o que um determinado indivíduo faria agora, daqui a pouco e mais tarde. Por fim, esses produtos de predição são comercializados num novo tipo de mercado para predições comportamentais que chamo de mercados de comportamentos futuros.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância*. São Paulo: Intrínseca, 2021. p. 22-23.

Na economia de mercado contemporânea, mesmo o descanso é submetido ao lucro. Dormir é gratuito, mas, ao utilizarem aplicativos e *smartwatches* que monitoram os batimentos cardíacos e a qualidade do sono, muitas pessoas acabam fornecendo a empresas dados valiosos para fins de propaganda, vigilância e aprimoramento de produtos.

Para compreender o capitalismo de vigilância, também é preciso lembrar que os algoritmos que utilizam nossos dados não são entidades ou instrumentos neutros. Eles são produzidos por empresas e corporações com o objetivo de maximizar o lucro. Algumas redes sociais são um exemplo dessa realidade. O usuário tem a sensação de escolher o que quer consumir, mas, na verdade, a plataforma pode decidir qual conteúdo será mais lucrativo ao ser exibido ao usuário com base em seu perfil.

1. O capitalismo de vigilância é a faceta mais atual do capitalismo. Tem como fonte de lucro os dados comportamentais dos indivíduos. Esses dados são usados para o aprimoramento das plataformas e produtos a fim de aumentar a lucratividade de grandes empresas.

Atividades

Não escreva no livro

1. Explique com suas palavras o que é capitalismo de vigilância.
2. Em seu cotidiano, você percebe o capitalismo de vigilância presente nas redes sociais e no uso das tecnologias da informação? Se sim, de que forma ele se faz presente?

2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes pensem criticamente sobre o papel das redes sociais e das tecnologias da informação na geração de dados usados para o lucro. Os estudantes também podem refletir sobre sua relação com as redes sociais e o cuidado que costumam ou não ter com seus dados.

Trabalhando com

texto de revista

Política na sociedade de controle

Como vimos neste capítulo, podemos caracterizar a sociedade contemporânea como operando por meio do controle dos indivíduos. A seguir, você encontra um texto publicado há mais de duas décadas em uma revista de divulgação científica de grande circulação na época. Nesse texto, essa questão já era apresentada e discutida. Leia-o com atenção e, depois, responda às questões.

Sorria: você está sendo filmado

As novas tecnologias estão acabando com a privacidade das pessoas.

Algumas pessoas sabem todos os lugares em que você esteve no ano passado. Possuem também a lista das mercadorias que você comprou, as músicas que ouviu e as pessoas com quem conversou. É possível que elas saibam até a sua preferência sexual. Assustador, não? O motivo alegado para tanta perseguição é apenas trazer segurança e conforto. Para você. [...]

Se sair na rua sem ser vigiado já é difícil, passear anônimo na internet é quase impossível, principalmente quando se está no trabalho. Uma pesquisa da Associação Americana de Administração, feita em abril do ano passado [2000], constatou que 73,5% das companhias nos Estados Unidos praticam algum método de vigilância, como registrar *e-mails*, páginas visitadas e as ligações telefônicas de seus funcionários.

Nos Estados Unidos, um funcionário de uma companhia elétrica foi demitido depois de usar o computador de sua própria casa para fazer críticas ao seu emprego e ao seu chefe em uma lista de discussão na internet.

KENSKI, Rafael. Sorria: você está sendo filmado. *Superinteressante*, São Paulo, ed. 164, maio 2001. Disponível em: https://tedit.net/fv2pmo. Acesso em: 19 jul. 2024.

Atividades

Não escreva no livro

1. Em que medida o texto dialoga com o que foi trabalhado neste capítulo?
   1. O texto retoma a parte que trata da sociedade de controle, trazendo mais elementos que ajudam a compreendê-la.
2. O que você pensa das iniciativas comentadas no texto relativas ao controle das ações dos funcionários pelas empresas? Argumente. **2.** Resposta pessoal.
3. Com base naquilo que foi estudado, como você pensa que os indivíduos e a sociedade poderiam agir para resistir a esse tipo de controle dos meios de comunicação e da tecnologia? Justifique suas ideias.
   3. Resposta pessoal.

Galeria de atividades

1. Explique em que sentido o terror é o fundamento do totalitarismo.
2. Explique as diferenças entre a submissão na tecnologia de poder soberano e na tecnologia de poder disciplinar.
3. "Os mesmos meios de controle podem ser meios de ação política." Levando em consideração essa afirmação de Deleuze e Guattari, dê exemplos de acontecimentos recentes em que os meios de controle foram utilizados de forma política, ou, ainda, sugira você mesmo um uso político para eles.
4. Escolha um país e faça uma pesquisa na internet sobre as ações que esse país realizou no combate à pandemia da covid-19. Junte a maior quantidade de informações que conseguir.

   Como contraponto, considere o seguinte trecho de um texto de Ailton Krenak:

   Em um artigo que li sobre a pandemia, o sociólogo italiano Domenico De Masi cita a obra profética *A peste*, de Albert Camus: "a peste pode vir e ir embora sem que o coração do homem seja modificado". Ele cita um trecho do romance que diz que: "o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, que pode permanecer adormecido por décadas nos móveis e nas roupas, que espera pacientemente nos quartos, nas adegas, nas malas, nos lenços e nos papéis, que talvez chegue o dia em que, infortúnio ou lição aos homens, a peste acordará seus ratos para mandá-los morrer numa cidade feliz".

   Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro.

   KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 90-91.

   Com base nos dados obtidos em sua pesquisa e pensando no trecho, escreva um texto dissertativo sobre o tema: "Tecnologias biopolíticas na pandemia da covid-19".

1. O terror é o fundamento do totalitarismo porque, no governo totalitário, a dominação completa do ser humano torna dispensáveis os princípios buscados pelos sistemas clássicos de governo. O totalitarismo se legitima fora das convenções humanas (legalidade e ilegalidade, justiça e injustiça, etc.). Assim, por meio do terror, o totalitarismo não se dispõe ao debate ou ao controle humano.

2. Ambas as tecnologias de poder produzem submissão. No caso da soberania, é uma submissão do súdito ao soberano imposta pela lei. No caso da disciplina, trata-se de um sistema muito mais complexo, no qual os sujeitos são individualizados e têm seus corpos docilizados, de modo a praticar aquilo que se espera dos indivíduos nas instituições das quais fazem parte, como escolas, fábricas, etc.

3. Resposta pessoal que exige pesquisa. Espera-se que a resposta contemple os conteúdos expostos neste capítulo e os conhecimentos dos estudantes sobre os acontecimentos políticos dos últimos anos que se apropriaram politicamente desses meios (Primavera Árabe, *Occupy Wall Street*, protestos de junho de 2013 no Brasil, etc.).

4. Texto dissertativo; trabalho pessoal.

Enem e vestibulares

1. (Enem)

   É certo que entramos na era das sociedades de "controle". Elas já não são exatamente sociedades disciplinares, cuja técnica principal é o confinamento (não somente o hospital e a prisão, mas também a escola, a fábrica, o quartel). A sociedade de controle não funciona por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea. É evidente que não deixamos de falar de prisão, de escola, de hospital: mas essas instituições estão em crise.

   DELEUZE, Gilles. Entrevista a Toni Negri. *In*: O devir revolucionário e as criações políticas. *Novos Estudos Cebrap*, n. 28, out. 1990 (adaptado).

   No trecho, ao problematizar as sociedades contemporâneas, Gilles Deleuze está enfatizando a ausência de: Alternativa **b**.

   a) legitimidade nas redes de informação.
   b) autonomia nas ações individuais.
   c) sanções no ordenamento jurídico.
   d) padrões na sociedade de consumo.
   e) inovações nos sistemas educacionais.

2. (UEL-PR)

   Leia o texto a seguir.

   Em contraposição tanto aos regimes tirânicos como aos autoritários, a imagem mais adequada de governo e organização totalitários parece-me ser a estrutura da cebola, em cujo centro, em uma espécie de espaço vazio, localiza-se o líder; o que quer que ele faça – integre ele o organismo político como em uma hierarquia autoritária, ou oprima seus

súditos como um tirano – ele o faz de dentro, e não de fora ou de cima.

ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. 8. ed. Trad. de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016. p. 136.

Hannah Arendt, filósofa alemã de origem judaica, marcou profundamente a filosofia política contemporânea com suas reflexões sobre os fenômenos totalitários do século XX. Com base no texto e nos conhecimentos sobre a compreensão arendtiana do totalitarismo, assinale a alternativa correta. Alternativa **b**.

a) A ideologia totalitarista se distingue da tirania e do autoritarismo por se basear em ideias de caráter democrático, como a de partidos políticos.

b) O totalitarismo possui uma estrutura em que cada nível mantém a fachada de normalidade e respeitabilidade, que disfarça seu caráter antidemocrático.

c) A propaganda totalitária visa à violência do Estado como na tirania, sem investir no controle das massas via políticas públicas e ideologia.

d) Os regimes totalitários, assim como as tiranias e o autoritarismo, pautam-se na descrença da onipotência do líder e de verdades factuais.

e) As tiranias e os regimes totalitários utilizam-se de propaganda ideológica e de programas sociais que garantem a respeitabilidade e igualdade de direitos e deveres.

Trabalhando com Lógica

Ao aproximar-se da Matemática, a lógica esforçou-se em produzir uma linguagem simples e clara. A lógica faz cálculos com proposições e, para tanto, representa-as por meio de símbolos capazes de esquematizá-las. Os cálculos lógicos podem ser cálculos de proposições ou cálculos de predicados.

A **lógica proposicional** é um ramo da lógica que estuda as proposições e suas combinações por meio de conectivos lógicos. Temos proposições simples, como "João é honesto", e proposições compostas, formadas pela junção de proposições simples, como "O prédio é alto e a rua é barulhenta" ou "Uma maçã é uma fruta ou um legume". Note que nos enunciados compostos existem conectivos (**e** no primeiro exemplo; **ou** no segundo exemplo) que têm a função de ligar as informações.

Em lógica costumamos utilizar letras minúsculas (x, y, p, q...) para representar as proposições simples, e letras maiúsculas (A, B, C...) para representar conjuntos. Já os conectivos são representados por caracteres especiais, como:

- Negação: ~ (significa "não")
- Disjunção inclusiva: ˇ (significa "ou")
- Conjunção: ˆ (significa "e")
- Condicional ou implicador: → (significa "x implica y" ou "se x, então y")
- Bicondicional ou bi-implicador: ↔ (significa dupla implicação, como em "se e somente se" ou "x é equivalente a y")

A **lógica de predicados** é uma extensão da lógica proposicional e insere as noções de quantificador universal e quantificador existencial. O quantificador universal é representado pelo símbolo ∀, que significa "para todo"; o quantificador existencial, pelo símbolo ∃, que significa "para algum", "existe algum".

Como vimos, a lógica proposicional admite apenas a possibilidade de verdade ou falsidade, e não pode ser utilizada quando houver muitos objetos a serem analisados, que resultariam em valores de verdade distintos. Ao introduzir os quantificadores, a lógica de predicados nos permite trabalhar com proposições que possuem valoração verdadeira para determinados elementos de um conjunto e falsa para outros elementos.

Debate plural

Poder e política

Ao ler os dois textos a seguir, repare na diferença de estilos que os filósofos usam para abordar aspectos referentes à política.

A organização política da sociedade é natural ou histórica?

Neste trecho da introdução do livro *A política*, Aristóteles expõe a clássica definição do ser humano como animal político por natureza e da cidade como comunidade política autossuficiente.

Texto 1 **O homem, "animal político"**

A sociedade que se formou da reunião de várias aldeias constitui a Cidade, que tem a faculdade de se bastar a si mesma, sendo organizada não apenas para conservar a existência, mas também para buscar o bem-estar. Esta sociedade, portanto, também está nos desígnios da natureza, como todas as outras que são seus elementos. Ora, a natureza de cada coisa é propriamente seu fim. Assim, quando um ser é perfeito, de qualquer espécie que ele seja – homem, cavalo, família –, dizemos que ele está na natureza. Além disso, a coisa que, pela mesma razão, ultrapassa as outras e se aproxima mais do objetivo proposto deve ser considerada a melhor. Bastar-se a si mesma é uma meta a que tende toda a produção da natureza e é também o mais perfeito estado. É, portanto, evidente que toda Cidade está na natureza e que o homem é naturalmente feito para a sociedade política. [...]

Assim, o homem é um animal cívico [político], mais social do que as abelhas e os outros animais que vivem juntos. A natureza, que nada faz em vão, concedeu apenas a ele o dom da palavra, que não devemos confundir com os sons da voz. Estes são apenas a expressão de sensações agradáveis ou desagradáveis, de que os outros animais são, como nós, capazes. A natureza deu-lhes um órgão limitado a este único efeito; nós, porém, temos a mais, senão o conhecimento desenvolvido, pelo menos o sentimento obscuro do bem e do mal, do útil e do nocivo, do justo e do injusto, objetos para a manifestação dos quais nos foi principalmente dado o órgão da fala. Este comércio da palavra é o laço de toda sociedade doméstica e civil.

O Estado, ou sociedade política, é até mesmo o primeiro objeto a que se propôs a natureza. O todo existe necessariamente antes da parte. As sociedades domésticas e os indivíduos não são senão as partes integrantes da Cidade, todas subordinadas ao corpo inteiro, todas distintas por seus poderes e suas funções, e todas inúteis quando desarticuladas, semelhantes às mãos e aos pés que, uma vez separados do corpo, só conservam o nome e a aparência, sem a realidade, como uma mão de pedra. O mesmo ocorre com os membros da Cidade: nenhum pode basta-se a si mesmo. Aquele que não precisa dos outros homens, ou não pode resolver-se a ficar com eles, ou é um deus ou um bruto. Assim, a inclinação natural leva os homens a este gênero de sociedade.

ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 3-5.

O texto a seguir é um trecho de uma conferência feita por Foucault no Brasil em 1976. Ele sintetiza aqui sua concepção de poder, investigando por que na sociedade moderna o poder é concebido como repressão.

1. a) Para Aristóteles, a cidade está nos desígnios da natureza porque é próprio da natureza humana a associação com outros, a convivência, o compartilhamento da vida. Se naturalmente os seres humanos vivem juntos, as cidades são resultado natural do crescimento das comunidades humanas.

Texto 2 As redes de poder

Em todo caso, a questão que quero colocar é a seguinte: como foi possível que nossa sociedade, a sociedade ocidental em geral, tenha concebido o poder de uma maneira tão restritiva, tão pobre, tão negativa? Por que concebemos sempre o poder como regra e proibição, por que esse privilégio? Evidentemente podemos dizer que isso se deve à influência de Kant, ideia segundo a qual, em última instância, a lei moral, o "você não deve", a oposição "deve/não deve", é no fundo a matriz da regulação de toda a conduta humana. Mas, na verdade, essa explicação pela influência de Kant é evidentemente insuficiente. O problema é saber se Kant exerceu tal influência. Por que foi tão poderosa? [...] Creio que podemos analisar a razão disso nos seguintes termos: no fundo, no Ocidente, os grandes sistemas estabelecidos desde a Idade Média desenvolveram-se por intermédio do crescimento do poder monárquico, à custa do poder, ou melhor, dos poderes feudais. Nessa luta entre os poderes feudais e o poder monárquico, o direito foi sempre o instrumento do poder monárquico contra as instituições, os costumes, os regulamentos, as formas de ligação e de pertença características da sociedade feudal. [...] Em outras palavras, o crescimento do Estado na Europa foi parcialmente garantido, ou, em todo caso, usou como instrumento o desenvolvimento de um pensamento jurídico. O poder monárquico, o poder do Estado, está essencialmente representado no direito. Ora, acontece que a burguesia, que se aproveita extensamente do desenvolvimento do poder real e da diminuição, do retrocesso dos poderes feudais, ao mesmo tempo tinha um interesse em desenvolver esse sistema de direito que lhe permitiria, por outro lado, dar forma aos intercâmbios econômicos, que garantiam seu próprio desenvolvimento social. De modo que o vocabulário, a forma do direito, foi uma forma de representação do poder comum à burguesia e à monarquia. A burguesia e a monarquia lograram instalar, pouco a pouco, desde o fim da Idade Média até o século XVIII, uma forma de poder que se representava, que se apresentava como discurso, como linguagem, o vocabulário do direito. E quando a burguesia se desembaraçou finalmente do poder monárquico, o fez precisamente utilizando este discurso jurídico que havia sido até então o da monarquia, e que foi usado contra a própria monarquia.

FOUCAULT, Michel. Las redes del poder. *In*: FERRER, Christian (org.). *El lenguaje libertario*. Montevidéu: Nordan-Comunidad, 1990. p. 25-26. Texto traduzido.

1. b) O que diferencia o ser humano dos outros animais e faz dele um "animal político" é que a natureza lhe concedeu o dom da palavra (linguagem), o que lhe possibilitou ser mais social em relação aos outros animais e constituir os laços que ligam toda sociedade doméstica e civil.

Atividades

Não escreva no livro

1. Com base no texto 1, responda:
   a) Por que a cidade seria uma sociedade que está "nos desígnios da natureza"?
   b) O que, segundo Aristóteles, diferencia o ser humano dos outros animais e faz dele um "animal político"?

2. a) Porque, no Ocidente, historicamente, há uma constante disputa pelo poder. Ademais, a visão restritiva do poder, concebido como regra e proibição, foi o modo como se deu a concorrência e a apropriação do poder pela via jurídica.

2. Inspirado pelo texto 2, responda:
   a) Por que, segundo Foucault, a sociedade ocidental produziu uma visão restritiva do poder? Que visão restritiva é essa?
   b) A burguesia ocidental mudou a concepção de poder vigente? Por quê?

2. b) Não, porque a burguesia também se beneficiou do poder de se autorrepresentar. Isso não constituiu, para Foucault, uma mudança na concepção de poder vigente, pois a burguesia utilizou o mesmo discurso jurídico a que a monarquia recorria, voltando-o contra esta última.

3. Embora os textos de Aristóteles e de Foucault, separados por mais de dois mil anos, tenham semelhanças ao conceber a articulação política dos seres humanos, há uma diferença fundamental. Aristóteles pensa que a sociedade é resultado da própria natureza, enquanto Foucault pensa o poder e a política como fenômenos históricos.

   Depois de refletir sobre os textos e tirar suas próprias conclusões, escreva uma redação de estilo dissertativo apresentando as ideias às quais chegou.

3. Resposta pessoal. Analise a capacidade argumentativa dos estudantes por meio do texto dissertativo.

Micropolítica do preconceito

Os dois textos a seguir retomam e aprofundam temas como a articulação do preconceito com o totalitarismo e a noção de micropolítica.

Por que o preconceito pode ser compreendido como uma ação micropolítica?

O nazismo soube fazer uso do preconceito para construir o ódio racial contra os judeus, unindo o povo alemão. No texto a seguir, a filósofa húngara **Agnes Heller** (1929-2019) fala sobre o preconceito e sua ação no cotidiano.

Texto 1 Sobre os preconceitos

A maioria dos preconceitos, embora nem todos, são produtos das classes dominantes, mesmo quando essas pretendem, na esfera do para-si, contar com uma imagem do mundo relativamente isenta de preconceitos e desenvolver as ações correspondentes. O fundamento dessa situação é evidente: as classes dominantes desejam manter a coesão de uma estrutura social que lhes beneficia e mobilizar em seu favor inclusive os homens que representam interesses diversos (e até mesmo, em alguns casos, as classes e camadas antagônicas). Com ajuda dos preconceitos, apelam à particularidade individual, que – em função de seu conservadorismo, de seu comodismo e de seu conformismo, ou também por causa de interesses imediatos – é de fácil mobilização contra os interesses de sua própria integração e contra a práxis orientada no sentido do humano-genérico. [...]

A questão é esta: como libertamo-nos dos preconceitos? Há algum esquema, alguma receita, algum conselho que garanta essa libertação? Naturalmente que não. Em muitos casos, apenas *a posteriori* poderemos ver que uma opinião era um preconceito, e, com muita frequência, não somos capazes de perceber o ponto histórico nevrálgico no qual nossas ideias não preconceituosas convertem-se em preconceitos. Nesse campo, há tanto risco quanto em qualquer outra escolha que fazemos em nossa vida.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 54-60.

O texto a seguir, de Félix Guattari, discorre sobre a noção de micropolítica, base da ideia de uma revolução molecular, mostrando que as ações micropolíticas estão orientadas para e pelo desejo.

Texto 2 Em torno de uma micropolítica do desejo

A distinção que propomos estabelecer entre micropolítica e macropolítica do desejo deveria funcionar como algo que tende a liquidar a pretensa universalidade de modelos aventados pelos psicanalistas, e que lhes servem para precaver-se contra contingências políticas e sociais. [...]

E isso sob duas formas: seja uma micropolítica que vise tanto os problemas individuais quanto os problemas sociais, seja uma macropolítica que vise os mesmos campos (indivíduo, família, problemas de partido, de Estado, etc.). O despotismo que, frequentemente, reina nas relações conjugais ou familiais provém do mesmo tipo de agenciamento **libidinal** que aquele existente no campo social. Inversamente, não é absurdo abordar um certo número de problemas sociais em grande escala, por exemplo os do burocratismo e do fascismo, à luz de uma micropolítica do desejo. [...]

Uma análise política que se pretendesse inseparável de uma política da análise só poderia recusar-se a deixar subsistir o corte tradicional entre os grandes conjuntos sociais e os problemas individuais, familiais, escolares, profissionais, etc. Não mais se trataria de reduzir mecanicamente a problemática das situações concretas a uma simples alternativa das classes ou de campos e de pretender encontrar todas as respostas, a partir de um partido revolucionário único, depositário central da verdade teórica e prática. Portanto, uma micropolítica do desejo não mais se proporia a representar as massas e a interpretar suas lutas. Isso não quer dizer que ela condene, *a priori*, toda ação de partido, toda ideia de linha, de programa, ou mesmo de centralismo; mas ela se esforça para situar e relativizar sua ação, em função de uma prática analítica, opondo-se passo a passo aos hábitos repressivos, ao burocratismo, ao **maniqueísmo** moralizante que contaminam atualmente os movimentos revolucionários. Deixaria de se apoiar em um objeto transcendente para ter segurança; não mais se centraria num só ponto: o poder de Estado – a construção de um partido representativo capaz de conquistá-lo, no lugar das massas. Ela investiria, ao contrário, uma multiplicidade de objetivos ao alcance imediato dos mais diversos conjuntos sociais. É a partir do acúmulo de lutas parciais – e esse termo já é um equívoco, pois elas não são parte de um todo já constituído – que poderiam desencadear-se lutas coletivas de grande envergadura.

GUATTARI, Félix. Micropolítica do fascismo. *In*: *Revolução molecular*: pulsações políticas do desejo. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 174-176.

libidinal: relativo à libido, à energia de natureza sexual, ao desejo.

maniqueísmo: doutrina segundo a qual o bem e o mal são totalmente autônomos um do outro, estando em luta constante.

Atividades

Não escreva no livro

1. Com base no texto 1, responda:
   - **a)** De que maneira um governo totalitário pode fazer uso dos preconceitos?
   - **b)** Por que não é possível encontrar receitas para libertar-se de preconceitos?
2. Inspirado pelo texto 2, responda:
   - **a)** Em que sentido, para o autor, uma política que se dirige ao desejo, às questões individuais, é uma política?
   - **b)** Qual é a utilidade da análise micropolítica feita sobre a práxis política?
   - **c)** De que forma as lutas parciais, micropolíticas, poderiam desencadear lutas de grande porte, macropolíticas?
3. Pesquise um exemplo de preconceito em uma notícia de jornal ou alguma outra mídia. Faça uma análise sobre a pessoa ou o grupo que sofreu o preconceito e a pessoa ou o grupo que agiu de forma preconceituosa.

   A partir disso, analise:

   - O preconceito aparece de forma explícita ou de forma velada, nas entrelinhas?
   - O preconceito pode ser compreendido como um ato micropolítico? Por quê?
   - A ação contra o preconceito pode ser micropolítica ou precisa ser macropolítica?

   Com base nas conclusões, organizem-se em trios e escrevam um texto coletivo, expondo-o.

1. a) Um governo totalitário pode fazer uso do preconceito de modo extracotidiano, incitar o ódio e a aversão de um grupo de indivíduos contra outro, recorrer à particularidade individual contra a práxis orientada no sentido humano-genérico. Ele o faz seja para manter seus interesses e a ordem do poder vigente, seja para mobilizar a seu favor indivíduos de uma mesma sociedade que representem interesses antagônicos.

1. b) Segundo Heller, na maioria dos casos, somente depois de ocorrer uma situação que envolve preconceito é que nos damos conta do caráter preconceituoso daquilo que parecia ser uma opinião. Além disso, com frequência, somos incapazes de reconhecer o momento histórico emergencial no qual nossas ideias não preconceituosas tornam-se preconceitos.

2. a) Para Guattari, uma política que se dirige ao desejo e às questões individuais é uma política na medida em que é uma microfísica do desejo, isto é, uma análise que busca a política dirigida no desejo do indivíduo e dos pequenos grupos sociais.

2. b) A utilidade da análise micropolítica consiste em situar as ações de transformação social com base em um objetivo transcendente e único, em objetivos múltiplos e de alcance imediato dos mais diversos grupos sociais. Sua utilidade consiste também em relativizar essas ações de transformação, opondo-se à repressão, ao burocratismo e ao maniqueísmo nos movimentos sociais vigentes.

2. c) Segundo Guattari, as lutas micropolíticas evitam a centralização da ação política em um ponto único, uma luta única (partido político, sindicato, etc). Elas privilegiam uma análise que aponta as grandes lutas no acúmulo de pequenas lutas cotidianas (ações pessoais ou coletivas, nos âmbitos privado e público), protagonizadas por indivíduos e grupos sociais diversos.

3. O resultado é pessoal, a depender da pesquisa realizada. Espera-se que os estudantes sejam capazes de analisar o preconceito como um ato micropolítico, uma vez que se processa no cotidiano das pessoas, nos atos mais básicos do dia a dia. Seu combate, por outro lado, precisa ser ao mesmo tempo micropolítico, com ações transformadoras das atitudes, e macropolítico, com a criação de leis e de políticas públicas que possam induzir e estimular tais mudanças de atitude.

UNIDADE 5

Problemas contemporâneos: epistemologia e estética

A partir do século XVI, a separação da ciência de outras formas do conhecimento na Europa marcou a entrada do mundo na modernidade. Áreas como Física e Química avançaram na busca por leis universais da natureza, impulsionando inovações técnicas. As humanidades adotaram a imparcialidade e a objetividade dessas ciências para investigar o ser humano, apesar de sua natureza histórica e cultural.

Os avanços tecnológico e científico, impulsionados pelo capitalismo, aumentaram a interferência humana na natureza, melhorando áreas como Medicina e indústria, mas também gerando catástrofes como a bomba atômica e problemas ambientais graves.

Hoje, a ciência está ligada ao desenvolvimento tecnológico, influenciada por superpotências políticas e econômicas. A tecnociência muitas vezes prejudica o ambiente, a liberdade e a democracia. Pensadores contemporâneos discutem questões filosóficas relacionadas a bioética, meio ambiente, comunicação e política.

1. Espera-se que os estudantes sejam capazes de indicar que o pintor representa os cogumelos resultantes das explosões atômicas como cabeças humanas, mostrando com isso o poder do conhecimento humano na transformação do mundo, mas também podendo implicar sua destruição.

2. A esfinge é a entidade mitológica que afirmava a qualquer um que cruzasse com ela: "Decifra-me ou te devoro". Dalí parece estar querendo dizer que o conhecimento atômico no século XX, que tanto poderia trazer progresso quanto uma destruição sem precedentes, era a nova encruzilhada na qual se encontrava a humanidade.



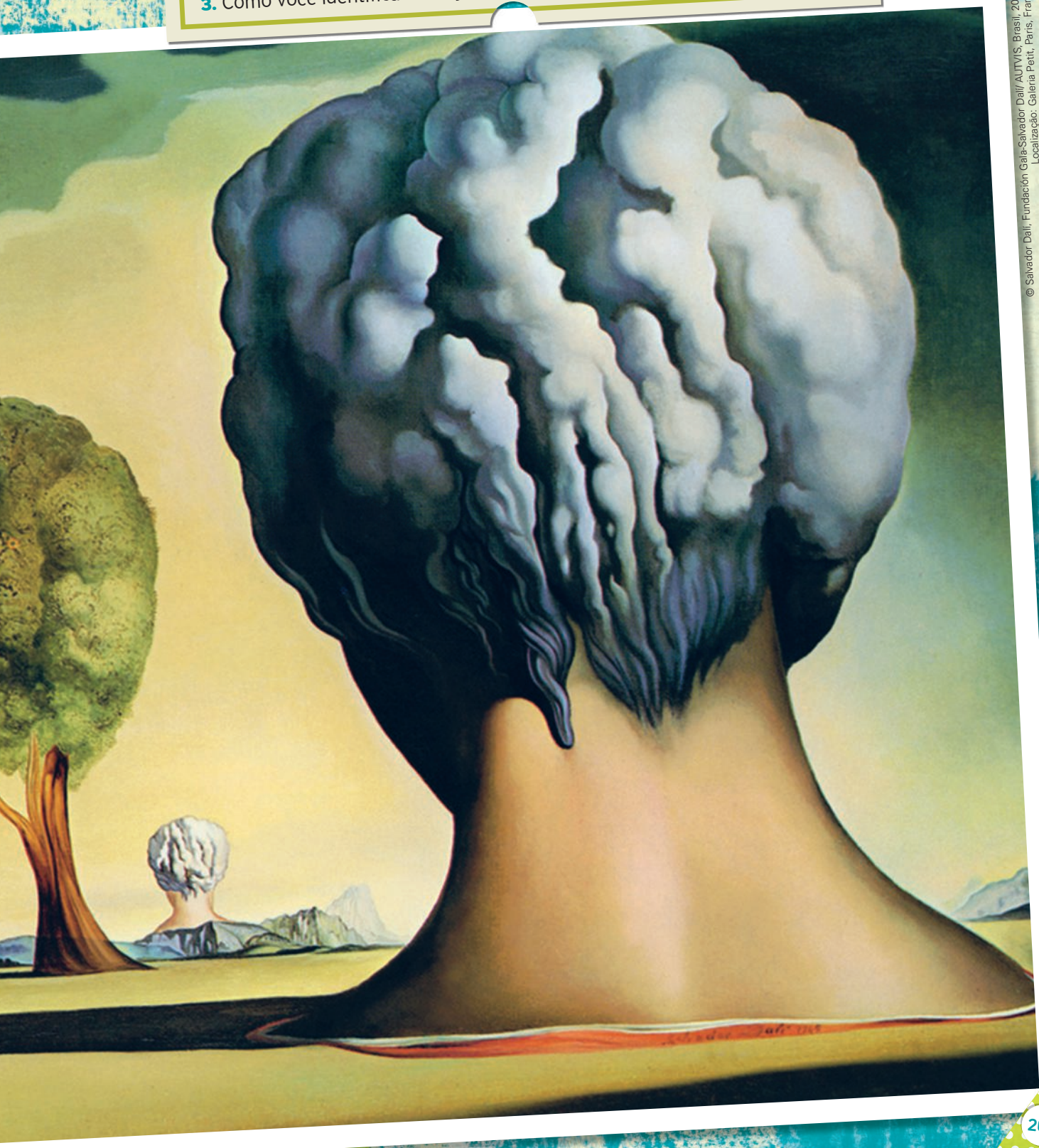
As três esfinges de Bikini, óleo sobre tela de Salvador Dalí, 1947. 30 × 50 cm.

1. A tela de Salvador Dalí faz alusão aos testes atômicos no atol de Bikini, realizados pelos Estados Unidos nas décadas de 1940 a 1950. A partir dessa informação, como você interpreta a pintura?

2. O título da tela de Dalí, *As três esfinges de Bikini*, pode ser compreendido como?

3. Como você identificaria os grandes desafios da ciência em nossos dias?

3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes sejam capazes de apresentar aquilo que pensam a respeito (avanços médicos, ferramentas de trabalho, etc.).



© Salvador Dalí, Fundación Gala-Salvador Dalí/ AUTVIS, Brasil, 2024.
Localização: Galeria Petit, Paris, França.

CAPÍTULO 12

Desafios epistemológicos contemporâneos: quais os limites da ciência?

Assim como a Arte e a Filosofia, a ciência caracteriza-se por investir em um pensamento crítico e criativo, produzindo novos saberes. O conhecimento científico afirma sua validade por meio de métodos e da análise de dados, buscando aproximar-se cada vez mais da verdade. No entanto, a afirmação da racionalidade científica como base única para as decisões humanas também pode trazer alguns problemas sociais.

O filme *Gattaca: a experiência genética* (1997) mostra uma sociedade do futuro na qual a ciência controla a humanidade. Os seres humanos dominam as viagens espaciais, mas somente aqueles que são considerados geneticamente perfeitos podem viajar. O conhecimento da Genética permite saber, desde o nascimento, o que uma pessoa pode ou não fazer, determinando seu perfil e suas possibilidades de vida. Nessa sociedade, embora o conhecimento científico tenha melhorado radicalmente a vida humana, o comportamento das pessoas sofre com um controle absoluto.

Considerando a aventura da vida humana, sempre enfrentando desafios e superando limites, a sociedade mostrada no filme não seria a negação da parte mais humana que há nas pessoas, que é o fato de determinarmos a nós mesmos? O escritor francês **François Rabelais** (1494-1553), ainda no século XVI, afirmou que "ciência sem consciência não é senão a ruína da alma". Conhecer por conhecer é perder a humanidade, colocando-a a serviço do conhecimento, e não o contrário.



Cena do filme *Gattaca: a experiência genética* (1997).

Moviestore/Shutterstock

Cientificismo e neutralidade da ciência

Séculos depois de Rabelais, estudando a lógica do funcionamento da ciência, o filósofo **Jean Ladrière** (1921-2007) afirmou que ela tende a constituir-se como um sistema autônomo e fechado em si mesmo, no qual a regra que vale é a do conhecimento pelo conhecimento. Em outras palavras: devemos sempre conhecer cada vez mais, não importando se as consequências desse conhecimento serão boas ou más.

No século XVII, com a ciência de **Galileu Galilei** (1564-1642) e a filosofia de **René Descartes** (1596-1650), formou-se uma maneira inteiramente nova de pensamento. O período que seguiu daí até pelo menos meados do século XX ficou conhecido como **modernidade.** Essas mudanças se originaram no âmbito da ciência, mas se espalharam por todos os campos do pensamento, formando uma nova visão de mundo, que coloca o sujeito do conhecimento no centro das preocupações filosóficas.



Reprodução/Biblioteca Harold B. Lee, Universidade Brigham Young, Provo, EUA

Ilustração de instrumento desenvolvido para calcular a distância entre as órbitas dos planetas. Desenho de Johannes Kepler, 1597. As descobertas astronômicas do início da modernidade deram novo impulso à ciência e à Filosofia, cada vez mais confiantes nas possibilidades da razão. Johannes Kepler (1571-1630), por exemplo, propôs a ideia de que a distância entre as órbitas dos planetas então conhecidos era determinada por formas geométricas perfeitas, como mostra esta ilustração.

Na modernidade, passou-se a considerar que tudo o que pode ser representado intelectualmente pode ser conhecido. Por meio do uso justo da razão e do método correto, acreditava-se que o conhecimento humano podia ser ampliado indefinidamente. Embora alguns objetos sejam mais difíceis de serem conhecidos porque são mais difíceis de serem representados, com o aprimoramento dos meios de aquisição de conhecimento eles poderão tornar-se familiares ao ser humano.



Antônio Albuquerque/Núcleo de Memória da PUC-Rio

Jean Ladrière (1921-2007)

Filósofo e lógico belga, foi professor na Universidade Católica de Louvain, Bélgica. Dedicou-se a estudar a razão científica e a razão filosófica, articulando-as com a fé cristã. Escreveu vários livros, destacando-se: *Os desafios da racionalidade* (1977); *A ética no universo da racionalidade* (1997); e *O tempo do possível* (2004).

Jean Ladrière. Fotografia de 1979.

Trabalhando com Lógica

De acordo com a lógica clássica, há três princípios fundamentais, que se articulam entre si e que servem de base para toda construção correta do pensamento. São eles:

- **princípio da identidade:** toda coisa é idêntica a si mesma. A afirmação "A = A" (e não que "A = B") permite afirmar a unidade de uma coisa, indicando que ela é sempre igual a si mesma e nunca igual a outras coisas.
- **princípio da não contradição:** uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo. Se afirmo que uma coisa é "p", não posso, ao mesmo tempo, afirmar que ela é "não p" (~p).
- **princípio do terceiro excluído:** uma coisa é ou não é, não havendo uma terceira possibilidade. Uma proposição sempre pode ser classificada como verdadeira ou como falsa, não havendo um terceiro valor que lhe possamos atribuir.

Comte e o positivismo

Essa mudança de visão de mundo na modernidade conduziu a formas diferentes de pensamento. Entre essas formas, encontra-se o cientificismo, a tendência a valorizar excessivamente a ciência. O cientificismo considera que somente os conhecimentos científicos são válidos e passa a aplicar as noções científicas a todos os campos da vida humana. Essa perspectiva teve origem no positivismo, corrente filosófica criada por **Auguste Comte** no século XIX.

Segundo Comte, a visão científica é aquela que consegue explicar a natureza pela própria natureza, sem recorrer a fatores externos. É uma visão madura, pois só se realiza pela investigação e pela experimentação, que levam à descoberta das relações de causa e efeito entre os fenômenos.

O princípio básico do positivismo foi denominado por Comte como a "lei dos três estados":

- **estado teológico**: o ser humano explica os fenômenos da natureza como resultado de forças divinas e sobrenaturais;
- **estado metafísico**: os deuses são substituídos por forças abstratas, como a filosofia;
- **estado positivo**: o estágio mais evoluído da humanidade, no qual a ciência é a guia mestra do desenvolvimento da humanidade em seu estágio de maturidade.



Reprodução/Coleção particular

Auguste Comte, litografia de Johan Hendrik Hoffmeister, 1851. Dimensões não informadas.

Auguste Comte (1798-1857)

Filósofo francês, criador do positivismo, foi aluno da Escola Politécnica de Paris. Acreditava que os problemas sociais deveriam ser tratados cientificamente e organizou o ramo da ciência dedicado a estudá-los: a Sociologia. Entre suas obras, destacam-se: *Curso de filosofia positiva* (6 volumes, publicados entre 1830 e 1842); *Sistema de política positiva* (4 volumes, publicados entre 1851 e 1854).

A necessidade de uma "física social"

Comte defendia a necessidade de uma **física social**. Assim como a física natural se constrói em torno do conceito de gravitação, Comte considerava que a sociedade deveria se organizar por meio do conceito de ordem, pois somente com ordem poderia haver progresso.

A preocupação social de Comte recebeu grande influência de **Saint-Simon**, de quem foi secretário durante muitos anos. Saint-Simon é considerado um dos fundadores do socialismo, embora seja apresentado como um "socialista utópico", pois acreditava que o socialismo seria alcançado somente pelo convencimento das pessoas, e não por uma crítica ao sistema capitalista que indicasse meios para a transformação da realidade, como Marx e Engels fizeram posteriormente.



www.slon.pics/freepik

A atual bandeira do Brasil, com destaque ao dístico "Ordem e Progresso".

No positivismo de Comte, só pode haver progresso quando uma sociedade é coesa, com as diferentes classes vivendo em harmonia com as demais, sem provocar conflitos, mantendo a ordem. Somente uma sociedade organizada pode progredir e os frutos do progresso serão para todos.

No detalhe

Não escreva no livro

A bandeira brasileira foi criada em 1889, após a Proclamação da República. O dístico "Ordem e Progresso" é inspirado no positivismo de Auguste Comte, cujo lema era: "O amor como princípio, a ordem como base, o progresso como fim". Várias tentativas de incluir a palavra "amor" em nossa bandeira já foram feitas, sem sucesso. A bandeira evidencia a influência do pensamento positivista no movimento republicano brasileiro.

- De que modo a expressão "ordem e progresso" evidencia o princípio de coesão social?



Reprodução/Biblioteca do Arsenal, Paris, França.

Retrato de Claude-Henri de Rouvroy, conde de Saint-Simon, óleo sobre tela de Hippolyte Ravergie, 1848. Dimensões não informadas.

Claude-Henri de Rouvroy, conde de Saint-Simon (1760-1825)

Filósofo e economista francês de família aristocrática, Saint-Simon foi para a América em 1779, tendo participado da Guerra de Independência dos Estados Unidos. Sua obra esteve voltada para uma reforma social, pensada em princípios científicos. Alguns de seus livros foram escritos em parceria com Auguste Comte, que foi seu secretário durante anos.

De sua obra, destacam-se: *Introdução aos trabalhos científicos do século XIX* (1807-1808); *Sistema industrial* (1821); e *Catecismo dos industriais* (1823-1824). Deixou inacabada a obra *O novo cristianismo*.

Carrossel de imagens

As fotografias revelam o potencial destrutivo e, ao mesmo tempo, criativo da energia nuclear. Na primeira imagem, vê-se a cidade de Hiroshima completamente destruída após o impacto da bomba atômica. Na segunda, vamos uma usina nuclear em funcionamento, com grande capacidade para geração de energia elétrica.

Neutralidade científica: há limites para a ciência?

A posição cientificista do século XIX se caracterizou pela defesa da neutralidade da ciência, ou seja, da ideia de que os conhecimentos científicos não são bons nem maus em si mesmos. É a aplicação desses conhecimentos que pode resultar em algo bom ou ruim. Assim, a produção do conhecimento pela ciência deve obedecer à regra "saber cada vez mais". A aplicação dos conhecimentos fica a cargo da tecnologia, que se utiliza deles para criar usos práticos, e são essas aplicações que podem ser avaliadas, e não os conhecimentos.

Um exemplo é o desenvolvimento da Física nuclear. O estudo dos átomos e das partículas subatômicas foi e continua sendo realizado pelo desejo e pela necessidade do ser humano de conhecer e explicar a natureza. Esse conhecimento pode ser aplicado a uma série de coisas. O conhecimento sobre a **fissão** e a fusão atômicas, por exemplo, pode ser aplicado à produção de energia, para a Medicina e para pesquisas agrícolas. Atualmente vários países dependem de usinas nucleares para gerar energia elétrica, ainda que essa fonte de energia apresente riscos de contaminação do ambiente e das pessoas.

O mesmo conhecimento de Física nuclear usado para geração de energia também pode ser aplicado na construção de armas de destruição em massa, como bombas e mísseis nucleares. O fato de que esse conhecimento pode resultar na fabricação de armas de destruição em massa, porém, não significa que ele seja um conhecimento ruim, que deve ser proibido.

fissão: separação; na fissão nuclear, ocorre a quebra do núcleo do átomo.

No detalhe

Nas duas fotografias, vemos o contraste no uso da energia nuclear: de um lado, sua potência destruidora; de outro, sua potência de gerar energia elétrica.

- Como compreender esse contraste no uso do mesmo conhecimento científico a partir das imagens a seguir?

Não escreva no livro

Everett Collection/Shutterstock



Destroços da cidade de Hiroshima, no Japão, após o impacto da bomba atômica lançada sobre a cidade. Fotografia de 1945.

Tales Azzi/Pulsar Imagens



Usina Nuclear Angra 2, na cidade de Angra dos Reis (RJ). Fotografia de 2023. A instalação é capaz de atender ao consumo energético de uma cidade de 2 milhões de habitantes.

A tecnociência e algumas de suas consequências

A partir da segunda metade do século XX, a noção de neutralidade da ciência começou a ser criticada, em virtude da estreita relação que existe entre o conhecimento científico e a sua aplicação.

Na sua origem, a ciência moderna foi impulsionada pela vontade humana de conhecer a natureza cada vez mais a fundo. Porém, desde o século XIX, sua principal motivação tem sido a possibilidade de aplicação e utilização desse conhecimento. Passou-se a falar em "ciência e tecnologia" e, depois, em **tecnociência** para caracterizar esse tipo de conhecimento.

Grande parte das principais conquistas tecnológicas do século XX provém de pesquisas feitas em épocas de guerra, quando altos investimentos financeiros em pesquisa são realizados, motivados por interesses geopolíticos. No caso da energia nuclear, por exemplo, foram as pesquisas para a construção da bomba atômica que possibilitaram o estudo e o controle de partículas subatômicas para a geração de energia elétrica.

A informática e as telecomunicações, que tiveram grandes avanços na segunda metade do século XX, também foram beneficiadas por pesquisas feitas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a Guerra Fria (1947-1991), assim como diversas aplicações tecnológicas que hoje facilitam nosso dia a dia, como o forno de micro-ondas.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Tecnociência

Se a ciência diz respeito ao conhecimento, à teoria, a técnica refere-se a um saber prático, a algo que pode ser aplicado. O conceito de tecnociência evidencia que esses dois polos não podem ser separados. Todo conhecimento terá uma aplicação. E muitas vezes o conhecimento teórico é a resposta para uma coisa prática, que motivou sua construção.

- Por que o termo "tecnociência" é mais apropriado que a distinção entre ciência e tecnologia?

Ele é mais apropriado porque deixa evidente que todo conhecimento tem uma aplicação prática e que a ciência não pode ser separada da tecnologia e vice-versa.

Favoritos



Reprodução/Syncopy Inc./Atlas Entertainment

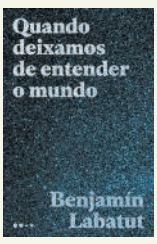
Oppenheimer, EUA, 2023. Direção: Christopher Nolan (180 min).

Cinebiografia do físico J. Robert Oppenheimer, diretor do Projeto Manhattan, que desenvolveu a bomba atômica. No filme, é possível acompanhar os esforços de um grupo de cientistas para desenvolver a bomba, como resultado dos estudos de Física teórica, assim como os conflitos éticos e políticos vividos por eles.

Favoritos

Quando deixamos de entender o mundo. Benjamín Labatut. São Paulo: Todavia, 2022.

Série de narrativas romanceadas em torno das vidas de alguns cientistas do século XX que levaram o conhecimento às últimas consequências, de modo a produzir a visão de um mundo tão complexo que já não podemos compreender.



Reprodução/Todavia

Alguns problemas ambientais como consequência dos avanços tecnocientíficos

O Brasil é um dos maiores extratores de minério de ferro do mundo, mas a produção e a tecnologia envolvidas nessa atividade são controladas por empresas privadas. Esse minério é matéria-prima do aço, utilizado em larga escala para as mais diversas aplicações, desde a fabricação de ferramentas e máquinas até a construção de edifícios.

Em 2015, aconteceu um rompimento da barragem de rejeitos de mineração em Bento Rodrigues, distrito de Mariana, Minas Gerais. A destruição foi grande. A enxurrada de lama ocasionou mortes, devastou distritos próximos e atingiu o rio Doce em toda sua extensão. Para muitos, trata-se do maior desastre ambiental já ocorrido no país. Em 2019, novo acidente, também em Minas Gerais, desta vez em uma barragem no município de Brumadinho, causou devastação, mortes e contaminação de rios da região.

Uma das questões que precisamos avaliar é que, com o advento da ciência e, depois, da tecnociência, ocorreu um distanciamento do mundo humano em relação à natureza. O pensamento moderno, desde Descartes, no século XVII, marca esse distanciamento, baseado na compreensão de que a natureza é algo de que o ser humano pode dispor para seu bem-estar. Durante séculos, isso foi possível. Porém, agora, começamos a sentir as consequências.

Mauricio Simonetti/Pulsar Imagens



Área habitacional atingida pela lama, após o rompimento de barragem de Mariana, em Minas Gerais, 2015. Fotografia do mesmo ano.

ILANA LANSKY/Shutterstock



Vista aérea da região atingida pelo rompimento da barragem em Brumadinho, em Minas Gerais, 2019. Fotografia do mesmo ano.

No detalhe

Não escreva no livro

- Considerando os desastres provocados pelo rompimento das barragens, o que podemos concluir ao observar as duas fotografias?

Pode-se concluir que esse tipo de desastre ambiental provoca danos humanos e materiais, como vemos na primeira foto, em que toda uma comunidade teve suas casas destruídas e seus pertences, perdidos, além da morte de pessoas soterradas. Contudo, também provoca danos ambientais, como podemos perceber na segunda foto, mudando toda a paisagem, provocando assoreamento de rios e lagos, assim como a contaminação das águas, matando peixes e outros animais e, com isso, interferindo em toda a forma de vida na região.

O pensamento ameríndio e uma mudança de perspectiva

O pensamento **ameríndio** tem uma perspectiva radicalmente diferente daquela do pensamento científico moderno. Entre os diversos grupos étnicos dos povos que habitam o território brasileiro, a relação entre ser humano e natureza é compreendida de uma perspectiva integrativa, com uma concepção de que o ser humano é parte da natureza, não podendo ser separado dela.

ameríndio: indígena natural das Américas.

O antropólogo **Eduardo Viveiros de Castro** (1951-) desenvolveu a teoria do perspectivismo para analisar os discursos indígenas no que se refere às suas diferenças em relação aos discursos europeus modernos, marcados pelo cristianismo. Ele faz uma espécie de tradução da cosmologia indígena para o discurso acadêmico, partindo de uma divisão de dois mundos: o mundo do colonizador branco e o mundo indígena.

No mundo do branco, nada é humano, exceto nós mesmos. Sabemos que somos animais, mas há alguma coisa que nenhum outro animal tem: a humanidade. Assim, seríamos a "espécie eleita", sozinhos no mundo. Já no mundo indígena, a condição humana perpassa todo o universo: os animais também são gente e estariam com uma espécie de roupa, que esconde sua alma humana.

Assim falou **Ailton Krenak**

Um tempo antes do tempo

Acredito que nossa ideia de tempo, nossa maneira de contá-lo e de enxergá-lo como uma flecha – sempre indo para algum lugar –, está na base do nosso engano, na origem de nosso deslocamento da vida. Nossos parentes Tukano, Desana, Baniwa contam histórias de um tempo antes do tempo. Essas narrativas, que são plurais, os maias e outros ameríndios também têm. São histórias de antes de este mundo existir e que, inclusive, aludem à sua duração. A proximidade com essas narrativas expande muito nosso sentido de ser, nos tira o medo e também o preconceito contra os outros seres. Os outros seres são junto conosco, e a recriação do mundo é um evento possível o tempo inteiro.

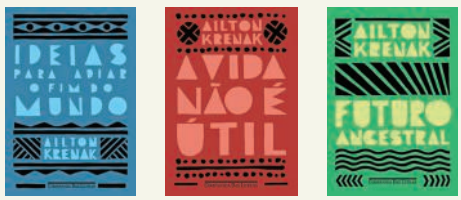
KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 70-71.

Favoritos

Ideias para adiar o fim do mundo. Ailton Krenak. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

A vida não é útil. Ailton Krenak. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Futuro ancestral. Ailton Krenak. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.



Reprodução/Companhia das Letras

Nesses livros do filósofo Ailton Krenak, encontramos um pensamento original, com uma aguda reflexão sobre a condição humana no Brasil contemporâneo. Muitas de suas observações são atravessadas pela pandemia da covid-19, que evidenciou o desequilíbrio em nossa visão de mundo herdada dos colonizadores europeus.

O humano integrado

A perspectiva ameríndia afirma que toda a natureza tem algo de humano. Pensemos em uma onça: para os brancos, as onças são apenas animais. Para os indígenas, elas também possuem uma humanidade, de modo que as onças poderiam nos ver como porcos-do-mato, como comida. Ora, na perspectiva da onça, se nós comemos porcos-do-mato e ela nos come, nós somos porcos-do-mato. Podemos imaginar a perspectiva da onça por meio do xamã, que é o responsável por transitar entre as barreiras corporais das espécies, administrando as subjetividades dos animais e dos seres humanos, assumindo o papel de interlocutor no diálogo entre eles.



David Havel/Shutterstock

Onça-pintada próximo ao rio Amazonas. Fotografia de 2023.

Davi Kopenawa (1956-), xamã e líder yanomami, diz que o livro que escreveu com o antropólogo **Bruce Albert** (1952-), *A queda do céu*, é o livro da floresta. Ele foi escrito para que o povo branco aprendesse a respeitar a floresta. Os Yanomami acreditam que a floresta é uma entidade viva e que é parte de uma dinâmica que permite o intercâmbio entre humanos e não humanos. Ele diz ainda que a floresta é inteligente e tem seu próprio pensamento.

Os problemas ambientais, como os citados, são, portanto, provocados por uma separação entre seres humanos e natureza. Ao agir sobre a natureza pensando somente em nosso benefício imediato, deixamos de ver o mal que causamos ao corpo natural, que por sua vez reage, provocando problemas para nós. A perspectiva ameríndia nos ajuda a tentar começar a ver o mundo de outra forma, o ser humano integrado aos demais seres, animais e vegetais, assim como com o próprio planeta como entidade viva.

Retome

Não escreva no livro

1. Explique a noção de tecnociência.
2. Como o pensamento ameríndio pode nos ajudar a superar os problemas produzidos pela tecnociência?

1. Tecnociência diz respeito ao conhecimento científico produzido em um contexto atual, no qual ciência e tecnologia, isto é, conhecimentos científicos e sua aplicação, não são mais compreendidos como coisas separadas. Esse conceito, portanto, vai contra a noção de neutralidade da ciência, baseada na afirmação da existência da separação.

2. O pensamento ameríndio ajuda com uma mudança radical de perspectiva, pois o ser humano deixa de ser visto como afastado da natureza para ser compreendido como parte dela. Assim, qualquer ação humana terá reflexos na natureza e vice-versa. Se pensarmos assim, teremos que agir com muito mais cuidado, sem pensar somente nos benefícios humanos imediatos, mas avaliando como nossas ações interferirão no mundo como um todo.

A ambiguidade do avanço tecnológico

As tecnologias são inerentemente ambíguas, trazendo tanto benefícios para a humanidade quanto novos desafios. Geralmente, elas representam ganhos em termos de qualidade de vida e eficiência produtiva, mas também podem causar danos ambientais, sociais e éticos.

INDÚSTRIAS

As indústrias tornaram a humanidade capaz de produzir bens em larga escala, mas também causam poluição e esgotam recursos naturais.



Livros expostos na Bienal do Livro. São Paulo, 2022.



Fábrica de papel emitindo gases poluentes. São Paulo, 2024.

AGRICULTURA INTENSIVA

Aumenta a produção de alimentos com tecnologia e insumos químicos, mas pode gerar danos ao meio ambiente, como a degradação do solo e a poluição da água.



Colheita mecanizada de soja em Mato Grosso, 2023.



Área desmatada para plantação de soja em Mato Grosso, 2023.

TECNOLOGIA NUCLEAR

Representou enormes avanços em áreas como a Medicina e a produção de energia, mas gerou a proliferação de armas nucleares.



Usina nuclear em Angra dos Reis. Rio de Janeiro, 2022.



Bomba atômica detonada no atol de Bikini, pelos Estados Unidos, em teste militar, 1946.

Infográfico: Bruna Ishihara/Arquivo da editora; Imagens: Binhasha/Shutterstock, rafaelnlins/Adobe Stock, Marcus Mesquita/Shutterstock, Fabricio Araujo/Shutterstock, kristi kugali/Shutterstock, Erop Eropoe/Adobe Stock, Freepik

Não escreva no livro

1. Considerando o infográfico, dê mais dois exemplos de ambiguidade do avanço tecnológico.
2. O *smartphone* é um importante fruto do avanço tecnológico. Em grupo, reflita sobre o caráter ambíguo dessa tecnologia. Leia as respostas no Manual do Professor.

Ciência e poder na contemporaneidade

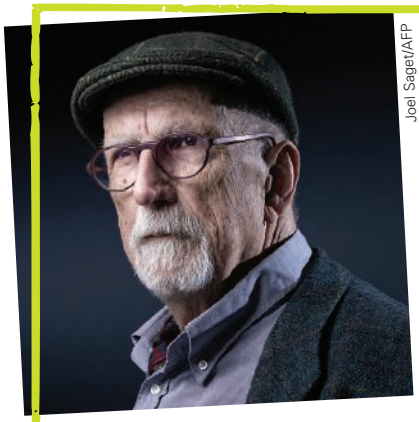
Os desafios contemporâneos para a ciência e o conhecimento vêm sendo analisados sob várias perspectivas. Uma delas é a do filósofo francês **Bruno Latour**, que faz uma dura crítica ao afirmar que a modernidade, da qual o Ocidente tanto se orgulha, nunca deixou de ser apenas um projeto, isto é, nunca se realizou de fato.

Segundo ele, o **projeto da modernidade** era separar radicalmente a **natureza** da **cultura** e a ciência da política. Em outras palavras, esse projeto pretendia separar o científico (que é racional e pode ser demonstrado por leis naturais) do social. Caberia aos cientistas o conhecimento, a compreensão e a gestão da natureza, ficando sob a responsabilidade dos políticos a gestão da sociedade.

Latour afirma que essa divisão de tarefas nunca se materializou, porque todo conhecimento novo se forma em uma sociedade específica por meio de indivíduos imersos nessa sociedade e interfere diretamente na vida dessa sociedade – portanto, a ciência é também social, cultural e política.

Como não é possível separar o "humano" do "não humano", o conhecimento não pode ser classificado como apenas social ou apenas científico. Os conhecimentos são "híbridos", conforme os denomina Latour.

Como exemplos de híbridos, Latour cita o buraco na camada de ozônio, o congelamento de embriões para a retirada futura de células-tronco, a poluição dos rios e as pesquisas da cura para a aids. Esses temas podem ser estudados somente por uma ciência, isoladamente, ou por um projeto interdisciplinar? Latour lembra que esses temas envolvem também aspectos sociais, econômicos e políticos que precisam ser levados em conta.



Joel Saget/AFP

Bruno Latour (1947-2022)

Filósofo, sociólogo e antropólogo francês, foi professor no Centro de Sociologia da Inovação da École Nationale Supérieure des Mines, em Paris, França, e dirigiu um projeto no Institut d'Etudes Politiques, da mesma cidade. Entre seus vários livros, destacam-se: *Jamais fomos modernos* (1991); *A esperança de Pandora* (1999); *Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas* (2010); e *Pesquisa sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos* (2012).

Bruno Latour. Fotografia de 2021.

Conhecimento e poder

Como vimos, a ciência deixou de ser movida pela vontade de conhecer e passou a se guiar pelas possibilidades de aplicação. Portanto, não é possível separarmos, segundo Latour, a produção do conhecimento do exercício do poder.

Recorrendo a uma metáfora mitológica, Latour afirma que toda a curiosidade que moveu a ciência no século XX fez esgotarem-se os males que escaparam da **caixa de Pandora**. Assim, tendo experimentado todos os males, podemos agora encontrar aquilo que restou no fundo da caixa: a esperança. Para isso será necessário criar um novo modo de fazer ciência, dessa vez, sem que se busque a separação entre ela e a política.

Caixa de Pandora

Na mitologia grega, Pandora foi a primeira mulher, criada por Hefesto e Atena a mando de Zeus. Cada um dos deuses deu a ela um atributo, para que pudesse ser usada em um plano arquitetado por Zeus. O objetivo era vingar-se de Prometeu, que roubara dos deuses a chama da inteligência e a concedera aos humanos. Como Prometeu (cujo nome significa "aquele que vê antes", "que prevê", "é prudente") recusou o presente, Zeus ofereceu-o a seu irmão, Epimeteu (cujo nome significa "aquele que vê depois", "o imprudente").

Encantado com a beleza de Pandora, Epimeteu aceitou-a e casou-se com ela. Zeus presenteou-o também com uma caixa, mas o alertou de que ela nunca deveria ser aberta. No entanto, a curiosidade de Pandora levou-a a abrir a caixa, da qual escaparam todos os males do mundo (a dor, a tristeza, a insatisfação, etc.). No fundo da caixa restou apenas a esperança.

Pandora, óleo sobre tela de Dante Charles Gabriel Rossetti, 1871. 128,2 × 77,4 cm.



Reprodução/Coleção particular

Retome

Não escreva no livro

- Que relações podemos estabelecer entre ciência e política?

É possível estabelecer várias relações entre ciência e política. Neste capítulo, a relação mais forte entre esses saberes pode ser compreendida por meio do conceito de tecnociência. Com o avanço do conhecimento científico ao longo dos séculos XIX e XX, a aplicação bélica das descobertas da Química e da Física deu, por exemplo, aos países totalitários e às superpotências capitalistas um poder de destruição sem precedentes na História.

Trabalhando com

crônica

Os limites do conhecimento

Interdisciplinaridade
com Língua Portuguesa

Talvez a grande lição da contemporaneidade seja que a ciência e o conhecimento sempre envolvem novas possibilidades e reflexões, não somente sobre o que se conhece, mas também sobre como e a que preço se conhece. Essas ideias são discutidas de forma divertida e irônica na crônica do físico **Marcelo Gleiser** (1959-) reproduzida adiante.

Sob o impacto do anúncio da descoberta do "bóson de Higgs", uma partícula subatômica prevista pela Física contemporânea e detectada em experimentos em 2012, Gleiser cria um diálogo hipotético entre o filósofo grego Aristóteles e o físico contemporâneo **Peter Higgs** (1929-2024). A descoberta de Higgs lhe rendeu diversos prêmios, inclusive o Nobel de Física de 2013.

Aristóteles e Higgs: uma parábola etérea

Aristóteles e Peter Higgs entram num bar. Higgs, como sempre, pede o seu uísque de puro malte. Aristóteles, fiel às suas raízes, fica com um copo de vinho.

– Então, ouvi dizer que finalmente encontraram – diz Aristóteles, animado.

– É, demorou, mas parece que sim – responde Higgs, todo sorridente.

– Você acha que 40 anos é muito tempo? Eu esperei 23 séculos!

– Como é? – pergunta Higgs, atônito. – Você não acha que...

– Claro que acho! – corta Aristóteles. – Você chama de campo, eu de éter. No final dá no mesmo, não?

– De jeito nenhum! – responde Higgs, furioso. – O seu éter é inventado. Eu calculei, entende? Fiz previsões concretas.

– Vocês cientistas e suas previsões... – diz Aristóteles. – Basta ter imaginação e um bom olho. Você não acha que o meu éter é uma excelente explicação para o que ocorre nos céus?

– Talvez tenha sido há 2000 anos. Mas tudo mudou após Galileu e Kepler – diz Higgs.

Aristóteles olha para Higgs com desprezo.

– Você está se referindo a esse "método" de vocês, certo?

– O método científico, para ser preciso – responde Higgs, orgulhoso. – É a noção de que uma hipótese precisa ser validada por experimentos para que seja aceita como explicação significativa de como funciona o mundo.

– Significativa? A minha filosofia foi muito mais significativa para mais gente e por muito mais tempo do que sua ciência e o seu método.

– É verdade, Aristóteles, suas ideias inspiraram muita gente por muitos séculos. Mas ser significativo não significa estar correto.

– E como você sabe o que é certo ou errado? – rebate Aristóteles. – O que você acha que está certo hoje pode ser considerado errado amanhã.

– Tem razão, a ciência não é infalível. Mas é o melhor método que temos para aprender como o mundo funciona – responde Higgs.

– Nos meus tempos bastava ser convincente – reflete Aristóteles com nostalgia. – Se tinha um bom argumento e sabia defendê-lo, dava tudo certo – continuou. – As pessoas acreditavam em você, mas não era fácil. A competição era intensa!

– Posso imaginar – responde Higgs. – Ainda é difícil. A diferença é que argumentos não são suficientes. Ideias têm que ser testadas. Por isso a descoberta do bóson de Higgs é tão importante.

– É, pode ser. Mas no fundo é só um outro éter – provoca Aristóteles.

– Um éter bem diferente do seu – responde Higgs.

– E por quê? – pergunta Aristóteles.

– Pra começar, o campo de Higgs interage com a matéria comum. O seu éter não interage com nada.

– Claro que não! Era perfeito e eterno – diz Aristóteles.

– Nada é eterno – rebate Higgs.

– Pelo seu método, a menos que você tenha um experimento que dure uma eternidade, é impossível provar isso! – afirma Aristóteles.

– Touché, você me pegou – admite Higgs. – Não podemos saber tudo.

– Exato – diz Aristóteles. – E é aí que fica divertido, quando a certeza acaba.

– Parabéns pela descoberta do seu éter – diz Aristóteles.

– Existem muitos tipos de éter – afirma Higgs.

– E muitos tipos de bósons de Higgs – retruca Aristóteles.

– É, vamos ter que continuar a busca.

– E o que há de melhor? – completa Aristóteles, tomando um gole.

GLEISER, Marcelo. *Folha de S.Paulo*, Caderno Ciência, 29 jul. 2012. Disponível em: https://tedit.net/ure48d. Acesso em: 24 jul. 2024.

1. Podemos inferir a partir da crônica que os conhecimentos antigos eram baseados em uma suposição teórica e era preciso ser capaz de convencer as pessoas; já os conhecimentos científicos atuais são baseados no método e na capacidade de construir uma explicação correta daquilo que se observa. Mesmo com essas diferenças, ambas as perspectivas apresentam limites.

2. Sim, afirmar que não se pode saber tudo é assumir que o conhecimento tem limites. Mesmo um conhecimento que não tenha nenhuma aplicação prática está limitado pela capacidade de compreensão da humanidade. Mas, quando se afirma que é preciso continuar buscando, assume-se que a curiosidade e o impulso humano para o conhecimento são ilimitados; os seres humanos sempre querem saber mais e melhor.

3. A crônica nos permite pensar os avanços do conhecimento científico e sua tentativa de explicar o mundo da melhor maneira possível, permitindo que, por conhecer, sejamos capazes de fazer intervenções. Mas também nos diz sobre os limites do conhecimento. Por mais que conheçamos, nunca vamos saber tudo sobre todas as coisas.

Atividades

Não escreva no livro

1. O que a crônica nos diz sobre a diferença entre os conhecimentos antigos e os atuais?

2. Ao final da crônica, quando se afirma que "não podemos saber tudo", está sendo indicado um limite para o conhecimento? Então, qual o sentido em dizer que "vamos ter que continuar a busca"?

3. Como podemos relacionar o tema tratado na crônica com os assuntos desenvolvidos neste capítulo?

Galeria de atividades



Reprodução/ONU

1. Respostas pessoais. É fundamental que, nas respostas, seja possível identificar com clareza o problema a ser investigado, a justificativa e os objetivos da investigação. Se desejarem, os grupos também podem incluir uma metodologia que poderia ser utilizada.

1. O texto a seguir apresenta o tema da edição de 2018 do Prêmio Jovem Cientista:

> O Brasil possui um grande potencial de desenvolvimento a ser mais bem compreendido e lapidado. A palavra que melhor caracteriza essa condição é diversidade – de recursos naturais, de pessoas e de saberes. A pesquisa científica tem papel fundamental nesse processo, com décadas de aprendizados e soluções que avançam tanto no tema da conservação da natureza, quanto no desenvolvimento e na transformação da sociedade. São inovações fruto do esforço e da dedicação de brasileiros e brasileiras que fazem Ciência, empreendendo esforços para criar soluções para os problemas do país. Se a diversidade é a principal característica, também uma enorme variedade de soluções e tecnologias estão sendo pesquisadas em todo o Brasil. Por isso, o CNPq, a Fundação Roberto Marinho, a Fundação Grupo Boticário e o Banco do Brasil convidam os jovens de todo o país a compartilhar suas ideias e seus projetos na XXIX Edição do Prêmio Jovem Cientista, que nesta edição tem como tema "Inovações para Conservação da Natureza e Transformação Social".
>
> Segundo dados governamentais, o Brasil possui mais de 550 milhões de hectares de floresta, o que representa mais de 60% do território nacional. A produção florestal brasileira consolida gradativamente um importante mercado diretamente relacionado com o potencial da nossa biodiversidade. Em paralelo, porém, o desmatamento de milhões de hectares dos diversos biomas brasileiros ainda é uma grave questão a ser equacionada. [...] A busca por inovação na conservação dos nossos recursos naturais e na consolidação das transformações sociais necessárias para o avanço da sociedade pavimentará a construção do futuro do país. Estudantes e jovens pesquisadores são fundamentais para o desenvolvimento de novas tecnologias, metodologias e ferramentas inovadoras que possibilitem a melhor compreensão desse contexto e a proposição de novas soluções para questões urgentes da sociedade.
>
> CNPQ. Inovações para Conservação da Natureza e Transformação Social. *Prêmio Jovem Cientista*, CNPq, 2018. Disponível em: https://tedit.net/9sx6yz. Acesso em: 24 jul. 2024.

Desenvolva em grupo um pré-projeto de pesquisa relacionado ao tema proposto pelo Prêmio Jovem Cientista de 2018: "Inovações para Conservação da Natureza e Transformação Social". O pré-projeto de uma pesquisa científica é um planejamento de estudo no qual expomos nossas ideias a respeito de determinado tema e nossos objetivos ao pesquisá-lo. O pré-projeto é uma apresentação que contém, no mínimo, o problema a ser investigado, a justificativa (por que essa investigação é relevante) e os objetivos (o que se pretende com essa investigação e para que ela serve).

2. Escreva um texto dissertativo sobre o tema: "Desafios da ciência contemporânea: limites e possibilidades". Para a preparação da dissertação, leia com atenção a letra da canção "Dizem (quem me dera)", reproduzida a seguir (se possível, ouça a canção em alguma plataforma digital), e tome como base o que foi estudado neste capítulo.

Dizem (quem me dera)

o mundo está bem melhor do que há cem anos atrás, dizem
morre muito menos gente
as pessoas vivem mais
ainda temos muita guerra mas todo mundo quer paz, dizem
tantos passos adiante
e apenas alguns atrás
já chegamos muito longe mas podemos muito mais, dizem
encontrar novos planetas
pra fazermos filiais
quem me dera
não sentir mais medo
quem me dera
não me preocupar
temos inteligência pra acabar com a

2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes consigam refletir, citando exemplos, sobre o caráter ambíguo do avanço científico, que traz benefícios para a humanidade, mas também novos e mais intensos desafios.

violência, dizem
cultivamos a beleza,
arte e filosofia
A modernidade agora vai durar pra sempre, dizem
toda a tecnologia
só pra criar fantasia
deuses e ciência vão se unir na consciência, dizem
vivermos em harmonia
não será só utopia
quem me dera
não sentir mais medo
quem me dera
não me preocupar
quem me dera
não sentir mais medo algum

DIZEM (quem me dera). Intérprete: Arnaldo Antunes. Compositores: Arnaldo Antunes e Marisa Monte. *In*: DISCO. São Paulo: Rosa Celeste, 2013. 1 CD, faixa 3. Letra disponível em: https://tedit.net/dhh29s. Acesso em: 24 jul. 2024.

Enem e vestibulares

1. (Enem)

O espírito humano controla as máquinas cada vez mais potentes que criou. Mas a lógica dessas máquinas artificiais controla cada vez mais o espírito dos cientistas, sociólogos, políticos e, de modo mais abrangente, todos aqueles que, obedecendo à soberania do cálculo, ignoram tudo o que não é quantificável, ou seja, os sentimentos, sofrimentos, alegrias dos seres humanos. Essa lógica é assim aplicada ao conhecimento e à conduta das sociedades, e se espalha em todos os setores da vida.

MORIN, E. *O método 5*: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2012 (adaptado).

No contexto atual, essa crítica proposta por Edgar Morin se aplica à: Alternativa **d**.

a) intensificação das relações interpessoais.
b) descentralização do poder econômico.
c) fragmentação do mercado consumidor.
d) valorização do paradigma tecnológico.
e) simplificação das atividades laborais.

2. (Enem)

A ciência ativa rompe com a separação antiga entre a ciência (episteme), o saber teórico, e a técnica (techne), o saber aplicado, integrando ciência e técnica. Do ponto de vista da ideia de ciência, a valorização da observação e do método experimental opõe a ciência ativa à ciência contemplativa dos antigos; assim também, a utilização da matemática como linguagem da física, proposta por Galileu sob inspiração platônica e pitagórica, e contrária à concepção aristotélica.

MARCONDES, D. *Iniciação à história da filosofia*: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 (adaptado).

Nesse contexto, a ciência encontra seu novo fundamento na: Alternativa **a**.

a) utilização da prova para confirmação empírica.
b) apropriação do senso comum como inspiração.
c) reintrodução dos princípios da metafísica clássica.
d) construção do método em separado dos fenômenos.
e) consolidação da independência entre conhecimento e prática.

3. (Enem)

Dizem que Humboldt, naturalista do século XIX, maravilhado pela geografia, flora e fauna da região sul-americana, via seus habitantes como se fossem mendigos sentados sobre um saco de ouro, referindo-se a suas incomensuráveis riquezas naturais não exploradas. De alguma maneira, o cientista ratificou nosso papel de exportadores de natureza no que seria o mundo depois da colonização ibérica: enxergou-nos como territórios condenados a aproveitar os recursos naturais existentes.

ACOSTA, A. *Bem viver*: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016 (adaptado).

A relação entre ser humano e natureza ressaltada no texto refletia a permanência da seguinte corrente filosófica: Alternativa **c**.

a) Relativismo cognitivo.
b) Materialismo dialético.
c) Racionalismo cartesiano.
d) Pluralismo epistemológico.
e) Existencialismo fenomenológico.

CAPÍTULO 13

Desafios estéticos contemporâneos: a arte emancipa?



Michel & Gabriele Therin-Weise/Alamy/Fotoarena

A Cova das Mãos, na província de Santa Cruz, na Argentina, é famosa pelas pinturas feitas pelos indígenas locais há 9 mil anos. Fotografia de 2022.

Em setembro de 2017, a exposição de arte "Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira", no Farol Santander em Porto Alegre, gerou enorme polêmica, sendo encerrada pelo museu um mês antes do previsto. Os detratores diziam que algumas obras eram imorais, ofensivas e que outras sequer eram obras de arte.

No final do mesmo ano, o Museu de Arte de São Paulo abriu uma exposição intitulada "Histórias da Sexualidade", vetando seu acesso a menores de idade. Isso aconteceu pela primeira vez na história do museu, que se justificou dizendo que a exposição de obras retratando nus e temáticas sexuais poderia contrariar algumas pessoas.

A polêmica intensificou-se: Há limites para a arte? Será possível definir o que é ou não artístico? Devemos moralizar a arte? A visita a um museu, uma atividade cultural formativa, precisa ser regulada segundo a idade dos visitantes?

Independentemente de qualquer polêmica, a arte é a atividade humana mais antiga que se conhece. Sítios arqueológicos com **pinturas rupestres**, muitas vezes representando animais e cenas de caçada, estão espalhados por todo o mundo.

Sentidos, representação do mundo e estética

A arte e a experiência artística estão intimamente ligadas aos sentidos. Produzimos representações da realidade que podem ser percebidas sensivelmente, pois experimentamos o mundo por meio de nossos sentidos. Mas a arte também está comprometida com a beleza e procura expressar o belo e o **sublime**.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

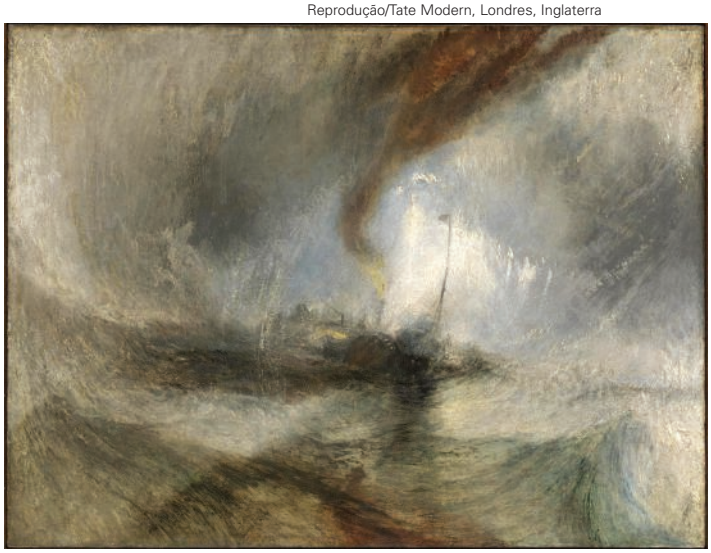
Sublime

Sensação que temos diante de um fenômeno da natureza, como uma intensa tempestade, que provoca medo e espanto, mas ao mesmo tempo admiração pela beleza, força e intensidade do espetáculo. A partir do século XVIII, o sublime passou a ser considerado uma categoria estética, para além do belo. Immanuel Kant, por exemplo, afirma que, ao ouvir uma sinfonia de Beethoven, o sentimento que temos é o de algo sublime, mais do que de beleza; como se estivéssemos observando uma tempestade ou uma aurora boreal, que enche o céu de cores e luzes. A palavra deriva do latim *sublimis*, que significa "o que se eleva", sustenta-se no ar.

- Qual é a diferença entre o sublime e o belo?

A sensação de sublime é mais complexa do que a da beleza, nos sentimos pequenos frente a algo que é grandioso de tão belo, como um fenômeno da natureza ou uma obra artística.

Reprodução/Tate Modern, Londres, Inglaterra



Snow Storm – Steam-Boat off a Harbour's Mouth, óleo sobre tela de Joseph Mallord William Turner, 1842. 91 × 122 cm. Essa obra de Turner desperta a sensação do sublime diante das forças da natureza.

Desde a arte rupestre, passando pelos vários tipos e expressões da arte, há uma constância: a tentativa de representar aquilo que observamos, que vivenciamos. Pode ser uma representação direta, como temos na pintura realista, que pretende reproduzir exatamente aquilo que o artista vê; ou representações indiretas, nas quais o artista exprime suas sensações e não necessariamente reproduz aquilo que observa.

Podemos verificar esse estilo indireto no **Impressionismo**, movimento artístico iniciado no final do século XIX, em que os artistas estavam interessados em mostrar suas impressões sobre aquilo que observavam, e não necessariamente fazer uma representação direta do real. Essa característica seria ainda mais explorada e desenvolvida no **Expressionismo**, movimento da primeira metade do século XX, em que a manifestação da expressão do artista é o objetivo. Se acompanhamos o desenvolvimento da **arte moderna**, o rompimento com a representação direta da realidade observada é ainda mais evidente.

Representação e imitação

A obra de arte tomada como uma representação direta do real foi estudada na Antiguidade por filósofos como Platão e Aristóteles, que trataram da questão da *mimesis*, palavra grega que podemos traduzir como "imitação". Para Platão, ela possui um valor negativo, visto que para ele a verdade está no mundo das ideias. Tudo o que é cópia, imitação das ideias perfeitas, é imperfeito. O mundo que conhecemos já é uma cópia das ideias e não consegue imitar sua perfeição; uma obra de arte que imite as imperfeições do mundo produzirá ainda mais imperfeição. Por isso, para Platão, a arte é uma atividade de segunda categoria, que só deve ser praticada por pessoas em posição social inferior: crianças, mulheres e escravizados.



A traição das imagens, óleo sobre tela de René Magritte, 1929. 63,5 × 93,98 cm.

© Magritte, René/AUTVIS, Brasil, 2024. Museu de Arte do Condado de Los Angeles, EUA.

No detalhe

A *traição das imagens* (1928-29), de René Magritte. Nessa obra o artista belga brinca justamente com a arte como representação: pinta um cachimbo de forma realista e escreve embaixo "Isso não é um cachimbo".

- Qual característica desta obra problematiza a ideia de arte como representação?

Não escreva no livro

Porque a representação de um objeto não é o próprio objeto; quando olhamos a tela, por mais realista que seja o cachimbo pintado, ele não é um cachimbo real, é uma representação. Mas, ao dizer que a imagem não é o objeto, o artista está justamente problematizando a arte como representação do real.

Aristóteles ampliou o conceito de *mimesis*: não se imitam apenas coisas que existem, mas também coisas que podem existir. Por isso, na arte, de acordo com o filósofo, abre-se espaço para a **invenção** e a **criação**. A imitação ganha então um valor positivo: é por meio dela que podemos produzir coisas novas.

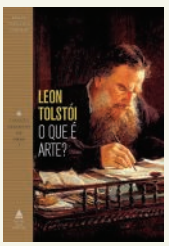
Mais do que isso, com Aristóteles a arte ganha uma função social: ele afirma que, por meio do espetáculo encenado publicamente, a plateia se envolve com a história representada e vivencia situações que permitem uma espécie de "descarga emocional", que ele denominou **catarse**. As pessoas vivem fortes emoções e, depois da descarga, sentem alívio e uma sensação de equilíbrio.

catarse: descargas emocionais ou afetivas geradas por uma experiência estética oferecida pela Arte.

Favoritos

O que é arte? Leon Tolstói. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

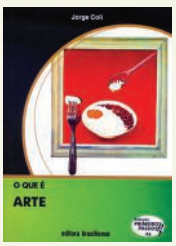
O escritor russo reflete sobre a arte, buscando sua redefinição como força propulsora do bem, da fraternidade, da ética e do progresso humano.



Reprodução/Nova Fronteira

O que é arte. Jorge Coli. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Um estudo introdutório sobre arte, escrito por um especialista brasileiro, em linguagem adequada para quem se inicia no tema.



Reprodução/Brasiliense

Hierarquia dos sentidos

Você notou que nos exemplos dados até aqui neste capítulo predominaram as artes visuais e, mais especificamente, a pintura? É evidente que a arte não se resume à pintura... Então, por que ela é a primeira (ou uma das primeiras) que nos vem à mente quando pensamos em arte?

Alguns autores comentam que há uma espécie de "hierarquia dos sentidos", com o privilégio da visão sobre os demais. Assim, também na arte, temos um predomínio da visão, e por isso boa parte das expressões artísticas é formada por artes visuais: pintura, fotografia, escultura (ainda que envolva também o tato), cinema, teatro, dança (ainda que nesses casos seja importante também o som e, portanto, a audição). Mas não podemos deixar de lado artes que são orientadas por outros sentidos: a música, arte da audição por excelência; a perfumaria, baseada no olfato; a gastronomia, produzida para encantar o paladar; a escultura que, além de visual, é tátil, tanto em sua produção como em sua possível fruição.

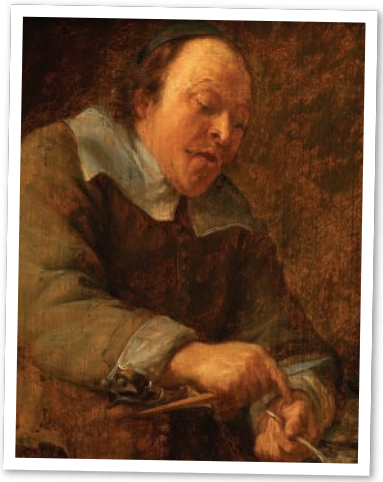
Favoritos



Reprodução/Globo Filmes

João, o maestro, Brasil, 2017. Direção: Mauro Lima (104 min).

Cinebiografia de João Carlos Martins, pianista brasileiro intérprete da obra de Bach. Após perder o movimento nas mãos, tornou-se maestro e passou a trabalhar na divulgação da música erudita no país. Uma história de superação pessoal e de amor à arte.











Imagens: Reprodução/Museu Real de Belas Artes, Antuérpia, Bélgica.

Os cinco sentidos, óleos sobre tela de Gonzales Coques, século XVII. 18 × 15 cm (cada). A série de pinturas retrata nossa relação com o mundo por meio dos sentidos. Perceba que a quarta tela, no sentido horário, representa a visão, considerada o sentido mais importante; à sua esquerda, estão as representações do tato e da audição e, à sua direita, do olfato e do paladar.

A estética e a sensibilidade

Numa publicação de 1735, o filósofo Alexander Baumgarten utilizou pela primeira vez o termo **estética** para designar a ciência que estuda o conhecimento sensorial, diferenciando-a da lógica, que trata do conhecimento cognitivo, racional. A palavra foi criada com base na expressão grega *aisthesis*, usada para designar a percepção das coisas pelos sentidos ou pelos sentimentos.

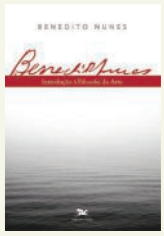
Trata-se, pois, de um exame da sensibilidade e de como podemos produzir conhecimentos a partir dela, da mesma forma que usamos a racionalidade lógica para produzir conhecimentos baseados no raciocínio. Vindo da tradição racionalista de Descartes, Baumgarten inova consideravelmente ao deslocar para o âmbito da estética a apreciação da arte e do belo. Tomado como conhecimento sensível, o estudo da arte ganha dimensões que não teria numa perspectiva estritamente racional.

Essa ciência (ou área da Filosofia) está voltada, então, para a essência do belo, para a possibilidade de definição do que é a beleza. Duas posições contrapostas foram defendidas nesse campo. De um lado, a perspectiva **subjetiva**, defendida pelo próprio Baumgarten, segundo a qual, em se tratando da sensação, o sujeito que percebe é quem define o que é belo. De outro lado, a perspectiva **objetiva**, que encontramos, por exemplo, em Hegel, que definiu o belo como uma manifestação da ideia, portanto, independente do sujeito que o percebe.

Favoritos

Introdução à filosofia da arte. Benedito Nunes. São Paulo: Loyola, 2016.

O filósofo brasileiro apresenta didaticamente o desenvolvimento histórico da Filosofia da Arte, da Antiguidade ao século XX.



Reprodução/Edições Loyola



Reprodução/Coleção particular

Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762)

Filósofo alemão, foi professor da Universidade de Frankfurt an der Oder desde 1740 até sua morte. Seguidor de pensadores como Wolff e Leibniz, é conhecido por seus trabalhos no campo da estética (termo cunhado por ele), que influenciaram a Filosofia moderna. Entre seus trabalhos, destacam-se: *Meditações filosóficas sobre as questões da obra poética* (1735) e a obra inacabada *Estética*, da qual foram publicados dois volumes, o primeiro em 1750 e o segundo em 1758.

Capa da primeira edição da obra *Aesthetica*, de Alexander Gottlieb Baumgarten.

A polêmica na definição do belo

As visões de Baumgarten e Hegel sobre o belo nos ajudam a compreender a polêmica citada na abertura deste capítulo. De um lado, questiona-se se qualquer intervenção exposta numa galeria ou num museu é arte; ou mesmo afirma-se categoricamente: "isso não é arte". Tal afirmação denota uma noção objetiva de belo, que poderia categorizar o que é e o que não é uma obra de arte. De outro lado, temos uma posição subjetivista, reivindicando que quem define o belo é o sujeito da sensação, é quem observa uma obra e se sente provocado por ela. Nessa perspectiva, temos inclusive uma retomada da posição já trabalhada por Aristóteles: há uma função social na arte.

Favoritos

Com amor, Van Gogh, Reino Unido/Polônia, 2017. Direção: Dorota Kobiela, Hugh Welchman (95 min).

Realizado com técnicas de animação que reproduzem o estilo das pinceladas de Vincent van Gogh, o filme é uma ficção baseada em cartas que ele deixou para seu irmão Theo.



Reprodução/Europa Filmes

1. A *mimesis* diz respeito à imitação. Para Platão, a arte é imitação do real e por isso a arte nada acrescenta de importante ao mundo, que já é uma cópia das ideias perfeitas. Sendo assim, a arte se distancia da perfeição das ideias e nos coloca na direção contrária a seguir se perseguimos a verdade. Já em Aristóteles a noção de *mimesis* é ampliada: pode-se imitar o que existe e o que não existe, abrindo caminho para a criação. Por isso a importância da arte para este filósofo.

Assim falou Herbert Read

A arte é sempre perturbadora, permanentemente revolucionária. É por isso que o artista, na proporção de sua grandeza, enfrenta sempre o desconhecido, e aquilo que traz de volta dessa confrontação é uma novidade, um símbolo novo, nova visão da vida, a imagem externa de coisas interiores. Sua importância para a sociedade não é a de expressar opiniões recebidas ou dar expressão clara aos sentimentos confusos das massas: essa função cabe ao político, ao jornalista, ao demagogo. O artista é aquilo que os alemães chamam de *ein Rüttler*, um perturbador da ordem estabelecida. O maior inimigo da arte é a mente coletiva, em qualquer de suas muitas manifestações. A mente coletiva é como a água, que busca sempre o nível de gravidade mais baixo: o artista luta para sair deste pantanal, para buscar um nível superior de sensibilidade e de percepção individual. Os sinais que ele manda de volta são, com frequência, ininteligíveis para a multidão, mas vêm então os filósofos e os críticos para interpretar sua mensagem.

READ, Herbert. *Arte e alienação* – o papel do artista na sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 27.

Retome

Não escreva no livro

1. Explique o conceito de *mimesis* e as diferenças entre o pensamento de Platão e o de Aristóteles em relação a esse tema.

2. O que é a estética? Como ela foi criada e como impactou o universo artístico?

2. Estética é o campo da Filosofia que estuda o conhecimento sensorial, diferente do racional. Criada por Baumgarten no século XVIII, impactou positivamente o campo da arte, que já não ficava restrita a uma análise racional do belo.

Arte, produção e indústria cultural

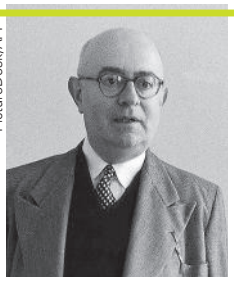
Infográfico clicável

No início do século XX, apesar de suas diferenças intelectuais, um grupo de pensadores se uniu na Alemanha para criar o Instituto de Pesquisa Social, associado à Universidade de Frankfurt, o que o tornou conhecido como **Escola de Frankfurt**. Em trabalhos que analisavam a arte e a cultura da época, os filósofos **Adorno** e **Horkheimer**, dois dos principais nomes do grupo, criaram o conceito de "indústria cultural", que apareceu pela primeira vez no livro *Dialética do esclarecimento*, publicado em 1947.

Antes deles, outro filósofo alemão, **Walter Benjamin**, havia publicado um ensaio sobre a questão da arte na sociedade industrial. O pensamento produzido pela Escola de Frankfurt, em geral denominado **teoria crítica**, exerceu grande influência na Filosofia e nas Ciências Sociais ao longo do século XX.

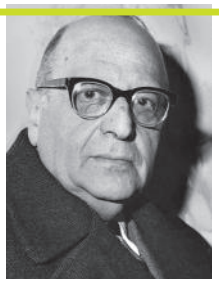
Theodor Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1895-1973) e Walter Benjamin (1892-1940)

As pesquisas desses filósofos foram influenciadas pelo pensamento de Karl Marx, Nietzsche e Freud. Como sabemos, alemães de origem judaica sofreram perseguição durante o período nazista e precisaram deixar o país. Adorno e Horkheimer exilaram-se nos Estados Unidos e retornaram após o final da Segunda Guerra Mundial. Benjamin não teve a mesma sorte: quase capturado pelos nazistas ao tentar deixar a Europa, acabou se suicidando em 1940.



Franz Hubmann/Imagno/APA-PictureDesk/AFP

Theodor Adorno. Fotografia de 1958.



Fred Stein Archive/Archive Photos/Getty Images

Max Horkheimer. Fotografia de 1940.



ullstein bild/Getty Images

Walter Benjamin. Fotografia de 1928.

Arte e reprodução técnica

Para Walter Benjamin, a natureza da obra de arte havia se transformado radicalmente após a invenção das técnicas de reprodução mecânicas em meados do século XIX. Se antes uma pintura ou uma escultura eram objetos únicos, com o advento da fotografia elas puderam ser reproduzidas em massa, o que transformou a relação do público com a arte.

Antes da invenção da fotografia, por exemplo, apenas quem fosse ao Museu do Louvre, em Paris, poderia conhecer a *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci. Com a reprodutibilidade técnica, sua imagem ganha uma circulação universal. Dessa forma, a arte deixa de ser acessível apenas a poucos. Apesar de a pintura nunca perder seu caráter original, sua autoridade é diminuída.

Podemos também pensar no exemplo da música: ela só era acessível quando os músicos se reuniam para tocá-la. Com a industrialização, a invenção de técnicas e equipamentos de gravação permitiu que uma música fosse gravada, e alguém que tivesse em casa um aparelho de reprodução poderia ouvi-la a qualquer momento, sem precisar ir a um concerto.

Democratizar o acesso à arte

A invenção da fotografia e, mais tarde, do cinema inaugurou uma forma completamente nova de arte, uma vez que em ambos os casos não fazia sentido falar em original. A imagem fotografada e reproduzida por meio de inúmeras impressões não mantém com suas cópias a mesma relação da pintura com sua imagem reproduzida. A pintura não deixa de ser única, enquanto as imagens são cópias dela. Já no caso da fotografia, tudo é cópia, a própria arte é cópia. Da mesma forma, várias salas de cinema exibem cópias do mesmo filme e não faz sentido querer assistir ao "filme original".

Para Benjamin, a possibilidade de reprodução contém um aspecto positivo, pois "democratiza" o acesso à arte, que deixa de ser um privilégio das elites. Embora a obra de arte perdesse seu caráter singular, sua unicidade, com a evolução técnica, poderia ser levada a um grande número de pessoas. Benjamin, na década de 1930, nem sequer poderia imaginar aonde chegaríamos décadas depois com as tecnologias digitais, que potencializaram ainda mais a questão da reprodutibilidade.

Duchamp explora a reprodutibilidade ao propor uma obra de arte original (a *Boîte-em-valise*) que é um conjunto de reproduções em menor escala de suas próprias obras. Com isso, o criativo dessa obra é a própria reprodução de outras obras. E como são todas de sua autoria, não se pode acusá-lo de cópia, plágio ou falsificação.

No detalhe

- Em que medida esta obra de Duchamp joga com a questão da reprodutibilidade da obra de arte?

Não escreva no livro



Youra Pechkin/Shutterstock

Daguerreótipo, em fotografia de 2020. Uma das primeiras máquinas fotográficas de reprodução de imagem em larga escala, o daguerreótipo foi inventado em 1837 pelo francês Louis Jacques Mandé Daguerre. Essa invenção influenciou profundamente as artes plásticas do século XIX e contribuiu, mais tarde, na criação do cinema.



© Association Marcel Duchamp/AUTVIS, Brasil, 2024 Centre Georges Pompidou, Paris, França.

Boîte-en-valise (em português, "caixa-numa-maleta"), papelão, madeira, papel e plástico de Marcel Duchamp, entre 1935 e 1941. 40 × 37,5 × 8,2 cm. A caixa traz cópias em miniatura de 69 obras do próprio artista, que, mais tarde, reproduziu edições de luxo dessa mesma obra.

Arte e mercadoria: a indústria cultural

Em oposição a Benjamin, Adorno e Horkheimer acentuaram o caráter problemático da reprodutibilidade, exatamente por ele vir acompanhado de uma massificação das artes. Eles afirmavam que a obra de arte reproduzida seria transformada em mais uma mercadoria pela lógica capitalista de produção e circulação. E, tornando-se uma mercadoria, ela deixaria de ser obra de arte para tornar-se uma "coisa".

Segundo os dois filósofos, surgia assim uma nova indústria, a **indústria cultural**, destinada a produzir objetos culturais em larga escala para serem vendidos como mercadorias. O cinema e, posteriormente, a televisão se tornaram uma indústria que produz mercadorias culturais (os filmes e a programação televisiva); a música também passou a ser produzida segundo a lógica de mercado das gravadoras. Em lugar de democratizar a arte, como pensava Benjamin, apenas mais produtos foram criados para serem oferecidos ao mercado consumidor.

Dessa forma, a aura da obra de arte, sua unicidade, o gênio criativo do artista, a questão estética e todas as revelações que a arte verdadeira poderia trazer à experiência comum das pessoas foram perdidos. O efeito desse processo é o que Adorno chamaria mais tarde de **semicultura**, uma cultura pela metade. Isso ocorre porque é a indústria quem decide o que deve ser produzido de acordo com sua lógica capitalista.

Indústria cultural e alienação

Ouvimos as músicas que o mercado nos oferece, assistimos aos filmes que a indústria nos oferece. Pensamos que escolhemos aquilo de que gostamos, mas estamos apenas escolhendo a partir das opções que a indústria cultural nos dá. E as coisas se tornam muito parecidas umas com as outras, porque também é característica da indústria cultural repetir em seus produtos uma fórmula que já se sabe que dá certo. Diante da falta de opção e da falsa variabilidade dos produtos, perdemos nossa capacidade crítica, habituamo-nos aos produtos superficiais e de baixa qualidade que nos são oferecidos e continuamos a consumi-los. É o mercado que forma nosso gosto estético.

Para que a indústria cultural consiga agradar a um público bastante diverso, os produtos precisam apenas continuar entretendo e exigindo muito pouco do nosso intelecto, tornando-nos cada vez mais alienados. Parece muito cômodo deixar que alguém escolha por nós e sirva pronta a programação. Mas você já pensou que, além de tudo o que foi dito, os donos da indústria cultural escolhem o tipo de ideia que eles querem incutir em nossa mente por meio de seus produtos "culturais"?

Favoritos



Reprodução/Autêntica

O belo autônomo – Textos clássicos de estética. Rodrigo Duarte. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Uma coletânea de textos sobre estética, desde Platão até pensadores contemporâneos.

© 2024 - The Andy Warhol Foundation for the Visual Arts, Inc./ Licensed by AUTVIS, Brasil



Marilyn Monroe, portfólio de dez impressões de Andy Warhol, 1967. 91,5 × 91,5 cm (cada). Na foto original, a atriz era retratada com um ar despreocupado. As alterações do artista criaram atmosferas distintas, que evidenciaram a natureza ilusória do estrelato.

Internet e liberdade de escolha

Atualizando esse debate, poderíamos questionar em que medida a internet, como meio de comunicação de massas e como arquivo digital de uma grande quantidade de informações e de produtos culturais, pode agir a favor ou contra a indústria cultural. Por um lado, a tecnologia hoje permite que um músico tenha um estúdio em sua casa, grave as músicas que compõe e as divulgue na rede mundial, cobrando ou não por seu trabalho. A diversidade de criações a que temos acesso, portanto, nunca foi tão grande, e o acesso a elas é muito mais direto.

Nesse sentido, podemos pensar em como a internet contraria a indústria cultural, porque nos tira de uma posição passiva em relação aos produtos que querem nos empurrar. Por outro lado, a tecnologia e a internet podem ser, elas mesmas, um reforço da própria indústria cultural. Quem direciona seus interesses na *web*? Você vai em busca de sua programação cultural e do que gostaria de apreciar ou apenas consome aquilo que lhe oferecem?

1. A reprodução da obra de arte amplia muito o acesso a ela, mas faz com que a obra perca sua singularidade. Ir a um museu e ver a obra original é muito diferente de ver sua reprodução num livro ou numa página na internet. O impacto que a obra nos provoca é completamente diferente.

Favoritos

Som na faixa, Suécia/Reino Unido, 2022. Direção: Christian Spurrier e Luke Franklin (1 temporada, 6 episódios).

A série narra a criação do Spotify, serviço legalizado de distribuição de música por *streaming*, que revolucionou o mercado musical, em um momento em que a distribuição ilegal pela internet colocava a indústria musical em risco.



Reprodução/Netflix

Retome

Não escreva no livro

1. Explique as críticas de Walter Benjamin aos processos de reprodução da obra de arte.

2. Que relações podemos estabelecer entre os conceitos de indústria cultural e semicultura?

2. A indústria cultural gera a semicultura, pois os produtos culturais que consumimos são aqueles impostos pela indústria. Deixamos de ser produtores de cultura para sermos consumidores passivos, vivendo uma "cultura pela metade".

Arte e emancipação

Ainda que a arte tenha sido apropriada pelo capitalismo e transformada em mercadoria por meio de estratégias da indústria cultural, teria ela perdido sua característica revolucionária, emancipatória?

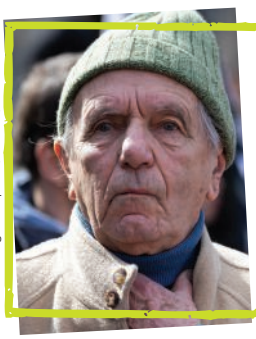
No final da década de 1970, **Jacques Rancière** realizou uma ampla pesquisa em arquivos franceses do movimento operário, buscando documentos de associações de trabalhadores que desenvolveram atividades artísticas nas primeiras décadas do século XIX. O resultado desta pesquisa está em seu livro *A noite dos proletários – Arquivos do sonho operário*, publicado em 1981.

A tese resultante de sua pesquisa é simples: a emancipação dos trabalhadores não está simplesmente em sua luta social para escapar da dominação burguesa; ela acontece na medida em que os operários se dedicam a atividades de criação artística e, nessa ação, transitam de sua condição de meros reprodutores para a condição de criadores. Não se tornam ricos, não se tornam burgueses e não deixam de ser operários, mas subvertem a própria condição social do operário para criar, contra qualquer perspectiva econômica e política.

Nesse livro, Rancière cita um poema escrito por um operário anônimo em um muro recém-pintado, evidenciando que a produção artística está aberta a todo indivíduo emancipado, que ousa criar e se expressar:

> Alcanço o muro, rebocado há pouco, de um parque. Esse gesso
> Tem realmente, nesses lugares, a brancura do alabastro.
> Não sei que ideia, com um grito vívido,
> Aparece nesse muro e me faz parar.
> Meu coração bate em meu peito arrepiado,
> Minha fronte carrega o peso de uma multidão insensata.
> Sob os tons fugazes da noite, misturados de claro-escuro,
> Vou escrever no reboco desse muro;
> O transeunte lerá nossas dores e nossos crimes
> Que a morte vem espiar remexendo nossos abismos.
> Com mão de operário, vamos lá, desenhemos
> Seres bem conhecidos abafando seu nome.

RANCIÈRE, Jacques. *A noite dos proletários – Arquivos do sonho operário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 400-401.



Lafargue Raphael/ABACA/Shutterstock

Jacques Rancière (1940-)

Filósofo francês nascido na Argélia, é professor emérito da Universidade de Paris VIII, na qual trabalhou entre 1969 e 2000, quando se aposentou. Entre seus livros, destacam-se: *A noite dos proletários – Arquivos do sonho operário* (1981), *Às margens do político* (1990), *O desentendimento* (1995), *O ódio à democracia* (2005), *O espectador emancipado* (2008) e *As distâncias do cinema* (2011).

Jacques Rancière. Fotografia de 2023.

Arte e subversão da classe social

Na sociedade capitalista industrial francesa do século XIX, os papéis sociais estavam claramente estabelecidos. Os operários, que precisavam vender sua força de trabalho para sobreviver, viviam seus dias entre as longas jornadas de trabalho nas fábricas e oficinas e as horas de descanso que tinham em casa, normalmente em condições não muito favoráveis.

Os burgueses, com boa situação econômica e não tendo que empenhar seu tempo em um trabalho maçante, podiam dedicar-se a reuniões sociais, a produzir arte, a escrever poemas e prosa, a pintar e a esculpir, a participar dos salões de arte e a visitar exposições.

E aí aparece a grande subversão descoberta por Rancière: alguns operários, contra todos os prognósticos e todas as condições desfavoráveis, reuniam-se à noite em associações, fora do horário de trabalho, para dar vazão à criatividade e produzir arte. Eles seguiam as ideias dos socialistas utópicos, como **Saint-Simon** (1760-1825) e **Charles Fourier**, buscando transformar suas próprias vidas para servir de exemplo àqueles que enfrentavam as mesmas condições.

Segundo Rancière, esses operários se emanciparam da condição de operários destinados única e exclusivamente à produção econômica para poder ganhar a vida, e passaram a dedicar-se a atividades de criação, nas quais não dependiam de ninguém nem obedeciam a ordens de outrem.



Reprodução/Museu de Belas Artes e de Arqueologia de Besançon, França

Retrato de Charles Fourier, óleo sobre tela de Jean Gigoux, 1835. 235 × 162 cm.

Charles Fourier (1772-1837)

Filósofo francês. Produziu críticas à sociedade capitalista e à sua economia, defendendo a necessidade de uma profunda transformação social. Para ele, a base do capitalismo é a estrutura familiar, aí reside a origem da exploração humana; uma nova sociedade, portanto, deve ser construída sem estar estruturada na família. Fourier foi um dos primeiros a denunciar a exploração das mulheres e das crianças, e propôs uma estrutura social em que elas teriam os mesmos direitos e participação política de homens e de adultos. A sociedade pensada por ele estava baseada em núcleos comunitários de vida e de produção, independentes uns dos outros, que ele denominou falanstérios. De sua obra, pode-se destacar: *Teoria dos quatro movimentos* (1808); *O novo mundo industrial e societário* (1829); e *O novo mundo amoroso* (publicação póstuma de 1967, mais de um século depois de sua morte).

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Socialismo utópico

O socialismo e o anarquismo são teorias políticas que surgiram na metade do século XIX. Outras teorias foram divulgadas, mas, de forma geral, compartilhavam a ideia de que a transformação social poderia ser conseguida pela força do exemplo. Se comunidades fossem criadas mostrando que é possível viver e produzir de outra forma, isso seria pouco a pouco seguido por outros indivíduos e comunidades, de forma que depois de um tempo toda a sociedade teria sido transformada.

Essas teorias anteciparam o movimento socialista, mas foram criticadas por Marx e Engels como ingênuas. Segundo eles, não se pode pensar que as pessoas serão convencidas a mudar o sistema de exploração apenas pelo exemplo moral. É necessário um "socialismo científico" que desvende as bases históricas da exploração e defina os princípios de uma luta revolucionária que possa, de fato, mudar a sociedade.

- Por que Marx e Engels afirmaram que os pensamentos socialistas do final do século XVIII e começo do século XIX eram ingênuos e, portanto, utópicos?

Para os autores alemães, a ingenuidade estava em pensar que a sociedade pode ser mudada pela força do exemplo. A exploração do capital é perversa, e, se não forem desvendados seus mecanismos para serem combatidos, não há transformação possível.

Essa emancipação pela arte analisada por Jacques Rancière é anterior ao fenômeno da indústria cultural. Será que, na sociedade atual, em que a arte é também tratada como mercadoria, ainda faria sentido uma emancipação pela arte? Sim, e mais do que nunca. Hoje, é necessário resistir não apenas à desumanização do trabalho degradante e humilhante; é preciso também resistir à "produção artística" estritamente comercial. E, para isso, nada melhor do que as pessoas tomarem para si mesmas as tarefas de criação, praticando-as em seu cotidiano.

Favoritos

AmarElo – é tudo pra ontem, Brasil, 2022. Direção: Fred Ouro Preto (89 min).

Esse documentário aborda a criação do álbum *AmarElo* (2019), de Emicida, lançado em um *show* em 2019 no Theatro Municipal de São Paulo. Mais um exemplo de emancipação pela arte: um negro da periferia de São Paulo que ocupa o Theatro Municipal, símbolo da cultura burguesa paulistana.



Reprodução/Netflix

Nos dois casos, a arte permite transcender os limites sociais impostos. No caso do operário francês, ele transcende sua condição de operário escrevendo um poema sobre sua própria condição e pintando-o num muro. No caso brasileiro, jovens de periferia pobre e violenta transcendem sua condição ao intervir esteticamente no local em que vivem, de modo a tornar o ambiente mais bonito, procurando superar a violência e as dores que ela provoca.

O espectador como criador

Outro aspecto da emancipação humana produzida pela arte foi pensado pelo mesmo Rancière em um livro mais recente, *O espectador emancipado*. Para ele, a questão não está em fazer do espectador um participante ativo do espetáculo, pois não é isso que faz da arte uma "arte política". O equívoco está em considerarmos que assistir a um espetáculo é uma passividade, um mero exercício do olhar, que em nada contribui para que o espetáculo aconteça. Quando vemos passividade no espectador, isso significa que consideramos a arte apenas da perspectiva do artista (produtor); mas a obra convida e incita a uma atividade: a fruição da obra de arte é ela própria participação no ato criativo.

Segundo Rancière, quando assistimos a uma peça de teatro ou a um filme, quando contemplamos um quadro ou uma escultura, ou quando lemos um poema ou um romance, nós, espectadores, vemos, sentimos e compreendemos, ao mesmo tempo em que compomos nosso próprio poema, dirigimos nosso próprio filme, pintamos nosso próprio quadro, ainda que o façamos apenas mentalmente. Interagir com a obra de arte não é passividade, é uma ação criativa, por meio da qual recriamos a obra segundo nossa própria percepção.

No detalhe

No poema citado por Rancière, um operário comenta que vai escrever suas dores em um muro. Na imagem do bairro da Vila Flávia, em São Paulo (SP), grafiteiros cobrem as paredes com suas expressões artísticas para esconder os sinais da violência urbana.

- Como o poema e o grafite evidenciam o poder emancipador da arte?

Não escreva no livro



Rafael Felix/Pulsar Imagens

Grafites do projeto Murais da Favela, na comunidade da Vila Flávia, São Paulo (SP), em 2020.

Retome

Não escreva no livro

- Segundo J. Rancière, por que a arte pode ser pensada como emancipatória? Aborde a questão pelo viés da produção artística e pelo viés de sua fruição.

A arte pode ser emancipatória para aquele que a produz, como no caso dos operários do século XIX que não se satisfaziam com sua condição sub-umana de trabalho e dedicavam-se a produzir arte para serem plenamente humanos. Mas também pode ser emancipatória para aquele que frui uma obra de arte, pois ele se relaciona ativamente com ela, transformando-a e transformando-se a si mesmo.

Mundo do trabalho

Indústria cultural e internet

Em sua fase atual, o capitalismo define as possibilidades da relação humana com a arte. Por exemplo, a experiência musical, há milênios, tem sido vivenciada de maneira coletiva, em rodas musicais, concertos, igrejas, terreiros, etc. Contudo, o avanço tecnológico da compressão e armazenamento de arquivos de áudio transformou o modo como nos relacionamos com a música, dando origem à "cultura do fone de ouvido". Dessa forma, um fenômeno antes experienciado de forma coletiva tornou-se um fenômeno individualizado.

No mundo do trabalho artístico, os impactos do avanço tecnológico também se fazem presentes. Como Walter Benjamin aponta, como características positivas desse avanço, temos a democratização do acesso às obras de arte e às profissões ligadas à arte e à estética. Por outro lado, autores como Adorno e Horkheimer defenderam que os avanços tecnológicos trariam impactos negativos na arte, pois a transformação das obras de arte em produtos de consumo em larga escala levariam a uma padronização da arte.

1. Espera-se que os alunos reconheçam que as ideias de Walter Benjamin, ao destacarem uma democratização no acesso à arte e na produção artística se demonstram coerentes com o exemplo da cantora Liniker, uma artista independente e inovadora que alcançou sucesso explorando as possibilidades das redes sociais e da internet. Já o pensamento de Adorno e Horkheimer, ao destacar a padronização das obras de arte como consequência das tecnologias de distribuição e reprodução em larga escala, não considera a possibilidade da democratização na produção artística, uma realidade dos dias de hoje.



ZUMA Press/Alamy/Fotoarena

A cantora Liniker é um exemplo de artista que surgiu de forma independente na internet. Utilizando as redes sociais para compartilhar seu trabalho e *sites* de financiamento coletivo, ela construiu uma identidade artística inovadora, desafiando padrões estéticos vigentes na indústria fonográfica brasileira. Em 2022, Liniker tornou-se a primeira pessoa transgênero a ganhar um Grammy Latino, levando o prêmio na categoria de "Melhor Álbum de Música Popular Brasileira" com o disco *Indigo Borboleta Anil*.

2. Os alunos devem compartilhar suas ideias e experiências sobre o tema. Espera-se que reconheçam que, embora a popularização tecnológica tenha aumentado o acesso à arte e à produção artística, ainda há muita desigualdade na indústria cultural, pois a distribuição das obras de arte ainda é muito impactada pela disponibilidade ou não de recursos de financiamento.

Atividades

Não escreva no livro

1. Benjamin, Adorno e Horkheimer foram autores do século XX que desenvolveram suas reflexões sobre a indústria cultural antes da era da internet. Tendo o trabalho de Liniker como exemplo, em sua opinião, qual desses autores conseguiu fazer predições mais precisas sobre o futuro da indústria cultural?
2. De forma coletiva, reflita sobre como a arte é produzida e consumida nos dias de hoje. Podemos dizer que atingimos uma democratização absoluta? Todas as pessoas podem produzir e consumir arte de maneira igual?

Trabalhando com

imagem

A arte como expressão humana

Até pouco tempo, pensava-se que as pinturas rupestres fossem específicas do *Homo sapiens*; recentemente, arqueólogos que pesquisam os vestígios deixados pelo *Homo neanderthalensis* descobriram que também essa espécie deixou suas expressões em cavernas que habitaram, tornando ainda mais próximas suas relações com o *Homo sapiens* e alargando o conceito de "humanidade".

Essas pinturas são as primeiras formas de expressão artística que conhecemos. Elas evidenciam que os seres humanos habitam o mundo com sensibilidade e racionalidade, sendo capazes de manifestar sua compreensão de mundo e seus sentimentos, de comunicá-los aos outros. Por essa razão, afirma-se que a arte é aquilo que nos torna humanos.

De modo que reconhecemos como humanos desde esses seres muito antigos, que pintaram em cavernas e paredes de pedra, até aqueles que, hoje em dia, transformam sua vida e seu mundo pelas intervenções artísticas.



Michael Runkel/Robert Harding RF/AFP

Pinturas rupestres no Boqueirão da Pedra Furada, no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí. Fotografia de 2023.

1. Observam-se principalmente representações de animais, provavelmente os que eram caçados, mas também figuras humanas, algumas delas em grupo, aparentemente realizando uma espécie de dança. As imagens parecem retratar cenas cotidianas vividas pelas pessoas que as pintaram. **2.** Resposta pessoal. Uma possibilidade é que as pinturas representavam as ações cotidianas daquele povo, os animais que caçavam para se alimentar, suas danças, sua cultura. **3.** Sim, pode ser considerado uma forma de emancipação. Se pensarmos que esse povo vivia muito ligado à natureza, dependente daquilo que ela poderia oferecer para sua sobrevivência, tomar tempo para representar a vida e deixar uma mensagem para quem viesse a ver essas imagens é uma forma de emancipação intelectual e cultural.

Atividades

Não escreva no livro

1. Observe com atenção a foto. Que tipos de imagens você consegue identificar?
2. Em sua visão, o que os povos que realizaram essas pinturas expressaram?
3. Com base no que foi estudado neste capítulo, você pensa que esse tipo de expressão artística ancestral também pode ser considerado uma forma de emancipação?

Galeria de atividades

1. Discuta essa afirmação e comente-a:

> Sem arte, não saberíamos que a verdade existe, pois ela só se torna visível, apreensível e aceitável, nas obras de arte.

READ, Herbert. *Arte e alienação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 25.

2. Explique a ideia de uma "hierarquia dos sentidos" e como ela interferiria nas artes.

3. Leia a reportagem a seguir, publicada na versão brasileira *on-line* do jornal espanhol *El País*. Em seguida, faça uma enquete na escola com diferentes segmentos (estudantes, professores, funcionários), coletando opiniões a respeito, e reflita sobre elas com base no que foi estudado neste capítulo. Considere a seguinte questão: Situações como a descrita na reportagem estão articuladas com que tipo de posição filosófica sobre a arte? Que tipo de efeitos sociais podem causar? Faça um texto dissertativo para expor seus argumentos.

Queermuseu: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo

Após protestos nas redes sociais banco Santander encerra mostra que abordava questões de gênero e de diversidade sexual

Nos últimos dias, a intolerância voltou a assombrar a arte. A exposição *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, em cartaz há quase um mês no Santander Cultural, em Porto Alegre, foi cancelada neste domingo após uma onda de protestos nas redes sociais. A maioria se queixava de que algumas das obras promoviam blasfêmia contra símbolos religiosos e também apologia à zoofilia e pedofilia.

A mostra, com curadoria de Gaudêncio Fidelis, reunia 270 trabalhos de 85 artistas que abordavam a temática LGBT, questões de gênero e de diversidade sexual. As obras – que percorrem o período histórico de meados do século XX até os dias de hoje – são assinadas por grandes nomes como Adriana Varejão, Candido Portinari, Fernando Baril, Hudinilson Jr., Lygia Clark, Leonilson e Yuri Firmesa.

Nas redes, as mensagens e vídeos mais compartilhados pelos críticos e movimentos religiosos mostravam a pintura de um Jesus Cristo com vários braços (a obra *Cruzando Jesus Cristo Deusa Schiva*, de Fernando Baril) e imagens de crianças com as inscrições *Criança viada travesti da lambada* e *Criança viada deusa das águas*, da artista Bia Leite. As manifestações foram lideradas principalmente pelo Movimento Brasil Livre (MBL), que pediu o encerramento da exposição e pregou ainda um boicote ao banco Santander. O prefeito de Porto Alegre, Nelson Marchezan Jr. (PSDB), também se manifestou contra a mostra dizendo que elas exibiam "imagens de zoofilia e pedofilia".

Diante da forte repercussão repentina, o Santander esclareceu, por meio de nota, em um primeiro momento, que algumas imagens da mostra poderiam provocar um sentimento contrário daquilo que discutem. No entanto, elas tinham sido criadas "justamente para nos fazer refletir sobre os desafios que devemos enfrentar em relação a questões de gênero, diversidade, violência entre outros". Dois dias depois, entretanto, o banco voltou atrás e cedeu às pressões dos críticos com medo de um forte boicote contra o Santander e de manchar a imagem da instituição financeira. [...]

MENDONÇA, Heloísa. Queermuseu: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. *El País Brasil*, 13 set. 2017. Disponível em: https://tedit.net/e39t6q. Acesso em: 7 ago. 2024.

1. Resposta pessoal. No entanto, é preciso que seja utilizada a ideia citada, de que apenas a obra de arte torna visível e aceitável a verdade. Espera-se que os estudantes comentem essa afirmação e se posicionem frente a ela.

2. A hierarquia dos sentidos preconiza a visão como mais importante, sendo os demais sentidos secundários. Isso fez com que as artes visuais tivessem um desenvolvimento muito maior do que outras artes ligadas aos outros sentidos.

3. Resposta pessoal, a depender da pesquisa do aluno. Observar a apropriação dos conceitos e o desenvolvimento de ideias e argumentos próprios na dissertação por parte dos estudantes.

3. Resposta pessoal, a depender da pesquisa do estudante. Observar a apropriação dos conceitos e o desenvolvimento de ideias e argumentos próprios na dissertação.

Enem e vestibulares

1. (Unesp-SP)

À primeira vista, porém, a arte do cinema aparenta ser demasiado simples e até mesmo estúpida. Vê-se o Rei dando um aperto de mão a um time de futebol; eis o iate de Sir Thomas Lipton; eis, enfim, Jack Horner vencendo o Grand National. Os olhos consomem tudo isso instantaneamente e o cérebro, agradavelmente excitado, põe-se a observar as coisas acontecerem sem se atarefar com nada. Mas qual é, pois, a sua surpresa ao ser, de repente, despertado em meio à sua agradável sonolência e chamado a prestar socorro? O olho está em apuros. Necessita de ajuda. Diz, então, ao cérebro: "Está ocorrendo algo que de modo algum posso entender. Tu me és necessário". Juntos olham para o Rei, o barco, o cavalo e o cérebro, de imediato, vê que eles se revestiram de uma qualidade que não pertence à mera fotografia da vida mesma.

WOOLF, Virgínia. *O cinema*. Rapsódia, 2006. Adaptado.

Com o surgimento da disciplina estética, no século XVIII, entendeu-se que a arte é capaz de produzir ajuizamentos. O texto aborda o tema por meio da constatação da autora de que Alternativa **b**.

a) se estabeleceu maior relevância aos temas representados pelas artes.

b) se reconheceu a importância da sensibilidade no processo do conhecimento.

c) ocorreu um intenso diálogo entre os artistas, tais como cineastas e literários.

d) houve a evolução das linguagens artísticas em relação às suas técnicas.

e) se proliferaram novas manifestações artísticas com posturas críticas.

2. (Enem)

A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão que essa pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

No texto, o tempo livre é concebido como: Alternativa **a**.

a) consumo de produtos culturais elaborados no mesmo sistema produtivo do capitalismo.

b) forma de realizar as diversas potencialidades da natureza humana.

c) alternativa para equilibrar tensões psicológicas do dia a dia.

d) promoção da satisfação de necessidades artificiais.

e) mecanismo de organização do ócio e do prazer.

Debate plural



Reprodução/ONU

O controle da ciência

Os dois textos a seguir são de autores contemporâneos que se dedicam a estudar a prática científica e seus limites. Ambos destacam as relações entre ciência e política, em uma direção similar àquela que vimos na produção de Bruno Latour, mas também com algumas diferenças.

Por que é necessário um controle ético e político da produção científica?

No texto a seguir, Isabelle Stengers (1949-), química belga e doutora em filosofia das ciências, discute o interesse pela pesquisa científica. O cientista precisa ser capaz de despertar o interesse dos outros por aquilo que ele pesquisa, para que possa obter verbas para suas investigações – o que revela as questões políticas envolvidas na ciência.

Texto 1 Ciência, interesse e poder

O cientista que quer ser inovador, que quer criar história, deve ser um estrategista de interesses. Ele deve criar vínculos, encontrar aliados, criar relações de força favoráveis. Ele deve certamente aceitar certas imposições: Lyssenko é o exemplo daquilo que é preciso evitar, aquele que jogou de maneira direta o poder do Estado soviético contra seus colegas. Se um biólogo, porém, consegue fazer com que, por exemplo, se aceite um vínculo entre sua pesquisa e o problema da Aids, ele terá mais crédito financeiro, mais prestígio e terá feito seu trabalho de cientista: se suas pesquisas não contribuírem para a resolução do problema, ninguém o censurará.

As ciências não são nem empreendimentos puros, inocentes, vítimas de poderes que desviam o sentido das pesquisas, nem os cúmplices servis dos poderes. O cientista procura interessar àqueles que o ajudarão a fazer a diferença, a criar história, e nenhum limite intrínseco define aqueles a quem ele não deve procurar interessar. Eventualmente certas preocupações políticas ou morais impedirão um físico de dizer aos militares: "nós poderíamos conceber um novo tipo de arma a partir de minha proposição". Eventualmente, mas não seria na qualidade de cientista que ele se recusaria a isso. Enquanto cientista seu trabalho é de interessar, e interessar a todos aqueles que podem ajudá-lo a criar uma história que passe por ele. Tal cientista, porém, poderá também, e com a consciência limpa, enganar os militares, conseguir interessá-los por aquilo que ele sabe que não passa de uma ficção. Isso também faz parte da profissão. As ciências não traduzem de maneira servil os interesses daqueles de quem dependem, e sim reinventam o sentido para seu proveito. Em contrapartida, há uma coisa que elas traduzem fielmente: as relações de forças sociais que determinam aqueles a quem é interessante interessar, aqueles que podem ajudar a fazer a diferença. [...]

A utopia que minha crítica propõe não é a de uma ciência "pura", "desinteressada", "sem ideologia". Não se trata de dizer aos cientistas: "parem de interessar", o que significaria dizer: "deixem de ser cientistas". O verdadeiro problema é político. A ciência é amoral no sentido em que interessa a quem pode fazer a diferença, e no sentido em que coloca o problema geral de nossas sociedades. Mas, como sempre é o caso, ela o coloca de um modo singular, ao qual podem corresponder, aqui e agora, a respostas singulares. No que me concerne, aqui e agora, eu tento complicar a situação, isto é, a diferenciação clara demais entre aqueles a quem os cientistas interessam (e surpreendentemente que, em francês, essa última frase tenha um duplo sentido indecidível: não se pode saber quem é o sujeito, quem é o alvo) e o "público". Por isso tento fazer proliferar os interesses a propósito da ciência, multiplicar o número daqueles que serão capazes de apreciar, avaliar as operações científicas, admirá-las e rir delas. [...]

As escolhas e as orientações em matéria de ciência serão reconhecidas por aquilo que são:

questões políticas. Que elas o sejam é algo que muitos sabem, em princípio, mas, de maneira geral, eles sempre chegam tarde demais, criticam uma ciência já feita. É preciso que as controvérsias interessem ao que então não se chamará mais de "público".

Político também é o modo de formação dos cientistas, acerca do qual sabemos que ele é feito para separar ao máximo a competência dos especialistas e a eventual "boa vontade" do cidadão que o cientista também é. Nem todos os cientistas estão prontos para interessar a qualquer custo, mas mesmo aqueles que não o estão calculam mal o sentido do interesse que seu trabalho pode suscitar. [...]

STENGERS, Isabelle. *Quem tem medo da ciência?*: ciências e poderes. São Paulo: Siciliano, 1990. p. 104-107.

O texto a seguir trata do conflito ético entre a busca do saber pelo saber e o atendimento às necessidades humanas. Edgar Morin (1921-), cientista social e filósofo francês contemporâneo, enfatiza também as questões políticas relacionadas à pesquisa científica.

Texto 2 Os dois deuses

Dissemos justamente que não se tratava tanto, hoje, de dominar a natureza como de dominar o domínio. Efetivamente, é o domínio do domínio da natureza que hoje causa problemas. Simultaneamente, esse domínio é, por um lado, incontrolado, louco, e pode conduzir-nos ao aniquilamento; por outro lado, é demasiado controlado pelos poderes dominantes. Esses dois caracteres contraditórios explicam-se porque nenhuma instância superior controla os poderes dominantes, ou seja, os Estados-nações.

O problema do controle da atividade científica tornou-se crucial. Supõe um controle dos cidadãos sobre o Estado que os controla e uma recuperação do controle pelos cientistas, o que exige a tomada de consciência de que falei ao longo destas páginas.

A recuperação do controle intelectual das ciências pelos cientistas necessita da reforma do modo de pensar. É certo que a reforma do modo de pensar depende de outras reformas, e há uma interdependência geral dos problemas. Mas essa interdependência não devia fazer esquecer essa reforma-chave.

Todo cientista serve pelo menos a dois deuses que, ao longo da história da ciência e até hoje, lhe parecem absolutamente complementares. Hoje, devemos saber que eles não são somente complementares, mas também antagonistas. O primeiro deus é o da ética do conhecimento, que exige que tudo seja sacrificado à sede de conhecimento. O segundo deus é o da ética cívica e humana.

O limite da ética do conhecimento era invisível, *a priori*, e nós transpusemo-lo sem saber; é a fronteira para lá da qual o conhecimento traz com ele a morte generalizada: hoje, a árvore do conhecimento científico corre o risco de cair sob o peso dos seus frutos, esmagando Adão, Eva e a infeliz serpente.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Lisboa: Europa-América, 1994. p. 29-30.

Atividades

3. Resposta pessoal. Na atividade, é importante que as opiniões expressas sejam embasadas com exemplos e com os conceitos vistos no capítulo.

Não escreva no livro

1. Com base no texto 1, responda:

a) Por que, segundo o texto, o cientista precisa despertar o interesse dos outros em suas pesquisas?

b) Quais são as relações entre ciência e política, segundo a autora?

c) Como as questões políticas interferem na ciência? O inverso também acontece? Explique.

1. a) O cientista precisa despertar o interesse dos outros em suas pesquisas porque, sendo um estrategista político de interesses, ele deve conseguir aliados que possam ajudá-lo, proporcionando-lhe condições favoráveis à realização de seus projetos de inovação científica.

1. b) Segundo a autora, as relações entre Ciência e Política são fundamentalmente éticas, pois envolvem poder (Estado e Ciência), ética (prática científica) e interesse (cientistas, Estado e sociedade).

1. c) Veja a resposta no Manual do Professor.

2. Inspirado pelo texto 2, responda:

a) Qual é a condição para que os cientistas recuperem o controle intelectual sobre a ciência?

b) Por que os "dois deuses" a que servem os cientistas são antagônicos?

c) Qual é o sentido da metáfora da "árvore do conhecimento" no último parágrafo do texto?

2. a) A condição para que os cientistas recuperem o controle intelectual sobre a Ciência é a reforma do modo de pensar.

2. b) Os "dois deuses" são antagônicos porque, enquanto o deus da ética do conhecimento exige que o cientista submeta a natureza a uma dominação aniquiladora para alcançar novas descobertas na ciência, o deus da ética cívica e humana exige que a Ciência seja produzida mediante uma prática que respeite a natureza em todas as suas formas de manifestação de vida.

2. c) Veja a resposta no Manual do Professor.

3. Com sua turma, organize um Fórum de debates sobre o tema: "Os limites ético-políticos do conhecimento científico". Metade da turma deverá construir argumentos sobre os limites políticos, e a outra metade deverá construir argumentos sobre os limites éticos. Usar os dois textos e também informações do capítulo. Para isso, devem ser utilizados os textos da seção e do capítulo. Em seguida, promova um debate sobre o tema envolvendo a comunidade escolar. A palavra deve ser aberta à participação de todos.

Arte: dominação ou emancipação?

Os dois textos a seguir apresentam perspectivas muito distintas e até mesmo opostas. De um lado, Adorno e Horkheimer expõem a indústria cultural e sua ideologia, mostrando que a fruição da arte é uma forma de dominação. De outro lado, Rancière defende a ideia de que há um processo emancipatório na fruição artística.

Podemos, através da arte, ter uma experiência de emancipação do pensamento? Ou somos sempre controlados pela indústria do entretenimento?

Neste texto, escrito na década de 1940, Adorno e Horkheimer explicam a noção de indústria cultural e mostram como se produz uma cultura de massas, apresentando uma crítica radical a elas.

Texto 1 Indústria cultural e cultura de massas

O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. [...]. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos.

Os interessados inclinam-se a dar uma explicação tecnológica da indústria cultural. O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais. O contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção dispersa condicionaria a organização e o planejamento pela direção. Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. [...] Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social. Isso, porém, não deve ser atribuído a nenhuma lei evolutiva da técnica enquanto tal, mas à sua função na economia atual. [...] Os talentos já pertencem à indústria muito antes de serem apresentados por ela: de outro modo não se integrariam tão fervorosamente. A atitude do público que, pretensamente e de fato, favorece o sistema da indústria cultural é uma parte do sistema, não sua desculpa.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 114-115.

No texto a seguir, Jacques Rancière parte de um livro que escreveu na década de 1980, *O mestre ignorante*, no qual trabalha com a ideia de emancipação intelectual nos processos educativos, para agora pensar o espectador de uma obra artística como um sujeito emancipado, que não faz apenas uma recepção passiva da obra de arte.

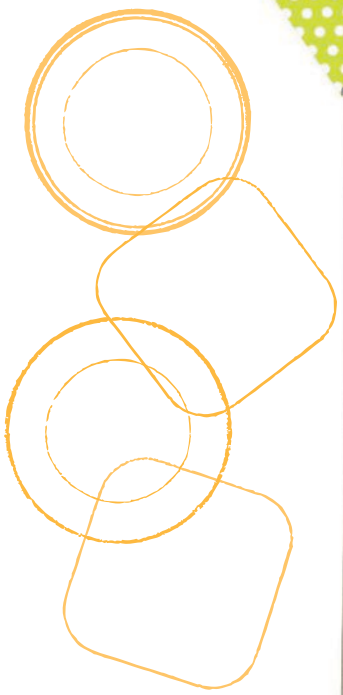
Texto 2 O espectador emancipado

A emancipação, por sua vez, começa quando se questiona a oposição entre olhar e agir, quando se compreende que as evidências que assim estruturam as relações do dizer, do ver e do fazer pertencem à estrutura da dominação e da sujeição. Começa quando se compreende que olhar é também uma ação que confirma ou transforma essa distribuição das posições. O espectador também age, tal como o aluno ou o in-

telectual. Ele observa, seleciona, compara, interpreta. Relaciona o que vê com muitas outras coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares. Compõe seu próprio poema com os elementos do poema que tem diante de si. Participa da *performance* refazendo-a à sua maneira, furtando-se, por exemplo, à energia vital que esta supostamente deve transmitir para transformá-la em pura imagem e associar essa pura imagem a uma história que leu ou sonhou, vive ou inventou. Assim, são ao mesmo tempo espectadores distantes e intérpretes ativos do espetáculo que lhes é proposto. [...]

O dramaturgo ou o diretor de teatro queria que os espectadores vissem isto e sentissem aquilo, que compreendessem tal coisa e que tirassem tal conclusão. É a lógica do pedagogo embrutecedor, a lógica da transmissão direta e fiel: há alguma coisa, um saber, uma capacidade, uma energia que está de um lado – num corpo ou numa mente – e deve passar para o outro. O que o aluno deve aprender é aquilo que o mestre o faz aprender. O que o espectador deve ver é aquilo que o diretor o faz ver. O que aquele deve sentir é a energia que este lhe comunica. A essa identidade de causa e efeito, que está no cerne da lógica embrutecedora, a emancipação opõe sua dissociação. É o sentido do paradoxo do mestre ignorante: o aluno aprende do mestre algo que o mestre não sabe. Aprende como efeito da habilidade que o obriga a buscar e comprova essa busca. Mas não aprende o saber do mestre.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. p. 17-19.



Atividades

Não escreva no livro

1. Atividade sobre o texto 1:
   a) Com base no texto, sistematize com suas palavras o conceito de indústria cultural.
   b) Segundo os autores, como se estrutura o mecanismo da produção cultural de massas?
   c) Para os autores, como o rádio explica o mecanismo da indústria cultural?
2. Atividade sobre o texto 2:
   a) Por que, segundo o autor, o ponto de partida da emancipação é o questionamento entre o olhar e o agir?
   b) Como e em que medida o espectador participa do espetáculo que assiste? Como isso quebra a lógica do embrutecimento?
   c) Usando algum exemplo da arte, explique a lógica da emancipação exposta no texto.
3. Escolha um filme que você tenha visto recentemente, uma música que goste de ouvir ou alguma outra peça artística de sua preferência. Analise esse produto, primeiro sob a lógica da indústria cultural: Quais elementos identificam essa obra como um produto de massas? Em seguida, analise a mesma obra pela perspectiva da emancipação do espectador: Você se sente em interação criativa direta com a obra?

   Após esses dois exercícios, escreva uma redação com suas conclusões e argumentos e compartilhe-a com seus colegas.

1. a) Resposta pessoal. Verificar se os estudantes foram capazes de assimilar o conceito de indústria cultural a partir dos elementos fornecidos pelo texto.

1. b) A questão-chave é a reprodutibilidade, o que faz com que se possa ter poucos centros de produção de cultura e mecanismos disseminadores, como o rádio, a televisão, o cinema. Um exemplo é o que representa Hollywood para a indústria cinematográfica mundial. Cria-se um determinado padrão que é distribuído massivamente, criando um rosto comum. O resultado é um processo de disseminação ideológica que serve à dominação das massas. **1. c)** O rádio é um meio de comunicação, muito popular na época da publicação do texto. Ele permite uma difusão em massa: o locutor fala não se sabe para quem, visto que milhares e mesmo milhões podem estar ouvindo a emissão ao mesmo tempo. Nesse sentido, a tecnologia do rádio está diretamente ligada com a comunicação de massa, enquanto o telefone está voltado para uma comunicação individualizada. **2. a)** Comumente compreendemos o olhar como algo passivo, oposto à ação. Sendo assim, a passividade do olhar não pode emancipar. Por isso, é necessário superar essa compreensão e ver no olhar também uma atividade. Se olhar é agir, o olhar pode ser aberto a um processo de emancipação.

2. b) Veja a resposta no Manual do Professor.

2. c) Resposta pessoal. Avalie a capacidade de os estudantes explicarem o texto a partir do exemplo escolhido.

3. Redação pessoal. Avalie a capacidade de os estudantes usarem os textos para fazer a análise.



La cité céleste, óleo sobre tela de Nazanin Pouyandeh, 2016. 185 × 250 cm.

A obra de Nazanin Pouyandeh, artista iraniana que vive na França, expõe alguns aspectos do mundo atual. No cenário de uma cidade devastada pela guerra, mulheres de diferentes nacionalidades e distintas etnias parecem lutar sobre os escombros. Mas também parecem se apoiar, quem sabe unindo-se para manter a vida. Esta imagem é das mais representativas da contemporaneidade.

Como agir nesse mundo? A política tal como a conhecemos e que foi se desenhando nos últimos séculos segue vigente? Como agir democraticamente em nossos dias? A lógica da representação continua pertinente? No âmbito da vida privada, quais valores fundamentam as ações éticas? E como a ética se relaciona com a política? De que modos podemos pensar nossas relações com o planeta e com o meio ambiente?

UNIDADE 6

Problemas contemporâneos: ética e política



Cortesia Nazanin Pouyandeh e Gal

1. Os estudantes podem observar muitas coisas. Espera-se que eles comentem pelo menos que o quadro retrata apenas mulheres e que elas estão nos escombros de uma cidade, aparentemente bombardeada.

1. Observe a obra com atenção. Quais elementos ali presentes você destacaria?

2. Como você analisa o jogo de cores na composição da obra? O que ela provoca em você? **2.** Na primeira parte da resposta, espera-se que os estudantes destaquem os tons de cinza das construções e dos destroços, contrastando com as cores vivas das roupas das mulheres. A segunda parte é estritamente pessoal.

3. Em seu modo de ver, o que a obra nos diz sobre a política contemporânea? **3.** Entre as várias possibilidades, os estudantes podem destacar a participação das mulheres na política, os esforços de reconstrução de uma sociedade devastada pela guerra, a força feminina de apoio mútuo.

CAPÍTULO 14

Desafios políticos contemporâneos: novas formas de agir?



Courtesy of Pest Control Office, Banksy, Bethlehem, 2005.

The Flower Thrower, estêncil e grafite de Banksy, 2005. Dimensões não informadas. Banksy é um artista de rua britânico que atua no mundo inteiro. Sua identidade é desconhecida e suas intervenções têm forte conteúdo político. Alguns o consideram um mero vândalo; outros, um ícone do terrorismo simbólico, uma forma pacífica, mas atuante, de resistência. Esta imagem traz uma versão do *flower power*, em um muro de Belém, na Palestina. Ela talvez expresse o sentido do próprio trabalho de Banksy.

O filme de ficção científica *V de vingança* explora uma discussão política contemporânea: em um futuro próximo, uma guerra civil deixou os Estados Unidos devastados, e o Reino Unido está sob o controle de um governo totalitário, corrupto e violento.

Um militante anarquista mascarado, que se denomina "V", comete uma série de atentados terroristas contra o governo. Em vários momentos, as atitudes do ativista revolucionário não são diferentes daquelas que ele critica. O filme permite refletir sobre as seguintes questões: até que ponto é válido recorrer ao terrorismo como arma política? O uso da força e da violência não representaria o fim da política como a conhecemos?

Como você verá neste capítulo, a ação política não se restringe ao que comumente se considera "esfera política", e a filosofia pode nos ajudar a refletir sobre as várias formas de atuar politicamente.

Favoritos



Reprodução/Vertigo Comics/Virtual Studios/ Silver Pictures/Warner Bros.

V de vingança, Estados Unidos/ Reino Unido/ Alemanha, 2006. Direção: James McTeigue (132 min).

Inspirado em uma série de quadrinhos escrita por Alan Moore, o filme retrata uma sociedade totalitária na qual um militante anarquista escolhe o terrorismo como forma de resistência. Filme de ação que se passa em um futuro distópico.

A política contemporânea e uma "ordem imperial"

Segundo o filósofo italiano **Antonio Negri**, todas as transformações que a sociedade tem sofrido, especialmente ao longo do século XX, tornaram pouco úteis os conceitos clássicos da política. Segundo sua tese central, com o avanço da globalização nas últimas décadas daquele século, a noção de soberania centrada no Estado-nação perdeu força.

Para ele, assim como para outros filósofos contemporâneos, já não vivemos a era moderna, e sim uma fase posterior, a **pós-moderna**. Essa nova situação se caracteriza por uma forma diferente de soberania, composta de uma rede de organismos nacionais ou supranacionais, como empresas e organizações políticas e sociais, articulados segundo regras próprias. A soberania pós-moderna está centrada na produção **biopolítica** (termo que Negri toma emprestado de Foucault), em que a produção da vida social abarca os planos econômico, político e cultural de modo que eles se interpenetram e se completam.

Se no período moderno o Estado-nação representava a soberania, na pós-modernidade, segundo Negri, ela é representada pelo **império**. Não se trata, porém, de uma alusão aos impérios antigos, como o romano. O termo também não se refere à ideia de imperialismo – ação política e econômica de um país que visa exercer dominação política, econômica e cultural sobre outros povos e territórios. Vamos entender melhor esse conceito no item a seguir.



Leonardo Cendamo/Getty Images

Antonio Negri (1933-2023)

Filósofo e cientista político italiano, é autor de vasta obra nos campos da Filosofia e da Ciência Política. Com o estadunidense Michael Hardt, escreveu *Império* (2000), *Multidão: guerra e democracia na era do império* (2004) e *Commonwealth* (*Comunidade*, 2009), constituindo uma trilogia que pretende oferecer uma leitura do mundo político contemporâneo.

Antonio Negri. Fotografia de 2012.

Favoritos

***Declaração*: isto não é um manifesto**. Antonio Negri e Michael Hardt. São Paulo: N-1, 2016.

Os autores analisam as lutas políticas contemporâneas com foco nos movimentos de rua nos países árabes, na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil, questionando a emergência de novas formas de governar e contribuindo para a construção de uma sociedade horizontalizada fundada na noção de comunidade.



Reprodução/N-1 Edições

O império e a fabricação de uma "ordem mundial"

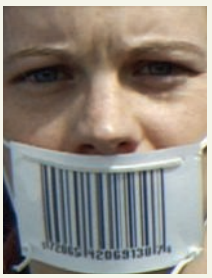
Para Negri, o conceito de império pós-moderno se distingue por quatro características principais:

Infográfico clicável

- No império, não há fronteiras. Ele atua de modo global, abarcando todo o mundo, independentemente das fronteiras nacionais.
- O império não resulta de um processo histórico de conquistas que o tenha consolidado, ou seja, o conceito de império é supra-histórico. É como se ele estivesse fora da história.
- No império, o exercício do poder não se limita ao plano político, mas estende-se a todas as esferas sociais. Ele governa a vida social como um todo, pois opera por meio da biopolítica.
- Há um projeto político globalizado de paz entre as nações, uma vez que todas são parte de um mesmo organismo político. Contudo, podem surgir conflitos, e cabe ao império combatê-los por meio da guerra, de modo que estejam todos alinhados ao mesmo projeto.

A queda do muro de Berlim em 1989 e a extinção da União Soviética em 1991 puseram fim à Guerra Fria, marcando o início de uma nova ordem mundial, que não mais se sustentava no **antagonismo** entre capitalismo e socialismo. A **hegemonia** capitalista fez emergir grandes conglomerados empresariais, capazes de atuar de forma globalizada, e estimulou a criação de blocos econômicos. Apesar de haver cada vez mais riquezas circulando mundialmente, a desigualdade econômica e os problemas dela decorrentes foram ampliados.

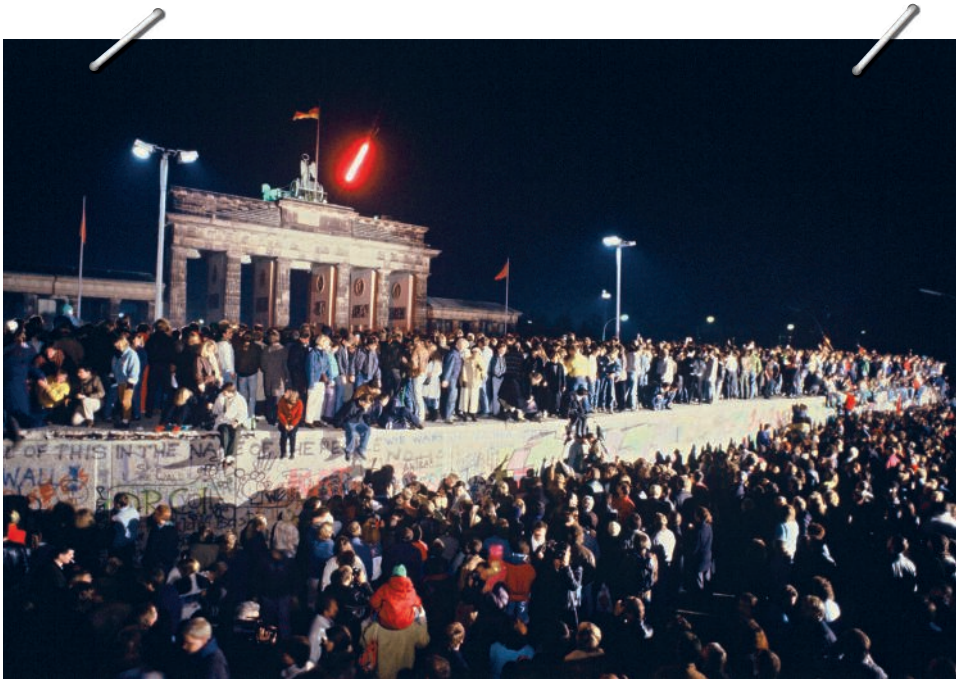
Favoritos



Big Media Corporation/Kobal/Shutterstock

A corporação, Canadá, 2003. Direção: Jennifer Abbott e Mark Achbar (145 min).

O documentário mostra como se constituem as corporações empresariais, relacionando-as com tipos psicológicos humanos. É um exercício interessante de compreensão da biopolítica.



Robert Wallis/Corbis/Getty Images

Manifestação pela queda do Muro de Berlim, na Alemanha. Fotografia de 1989.

antagonismo: ação ou resultado de opor-se a (algo), ou manifestação de princípio ou vontade contrários a (algo).

hegemonia: supremacia.

O império diante do colapso sanitário mundial

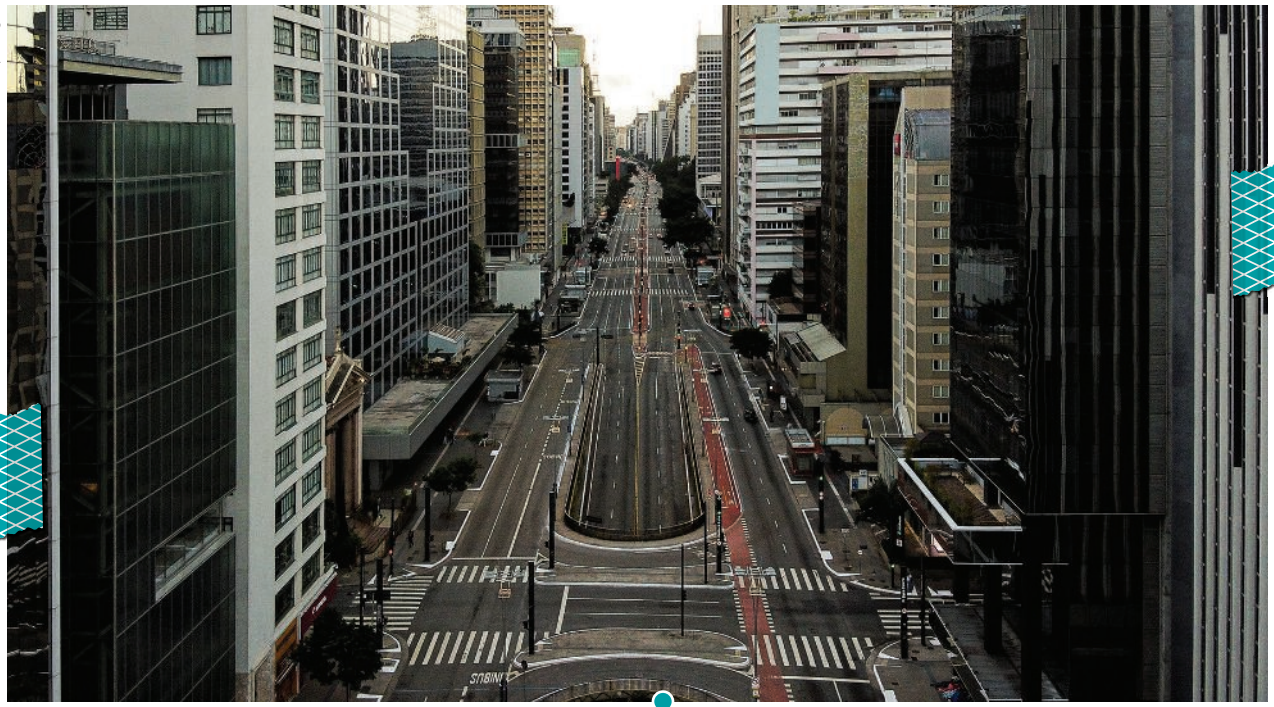
Essa ordem mundial, característica do império, expressa-se de forma jurídica por meio de leis, tratados, acordos, e ela nada mais é que a materialização de uma ordem capitalista, que une poder econômico e poder político. Para compreender melhor o conceito de império, tomemos alguns acontecimentos do mundo contemporâneo.

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia da covid-19, cujo foco inicial foi a região de Wuhan, na China. Em poucas semanas, o coronavírus, responsável pela infecção, espalhou-se pelos continentes.

Como organismo global, a OMS acompanhou o desenvolvimento da pandemia e fez sugestões de ordem sanitária para combatê-la, o que só poderia ser concretizado com ações políticas dos Estados locais. Os países, no entanto, agiram de diferentes modos, determinando desde a proibição da circulação de pessoas até formas muito mais brandas de controle. O que se viu foi justamente a forma de ação do império, com decisões descentralizadas, mas baseadas em debates globais, uma vez que se tratava de um assunto de interesse mundial.

Vista aérea da Avenida Paulista, em São Paulo, durante quarentena na pandemia da covid-19. Fotografia de 2020.

Alexandre Schneider/Getty Images



No detalhe

Não escreva no livro

Em 2020, uma das ações durante a pandemia da covid-19 foi a decretação de quarentena, impedindo ou reduzindo drasticamente a circulação de pessoas, como vemos na fotografia anterior.

- Como a imagem evidencia a ação do império?

Na lógica do império, essas ações foram decisões locais tomadas a partir de orientações globais emitidas pela Organização Mundial da Saúde, como ocorreu na cidade de São Paulo. Essas decisões almejavam reduzir o contágio e impedir o colapso dos sistemas de saúde, evidenciando uma preocupação biopolítica.

Império, democracia e consenso

Antonio Negri afirma que o império não nasce da intenção de alguém ou de algum grupo. Ele vai se constituindo aos poucos, nos movimentos do jogo político das instituições sociais. Em outras palavras, o império não é um organismo que se coloca além do conjunto social, organizando-o e gerindo-o; ele brota do próprio meio social.

É característico do império estar aberto à diversidade, às pluralidades sociais. Diferentemente de um regime totalitário, ele não busca eliminar as **alteridades**, impondo uma igualdade social; nessa nova ordem política, a diversidade chega mesmo a ser cultivada. O império nasce dos **consensos sociais** que resultam dos conflitos gerados por essas diferenças.

alteridade: situações ou relações constituídas através da diferença.



Annik Susemihl/Shutterstock

Loja de *fast-food* com cardápio *kosher* em Tel Aviv, Israel. Fotografia de 2023. Uma rede estadunidense especializada em hambúrgueres criou lojas *kosher*, ou seja, adaptadas às regras alimentares da religião judaica, para garantir um maior público consumidor em Israel.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Consenso

Produção de uma visão comum, de uma concordância, de um consentimento nas ações políticas e sociais. Se uma decisão foi consensual, isso significa que foi aceita por todos. As teorias clássicas da democracia consideram o consenso, ao qual se chega por negociação, o objetivo desse regime político, permitindo um governo da maioria. No regime do império, a intenção é fazer com que todos os indivíduos concordem com certas decisões e ações, não importando as diferenças que existam entre eles.

- Por que o consenso é importante em um regime democrático?

O consenso é importante porque é por meio dele que se forma uma maioria para governar depois de um processo de negociação política.

Direito de polícia e de intervenção

Uma habilidade importante para o império é o gerenciamento dos conflitos. Em meio à diversidade de interesses econômicos, sociais e políticos, ele administra as situações que possam ser conflituosas. Por essa razão, é fundamental para o império o exercício do **direito de polícia**. O poder jurídico do império deve ser capaz de harmonizar as diferenças. No entanto, quando a situação foge ao controle, os dirigentes recorrem ao poder de polícia para resgatar o equilíbrio social.

Um correlato do direito de polícia é o **direito de intervenção**. Quando um território coloca a ordem imperial em risco, o império exerce o direito de intervenção de modo a resgatar o equilíbrio de forças. Um exemplo foi a invasão do Iraque pelos Estados Unidos e por outros países aliados em 2003. A justificativa da invasão era a de que o Iraque produzia armas de destruição em massa e era governado por um ditador, o que colocava em risco a ordem mundial.

Nessa "máquina biopolítica globalizada" que é o império, o centro e as margens estão sempre se conectando e mudando de posição. A soberania do império ocorre nas margens, onde as fronteiras são mais fluidas. Por essa razão, Negri afirma que o império atua de maneira **virtual**: é como se fosse uma "máquina de alta tecnologia" construída para controlar os eventos marginais e organizada para dominar globalmente.

ODD ANDERSEN/AFP/Getty Images



Soldados britânicos, integrantes das tropas aliadas aos Estados Unidos, revistam civis em Basra, no Iraque, durante a busca por militares iraquianos fugitivos, 2003.

No detalhe

Não escreva no livro

Durante a guerra do Iraque (2003-2011), o país do Oriente Médio foi ocupado por tropas militares comandadas pelos Estados Unidos. Essas tropas faziam patrulhas e muitos iraquianos foram presos e acusados de ligação com grupos terroristas.

- Como podemos compreender, por meio dessa imagem, a afirmação de que "a soberania do império ocorre nas margens"?

A fotografia evidencia que é nas margens do império, sendo que naquele momento uma dessas margens era o Iraque, que o poder se exerce, impondo suas condições.

Em busca de uma democracia da multidão

Haveria algum modo de escapar do controle que o império parece impor?

Negri vê possibilidades de resistência ao império e, mais do que isso, afirma que o potencial de libertação humana tem aumentado. Segundo ele, o império é fruto da ação das massas. Ainda no século XIX, o movimento operário organizado lutava contra a exploração dos trabalhadores e defendia a necessidade de internacionalização dessa luta.

Os militantes daquela época compreendiam que as lutas dos trabalhadores não poderiam ficar restritas a seus países, pois o capital é internacional e não respeita fronteiras políticas em seus fluxos e acumulação. Por isso, foram as massas (que Negri denomina **multidão**) que exigiram o nascimento do império. A nova ordem política se construiu com base nesse desejo da multidão, mas continuou representando uma forma de exploração da mesma multidão em nome do capital.

Embora siga a lógica do capital, o império contribui para derrubar regimes ditatoriais e, assim, o potencial de libertação se amplia. Em 2011, grandes manifestações se espalharam por diversos países do norte da África e do Oriente Médio que eram governados por ditadores havia décadas. Em alguns deles, o processo resultou na deposição desses governantes autoritários.

Manifestantes protestam contra o então presidente do Iêmen, Ali Abdullah Saleh, em Sanaa. Fotografia de 2011. O uso das redes sociais foi de grande importância para mobilizar a população para os protestos e divulgar informações para o mundo todo.

ymphotos/Shutterstock



Novas formas de ação política

No regime imperial, os cidadãos parecem ser mais "livres", uma vez que o controle está virtualizado. Como você já estudou, nas sociedades de controle há um aparente ganho de liberdade, pois as pessoas têm muito mais opções e possibilidades de mobilidade. Negri afirma que, ao virtualizar o controle, o império abre possibilidades de organização da multidão, e é nesse aspecto que reside a possibilidade de enfrentar o regime. Uma vez que o império é fruto da multidão, dela provém seu poder.

Um exemplo disso é o uso das redes sociais para coordenar manifestações, como os *flash mobs*, protestos e ações tanto *on-line* quanto nas ruas. Em 1999, uma grande mobilização aconteceu em Seattle, nos Estados Unidos, contra a Organização Mundial do Comércio (OMC), que fazia uma conferência naquela cidade. A partir de então, manifestações desse tipo se tornaram comuns no mundo todo. A multidão, nesse caso, usa uma arma do império, a capacidade de intervenção, para enfrentá-lo.

Favoritos

Lute como uma menina!, Brasil, 2016. Direção: Beatriz Alonso e Flávio Colombini (76 min).

Nesse documentário sobre a ocupação de escolas por estudantes, o foco é a participação feminina no movimento, questionando situações e atitudes machistas.



Reprodução/Beatriz Alonso, Flávio Colombini

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Flash mob

A expressão *flash mob* significa "mobilização instantânea". Corresponde a uma forma de manifestação popular organizada via redes sociais ou meios de comunicação de massa, na qual um grupo de pessoas se reúne, realiza um ato e se dispersa com rapidez. Sua intenção pode ser festiva, artística, religiosa ou política.

No campo político, tem crescido como tática de ativismo que escapa aos princípios organizativos dos partidos políticos e dos movimentos sociais tradicionais, tornando possíveis grandes manifestações.

- Quais tipos de atividades podem ser realizadas por meio da tática do *flash mob*?

Podem ser realizadas atividades artísticas, religiosas, políticas e mesmo festivas.

Reinventar a democracia

Segundo Negri, existem duas formas de ação complementares para enfrentar o império. De um lado, uma forma **crítica e desconstrutiva**, voltada a recuperar as bases criadoras e produtivas da multidão. De outro, uma forma **construtiva e ético-política**, que pretende organizar uma alternativa social e política ao império.

Na visão de Negri, somente a multidão criada pelos jogos políticos do império pode voltar-se contra ele e sua dominação, apropriando-se dos meios virtuais e reinventando a democracia. Como vimos, no mundo ocidental moderno, a soberania esteve a princípio concentrada na figura política do Estado-nação, sendo depois transferida para a figura política do império. Segundo o filósofo italiano, teríamos hoje condições práticas para, de modo articulado, transferir essa soberania das organizações econômicas e políticas do império para a multidão. Isso seria a verdadeira realização da democracia, com a ação popular direta, sem mediações.



STAN HONDA/AFP/Getty Images

Manifestação do movimento *Occupy Wall Street* contra o sistema financeiro em Nova York, Estados Unidos, em 30 de setembro de 2011. Os *smartphones* foram bastante utilizados pelos manifestantes tanto na organização como durante as manifestações.

Trabalhando com Lógica

A lógica dialética foi proposta por Hegel no século XIX, com o objetivo de superar impasses gerados pela lógica formal. Em sua obra *Lógica Formal, Lógica Dialética* (1947), o filósofo Henri Lefebvre (1901-1991) sistematizou a prática do método dialético em nove regras. Veja algumas de forma resumida:

1. **Dirigir-se à própria coisa**, isto é, a análise é sempre objetiva.
2. Apreender o **conjunto das conexões** internas da coisa, de seus aspectos; captar o desenvolvimento e o movimento próprios da coisa.
3. Assimilar os aspectos e momentos contraditórios; compreende **a coisa como totalidade e unidade dos contraditórios**.
4. Analisar a luta, o conflito interno das contradições, o movimento, a **tendência**.
5. Não se esquecer de que **tudo está ligado a tudo**.
6. Não se esquecer de captar as **transições**; transições dos aspectos e das contradições, passagens de uns nos outros, transições no devir.
7. Não se esquecer de que o **processo de aprofundamento do conhecimento** é infinito. Jamais permanecer satisfeito com o obtido.
8. Adentrar, portanto, mais fundo do que a simples coexistência observada; **adentrar sempre mais profundamente na riqueza do conteúdo**, captar solidamente as **contradições** e o **movimento**.
9. Em certas fases do próprio **pensamento**, este deverá se transformar, **superar-se**.

Retome

Não escreva no livro

- Explique o conceito de império proposto por Antonio Negri e indique como ele pode ajudar a compreender o mundo contemporâneo.

O conceito de império é a forma política da soberania na pós-modernidade que exerce seu poder globalmente. É supra-histórico; atua em todas as esferas sociais; opera pela biopolítica e em nome da paz mesmo quando, para defender seus interesses, declara e promove guerras. Esse conceito pode ajudar a compreender o mundo atual por sua capacidade de descrever e explicar a lógica de funcionamento de um tipo de exercício de poder, que é autoritário, nocivo à sociedade e se encontra vigente.

A política como "partilha do sensível"

Enquanto Antonio Negri confronta modernidade com pós-modernidade, para o filósofo francês **Jacques Rancière** (1940-), essa distinção não faz nenhum sentido, nem ajuda a refletir sobre a sociedade atual. Segundo Rancière, o problema da política contemporânea está em buscá-la naquilo que não é, em essência, o político. Para ele, a pergunta fundamental que define o campo da Filosofia política seria: "O que há de específico na política?".

A resposta para a pergunta é simples: o que há de específico na política é o **desentendimento**. Com isso, Rancière se coloca em uma linha de pensamento distinta tanto da filosofia política antiga quanto da moderna. Aristóteles via o ser humano como "naturalmente" político, social, na medida em que é próprio de sua natureza viver junto com outros e compartilhar a vida. E esse compartilhamento só é possível se há entendimento entre os indivíduos. Já **Thomas Hobbes** (1588-1679), por sua vez, afirma que a política é uma produção humana para pôr fim ao desentendimento que reina no estado de natureza. Para Rancière, porém, o desentendimento é a própria base da política.

Assim falou Jacques Rancière

O dissenso não é a diferença dos sentimentos ou das maneiras de sentir que a política deveria respeitar. É a divisão no núcleo mesmo do mundo sensível que institui a política e sua racionalidade própria. Minha hipótese é portanto a seguinte: a racionalidade da política é a de um mundo comum instituído, tornado comum, pela própria divisão. [...] A política não é em primeiro lugar a maneira como indivíduos e grupos em geral combinam seus interesses e seus sentimentos. É antes um modo de ser da comunidade que se opõe a outro modo de ser, um recorte do mundo sensível que se opõe a outro recorte do mundo sensível.

RANCIÈRE, Jacques. O Dissenso. *In*: NOVAES, Adauto (org.). *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 368.

Tomaz Silva/Agência Brasil



Manifestantes no Rio de Janeiro (RJ) questionam as obras realizadas na cidade para receber os jogos da Copa do Mundo de Clubes da FIFA. Fotografia de 2014. Vários protestos contrários à realização desse evento, no Brasil, ocorreram entre 2013 e 2014; muitos deles foram organizados em comitês que utilizavam as redes sociais como canal de divulgação. Os manifestantes protestavam contra os gastos públicos nas obras de infraestrutura para o evento.

Favoritos



Reprodução/Corte Seco Filmes

Cabeça de nêgo, Brasil, 2020. Direção: Déo Cardoso (85 min).

Nesse filme de ficção, um jovem negro sofre racismo na escola e, ao reagir, é expulso. Ele recusa-se a deixar a escola e provoca uma mobilização social por meio das redes sociais para defender seus direitos.



Reprodução/Escola de Ativismo/Autonomia Literária

Belo levante – estratégias criativas para insurgências políticas. Realização: Escola de Ativismo & Autonomia Literária. Brasil, 2023. Jogo de cartas. Trata-se de uma forma divertida de conhecer diferentes estratégias de lutas políticas contemporâneas.

Entre a polícia e a política

Rancière afirma que deveríamos chamar de **polícia** o que chamamos de **política**. É evidente que as duas palavras têm a mesma origem, o termo grego *polis*, que designa a cidade, a comunidade política básica. Mesmo as relações de poder pertencem ao âmbito da polícia. Por política ele entende algo muito mais raro, que é exatamente aquilo que perturba a ordem da polícia (compreendida como administração do social) pela introdução da diferença, daquilo que é heterogêneo.

O que Rancière propõe é ampliar, alargar o sentido de polícia. Para esse filósofo, a polícia é algo muito mais amplo, como a própria organização da vida social e sua administração cotidiana, a garantia de uma ordem instituída. Por outro lado, ele restringe o sentido de política. A política é um acontecimento, algo incomum, que se manifesta na afirmação da "igualdade de qualquer ser falante com outro ser falante".

O problema é que, desde a Antiguidade grega, aqueles que falam de forma diferente são excluídos. Como é difícil compreender aquele que tem um discurso diferente, sua fala não é reconhecida, e o sujeito é excluído do universo político. Esse sistema de exclusão persiste ainda hoje, mesmo que de outras maneiras.

Favoritos



Reprodução/tva2doc

Espero tua (re)volta, Brasil, 2019. Direção: Eliza Capai (93 min).

Documentário centrado nas mobilizações estudantis de 2015, em São Paulo, a partir das visões de três diferentes estudantes.



Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil

Policiais reprimem manifestantes em protesto contra a Copa do Mundo, em Brasília (DF). Fotografia de 2014. Se aplicarmos os conceitos de Rancière, podemos dizer que a população praticava **política**, enquanto os políticos, ao mandarem reprimir violentamente a manifestação para garantir a ordem instituída, praticaram **polícia**.

Um mundo dividido, mundos em convivência

Segundo Rancière, a política é a partilha do mundo. Não o compartilhamento, conforme Aristóteles, que significa viver juntos; mas a partilha como divisão, como separação de partes, que permite que cada um seja integrante de uma comunidade e possa viver à sua maneira.

A **multiplicidade** se sustenta na existência de vários mundos. Isso que chamamos de "mundo", afirma Rancière, não é uma unidade, pois há diferentes formas de sentir o mundo. Para ele, assim como a arte, a política envolve percepções individuais, e ambas pertencem à esfera da sensibilidade – razão pela qual ele define a política como a **partilha do sensível**.

Porém, se cada indivíduo ou cada grupo pode viver à sua maneira, a convivência tende a ser conflituosa. A **política** é justamente esse conflito, que ele chama de **desentendimento**. Em outras palavras: a política não é o entendimento entre as pessoas do povo; ao contrário, a política é a vida no desentendimento, por essa razão Rancière afirma que ela não existe no consenso, mas no **dissenso**, ou seja, na discordância, na falta de consentimento.

Mulheres em uma ilha flutuante habitada pelo povo Uros, no lago Titicaca, no Peru. Fotografia de 2022. Para Rancière, o mundo não é uma unidade, mas sim uma multiplicidade de formas de viver e de sentir.



Alexandra Lande/Shutterstock

Favoritos



Mr. Robot: Sociedade Hacker, Estados Unidos, 2015-2019. Criação: Sam Esmail (4 temporadas).

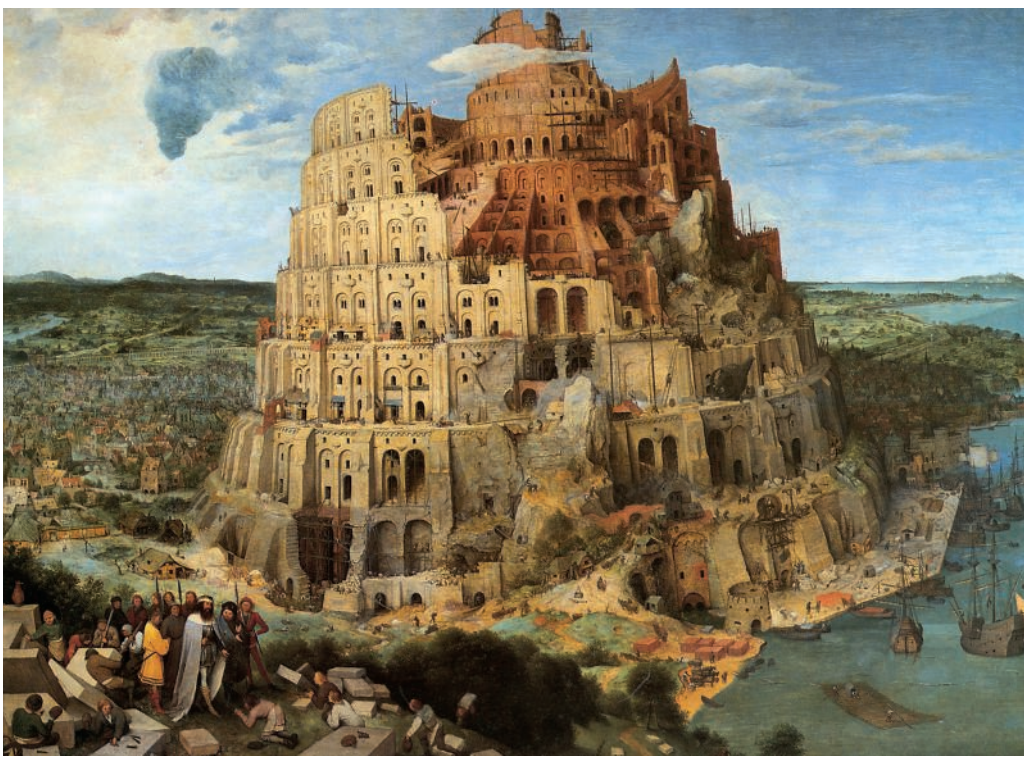
Um jovem começa a hackear sistemas de informática e se junta a um grupo de ativistas, conseguindo quebrar sistemas de bancos e distribuindo entre os mais pobres o dinheiro de grandes investidores, o que gera pânico nas corporações. Em meio às questões políticas, acompanhamos os dramas psicológicos de jovens contemporâneos.

Reprodução/Universal Cable Productions/Anonymous Content

A Torre de Babel e o poder do consenso

O desentendimento é também tema da passagem bíblica da Torre de Babel. Segundo a Bíblia, os seres humanos falavam a mesma língua, o que os tornava poderosos – tão poderosos que resolveram alcançar o céu. Para isso, puseram-se a construir uma torre. Deus, descontente com essa ação, instaurou a confusão entre os humanos: fez com que cada um começasse a falar uma língua diferente, para que não mais se entendessem. Em razão disso, já não era possível construírem juntos um projeto comum, e assim a construção da Torre e ela própria foram abandonadas.

Os seres humanos nunca mais foram tão poderosos, e então espalharam-se pelo mundo. Uma interpretação dessa narrativa nos leva a considerar a política como a construção de um projeto comum, e tal projeto só seria possível se nos entendêssemos (isto é, se construíssemos um consenso). Para que isso se realize, é necessário que a política cumpra seu papel: possibilitar que, em meio às diferenças, haja algo em comum, algo que não seja a eliminação das diferenças, mas sua confirmação.



Reprodução/Museu de História da Arte em Viena, Áustria.

A Torre de Babel de 1563, óleo sobre painel de Pieter Bruegel, o Velho, 1563. 144 × 155 cm.

Nessa passagem da Bíblia, os seres humanos formam uma comunidade forte porque falam uma única língua. Por se entenderem perfeitamente, podem realizar projetos comuns, como a construção de uma grande torre. Quando Deus resolve fazer com que falem diferentes línguas, o entendimento entre eles cessa e se tornam incapazes de realizar projetos como aquele. Para Rancière, é aí que entra a política: a possibilidade de os seres humanos realizarem projetos comuns, mesmo sendo totalmente diferentes entre si.

No detalhe

A tela apresentada, pertencente ao acervo do Museu de História da Arte de Viena, na Áustria, é uma das três pinturas realizadas por Pieter Bruegel, o Velho, representando a Torre de Babel, a partir da narrativa bíblica. Nesse caso, representando a sua construção.

- Como essa passagem bíblica permite compreender a filosofia política de Rancière?

Construir a igualdade na diferença

A filosofia de Rancière chama a atenção para a dificuldade de construir a **igualdade na diferença**. Segundo ele, o problema das filosofias políticas modernas é definir a igualdade como algo a ser construído. Somos desiguais e queremos ser iguais. Então, define-se que "todos são iguais perante a lei": trata-se de uma igualdade fabricada, de uma igualdade legal. É preciso construir socialmente a igualdade; todavia, como os interesses são distintos, isso acaba sendo impossível.

Para Rancière, a igualdade é o ponto de partida da política, não seu ponto de chegada. Só pode haver política entre iguais, entre seres que se reconhecem como iguais, como falantes, ainda que sejam completamente diferentes entre si. Em outras palavras: diferenças não significam desigualdades; é possível nos reconhecermos como iguais, ainda que sejamos diferentes em nossas visões de mundo. Podemos falar linguagens ou línguas diferentes, mas falamos — e isso nos torna seres igualmente políticos.

Nas nossas diferenças, somos, porém, capazes de produzir projetos comuns, de produzir uma comunidade, desde que as diferenças sejam respeitadas e não apagadas.

Mo Wu/Shutterstock



Manifestação dos "coletes amarelos" em Paris, em outubro de 2018. Esse movimento foi formado por trabalhadores de diversos setores que ocuparam as ruas para protestar contra os impostos sobre combustíveis e outras tarifas consideradas injustas. Para Rancière, esse tipo de protesto é um dos mais eficazes, pois se origina de forma espontânea e é protagonizado por grupos que geralmente não estão vinculados a movimentos políticos de ação contínua. No entanto, na visão do filósofo, essa qualidade também pode se tornar uma fraqueza, uma vez que, no auge de sua força, um movimento como esse pode ser paralisado por não haver um objetivo bem definido e compartilhado por todos.

Igualdade e emancipação

A crítica de Rancière mostra que o ideal de emancipação é impossível em nossa sociedade, a qual ele denomina "sociedade pedagogizada". Nela, sempre precisamos aprender com alguém que sabe mais. Os mestres, os professores, são explicadores; e, sem a explicação, ninguém aprende. Se as inteligências são desiguais, já que sempre haverá alguém que sabe mais, nunca será possível chegar à igualdade e sempre precisaremos dessa desigualdade para aprender.

Por outro lado, Rancière formulou o **princípio da igualdade de inteligências**, que afirma que todos são capazes de aprender e de ensinar, visto que são inteligentes. Todos são iguais na inteligência, ainda que uns saibam mais que outros, dadas as condições de vida de cada um. Mas o fato de alguém saber mais não significa que seja mais inteligente. A relação pedagógica torna-se uma relação entre inteligências iguais, emancipadas, na qual uma não domina a outra, mas pode haver uma partilha de aprendizados.

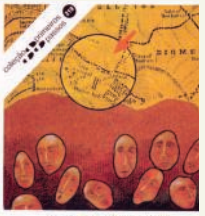
A emancipação política é análoga à emancipação intelectual. Só pode haver emancipação política quando os diferentes atores políticos se reconhecem e se relacionam como iguais, como seres falantes, ainda que um não entenda a palavra do outro. É o reconhecimento dessa igualdade que pode ensejar a construção de projetos em comum, mesmo que na relação entre diferentes, estruturando algo que é de todos, que é compartilhado por todos.



Adriano Kirihara/Pulsar Imagens

Pessoas idosas participam de curso de informática em Presidente Prudente (SP), em 2019.

Favoritos



Reprodução/Editora Brasiliense

O que é democracia. Denis L. Rosenfield. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Uma introdução em linguagem clara e simples às várias teorias que embasam o sistema democrático.



Reprodução/Editora Brasiliense

O que é participação política. Dalmo de Abreu Dallari. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Uma discussão em linguagem acessível sobre os fundamentos da política e a necessidade de uma efetiva participação popular para a construção de um regime democrático.

A democracia e o dissenso

Rancière afirma que, em nossos dias, vivemos uma espécie de "ódio à democracia", que se manifesta das mais diversas formas. Ele se faz presente nos países teocráticos, em que líderes religiosos defendem a ideia de que a palavra de Deus está acima de qualquer democracia; mas também ocorre nos países que assumem a democracia como princípio político.

Segundo Rancière, o ódio vem do medo que sentimos da democracia. No fundo, sente-se que a democracia é mais que um regime político, que ela é o verdadeiro nome da política.

Entende-se que agir democraticamente é produzir esse consenso com base na vontade da maioria, de modo que a minoria vencida se submeta à vontade da maioria e, assim, seja abarcada no todo. No entanto, Rancière afirma que há política quando a minoria não se cala, quando faz questão de fazer valer sua voz dissonante.

A **democracia é a arte de viver nas diferenças**, partindo do fato de que somos todos igualmente seres políticos. Cada um com sua voz e no exercício de sua diferença, na construção de um projeto que é comum, mas que não apaga a diferença do outro. Daí o medo que se tem da democracia e o ódio que advém desse medo. É justamente nessa convivência difícil das diferenças que reside a potencialidade humana no ato político.



Na fotografia 1, manifestação favorável ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, ocorrida em março de 2016, em São Paulo (SP). Na fotografia 2, manifestantes contrários ao *impeachment* da presidenta, na mesma cidade e mesmo mês. Numa democracia, cada cidadão tem o direito de expressar sua opinião política. Segundo Rancière, a política é dissenso, mas é preciso agir na construção de um projeto comum.

Retome

1. Como partilha do sensível, a política entende o mundo não como uma unidade, mas como uma multiplicidade de formas de sentir e viver. Essas devem ser partilhadas pela sociedade, permitindo que diferentes indivíduos possam viver com igualdade e liberdade.

Não escreva no livro

1. Explique a ideia de política como "partilha do sensível".

2. Explique a noção de dissenso e como ela fundamenta a política.

2. O dissenso ou desentendimento diz respeito à pluralidade das formas de sentir e viver a vida, que, em conflito, compõem e fundamentam a existência dos diferentes mundos sociais. Essa noção alicerça a política e dá uma orientação contrária ao funcionamento da política atual, que visa suprimir o desentendimento e excluir e restringir as vozes que discordam da ordem social vigente.

Mundo digital

A política das redes

A proibição da rede social X (antigo Twitter) no Brasil em 2024 fortaleceu uma série de discussões no país sobre a regulação das redes sociais. Antes disso, o avanço de discursos extremistas e negacionistas, assim como das *fake news*, no contexto das eleições de 2018 e 2022 e durante a pandemia da covid-19 (2020-2023) já havia revelado a necessidade de uma legislação sobre as redes sociais e seus impactos na democracia.

A pensadora alemã Hannah Arendt (1906-1975), em seu ensaio "Verdade e política", oferece ideias muito úteis para refletirmos sobre nossa relação com a verdade nas redes sociais e no mundo contemporâneo. Em suas elaborações, Arendt utiliza o antagonismo entre verdade e opinião, proposto por Platão na Antiguidade grega. Para Platão, a verdade é o discurso que resulta dos diálogos socráticos, próprio dos filósofos, enquanto a opinião é atribuída aos sofistas. A sofística é uma forma de discurso que busca o convencimento do interlocutor por meio da retórica, sem que haja, necessariamente, compromisso com a verdade.

Partindo das ideias de Platão, Arendt faz uma comparação entre os sofistas antigos e os modernos. Para ela, os primeiros desejavam uma vitória discursiva efêmera, que encobria momentaneamente a verdade, enquanto os últimos desejam uma vitória duradoura que, além de encobrir a verdade, distorce a própria realidade. O trecho a seguir resume um pouco do pensamento da autora sobre o assunto.

Os fatos são a matéria das opiniões, e as opiniões, inspiradas por diferentes interesses e diferentes paixões, podem diferir largamente e permanecer legítimas enquanto respeitarem a verdade de fato. A liberdade de opinião é uma farsa se a informação sobre os fatos não estiver garantida e se não forem os próprios fatos o objeto do debate.

ARENDT, Hannah. *Verdade e política*. Lisboa: Relógio D'Água, 1995. p. 11.

Atividades

Não escreva no livro

1. Espera-se que os estudantes utilizem os subsídios teóricos de Hannah Arendt para refletir criticamente sobre o impacto das redes sociais, especialmente sobre como podem influenciar o estatuto da verdade. A partir de uma leitura atual do trabalho de Arendt, é possível atribuir o título de sofistas contemporâneos aos negacionistas e divulgadores de *fake news*, pois não possuem compromisso com a verdade.

1. Com base nos textos lidos, escreva um parágrafo sobre o impacto das redes sociais no modo como consumimos informação na contemporaneidade, refletindo sobre como elas podem ser usadas para a disseminação de discursos falsos ou imprecisos.
2. Pergunte aos seus familiares quais são os meios que eles utilizam para se informar sobre os acontecimentos do mundo e se costumam conferir criticamente a fonte de cada informação.
3. Escolha dois ou mais veículos de informação atuais e pesquise a mesma notícia em ambos. Em seguida, faça uma comparação entre as notícias buscando observar o modo como diferentes veículos de comunicação narram o mesmo fato.

2. Espera-se que os estudantes levem a discussão desenvolvida na seção para outros ambientes, refletindo a partir de exemplos práticos e próximos de sua vivência sobre o consumo de informação na atualidade e suas consequências na formação da opinião pública.
3. Ao comparar as mesmas notícias em diferentes meios, os estudantes poderão perceber como acontecimentos idênticos podem ser narrados de formas absolutamente distintas, a depender da perspectiva editorial do produtor da notícia.

Trabalhando com

texto filosófico de divulgação

Culturas religiosas e igualdade escolar



Reprodução/ONU

Na França, em 2003, debateu-se intensamente um projeto de lei (aprovado em março de 2004) que proibia o uso de símbolos religiosos nas escolas públicas. No contexto desse debate, Jacques Rancière fez uma conferência na rádio France Culture, em 19 de dezembro de 2003. O texto a seguir é a transcrição de sua fala. Leia-o e responda às perguntas expostas na sequência.

Sobre o véu islâmico: um universal pode esconder outro

Há uma maneira tranquilizadora de colocar a questão que se está chamando "do véu islâmico". Ela consiste em **sopesar** dois princípios da vida em comum. Por um lado, a universalidade da lei à qual as particularidades devem estar submetidas; por outro, o respeito às diferenças, sem o qual nenhuma comunidade é viável. Sem dúvida, poderia acontecer de a questão ser mais temível: que se tratasse de escolher não entre o universal e o particular, mas entre várias formas universais e várias maneiras de particularizar o universal.

[...] A lei proposta é, pois, uma lei excepcional, que aponta a alunos de um sexo e uma religião determinados, a fim de agir de modo indireto sobre a comunidade a que pertencem. A exclusão das meninas que usam véu é posta como uma maneira de liberar as mulheres muçulmanas do véu e da situação de desigualdade da qual ele é símbolo.

[...] A escola, diziam, ocupa-se apenas de uma única igualdade, a sua: aquela do saber que distribui a todos por igual. Ainda que queira ocupar-se em reduzir as desigualdades existentes na sociedade, confunde a instrução e funde a universalidade do saber nos perigos da demanda social. [...] Mas se a escola deve, uma vez mais, reduzir as desigualdades na sociedade, colocam-se duas questões: quais desigualdades sociais pertencem à escola e quais não? E esse efeito deve ser operado por aquilo que a escola inclui ou por aquilo que ela exclui?

RANCIÈRE, Jacques. Sobre el velo islámico: un universal puede esconder otro. *In*: *Momentos políticos*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2010. p. 121-124. Texto traduzido.

1. O autor trabalha com os conceitos de igualdade e diferença, a problemática da vida em comum e os litígios culturais que são postos pela vida em comunidade. Os estudantes podem aprofundar esses aspectos em suas respostas.

sopesar: contrabalançar o peso de duas coisas.

2. A lei pretendia, ao proibir o uso de símbolos religiosos nas escolas (como o véu islâmico), estabelecendo uma forma de igualdade social entre os estudantes. A ideia era que, independentemente da religião de cada um, todos seriam iguais no ambiente escolar, sendo vistos apenas como estudantes.

3. No Brasil, também há diversidade religiosa. Ainda assim, são comuns os símbolos religiosos cristãos em nossas escolas, o que acaba por discriminar os praticantes de outras religiões. Desse modo, a situação brasileira parece ser tolerante a alguns símbolos religiosos, diferentemente da França.

Atividades

Não escreva no livro

1. Em que medida o texto de intervenção social de Rancière reflete suas ideias sobre política estudadas neste capítulo?
2. A proposta de lei visava "diminuir as desigualdades sociais". Como pretendia fazer isso?
3. Você consegue identificar algum paralelo do assunto tratado no texto com a realidade brasileira?

Galeria de atividades

1. Explique as relações entre biopolítica, sociedades de controle e império.
2. Segundo Rancière, que relação existe entre emancipação política e emancipação intelectual?
3. Faça uma pesquisa sobre ações políticas realizadas recentemente por meio das redes sociais, selecione uma delas e responda:
   a) Qual foi o objetivo da ação?
   b) Quem foram os organizadores?
   c) Quantas pessoas estavam envolvidas?
   d) Qual foi a forma de participação?
   e) A ação obteve algum resultado positivo?
   f) Pode-se afirmar que esse tipo de ação representa uma forma de emancipação política segundo os conceitos estudados no capítulo?
4. Ao se cadastrar em uma rede social, você tem o hábito de ler documentos como "Termos de uso" e "Política de privacidade"? Escolha uma rede de sua preferência, leia e analise seus documentos e responda: a ação dessa rede contribui para a participação democrática de seus usuários?
5. Leia a matéria a seguir, publicada pela revista *Superinteressante* em outubro de 2012, época de eleições municipais no Brasil e eleições presidenciais nos Estados Unidos.

As armas do futuro na guerra política

Com as eleições municipais no Brasil e para presidente nos Estados Unidos, veja como celulares e computadores têm papel de destaque nas mãos de representantes e representados.

Aplicativos engajados

Os americanos têm aliados poderosos: os aplicativos. Numa eleição em grande parte financiada pelo setor privado, um aplicativo ajuda a achar as empresas que apoiam os presidenciáveis. Basta esperar a campanha do político começar e apontar o celular para a televisão. Ele identifica quem deu o dinheiro e mostra notícias sobre aquele candidato. Outro aplicativo ainda informa se os dados mostrados no comercial são verdadeiros.

Buscas compradas

Ainda nos Estados Unidos, anúncios pagos em *sites* de busca são responsáveis por grande parte dos acessos aos portais dos candidatos. 60% das visitas à página do democrata Barack Obama vêm desses anúncios.

E no Brasil?

Por aqui, ainda estamos no começo. O aplicativo Candidatos exibe uma ficha dos aspirantes a prefeito e vereador. Mais simples, o aplicativo Eleições ajuda a organizar as opções de voto e atualiza o usuário sobre o resultado das eleições.

ROMERO, Luiz. As armas do futuro na guerra política. *Superinteressante*, 31 out. 2016. Disponível em: https://tedit.net/0sii03. Acesso em: 17 ago. 2024.

1. Há muitas relações entre biopolítica, sociedades de controle e império possíveis de serem mencionadas nessa resposta. Talvez a principal delas diga respeito à capacidade que o conceito de biopolítica tem de diagnosticar as atuações do império. Isso ocorre por meio das instituições de uma sociedade de controle, concretizadas em ações militares, econômicas, políticas, médicas, jurídicas e midiáticas, que visam controlar a vida dos indivíduos.

2. A emancipação intelectual e a emancipação política são análogas, pois, assim como se deve considerar que na educação todos os indivíduos são iguais em inteligência, para que possa haver um processo de aprendizado emancipado, na política é preciso que os atores políticos se entendam como iguais para que a emancipação seja alcançada.

3. Resposta pessoal. Nesta atividade, os estudantes devem realizar uma pesquisa.

4. Resposta pessoal. Nesta atividade, os estudantes devem realizar uma pesquisa.

5. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes desenvolvam uma visão crítica, capaz de identificar tanto os benefícios quanto as limitações dessas ferramentas, ao realizar a pesquisa e analisar os dados à luz dos conceitos de Negri e Rancière. Esse processo de investigação permitirá que compreendam as implicações sociais, políticas e culturais envolvidas, promovendo uma análise mais equilibrada e informada sobre o tema.

Entreviste duas pessoas que tenham acesso a informações veiculadas por meios de comunicação impressos e eletrônicos. Faça as seguintes perguntas:

a) Você acredita que os meios de comunicação são importantes para a formação de uma opinião política? Por quê?

b) Qual é a diferença entre os meios impressos e os eletrônicos na atuação política dos cidadãos?

Relate aos colegas as respostas obtidas. Depois, discutam: as tecnologias de informação e comunicação têm o potencial de tornar o mundo mais democrático?

Enem e vestibulares

1. (Enem)

A história conheceu dois grandes títulos para governar os homens: um que se deve à filiação humana ou divina, ou seja, a superioridade no nascimento; e outro que se deve à organização das atividades produtoras e reprodutoras da sociedade, ou seja, o poder da riqueza. As sociedades são habitualmente governadas por uma combinação desses dois títulos.

RANCIÈRE, J. *O ódio à democracia*. São Paulo: Boitempo, 2014.

O texto evoca duas explicações acerca da legitimidade do governo nas sociedades ocidentais. Na história recente das democracias, o fenômeno que resulta da combinação mencionada aponta a presença de

a) burocracias dos órgãos estatais.
b) corrupção nas práticas eleitorais.
c) oligarquias nas casas legislativas.
d) degradação nas estruturas fiscais.
e) fortalecimento das siglas partidárias. Alternativa **c**.

2. (Fuvest-SP)



Reprodução/Fuvest, 2014.

A fotografia acima, tirada em Beijing, China, em 1989, pode ser identificada, corretamente, como

a) reveladora do sucateamento do exército chinês, sinal mais visível da crise econômica que então se abateu sobre aquela potência comunista.

b) emblema do conflito cultural entre Ocidente e Oriente, que resultou na recuperação de valores religiosos ancestrais na China.

c) demonstração da incapacidade do Partido Comunista Chinês de impor sua política pela força, já que o levante daquele ano derrubou o regime.

d) montagem jornalística, logo desmascarada pela revelação de que o homem que nela aparece é chinês, enquanto os tanques são soviéticos.

e) símbolo do confronto entre liberdade de expressão e autoritarismo político, ainda hoje marcante naquele país. Alternativa **e**.

CAPÍTULO 15

Desafios éticos contemporâneos: novas formas de agir?

No final do século XX, o médico estadunidense Jack Kevorkian (1928-2011) tornou-se mundialmente conhecido como Dr. Morte. Defensor da eutanásia, Kevorkian lutou judicialmente para legalizar o suicídio assistido. Visando abreviar o sofrimento de doentes terminais, ele desenvolveu uma máquina para a prática do "suicídio assistido": o próprio paciente acionava um mecanismo capaz de liberar substâncias letais em seu corpo. Mais de 130 pessoas morreram por meio desse procedimento, considerado um tipo de eutanásia e proibido por lei em diversos países, inclusive nos Estados Unidos. Em muitos locais, a lei também considera crime fornecer meios para que alguém pratique a eutanásia. Suspeita-se que alguns pacientes de Jack Kevorkian não eram doentes terminais, e sim pessoas depressivas que poderiam ter recebido tratamento específico. Ele foi processado e condenado à prisão. Sua história é contada no filme *Você não conhece Jack*.

O caso envolve uma questão ética importante: as pessoas devem ter o direito de decidir quando e como querem morrer?

Audrey McAvoy/AP Photo/Imageplus



Breene Harimoto, senador pelo estado do Havaí, expressa sua oposição ao projeto de legalização do suicídio assistido no estado em 2018. Na época, o senador tratava um câncer no pâncreas. Ele faleceu, vitimado pela doença, em 2020.

Hbo/Kobal/Shutterstock



Al Pacino no papel do médico Jack Kevorkian.

Questões de vida e de morte: elementos da bioética

Em sociedades que funcionam segundo a lógica do biopoder, cuja função primordial é garantir a vida dos cidadãos, a questão apresentada se torna bastante controversa. Nem sempre é fácil estabelecer os limites entre o cidadão e o Estado.

O filósofo francês **Gilles Lipovetsky** (1944-) afirma que vivemos em uma "sociedade pós-moralista", na qual nossas ações já não são determinadas pelo dever, pois a ética abarca praticamente todos os campos da vida social. Fala-se de ética nas empresas, na política, na imprensa, nas decisões relacionadas à vida humana e aos animais, na educação e em outras áreas.

As instituições são chamadas a criar e a tornar públicos seus "códigos de ética". Tudo isso, segundo o filósofo, porque a ética já não tem, de fato, o valor e a força que teve outrora. Vivemos uma "moralidade minimalista", com valores que mudam de acordo com a situação. Essa é uma das formas do que se denomina **relativismo moral**.

Explicando o conceito

Não escreva no livro

Eutanásia

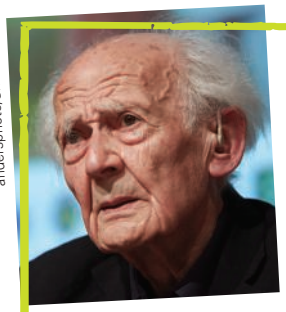
De origem grega, o termo significa "boa morte", "morte tranquila e sem sofrimento". Em Medicina, designa o ato de antecipar a morte de um doente terminal com o objetivo de abreviar seu sofrimento e a dor física. Em termos filosóficos, a eutanásia constitui-se como um problema ético: Qual é o limite da decisão de cada um? Será justo poder escolher a morte?

Como a situação conflita com a afirmação da vida defendida por quase todas as religiões, a questão suscita uma grande polêmica e desperta um intenso debate político e social.

- Explique a razão de a eutanásia apresentar-se como um problema ético.

A eutanásia é um problema ético porque coloca em discussão os limites da capacidade de decisão de cada indivíduo. Se temos direito sobre nossos corpos, podemos escolher morrer, quando o sofrimento é tanto que já não desejamos seguir vivendo? Nesse caso, a medicina poderia ajudar a abreviar a vida, tirando a pessoa daquela situação de sofrimento? As questões são profundas, por isso merecem um debate filosófico.

O sociólogo polonês **Zygmunt Bauman** (1925-2017) opunha-se frontalmente a Lipovetsky. Para Bauman, preocupações éticas continuam as mesmas: os direitos humanos, a justiça social, a autoafirmação pessoal e a relação entre a conduta individual e o bem-estar coletivo. Porém, para ele, hoje esses problemas precisam ser tratados de uma nova maneira, gerando possibilidades de transformação.



anderspHoto/Shutterstock

Zygmunt Bauman, em fotografia de 2015.

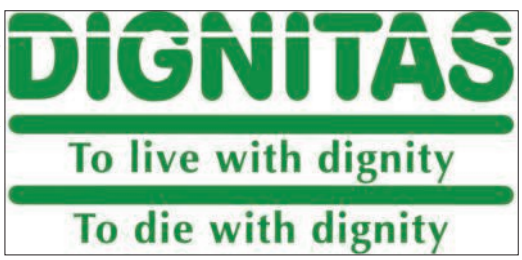
Zygmunt Bauman (1925-2017)

Sociólogo polonês, foi professor emérito das universidades de Leeds (Reino Unido) e de Varsóvia (Polônia). Pensador crítico do mundo contemporâneo, criou a expressão "modernidade líquida" para analisar as relações fluidas e sempre em transformação que travamos na atualidade. Escreveu, entre outros livros, *O mal-estar da pós-modernidade* (1997) e *Modernidade líquida* (2000).

Vídeo

Mesmo que não tomemos partido por uma dessas posições, aquilo que elas ressaltam é de grande importância. Não podemos deixar de enfrentar os problemas éticos que surgem todos os dias em várias esferas da vida. É necessário encontrar ferramentas conceituais para esse enfrentamento.

Você poderá refletir melhor sobre isso ao conhecer, a seguir, algumas importantes perspectivas filosóficas contemporâneas sobre a ética. Analisaremos três temas éticos fundamentais: a **bioética**, que trata de questões relacionadas à vida; **o mundo corporativo e as relações entre economia e política**; e o **meio ambiente**.



Reprodução/Dignitas

Na Suíça, associações oferecem a estrutura necessária para a eutanásia, ou o suicídio assistido, prática médica permitida por uma brecha na legislação do país. Uma das mais conhecidas se chama *Dignitas* (em latim, "dignidade"), que tem como lema "viver com dignidade/morrer com dignidade".

Trabalhando com Lógica

Vimos nos capítulos anteriores que a lógica clássica trabalha com proposições que podem ser verdadeiras ou falsas.

Outra lógica contemporânea não clássica que opera com a contradição é a **lógica paraconsistente**. Ela opera próximo aos sistemas consistentes, que são o objeto da lógica clássica e é uma alternativa lógica aos sistemas formais, pois é capaz de analisar, numa massa de dados, os **graus de certeza** e os **graus de contradição**, para possibilitar uma tomada de decisão. Isso é importante para, por exemplo, novas áreas da computação, como a inteligência artificial. Já há vários produtos tecnológicos do cotidiano que só se tornaram possíveis porque usam os mesmos princípios lógicos da inteligência artificial.

Os sistemas complexos pedem lógicas cada vez mais complexas. Elas são possíveis porque partem dos princípios básicos da lógica formal, utilizando-os quando é viável e buscando alternativas quando esses princípios não são capazes de oferecer respostas.

Cada vez mais, o conhecimento científico e tecnológico permite a manipulação de processos naturais. Os novos saberes trouxeram muitos benefícios, como o aumento da expectativa de vida, o conforto da vida urbana e a agilidade nas comunicações. Porém, quando realizada de forma excessiva e sem parâmetros, a interferência na natureza pode colocar em risco a vida de diversas espécies, inclusive a humana, razão pela qual esses procedimentos sempre envolvem discussões éticas.

Com o avanço da Medicina, é possível, por exemplo, realizar transplante de órgãos, o que levanta um dilema ético relacionado à vida. O critério médico da morte encefálica (ou cerebral) atesta o óbito do potencial doador, embora muitas vezes o coração continue a bater e a temperatura do corpo se mantenha adequada. Cabe à equipe de transplantes orientar os familiares do paciente sobre o critério, confortá-los pela perda do ente querido e, ao mesmo tempo, convencê-los da importância da doação imediata dos órgãos, que poderão melhorar a qualidade de vida de outras pessoas ou até mesmo salvar suas vidas. Antes de tudo, é dever ético da equipe respeitar a vontade da família.

Essas dimensões são evidenciadas, de um lado, pela afirmação do valor da vida. Uma vida perdida pode ajudar a preservar outras vidas por meio da doação de órgãos e tecidos. De outro lado, as questões éticas atravessam a relação da equipe de transplantes com a família do possível doador. A equipe precisa instruir a família, procurar abrandar a dor de sua perda e, fundamentalmente, respeitar suas decisões.

Reprodução/Prefeitura de Municipal de Santos. SP.



Cartaz de campanha municipal de doação de órgãos de 2022 da Secretaria de Saúde de Santos (SP). No Brasil, por muitos anos, foi necessário que o doador deixasse sua vontade expressa por escrito em documento. Em 1997, avançou-se para a doação presumida, mas, posteriormente, condicionou-se a doação de órgãos ao consentimento familiar. Atualmente, setembro é o mês de intensificação da campanha de doação, por meio da ação "setembro verde".

No detalhe

- Como a questão da doação de órgãos evidencia suas dimensões éticas?

Não escreva no livro

Situações como essa pertencem ao campo da **bioética**, um conjunto de interrogações e procedimentos éticos relacionados ao fenômeno da vida. O termo foi utilizado pela primeira vez na Alemanha, no título de um artigo do teólogo Fritz Jahr, "Bioética: um panorama das relações éticas dos homens com os animais e as plantas", de 1927. No início da década de 1970, o termo foi retomado pelo médico **oncologista** Van Rensselaer Potter (1911-2001) para integrar às ciências da vida os estudos sobre valores. A partir daí, a bioética foi se constituindo como um campo de pesquisas e consolidando sua importância, especialmente no âmbito da medicina.

oncologista: médico especializado no diagnóstico e tratamento do câncer.

Uma das principais fontes filosóficas da bioética é o trabalho do filósofo **Hans Jonas**. Para Jonas, agir com ética é "atuar de forma que os efeitos de suas ações sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana genuína". A ética, portanto, diz respeito à vida não apenas do indivíduo, mas também da espécie humana.


Leemage/AFP

Hans Jonas, em 1991.

Hans Jonas (1903-1993)

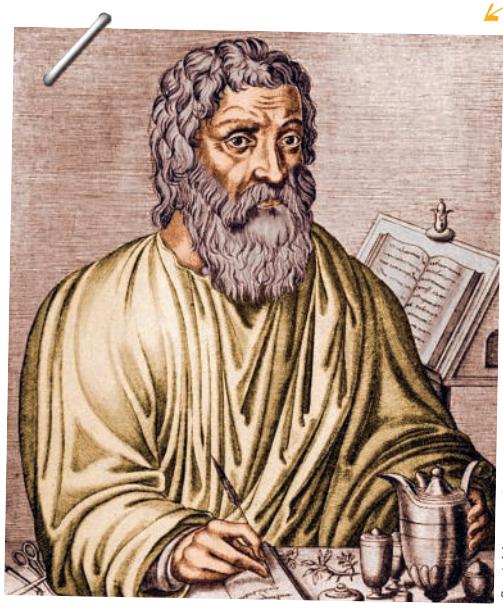
Filósofo alemão de origem judaica, estudou Filosofia e Teologia. Com a ascensão do nazismo, refugiou-se na Inglaterra e depois na Palestina. Ensinou na Universidade Hebraica de Jerusalém; transferiu-se para o Canadá e, posteriormente, para os Estados Unidos, onde trabalhou na Nova Escola de Investigações Sociais de Nova York, entre 1955 e 1976. Em sua obra, destacam-se os seguintes livros: *O princípio vida: fundamentos de uma biologia filosófica* (1966), *O princípio responsabilidade* (1979) e *Técnica, medicina e ética* (1985).

Os princípios da bioética

De acordo com **Álvaro Valls** (1947-), filósofo brasileiro especialista em ética, são quatro os princípios básicos da bioética que se aplicam aos profissionais da área de saúde, tanto os que exercem a profissão (médicos, enfermeiros e outros) quanto os que fazem pesquisas que envolvam seres humanos:

1. **princípio da não maleficência**: proveniente do código de conduta médico definido na Antiguidade por Hipócrates (V a.C.-IV a.C.), afirma que o profissional deve agir de modo a não causar nenhum mal ao paciente;
2. **princípio da beneficência**: também proveniente do código hipocrático, afirma que o profissional deve agir de modo a buscar o benefício do paciente;
3. **princípio do respeito à autonomia do indivíduo**: de origem moderna, procura desfazer o paternalismo na relação profissional-paciente; o paciente deve ser informado de tudo e decidir por si próprio se quer ou não ser tratado e de que forma; no caso de participação em uma pesquisa, ele deve tomar conhecimento e assinar o termo de consentimento esclarecido;
4. **princípio de justiça**: busca regular as relações entre o profissional e o paciente em uma perspectiva contratual, não baseada apenas na autoridade do profissional.

Nos trechos a seguir, retirados do juramento de Hipócrates, até hoje utilizado como símbolo do comprometimento médico, fica clara a influência do teórico grego sobre os princípios contemporâneos da bioética:



Stock Montage/Getty Images/Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, Évora, Portugal.

Gravura de Hipócrates, século IV. Hipócrates viveu entre os séculos V e IV a.C. e é considerado o fundador da Medicina como conhecimento racional e não religioso. O extenso *Corpus hippocraticus* contém obras dele, as de alguns de seus seguidores e outras cuja autoria é desconhecida, mas que por muito tempo foram creditadas a ele.

> Eu juro por Apolo, médico, por Esculápio, por Higea e Panacea, e tomo por testemunhas todos os deuses e todas as deusas, cumprir, segundo meu poder e minha razão, o que se segue: [...]
>
> Aplicarei os **regimes** para o bem do doente, segundo o meu poder e entendimento, nunca para causar dano ou mal a alguém. A ninguém darei com comprazer, nem remédio mortal, nem um conselho que induza à perda. Do mesmo modo não darei a nenhuma mulher uma substância abortiva. [...]
>
> Em toda casa que eu vá, aí entrarei pelo bem dos doentes, mantendo-me longe de todo o dano voluntário e de toda sedução, sobretudo longe dos prazeres do amor, com as mulheres ou com os homens livres ou escravizados.
>
> Aquilo que, no exercício ou fora do exercício da profissão e no convívio da sociedade, eu tiver visto ou ouvido, que não seja preciso divulgar, eu conservarei inteiramente secreto.
>
> HIPÓCRATES. *Conhecer, cuidar, amar*: "O juramento" e outros textos. São Paulo: Landy, 2002. p. 17-18.

regimes: tratamentos.

No detalhe

O primeiro princípio afirma que o profissional de saúde deve sempre buscar o bem do paciente. No juramento, afirma-se que tudo será aplicado para o bem do doente e que se entrará na casa para o bem, procurando evitar danos. O segundo princípio afirma que não se deve causar deliberadamente o mal. No juramento, encontramos isso expresso quando se afirma que não se dará nenhum conselho que cause perda, por exemplo, não se receitará a uma mulher grávida um medicamento que possa causar aborto.

- Com base no juramento de Hipócrates, explique os princípios da beneficência e da não maleficência.

Não escreva no livro

Bioética como ética aplicada: uma nova ética

Podemos compreender a bioética como uma **ética aplicada**. Seu objetivo é refletir sobre problemas concretos e definir princípios e valores para lidar com esses problemas. Nessa perspectiva, **Peter Singer** (1946-) defende uma mudança radical no campo da ética, dada a complexidade atual das questões relacionadas à vida. No livro *Repensando a vida e a morte: o colapso da ética tradicional*, publicado em 1994, ele afirma que não se pode continuar a utilizar uma perspectiva religiosa. É preciso repensar os valores para criar uma nova ética, adequada aos novos problemas práticos.

Assumindo essa tarefa, Singer seleciona cinco mandamentos do que ele chama "velha ética" e propõe reescrevê-los:

1. "Trate todas as vidas humanas como se tivessem valor igual". Singer diz que isso já não se sustenta. Os médicos, afirma ele, fazem um grande esforço para salvar a vida de um bebê com uma condição grave, enquanto, no caso de pessoas idosas com doenças avançadas, como o mal de Alzheimer, não se espera o mesmo nível de intervenção. São duas vidas humanas, mas a medicina as trata de maneiras distintas. A própria desigualdade social fere esse mandamento. No Brasil, por exemplo, quem tem poder aquisitivo pode pagar pela internação imediata e pelo tratamento em hospitais bem equipados, enquanto pessoas sem poder aquisitivo aguardam por atendimento, em muitos casos, precário, em macas ou mesmo no chão de hospitais. Assim, ele propõe escrever o "primeiro novo mandamento" da seguinte maneira: "Reconheça que o valor da vida humana é variável". Isso permitiria, por exemplo, aceitar a eutanásia de uma pessoa com doença incurável, dolorosa e em estágio terminal, que poderia, inclusive, manifestar o desejo de doar seus órgãos.

Fernando Frazão/Agência Brasil



Atualmente, o aborto pode ser realizado legalmente no sistema público de saúde em três casos: quando a gravidez é decorrente de estupro; quando a gravidez representar risco de vida à mulher; quando ocorrer anencefalia fetal. Em 2024, um projeto de lei tramitou na Câmara dos Deputados criminalizando a mulher que realizasse aborto tendo sido vítima de estupro. Protestos foram realizados em várias cidades do país e o projeto foi retirado de pauta. Na fotografia, protesto no Rio de Janeiro em 2024 contra o projeto de lei.

A discussão sobre a eutanásia e o suicídio assistido deve ser realizada com cuidado, pois pode levantar reflexões sobre o suicídio em sentido amplo. Atente ao comportamento dos estudantes em relação ao tema. Mudanças repentinas de comportamento podem indicar sinais de dificuldades emocionais e necessidade de ajuda, como a recusa em participar das atividades vinda de um estudante geralmente participativo ou, ao contrário, o interesse fora do esperado de um estudante que geralmente não se envolve nas discussões. É importante demonstrar estar aberto e acessível para que os estudantes se sintam seguros para falar de seus pensamentos e sentimentos sem serem julgados. Além disso, deve-se insistir na orientação de que todos devemos procurar ajuda e pessoas de confiança para falar sobre problemas pessoais, jamais reprimindo-os ou guardando-os para si. Se notar qualquer sinal de alerta em relação ao tema, comunique o mais rápido possível a administração escolar para que o suporte necessário seja buscado junto às famílias e a profissionais capacitados.

Recomenda-se a leitura das seguintes publicações:

SILVA, Antônio Geraldo da; LEAL, Brenda. *Como falar sobre saúde mental com crianças e adolescentes!*. ABP e CFM, 2024. Disponível em: https://tedit.net/0rx3o0. Acesso em: 26 set. 2024.

Suicídio: informando para prevenir. Brasília: Conselho Federal de Medicina (CFM), 2014. Disponível em: https://tedit.net/1vp7s2. Acesso em: 26 set. 2024.

2. "Jamais tire intencionalmente a vida de um ser humano inocente". Esse mandamento não tem sido suficiente para evitar que pessoas sejam assassinadas em guerras, assaltos e outros episódios de violência. No entanto, ele limita a ação dos médicos, que se veem impedidos de agir na circunstância específica de doentes terminais – como no polêmico caso do Dr. Morte, citado no início do capítulo. Singer propõe que tal mandamento seja reescrito desta forma: "Assuma a responsabilidade pelas consequências de suas decisões". O filósofo afirma que, com isso, o médico poderia sentir-se livre para aceitar a vontade do paciente, no caso de uma doença terminal, e conduzir a eutanásia da forma que julgar mais adequada, assumindo a responsabilidade por essa decisão.
3. "Jamais tire sua própria vida e sempre tente impedir outros de tirarem suas vidas". Singer afirma que esse mandamento tem origem na tradição cristã, para a qual só Deus pode decidir a hora da morte de cada um. Contudo, diz ele, isso não faz sentido em casos como os de doentes terminais. Por isso, ele sugere este "terceiro novo mandamento": "Respeite o desejo do outro de viver ou morrer".
4. "Sede frutíferos e multiplicai-vos". Se esse princípio fazia sentido em uma época na qual o planeta era pouco povoado, o que dizer dele hoje, quando mais de 7 bilhões de pessoas vivem em um mundo onde a distribuição de renda e de alimentos está cada vez mais concentrada e a pressão sobre os recursos é maior? Como garantir qualidade de vida em um cenário onde muitos têm acesso restrito aos recursos essenciais? A nova versão proposta é: "Só traga ao mundo filhos desejados". Singer afirma que essa reforma do quarto mandamento nos permitiria enfrentar de forma muito mais racional questões como o aborto.

No detalhe

Ao fazer essa afirmação, Peter Singer faz referência a situações específicas. Na Bélgica, por exemplo, a eutanásia é legalizada desde 2002. Para que seja realizada, é preciso que a pessoa esteja em condição incurável e grave que resulte em sofrimento constante, insuportável e irremediável. Além disso, é necessário que um psiquiatra e um médico concordem com a realização do procedimento.

- Em sua opinião, qual é a importância dessas condições para a realização do procedimento?

Resposta pessoal. Essas condições são importantes para garantir que não há uma alternativa preferível para tirar o paciente da situação de sofrimento insuportável.

Favoritos



Reprodução/Netflix

Joy, Reino Unido, 2024.
Direção: Ben Taylor (115 min).

O filme narra o trabalho de uma equipe britânica e suas pesquisas para tornar viável a fertilização ***in vitro***. O foco é o nascimento de Louise Joy Brown, primeiro bebê gerado por essa técnica.

Não escreva no livro

5. "Trate toda vida humana como se fosse mais valiosa que qualquer vida não humana". Segundo Singer, o antropocentrismo dessa formulação não tem nenhuma sustentação racional. Apenas uma perspectiva religiosa, que afirma que o ser humano é superior aos outros animais, poderia dar-lhe algum sentido. Ele propõe a seguinte formulação para o "quinto novo mandamento": "Não discrimine com base na espécie". Se os humanos não são o centro do universo, não faz sentido afirmar sua superioridade e, com base nisso, discriminar outras espécies animais. Isso implica, por exemplo, não testar produtos dermatológicos nem medicamentos em animais, causando-lhes sofrimento. Singer propõe, portanto, que não devemos discriminar outras espécies simplesmente por considerarmos a espécie humana mais importante, uma postura que ele identifica como especismo.

As propostas de Singer têm provocado muita polêmica. No entanto, é importante reconhecer seu mérito de rediscutir valores até então considerados absolutos, universais e inquestionáveis. Embora os problemas bioéticos contemporâneos – como a eutanásia, o aborto e a manipulação genética – exijam novas reflexões, é possível ainda considerar os valores e conceitos da "velha ética", especialmente em contextos em que tradições religiosas têm um papel importante. Esses valores podem continuar a oferecer algumas contribuições para o debate, sem, contudo, serem tomados como absolutos.

Luiza Melo/Fotoarena



Ato contra testes com animais, São Paulo (SP), 2018. Em 2022, o Senado Federal aprovou projeto vetando o uso de animais em testes para a produção de cosméticos.

Retome

Não escreva no livro

1. Explique cada um dos quatro princípios da bioética.

2. Em que sentido se pode afirmar que a bioética é uma ética aplicada?

1. O princípio da não maleficência indica que não se pode provocar mal a um paciente; o princípio da beneficência afirma que se deve sempre buscar o bem do paciente; o princípio do respeito à autonomia do indivíduo garante que a decisão sobre um tratamento ou procedimento é sempre do paciente, cabendo ao profissional de saúde garantir todas as informações necessárias para que essa decisão seja tomada; o princípio de justiça, por fim, garante que as relações entre profissional e paciente sejam reguladas por um contrato.

2. A bioética é uma ética aplicada porque ela reflete sobre os problemas concretos que experimentamos no dia a dia, ligados à vida e à morte, em lugar de pensar sobre grandes princípios universais que parecem distantes de nossa realidade.

Ética, empresa e sociedade: um novo tecido político?

No início da primeira década dos anos 2000, um escândalo empresarial sem precedentes causou grandes perdas nos Estados Unidos. Uma companhia que atuava no ramo de energia fraudou suas operações financeiras para elevar o valor de suas ações na Bolsa de Valores. Como os altos lucros divulgados não correspondiam ao crescimento real da empresa, em determinado momento, as ações começaram a cair. Os altos executivos da companhia venderam rapidamente suas ações, a empresa decretou falência e o prejuízo ficou para seus funcionários e pequenos investidores. As investigações revelaram indícios da **conivência** de influentes políticos estadunidenses nas fraudes.

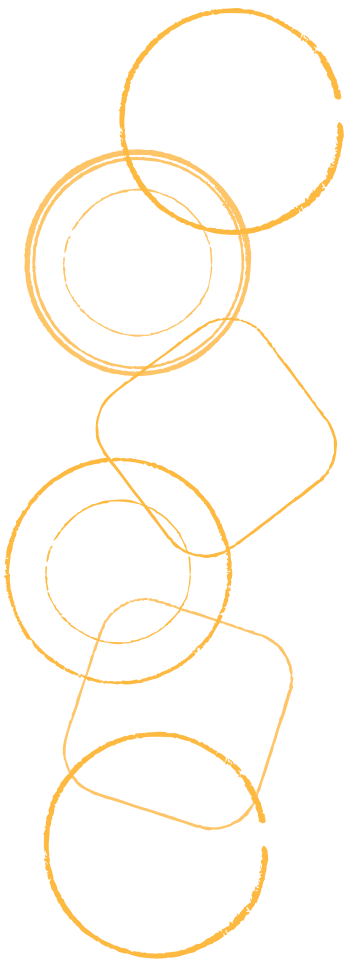
conivência: ação daquele que concorda, tolera, é cúmplice e não denuncia.

Responsabilidade social das empresas

Casos como esse ilustram os graves problemas éticos contemporâneos no que diz respeito às relações das empresas e dos setores públicos com a sociedade. Nas últimas décadas, com o objetivo de estabelecer parâmetros para suas ações, as empresas têm elaborado **códigos de ética**. Segundo Gilles Lipovetsky, o surgimento, nos Estados Unidos, do campo nomeado como "**ética nos negócios**" é mais um sintoma do que ele denomina "sociedade pós-moralista". O filósofo afirma que a empresa, que sempre se preocupou estritamente com o aspecto financeiro de sua atividade, guiando-se por eficácia e rentabilidade, agora parece buscar sua "alma", que seria traduzida em um código de conduta ética.

O fenômeno da ética nos negócios está intimamente relacionado com as sociedades democráticas. As empresas tornam-se parte de um jogo político no qual os funcionários e os clientes são vistos como cidadãos, e a própria empresa apresenta-se como participante da vida social. É nesse contexto que surge a ideia de "responsabilidade social da empresa". Entende-se por **responsabilidade social** o compromisso da empresa com a sociedade, por meio de uma atuação responsável e ética nos diversos aspectos, desde a preocupação com o meio ambiente até o desenvolvimento social e econômico.

Lipovetsky afirma que a ética é um "bom negócio" para as empresas, pois, ao ser instrumentalizada, ajuda-as a construir uma imagem social de respeitabilidade e confiança. Um código de ética, longe de inibir a liberdade e os movimentos, confere à empresa uma "personalidade moral" e respeito público, atraindo mais clientes. Constrói-se a ideia de que o lucro não é mais a finalidade última da empresa, passando a ser visto como o meio de realização de seu projeto social.



As instituições públicas fazem algo similar. Várias instituições das diversas esferas de governo criaram seus códigos de ética, no intuito de definir os princípios de ação e da relação com os cidadãos, no que diz respeito, por exemplo, à transparência. Assim, fortalece-se a imagem das instituições pelo bom uso dos recursos públicos ao se determinar por lei que a população tem o direito de consultar as finanças de todos os órgãos de governo. Exemplo disso é o Portal da Transparência, *site* mantido pela Controladoria-Geral da União desde 2004, que permite fiscalizar os gastos de dinheiro público por parte do governo federal.

No âmbito da ação política, a ética se empenha na busca de uma convivência democrática por meio do diálogo e do consenso. Os filósofos Levinas e Habermas se dedicaram a analisar esse tema.

Assim falou **Gilles Lipovetsky**

Marketing e ética nos negócios

A nova onda do *marketing* não se limita às políticas de comunicação; inclui também a política dos produtos, como indicam o crescimento dos mercados verdes, das ecoproduções, das embalagens e acondicionamentos "limpos", a gasolina menos poluente, etc. Doravante, o *marketing* quer estimular e lançar produtos que respeitem o meio ambiente e melhorem a qualidade de vida dos homens.

Nesse plano, a ética funciona como *marketing* dos valores, estratégia comercial e comunicacional. Sob muitos aspectos, o posicionamento ético é a continuação da guerra por outros meios. As fundações, os "produtos partilhados" (para cada produto comprado é destinada uma pequena soma a uma causa humanitária), as diferentes comunicações centradas nos valores, tudo isso funciona como instrumento de *marketing*, vetor de relações públicas, com vistas ao reforço da imagem da empresa e da construção de seu capital de marca. A ética dos negócios não é em nada uma moral desinteressada: é um novo instrumento de valorização das empresas no mercado.

LIPOVETSKY, Gilles. *Metamorfoses da cultura liberal*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 47.



João Souza/Shutterstock

Carro sendo abastecido com etanol em um posto de combustível em Maracás (BA), 2023. O etanol, uma alternativa de combustível menos poluente, alinha-se à estratégia de *marketing* voltada para o nicho de sustentabilidade ambiental, embora ainda funcione dentro da lógica do consumo tradicional.

Uma ética da alteridade

O pensamento de **Emmanuel Levinas** foi muito influenciado pelo holocausto perpetrado pelos nazistas. Toda a filosofia ocidental, disse ele, foi pensada segundo a lógica da dominação do ser humano por outro ser humano. Daí a necessidade urgente de dirigir-se ao outro, àquele que não sou eu, mas não para dominá-lo nem para ser dominado por ele. Uma primeira fase da filosofia ocidental, da Antiguidade à Idade Média, foi centrada no estudo do "ser". Esse estudo apagou a ideia de **alteridade** (a condição de ser o outro), pois a noção geral de ser envolve o estudo daquilo que é em si mesmo, e não a partir de outro. O estudo do ser é fechado em si mesmo. Depois de pensar o ser, a filosofia passou a pensar o eu: a filosofia moderna constituiu-se como uma filosofia do sujeito. Mas, nessa filosofia do sujeito, o outro também ficou de fora, pois ele é sempre definido a partir daquilo que não é o "eu". Era necessário, portanto, voltar-se para o outro, colocar aquilo que é diferente em primeiro plano na análise. Essa é, pensava Levinas, a tarefa da filosofia contemporânea. Isso significaria colocar a ética em primeiro lugar, pois é dessa relação com o outro que surge o questionamento moral.



ULF ANDERSEN/Ulf Andersen/Aurimages/AFP

Emmanuel Levinas (1906-1995)

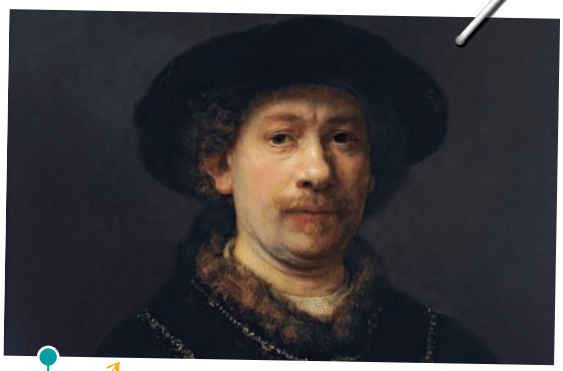
Filósofo francês nascido na Lituânia em uma família judaica, estudou Filosofia em Estrasburgo, na França. Foi influenciado por Husserl e Heidegger. Seu pensamento filosófico se concentrou na questão do outro (alteridade). Em sua extensa obra, destacam-se os títulos: *Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade* (1961), *Humanismo do outro homem* (1972), *Entre nós: ensaios sobre a alteridade* (1991) e *Ética como filosofia primeira* (publicação póstuma em 1998).

Emmanuel Levinas, em fotografia de 1993.

Dessa forma, a ética está fundada em dois conceitos centrais: **proximidade** e **responsabilidade**. A vida humana é marcada pelo constante e incontornável encontro com o outro, ou seja, com aquilo que é diferente do "eu". Nesse encontro, o rosto do outro vem até nós e nos faz perceber que existe um ser "igual a mim", porém diferente. Ele é igual a mim na medida em que tem, assim como eu, uma consciência, mas é diferente de mim por ter uma consciência distinta da minha. A proximidade se expressa no rosto do outro que me olha, pois é no semblante que percebo a existência dessa consciência diante de mim, da mesma forma que sou capaz de perceber minha própria consciência.

Estamos sempre nos relacionando com outros e é nessa relação que a moral adquire sentido, que nunca é individual. A proximidade, ou seja, a constatação de que este outro que está diante de mim tem, como eu, uma consciência, implica responsabilidade para com o outro. Estamos juntos, somos próximos, somos responsáveis uns pelos outros. Se alguém sofre do meu lado, isso convoca minha ação; se nada faço, torno-me responsável por seu sofrimento. Não podemos simplesmente esquecer o outro ou apagá-lo. Proximidade e responsabilidade resultam na justiça, que significa deixar-se julgar pelo rosto do outro, buscando sempre corrigir as assimetrias entre os seres humanos.

A **ética da alteridade** pensada por Levinas implica uma convivência democrática entre iguais, que só é possível no diálogo – a ética desse diálogo, ou discurso, é outro tema relevante na Filosofia.



Reprodução/Coleção particular

Autorretrato com boina e duas correntes, óleo sobre painel de Rembrandt van Rijn, c. 1640. 72 × 54,8cm.

No detalhe

Não escreva no livro

Em seus autorretratos, Rembrandt era capaz de expressar muitos sentimentos por meio do olhar. Segundo Levinas, é por meio dos olhos que encontramos o outro, na realidade tão próximo a nós.

- Por que a ética proposta por Levinas implica o reconhecimento do outro?

Segundo o filósofo, quando tratamos o outro como coisa, somos capazes de impor grandes sofrimentos e injustiças. É preciso que reconheçamos que os outros são sujeitos como nós mesmos, independentemente das nossas diferenças. Uma ética da alteridade implica uma relação entre sujeitos, entre iguais. O primeiro foco do reconhecimento é o rosto e o olhar do outro.

O entendimento pelo discurso ético

Jürgen Habermas dedica-se a analisar a **ética do discurso**. Suas ideias exercem grande influência nos debates éticos e políticos contemporâneos.



Janine Schmitz/Photothek/Getty Images

Jürgen Habermas, em fotografia de 2018.

Jürgen Habermas (1929-)

Filósofo e sociólogo alemão. Após seus estudos de Filosofia, doutorou-se em 1954 e foi assistente de Theodor Adorno no Instituto de Pesquisa Social entre 1956 e 1959. Lecionou na Universidade de Heidelberg e depois na Universidade de Frankfurt, onde voltou a trabalhar com Adorno, agora como colega. Trabalhou também no Instituto Max Planck e na Universidade J. W. von Goethe. Defende uma "ética comunicacional", centrada no agir comunicativo. Dentre suas obras, destacam-se: *Técnica e ciência como ideologia* (1968), *Teoria do agir comunicativo* (1981), *O discurso filosófico da modernidade* (1985) e *Sobre a constituição da Europa* (2011).

Um dos conceitos fundamentais do pensamento de Habermas é o **agir comunicativo**. Agimos e interagimos com outras pessoas por meio da comunicação. Essa ação é racional, uma vez que a razão é pensamento e comunicação. Segundo ele, duas esferas compõem o social: o sistema e o mundo da vida. O que Habermas chama de **sistema** é a esfera da reprodução material, ou seja, as instâncias relacionadas à manutenção e à distribuição de bens e poderes. Os principais elementos do sistema são a economia e a política. O **mundo da vida** é a esfera da linguagem, da cultura – enfim, da reprodução simbólica. Na história ocidental, tem havido uma "colonização" do mundo da vida pela lógica do sistema, pela razão instrumental: essa foi a crítica feita por Adorno e Horkheimer, como vimos no Capítulo 13 da Unidade 5. A intenção de Habermas é investir em uma "descolonização" por meio do exercício de uma razão comunicativa e de uma ação comunicativa que sejam livres, racionais e críticas, o que envolve uma **ética comunicativa**.

Habermas procura resgatar uma ética universalista e racional. Opõe-se assim à visão pós-moderna, segundo a qual os valores são relativos, mudando conforme as necessidades. A ética proposta por Habermas é centrada na razão comunicativa, na prática do discurso como forma de garantir uma participação democrática de todos. Levando-se em conta que a relação entre os indivíduos é marcada pelas pressões do sistema, em especial as demandas políticas dos jogos de poder e as demandas econômicas, é fundamental a existência de uma esfera comum, em que o diálogo e a comunicação possam garantir a autonomia do mundo da vida.

O princípio ético de Habermas é algo a ser construído, e não algo dado. Uma ética para as sociedades democráticas é aquela capaz de promover a justiça pelo entendimento de todos com todos. O entendimento é possível pelo exercício da razão comunicativa, que pouco a pouco pode descolonizar o mundo da vida. O agir comunicativo possibilita o convencimento, um diálogo no qual as pessoas convencem e são convencidas, de acordo com a validade dos discursos. A ética do discurso investe na produção de um **consenso democrático** como forma de produzir a **emancipação humana**.



Michael Muller/Shutterstock

Para Habermas, diante das tentativas do sistema de colonizar o mundo da vida e formatar as pessoas conforme sua lógica, é preciso buscar construir a emancipação por meio do agir comunicativo. Na foto, pessoas na Times Square, em Nova York, Estados Unidos, em 2024.

Retome

Por meio das reflexões éticas do filósofo Emmanuel Levinas, centradas nos conceitos de proximidade e responsabilidade, podemos pensar em quanto o individualismo da vida cotidiana e a singularidade das leis nos distanciam do outro ser (alteridade). Já por meio das reflexões éticas do filósofo Jürgen Habermas, fundamentadas no conceito de razão comunicativa, podemos pensar no potencial que uma ética de cunho comunicativo tem para descolonizar o mundo da vida (reprodução simbólica) das demandas do sistema (reprodução material), proporcionando um diálogo direto e livre, rumo à emancipação.

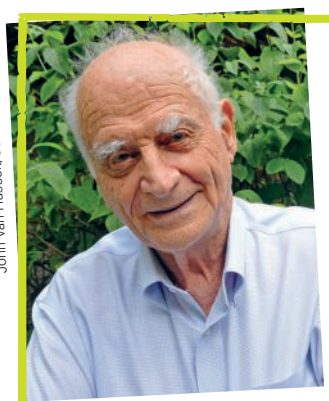
Não escreva no livro

- Como as perspectivas dos filósofos Emmanuel Levinas e Jürgen Habermas contribuem para a construção de uma ética adequada às sociedades democráticas?

Ética e questões ambientais: por um "contrato natural"

No século XX, a humanidade passou a se preocupar cada vez mais com a preservação dos recursos naturais e as questões ambientais em geral. Segundo o filósofo **Bruno Latour** (1947-2022), um problema ecológico é um híbrido, pois não envolve apenas uma ciência ou um conjunto de ciências e tem um aspecto político. Por essa razão, Latour fala em "políticas da natureza". Já não basta produzir uma ciência, um conhecimento da natureza: é necessário também construir ações políticas na relação entre o ser humano e a natureza. Um terceiro elemento deve ser acrescentado: uma **ética ambiental**. Uma abordagem política pode corrigir equívocos passados, mas apenas uma abordagem ética que mude a forma como os seres humanos se relacionam entre si e com a natureza pode evitar futuros equívocos.

Um dos estudiosos que se dedicaram a refletir sobre esse tema foi o filósofo francês **Michel Serres**. Em 2008, ele lançou um livro com o título *O mal limpo: poluir para se apropriar?*, no qual expõe uma tese inquietante. Serres afirma que, assim como os outros animais, os seres humanos procuram "marcar território", apropriar-se de espaços. Alguns bichos deixam excrementos para identificar o território com seu cheiro, afastando dali outros bichos. Os seres humanos, segundo Serres, poluem o ambiente com o mesmo objetivo.



John Van Hasselt/Corbis/Getty Images

Michel Serres, em fotografia de 2012.

Michel Serres (1930-2019)

Filósofo e membro da Academia Francesa, graduou-se em Matemática e em Filosofia. Seu doutorado foi orientado pelo filósofo Gaston Bachelard. Foi professor em universidades francesas, entre as quais Sorbonne, e também na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. Seu pensamento transita por diversos campos científicos, bem como pela literatura, resultando em uma filosofia bastante singular. É autor de uma obra vasta e abrangente, dedicando-se a temas diversos, mas sempre em torno das ciências. Dentre seus livros, destacam-se: *O sistema de Leibniz e seus modelos matemáticos* (1968), *Hermes* (vários volumes, publicados entre 1969 e 1980), *Os cinco sentidos* (1985), *O contrato natural* (1990), *O mal limpo: poluir para se apropriar?* (2008) e *A guerra mundial* (2008).

Favoritos

O menino que descobriu o vento, Reino Unido, 2019. Direção: Chiwetel Ejiofor (113 min).

Um garoto do Malauí, na África oriental, desenvolve uma máquina para produção de energia eólica para combater a seca, a pobreza e a escassez de alimentos da região em que vive.



Reprodução/Netflix

Para Serres, é um equívoco nos referirmos à natureza com a expressão "meio ambiente". Essa expressão denota que somos o centro de um sistema de coisas que se espalham à nossa volta. Seríamos o "umbigo do universo", os senhores e possuidores da natureza, que existiria apenas para nos servir. Daí as ações de apropriação poluidoras. A realidade, afirma Serres, é diferente: o ambiente físico constitui um sistema que independe do ser humano. O planeta sobreviveria bem sem nós; nós é que não viveríamos sem o planeta. A humanidade vive na Terra como um parasita, retirando tudo para seu proveito sem dar nada em troca. A visão de que o ser humano teria direitos sobre a natureza foi difundida pelo relato bíblico, segundo o qual o ser humano é o "senhor da natureza" porque é o único ser à imagem e semelhança de Deus, que deve "encher a Terra e dominá-la"; e também pela filosofia moderna, que considera o ser humano senhor do mundo por meio do exercício da razão. Esse tipo de pensamento constituiu a base da relação parasitária da humanidade com o mundo.

Serres explica que, na filosofia moderna, tanto a noção de um **contrato social** como a de um **direito natural** deixaram de lado a proteção para o conjunto da natureza, porque previam proteção apenas para os seres humanos. O contrato social é firmado entre os seres humanos para garantir sua convivência, mas, estando os indivíduos pactuados entre si, a natureza é esquecida, fica fora do contrato e não interessa à política. A mesma filosofia fala em um direito natural, que possibilitou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789. Com a noção de direito natural, especificamente como era compreendido na Idade Moderna, é enfatizada a ideia da liberdade que cada indivíduo tem para reivindicar seus direitos, assegurando seus interesses subjetivos. Nessa concepção, o conceito de natureza fica reduzido ao de natureza humana, ou seja, a constituição da sociedade como a conhecemos nunca levou em consideração a necessidade de conviver com a natureza.

Favoritos



Reprodução/Morro Branco Editora

Floresta é o nome do mundo. Ursula K. Le Guin. São Paulo: Morro Branco, 2020.

Narrativa de ficção científica que apresenta um planeta que é totalmente tomado pela floresta e seu povo nativo vive em relação simbiótica com ela. Quando o planeta é colonizado por um povo de outro planeta que começa a retirar a madeira para exploração comercial, os conflitos eclodem. Uma bela metáfora sobre nós mesmos.

Serres exemplifica o direito natural comentando uma pintura de Francisco de Goya (1746-1828), na qual dois homens lutam com porretes enquanto afundam em areia movediça. Trata-se, segundo ele, de uma metáfora de nossa condição: enquanto nos preocupamos com assuntos exclusivamente humanos, sem atentar para a natureza, destruímos nossas próprias vidas.

Na pintura, dois homens lutam entre si enquanto afundam em areia movediça. Ora, é o que fazemos em nossa ação no mundo: procuramos resolver nossos problemas imediatos, por exemplo, retirando petróleo para fornecer energia, mas não percebemos que a poluição provocada por sua queima produz efeito estufa e contribui para as mudanças climáticas. Quando olhamos apenas para nós mesmos e para nossos problemas imediatos, deixamos de ter uma visão de conjunto e de longo prazo.

Para mudar essa situação, é necessário um novo contrato, que Serres denomina contrato natural. Seria não mais um contrato firmado exclusivamente entre os seres humanos, mas um contrato dos humanos com a natureza inumana.

O **contrato natural** transformaria os seres humanos de parasitas em **simbiontes**. Em uma relação simbiótica há um compartilhamento: os dois lados retiram aquilo de que necessitam, mas também fornecem ao outro aquilo que ele necessita. A relação de simbiose é uma relação de reciprocidade, e não de exploração unilateral.

No detalhe

- Em que medida essa pintura nos ajuda a compreender nossa relação com a natureza?

Não escreva no livro



Reprodução/Museu do Prado, Madri, Espanha

Duelo com porretes, óleo sobre tela de Francisco de Goya, pintado entre 1820 e 1823. 123 × 266cm. Parte do acervo do Museo del Prado, de Madri, Espanha.

No livro *O mal limpo*, Serres se pergunta se a humanidade estaria preparada para assinar tal contrato.

Retome

Não escreva no livro

1. Por que Michel Serres considera a expressão "meio ambiente" equivocada?

1. A expressão é equivocada, segundo Serres, porque ela coloca o ser humano como centro do universo, "umbigo do mundo". Ora, se somos o centro, tudo ao redor existe para nos servir e isso está na base de nossas ações de degradação da natureza.

2. Explique a diferença entre parasita e simbionte.

2. O parasita é aquele que explora o hospedeiro, retirando dele tudo de que necessita, sem dar nada em troca. Já o simbionte implica que duas ou mais formas de vida são vividas juntas, uma fornecendo à outra elementos necessários, sendo uma relação de troca recíproca.

Exploração animal

O filósofo Peter Singer defende que o sofrimento animal é tão importante quanto o sofrimento humano e não deve ser permitido, mesmo que para fins benéficos para nós. A humanidade sempre utilizou os animais para diversos fins. Essa relação tem sido fundamental para o desenvolvimento das sociedades humanas em diferentes épocas. No entanto, mais recentemente, o campo da ética tem levantado questões sobre os direitos dos animais e o prejuízo que causamos ao seu bem-estar ao explorá-los.

USOS COMUNS DOS ANIMAIS:

TRANSPORTE | ALIMENTAÇÃO | PESQUISAS | VESTUÁRIO | ENTRETENIMENTO



Memorial "Animais em guerra", em Londres, 2024. O monumento homenageia os animais mortos na Segunda Guerra Mundial.





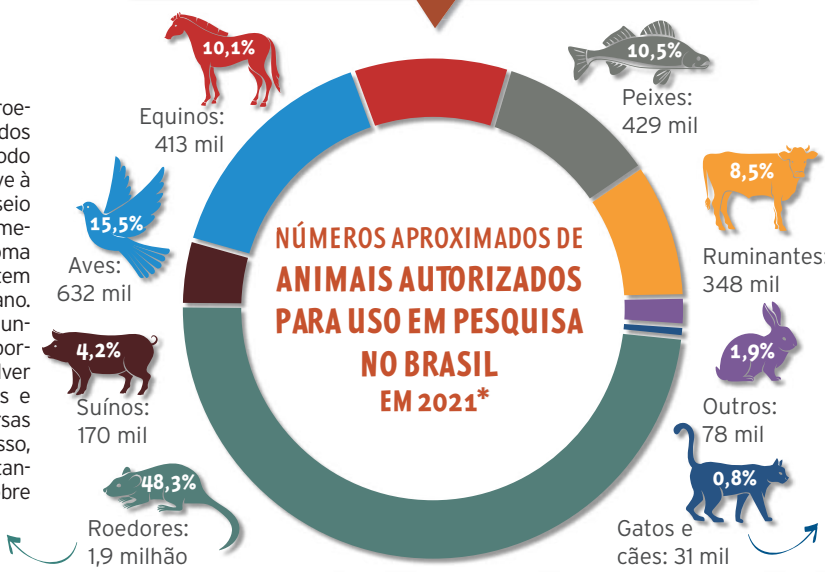
Em 2013, um evento acendeu o debate sobre o uso de animais em pesquisas. Mais de 100 pessoas invadiram o Instituto Royal, no estado de São Paulo, para libertar sete coelhos e 178 cães da raça *beagle* usados em testes de produtos farmacêuticos. Segundo os ativistas, o instituto praticaria maus-tratos. A comunidade científica defendeu a instituição, afirmando que ela atuava de acordo com as normas nacionais e internacionais.





Vaquejada no estado da Bahia, em 2022. As vaquejadas e os rodeios são populares no Brasil, mas têm sido denunciados como atos de crueldade contra os animais.

Camundongos são roedores muito utilizados em pesquisa em todo o mundo. Isso se deve à facilidade de manuseio e cuidado e às semelhanças que o genoma dos camundongos tem com o genoma humano. Pesquisas com camundongos foram importantes para desenvolver vacinas, antibióticos e remédios para diversas doenças. Além disso, eles têm sido importantes nas pesquisas sobre células-tronco.



Apesar de serem menos comuns, pesquisas com cães e gatos possibilitaram entender o funcionamento das células nervosas e do sistema cardiovascular. Elas também contribuíram com o desenvolvimento da anestesia, da insulina e de técnicas para cirurgias cardiovasculares e transplantes. Além disso, esses animais foram importantes na compreensão de infecções e dos mecanismos de doenças.

COMO SABER QUE EMPRESAS FAZEM TESTES EM ANIMAIS?

Há instituições que divulgam listas das empresas que fazem ou não testes em animais, como a ONG brasileira Projeto Esperança Animal (PEA). Além disso, as empresas que não fazem testes em animais indicam essa informação com selos nas embalagens dos produtos.

QUEM REGULA O USO DE ANIMAIS?

No Brasil, o Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (Concea), órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia, é responsável por definir normas para o uso de animais em ensino e pesquisa. Em 2023, o Concea publicou uma resolução proibindo o uso de animais em testes para produtos de higiene pessoal, cosméticos e perfumes.

HÁ ALTERNATIVAS?

Uma das alternativas que estão sendo desenvolvidas nos últimos anos é a bioimpressão para obter tecidos biológicos artificiais para testes de cosméticos e medicamentos.

* Fonte: elaborado com base em QUINTILINO, Wagner; TRÓI, Marcelo de. *Uso de animais em experimentos no Brasil*: práticas culturais, científicas e nova ética para o século XXI. [*S. l.*]: SciELO Preprints, 2023.

Não escreva no livro

1. Um dos mandamentos de Peter Singer é "não discrimine com base na espécie". A partir dos dados apresentados no infográfico, podemos dizer que nossa sociedade vive de acordo com esse mandamento? Por quê?
2. Em grupo, faça uma discussão sobre os usos que os seres humanos fazem dos animais e procure definir, em termos éticos, aqueles que são aceitáveis e os que não deveriam ser praticados.

Leia as respostas no **Manual do Professor**.

Infográfico pro Bruna Ishihara Imagens: Andreas_Bergerstedt/Shutterstock, Belashova/Adobe Stock, Pixel-Shot /Adobe Stock, elenarostunova/Adobe Stock, Joa Souza/Shutterstock, Freepick

Trabalhando com

texto de ética prática

A riqueza e a fome

No texto a seguir, o filósofo Peter Singer discorre sobre a fome no mundo, provocada pela má distribuição de riquezas, e a responsabilidade ética que essa situação implica. Estamos diante de um problema de ética prática: como agir diante de uma situação concreta? Não se trata de resolver os problemas do mundo, mas de ter consciência de que nossas ações implicam em consequências, muitas vezes, contrárias a nossos discursos.

Alguns fatos sobre a riqueza

Esse é o panorama, a situação que predomina o tempo todo em nosso planeta e que não resulta em manchetes. Ontem, muitas pessoas morreram de subnutrição e doenças a ela associadas, e muitas mais morrerão amanhã. As secas, as inundações, os furacões e terremotos que eventualmente tiram as vidas de milhares de pessoas em um só lugar são muito mais interessantes enquanto notícias. São coisas que ajudam muito a aumentar o sofrimento humano; contudo, é um erro pensar que tudo está bem quando essas grandes calamidades não acontecem.

O problema não é que o mundo não seja capaz de produzir o suficiente para alimentar e abrigar a sua população. Nos países pobres, as pessoas consomem, em média, 180 quilos de grãos por ano, ao passo que, nos Estados Unidos, essa média é de cerca de 900 quilos. [...]

Por que, então, as pessoas passam fome? Os pobres não têm condições de comprar os grãos cultivados pelos agricultores dos países mais ricos. Os agricultores pobres não têm condições de comprar sementes melhores nem os fertilizantes ou as máquinas necessárias para abrir poços e bombear água. A situação só poderia ser mudada através da transferência de uma parte das riquezas dos países desenvolvidos para os mais pobres. [...]

Se assim é, não podemos deixar de concluir que, por não darem mais do que damos, as pessoas dos países ricos estão permitindo que os que vivem nos países mais pobres sofram de pobreza absoluta, a consequente desnutrição, falta de saúde e morte. Esta conclusão não diz respeito apenas aos governos. Aplica-se também a cada indivíduo absolutamente rico, pois todos nós temos a oportunidade de fazer alguma coisa para melhorar essa situação; temos, por exemplo, a oportunidade de dar nosso tempo ou nosso dinheiro para organizações voluntárias [...]. Portanto, se o fato de permitir que alguém morra não é intrinsecamente diferente de matar alguém, fica a impressão de que somos todos assassinos.

O veredito será duro demais? Muitos irão rejeitá-lo como um absurdo evidente. Tratariam logo de entendê-lo como uma demonstração de que deixar morrer não equivale a matar, e não como uma demonstração de que viver em alto estilo sem contribuir para um órgão de assistência internacional equivale, eticamente, a ir para a Etiópia e atirar em alguns camponeses. Sem dúvida, colocado assim abruptamente, o veredito é duro demais.

São muitas as diferenças significativas entre gastar dinheiro com coisas luxuosas, em vez de usá-lo para salvar vidas, e atirar deliberadamente em pessoas.

Em primeiro lugar, a motivação será quase sempre diferente. Os que atiram deliberadamente em outras pessoas são movidos por uma intenção; supõe-se que, por sadismo, maldade ou qualquer outra motivação igualmente desagradável, querem as suas vítimas mortas. Imagina-se que quem compra um novo sistema de som esteja querendo sofisticar a sua fruição da música – o que, em si, não é uma coisa horrível. Na pior das hipóteses gastar dinheiro com supérfluos em vez de dá-lo a quem precisa indica egoísmo e indiferença diante do sofrimento alheio, características que podem ser indesejáveis, mas que não podem ser comparadas com a intenção criminosa ou motivações semelhantes.

Em segundo lugar, para quase todos nós, não é difícil agir de acordo com uma regra contrária a matar pessoas; por outro lado, é muito difícil obedecer a um preceito que nos manda salvar todas as vidas possíveis. Para levar uma vida confortável, ou mesmo luxuosa, não é preciso matar ninguém, mas é preciso permitir que morram algumas pessoas que poderíamos ter salvo, pois o dinheiro de que precisamos para viver confortavelmente poderia ter sido dado a elas. Portanto, cumprir a obrigação de não matar alguém é muito mais fácil do que cumprir a obrigação de salvar alguém. Salvar todas as vidas que pudéssemos significaria reduzir o nosso padrão de vida ao mínimo essencial para nos manter vivos. Eximir-se de todo dessa obrigação exigiria um grau de heroísmo moral profundamente diferente do que é exigido pelo simples fato de impedir que pessoas sejam mortas.

Uma terceira diferença diz respeito à maior certeza das consequências do tiro em comparação com a recusa em ajudar. Se aponto um revólver carregado para alguém, à queima-roupa, e puxo o gatilho, é virtualmente certo que a pessoa vai morrer, ao passo que o dinheiro que eu poderia dar talvez fosse empregado num projeto que, por não dar certo, não ajudaria ninguém.

Em quarto lugar, quando as pessoas são baleadas existem indivíduos identificáveis contra os quais se fez mal. Podemos mostrá-los, e mostrar também o sofrimento de suas famílias. Quando compro o meu sistema estéreo, não posso saber a quem o meu dinheiro teria salvo se eu o tivesse dado. Em tempos de escassez e fome, posso ver corpos mortos e famílias mortificadas nos noticiários de televisão, e poderia não ter dúvidas de que o meu dinheiro teria salvo alguns deles. Mesmo assim, é impossível apontar para um cadáver e dizer que, se eu não tivesse comprado o estéreo, aquela pessoa não teria morrido.

Em quinto e último lugar, poderia dizer que as agruras dos famintos não me dizem respeito e que, portanto, não posso ser responsabilizado por elas. Os famintos continuariam morrendo de fome mesmo que eu nunca tivesse existido. Se eu matar, porém, torno-me responsável pelas mortes de minhas vítimas, que jamais teriam morrido se eu não as tivesse matado.

Essas diferenças não precisam abalar a nossa conclusão anterior de que não há uma diferença intrínseca entre matar e deixar morrer. São diferenças extrínsecas, isto é, diferenças em geral, mas não necessariamente associadas à distinção entre matar e deixar morrer [...].

Explicar as nossas atitudes éticas convencionais não significa justificá-las. As cinco diferenças não só explicam, como também justificam as nossas atitudes? [...]

SINGER, Peter. *Ética prática*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 231-236.

Atividades

Não escreva no livro

1. Em sua opinião, o veredito expresso no texto é duro demais, como questiona o autor? Explique.
   1. Resposta pessoal. Avaliar a capacidade argumentativa dos estudantes e a solidez da resposta.
2. Você concorda que o problema da fome no mundo necessita de uma abordagem ética, e não apenas política e econômica? Por quê?
3. Responda à questão do texto: As diferenças entre matar e deixar morrer explicam e justificam nossas atitudes? Por quê?
   3. Resposta pessoal. Avalie a capacidade argumentativa dos estudantes e a solidez da resposta.

2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reconheçam que a questão vai além da disponibilidade de recursos econômicos e do poder das instituições políticas, pois, para lidar com ela, é necessário firmar compromissos éticos globais, entendendo-a como uma questão urgente e que deve estar acima dos interesses nacionais.

Galeria de atividades

1. Resposta pessoal. Espera-se que a resposta tome como base as reflexões e os conceitos da bioética trabalhados neste capítulo.

1. Com base no que você aprendeu neste capítulo, redija um conceito de bioética e cite aqueles que você acredita que sejam os principais temas dessa área.

2. Explique a relação entre uma "ética nos negócios" e os princípios da sociedade democrática.

3. Sobre o "contrato natural" proposto por Michel Serres, escreva um texto argumentativo para responder às perguntas:

   3. Resposta pessoal. Observar a coerência e capacidade argumentativa dos estudantes.

   a) Esse contrato é viável?

   b) Em caso afirmativo, como ele seria posto em prática? Em caso negativo, que proposta você faria em lugar de um contrato natural?

4. Explique as diferenças entre a ética do discurso que busca o consenso, proposta por Habermas, e a perspectiva de Rancière estudada no capítulo anterior, que considera a democracia o exercício do dissenso.

5. Leia o texto a seguir e, depois, responda à pergunta.

> Todas as atividades envolvidas nos debates e avaliações sobre o binômio risco-benefício visam a uma finalidade que é a própria razão de ser dos debates na bioética. Esse projeto bioético não se restringe a se enclausurar no estreito limite de simples debates, é uma linguagem que visa à prática, à concretude e, para isso, envolve em sua dinâmica a deliberação e a tomada de decisão. [...]
>
> A intenção ética que anima todo projeto da bioética traz a suposição de que o panorama englobante se chama bem comum. O cenário conceitual que dá suporte ao projeto bioético está contido na Declaração Universal dos Direitos do Homem. [...]
>
> A ética não se presta a ser utilizada para a luta contra as inovações. Não se constrói o futuro sobre o reconhecimento da tirania de uma opinião sem nada fazer para avaliá-la criticamente e mesmo opor-se a ela, não por ser uma opinião, mas por impor-se dogmaticamente.
>
> ZUBEN, Newton Aquiles von. *Bioética e tecnociências*: a saga de Prometeu e a esperança paradoxal. Bauru: Edusc, 2006. p. 229-231.

2. A relação entre a "ética nos negócios" e os princípios da sociedade democrática reside na estratégia de um jogo político, por meio da qual os funcionários e os clientes são vistos como cidadãos e a empresa se apresenta como cidadã, alegando ser partícipe da vida social. Nesse contexto, as empresas põem em prática a "responsabilidade social", que consiste em iniciativas de cunho público, como financiamentos de projetos sociais, ligados diretamente ou não à área de atuação da empresa.

Segundo o autor, não compete à bioética frear o conhecimento e o progresso, mas analisar de forma clara os riscos, para encontrar caminhos de ação. Você concorda com essa perspectiva? Redija uma resposta expondo seus argumentos.

6. Como você estudou neste capítulo, no mundo capitalista contemporâneo as empresas e corporações elaboram seus códigos de ética. Se as empresas ditam as normas de comportamento moral, como é possível uma sociedade democrática? Como escolher, se a escolha já está feita pelo meio empresarial? Reflita sobre essas questões e escreva um texto sobre as relações entre a ética e a política nos dias de hoje. **6.** Resposta pessoal.

7. Escolha uma empresa que tenha um projeto de ação social (responsabilidade social). Leia e analise o projeto e faça uma pesquisa sobre o investimento da empresa nessas ações, a fonte dos recursos, a execução do projeto, seus resultados práticos e suas dificuldades. Redija ao final um relatório de pesquisa, comentando os resultados de sua investigação.

7. Resposta pessoal. Os estudantes deverão realizar uma pesquisa.

8. Escreva um texto dissertativo sobre um dos três grupos de problemas éticos contemporâneos estudados neste capítulo, analisando as possibilidades atuais de enfrentá-los.

8. Resposta pessoal. Escrita de um texto dissertativo.

Trabalhando com Lógica

Depois de aprender um pouco sobre lógica nesta unidade, vamos começar a exercitar o uso das ferramentas de pensamento.

- Selecione a letra de uma música ou um poema que permita uma análise por meio das ideias da lógica paraconsistente. O texto precisa apresentar uma série de operações que não sejam totalmente consistentes, mas que também não sejam inconsistentes.

Enem e vestibulares

1. (Enem)

Queremos tratar da tirania de animais humanos sobre animais não humanos. Essa tirania causou e ainda causa dor e sofrimento apenas comparáveis aos que resultaram de séculos de violência de seres humanos brancos sobre seres humanos negros. A luta contra ela é tão importante quanto outras disputas morais e sociais.

SINGER, P. *Libertação animal*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

O trecho apresenta características de uma importante corrente da ética contemporânea que se designa: Alternativa **b**.

a) Ecoética – visão superior da natureza.
b) Bioética – implicação biológica das ações.
c) Antiespecismo – definição igualitária das espécies.
d) Existencialismo – valorização crescente da subjetividade.
e) Relativismo – compreensão diferenciada das alteridades.

2. (Enem)

Panayiotis Zavos "quebrou" o último tabu da clonagem humana — transferiu embriões para o útero de mulheres, que os gerariam. Esse procedimento é crime em inúmeros países. Aparentemente, o médico possuía um laboratório secreto, no qual fazia seus experimentos. "Não tenho nenhuma dúvida de que uma criança clonada irá aparecer em breve. Posso não ser eu o médico que irá criá-la, mas vai acontecer", declarou Zavos. "Se nos esforçarmos, podemos ter um bebê clonado daqui a um ano, ou dois, mas não sei se é o caso. Não sofremos pressão para entregar um bebê clonado ao mundo. Sofremos pressão para entregar um bebê clonado saudável ao mundo."

CONNOR, S. Disponível em: www.independent.co.uk. Acesso em: 14 ago. 2012 (adaptado).

A clonagem humana é um importante assunto de reflexão no campo da bioética que, entre outras questões, dedica-se a: Alternativa **a**.

a) refletir sobre as relações entre o conhecimento da vida e os valores éticos do homem.
b) legitimar o predomínio da espécie humana sobre as demais espécies animais no planeta.
c) relativizar, no caso da clonagem humana, o uso dos valores de certo e errado, de bem e mal.
d) legalizar, pelo uso das técnicas de clonagem, os processos de reprodução humana e animal.
e) fundamentar técnica e economicamente as pesquisas sobre células-tronco para uso em seres humanos.

3. (Unioeste-PR)

(...) a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão deu a qualquer homem, em geral, a possibilidade de aceder [ao] estatuto de sujeito do direito. O contrato social, por conseguinte, concluía-se, mas fechava-se sobre si mesmo, deixando fora de jogo o mundo, enorme panóplia de coisas reduzidas ao estatuto de objetos passivos de apropriação. Razão humana maior, natureza exterior menor. O sujeito do conhecimento e da ação [se] beneficia de todos os direitos e seus objetos de nenhum.

SERRES, Michel. *O contrato natural*. Lisboa: Instituto Piaget. 1992.

Para Michel Serres, os contratos sociais imaginados por Hobbes e Rousseau são, por sua natureza intersubjetiva e limitada aos agentes humanos, antropocêntricos demais para servirem à política dos tempos atuais. No livro "O contrato natural", ele argumenta que o nível de violência contra a natureza justifica que a pensemos como um sujeito que interage com os sujeitos humanos e que possui direitos intrínsecos, impondo assim responsabilidade para com ela. Alternativa **e**.

Segundo o exposto, qual das seguintes assertivas expressa a profunda convicção de Serres, que é base de sua proposta?

a) O contrato natural é o retorno ao estado de natureza descrito por Hobbes e Rousseau.
b) Todo avanço técnico-científico é um ataque à natureza.
c) A Ética restringe-se aos únicos agentes morais, os humanos.
d) Nossa dependência dos processos naturais nos obriga a preservá-los.
e) A crise ambiental é também crise cultural.

Agir no mundo

Desentendimento para trazer entendimento

Vivemos atualmente uma crise climática sem precedentes. Até quando serão necessários protestos para alertar os governos e as corporações sobre a urgência desse desafio?

Para entender o tema

O filósofo Jacques Rancière, ao propor interpretações inovadoras sobre a vida política, nos fornece conceitos proveitosos para discutirmos as ações de ativistas e outras manifestações que buscam influenciar as decisões sobre o meio ambiente. Um desses conceitos é o de **desentendimento**, que consiste, para ele, na própria essência da política. Leia os textos a seguir sobre o tema para realizar a atividade proposta.

Texto 1

A atividade política é a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha lugar o barulho, faz ouvir como discurso o que só era ouvido como barulho.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento*: Política e Filosofia. São Paulo: Editora 34, 1996. p. 42.

Texto 2

As táticas de protesto da Just Stop Oil foram eficazes?

Em 2022, [...] dois jovens ativistas jogaram sopa de tomate no quadro *Girassóis*, de Van Gogh, exposto na Galeria Nacional de Londres.

"O que vale mais, a arte ou a vida?", perguntaram, enquanto os seguranças se esforçavam para separá-los da parede em que se colaram. Mais tarde, eles foram presos por danos criminais e transgressão agravada. [...]

Embora a pintura estivesse atrás de uma vidraça e tenha saído ilesa, os políticos condenaram flagrantemente o que chamaram de "vandalismo para chamar a atenção". As plataformas de redes sociais foram inundadas de indignação pela tentativa de destruição de um ícone cultural avaliado em 85 milhões de dólares. [...]

No entanto, entre estas alegações, a bravura dos membros da Geração Z não passou despercebida aos defensores de todo o mundo, que consideraram totalmente justificados os seus meios radicais de aumentar a consciência pública sobre a gravidade da crise climática. Para eles, a situação iluminou efetivamente os sistemas de valores da sociedade. [...]

Simplificando, como foi demonstrado pela reação visceral nas redes sociais, as pessoas não radicalizadas associam o ativismo ao sensacionalismo e ao teatro, em vez de otimismo e paixão. Na opinião delas, os protestos deveriam ser dirigidos contra os sistemas de poder que causam injustiça, em vez de visarem algo precioso que oferece uma fuga momentânea da realidade. [...]

Outro argumento foi que a mera obtenção de publicidade para uma causa não se traduz automaticamente na geração de

apoio para ela. Isto foi amplamente debatido, com muitos questionando a ligação entre uma pintura sem foco ambiental óbvio e a mensagem retratada. [...]

AS TÁTICAS de protesto da Just Stop Oil foram eficazes? *thred*. Disponível em: https://tedit.net/c60h2t. Acesso em: 30 set. 2024. Tradução livre.

Etapa 1

Com o auxílio do professor, a turma será dividida em três grupos. Cada um ficará responsável por uma parte da discussão a ser feita.

- **Grupo 1:** deverá focar no ponto de vista dos ativistas do grupo Just Stop Oil, suas demandas e suas críticas ao sistema.
- **Grupo 2:** deverá examinar as atitudes do governo e da mídia diante dos protestos, abordando as leis que os restringem na Inglaterra.
- **Grupo 3:** fará o papel do público em geral, o qual deve se posicionar de um dos lados em relação aos protestos ou trazer novos pontos de vista.

Além dos textos, cada grupo deverá estudar os conceitos propostos por Rancière, expostos no capítulo 14, para enriquecer sua apresentação.

Etapa 2

Em grupo, façam uma pesquisa sobre a atuação do grupo Just Stop Oil e discuta sobre as estratégias adotadas por ele. Então, sintetizem em uma cartolina o ponto de vista defendido pelo grupo e os principais argumentos que o sustentam.

Recursos necessários

- celular ou computador com acesso à internet para pesquisa;
- cartolina;
- canetas coloridas.

Conclusão

Após as apresentações, discuta com os colegas como os pontos de vista de ativistas, mídia, governo e público no caso estudado podem ser entendidos a partir da teoria de Rancière. Então, a partir dessa discussão, retome a pergunta proposta no início da seção e converse sobre possíveis respostas para ela.

Para a realização das etapas, peça aos estudantes que leiam o tópico "A política como 'partilha do sensível'", do Capítulo 14, e, se possível, o Texto 2 na íntegra, utilizando, para isso, o recurso de tradução automática do navegador. Além disso, peça a eles que façam pesquisas na internet sobre o grupo Just Stop Oil (é importante que vejam vídeos e imagens das ações do grupo, pois elas têm uma dimensão estética importante). É fundamental que os estudantes consigam interpretar as ações desses grupos utilizando os conceitos propostos por Rancière. É possível considerar que, de acordo com as formulações do filósofo, essas ações são atos políticos legítimos, uma vez que perturbam a ordem da polícia (a ordem instituída e a administração social) ao subverter espaços de arte e dar a eles função de palco de discussão para reforçar desentendimentos em relação às políticas climáticas, buscando influenciar seus rumos. Como fechamento da atividade, retome a questão mobilizadora do início da seção e promova uma discussão com a turma sobre como ela pode ser respondida a partir do que foi apresentado pelos grupos.

A Filosofia na História

	TALES DE MILETO (c. 625 a.C.-546 a.C.)	ANAXIMANDRO DE MILETO (c. 610 a.C.-545 a.C.)	ANAXÍMENES DE MILETO (c. 588 a.C.-528 a.C.)	HERÁCLITO DE ÉFESO (c. 535 a.C.-475 a.C.)	PARMÊNIDES DE ELEIA (c. 530 a.C.-460 a.C.)	ZENÃO DE ELEIA (c. 490 a.C.-430 a.C.)	PITÁGORAS DE SAMOS (c. 570 a.C.-495 a.C.)	FILOLAU DE CROTONA (c. 470 a.C.-385 a.C.)	LEUCIPO (séc. V a.C.)	DEMÓCRITO DE ABDERA (c. 460 a.C.-370 a.C.)	GÓRGIAS DE LEONTINOS (c. 485 a.C.-380 a.C.)
FILÓSOFOS											
TEMAS E PROBLEMAS	*A água como elemento primordial*	O ápeiron (o *indeterminado*) *como princípio*	*O ar constitui tudo*	*A contradição produz a unidade do cosmo*	*Metafísica, Lógica e a identidade do ser*	*A pluralidade e o movimento como ilusão*	*O número como o fundamento da natureza*	*O pitagorismo*	*O átomo como o princípio da natureza*	*O atomismo, a ética e a percepção*	*Retórica e relativismo intelectual e moral*
CORRENTES	XII a.C. ao V a.C.										V a.C.
	Escola Jônica				Escola Eleática		Escola Itálica		Escola Atomista		Sofistas

Filosofia da natureza: a origem e os fundamentos do cosmo (cosmologia)

CONTEXTO HISTÓRICO

XII a.C. ao V a.C.

- Aqueus, jônios e dórios conquistam o entorno do mar Egeu (1200 a.C.-800 a.C.)
- Homero (*Ilíada* e *Odisseia*) e Hesíodo (*Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*)
- Primeiras pólis e fortalezas no território continental grego, na Ásia Menor (atual Turquia), nas ilhas do mar Egeu e na Magna Grécia (sul da atual Itália)
- Implantação da democracia por Clístenes (507 a.C.) e governo de Péricles (461 a.C.-429 a.C.), em Atenas
- Fundação de Roma (509 a.C.)

V a.C.

- Guerras Médicas: gregos contra persas (490 a.C.-479 a.C.)
- Apogeu de Atenas (V a.C.-IV a.C.): florescimento cultural: arquitetura de Fídias e teatro de Ésquilo, Sófocles, Eurípedes e Aristófanes
- Guerra do Peloponeso (431 a.C.): Esparta contra Atenas



javarmann/Shutterstock

A Loba Capitolina, símbolo da fundação de Roma, amamentando os irmãos Rômulo e Remo. Escultura etrusca do final do século V a.C.

SÓCRATES (c. 469 a.C.-399 a.C.)
Moral, ideias, verdade e essência das coisas

PLATÃO (c. 427 a.C.-347 a.C.)
Dialética, teoria das ideias e relação entre mundo inteligível (ideias) e mundo sensível

ARISTÓTELES (384 a.C.-322 a.C.)
Metafísica e Lógica; relação entre mundo sensível e conceitos

ANTÍSTENES (c. 445 a.C.-365 a.C.)
Ética e Física

DIÓGENES DE SÍNOPE (c. 413 a.C.-323 a.C.)
Moral e costumes

ZENÃO DE CÍCIO (c. 334 a.C.-262 a.C.)
Física e moral

CRÍSIPO DE SOLES (c. 280 a.C.-210 a.C.)
Ética e Lógica; dialética e paradoxos

EPICURO DE SAMOS (c. 341 a.C.-271 a.C.)
Ética do prazer: como viver com o mínimo de dor e o máximo de prazer

SÊNECA (4 a.C.-65 d.C.)
Ética, Física, Lógica e Arte

EPITETO, O FILÓSOFO EX-ESCRAVO (55-135)
Ética e moral

V a.C. | **IV a.C.** | **III a.C.** | **I d.C.**

Cinismo | Estoicismo | Epicurismo | Estoicismo eclético

Vida como prática filosófica

Como viver segundo a razão e de acordo com as leis da natureza

Ação e reflexão para uma vida boa

IV a.C.

- Macedônia conquista Grécia:
  - Felipe II (382 a.C.-336 a.C.)

Alfredo Dagli Orti/Shutterstock/Chiaramonti Museum Vatican

Escultura de mármore de Filipe II da Macedônia, pai de Alexandre, o Grande. Cópia de original grego.

- Helenismo (IV a.C.-II d.C.):
  - início: expansão territorial da Macedônia e difusão da cultura grega aos reinos conquistados por Alexandre Magno (356 a.C.-323 a.C.)
  - fim: anexação da Grécia pelo Império Romano

III a.C.

- Guerras Púnicas (264 a.C.-218 a.C.): Roma contra Cartago
- Euclides: Geometria
- Fim da autonomia das pólis gregas

II a.C. ao I a.C.

- Roma conquista Macedônia
- Fim da República e início do Império Romano (27 a.C.) com Otaviano

I d.C.

- Morte de Jesus Cristo (33)
- Imperador Nero: incêndio de Roma (64 d.C.)

A Filosofia na História

FILÓSOFOS	TEMAS E PROBLEMAS	CORRENTES
MARCO AURÉLIO, O IMPERADOR FILÓSOFO (121-180)	*Ética e moral*	Estoicismo eclético
PLOTINO (205-270)	*Ontologia (estudo do ser) sob a luz da filosofia platônica*	Neoplatonismo
HIPÁTIA (355-415)	*Astronomia, Matemática e Política*	Patrística
SANTO AGOSTINHO (344-430)	*Filosofia cristã pensada pelos padres da Igreja; relação entre razão e fé na busca da verdade e à luz do platonismo*	
SÃO TOMÁS DE AQUINO (1225-1274)	*Relação entre razão e fé, entre Filosofia e Teologia; aristotelismo e platonismo sob princípios da fé cristã*	Escolástica
PICO DELLA MIRANDOLA (1463-1494)	*Afirmação da dignidade do ser humano*	Renascentistas
MAQUIAVEL (1469-1527)	*Realismo político*	
THOMAS MORE (1478-1535)	*Utopismo crítico*	
ERASMO (1466-1536)	*Exercício da razão*	
ETIENNE DE LA BOÉTIE (1530-1563)	*Crítica da tirania*	
MONTAIGNE (1533-1592)	*Vida cotidiana e pensamento sobre si mesmo*	
GALILEU (1564-1642)	*Revolução científica (método)*	
	II	Ação e reflexão para uma vida boa
	III	
	IV ao XIII	
	XIV ao XV	Volta às preocupações da Antiguidade clássica; ser humano no centro das atenções
	XVI	
	XVII	

CONTEXTO HISTÓRICO

II
- O Alto Império Romano (séc. I-III)
- Retomada da expansão territorial de Roma após período de disputas sucessórias

III
- O Baixo Império Romano (séc. III-V):
  - crises econômicas e políticas
  - dificuldades de manter a coesão do vasto império
  - expansão do cristianismo

IV ao V
- Édito de Tessalônica (380): o cristianismo torna-se a religião oficial do Império Romano
- Divisão do Império Romano: Ocidente e Oriente:
  - Império Bizantino (395)
- Queda do Império Romano do Ocidente (476) pelas invasões bárbaras
- Declínio da vida urbana europeia e a ruralização:
  - formação dos feudos

VI ao XII
- Cisma do Oriente (1054): Igreja católica romana e Igreja ortodoxa
- Expansão do Império Turco Otomano sobre o Império Bizantino e o entorno do Mediterrâneo:
  - compilação, tradução e comentário de textos filosóficos da Antiguidade por judeus e muçulmanos
- Cruzadas (1096-1270)
- Renascimento comercial e urbano na Europa

XIII
- Fundação das universidades: Pádua (1222) e Paris (1253)
- Fundação das Ordens Franciscana e Dominicana:
  - mosteiros: formação espiritual (Teologia) e intelectual (Filosofia)

NEWTON (1642-1727) — *Princípios matemáticos e leis que regem a natureza*

DESCARTES (1596-1650) — *Método cartesiano, sujeito do conhecimento, dúvida e verdade*

ESPINOSA (1632-1677) — *Ética, Teologia e Política*

BACON (1561-1626) — *Método experimental; Ciência e a dominação da natureza*

HOBBES (1588-1679) — *Política e Ética; "contrato social"*

LOCKE (1632-1704) — *Epistemologia e política; "contrato social" e defesa da propriedade privada*

MONTESQUIEU (1689-1755) — *Política; tripartição dos poderes e reflexão sobre as leis*

VOLTAIRE (1694-1778) — *Liberdade de expressão; crítica da intolerância e do fanatismo religioso*

ROUSSEAU (1712-1778) — *Política e educação; liberdade e "contrato social"*

KANT (1724-1804) — *Ética, moral e estética (experiência na arte); condições de possibilidade do conhecimento*

HEGEL (1770-1831) — *Dialética, Política, Direito e História; as relações entre o real e o racional*

XVII | **XVIII** | **XIX**

Racionalismo | Empirismo | Iluminismo (França) | Idealismo alemão

Os princípios da razão; método e teoria do conhecimento

A experiência sensível na obtenção do conhecimento

Crítica da religião, da moral, da política e dos saberes da época à luz da razão

XIV ao XV

- Fim do Império Bizantino: turcos otomanos conquistam Constantinopla (1453)
- Guerra dos Cem Anos: Inglaterra × França
- Renascimento:
  - Arte e Ciência: Da Vinci
  - Literatura: Dante e Boccaccio
- Consolidação dos primeiros Estados Nacionais na Europa

XVI

- Chegada de europeus à América (1492) e ao Brasil (1500)
- Reforma Protestante (1517)
- Reforma Católica (ou Contrarreforma) Concílio de Trento (1542-1563):
  - fundação da Companhia de Jesus (1534)
  - Santo Ofício da Inquisição
  - *Index Librorum Proibitorum* (índice dos livros proibidos)

XVII

- Mercantilismo e absolutismo na Europa
- Guerra dos 30 Anos (1618-1648)
- Revolução Gloriosa (1688)
- Consolidação da Ciência moderna
- Arte barroca

XVIII

- "Despotismo esclarecido" na Europa continental
- Independência dos Estados Unidos (1776)
- Revolução Francesa (1789)
- Revolução Industrial



Everett Collection/Shutterstock

Tecelagem em um moinho de algodão em Lancashire, Inglaterra. Cerca de 1835. Gravura com aquarela moderna. Dimensões não informadas.

NO BRASIL

- Inconfidência Mineira (1789)

A Filosofia na História

FILÓSOFOS	TEMAS E PROBLEMAS	CORRENTES
SAINT-SIMON (1760-1825)	*Socialismo, utopia, reformas sociais*	Socialismo utópico
COMTE (1798-1857)	*Organização moral e intelectual da sociedade segundo a Ciência*	Positivismo
MARX (1818-1883) e **ENGELS** (1820-1895)	*Filosofia como práxis, alienação, reificação e crítica ao capitalismo*	Materialismo histórico
PROUDHON (1809-1865)	*Crítica da propriedade privada; anarquia como "ordem natural"*	Anarquismo
BAKUNIN (1814-1876)	*Liberdade individual e práxis anarquista*	Anarquismo
KIERKEGAARD (1813-1855)	*Crítica do racionalismo hegeliano, dando relevância à fé, à liberdade e ao desejo*	
NIETZSCHE (1844-1900)	*Crítica radical à moral e à Ciência como instrumentos de dominação*	
GRAMSCI (1891-1937)	*Política, cultura e transformação social*	Marxismo
CASSIRER (1874-1945)	*Linguagem, Antropologia filosófica e Filosofia da cultura*	Neokantismo
HUSSERL (1859-1938)	*Criação de um método que permita a "volta às coisas mesmas"*	Fenomenologia

XIX — **XX**

Crítica do Estado, da propriedade e da autoridade; construção de uma sociedade justa

CONTEXTO HISTÓRICO

XIX

- Ascensão de Napoleão na França
- Consolidação do capitalismo monopolista
- Guerra Franco-Prussiana (1870-1871)
- Comuna de Paris (1871)
- Segunda Revolução Industrial
- Neocolonialismo: divisão da Ásia e da África pelas potências europeias
- Cinema: irmãos Lumière apresentam o cinematógrafo na França (1895)



Napoleão cruzando os Alpes, óleo sobre tela de Jacques-Louis David, c. 1801. 261 × 221 cm.

Reprodução/Museu de Arte Fuji de Tóquio, Japão.

MERLEAU-PONTY (1908-1961)	**WITTGENSTEIN** (1889-1951)	**HEIDEGGER** (1889-1976)	**SARTRE** (1905-1980)	**BENJAMIN** (1892-1940)	**ADORNO** (1903-1969) e **HORKHEIMER** (1895-1973)	**ARENDT** (1906-1975)	**LÉVI-STRAUSS** (1908-2009)	**BEAUVOIR** (1908-1986)	**FOUCAULT** (1926-1984)	**JONAS** (1903-1993)
Fenomenologia da percepção; conhecimento e corpo	*Lógica e Filosofia da linguagem; "virada linguística"*	*Ser, ente e temporalidade*	*Existência, liberdade e política*	*Técnica, arte e revolução*	*Indústria cultural; crítica do mito e da razão como instrumentos de dominação*	*Crítica ao totalitarismo; análise da condição humana*	*Antropologia estruturalista e Etnologia*	*Política, feminismo e liberdade*	*Crítica dos saberes e dos poderes; ética do cuidado de si*	*Ética da responsabilidade, Direito*
XX										
Fenomenologia		Fenomenologia existencial		Teoria crítica			Estruturalismo	Existencialismo		

Compreensão do ser humano como ser-no-mundo, por meio dos princípios fenomenológicos e políticos

Marxismo e crítica cultural

Análise da linguagem e da realidade social por meio de suas estruturas

NO BRASIL

- Independência do Brasil (1822)
- Assinatura da Lei Áurea (1888)
- Fim do Império e Proclamação da República (1889)

Reprodução/Museu Paulista da USP, São Paulo (SP).

Independência ou morte (O grito do Ipiranga), óleo sobre tela de Pedro Américo, c. 1888. 415 × 760 cm.

XX

- Primeira Guerra Mundial (1914-1918)
- Revolução Russa (1917)
- Ascensão do fascismo (1922) e do nazismo (1933)
- Segunda Guerra Mundial (1939-1945)
- Guerra Fria: Estados Unidos × União Soviética
- Descolonização da África e da Ásia
- Conflitos Israel-Palestina
- Queda do Muro de Berlim (1989) e dissolução da União Soviética (1991)

Martti Kainulainen/Shutterstock

Manifestação a favor da queda do Muro de Berlim em 10 de novembro de 1989.

A Filosofia na História

FILÓSOFOS	TEMAS E PROBLEMAS	CORRENTES
GUATTARI (1930-1992)	*Filosofia e Psicanálise; "revolução molecular"*	
FEYERABEND (1924-1994)	*Epistemologia e crítica da Ciência*	Filosofia da Ciência
LEVINAS (1906-1995)	*Ética; alteridade e dominação*	
DELEUZE (1925-1995)	*Filosofia como criação de conceitos; multiplicidade e diferença*	
XX		
HADOT (1922-2010)	*História da Filosofia e Filosofia antiga*	
HELLER (1929-2019)	*Ética, Política e existencialismo*	
FRANTZ FANNON (1925-1961)	*Pós-colonialismo; teoria crítica*	Filosofia Decolonial
ACHILLE MBEMBE (1957-)	*Poder, biopolítica, necropolítica*	
XXI		
HABERMAS (1929-)	*Teoria social, marxismo, Direito, ética comunicativa*	Teoria crítica
SERRES (1930-2019)	*Política e cultura; relação ser humano-natureza*	
NEGRI (1933-)	*Políticas do Império*	Marxismo

CONTEXTO HISTÓRICO

- Revolução Digital:
  - primeiros computadores domésticos (1981)
  - internet

NO BRASIL

- Semana de Arte Moderna (1922)
- Estado Novo (1937-1945)
- Período democrático (1945-1964)
- Inauguração de Brasília (1960)
- Ditadura civil-militar (1964-1985)
- Redemocratização (1985)



Construção de Brasília, c. 1957-1960.

Frank Scherschel/The LIFE Picture Collection/Shutterstock.

XXI

- Revolução Digital:
  - criação das redes sociais
  - avanço tecnológico na criação de *hardwares* e *softwares*
- Atentados terroristas em Nova York (2001)
- Crise econômica (2008)
- Primavera Árabe (2011)



Manifestantes em protesto de oposição ao então presidente do Egito Hosni Mubarak. Cairo, Egito, 2011.

Sipa/Shutterstock

	DAVIS (1944-)	HOOKS (1952-2021)	BUTLER (1944-)	RANCIÈRE (1940-)	LIPOVETSKY (1944-)	SINGER (1946-)	LATOUR (1947-)	VIVEIROS DE CASTRO (1951-)	KRENAK (1953-)	KOPENAWA (1956-)	COMTE-SPONVILLE (1952-)	HAN (1959-)
	Feminismo negro; interseccionalidade	*Feminismo negro; estudos afro-americanos*	*Feminismo; pós-estruturalismo; teoria queer*	*Política como dissenso*	*O efêmero nos tempos hipermodernos*	*Bioética e desafios da Ética na contemporaneidade*	*Ética e Política, Ciência e poder*	*Etnoantropologia; perspectivismo*	*Cosmologia indígena; crítica aos modos de vida exploratórios*	*Cosmologia indígena*	*Ética; virtudes no mundo contemporâneo*	*Poder; exploração; novas tecnologias*
XXI												
	Feminismo							Antropologia				

- Crise migratória na Europa (2015)
- Ascensão do nacionalismo e do anti-globalismo e Brexit (2016 a 2020)

Ivan Marc/Shutterstock

Desenho à mão de uma linha entre o Reino Unido e a União Europeia, em referência ao Brexit.

- Pandemia de covid-19 (a partir de 2020)
- Surgimento e popularização de novos conceitos e tecnologias que transformaram radicalmente a experiência humana e social, como plataformas de *streaming*, aplicativos de transporte e *delivery*, *big data*, inteligência artificial e metaverso

F de Jesus/ Shutterstock

Campanha de vacinação contra a covid-19 em São Luís, Maranhão, 2021.

Cédula chinesa.

William Potter/Shutterstock

- Disputas comerciais entre EUA e China e avanço do país asiático em direção à hegemonia econômica global

Transcrição de áudios

Podcast 1

Unidade 1, Capítulo 1, p. 45.
***Podcast* "Ailton Krenak: o primeiro indígena imortal da ABL"**
Tempo: 5 min 33 s

[VINHETA DE ABERTURA]
TRILHA SONORA: MÚSICA INSTRUMENTAL

Locutor [apresentação do *podcast*]:

Olá, ouvinte! Neste *podcast*, vamos conversar sobre Ailton Krenak, o primeiro indígena a se tornar um imortal da Academia Brasileira de Letras e um dos pensadores e ativistas mais importantes da nossa época. Vamos lá?

[VINHETA DE ENTRADA NO EPISÓDIO]

Locutor [introdução ao bloco]:

Ailton Krenak é uma figura muito importante na defesa do meio ambiente e na luta pelos direitos dos povos indígenas do Brasil. O pensador pertence ao povo indígena Krenak e nasceu em 1953, na região do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais. Ele começou sua trajetória profissional como jornalista, mas, ao longo da vida, se tornou ambientalista, filósofo, poeta, escritor e professor universitário.

[MÚSICA DE FUNDO COM INSTRUMENTOS TRADICIONAIS INDÍGENAS]

Desde criança, Ailton Krenak foi exposto às dificuldades enfrentadas por seu povo. Ele conta que, na época em que nasceu, o povo Krenak estava em processo de extinção, pois seu território estava sendo ocupado por fazendeiros, e os sobreviventes precisavam fugir para outras regiões. Aos 17 anos, depois de muito tempo acompanhando o pai em fugas, ele começou a buscar formas de lutar pelos direitos dos povos indígenas. Foi quando deixou sua aldeia e se mudou para São Paulo, onde começou a se envolver com movimentos sociais e a lutar pelos direitos dos povos indígenas.

Nos anos 1980, Krenak ganhou destaque nacional ao representar o movimento indígena na Assembleia Constituinte, sendo um dos principais articuladores para a inclusão dos direitos indígenas na Constituição Federal de 1988. Sua atuação foi marcada por discursos fortes e emocionantes. Em um deles, Krenak pintou o rosto com tinta preta de jenipapo enquanto discursava na Assembleia, um gesto simbólico de luto que chamou a atenção da mídia e da sociedade para a causa indígena.

Além de seu ativismo político, Krenak também se destacou como escritor e filósofo. Ele é autor de várias obras que abordam a relação entre os seres humanos e a natureza e a importância da preservação das culturas tradicionais. Entre suas obras mais conhecidas estão *Ideias para adiar o fim do mundo* e *O amanhã não está à venda*.

[VINHETA DE TRANSIÇÃO]
[MÚSICA DE FUNDO COM INSTRUMENTOS TRADICIONAIS INDÍGENAS]

O pensamento de Ailton Krenak é baseado na cultura indígena e oferece fortes críticas à ideia ocidental de progresso. Em seus textos, ele propõe a reflexão sobre a necessidade de repensarmos nossa relação com a natureza e com os outros seres vivos.

Na obra *Ideias para adiar o fim do mundo*, o autor critica a ideia de humanidade como algo separado da natureza, argumentando que essa noção justifica a exploração desenfreada dos recursos naturais que está levando o planeta a um colapso. Para Krenak, é fundamental resgatar os valores e conhecimentos tradicionais dos povos indígenas, que se veem como parte da natureza e oferecem um modo de vida alternativo à sociedade do consumo.

Já no livro *O amanhã não está à venda,* ele usa a pandemia de covid-19 como uma experiência que nos convida a refletir sobre uma crise mais profunda de degradação ambiental e perda de biodiversidade. Krenak defende que a pandemia deve ser vista como um alerta para a necessidade de repensarmos nosso modelo de desenvolvimento e abandonarmos o antropocentrismo, a ideia de que o ser humano é o centro do universo. Para provocar a reflexão dos leitores, o autor chega a afirmar que somos piores do que a covid-19, pois somos nocivos para todas as formas de vida, enquanto a pandemia só afetou os seres humanos.

Além de seus livros, Ailton Krenak também é conhecido por suas palestras e entrevistas, nas quais compartilha suas reflexões e defende que a sabedoria indígena pode oferecer respostas valiosas aos desafios contemporâneos, principalmente no que diz respeito à sustentabilidade e à convivência harmoniosa entre todas as formas de vida.

Locutor [considerações finais]:

Em 2024, como reconhecimento pela importância do seu trabalho, Ailton Krenak foi eleito para ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, uma instituição cultural cujo objetivo é cultivar a língua e a literatura nacional. Ela é composta por 40 membros efetivos e perpétuos, também conhecidos como imortais, e por 20 sócios correspondentes estrangeiros. Krenak foi o primeiro indígena a fazer parte dessa instituição que tem mais de 120 anos. Em seu discurso de posse, ele destacou o simbolismo de ocupar um espaço dedicado à Língua Portuguesa, herdada dos colonizadores, e destacou que sua eleição não representa a vitória de uma pessoa, mas de todas as línguas e povos indígenas do Brasil.

[VINHETA DE ENCERRAMENTO DO ASSUNTO]

Locutor [encerramento]:

Chegamos ao final deste *podcast*! Espero que tenha gostado.

Até a próxima e bons estudos!

[VINHETA FINAL]

Podcast 2

Unidade 2, Capítulo 5, p. 120.
***Podcast* "A importância do corpo na Antiguidade"**
Tempo: 5 min 53 s

[VINHETA DE ABERTURA]
[TRILHA SONORA: MÚSICA INSTRUMENTAL]

Locutor [apresentação do *podcast*]:

Olá, ouvinte! Seja bem-vindo a mais um episódio do nosso *podcast*. Hoje, vamos explorar um tema fascinante, estudado e admirado até atualmente: a importância do corpo na Antiguidade. Prepare-se para uma viagem no tempo, na qual vamos descobrir como algumas civilizações antigas valorizavam, representavam e cuidavam do corpo humano.

[VINHETA DE ENTRADA NO EPISÓDIO]

Locutor [introdução ao bloco]:

A Antiguidade é um período histórico que abrange diversas culturas e civilizações em todo o mundo. Cada uma dessas culturas tinha sua própria visão sobre o corpo humano.

Vamos começar nossa jornada explorando como essas civilizações viam e tratavam o corpo.

[MÚSICA DE FUNDO QUE LEMBRA O EGITO ANTIGO]

No Egito antigo, o corpo humano era visto como um reflexo da ordem cósmica e divina. Os egípcios acreditavam que o corpo era uma morada temporária para a alma e que, após a morte, ela precisava que esse corpo estivesse preservado para continuar sua jornada no além. Por isso, desenvolveram técnicas avançadas de mumificação, para garantir a preservação dos corpos.

A estética corporal também era muito valorizada. Os egípcios usavam cosméticos, como óleos perfumados e o *kohl* para enfeitar os olhos. A prática de exercícios físicos e a manutenção de uma boa saúde eram incentivadas, pois acreditava-se que um corpo saudável era o reflexo de uma alma pura.

[VINHETA DE TRANSIÇÃO]
[MÚSICA DE FUNDO QUE LEMBRA A GRÉCIA ANTIGA]

Já na Grécia antiga, o corpo humano era visto como a personificação da beleza e da perfeição. Os gregos acreditavam que o corpo era um templo e, por isso, deveria ser cultivado e cuidado. A prática de exercícios físicos era essencial, e os Jogos Olímpicos eram um exemplo da importância dada à forma física. A filosofia grega, especialmente a de Platão e Aristóteles, também refletia essa valorização do corpo: ele era visto como um meio para alcançar a virtude e a excelência. Além disso, os gregos acreditavam que a saúde do corpo e da mente estavam intrinsecamente ligadas, e essa visão influenciou profundamente a medicina ocidental.

[VINHETA DE TRANSIÇÃO]
[MÚSICA DE FUNDO QUE LEMBRA A ROMA ANTIGA]

Ao se tratar dos romanos, é importante ter em mente que eles herdaram dos gregos muitos dos ideais sobre o corpo, além de desenvolverem suas próprias práticas. Assim, o corpo era um símbolo de poder e disciplina. A prática de exercícios físicos era essencial, especialmente para os soldados, que precisavam estar em boa forma física para defender o império.

Outra prática ligada ao corpo, que era importante na vida romana, foram os banhos. Os complexos de banhos públicos, conhecidos como termas, eram usados para higiene e como centros sociais, onde as pessoas se reuniam para relaxar, conversar e se exercitar. A saúde e a aparência do corpo eram vistas como reflexos da disciplina e da moralidade.

Também podemos ressaltar o médico romano Galeno, que fez importantes contribuições para a anatomia e a fisiologia. Ele acreditava que o equilíbrio dos humores corporais era essencial para a saúde e desenvolveu tratamentos baseados nessa teoria.

[VINHETA DE TRANSIÇÃO] [MÚSICA DE FUNDO COM INSTRUMENTOS DE SOPRO E CORDA]

Além dos egípcios, gregos e romanos, outras civilizações antigas também tinham suas próprias visões e práticas relacionadas ao corpo.

Na Índia antiga, o corpo era visto como um microcosmo do universo. A prática do ioga e a medicina ayurvédica destacavam a importância do equilíbrio entre corpo, mente e espírito.

Na China antiga, a medicina tradicional enfatizava a harmonia entre os órgãos e o fluxo de energia pelo corpo. Práticas como acupuntura e *tai chi* eram usadas para manter a saúde e o bem-estar.

Já entre os povos indígenas das Américas, o corpo era visto como parte da natureza. Rituais de cura e práticas de medicina tradicional eram usados para tratar doenças e manter a harmonia com o mundo.

Locutor [considerações finais]:

Você percebeu como o corpo humano é um tema muito importante desde a Antiguidade?

Cada civilização tinha suas próprias crenças, práticas e valores relacionados a ele. No entanto, todas compartilhavam a ideia de que o corpo era algo a ser cuidado, valorizado e respeitado.

Hoje, podemos aprender muito com essas culturas antigas. A valorização do corpo e a busca pela conexão com a mente são conceitos que ainda ressoam na sociedade contemporânea. Ao olharmos para o passado, podemos encontrar inspiração para cuidar melhor de nosso corpo e viver de maneira mais harmoniosa e saudável.

[VINHETA DE ENCERRAMENTO DO ASSUNTO]

Locutor [encerramento]:

Espero que tenha gostado do episódio de hoje, sobre a importância do corpo na Antiguidade. Foi uma verdadeira viagem no tempo, não é mesmo?

Até a próxima e bons estudos!

[VINHETA FINAL]

Podcast 3

Unidade 3, Capítulo 7, p. 163.
***Podcast* "Reflexões sobre diferentes tipos de felicidade"**
Tempo: 6 min 37 s

[VINHETA DE ABERTURA]
TRILHA SONORA: MÚSICA INSTRUMENTAL

Locutor [apresentação do *podcast*]:

Olá, ouvinte! Seja bem-vindo a mais um episódio do nosso *podcast*. Hoje, vamos explorar um tema que é universal e, ao mesmo tempo, extremamente pessoal: a felicidade. Vamos refletir sobre os diferentes tipos de felicidade e

como eles se manifestam em nossas vidas. Prepare-se para uma jornada introspectiva e enriquecedora!

[VINHETA DE ENTRADA NO EPISÓDIO]

Locutor [introdução ao bloco]:

A felicidade é um conceito estudado e debatido por filósofos, psicólogos, sociólogos e muitos outros cientistas ao longo dos séculos. Mas, afinal, o que é felicidade? Será que existe um único tipo de felicidade ou ela pode se manifestar de diferentes formas? Vamos começar nossa reflexão explorando algumas dessas diferentes perspectivas.

[MÚSICA DE FUNDO COM INSTRUMENTOS SUAVES]

A felicidade hedônica é, talvez, a forma mais imediata e reconhecível de felicidade. Ela está relacionada ao prazer e à satisfação dos sentidos. Quando pensamos em momentos de alegria, como saborear uma refeição, ouvir nossa música favorita ou passar tempo com amigos, estamos falando de felicidade hedônica.

Essa forma de felicidade é frequentemente associada ao bem-estar subjetivo, que é a sensação de estar satisfeito com a vida. No entanto, a felicidade hedônica pode ser efêmera, pois está ligada a experiências e estímulos externos que podem mudar rapidamente.

[VINHETA DE TRANSIÇÃO]
[MÚSICA DE FUNDO COM VIOLINOS]

Já a felicidade eudaimônica é uma forma mais duradoura de felicidade. Esse conceito tem suas raízes na filosofia grega, especialmente nos ensinamentos de Aristóteles, que acreditava que a verdadeira felicidade vem da realização do nosso potencial e do viver de acordo com nossos valores e nossas virtudes.

Ela está relacionada ao sentido da vida e envolve a busca por objetivos significativos, o desenvolvimento pessoal e o engajamento em atividades que nos trazem um senso de realização e contribuição para o bem-estar dos outros. A felicidade eudaimônica é construída ao longo do tempo e está profundamente ligada ao nosso crescimento como indivíduos.

[VINHETA DE TRANSIÇÃO]
[MÚSICA DE FUNDO COM PIANO]

Outro tipo que merece destaque é a felicidade relacional, que está enraizada nas nossas conexões e nos nossos relacionamentos com as outras pessoas. Estudos mostram que relações saudáveis e significativas são uma das principais fontes de felicidade e bem-estar.

Porém, a felicidade relacional não se trata apenas de ter muitas conexões, mas de ter relacionamentos de qualidade, no qual há apoio, confiança e compreensão. Passar tempo com a família e com os amigos, compartilhar momentos e experiências e sentir-se parte de uma comunidade são aspectos essenciais dessa forma de felicidade.

[VINHETA DE TRANSIÇÃO]
[MÚSICA DE FUNDO COM INSTRUMENTOS DE SOPRO]

A felicidade transcendente é aquela que vai além do individual e do imediato. Ela está relacionada a experiências espirituais e à conexão com algo maior do que nós mesmos. Para muitas pessoas, essa forma de felicidade é encontrada na prática religiosa, na meditação, na contemplação da natureza ou em momentos de profunda introspecção.

A felicidade transcendente nos convida a olhar para além das preocupações cotidianas e a encontrar paz e contentamento em um sentido mais amplo de existência, nos conectando com o universo.

[VINHETA DE TRANSIÇÃO] [MÚSICA DE FUNDO COM INSTRUMENTOS TRADICIONAIS]

A felicidade autêntica foi popularizada pelo psicólogo Martin Seligman. Para ele, essa felicidade é alcançada quando encontramos um equilíbrio entre prazer, engajamento e significado.

Prazer refere-se à felicidade hedônica, enquanto engajamento está relacionado ao estado de *flow*, quando estamos completamente imersos em uma atividade que nos desafia e nos satisfaz. Significado, por sua vez, está ligado à felicidade eudaimônica e à busca por um objetivo maior na vida.

A felicidade autêntica é, portanto, uma combinação de diferentes tipos de felicidade, em que cada um contribui para um senso geral de realização.

[VINHETA DE TRANSIÇÃO]
[MÚSICA DE FUNDO COM INSTRUMENTOS DE CORDAS]

Por fim, vamos falar sobre felicidade sustentável, um conceito que ganhou destaque nos últimos anos, especialmente no contexto das discussões sobre sustentabilidade global. Ela envolve a busca por uma felicidade que não apenas beneficia o indivíduo, mas também contribui para o bem-estar das futuras gerações do planeta e nos convida a refletir sobre nossas ações, buscando um equilíbrio entre nossas necessidades e os recursos disponíveis. Assim, nos incentiva a adotar estilos de vida mais conscientes e a valorizar a harmonia com a natureza e com os outros seres vivos.

Locutor [considerações finais]:

Quanta informação, não?

A felicidade é um tema complexo e multifacetado, que pode se manifestar de diferentes formas em nossas vidas. Seja por meio do prazer imediato, da realização do nosso potencial, das conexões significativas, da busca por um propósito maior ou da harmonia com o meio ambiente, a felicidade é algo que todos buscamos.

Refletir sobre os diferentes tipos de felicidade nos ajuda a entender melhor nossas experiências e a encontrar caminhos para uma vida mais satisfatória. Lembre-se de que a felicidade não é um destino, mas uma jornada contínua de autodescoberta e crescimento.

[VINHETA DE ENCERRAMENTO DO ASSUNTO]

Locutor [encerramento]:

Espero que tenha gostado do episódio de hoje sobre as reflexões dos diferentes tipos de felicidade. Foi uma verdadeira jornada de introspecção e aprendizado, não é mesmo?

Até a próxima e bons estudos!

[VINHETA FINAL]

Referências bibliográficas comentadas

Para a concepção desta coleção, diversos livros, artigos científicos, documentos oficiais do governo, revistas científicas, dissertações e *sites* foram consultados de modo a trazer materiais atualizados e que visam dar suporte às aprendizagens previstas para o Ensino Médio. Conheça as principais referências bibliográficas deste volume.

Introdução

ARISTÓTELES. *Da Geração e da Corrupção, seguido de Convite à Filosofia*. São Paulo: Landy, 2001.

Destaque para o texto "Convite à Filosofia", no qual Aristóteles explica a Filosofia, a finalidade mais nobre para um ser humano.

COLLI, Giorgio. *O Nascimento da Filosofia*. Campinas: Ed. Unicamp, 1988.

Colii defende que a Filosofia foi inventada por Platão como um novo gênero literário e uma nova maneira de pensar, saindo da forma poética do mito.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

Os filósofos refletem sobre a prática filosófica, identificando-a como a atividade de produção de conceitos.

RIBEIRO, Katiúscia; ADEODÉ (Ademar R. Nascimento); GOMES, Antonio; HERBERT, Ítalo; BISPO, Jorge. Rekhet: um exercício que transcende o ato de filosofar. *Revista Ítaca*, Rio de Janeiro, n. 36, p. 43-78, 2020. Especial Filosofia Africana.

Este artigo trabalha o conceito egípcio *rekhet* como uma busca apaixonada pela verdade, argumentando que ele antecede aquilo que os gregos viriam a chamar de Filosofia.

VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. 3. ed. São Paulo: Difel, 1981.

Vernant analisa as origens da Filosofia entre os gregos, buscando compreender como pensavam na Antiguidade.

Capítulo 1

ARAÚJO, Robson. *Filosofia entre os ameríndios brasileiros*: em meio ao plausível e ao justificável. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2023.

O autor defende a propriedade em se falar de uma filosofia produzida pelos povos indígenas no Brasil, ao mapear a obra de três intelectuais da atualidade, de etnias distintas: Davi Kopenawa, Ailton Krenak e Daniel Munduruku.

GILSON, Étienne. *Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes: 1995.

Clássico sobre o pensamento medieval que apresenta, de modo sistemático e aprofundado, as principais linhas de pensamento e os pensadores mais significativos em um amplo panorama.

KODJO-GRANDVAUX, Séverine. *Filosofias africanas*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2021.

Obra que traz um amplo panorama do pensamento filosófico praticado no continente africano, com apresentação dos principais pensadores e pensadoras e as temáticas emergentes.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. *Filosofias africanas: uma introdução*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

O livro introduz o pensamento africano tradicional, explicitando a heterogeneidade de povos e culturas, mas mostrando um pensamento mais ou menos comum, que pode ser compreendido em termos de Filosofia.

VERNANT, Jean-Pierre. *Entre mito & política*. São Paulo: Edusp, 2001.

Explora mitologia entre os gregos, desvelando sua importância política e suas implicações na vida cotidiana.

Capítulo 2

GRANGER, Giles-Gaston. *A Ciência e as Ciências*. São Paulo: Ed. Unesp, 1994.

O filósofo francês faz uma introdução à ciência e à técnica, abordando temas da epistemologia e da filosofia da ciência.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E. *Os filósofos pré-socráticos*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

Nesta obra encontramos uma exposição sistemática dos filósofos pré-socráticos, suas escolas e seus pensamentos.

KOYRÉ, Alexandre. *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense Universitária/Edusp, 1979.

Neste livro acompanhamos a aventura do conhecimento na passagem da Idade Média para a Modernidade.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*: ou helenismo e pessimismo. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

Primeiro livro publicado por Nietzsche, explora a cultura grega e sua criatividade, especialmente no campo do teatro.

STENGERS, Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

A historiadora da ciência e epistemóloga oferece neste livro um amplo panorama sobre a construção das ciências modernas.

Capítulo 3

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

Obra fundamental para compreender a condição humana e como ela nos faz ser da forma como somos.

CASSIRER, Ernst. *Antropologia Filosófica*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

Obra clássica que busca, por meio do simbólico, compreender o humano e suas relações com o universo múltiplo da cultura.

FROMM, Erich. *O Conceito Marxista do Homem*. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

O livro do psicanalista da Escola de Frankfurt nos apresenta de modo sistematizado como Karl Marx pensou o ser humano.

GROETHUYSEN, Bernard. *Antropologia Filosófica*. 2. ed. Lisboa: Presença, 1988.

Clássico da antropologia filosófica que traz uma exposição histórica comentada sobre as noções de humano, desde a Antiguidade até o Renascimento.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Campinas/Petrópolis: Ed. Unicamp/Vozes, 2012.

O principal livro de Heidegger, publicado originariamente em 1927, inaugurou a filosofia existencial no século XX.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
Retomando Husserl para pensar contra Heidegger, Sartre explorou as relações do humano consigo mesmo, estabelecendo as bases do debate existencialista em meados do século XX.

Capítulo 4

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1997.
O livro analisa a questão da linguagem na obra de Platão, com especial atenção para a afirmação de que a palavra é um *pharmakon*, a um só tempo remédio e veneno.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica*: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.
O livro condensa palestras e entrevistas de Guattari durante uma de suas viagens ao Brasil.

MORAIS, Regis de. *Estudos de Filosofia da Cultura*. São Paulo: Loyola, 1992.
Um estudo analítico e profundo da cultura que traz toda uma discussão contemporânea sobre o tema.

MORENO, Arley. *Wittgenstein*: os labirintos da linguagem. São Paulo: Moderna/Ed. Unicamp, 2000.
Um dos principais especialistas em Wittgenstein no Brasil apresenta de modo claro e sintético o pensamento do filósofo.

Capítulo 5

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020. 2v.
A obra de Beauvoir foi a primeira a tratar filosoficamente da condição feminina, tendo servido de base teórico-conceitual para o pensamento e o movimento feministas. O primeiro volume apresenta, comenta e debate os "fatos e mitos" sobre a condição da mulher e o segundo volume trata do tema a partir da experiência vivida.

ESPINOSA. *Ética*. São Paulo: Edusp, 2018.
Edição comentada do clássico de Espinosa traduzida diretamente do latim por especialistas. Obra essencial para conhecer o pensamento radical e contestador do pensador holandês.

FONTANELLA, Francisco Cock. *O corpo no limiar da subjetividade*. Piracicaba: Ed. Unimep, 1995.
Introdução às teorias sobre o corpo na Filosofia, da Antiguidade grega até nossos dias.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
Apresenta as questões de gênero e a teoria *queer* de modo acessível, problematizando as formas pelas quais lidamos com elas.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.
Neste livro, Merleau-Ponty estuda a percepção humana. Nesta obra está desenvolvida a noção de "corpo próprio", que revolucionou o pensamento sobre o corpo no século XX.

Capítulo 6

CENCI, Angelo Vitório. *O que é ética?*: elementos em torno de uma ética geral. 2. ed. Passo Fundo: Edição do Autor, 2001.
Introdução acessível à ética, tomada como saber prático. Apresenta uma perspectiva histórica da ética ocidental e seus conceitos centrais.

DROIT, Roger-Paul. *Ética:* uma primeira conversa. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
Um texto em tom coloquial que esclarece os meandros da ética, das origens da palavra às suas configurações contemporâneas.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal*: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
Em um de seus livros mais importantes, Nietzsche, apresenta sua perspectiva de que os valores são construções históricas, além do Bem e do Mal como universalidades.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*: uma polêmica. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
Aqui encontramos a perspectiva genealógica de Nietzsche, que analisa as múltiplas forças materiais que fazem com que um valor seja gerado, explicitando a origem de nossos conceitos morais.

PLATÃO. *A República*. 3. ed. Belém do Pará: Ed. UFPA, 2000.
Além da exploração política, Platão apresenta a perspectiva do filósofo em torno dos três caráteres humanos, que se temperam em cada pessoa. É a base de sua concepção ética.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
Clássico de Sartre que fundamenta seu pensamento existencialista e aprofunda em sua teoria do valor e na exploração conceitual da liberdade como ato de escolha.

Capítulo 7

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 2. ed. Brasília: Ed. UnB, 1992.
O clássico de Aristóteles em relação à ética, em que define felicidade como supremo bem, além de trazer reflexões sobre a ética como ciência prática.

HIPÓCRATES. *Conhecer, cuidar, amar*: o juramento e outros textos. São Paulo: Landy, 2002.
Neste livro encontramos a concepção do médico grego sobre os humores, bem como seu famoso "juramento", que permanece até nossos dias como a base da ética médica.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Porto: Porto Editora, 1995.
Esta obra é uma das mais importantes de Kant sobre o tema da ética. Nela encontramos a caracterização do imperativo categórico.

NODARI, Paulo César. *Sobre Ética*: Aristóteles, Kant, Levinas. Caxias do Sul: Educs, 2010.
Este livro apresenta e discute as concepções sobre ética de três filósofos: Aristóteles, na Antiguidade; Kant, na Modernidade; Levinas, no pensamento contemporâneo.

SINGER, Peter. *Ética Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
Nesta obra, um dos principais especialistas em ética na contemporaneidade aborda questões atuais importantes, como o racismo e a violência política.

VERGNIÈRES, Solange. *Ética e Política em Aristóteles*: *physis*, *ethos*, *nomos*. São Paulo: Paulus, 1999.
Discute as imbricações da ética com a política no pensamento de Aristóteles, mostrando como os dois campos estão indissociavelmente articulados.

Capítulo 8

EPICTETO. *Manual de Epicteto*: máximas, diatribes e aforismos. Lisboa: Vega, 1992.
Introdução à filosofia estoica e suas práticas de exercícios espirituais.

EPICURO; LUCRÉCIO; CÍCERO; SÊNECA; MARCO AURÉLIO. *Antologia de Textos*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Coleção Os Pensadores).
Compilação de textos de filósofos helenistas, que oferece um panorama sobre o epicurismo e o estoicismo.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.
O único texto completo que nos restou de Epicuro, uma carta escrita a seu amigo Meneceu, no qual ele o convida a praticar a filosofia, argumentando que é essa prática que nos leva à felicidade.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Ditos e Escritos, v. V).
Compilação de textos de Foucault (entrevistas, artigos, conferências) tratando da problemática da ética, da construção da subjetividade e do trabalho de si sobre si mesmo.

GOULET-CAZÉ, M.-O.; BRAHAN, R. B. (org.). *Os Cínicos*: o movimento cínico na Antiguidade e o seu legado. São Paulo: Loyola, 2007.
O cinismo é pouco conhecido, pois a maioria dos textos de seus filósofos foi perdida. Esse livro reúne uma série de ensaios de estudiosos contemporâneos e oferece um bom panorama sobre a filosofia cínica.

SINGER, Peter. *Vida Ética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
Atualiza o pensamento ético como uma prática de vida, refletindo sobre as grandes questões que assombram nossos dias.

Capítulo 9

BARKER, Ernest. *Teoria Política Grega*. Brasília: Ed. UnB, 1978.
Esta obra apresenta uma excelente introdução às formas pelas quais os gregos antigos pensaram a política.

LA BOÉTIE, Etienne. *Discurso da Servidão Voluntária*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
Essencial para compreender a crítica renascentista ao absolutismo, que serviu de base para vários pensadores do século XX repensarem as relações de poder na sociedade.

LEBRUN, Gérard. *O que é poder*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
Livro introdutório que esmiuça o conceito de poder a partir de distintos referenciais. Essencial para compreender a questão.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe e Escritos Políticos*. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores).
Inaugurou a forma moderna de pensar a política, de modo realista, marcando uma ruptura com o pensamento antigo.

RUBY, Christian. *Introdução à Filosofia Política*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.
O pensamento filosófico sobre a política passado em revista em perspectiva histórica, da Antiguidade ao século XX.

SAVATER, Fernando. *Política para meu filho*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
Como explicar os grandes temas da política e seus conceitos centrais para um adolescente? Esse foi o projeto do professor universitário espanhol, muito bem-sucedido.

Capítulo 10

BAKUNIN, Mikhail. *Deus e o Estado*. São Paulo: Imaginário, 2000.
Um dos textos centrais na produção fragmentária de Bakunin. Aqui encontramos sua teoria do Estado, bem como seu pensamento comunitarista sobre a liberdade como fenômeno coletivo.

BOBBIO, Norberto; BOVERO, Michelangelo. *Sociedade e Estado na Filosofia Política Moderna*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
Obra de referência sobre a filosofia política moderna, centrada no estudo das diferentes teorias do Estado.

HOBBES, Thomas. *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).
O clássico central do pensamento político de Hobbes. Elementos que ele já havia desenvolvido em *Do cidadão* aqui foram retrabalhados, aprofundados e complementados.

LOCKE, John. *Segundo Tratado sobre o Governo e outros textos*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).
Importante obra do pensamento político de John Locke e um dos pilares do liberalismo moderno.

PROUDHON, Pierre-Joseph. *Textos Escolhidos*. Porto Alegre: L&PM, 1983.
Seleção de textos de Proudhon que serve como uma ótima introdução às ideias daquele que iniciou o pensamento anarquista moderno.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do Contrato Social*. São Paulo: Cia. das Letras/Penguin, 2011.
Um dos textos fundadores do pensamento político moderno, ao conceber a instituição da sociedade como um contrato, constitui-se em um dos pilares das democracias modernas.

Capítulo 11

ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
Uma das obras clássicas de Hannah Arendt, a primeira que publicou após chegar aos Estados Unidos. Trata-se de uma profunda análise do fenômeno totalitarismo, fundamental para a compreensão do século XX.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
Este livro é uma compilação de textos e entrevistas de Deleuze. Nele encontramos o artigo "*Post-scriptum* sobre as sociedades de controle", publicado em 1990, no qual apresenta a análise de que estaríamos vivendo nesse tipo de sociedade.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
Este livro é a compilação das aulas dadas pelo filósofo no Collège de France entre janeiro e março de 1976. Nesse curso, Foucault introduz os conceitos de biopoder e de biopolítica.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*: história da violência nas prisões. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
Análise da emergência da prisão como instituição disciplinar. É aqui que encontramos sua extensa análise do poder disciplinar, de como ele transforma sujeitos em indivíduos cujos corpos serão docilizados para garantir a obediência e a produtividade.

GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular*: pulsações políticas do desejo. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
Nessa obra encontramos uma compilação de diversos textos de Guattari, dando uma dimensão do conjunto de seu pensamento.

Capítulo 12

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
Nesse livro, Latour questiona a ideia de modernidade e defende que nunca realizamos o projeto moderno. Trata-se de uma crítica à filosofia iluminista, que nos faz refletir sobre questões colocadas como centrais desde o século XVIII.

LATOUR, Bruno. *Políticas da natureza*: como fazer ciência na democracia. Bauru: EDUSC, 2004.
Para o autor, não há distinção entre uma "ecologia científica" e uma "ecologia política", de modo que se faz necessário uma

redefinição das duas atividades, a científica e a política, definindo um novo estatuto para as políticas da natureza.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

Compilação de artigos e outros textos do pensador francês, que defende que pensemos o conhecimento como algo que nos permita ter acesso à complexidade do mundo.

SERRES, Michel. *Júlio Verne*: a ciência e o homem contemporâneo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

O filósofo francês busca em Verne, escritor de ficção científica e fantasia do final do século XIX, os elementos para pensar as relações do ser humano contemporâneo com os saberes científicos.

STENGERS, Isabelle. *Quem tem medo da ciência?*: ciências e poderes. Rio de Janeiro: Siciliano, 1990.

A pensadora belga traz nesse livro uma releitura da construção da ciência moderna, de seu nascimento com Galileu à complexidade dos tempos atuais.

VON ZUBEN, Newton Aquiles. *Bioética e Tecnociências*. Bauru: Edusc, 2006.

O filósofo brasileiro apresenta nesse livro uma série de reflexões sobre as tecnociências e suas implicações em nosso cotidiano.

Capítulo 13

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

Um dos clássicos da teoria crítica da Escola de Frankfurt. Nele, os autores evidenciam as contradições da racionalidade moderna e forjam o conceito de indústria cultural, importante para a compreensão do mundo contemporâneo.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. São Paulo: Zouk, 2012.

Nesse texto, Benjamin analisa a obra de arte no tempo da técnica. Quando, por exemplo, ouvimos uma música gravada, ela continua sendo tão original quanto quando é executada ao vivo por seu autor?

RANCIÈRE, Jacques. *A noite dos proletários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Resultado de ampla pesquisa em arquivos do movimento operário francês do século XIX, a obra analisa a produção artística dos operários como um instrumento de emancipação de sua condição social.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

Livro no qual Rancière analisa a condição não daquele que produz arte, mas daquele que a consome. Segundo o autor, o espectador é uma espécie de cocriador.

READ, Herbert. *Arte e Alienação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

Obra do poeta e crítico de arte e literatura britânico na qual ele reflete sobre as relações do artista com a sociedade.

ROSENFIELD, Kathrin. *Estética*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

Uma obra de apresentação e sistematização do campo da estética, apresentando seus principais conceitos e autores.

Capítulo 14

NEGRI, Antonio. *5 lições sobre Império*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Obra de Negri apresentando em cinco lições básicas, os conceitos centrais de seu livro com Michael Hardt, *Império*.

NEGRI, Antonio. *O poder constituinte*: ensaio sobre as alternativas da modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

O filósofo e cientista político reflete sobre a política e defende a ideia de que há um poder que constitui a própria sociedade.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Negri e Hardt apresentam neste livro uma leitura criativa e original da política contemporânea, com inspirações vindas de Marx, Espinosa, Deleuze, Guattari e Foucault.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*: estética e política. São Paulo: Ed. 34, 2005.

Aborda a imbricação entre política e estética defendendo que há uma "partilha do sensível" em que se baseiam nossas concepções estéticas e nossas ações políticas.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento*: política e filosofia. São Paulo: Ed. 34, 1996.

Livro central para compreender a filosofia política do autor, no qual é introduzido o desentendimento como fundamento da política.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante*: cinco lições de emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Nessa obra, centrada no estudo de um intelectual francês que criou um "método universal" de ensino, Rancière reflete sobre as possibilidades de uma emancipação intelectual e como a sociedade pedagogizada em que vivemos luta contra ela.

Capítulo 15

DALL'AGNOL, Darlei. *Bioética*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

Introdução ao campo da bioética, que desenvolve temas como a biossegurança e a biotecnologia.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

Obra central para a compreensão do pensamento de Habermas. Aqui encontramos sua concepção das ações humanas centradas na comunicação, chave para entender sua perspectiva ética.

JONAS, Hans. *O princípio vida*: fundamentos para uma biologia filosófica. Petrópolis: Vozes, 2005.

Jonas, ao apresentar e definir o "princípio vida", forneceu as bases para o desenvolvimento da bioética.

LIPOVETSKY, Gilles. *Metamorfoses da cultura liberal*: ética, mídia, empresa. Porto Alegre: Sulina, 2004.

Composto de textos de conferências realizadas pelo filósofo, esse livro ajuda a compreender sua noção de "sociedade pós-moralista" ao examinar casos concretos, como a ética empresarial.

SERRES, Michel. *O contrato natural*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

Importante obra para compreender filosoficamente a relação dos seres humanos com a natureza, de perfil exploratório, e suas consequências.

SERRES, Michel. *O mal limpo*: poluir para se apropriar? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

Serres retorna aos problemas ambientais, explorando a ideia de que poluímos o planeta para dele nos apropriarmos, à maneira dos animais que marcam território, deixando seu cheiro.

Manual do Professor

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Filosofia

Apresentação

Caro professor, cara professora,

Ensinar não é tarefa fácil, e o ensino de Filosofia apresenta dificuldades específicas. Por exemplo: como escolher os conteúdos que serão trabalhados em um campo do pensamento com mais de 2 500 anos de história? Seria praticamente impossível, além de exaustivo, produzir um livro didático de Filosofia que abordasse, de forma extensiva, toda a produção do pensamento nessa longa trajetória. Essa empreitada fica ainda mais complexa quando o objetivo é produzir um livro didático que atenda à realidade das escolas brasileiras e à sua diversidade regional.

Diante da complexidade dessa tarefa, foi necessário fazer escolhas e privilegiar determinados aspectos em detrimento de outros, sempre com o cuidado de não expor apenas uma única perspectiva filosófica, pois isso significaria ir contra a própria Filosofia. Neste material, são apresentados os pressupostos metodológicos de Achille Mbembe, Agostinho de Hipona, Aimé Césaire, Ailton Krenak, Antonio Gramsci, Antonio Negri, Aristóteles, Auguste Comte, Baruch Espinosa, Christine de Pisan, Davi Kopenawa, Diógenes, Ernst Cassirer, Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze, Gilles Lipovetsky, Hannah Arendt, Herbert Read, Immanuel Kant, Jacques Rancière, Jean-Paul Sartre, John Locke, Karl Marx, Ludwig Wittgenstein, Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty, Michel Foucault, Michel Serres, Nicolau Maquiavel, Oyèrónké Oyěwùmí, Paul Feyerabend, Platão, Pierre-Joseph Proudhon, René Descartes, Simone de Beauvoir, Thomas Hobbes, Tomás de Aquino e Zenão de Cício.

Esta obra apresenta uma **abordagem problematizadora**, com foco nos problemas que impulsionam a prática do pensamento filosófico, entendido como um pensamento conceitual. Há também uma **abordagem contemporânea**, atenta às questões da atualidade. O fundamento desta obra são os pressupostos das diretrizes estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que, em particular, sugere que o ensino deve ser centrado no desenvolvimento de competências e habilidades dos estudantes, e não na mera transmissão de conteúdos.

No contexto da Filosofia, isso implica uma abordagem pedagógica que vá além da memorização de conceitos filosóficos. A proposta deste livro é, portanto, incorporar essas disposições legais e adotar uma pedagogia baseada em competências. Isso significa que a Filosofia é apresentada não apenas como um corpo de conhecimento, mas também como uma prática ativa de pensamento crítico e reflexivo.

Ao apresentar a Filosofia por meio de uma pedagogia baseada em competências e habilidades, o livro enfatiza a importância de os estudantes se engajarem em problemas reais e questões contemporâneas, além de incentivar a reflexão sobre aspectos históricos do pensamento filosófico. Dessa maneira, os estudantes vão desenvolver não apenas o conhecimento filosófico, mas também habilidades de análise, argumentação e reflexão crítica, fundamentais para a formação de cidadãos capazes de enfrentar os desafios da sociedade atual.

A abordagem da história da Filosofia é bastante abrangente, possibilitando o contato dos estudantes com a diversidade de ideias dos principais pensadores e pensadoras. Nesse sentido, embora o percurso previsto neste livro forneça aos estudantes uma visão panorâmica da Filosofia e um convite para praticá-la, cabe ao professor avaliar as dificuldades específicas dos estudantes e as possibilidades de agregar informações extras ao seu curso ou deixar algumas de lado.

Assim como o livro é um mediador da relação dos estudantes com a Filosofia, que está em aberto, a ser produzida, transformada e adaptada de acordo com a realidade de cada turma, este Manual é um convite para que cada professor se aproprie da obra e desenvolva uma espécie de coautoria, introduzindo a própria sistemática de trabalho.

O autor

Sumário

ORIENTAÇÕES GERAIS 372

As culturas juvenis 372

A saúde dos jovens 372
Como trabalhar a inclusão em sala de aula... 372

O estudante autônomo e ético 373
Liberdade, autonomia e ética na modernidade 373

O Ensino Médio no Brasil: desafios e histórico legislativo 373

A etapa do Ensino Médio na BNCC 374

Papel do professor e do estudante nesse novo contexto 375
Possíveis formas de organização das turmas 376

A Base Nacional Comum Curricular ... 377

Competências gerais da Educação Básica 377
Temas Contemporâneos Transversais (TCT)..... 378

O ensino por áreas do conhecimento 378
A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 378

Competências e habilidades na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 379

A interdisciplinaridade 379

Projetos interdisciplinares: como implementar 380

A capacidade de argumentação e inferência 380

A avaliação 381

O planejamento da avaliação..... 381

Avaliação diagnóstica..... 381
Procedimentos..... 381

Avaliação formativa 381
Procedimentos..... 382

Avaliação comparativa..... 382
Procedimentos..... 382

Avaliação ipsativa..... 382
Procedimentos..... 382

Avaliação somativa 382
Procedimentos..... 382

Possibilidades interdisciplinares na avaliação..... 383

Sugestões de instrumentos/ técnicas avaliativas 383

A coleção 385

Estrutura da coleção 385
Seções 385
Boxes 385

A proposta didático-pedagógica e os pressupostos teórico-metodológicos da coleção..... 386
A BNCC nesta coleção 386
A tecnologia nesta coleção 387

Os componentes curriculares nesta coleção 387
Filosofia..... 387
Geografia 387
História..... 387
Sociologia 387

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS ... 388

O ensino de Filosofia no Ensino Médio 388

O passo a passo do processo didático 388

O trabalho com textos 389

A escrita em Filosofia 389

Dissertação filosófica: dicas para a realização de um bom trabalho 390

A importância da argumentação 390

Método dialético de argumentação 390

A importância da leitura e da preparação do texto 391

Evitando alguns problemas comuns 391

Como dissertar sobre uma pergunta? 391

Os diferentes planos de escrita de uma dissertação 392

A avaliação em Filosofia 392

Trabalhando com Lógica 393

Conteúdo e sugestão de cronograma 393

Orientações sobre introdução, unidades e capítulos da coleção..... 394

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS 446

Orientações gerais

As culturas juvenis

As juventudes contemporâneas são caracterizadas pela diversidade cultural e influenciadas por novas tecnologias, pela globalização e são afetada por mudanças sociais rápidas. Reconhecer e valorizar essa diversidade nas escolas é crucial para o desenvolvimento dos estudantes. O conceito de culturas juvenis é complexo e vai além da simples categorização de "jovens", envolvendo uma rede de significados que reflete um processo dinâmico de construção de identidades.

Pesquisas sobre culturas juvenis enfatizam seu caráter performativo, mostrando como os jovens desafiam normas e criam significados em contextos históricos e sociais específicos. A cultura digital tem um papel importante, permitindo novas formas de socialização e expressão, com a ascensão de criadores de conteúdo e *influencers*, demonstrando a diversidade de interesses dos jovens.

As comunidades digitais, pautadas por vínculos afetivos e experiências compartilhadas, oferecem um novo olhar sobre a sociabilidade contemporânea. A construção de identidades ocorre tanto *on-line* quanto *offline*, com grupos criando significados e símbolos que moldam a percepção do mundo.

Esses conceitos são fundamentais para o trabalho pedagógico, que deve se aprofundar em cultura, identidade e diversidade. A promoção do diálogo intercultural, por meio de projetos interdisciplinares e metodologias ativas, facilita a participação e a aprendizagem colaborativa, permitindo que a diversidade se manifeste em sala de aula.

A saúde dos jovens

A promoção da saúde mental dos estudantes e o combate ao *bullying* e ao racismo são fundamentais para criar espaços acolhedores e inclusivos. Situações e comportamentos de risco, que possam agravar a saúde física e mental de nossos estudantes devem ser evitados nos diferentes ambientes – familiar, social e escolar – para que todos possam viver com mais segurança e conforto.

Depressão e ansiedade são transtornos mentais que afetam muitas pessoas e podem resultar de uma combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais. Embora a convivência saudável e o respeito às diferenças contribuam para o bem-estar, é importante compreender que esses transtornos vão além da falta de atenção aos vínculos sociais. Situações como desigualdades sociais, dificuldades econômicas, pressão acadêmica ou profissional e até predisposições genéticas podem desempenhar um papel relevante. A escola, nesse contexto, pode promover a empatia, o respeito mútuo e o apoio, criando um ambiente que contribua para o acolhimento e a prevenção de sentimentos de desamparo e desesperança, mas sem deixar de reconhecer a complexidade dos fatores envolvidos nesses transtornos.

Pais e professores que notarem qualquer sintoma – como mudanças repentinas de humor, vulnerabilidade, isolamento e outras atitudes incomuns – devem buscar tratamentos adequados para evitar que o quadro se agrave. Cicogna *et al*. (2019) destacam que experiências traumáticas, como conflitos familiares e *bullying* devem ser evitadas e, sempre que possível, previstas para fortalecer a saúde mental. Além disso, é essencial reconhecer que fatores socioeconômicos, como a desigualdade, desempenham um papel significativo na vulnerabilidade psicológica. Assim, um esforço coletivo entre família, escola e comunidade pode contribuir para que os jovens encontrem apoio e desenvolvam recursos internos para lidar com seus desafios, como trazem os estudos de Aberastury e Knobel (2003).

Siegel (2016) aponta que é possível transformar um dos períodos cerebrais mais intensos do desenvolvimento em experiências gratificantes. Desta forma, a seguir, descrevemos algumas práticas e sugestões de ações e atividades que podem ser implementadas para esse período de crescimento, mudanças e experimentações.

1. Criação de um ambiente seguro e acolhedor que promova uma atmosfera de respeito e empatia, incentivando os estudantes a expressarem seus sentimentos e preocupações.
2. Aplicação de dinâmicas em grupo para desenvolver habilidades socioemocionais como a empatia, a cooperação e o trabalho em equipe, promovendo a resolução de conflitos e incentivando a identificação de seus próprios preconceitos e a importância do respeito.
3. Realização de rodas de conversa, organizada com regras e respeito sobre *bullying*, racismo, sexualidade, entre outros assuntos relevantes, a fim de incentivar os estudantes a aprenderem dialogando e a compartilharem experiências e soluções.
4. Produção de oficinas de arteterapia, com pinturas de mandala, esculturas de argila, areias coloridas, atividades de música e movimento e danças circulares, para levar os estudantes a expressarem seus sentimentos e experiências por meio da arte, estimulando a criatividade e expondo suas emoções, lidando, assim, com estresse e ansiedade.
5. Organização de apresentações de teatro e dramatizações, em que encenações abordem situações conflitantes da vida real, a fim de estimular o olhar, a escuta e a fala relacionados a assuntos delicados que podem levar à compreensão de emoções próprias e alheias, normalizando conversas.
6. Desenvolvimento de campanhas de conscientização dentro da escola ou em outros grupos sociais, em que os próprios estudantes possam elaborar cartazes, palestras, vídeos e outros materiais de conscientização, favorecendo a aprendizagem de toda a comunidade local sobre temas sensíveis.
7. Oferta de sessões de *mindfulness* e meditação guiadas, acompanhadas de exercícios de respiração, a fim de reduzir o estresse e aumentar a concentração e o bem-estar emocional dos estudantes.
8. Realização de encontros educativos que tragam à tona assuntos como conflitos sociais, uso de álcool e drogas, por exemplo, a fim de abrir espaço para o diálogo sobre riscos, estimulando os estudantes a uma vida saudável.
9. Organização de jogos e atividades cooperativas para fortalecer relações e promover um ambiente de apoio, carinho e gratidão.

A implementação dessas práticas e atividades pode contribuir significativamente para a promoção da saúde mental dos estudantes e para a criação de ambientes mais acolhedores, inclusivos e saudáveis.

Como trabalhar a inclusão em sala de aula

Para incluir estudantes com deficiência, o professor deve favorecer a interação e o respeito à diversidade em sala de aula. A seguir, apresentamos algumas orientações que podem contribuir em sua prática pedagógica:

- Conheça os estudantes: para que sejam assistidos de forma adequada, sugerimos uma conversa com os estudantes e suas famílias e/ou responsáveis, a fim de compreender o contexto deles e entender suas potencialidades e desafios.

- Valorize as potencialidades dos estudantes e incentive que todos participem de forma ativa em sala de aula.
- Pergunte a cada estudante com deficiência qual é a melhor forma de auxiliá-lo ao perceber uma dificuldade.
- Caso a família ou responsável faça a entrega de algum documento ou relatório de profissionais de saúde externos, é importante a análise com cautela de quais são as orientações desses profissionais sobre as adaptações necessárias para o estudante na escola e em sala de aula.
- Esteja atento a possíveis preconceitos ou *bullying* em sala de aula e na escola e não permita qualquer ação capacitista ou prática que diminua as potencialidades do estudante com deficiência.
- Aprofunde-se sobre inclusão e educação inclusiva e mantenha-se atualizado sobre novas metodologias e tecnologias assistivas.
- Sempre que possível, planeje suas aulas e atividades com acessibilidade, fazendo uso do Plano de Estudos Individualizado (PEI).

A Lei n. 13146/2015, ou Estatuto da Pessoa com Deficiência, é uma legislação essencial para garantir os direitos das pessoas com deficiência no Brasil. O Estatuto tem como foco ampliar o acesso à educação, trabalho, saúde e cultura, e reforça o respeito à dignidade e autonomia das pessoas com deficiência, para que, assim, possamos construir uma sociedade mais justa e com equidade de oportunidades. Você pode acessá-lo em: https://tedit.net/nc6l4o (acesso em: 28 set. 2024).

A seguir, algumas referências de documentos relevantes a respeito de educação inclusiva:

- BRASIL. Ministério da Educação. *Informativo*: Altas habilidades ou superdotação. Disponível em: https://tedit.net/ibw3vf. Acesso em: 28 set. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Disponível em: https://tedit.net/3j6ehr. Acesso: 28 set. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Boletim temático da Biblioteca do Ministério da Saúde*: Dia Mundial da Conscientização sobre o Autismo. Disponível em: https://tedit.net/n2pa3v. Acesso em: 28 set. 2024.
- SOUZA, J. J. de; MORAES, E. C. *Cartilha legal*: inclusão do aluno com necessidades específicas. Instituto Federal de Alagoas, 2022. Disponível em: https://tedit.net/va4rpv. Acesso em: 28 set. 2024.

O estudante autônomo e ético

Os jovens do Ensino Médio não constituem um grupo homogêneo de pessoas. Ao contrário, suas vivências são muito diversificadas em decorrência da característica da sociedade brasileira, marcada por desigualdades de todos os tipos (sociais, econômicas, raciais, de acesso à informação, entre outras). O professor – e a escola como um todo – deverão ter sensibilidade e empatia para conhecer e entender seus estudantes e ajudá-los a usufruir do direito à educação, garantindo sua formação integral.

Nesse sentido, o diálogo franco e respeitoso passa a ser a estratégia básica para estabelecer o vínculo com os estudantes. O acolhimento, o dar as boas-vindas, gestos que parecem óbvios, mas que muitas vezes são esquecidos, podem fazer a diferença. Outra estratégia importante é a valorização daquilo que os estudantes já sabem, mesmo que não seja o ideal para o segmento. Além disso, o professor deve estar próximo da comunidade escolar para ter condições de avaliar e talvez até evitar possíveis evasões, geradas por problemas familiares, de empregabilidade ou mesmo de baixa autoestima do estudante, por não se sentir apto a acompanhar o curso ou por sofrer *bullying* dos colegas.

Não é tarefa fácil, ainda mais considerando a fase etária em que os estudantes se encontram, geralmente marcada por inseguranças e possíveis rebeldias. O professor precisa ter claro que cabe a ele motivar esses estudantes para o conhecimento, a cidadania, o trabalho e o futuro, e claro, para sua autonomia diante dos desafios do século XXI. Essa autonomia envolve a busca independente pelo conhecimento, com decisões e responsabilidade pelas próprias experiências.

Para contribuir na construção de valores dos estudantes, é essencial que os educadores reconfigurem suas práticas, não somente para orientar a aprendizagem e estimular a curiosidade, mas também para promover a colaboração, desenvolver a criticidade e a ética.

A autonomia e a ética dos estudantes, no entanto, vão além da escola. Para Le Breton (2002), a escola tem a responsabilidade de ajudar os estudantes a desenvolverem o pensamento crítico, preparando-os para a vida adulta e incentivando-os a questionar o mundo e a criar seu próprio sentido de existência.

Liberdade, autonomia e ética na modernidade

A valorização do indivíduo é uma marca das sociedades ocidentais modernas, como aponta De Singly (2011). Nesse contexto, o indivíduo constrói sua narrativa por meio de desafios e experiências. Contudo, essa liberdade de escolha também gera angústia existencial, como destacado por Camus (2017).

A liberdade individual, celebrada pela modernidade, confere ao indivíduo a capacidade de moldar sua vida e escolhas, mas também traz responsabilidades (Sartre, 2014).

Negar essas responsabilidades subverte a ideia de liberdade, pois transfere para outros o cuidado do indivíduo.

A educação desempenha um papel fundamental na formação do sujeito ético, promovendo autonomia e reflexão. A ética, nesse contexto, é um processo contínuo de autoconhecimento e autotransformação, não apenas um conjunto de regras.

O sujeito ético assume a responsabilidade por sua própria história, construindo sua identidade a partir de experiências e escolhas, mesmo sob influência da sociedade. O processo ético exige autoanálise para superar essas influências e buscar uma identidade de maneira autônoma.

O Ensino Médio no Brasil: desafios e histórico legislativo

O Ensino Médio é a etapa final da Educação Básica e enfrenta desafios na universalização do atendimento e na garantia de permanência e aprendizagem dos estudantes. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM/2018) destacam a necessidade de reconhecer a juventude como uma categoria diversa, promovendo uma escola que acolha diversidades e respeite os direitos humanos.

Conforme o art. 35 da Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), as finalidades do Ensino Médio incluem o aprofundamento de conhecimentos, preparação para o trabalho e cidadania, formação ética e desenvolvimento crítico, além de compreensão científico-tecnológica. Para atingir esses objetivos de desenvolvimento pedagógico, a escola deve garantir aprendizagens relacionadas aos desafios da realidade do estudante, promovendo protagonismo estudantil no cotidiano, além de atitudes cooperativas e inovadoras em suas próprias vivências.

Nesse cenário, é essencial viabilizar a contextualização dos conhecimentos, articulando trabalho, ciência, tecnologia e cultu-

ra, e desenvolver atitudes e valores que promovam o empreendedorismo. A escola também deve incentivar a construção de projetos baseados em liberdade, justiça social, solidariedade, cooperação e sustentabilidade, garantindo a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos e a fluência em sua utilização.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), o protagonismo do Ensino Fundamental se transforma, no Ensino Médio, em suporte para a construção do projeto de vida dos estudantes, eixo central das práticas escolares. O projeto de vida é o que os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória, influenciado por contextos culturais e demandas sociais. A escola, ao focar no projeto de vida, compromete-se com a formação integral dos estudantes, promovendo seu desenvolvimento pessoal e social. O ambiente escolar como um todo deve ajudar os estudantes a se reconhecerem como sujeitos, valorizando a diversidade e promovendo a participação social.

Selecionamos a seguir alguns marcos legislativos que ajudam a acompanhar as transformações ocorridas na educação brasileira e seus impactos no atual cenário do Ensino Médio no Brasil.

A LDB é crucial para o sistema educacional brasileiro, estabelecendo princípios e diretrizes para a educação em todos os níveis. A LDB determina a educação como um direito universal e um dever do Estado, resultado de um longo processo de construção normativa.

As origens da LDB remontam à Constituição de 1934, que apontou a necessidade de uma legislação específica para a educação, anteriormente sob responsabilidade dos estados. A lei passou por alterações em 1948, 1958 e 1961, sendo considerada uma solução intermediária entre diferentes projetos educacionais, conforme observa Saviani (1999). Após a mudança de governo em 1964, o regime civil-militar manteve a lei, apenas reformulando a estrutura do ensino superior em 1968.

Com a redemocratização e a Constituição de 1988, foi elaborado um projeto de diretrizes e bases nacionais para a educação, culminando na aprovação da LDB em 1996, que sistematizou princípios educacionais e garantiu autonomia às instituições de ensino em resposta às novas demandas sociais. Sob a relatoria do educador Darcy Ribeiro, a LDB instituiu um modelo educacional com inovações como a carga horária mínima anual de 200 dias letivos.

A LDB também reconheceu a educação infantil (creches e pré-escolas) como a primeira etapa da Educação Básica, enfatizando a importância da educação na primeira infância. Além disso, reorganizou os níveis de ensino, substituindo os antigos 1º, 2º e 3º graus por Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior.

A respeito do Ensino Médio, a LDB definiu os objetivos, a organização curricular e a gestão escolar, favorecendo uma formação integral aos estudantes estudantes, tendo como finalidades:

> **I** – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos,
>
> **II** – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
>
> **III** – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
>
> **IV** – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (BRASIL, 1996; art. 35)

Como foco no material didático utilizado em sala de aula, o Decreto n. 91542, de 1985, estabeleceu o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), iniciando a regulamentação dos materiais destinados aos antigos 1º e 2º graus da Educação Básica.

Em 1998, foram estabelecidos os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) para orientar a organização curricular e, no mesmo ano, criado o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), cuja função é avaliar o desempenho dos estudantes, o que, posteriormente, em 2001, passou a ser aceito como forma de acesso à educação superior.

Sem a pretensão de esgotar a cronologia referente ao assunto, elencamos mais alguns eventos que foram importantes para a educação brasileira e especificamente para o Ensino Médio:

- Em 2001, a Lei n. 10172 instituiu o Plano Nacional de Educação (PNE), visando à melhoria da qualidade educacional.
- Em 2003, a Lei n. 10639 tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Em 2008, a Lei n. 11645 tornou obrigatório também o ensino de Cultura Indígena.
- Em 2004, a LDB foi regulamentada para a educação profissional, permitindo que os estudantes terminassem a educação básica enquanto aprendiam uma profissão.
- Em 2005, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) passou a avaliar e distribuir livros didáticos também para o Ensino Médio.
- Em 2009, a Emenda Constitucional n. 59 tornou obrigatória a oferta de educação para crianças e adolescentes de 4 a 17 anos.
- Em 2010, foram criadas as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para Educação Básica (DCNEB).
- Em 2011, foi criado o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) para atender à demanda por mão de obra.
- Em 2012, o Ensino Médio recebeu suas Diretrizes Curriculares, e a Lei de Cotas (n. 12711) democratizou o acesso ao Ensino Superior a estudantes de escolas públicas, de baixa renda e autodeclarados pretos, pardos, indígenas e quilombolas.
- Em 2014, foi lançado o Plano Nacional de Educação 2014-2024 (Lei n. 13005), com foco na erradicação do analfabetismo.
- Em 2015, a primeira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi apresentada, estabelecendo um piso comum de conhecimentos e competências e enfatizando a formação continuada de professores.
- Em 2016, criou-se o Programa de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI).
- Em 2017, uma nova versão da BNCC, contendo as orientações da Educação Infantil aos Anos Finais do Ensino Fundamental, foi publicada após a contribuição e análise de vários comitês.

A etapa do Ensino Médio na BNCC

A Lei n. 13415/2017 formalizou o Novo Ensino Médio, flexibilizando o currículo e introduzindo Itinerários Formativos (IF). Os IF são conjuntos de projetos, oficinas e outras atividades oferecidas aos estudantes do Ensino Médio, além dos componentes curriculares obrigatórios, que permitem aprofundar seus conhecimentos em áreas específicas de interesse. Em 2018, a BNCC foi publicada, incluindo orientações específicas para o Ensino Médio.

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2021, por exemplo, dirigido ao Ensino Médio, contou com livros didáticos já alinhados à nova lei. A implementação do Novo Ensino Médio se tornou obrigatória a partir de 2022. Nessa experiência com o Novo Ensino Médio, que trazia mudanças consideráveis em relação ao modelo anterior, a comunidade escolar identificou várias dificuldades que punham em risco sua implementação. Em decorrência disso, foram feitas consultas públicas para analisar

a situação. Como resultado, em 2023, houve a revogação parcial da Lei n. 13 415/2017, culminando com a nova Lei n. 14 945, de 2024, que regulamenta a reestruturação do Novo Ensino Médio.

Algumas das principais características da etapa do Ensino Médio após a aprovação da Lei n. 14 945/2024 são:

> A nova lei prevê que, de um total de, no mínimo, 3 mil horas nos três anos do ensino médio, 2.400 horas devem ser destinadas à Formação Geral Básica (FGB), que inclui português, inglês, artes, educação física, matemática, ciências da natureza (biologia, física, química) e ciências humanas (filosofia, geografia, história, sociologia). O conteúdo da FGB é definido na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Desse modo, com a implementação da nova lei, haverá um aumento da carga horária mínima de formação geral básica ao longo dos três anos do ensino médio, que era de 1.800 horas.
>
> [...]
>
> A nova lei regulamenta os itinerários formativos e prevê a construção de diretrizes para sua oferta. A carga horária mínima dos itinerários será de 600 horas, com exceção da formação técnica e profissional, quando pode chegar a 1.200 horas. Os itinerários formativos deverão servir como um aprofundamento das seguintes áreas do conhecimento ou do ensino técnico:
>
> **I** – Linguagens e suas tecnologias;
>
> **II** – Matemática e suas tecnologias;
>
> **III** – Ciências da natureza e suas tecnologias;
>
> **IV** – Ciências humanas e sociais aplicadas;
>
> **V** – Formação técnica e profissional, organizada a partir das diretrizes curriculares nacionais de educação profissional e tecnológica (EPT).
>
> A lei determina que os sistemas de ensino devem garantir que todas as escolas ofereçam, no mínimo, dois itinerários formativos. A regra não vale para escolas que ofertam EPT.
>
> De acordo com o texto, o Conselho Nacional de Educação (CNE), com a participação dos sistemas estaduais e distrital de ensino, deve elaborar diretrizes de aprofundamento para os itinerários, reconhecidas as especificidades da educação indígena e quilombola.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. *O que muda no ensino médio a partir de 2025*. Disponível em: https://tedit.net/rnfxsh. Acesso em: 26 set. 2024.

Ensino Técnico

A reformulação do Ensino Médio no Brasil busca integrar a Formação Geral Básica (FGB) com a formação técnica e profissional. Essa abordagem tem o objetivo de atender às demandas do mercado de trabalho e proporcionar aos estudantes uma educação mais abrangente e contextualizada. Nesse contexto, a carga horária e a estrutura curricular foram planejadas para que os estudantes adquiram tanto conhecimentos gerais quanto habilidades específicas, necessárias para sua inserção no mundo profissional. Sobre essa possibilidade no Ensino Médio, a Lei n. 14 945/2024 prevê:

> No caso da formação técnica e profissional, a carga horária mínima para formação geral básica será de 2.100 horas, admitindo-se 300 horas destinadas ao aprofundamento de conteúdos da BNCC relacionados à formação técnica e profissional. [...]
>
> De acordo com o MEC, as 300 horas que poderão ser destinadas aos conteúdos da formação geral deverão tratar de componentes que tiverem estrita relação com a área do curso técnico ofertado, ou seja, haverá um aproveitamento de disciplinas que forem compatíveis com o curso de formação profissional. [...]
>
> No caso do itinerário com ênfase na formação técnica, a carga horária mínima será de 900 horas, podendo chegar a 1.200 horas — que, somadas às 2.100 horas da FGB, totalizam as 3 mil horas do ensino médio.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. *O que muda no ensino médio a partir de 2025*. Disponível em: https://tedit.net/rnfxsh. Acesso em: 26 set. 2024.

Ofertas de tecnologia e período noturno

A legislação educacional brasileira estabelece diretrizes específicas sobre as ofertas do Ensino Médio, visando garantir acessibilidade e qualidade na educação. Dentre elas, destaca-se a modalidade de ensino que determina a presença física dos estudantes nas escolas, mas também admite, em situações excepcionais, o uso de tecnologias para mediar o processo educativo. A oferta do Ensino Médio regular em horário noturno nos municípios também é mencionada e definida pelo texto da lei:

> [...] que o ensino médio será ofertado de forma presencial, mas será admitido, excepcionalmente, o ensino mediado por tecnologia. Para tratar desses casos, a lei determina que será elaborado um regulamento com a participação dos sistemas estaduais e distrital de ensino.
>
> [...]
>
> A norma diz que os estados devem manter, na sede de cada um dos seus municípios, pelo menos uma escola da rede pública com oferta de ensino médio regular no turno noturno, quando houver demanda.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. *O que muda no ensino médio a partir de 2025*. Disponível em: https://tedit.net/rnfxsh. Acesso em: 26 set. 2024.

Escola de tempo integral

A nova lei do Ensino Médio indica a possibilidade de os estudantes matriculados em regime de tempo integral utilizarem parte da carga horária em experiências extraescolares, desde que essas atividades estejam alinhadas ao currículo escolar. Além disso, o texto enfatiza a importância de critérios de equidade social no regime integral, assegurando a inclusão de grupos historicamente marginalizados e vulneráveis. Sobre essa modalidade, a Lei n. 14 945/2024 determina que:

> Estudantes matriculados em regime de tempo integral poderão utilizar uma parte da carga horária de experiências extraescolares para cumprir a carga horária escolar, desde que as atividades tenham a ver com o currículo. As formas de comprovação dessas horas serão definidas pelos estados.
>
> [...]
>
> A lei também determina que o MEC considere, em seu planejamento de expansão de matrículas em tempo integral, critérios de equidade social, garantindo a inclusão de estudantes em condição de vulnerabilidade, negros, quilombolas, indígenas, com deficiência e do campo.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. *O que muda no ensino médio a partir de 2025*. Disponível em: https://tedit.net/rnfxsh. Acesso em: 26 set. 2024.

Papel do professor e do estudante nesse novo contexto

Para Condé (2017), a escola desempenha um papel crucial na formação de cidadãos, não apenas transmitindo e construindo conhecimentos, mas desenvolvendo ao longo da formação dos estudantes habilidades necessárias para o mercado de trabalho e contribuindo para a formação de suas identidades individuais. Gomes e Dayrell (2002) ressaltam que, no Ensino Médio, a identidade

juvenil se manifesta nas relações pessoais e sociais, enquanto os estudantes lidam com questões sobre o futuro, como escolha de profissão e inserção no mercado de trabalho.

Atualmente, a juventude brasileira enfrenta desafios que podem dificultar sua trajetória escolar. O Novo Ensino Médio propõe mudanças focadas no desenvolvimento de habilidades e na preparação para a vida adulta, requerendo metodologias de ensino que despertem o interesse dos estudantes. Nesse contexto, o papel do professor é fundamental, pois deve desenvolver estratégias didático-pedagógicas que atendam às normativas educacionais e à realidade da sala de aula.

A qualidade da relação professor-estudante é crucial para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem, pois um vínculo de proximidade e respeito cria um ambiente favorável à participação e autonomia dos estudantes (Ribeiro; Jutras, 2006). A escolha mais adequada depende de uma análise cuidadosa das circunstâncias da sala de aula, das vivências dos estudantes, da relação estabelecida entre professor e estudantes e do repertório pedagógico do docente.

Sobre algumas estratégias, podemos citar:

> aula expositiva dialogada, estudo de texto, portfólio, tempestade cerebral, mapa conceitual, estudo dirigido, solução de problemas, grupo de verbalização e observação, dramatização, seminário, estudo de caso, júri simulado, simpósio, painel, fórum, oficina, estudo do meio e ensino com pesquisa. (Anastasiou; Alves, 2004, p. 79-99)

Em sociedades em constante transformação, as escolas devem adaptar suas práticas pedagógicas, valorizando a autonomia dos estudantes como uma alternativa para um ensino mais dinâmico e relevante.

Essa valorização altera o papel tradicional do professor, que passa de uma figura de autoridade centralizadora a um facilitador da aprendizagem. Para promover a autonomia, é essencial que os estudantes adotem um papel ativo na própria aprendizagem, aproveitando o contexto das aulas para desenvolver habilidades de investigação, reflexão crítica e colaboração.

A seguir, apresentaremos algumas estratégias para incentivar o protagonismo dos estudantes na própria jornada de aprendizagem.

1. Experimentos práticos: Realizar experimentos em sala de aula ou atividades práticas, como debates, entrevistas e intervenções na comunidade que contribuam para o ensino e a aprendizagem de conceitos filosóficos, sociológicos, históricos ou geográficos. Isso contribui para a compreensão dos conteúdos.

2. Estudo de casos e problemas: Utilizar estudos de caso e problemas contextualizados na comunidade em que vivem para demonstrar a aplicação prática de determinados conceitos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Isso ajuda os estudantes a compreenderem a aplicação dos conhecimentos adquiridos.

3. Simulados específicos: Aplicar simulados específicos de História, Filosofia, Geografia e Sociologia, com questões estilo Enem, e revisar detalhadamente as respostas para identificar áreas que necessitam de reforço.

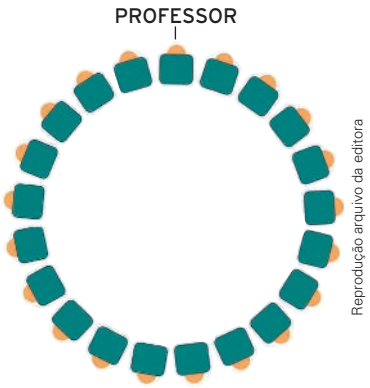
4. Recursos audiovisuais: Utilizar vídeos educacionais, documentários e animações que expliquem fenômenos científicos de maneira visual e envolvente, suplementando o aprendizado teórico.

Possíveis formas de organização das turmas

Se a forma de transmissão do conhecimento precisa ser transformada, dando protagonismo ao estudante, a organização do espaço da sala de aula também pode passar por modificações. Desse modo, a forma como a sala de aula é disposta deve refletir a abordagem pedagógica adotada. Uma disposição tradicional, com carteiras enfileiradas, reforça um modelo de ensino centrado no professor. Já uma disposição mais flexível favorece a participação ativa dos estudantes e a construção colaborativa do conhecimento. A seguir, elencamos alguns modelos de organização da sala de aula que podem auxiliar na dinâmica pretendida para determinados momentos do ano letivo.

Em círculo

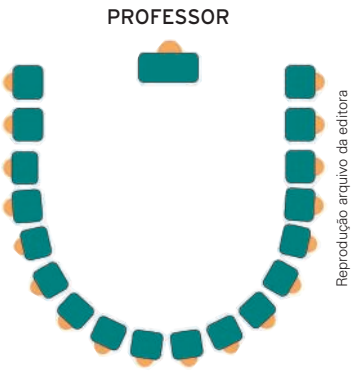
O círculo cria um ambiente mais informal e colaborativo, ideal para atividades que exigem a participação ativa de todos, como debates. O professor pode escolher entre participar ou observar a dinâmica do grupo durante a atividade.



Reprodução arquivo da editora

Em U

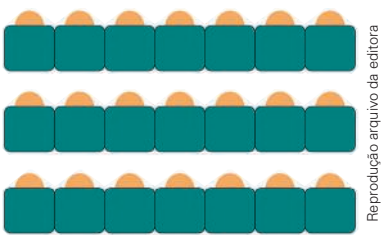
A disposição em U oferece um bom equilíbrio entre a interação individual e em grupo, com o professor atuando como um guia. Essa configuração é adaptável a diferentes tipos de atividades.



Reprodução arquivo da editora

Fileiras juntas e organizadas horizontalmente

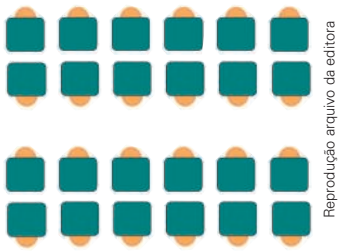
Essa organização da sala de aula combina elementos de uma abordagem mais tradicional, com todos voltados para o professor, e uma perspectiva mais colaborativa, permitindo a interação entre os estudantes.



Reprodução arquivo da editora

Fileiras opostas

Essa organização promove a colaboração entre os estudantes, incentivando a troca de ideias e o trabalho em pares. O professor, nesse formato, atua como facilitador, auxiliando os estudantes quando necessário.



Reprodução arquivo da editora

Em grupos

Essa disposição permite que o professor circule pela sala, observando e orientando cada grupo, adaptando-se às necessidades de cada um. O trabalho em grupo é relevante para o desenvolvimento de habilidades colaborativas.

A organização da sala de aula deve priorizar o propósito pedagógico, visando otimizar o processo de ensino e aprendizagem conforme as necessidades de cada atividade. Ao reorganizar o espaço, cria-se um ambiente dinâmico e colaborativo que estimula a participação ativa e o aprendizado coletivo dos estudantes. No entanto, esse planejamento deve considerar a integração entre o espaço físico e a proposta pedagógica, permitindo que o professor circule livremente e garantindo que todos tenham acesso aos materiais. A segurança, o conforto e a atenção dos estudantes também são fundamentais para o sucesso dessa organização.

A Base Nacional Comum Curricular

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece diretrizes para a organização e desenvolvimento das aprendizagens, servindo como um referencial flexível que permite adaptações às realidades locais e às necessidades dos estudantes.

A Base estabelece competências e habilidades que os estudantes devem desenvolver de acordo com cada segmento da Educação Básica. Seu principal objetivo é formar cidadãos críticos e engajados, o que inclui seu desenvolvimento socioemocional, essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes.

A BNCC reconhece a diversidade do Brasil e promove a autonomia dos professores, permitindo que adaptem o currículo às necessidades da turma e da comunidade, utilizando metodologias diversificadas e promovendo a interdisciplinaridade. Essa autonomia é guiada pelo Projeto Político Pedagógico (PPP) e pelo currículo estadual, que oferecem direcionamentos claros.

A mobilidade de organização curricular, balizada por conteúdos essenciais mínimos, somada aos currículos regionais, objetiva garantir a qualidade e a equidade de aprendizagem em diferentes contextos educacionais no Brasil.

Competências gerais da Educação Básica

A BNCC delineia um conjunto de competências e habilidades abrangentes para as áreas do saber, exigindo dos professores reflexão contínua e adaptação ao considerar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e o currículo estadual. As competências gerais visam favorecer que os estudantes desenvolvam senso crítico e engajamento, enquanto as específicas se relacionam a conteúdos próprios de uma área do conhecimento.

A autonomia docente é fundamental para adaptar essas competências a realidade escolar. Embora o PPP e o currículo estadual sirvam como subsídios, é o professor, com seus conhecimentos e experiências, que deve construir o planejamento didático, promovendo um desenvolvimento pleno dos estudantes. Para garantir a qualidade do ensino, é essencial que os docentes fundamentem teoricamente suas decisões, utilizando fontes de informação, como livros e artigos acadêmicos.

A construção das competências gerais foi pensada e amparada por uma concepção educativa que pretende formar cidadãos que atuem na sociedade de modo crítico e reflexivo. Esse norteamento tem como base as teorias educacionais contemporâneas, que veem o estudante como artífice do próprio conhecimento, na medida em que ele próprio aplica os saberes apreendidos nas realidades de diferentes contextos.

A BNCC propõe dez competências gerais da Educação Básica que devem ser desenvolvidas progressivamente, ao longo de toda a formação escolar do estudante. Com base nessas competências mais amplas, todas as áreas estabeleceram suas competências específicas. A seguir, apresentamos brevemente cada uma das competências gerais.

1. **Valorizar e utilizar conhecimentos historicamente construídos:** o desenvolvimento dessa competência envolve a construção de um repertório de conhecimento científico sobre o mundo físico, social, cultural e digital para atuar de forma assertiva em suas vivências.
2. **Exercitar o pensamento científico, crítico e criativo:** seu desenvolvimento consiste em exercitar a curiosidade intelectual recorrendo às abordagens próprias das ciências.
3. **Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais:** a partir do desenvolvimento dessa competência, é possível ao estudante apreciar e aprender sobre a produção do patrimônio cultural e artístico em suas mais diversificadas manifestações, além de construir senso estético e repertório cultural.
4. **Utilizar diferentes linguagens:** o desenvolvimento dessa competência desenvolve aspectos da comunicação, a fim de que o estudante se expresse de forma clara, coerente e efetiva e utilize várias modalidades de linguagem (verbal, visual, digital etc.).
5. **Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação:** essa competência pretende desenvolver um estudante capaz de utilizar as tecnologias digitais de forma crítica, reflexiva, ética e responsável.
6. **Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências:** o desenvolvimento dessa competência pretende que o estudante compreenda e valorize não apenas processos técnicos do trabalho, mas o valor dos saberes e características culturais próprios desse universo, tornando o seu olhar sobre o mercado de trabalho mais cidadão, crítico e responsável.
7. **Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis:** ao desenvolver essa competência, espera-se que o estudante articule ideias e defenda argumentos com responsabilidade ética e científica, considerando o cenário socioambiental ao seu redor.
8. **Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional:** espera-se que, a partir do desenvolvi-

mento dessa competência, o estudante reconheça as próprias emoções e as das pessoas que o cercam, o que envolve cuidados com a saúde física e mental, além de autocrítica diante das próprias atitudes.

9. **Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação:** como a própria competência já anuncia, envolve a capacidade de exercer o diálogo, resolver conflitos e cooperar com as pessoas com quem convive, promovendo o respeito e acolhimento e valorizando a diversidade e as identidades postas no mundo, sem preconceitos.
10. **Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação:** por meio do desenvolvimento dessa competência, espera-se que o estudante exerça um papel ativo em vários âmbitos da sociedade, tomando decisões pautadas em princípios democráticos, éticos, inclusivos e sustentáveis.

Desse modo, o desenvolvimento das competências gerais propostas pela BNCC, na perspectiva de mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, garante aos estudantes:

- **Compreender o mundo e transformá-lo**: ao identificar problemas da realidade de maneira analítica e crítica, o estudante consegue propor soluções inovadoras. Desse modo, a escola tem importância na estruturação de um currículo que seja capaz de promover a interação com as áreas de conhecimento, incentivando o caráter investigativo e de experimentação na resolução de problemas.
- **Atuar eticamente na sociedade**: por meio das competências gerais, existe o estímulo ao desenvolvimento de valores como solidariedade, justiça, igualdade e respeito aos direitos humanos. Por isso, o trabalho docente está na promoção de temas e discussões relevantes na sociedade, que valorizem a diversidade e a participação em projetos solidários.
- **Desenvolver potencialidades e construir o projeto de vida**: ao permitir aflorar a criatividade, a autonomia e a confiança, a escola fornece ferramentas para que os estudantes descubram seus talentos e interesses e construam seus projetos de vida.

Para o desenvolvimento dessas competências, o papel docente é indispensável. Cabe ao professor oferecer oportunidades e dinâmicas em que os estudantes assumam o protagonismo no processo de aprendizagem. Para tanto, é possível lançar mão de algumas estratégias, como:

- Criar situações que estimulem a interação e a troca de ideias entre os estudantes, construindo assim o conhecimento coletivo.
- Diversificar atividades, utilizando jogos, projetos, debates, etc., uma vez que a diversidade em sala de aula reflete também diferentes necessidades de aprendizagem.
- Utilizar uma perspectiva de acompanhamento do desenvolvimento ao avaliar os estudantes, fornecendo devolutivas a fim de que superem suas dificuldades.
- Auxiliar os estudantes na construção do conhecimento, indagando seus pensamentos e ideias, apresentando desafios e promovendo a reflexão.
- Buscar atualização constante sobre quais métodos e experiências estão sendo realizados a respeito da didática pedagógica, oferecendo qualidade na formação dos estudantes.

Temas Contemporâneos Transversais (TCT)

Em termos de contextos para o trabalho pedagógico, os Temas Contemporâneos Transversais podem ser entendidos como favoráveis ao trabalho com os objetos de conhecimento, habilidades, atitudes e valores, intrinsecamente relacionados ao desenvolvimento de competências específicas e gerais. Abordagens voltadas aos TCT são, na atualidade, uma tendência que se consolida na educação brasileira. No caso do Ensino Médio, desde a implantação das matrizes anuais do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e, posteriormente, com a construção da BNCC, essa prática é cada vez mais indispensável. Temas pertinentes à sociedade contemporânea, como meio ambiente, saúde, cultura, trabalho, educação para o consumo, diversidade cultural, direitos humanos, entre outros, são significativos para a formação cidadã dos estudantes.

O ensino por áreas do conhecimento

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a etapa do Ensino Médio organiza o currículo escolar em áreas do conhecimento, favorecendo um aprendizado significativo e integrado para os estudantes. Essa proposta estimula a interdisciplinaridade, conectando diferentes áreas do saber e proporcionando uma visão mais abrangente do mundo.

Para os estudantes, a abordagem por áreas do conhecimento torna o processo de aprendizagem mais efetivo, porque conecta os conteúdos escolares às experiências do mundo real. Para os docentes, essa estrutura confere mais autonomia no planejamento das aulas, personalizando o ensino e adaptando-se à realidade local, além de facilitar a colaboração entre os professores e o desenvolvimento de projetos interdisciplinares.

A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

A BNCC do Ensino Médio prossegue com o desenvolvimento de competências do Ensino Fundamental, orientada pela perspectiva de educação integral. As aprendizagens essenciais são organizadas em áreas do conhecimento (Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) e cada área tem competências específicas e habilidades a serem desenvolvidas.

As áreas de Ciências Humanas no Ensino Fundamental e de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio concentram-se no desenvolvimento de competências para identificar, analisar, comparar e interpretar ideias e processos históricos, geográficos, sociais, econômicos, políticos e culturais. No Ensino Médio, Filosofia e Sociologia agregam-se aos componentes curriculares História e Geografia.

Esses componentes permitem que os estudantes reflitam sobre o passado, compreendam o presente e se planejem para o futuro, analisando processos históricos, sociais e culturais e identificando conexões entre eventos aparentemente isolados.

Além de sua relevância individual, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas interagem com outras áreas do saber, favorecendo uma compreensão mais ampla do mundo. Essa interação interdisciplinar é crucial, pois permite que as competências específicas da área sejam construídas de maneira holística.

As competências desenvolvidas para essa área foram elaboradas considerando categorias essenciais para a formação dos estudantes. A integração dessas categorias permite uma formação abrangente e crítica, capacitando-os a analisar e interpretar a complexidade do mundo em que vivem.

Tempo e Espaço são categorias fundamentais nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para identificar contextos e analisar acontecimentos em diferentes circunstâncias. Isso envolve as habilidades de comparar, observar semelhanças e diferenças e compreender processos de continuidade, mudanças e rupturas. Nomear diferenças culturais é simples, mas explicar as razões por trás da formação de uma sociedade é complexo. Analisar e com-

preender diferentes sociedades, suas culturas, instituições, desigualdades e relações de poder são aprendizagens essenciais.

O tempo é um conceito multifacetado, refletido em várias áreas do conhecimento, e, na História, ele não é homogêneo nem linear. Os estudantes devem desenvolver noções de tempo que vão além da cronologia, abrangendo dimensões simbólicas e abstratas. A compreensão do espaço deve considerar suas dimensões histórica e cultural, além das representações cartográficas. O espaço envolve arranjos de objetos, movimentações de grupos, eventos, conflitos e relações de trabalho, com diferentes ritmos e velocidades.

Territórios e Fronteiras são categorias amplamente utilizadas nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Território refere-se a uma porção da superfície terrestre sob domínio de um grupo, associada a poder, jurisdição e soberania, englobando noções de lugar, região e limites políticos. Fronteira é uma categoria histórica que define áreas de organização social e confronto cultural, influenciada por processos como a formação de Estados Nacionais e globalização. As cidades possuem territorialidades marcadas por fronteiras econômicas, sociais e culturais. No Ensino Médio, o estudo dessas categorias deve ajudar os estudantes a compreender processos identitários e transformar seu lugar no mundo.

A discussão sobre **Indivíduo**, **Natureza, Sociedade, Cultura e Ética** é central nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, baseando-se na questão socrática: "O que é o ser humano?". Os primeiros pensadores gregos buscaram uma visão essencialista e metafísica do ser humano, identificando-o como animal político e social, capaz de se organizar coletivamente. Além das necessidades sociais, os humanos têm necessidades de subsistência, transformando a natureza de forma deliberada e consciente. A sociedade, composta de indivíduos, ocupa um território e se organiza com base em tradições e valores culturais. As interações sociais e a transformação da natureza produzem conhecimento e saberes. A organização do espaço físico e as atividades econômicas refletem a relação de uma sociedade com a natureza, influenciada por valores culturais e consciência ambiental.

As transformações geradas por cada indivíduo são mediadas pela cultura, que, etimologicamente, remete à ação de cultivar saberes e costumes. A cultura, antes oposta à natureza, é agora compreendida pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas como um sistema polissêmico de comunicação, comportamento e símbolos. Indivíduos são tanto produtores quanto produtos das transformações culturais e sociais. Na modernidade, a noção de indivíduo se complexificou devido a novas relações sociais e códigos culturais. A sociedade capitalista, por exemplo, propõe igualdade, mas gera desigualdades. Identificar diferenças e semelhanças entre indivíduos e sociedades é essencial para a formação dos estudantes. A ética, envolvendo respeito, convivência e bem comum, deve ser discutida no Ensino Médio, promovendo o respeito universal e o acolhimento das diferenças. Conhecer o Outro e sua cultura é crucial para formar sujeitos protagonistas no conhecimento e na ação ética, em um mundo marcado pela diversidade cultural.

As categorias **Política e Trabalho** são fundamentais nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, mediando ações individuais e coletivas na sociedade. A política envolve a inserção do indivíduo na cidadania e na coletividade, abordando temas como bem comum, regimes políticos, lógicas de poder, micropolítica, teorias do Estado e a influência da tecnologia na organização social.

No Ensino Médio, são discutidas formas de organização do Estado, governo e poder, integrando temas econômicos, sociais, políticos, culturais e ambientais. A categoria Trabalho abrange dimensões filosóficas, econômicas, sociológicas e históricas, sendo vista como virtude, produção de riqueza, mercadoria ou alienação. Autores como Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim oferecem diferentes perspectivas sobre o trabalho.

As transformações tecnológicas impactam a participação dos trabalhadores no mercado de trabalho. O empreendedorismo individual cresce, assim como a importância da educação financeira e compreensão do sistema monetário. As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas enfrentam novos desafios para entender os impactos das inovações tecnológicas nas relações de produção, trabalho e consumo.

Na etapa do Ensino Médio, o estudo de Política e Trabalho deve permitir aos estudantes compreenderem a diversidade de papéis dos sujeitos e identificar projetos políticos e econômicos em disputa.

Competências e habilidades na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

As habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas foram organizadas e orientadas por seis competências específicas.

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
   Orienta as habilidades EM13CHS101 a EM13CHS106.
2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.
   Orienta as habilidades EM13CHS201 a EM13CHS206.
3. Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.
   Orienta as habilidades EM13CHS301 a EM13CHS306.
4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.
   Orienta as habilidades EM13CHS401 a EM13CHS404.
5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários e respeitando os Direitos Humanos.
   Orienta as habilidades EM13CHS501 a EM13CHS504.
6. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
   Orienta as habilidades EM13CHS601 a EM13CHS606.

A organização por competências colabora para o entendimento de como as habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas podem ser encaminhadas no contexto didático, além de oferecer uma categorização que atende às demandas contemporâneas dessa etapa da Educação Básica.

A interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade no espaço escolar se refere à interação entre conceitos e recursos de diferentes componentes, essencial para a construção de um currículo e aprendizagem

integrados. Destacar temas em que dois ou mais componentes apresentem conexões enriquece a experiência educativa e fortalece a apropriação de conhecimentos de forma mais ampla.

A BNCC, por mais que não estabeleça uma definição estrita do conceito de interdisciplinaridade, compreende sua importância na composição do currículo. Por currículo, ainda de acordo com a BNCC, entende-se um conjunto de decisões que devem se adequar às circunstâncias locais, à autonomia dos sistemas e redes de ensino, associado ao contexto e às características dos estudantes. Variadas ações são determinantes no conjunto das decisões que fazem parte de um currículo, entre as quais a BNCC (2018, p. 16) elenca:

> decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem [...].

A interdisciplinaridade é um conceito bastante discutido na educação, mas sua implementação enfrenta desafios significativos. Essa abordagem requer uma reestruturação do conhecimento no currículo, já que muitos problemas exigem saberes compartilhados. Cada projeto curricular deve considerar o contexto educacional específico, promovendo a integração de conhecimentos de diferentes áreas para resolver questões complexas em equipe. Assim, os educadores precisam refletir sobre suas experiências pedagógicas para adotar uma perspectiva que supere a educação segmentada.

Em modelos mais tradicionais de ensino, os estudantes constroem conhecimento a partir de estruturas preestabelecidas, no exercício de repeti-las para aprender. A inclusão de temas interdisciplinares no currículo propõe uma construção do conhecimento mais dinâmica, incorporando alternativas teórico-metodológicas, como a ideia do currículo em espiral. Como afirmam Hernández e Ventura (2017, p. 38):

> Em sua origem, essa ideia provém da noção de currículo em espiral de Brunner (1969), para quem o importante no planejamento de um currículo é captar a estrutura fundamental das matérias (o ser vivo em biologia seria um exemplo) para depois ir desenvolvendo-a em seus diferentes níveis de complexidade.

Se o trabalho interdisciplinar serve de oportunidade para que os professores dialoguem entre si, pesquisem os conteúdos curriculares independentemente do componente curricular e para que ocorra uma reflexão crítica sobre determinados temas com a contribuição de cada um deles, podemos pressupor que não é necessária a supervalorização ou hierarquização artificial na relação existente entre elas. O objetivo é o desenvolvimento dos estudantes no oferecimento de formas complementares de interação, uma nova atitude diante da questão do conhecimento.

Conforme nos lembra Santomé (1998, p. 45):

> Também é preciso frisar que apostar na interdisciplinaridade significa defender um novo tipo de pessoa, mais aberta, mais flexível, solidária, democrática. O mundo atual precisa de pessoas com uma formação cada vez mais polivalente para enfrentar uma sociedade na qual a palavra mudança é um dos vocábulos mais frequentes e onde o futuro tem um grau de imprevisibilidade como nunca em outra época da história da humanidade.

Projetos interdisciplinares: como implementar

Para implementar projetos interdisciplinares, é importante o planejamento colaborativo entre componentes curriculares. Do mesmo modo, é importante que os objetivos destaquem as competências a serem desenvolvidas pelos estudantes. Os conhecimentos devem ser potencialmente significativos e relacionados aos conteúdos curriculares para despertar o interesse dos estudantes e promover um processo de aprendizagem adequado. A formação de equipes multidisciplinares enriquece a troca de conhecimentos, enquanto um cronograma detalhado assegura a organização das atividades que compõem o projeto. Vale avaliar de maneira contínua e diversificada, levando em conta tanto os produtos finais quanto o processo de aprendizagem dos estudantes.

A capacidade de argumentação e inferência

Em 2014, o Ministério da Educação destacou que a proporção de estudantes que zeraram a redação do Enem era cerca de duas mil vezes maior do que a dos que obtiveram a nota máxima, evidenciando uma lacuna no ensino da escrita argumentativa. A construção de argumentos está relacionada ao raciocínio crítico, à análise de evidências e à comunicação eficaz. Dessa forma, a argumentação conecta o conhecimento científico ao cotidiano, tornando a aprendizagem mais relevante.

Entretanto, muitos estudantes apresentam dificuldades na elaboração de argumentos sólidos, frequentemente oferecendo justificativas frágeis e demonstrando conhecimento superficial (Tonidandel, 2008). Para Vygotsky (1989), em sua Teoria Sociocultural, o desenvolvimento intelectual é influenciado por interações sociais e contextos culturais, tornando a escola um ambiente fundamental para o desenvolvimento da argumentação.

A reforma do Novo Ensino Médio e a BNCC convergem para a necessidade de estimular a capacidade argumentativa dos estudantes, tanto oral quanto escrita. Os professores têm um papel essencial ao criar ambientes que promovam reflexão, debate e construção colaborativa de conhecimentos. Estratégias como incentivar a leitura de diversos textos e promover debates em sala de aula são eficazes para desenvolver habilidades argumentativas.

A capacidade argumentativa é fomentada pela inferência, que compreende a habilidade de gerar conclusões a partir de informações implícitas ou explícitas em recursos visuais ou textuais. A pesquisa permite que os estudantes coletem e analisem informações para inferir conclusões e construir seus argumentos. Nesse sentido, as tecnologias digitais oferecem plataformas que facilitam a pesquisa, a discussão e o engajamento, como grandes aliadas para desenvolver de modo mais amplo competências argumentativas e de inferência.

Dessa forma, práticas educativas que promovem a argumentação valorizam as interações sociais e os conhecimentos prévios dos estudantes, criando um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades críticas e de resolução de problemas, com a linguagem servindo como mediadora nesse processo.

Na argumentação oral ou escrita, os estudantes devem ter consciência de que argumentar é muito mais do que emitir uma opinião. A argumentação exige a defesa de um ponto de vista, fundamentada em dados científicos, na opinião de um especialista, em exemplos, em uma lei, em fotos, em comparações, em relações de causa e efeito. Aproveitando as discussões envolvidas nessa área, o professor pode criar um conjunto de perguntas que os estudantes podem se fazer para construir uma argumentação, como um passo a passo que será adaptado a cada nova situação.

A avaliação

A avaliação da aprendizagem é um componente essencial do processo educativo, e sua compreensão é crucial para promover um ensino de qualidade e o desenvolvimento integral dos estudantes. Este tópico analisa diferentes perspectivas sobre avaliação, com base nos estudos de Luckesi, Perrenoud, Fernandes e Hoffmann, ressaltando suas contribuições para uma prática avaliativa que transcende a mera medição de conhecimentos.

Para Luckesi (2002), a avaliação é um processo mediador e formativo, voltado para a melhoria do ensino e a transformação social, promovendo reflexão crítica. Perrenoud (1999) considera a avaliação um processo dinâmico e contínuo, adaptado às necessidades dos estudantes, e enfatiza a importância da avaliação formativa para identificar e superar dificuldades. Fernandes (2009) integra a avaliação ao cotidiano escolar, defendendo uma abordagem de *feedback* constante que promova a autorregulação dos estudantes. Hoffmann (2003a) propõe uma perspectiva humanista, destacando a avaliação dialógica e a participação ativa dos estudantes, visando à autonomia e ao crescimento pessoal.

Além de discutir as funções da avaliação curricular, que consiste em diferentes tipos de avaliação, como diagnóstica, formativa, comparativa, ipsativa e somativa, traremos considerações sobre o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) com sugestões de técnicas avaliativas adequadas para cada tipo de avaliação, visando à melhoria do desempenho dos estudantes.

O planejamento da avaliação

Toda avaliação parte de um planejamento prévio, no qual são definidos os critérios avaliativos. Estes critérios, normalmente, são definidos pelo educador a partir dos objetivos de sua avaliação e do conteúdo ou conjunto de competências e habilidades que se pretende avaliar e que esteja em consonância com o currículo.

Observe que a habilidade passa a ser o critério pelo qual o educador avaliará o estudante; dessa forma, para cada critério/habilidade definida no planejamento, deverá haver questões que comporão o instrumento avaliativo. Nas avaliações em larga escala como Enem e Saeb, por exemplo, são elaboradas matrizes de avaliação em que esses critérios são definidos como habilidades descritoras do objeto a ser avaliado. Assim como na BNCC, essas habilidades estão vinculadas a uma competência específica da área.

Portanto, o planejamento da avaliação deve especificar quais critérios/habilidades pretende-se avaliar, por meio de uma matriz que contenha o conteúdo e suas habilidades, por exemplo:

Componente: Sociologia – 1º bimestre		
Objeto do conhecimento	**Detalhamento**	**Habilidade descritora (critério)**
As Ciências Sociais	Conceito, história e subdivisão do estudo das Ciências Sociais	(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

Este planejamento pode fazer parte do planejamento anual ou de cada etapa letiva.

Avaliação diagnóstica

Luckesi (1999, p. 43) propõe que: "para não ser autoritária e conservadora, a avaliação tem a tarefa de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos".

Este tipo de avaliação é realizado no início de uma unidade didática, semestre ou ano letivo, com o objetivo de identificar o nível de conhecimento e as necessidades de aprendizagem dos estudantes. Tem como principal função identificar os conhecimentos prévios, habilidades, dificuldades e interesse aos temas propostos aos estudantes. Permite que os professores planejem e adaptem suas estratégias de ensino de acordo com as necessidades específicas de cada turma, e mesmo de cada estudante, promovendo uma aprendizagem mais personalizada e eficaz.

Além disso, a avaliação diagnóstica ajuda a detectar possíveis lacunas na aprendizagem dos estudantes, possibilitando intervenções pedagógicas precoces que visam corrigir essas deficiências antes que se tornem obstáculos maiores. Para que isso ocorra, é necessário haver, por parte da escola e, principalmente, dos educadores, correções de rumo e criações de estratégias pedagógicas eficazes.

Procedimentos



Avaliação formativa

Matui (1995) designa a avaliação em sua concepção formativa como "avaliação dialógica". A avaliação formativa tem como objetivo principal fornecer *feedback* contínuo para os estudantes, possibilitando ajustes imediatos no processo de ensino e aprendizagem. Envolve também monitorar o progresso dos estudantes ao longo do processo educativo, identificar dificuldades, esclarecer dúvidas e reforçar a compreensão dos conteúdos antes que as dificuldades de aprendizagem se tornem maiores. Promove

a autorregulação dos estudantes, incentivando-os a refletir sobre seu próprio aprendizado e a desenvolver habilidades críticas de autoavaliação. É uma avaliação que busca a regulação pedagógica, a gestão dos erros e a consolidação dos êxitos. De acordo com Jorba e Sanmartí (2003, p. 123):

> A avaliação formativa tem como finalidade fundamental a função ajustadora do processo de ensino e aprendizagem para possibilitar que os meios de formação respondam as características dos estudantes. Pretende-se detectar os pontos fracos da aprendizagem, mais do que determinar quais os resultados obtidos com essa aprendizagem.

Procedimentos



Avaliação comparativa

A avaliação comparativa envolve a comparação do desempenho de um estudante com o de outros estudantes a partir de critérios preestabelecidos. Tem por objetivo situar o desempenho individual dentro de um contexto mais amplo, identificando tanto os estudantes que se destacam quanto aqueles que precisam de apoio adicional. Para Fernandes (2009), essa forma de avaliação ajuda a identificar padrões de desempenho e diferenças significativas entre grupos de estudantes, fornecendo dados importantes para a tomada de decisões pedagógicas e políticas educacionais. Essa forma de avaliação é comum no Ensino Médio, especialmente em contextos como vestibulares e avaliações nacionais padronizadas, como Enem.

Procedimentos



Avaliação ipsativa

A avaliação ipsativa, no contexto educacional, foca no progresso pessoal do estudante ao longo do tempo. Ela permite aos estudantes perceberem suas melhorias, identificarem áreas de crescimento e estabelecerem metas pessoais. Essa abordagem contrasta com as demais avaliações citadas. A avaliação ipsativa é particularmente motivadora, pois destaca as conquistas individuais e incentiva a autoeficácia e a autoestima, assim como detecta lacunas para melhorias. Esse método é particularmente valioso no Ensino Médio, pois enfatiza o progresso individual e o crescimento contínuo, promovendo a autocomparação e a autoaperfeiçoamento, e pode ser associado também ao Projeto de Vida.

Procedimentos



Avaliação somativa

A avaliação somativa é uma abordagem que visa avaliar a aprendizagem dos estudantes ao final de um período letivo, como um semestre, unidade didática ou ano letivo. Seu principal objetivo é determinar se os estudantes alcançaram os objetivos de aprendizagem estabelecidos e qual o nível de competência que demonstram em relação aos conteúdos curriculares. Essa avaliação é frequentemente utilizada para atribuir notas, promover ou reter estudantes e fornecer informações sobre a eficácia do ensino. Tem função regulatória, subsidiando decisões de conselhos de classe. Geralmente, são utilizados testes tradicionais, cujo foco deve ser nos objetivos da aprendizagem. É um instrumento, normalmente, coletivo, em que toda a turma é avaliada de acordo com os mesmos critérios.

Procedimentos



Possibilidades interdisciplinares na avaliação

A avaliação, quando integrada ao processo de aprendizagem, pode ser significativamente enriquecida pela interdisciplinaridade, que vai além da simples junção de disciplinas.

A interdisciplinaridade requer a organização das disciplinas em um programa de estudos que permita a integração de conteúdos, métodos e teorias. Esse processo visa relacionar conhecimentos parciais e específicos em busca de uma compreensão mais totalizante do conhecimento. Segundo Fazenda (2002), a interdisciplinaridade não busca criar uma "superciência", mas sim promover uma mudança na forma de abordar o conhecimento, substituindo uma visão fragmentada por uma unitária do ser humano.

Quando aplicada à avaliação, essa integração permite que os instrumentos avaliativos considerem múltiplas perspectivas e abordagens. Por exemplo, um projeto interdisciplinar pode avaliar simultaneamente competências em Matemática, Sociologia e habilidades linguísticas, proporcionando uma visão mais completa do desenvolvimento do estudante.

Fazenda (2003) propõe uma tríade que sustenta a interdisciplinaridade: o sentido de ser, de pertencer e de fazer. Essa tríade facilita um olhar mais atento para o cotidiano escolar e promove parcerias entre estudantes, entre a teoria e as formas de conhecimento. Na avaliação, essa tríade pode ser utilizada para desenvolver métodos que não apenas medem o conhecimento, mas também incentivam a colaboração e a aplicação prática do aprendizado.

Na prática avaliativa, isso pode significar a criação de critérios de avaliação que considerem múltiplas perspectivas e incentivem a colaboração entre disciplinas. Geralmente, os projetos e avaliações interdisciplinares são mais fáceis de se realizar dentro da mesma área do conhecimento: por exemplo, um projeto que envolva História e Geografia pode ser avaliado tanto pelo conhecimento factual quanto pela capacidade de relacionar eventos históricos com contextos geográficos. No entanto, é possível e desejável que avaliações interdisciplinares aliem componentes curriculares de áreas distintas.

Tomemos como exemplo o componente curricular História, de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: sua junção com Matemática e Geografia torna possível o trabalho com escalas de tempo e de espaço. A interlocução entre Arte, da área de Linguagens e suas Tecnologias, e História pode ocorrer pela relação de obras de arte a seus contextos históricos. Ainda dentro da área de Linguagens e suas Tecnologias, História e Educação Física podem se relacionar pela análise e comparação dos períodos históricos em que ocorreram os Jogos Olímpicos antigos e modernos. Também é possível tecer um diálogo interdisciplinar de História com Ciências da Natureza e suas Tecnologias ao considerarmos os contextos históricos de teorias e leis dos componentes Física e Química, por exemplo.

Sugestões de instrumentos/técnicas avaliativas

A definição do uso de um instrumento deve sempre partir do objetivo do educador em relação ao que se pretende avaliar e sobretudo ao uso que dará dos seus resultados, pois eles podem servir a mais de um tipo de avaliação; por essa razão, a tabela é apenas sugestiva. A seguir, sugestões de instrumentos avaliativos comumente utilizados no Ensino Médio.

LEGENDA

D = DIAGNÓSTICA	F = FORMATIVA	C = COMPARATIVA	I = IPSATIVA	S = SOMATIVA

Instrumentos avaliativos	D	F	C	I	S
Testes diagnósticos: testes que avaliam conhecimentos específicos e habilidades dos estudantes em uma variedade de formatos, como perguntas objetivas, questões abertas e problemas de resolução.					
Entrevistas individuais: conversas diretas com os estudantes para explorar suas percepções, dificuldades e interesses em relação aos conteúdos estudados.					
Observações em sala de aula: a observação sistemática das interações e comportamentos dos estudantes durante as atividades de ensino pode fornecer informações valiosas sobre suas habilidades sociais, motivação e compreensão dos conteúdos. Ela se dá por meio de *feedback* contínuo, detalhado e construtivo fornecido pelos professores em trabalhos e atividades, focando no progresso individual e nas áreas a serem aprimoradas.					
Questionários de autoavaliação: instrumentos nos quais os estudantes refletem sobre suas próprias habilidades e conhecimentos. Esses questionários podem incluir perguntas sobre suas percepções de pontos fortes e áreas de dificuldade em diversos componentes.					
Mapas conceituais: atividades em que os estudantes constroem representações visuais de conceitos e suas inter-relações. Essa técnica é especialmente útil em componentes curriculares de Ciências da Natureza e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, pois ajuda a revelar a organização do conhecimento dos estudantes.					
Portfólios: coleta de trabalhos anteriores dos estudantes que possam evidenciar suas habilidades e conhecimentos prévios. Esse método permite uma análise mais detalhada do desenvolvimento individual dos estudantes ao longo do tempo. Podem incluir redações, projetos, reflexões e outros artefatos de aprendizagem.					
Testes, questionários e *quizzes*: aplicados regularmente, ajudam a verificar a compreensão dos estudantes de tópicos específicos. Estes podem ser de múltipla escolha, verdadeiro ou falso, ou perguntas abertas, fornecendo *feedback* imediato.					

Instrumentos avaliativos	D	F	C	I	S
Diários de aprendizagem: ferramentas nas quais os estudantes registram suas experiências de aprendizagem, reflexões, dúvidas e progressos diários ou semanais. A revisão desses diários pelos professores fornece *insights* valiosos sobre o pensamento dos estudantes.					
Autoavaliações e avaliações por pares: questionários ou reflexões escritos pelos próprios estudantes, avaliando seu progresso em relação a metas estabelecidas. Isso incentiva a metacognição e a responsabilidade pelo próprio aprendizado.					
Projetos colaborativos: atividades em grupo que exigem a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos. Projetos permitem avaliar habilidades de colaboração, resolução de problemas e aplicação de conceitos em contextos reais.					
Checklists de desempenho: listas de verificação que permitem aos estudantes e professores monitorarem o cumprimento de etapas específicas ou habilidades durante atividades ou projetos.					
Gráficos de progresso: representações visuais do desenvolvimento dos estudantes ao longo do tempo, destacando áreas de melhoria e sucesso. Podem ser utilizados tanto por professores quanto por estudantes para monitorar o progresso.					
Testes padronizados: exames que seguem um formato e conteúdo uniformes para todos os estudantes, permitindo uma comparação direta entre diferentes indivíduos ou grupos. Por exemplo, simulados do Enem.					
Rankings de desempenho: listagens que ordenam os estudantes com base em seus resultados em avaliações específicas. Esta técnica é comum em concursos e vestibulares que utilizam, por exemplo, escalas de avaliação: utilização de escalas numéricas ou descritivas que classificam o desempenho dos estudantes em níveis como "excelente", "bom", "regular" e "insuficiente". Também usada em percentis: comparação do desempenho dos estudantes em relação a uma distribuição de resultados, indicando a posição relativa de cada estudante em um grupo maior.					
Simulados de provas de vestibular: avaliações extensivas e padronizadas que medem o conhecimento e habilidades dos estudantes em diversas áreas.					
Simulados do Enem: testes como o Enem, que avaliam os estudantes em uma variedade de componentes curriculares, fornecendo um panorama do desempenho educacional em nível nacional. Podem ser organizados pelos professores a partir de provas aplicadas em anos anteriores.					
Avaliações internas padronizadas: testes desenvolvidos pelas escolas ou redes de ensino que seguem um formato padronizado e são aplicados a todos os estudantes de determinado ano ou etapa.					
Avaliações *on-line*: plataformas digitais que administram testes, coletam dados e fornecem análises comparativas detalhadas. Esses testes ajudam a identificar rapidamente as áreas de força e fraqueza dos estudantes.					
Diários de reflexão ou de aprendizagem: ferramentas nas quais os estudantes registram suas reflexões sobre o processo de aprendizagem, metas alcançadas e desafios enfrentados. Esses diários promovem a autoavaliação e a autorregulação.					
Provas escritas: são uma forma tradicional de avaliação, nas quais os estudantes respondem a perguntas ou realizam tarefas em um período determinado. Elas podem incluir questões de múltipla escolha, questões dissertativas, problemas matemáticos, ensaios, entre outros.					
Trabalhos escritos: podem incluir ensaios, relatórios de laboratório, resenhas de livros, pesquisas, entre outros. Eles permitem que os estudantes demonstrem sua compreensão do material de forma mais elaborada do que em uma prova escrita, mas também exigem mais tempo e esforço.					
Apresentações orais: permitem que os estudantes demonstrem seu conhecimento e habilidades de comunicação ao falar sobre um tema específico para a turma. Elas também podem incluir elementos visuais.					
Avaliação por pares: neste método, os estudantes avaliam o trabalho uns dos outros com base em critérios predefinidos. Isso pode ser feito de forma anônima ou não, e pode fornecer aos estudantes uma perspectiva diferente sobre seu próprio trabalho, além de promover a aprendizagem colaborativa.					
Contrato de estudo: plano de estudo em que o docente explicita o conjunto de conteúdos, competências ou habilidades que irá trabalhar durante um período, e o estudante se compromete a aprender, e na medida em que domina o objeto de estudo, sinaliza ao educador. Exige acompanhamento constante de ambos e promove a autonomia do estudante.					

A coleção

O estudo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas oferece uma perspectiva interessante para compreender diversos fenômenos, além das ações humanas ao longo do tempo e em diferentes contextos. A coleção foi desenvolvida para facilitar essa compreensão, permitindo que os estudantes explorem as relações entre passado e presente e projetem o futuro, reconhecendo o impacto das ações cotidianas na realidade social.

A coleção dedica um volume para cada componente curricular da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Filosofia, Geografia, História e Sociologia. Esses volumes se estruturam em unidades e capítulos que incluem seções e boxes para explorar os conteúdos de forma organizada e acessível. Com uma linguagem direta, a obra utiliza recursos visuais como gráficos, mapas e infográficos, além de atividades práticas que estimulam o pensamento crítico e a resolução de problemas.

A interdisciplinaridade é uma das principais características, promovendo conexões entre as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e outras áreas do conhecimento, como Linguagens, Matemática e Ciências da Natureza, utilizando exemplos do cotidiano dos estudantes para fomentar debates e a construção de conhecimento. Alinhada à BNCC, a coleção busca desenvolver competências e habilidades inerentes à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o século XXI e facilitar o planejamento de aulas, além de incorporar a utilização de recursos digitais que enriquecem a aprendizagem e promovem um uso saudável da tecnologia.

Estrutura da coleção

A estrutura interna de cada volume é similar: um capítulo introdutório apresenta o componente curricular em questão; em seguida, unidades temáticas, subdivididas em capítulos, exploram diferentes aspectos do conteúdo, com o auxílio de seções e boxes que enriquecem a experiência de aprendizagem dos estudantes. Os temas centrais de cada unidade são apresentados na abertura, em uma dupla de páginas, com questionamentos que estimulam a participação dos estudantes e servem para seus conhecimentos prévios. Já a abertura de capítulo marca visualmente o início de um novo tema, convidando o estudante a se aprofundar no conteúdo. A seguir, uma breve apresentação das seções e boxes que compõem a coleção.

Seções

Trabalhando com...: Aprofunda assuntos específicos de cada componente, com o apoio da análise de documentos históricos, mapas e gráficos, estimulando a reflexão sobre esses recursos.

Mundo do trabalho: Trabalha temas relacionados ao mundo do trabalho, promovendo a interdisciplinaridade quando oportuno.

Mundo digital: Promove a reflexão sobre o uso e o impacto das tecnologias no cotidiano e a leitura crítica de informações *on-line*, promovendo a interdisciplinaridade quando oportuno.

Infográfico: Apresenta informações de forma visual e integrada, estimulando a análise e a interpretação de dados.

Mapas conceituais: Recurso específico do componente Geografia. Conclui a unidade retomando e correlacionando os principais conceitos.

Galeria de atividades: Oferece variedade de atividades para aprofundar os conteúdos e trabalhar habilidades como análise, comparação e resolução de problemas, além de questões do Enem e dos principais vestibulares do país.

Debate plural: Promove a interdisciplinaridade especialmente com Linguagens; é a seção que fecha algumas das unidades e propõe o desenvolvimento da argumentação e a reflexão sobre temas relevantes da atualidade.

Agir no mundo: Incentiva o protagonismo juvenil e a resolução de problemas por meio de projetos que concluem algumas das unidades.

Boxes

Explicando o conceito: Apresenta definições de conceitos importantes para a compreensão do conteúdo.

Favoritos: Indica livros, filmes e outros materiais que complementam o conteúdo do capítulo.

Biografia: Apresenta a vida e a obra de personalidades históricas ou pensadores relevantes para o tema.

No detalhe: Chama a atenção para detalhes importantes em recursos visuais, incentivando a observação e a análise.

Glossário: Apresenta o significado de termos e expressões pouco conhecidos pelos estudantes e utilizados no texto.

Retome: Retoma conteúdos importantes por meio de atividades para avaliar a aprendizagem.

Trabalhando com Lógica: Recurso exclusivo do componente Filosofia. Trabalha conceitos de Lógica de forma progressiva com os estudantes.

Assim falou: Recurso exclusivo dos componentes Filosofia e Sociologia. Apresenta trechos fundamentais das obras de autores e pesquisadores relevantes.

A proposta didático-pedagógica e os pressupostos teórico-metodológicos da coleção

Vivemos em uma sociedade caracterizada por rápidas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais. Essas mudanças exigem dos jovens conhecimentos e habilidades que os preparem para enfrentar um futuro em constante movimento.

Nesse cenário, a educação desempenha um papel ainda mais importante, promovendo o desenvolvimento de cidadãos críticos, engajados e capazes de atuar de maneira significativa na sociedade. A coleção foi desenvolvida com o objetivo de proporcionar uma experiência de aprendizagem alinhada aos desafios atuais.

Segundo Morán (2015), a educação, seja presencial, seja a distância, frequentemente utiliza materiais e comunicações escritos, orais e audiovisuais. No entanto, a melhor forma de aprender é combinando atividades, tarefas e informações contextualizadas.

As metodologias de ensino alinham-se aos objetivos educacionais, promovendo a proatividade dos estudantes e o seu envolvimento em atividades complexas, que exigem decisões e avaliações. Para estimular a criatividade, é essencial que eles experimentem novas possibilidades, por exemplo, com tarefas bem planejadas, que mobilizem competências intelectuais, emocionais, pessoais e comunicacionais, exigindo pesquisa, avaliação de diferentes pontos de vista e aprendizado pela descoberta.

Estratégias como explorar os conhecimentos prévios, propor atividades de pesquisa e apresentar questões que incentivem a problematização são fundamentais para avançar em processos de reflexão, integração cognitiva e reelaboração de práticas. Essas propostas são pontos de partida para que os estudantes possam desenvolver habilidades mais avançadas, como a capacidade de refletir sobre suas ações, integrar novos conhecimentos de forma significativa e aplicar esses conhecimentos em novas situações. Essas abordagens incentivam o aprendizado próximo da vida real, promovendo uma educação mais prática e envolvente.

Alinhada a essa perspectiva, a proposta da coleção valoriza as aprendizagens ativa e colaborativa, incentivando a participação dos estudantes em atividades diversificadas, que propiciem a comunicação, o raciocínio crítico e o trabalho em equipe. Nesse sentido, as atividades propostas buscam promover a reflexão, a análise de situações-problema, a argumentação e a elaboração de soluções, de modo que o estudante protagonize a aprendizagem.

Além disso, a coleção foca no desenvolvimento de competências, como empatia e pensamento crítico, fundamentais para a construção de relações respeitosas dentro e fora do ambiente escolar. Temas atuais, como direitos humanos, justiça social e sustentabilidade, são abordados de maneira acessível e visualmente atraente, para preparar jovens conscientes e engajados.

Nesse sentido, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas são apresentadas na coleção como uma base para a reflexão crítica e o debate. A construção do conhecimento é incentivada por meio de atividades que buscam aproximar os temas estudados da realidade dos estudantes, favorecendo a aprendizagem significativa e o desenvolvimento de indivíduos autônomos.

A teoria da aprendizagem significativa, desenvolvida pelo psicólogo cognitivo David Ausubel, revolucionou a educação ao introduzir uma abordagem que valoriza a conexão entre conhecimentos prévios e novos conteúdos. De acordo com Costa Júnior *et al*. (2023, p. 52),

> Essa metodologia de aprendizagem se concentra em como os professores podem ajudar seus alunos a aprender de forma mais eficaz, conectando o que eles já sabem a novos conhecimentos [...].
>
> À medida que os educadores adotam essa poderosa metodologia de ensino, eles podem descobrir maiores oportunidades para trocas mais profundas e significativas entre professor e aluno, bem como uma melhor retenção de conhecimento pelos alunos.

Oportunidades para estabelecer essas trocas podem ocorrer ao conectar os conhecimentos prévios dos estudantes com novos conteúdos, aproximando temas históricos, geográficos e sociológicos da realidade cotidiana. Ao incentivar a reflexão sobre questões sociais locais, como as desigualdades, ou globais, como as mudanças climáticas, o aprendizado torna-se mais significativo. Propostas interdisciplinares e o incentivo a debates, integrando, sempre que oportuno, pesquisa e análise crítica, também ajudam os estudantes no processo de construção do conhecimento, permitindo-lhes assimilar e aplicar novos conceitos de maneira mais profunda, ressignificando-os. Essas práticas promovem a autonomia intelectual dos estudantes e criam oportunidades para trocas significativas, resultando em maior retenção e compreensão crítica dos conteúdos.

A BNCC nesta coleção

A coleção está alinhada às competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio, contribuindo para o aprendizado de forma integrada e interdisciplinar. Entre as competências mobilizadas, destaca-se a análise de processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, desenvolvida nas seções *Debate Plural* e *Agir no Mundo*. Nessas seções, os estudantes têm a oportunidade de explorar temas contemporâneos e tomar decisões fundamentadas em evidências, exercitando o pensamento crítico e a cidadania. Destaque também para as seções *Mundo do trabalho* e *Debate plural*, nas quais a integração e o diálogo entre saberes distintos são valorizados. Quando oportuno, essas seções, e também a seção *Galeria de atividades*, abrangem temas que valorizam os desafios impostos à sociedade, especialmente aos jovens, pelas mídias digitais e pelo mercado de trabalho.

A coleção incentiva a análise crítica das desigualdades sociais e das transformações no mundo do trabalho por meio de textos, gráficos e dados estatísticos. Questões como o racismo e as relações de gênero, assim como o meio ambiente, são abordadas em um contexto que estimula a reflexão e o debate, preparando os estudantes para reconhecerem seu papel na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Ao participarem dessas discussões, os jovens são incentivados a compreender e atuar nos debates públicos, reconhecendo seu papel como agentes transformadores.

Voltada para os desafios contemporâneos, a coleção promove o desenvolvimento de competências e habilidades a fim de preparar os estudantes para interagir com um mundo cada vez mais complexo e interconectado. As atividades variadas, as situações-problema e a mobilização de conhecimentos prévios buscam articular a realidade dos estudantes com diferentes contextos e em distintas escalas. Alinhada aos princípios da educação para o século XXI, a coleção pretende promover uma aprendizagem reflexiva e significativa, preparando os estudantes para atuarem de forma crítica, ética e transformadora.

A tecnologia nesta coleção

A contemporaneidade é marcada pelo desenvolvimento tecnológico, com a computação e as tecnologias digitais presentes em diversos aspectos da vida. Essas transformações impactam a comunicação e o funcionamento da sociedade, exigindo que os jovens sejam preparados para profissões futuras, muitas das quais envolverão tecnologias ainda não inventadas.

No Ensino Médio, a ênfase é na ampliação das aprendizagens digitais, reconhecendo as potencialidades das tecnologias para atividades acadêmicas e profissionais.

Para promover um uso crítico e criativo da tecnologia, a coleção fomenta o contato com diversos recursos tecnológicos, como museus virtuais, além de indicar séries e filmes que abordam temas tecnológicos. A Inteligência Artificial (IA) é objeto de algumas discussões contextualizadas sobre seu uso e impactos na sociedade. Os estudantes são convidados a realizar produções para o ambiente digital em algumas atividades da seção *Mundo digital*.

Ao integrar esses recursos, a coleção não só enriquece o aprendizado, mas também prepara os estudantes para um mundo cada vez mais digital e interconectado.

Os componentes curriculares nesta coleção

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas investigam a condição humana em suas relações com o mundo, abordando aspectos históricos, sociais, culturais e políticos. A coleção foi organizada para aprofundar o conhecimento dos estudantes em conceitos essenciais desses componentes curriculares, promovendo uma visão integrada e crítica da realidade por meio da articulação entre História, Geografia, Sociologia e Filosofia.

Com uma abordagem que procura valorizar a interdisciplinaridade, a coleção utiliza temas geradores, como a urbanização, permitindo explorar a formação das cidades, desigualdades sociais, meio ambiente e implicações filosóficas. Essa articulação não é apenas a soma de conteúdos, mas também uma integração de conceitos e metodologias de cada área, enriquecida por recursos didáticos variados, como documentos, filmes e obras de arte.

A seguir, uma breve apresentação de cada componente curricular que compõe a coleção.

Filosofia

O volume de Filosofia envolve o estudante na construção do pensamento filosófico, desde suas origens até questões contemporâneas. As unidades abordam temas como natureza humana, sociedade e conhecimento, apresentando conceitos básicos e aplicando-os à análise de desafios contemporâneos. A obra favorece o desenvolvimento de habilidades como análise, interpretação e argumentação, promovendo uma formação crítica e consciente, de acordo com as competências da BNCC.

Geografia

O livro de Geografia prepara os estudantes para os desafios do futuro, abordando conceitos geográficos, elementos centrais da Cartografia, a globalização e seus impactos, além de debates sobre as várias desigualdades presentes em nosso mundo. Com capítulos que conectam o conteúdo ao cotidiano do estudante, a obra utiliza mapas e dados para desenvolver habilidades como análise espacial e a competências como a cidadania, promovendo uma visão crítica sobre as transformações do espaço geográfico e sobre o papel do próprio indivíduo no espaço.

História

O material de História é organizado de forma cronológica e temática, facilitando a compreensão das relações entre os eventos históricos, desde o surgimento da humanidade até o mundo contemporâneo. Ao longo dos estudos, os estudantes desenvolvem habilidades como: compreender processos históricos de longa, média e curta duração; avaliar o impacto dos sujeitos históricos e como esses sujeitos se apresentam ao longo do tempo nas narrativas históricas, interpretar fontes de diferentes categorias, além de identificar discursos hegemônicos, contribuindo para dar voz e protagonismo às populações historicamente marginalizadas. A ideia é que os estudantes aprendam a operar historicamente informações do passado para se posicionarem no presente e projetarem o futuro.

Sociologia

A obra de Sociologia propõe a ampliação das percepções dos estudantes sobre o mundo em que vivem, abordando os fatos e relações sociais, além de instituições e processos que moldam a sociedade. Com exemplos do cotidiano, a obra aborda temas como cultura, classes sociais, poder e política. As ideias de pensadores que formaram as bases sociológicas, como Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx, além de autores contemporâneos, são apresentadas e aplicadas a desafios atuais, incentivando os estudantes a refletirem sobre a organização da sociedade e as origens das desigualdades sociais.

Orientações específicas

O ensino de Filosofia no Ensino Médio

Em termos didáticos, este livro baseia-se em uma abordagem filosófica que busca promover a argumentação, o debate, a reflexão e a conceituação. Optou-se por essa perspectiva, basicamente, por duas razões. Primeiro, por sua **generalidade** – essa abordagem aplicável, de modo geral, ao pensamento filosófico produzido ao longo da história e, portanto, afirma a diversidade das filosofias. Segundo, por seu **caráter ativo** – fundamentado no pressuposto de que a Filosofia é uma atividade do pensamento e não deve ser compreendida como um desfile de ideias a serem assimiladas ou decoradas. O sentido do ensino de Filosofia é possibilitar sua prática por meio do aprendizado daquilo que foi feito pelos filósofos na história. O propósito, portanto, é deixar explícita a atividade criativa da Filosofia, apresentando aos estudantes do Ensino Médio um pouco dessa criação, incentivando-os a criar os próprios conceitos ou, ao menos, reelaborar criativamente os conceitos filosóficos.

Com isso, a proposta deste livro é que o ensino de Filosofia seja filosófico, ou seja, que não se apresente como um encadeamento de conteúdos, mas também incite a prática da Filosofia como pensamento crítico e criativo. Ele se articula com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de acordo com os quais os conteúdos estudados visam oferecer uma formação que consolide competências teóricas e práticas, e uma série de habilidades que são experimentadas e aprimoradas no processo.

O passo a passo do processo didático

A aprendizagem da Filosofia no Ensino Médio como uma experiência **do** pensamento e **no** pensamento está organizada em quatro etapas, partindo do problema e chegando ao conceito:

1. **Sensibilização**: é importante compreender a Filosofia como um movimento no pensamento que se inicia com um problema. Logo, é necessário sensibilizar os estudantes para esse problema, que é algo que experimentamos e sentimos, mas ainda não sabemos definir. Quando conseguimos dar um formato racional a um problema (como nos problemas matemáticos ou mesmo nos chamados "problemas filosóficos"), sua solução já está implícita, mesmo que ainda não seja conhecida. O problema é o "motor do pensamento", aquilo que nos tira do lugar-comum e nos causa incômodo, levando-nos a pensar. De maneira geral, a criação provém de um problema; aquilo que se cria é a forma de enfrentar o problema, não necessariamente sua resolução. Desse modo, em Filosofia, o problema mobiliza o pensamento e provoca a criação de conceitos.

   A questão é que essa sistemática de criação só se coloca em marcha quando efetivamente sentimos e experimentamos um problema. Portanto, não basta que você, professor de Filosofia, simplesmente apresente um problema aos estudantes e peça que pensem a respeito; eles só pensarão, de fato, se sentirem aquilo como um problema. Daí a necessidade de aguçar sua percepção, de provocar sua sensibilidade para determinado problema.

   Nesta primeira etapa, a ideia é trabalhar com objetos não filosóficos: uma canção, um poema, um conto, um filme (ou cenas dele), uma imagem ou uma história em quadrinhos, por exemplo. Em suma, um objeto cultural que desperte a sensibilidade dos estudantes, que os mobilize, que os provoque, que os deixe curiosos, que os faça pensar. Também é possível trabalhar com pequenos textos filosóficos que tenham potencial problematizador. O essencial é conseguir mobilizar os estudantes em torno de um tema.

2. **Problematização**: a etapa seguinte, praticamente simultânea à sensibilização, consiste em evidenciar o problema. Em outras palavras, trata-se de fazer com que o problema seja visível, transformando-o em uma questão que pode e precisa ser investigada, explorada e enfrentada. Nessa etapa, a ação do professor é fundamental para evitar que as sensibilidades dos estudantes em torno do tema-problema se dispersem. O objetivo é fazer com que essas múltiplas sensibilidades convirjam e se articulem em torno de um esforço comum de busca e investigação.

3. **Investigação**: essa é a etapa mais longa, dedicada ao estudo e à pesquisa na história da Filosofia. O problema que nos mobiliza já foi pensado anteriormente? Por quem? Em que contexto(s)? Quais foram as abordagens realizadas? Quais são os conceitos criados em seu enfrentamento? Nessa etapa, diversas fontes podem ser utilizadas. O livro do estudante procura oferecer subsídios para essa investigação, explorando autores, temas, períodos da história da Filosofia, bem como trechos de textos de filósofos sobre o problema em questão. Contudo, isso pode ser complementado por outros textos de comentadores da Filosofia, fragmentos adicionais de textos de filósofos ou mesmo textos filosóficos completos que você julgue apropriados para a turma.

É importante que a etapa de investigação seja feita em diálogo com os filósofos e a história da Filosofia, uma vez que seu objetivo é encontrar ferramentas conceituais para enfrentar os problemas trabalhados. Portanto, quanto maior for a diversidade de elementos trabalhados, melhor.

4. **Conceituação**: etapa importante ao processo de trabalho, pois mobiliza os estudantes a lidar com o conceito por conta própria. Considera-se que o conceito é, ao mesmo tempo, um ato de pensamento e a materialização desse ato em um produto, que se concretiza no texto escrito. Para dar materialidade ao conceito e evitar que ele se perca no turbilhão do pensamento, o filósofo o nomeia com uma **palavra** escolhida para esse fim. Ler filosoficamente um texto filosófico significa entrar no movimento de pensamento do filósofo, pensando **com** ele e, às vezes, pensando **contra** ele. Trata-se de entrar nesse movimento de pensamento em sintonia com o(s) conceito(s) que está(ão) materializado(s) no texto lido.

   A etapa de conceituação não significa, portanto, que cada estudante deve criar um novo conceito. Embora essa possibilidade não esteja descartada, não é necessário que seja um objetivo para todos. A criação de conceitos pode resultar da experiência filosófica de alguns estudantes, mas o **objetivo geral não é que todos criem conceitos**, e sim que os estudantes se **sintonizem com os conceitos** existentes e sejam capazes de pensar por si mesmos aquilo que já foi pensado. A proposta é que experimentem o pensamento no pensamento ou, em outras palavras, que vivenciem o pensamento próprio, para que possam pensar de forma autônoma e, assim, exercer uma cidadania plena.

   Experimentar o pensamento refazendo o percurso dos filósofos e ser capaz de dialogar com os textos, encontrando ferramentas conceituais para enfrentar os problemas que estamos investigando, são as metas da etapa de conceituação, que finaliza os quatro passos didáticos de um aprendizado ativo da Filosofia.

Com a realização desse movimento do pensamento em quatro etapas, busca-se estabelecer um contato vivo, pulsante e inquietante com a Filosofia. Mais do que oferecer respostas prontas, esse movimento nos coloca em uma busca permanente.

É importante ressaltar, no entanto, que, embora o livro tenha sido concebido para possibilitar essa trajetória didática, ele não está restrito a ela. Utilize-o de acordo com a orientação didática que preferir.

O trabalho com textos

Em larga medida, é por meio da leitura de textos filosóficos que aprendemos Filosofia. Assim, essa atividade é indispensável no Ensino Médio.

Para o trabalho com textos em Filosofia, partimos de três pressupostos:

- Estudo da história: o estudo da história da Filosofia é um exercício filosófico por natureza;
- Leitura de um texto: ler um texto é repensá-lo, e repensar é pensar;
- Leitura filosófica: ler textos, filosóficos ou não, sob o prisma da Filosofia, pelas questões que suscitam.

O trabalho com textos permitirá um exercício de pensamento que coloca os estudantes em contato direto com a prática filosófica e sua história. Sabemos que a leitura não é um hábito consolidado em nossa cultura e, portanto, não é uma atividade fácil para a maioria dos estudantes.

Por essa razão, aprimorar a experiência de leitura exige muito esforço e dedicação. Esse processo requer persistência; se desistirmos diante das primeiras dificuldades, pouco ou nenhum êxito será alcançado. É importante manter **disciplina** e **regularidade** na leitura, e isso pode ser estimulado e praticado nas aulas de Filosofia.

Todo o nosso esforço didático consiste em sensibilizar os estudantes para o estudo da Filosofia. Se conseguirmos alcançar esse objetivo, as atividades de leitura de textos ganharão sentido para eles. No entanto, se apenas iniciarmos o trabalho com textos sem um esforço de sensibilização, os resultados poderão ser insatisfatórios. A sugestão é começar o trabalho com textos de forma lenta e leve, aumentando gradativamente, ao longo do ano letivo e das três séries do Ensino Médio, a quantidade e o nível de exigência desse trabalho.

A escrita em Filosofia

Após a leitura do texto, seu estudo, a reflexão em torno dele e exercícios de escrita, como a explicação e o comentário, é fundamental praticar as técnicas de redação da dissertação filosófica para concluir efetivamente o trabalho com textos filosóficos. A dissertação é um exercício privilegiado e completo, pois envolve não apenas a leitura e o estudo de textos filosóficos, mas também a materialização do pensamento próprio no texto escrito.

É de grande importância que as aulas de Filosofia preparem os estudantes, gradualmente, para a produção de suas dissertações, que não só "coroam" seus estudos de Filosofia como também possibilitam que trabalhem essas reflexões. Sugerimos que, se possível, uma dissertação filosófica seja realizada a cada capítulo do livro do estudante, contribuindo para que consolidem o conteúdo estudado, num exercício simultâneo de síntese, opinião e prática textual.

Além disso, recomendamos que a realização desse tipo de atividade comece de forma simples, com pequenos textos, e que a complexidade seja ampliada ao longo do tempo, elevando o nível de exigência de acordo com o progresso dos estudantes. Esse tipo de atividade também aprimorará as habilidades de reflexão e de escrita de forma geral, contribuindo para a realização dos objetivos do Ensino Médio.

Dissertação filosófica: dicas para a realização de um bom trabalho

A Filosofia tem sido transmitida historicamente porque os filósofos transformam suas ideias em textos. Portanto, a escrita das próprias ideias é um bom exercício filosófico. Nas atividades de redação, os estudantes certamente exercitam diferentes formas de escrita, dentre elas a dissertativa. Em Filosofia, trabalhamos com um tipo específico de dissertação que, embora se aproxime dos demais textos dissertativos, tem suas particularidades. Aqui, você encontrará uma caracterização desse tipo de texto e algumas dicas para boas dissertações filosóficas.

Caracterização da dissertação filosófica

A dissertação filosófica é um discurso específico da Filosofia, articulado por meio de conceitos e desenvolvido por meio de argumentos. A elaboração de dissertações filosóficas é essencial à prática da Filosofia e do pensamento crítico e autônomo.

Uma dissertação deve conter as seguintes partes:

- **Introdução**: parágrafo no qual apresentam-se as ideias que serão desenvolvidas no texto;
- **Desenvolvimento**: texto central em que as ideias apresentadas na introdução são trabalhadas por meio de uma argumentação consistente, baseada nos conhecimentos coletados e desenvolvidos pelo estudante sobre o assunto, em dados publicados por instituições reconhecidas, em citações de outros autores, entre outras possibilidades;
- **Conclusão**: encerramento da dissertação, em que as ideias anunciadas na introdução são retomadas de forma conclusiva, considerando toda a argumentação desenvolvida no texto central.

A importância da argumentação

O principal elemento de um texto dissertativo é a argumentação. É ela que sustentará as ideias propostas na introdução. Para que a argumentação seja consistente, além de ler bastante e manter-se sempre bem-informado, os estudantes devem ter em mente alguns critérios:

- **Utilizar argumentos baseados em fatos:** apoiar-se em informações de jornais, revistas, *sites* na internet, programas de televisão, etc., ou em estudos e publicações reconhecidas;
- **Desenvolver um raciocínio claro e organizado:** certificar-se de que a argumentação está coerente e bem estruturada;
- **Fornecer exemplos que justifiquem seus argumentos:** apresentar exemplos concretos que sustentem as ideias;
- **Não utilizar exemplos pessoais:** dar preferência a exemplos gerais e objetivos;
- **Não recorrer a generalizações, gírias, ditados populares ou provérbios:** manter a formalidade e a precisão no texto.

Na introdução de uma dissertação, além de deixar claro o posicionamento sobre o tema que será desenvolvido, é importante conquistar a atenção do leitor. Para isso, pode-se começar o texto, por exemplo, com uma declaração sucinta, uma pergunta, um fato histórico, uma citação ou até mesmo com um ponto de vista que será contra-argumentado. Esse momento deve ser aproveitado para problematizar o tema e apresentar a relevância da discussão.

A introdução não deve ser longa, mas também não deve se limitar a uma única frase. O ideal é que haja um número adequado de frases para anunciar ao leitor as ideias que serão desenvolvidas. Em geral, é possível fazer isso com, em média, três a cinco frases.

A argumentação faz parte do dia a dia. Incentive os estudantes a pensar em como estamos constantemente defendendo um ponto de vista e explique que, ao escrever um texto, essa dinâmica não muda muito. Em um texto dissertativo, é importante estabelecer de imediato o ponto de vista que se quer defender e estruturar o discurso argumentativo de forma bastante convincente. Afinal, em última instância, o objetivo desse tipo de texto é convencer alguém de alguma coisa.

Método dialético de argumentação

Um texto argumentativo pode ser estruturado por meio do método dialético, que envolve três elementos básicos. São eles:

- **Tese:** é a afirmação inicial apresentada no texto.
- **Antítese:** representa a oposição à tese, criando um conflito.
- **Síntese:** surge da resolução do conflito entre tese e antítese, resultando em uma nova situação.

A antítese pode ser vista como uma nova tese, que, por sua vez, aceitará uma nova antítese, gerando uma nova síntese em um processo contínuo. No entanto, seu texto deve concluir o processo dialético em algum ponto, embora filosoficamente o processo possa seguir gerando novas teses e antíteses. No início, é importante que os estudantes tentem elaborar sua dissertação com um único conjunto de tese/antítese/síntese. À medida que a escrita evoluir, eles poderão expandir a discussão para um processo dialético mais complexo.

Ressalte que essa é a estrutura utilizada em textos filosóficos, uma vez que, antes de propor qualquer interpretação definitiva, a Filosofia busca refletir sobre problemas por meio de questionamentos constantes e está sempre aberta ao surgimento de novas teses que possam ser investigadas.

A importância da leitura e da preparação do texto

Escrever um texto sobre um tema abstrato pode ser desafiador. Não se trata apenas de utilizar argumentos para convencer alguém sobre algo; em alguns casos, é necessário explorar as dimensões do tema ou problema, indicando, sempre que possível, os meios disponíveis para abordá-los. Por isso, quanto mais lemos, mais desenvolvemos nossas capacidades de abstrair e de argumentar.

Antes de começar a escrever uma dissertação, é essencial parar e refletir sobre o que pretende dizer e aonde quer chegar. Organizar as ideias mentalmente ou em um rascunho é crucial para estruturar o texto de forma definitiva. Para iniciar a escrita de uma dissertação filosófica, é fundamental fazer uma leitura meticulosa e atenta dos trechos ou textos que serão utilizados como base. Para isso, os estudantes podem adotar alguns procedimentos básicos:

- identificar o estilo por meio do qual a autora ou o autor dos textos que serão utilizados como base se expressam. Há diversas formas de escrita filosófica: diálogo, poesia, aforismo, ensaio, etc. De modo geral, a forma do texto está intimamente ligada com toda a estrutura argumentativa (teses, hipóteses, explicação de conceitos, exposição, contra-argumentação, exemplos, etc.) e com o tema filosófico em questão (verdade, justiça, beleza, etc.);
- fazer a primeira leitura do texto redigido, observando o significado de cada parágrafo com atenção redobrada e consultando um dicionário da língua portuguesa e, se possível, um dicionário filosófico (veja sugestões ainda neste Manual). O primeiro fornece o significado e a etimologia das palavras; o segundo traz as acepções adicionadas por diferentes autores a alguns conceitos ao longo da história da Filosofia.

Evitando alguns problemas comuns

Ressalte que, ao escrever uma dissertação, é crucial evitar uma série de "armadilhas" que podem comprometer a qualidade filosófica do texto. O perigo mais comum é, certamente, desviar-se do tema. Uma dissertação que não está centrada no tema proposto não é considerada eficaz.

Mas há outros riscos a serem evitados: a falta de rigor e coerência do texto, a análise parcial do tema e a análise superficial. Para evitar o primeiro problema, é importante elaborar uma ideia diretriz antes de começar a escrever a dissertação; essa ideia será a "espinha dorsal" do texto. Ela deve ser apresentada na introdução, reafirmada no desenvolvimento e retomada na conclusão. Isso garantirá maior coerência à dissertação.

Para evitar uma análise parcial, oriente os estudantes a examinar diferentes pontos de vista sobre o tema, sem prender-se a uma única perspectiva. A análise superficial pode ser evitada por meio de um trabalho focado nos conceitos filosóficos, sem se perder em exemplos e ilustrações superficiais.

Por fim, enfatize a importância de tomar cuidado com a linguagem: evitar gírias e expressões corriqueiras, e utilizar apenas os conceitos que podem ser explicados claramente. A elaboração de um vocabulário conceitual próprio é muito útil na realização de trabalhos desse tipo.

Veja duas dicas que podem auxiliar os estudantes tanto na leitura de textos filosóficos quanto na realização de uma redação filosófica:

- fazer uma leitura cuidadosa do texto e de outras fontes que servirem de base, observando o significado de cada frase com atenção redobrada, consultando as referências presentes no texto que forem desconhecidas e relacionando as partes do texto com seu título e outras referências (obra, contexto histórico, etc.);
- sempre que se deparar com palavras ou conceitos que forem desconhecidos, consultar um dicionário da língua portuguesa e, se possível, um dicionário filosófico, conforme já indicado anteriormente. Você pode orientar os estudantes a consultar fontes confiáveis da internet (*sites* de escolas, universidades, instituições, revistas, etc.) para confrontar determinados conceitos e dirimir dúvidas.

Como dissertar sobre uma pergunta?

Algumas vezes, a proposta de elaboração de uma dissertação filosófica aparece na forma de uma pergunta. Quando nos deparamos com esse tipo de atividade, é importante lembrar que não se trata apenas de responder diretamente à pergunta-tema.

É necessário observar a regra de "problematizar a pergunta". Em outras palavras, a pergunta não deve ser considerada absoluta; caso contrário, a dissertação acabará apenas repetindo o que foi abordado em aula ou no texto. Antes de escrever a dissertação, é importante que os estudantes reflitam sobre a pergunta até atingir o problema filosófico que está por trás dela. Isso permitirá

que ela seja examinada sob vários ângulos, de modo que o texto produzido, fruto de sua reflexão pessoal, exponha uma posição e argumentos próprios. Segundo Jacqueline Russ (1934-1999):

> A dissertação designa [...] um trabalho escrito que tem por finalidade tratar e determinar um problema filosófico. Este trabalho escrito, que exige, evidentemente, um trabalho de investigação e que, propriamente falando, não repousa nunca sobre a memória, tem a ver com diferentes itinerários reflexivos e metódicos: é preciso levar em conta, por um lado, os diversos tipos de enunciados e, por outro, os planos que se tem à disposição em função dos grandes tipos de temas [...] Embora possa haver muitos tipos de temas, apenas alguns dentre eles, ligados diretamente ao procedimento e ao conteúdo da filosofia, são efetivamente usados:
>
> - a pergunta;
> - o estudo de uma citação;
> - a comparação de duas ou mais noções;
> - o enunciado de tipo imperativo;
> - o enunciado de tipo infinitivo.
>
> RUSS, J. *Os métodos em filosofia*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 95.

Os diferentes planos de escrita de uma dissertação

A dissertação filosófica pode ser redigida de diferentes formas, com distintas estruturas lógicas. De maneira geral, podemos distinguir em três grandes modelos. São eles:

- **plano dialético:** o autor deverá organizar o texto em três partes: na primeira, apresenta a **tese** que é defendida no texto, ou seja, a ideia em torno da qual argumentará. Na segunda parte, o autor apresenta a **antítese**, ou seja, os elementos contrários à sua tese e que podem refutá-la. Por fim, na terceira parte, o autor apresenta uma **síntese** dessas ideias, examinando os dois pontos de vista opostos, mostrando suas aproximações e seus distanciamentos.

A dificuldade desse plano é evitar uma abordagem simplificada, em que as três fases são apenas apresentadas, sem que funcionem como categorias lógicas. Assim, assegurar que as ideias sejam confrontadas contribui para uma boa síntese. Vale lembrar que, filosoficamente, a dialética é um processo contínuo, podendo gerar novas teses e antíteses, mas no contexto de uma dissertação, uma síntese deve concluir o ciclo argumentativo.

- **plano progressivo:** o autor deverá trabalhar com uma noção ou um conjunto de noções, que deverá ser apresentada segundo diferentes perspectivas.

O trabalho deve ser organizado em várias partes. Em cada uma delas, explora-se uma perspectiva do tema. Se o assunto da dissertação for um conceito, em cada parte pode-se apresentar como esse conceito foi trabalhado por diferentes filósofos. Ao final, o autor deve redigir uma conclusão, na qual apresenta seu ponto de vista.

- **plano nocional:** o autor deverá destacar uma noção ou conceito, que é analisado no texto. Esse plano pode ser subdividido: escreve-se uma dissertação sobre apenas uma noção ou um conceito; ou pode-se preparar uma dissertação na forma de uma confrontação de diferentes noções ou de diferentes conceitos.

No primeiro caso, apresenta-se a noção ou o conceito, mostrando diferentes abordagens possíveis e os vários aspectos nela implicados. A base da dissertação é uma interrogação sobre o sentido ou os sentidos da noção ou conceito escolhido. O autor deve apresentar essa interrogação e o sentido ou sentidos, explicando-os e argumentando em torno da perspectiva que escolheu. Esse plano de dissertação aproxima-se do "plano progressivo", mas está centrado no conceito.

No segundo caso, trata-se de apresentar um confronto de noções ou conceitos, com base em uma problemática central. A proposta é aproximar dois ou mais conceitos, estabelecendo as relações entre eles. Dessa forma, cada conceito é melhor explicado e compreendido na sua confrontação com os outros. Esse plano aproxima-se do "plano dialético", mas também se diferencia por estar centrado nos conceitos ou noções.

Sugestão de leitura

- RUSS, J. *Os métodos em filosofia*. Petrópolis: Vozes, 2010.

A autora discorre sobre a natureza dos exercícios didáticos em Filosofia, com especial atenção à produção da dissertação de natureza filosófica.

A avaliação em Filosofia

A avaliação possui um potencial formativo que não pode ser desprezado. A questão que se apresenta é: quando adotamos um ensino de Filosofia como prática do pensamento, fundamentada na experiência com o conceito, o que, como e quando avaliar?

A sugestão que permeia o livro do estudante é que o trabalho de avaliação seja centrado na redação das dissertações filosóficas. É possível buscar outros elementos que possam ser avaliados no processo, como a capacidade de argumentação, a participação em debates, etc., mas a dissertação filosófica dá à avaliação uma materialidade e uma "objetividade" que outras técnicas não permitem. Por meio dela, é possível avaliar o processo de aprendizagem dos estudantes, bem como os resultados a que eles efetivamente chegaram. É possível, ainda, acompanhar os progressos durante o ano letivo.

Se for possível trabalhar, por exemplo, uma atividade de dissertação por bimestre, haverá uma quantidade adequada de elementos a serem avaliados. Com etapas intermediárias, também é possível avaliar os exercícios e as atividades de escrita, como a produção de explicações e comentários de texto. De forma complementar, nas orientações apresentadas a seguir, em cada capítulo é sugerida uma estratégia de avaliação de acordo com as atividades propostas.

Trabalhando com Lógica

Em cada capítulo, há um trabalho com conceitos e correntes da Lógica, essencial para a organização do pensamento e para garantir possibilidades de experimentação do pensamento conceitual. Abordar a Lógica de modo isolado pode representar um desafio para os estudantes do Ensino Médio. Por isso, optamos por não incluir um capítulo ou conjunto de capítulos com assuntos específicos desse campo. Em vez disso, ao trabalhar a Lógica em paralelo aos conteúdos filosóficos, desenvolve-se um aprendizado dos seus conceitos ao longo do processo educativo dos estudantes.

Sugestão de leitura

- VELASCO, P. D. N. *Educando para a argumentação*: contribuições do ensino da Lógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

Este livro apresenta a importância da Lógica no aprendizado da Filosofia, explicitando os exercícios como instrumentos de argumentação.

Conteúdo e sugestão de cronograma

O livro do estudante é composto de uma introdução, que abre o universo do pensar filosófico, e um conjunto de 15 capítulos, organizados em seis unidades. A unidade 1, composta de dois capítulos, propõe-se a investigar como pensamos, em diferentes matrizes. A unidade 2, com três capítulos, dedica-se a pensar o fenômeno humano. Os três capítulos da unidade 3 giram em torno da Ética, tendo como base a reflexão sobre nossas formas de agir. A unidade 4, composta de mais três capítulos, trata de nossos relacionamentos em sociedade e do fenômeno político. As duas últimas unidades são compostas de dois capítulos cada uma e dedicam-se à reflexão sobre os grandes problemas contemporâneos. A unidade 5 aborda questões epistemológicas e estéticas, como os limites éticos e políticos da ciência e os desafios políticos da arte. Já a unidade 6 trata dos impactos contemporâneos da política e da ética.

Propõe-se que o trabalho com Filosofia seja desenvolvido ao longo dos três anos do Ensino Médio. Logo, podem ser estudadas duas unidades por ano:

- **Primeiro ano:** introdução e unidades 1 e 2.
- **Segundo ano:** unidades 3 e 4.
- **Terceiro ano:** unidades 5 e 6.

Consideramos o período letivo previsto no calendário escolar anual nas propostas de organização do cronograma a seguir.

Proposta de organização	1º ano					
	1º semestre			2º semestre		
	1º trimestre		2º trimestre		3º trimestre	
	1º bimestre	2º bimestre		3º bimestre		4º bimestre
Conteúdos	Introdução	Unidade 1 Capítulo 1	Unidade 1 Capítulo 2	Unidade 2 Capítulo 3	Unidade 2 Capítulo 4	Unidade 2 Capítulo 5

Proposta de organização	2º ano				
	1º semestre		2º semestre		
	1º trimestre	2º trimestre		3º trimestre	
	1º bimestre	2º bimestre	3º bimestre		4º bimestre
Conteúdos	Unidade 3 Capítulo 6	Unidade 3 Capítulo 7	Unidade 3 Capítulo 8	Unidade 4 Capítulo 9	Unidade 4 Capítulo 10

Proposta de organização	3º ano				
	1º semestre			2º semestre	
	1º trimestre		2º trimestre		3º trimestre
	1º bimestre	2º bimestre		3º bimestre	4º bimestre
Conteúdos	Unidade 4 Capítulo 11	Unidade 5 Capítulo 12	Unidade 5 Capítulo 13	Unidade 6 Capítulo 14	Unidade 6 Capítulo 15

De acordo com a sugestão de cronograma, as semanas podem ser organizadas em bimestres, trimestres ou semestres, dependendo do número de aulas semanais e das diretrizes curriculares do estado ou município em que a escola está situada.

Essa distribuição foi pensada considerando os conteúdos e as atividades presentes em cada capítulo. No entanto, é crucial adaptar o cronograma à realidade dos estudantes, ajustando o tempo destinado a cada tópico conforme necessário e considerando a possibilidade de replanejamentos ao longo do ano letivo.

Além disso, pode ser necessário inverter a ordem dos capítulos e conteúdos, além das orientações específicas fornecidas para cada capítulo neste Manual. As sugestões para a organização do tempo e a distribuição do conteúdo são apenas orientativas. O professor deverá adaptá-las segundo a realidade da escola.

É importante ressaltar que o livro foi pensado para uma realidade nacional diversificada. Nem todas as escolas terão, em sua organização curricular, a possibilidade de abordar a totalidade dos conteúdos de Filosofia propostos. Nessas situações, escolha os capítulos que serão trabalhados para atingir seus objetivos, de acordo com o que a escola possibilita. Embora as unidades e os capítulos estejam interligados, eles podem ser trabalhados individualmente. Assim, alguns capítulos, ou mesmo unidades, podem ser omitidos, se necessário.

Orientações sobre introdução, unidades e capítulos da coleção

Introdução – Filosofia: O que é isso? (p. 10-27)

Objetivos do capítulo

- Introduzir o estudo da Filosofia, caracterizando essa forma de pensamento.
- Analisar as condições de emergência da Filosofia para compreender por que ela é afirmada como uma invenção grega.
- Compreender a caracterização da Filosofia como atividade de produção conceitual, que se dissemina na forma de textos de diferentes estilos.

Justificativas do capítulo

O texto da introdução trata a origem da filosofia de forma não linear e busca provocar o estudante a partir de comentários de séries e filmes. Posteriormente apresenta-se a discussão acerca da origem da filosofia e de como ela pode ser compreendida através da análise de conceitos.

Nesse sentido, é possível entrever uma posição defendida por Deleuze em uma conferência de 1987, intitulada "O que é um ato de criação?", em que o filósofo comenta, a partir do cinema, o tema da criação de conceitos ao comparar o trabalho filosófico ao trabalho do artista. A introdução deste livro não se aproxima de Deleuze somente porque se utiliza do cinema para sensibilizar os estudantes, mas também porque sua própria metodologia faz surgir "um ato de criação".

Com o intuito de fazer o estudante **perceber** o ato de criação, o texto busca apresentar algumas maneiras de compreender a filosofia a partir das discussões propostas por Aristóteles, Michel Foucault e Antonio Gramsci.

Ao incentivar o estudante a pensar a Filosofia, o texto faz funcionar seu mecanismo metodológico (apresentado no início deste manual), que trabalha a partir da sensibilização, problematização, investigação e conceituação. A discussão sobre a origem da filosofia interessa na medida em que problematiza um mapeamento geográfico que vem sendo superado pelas discussões mais atuais no meio acadêmico filosófico. Isto é, A Filosofia surgiu na Grécia? Do modo como a conhecemos hoje, sim. Contudo, já se consideram outras formas de pensar como filosofia.

Renato Noguera, professor e filósofo, defende que a filosofia grega é apenas um modo dentre muitos outros de fazer filosofia. Ele ainda alerta, a partir de Frantz Fanon e Nelson Maldonado-Torres, para uma leitura geopolítica onde estaria implícito o processo de colonização. Se a filosofia é um exercício, uma prática, e, em última instância, um ato de criação, por que limitar seu surgimento a apenas um ponto do mapa? A discussão acerca da origem da filosofia, tal como colocada pelo livro didático, pode levar à reflexão apresentada por Noguera. Incentivar a pergunta sobre a origem da filosofia já é, em si, um ato filosófico.

As discussões apresentadas pelos livros se relacionam com as habilidades e competências gerais e específicas da BNCC, na medida em que se propõem a analisar as discussões filosóficas ao longo do tempo, mesmo que de maneira não linear, levando em conta os processos políticos, econômicos, sociais, culturais e regionais. Além disso, ao discutir sobre a origem da filosofia possibilita a análise de diferentes narrativas, incorporando discussões cartográficas. A abordagem criativa do texto dá margem para que o estudante acesse novas informações e produza conhecimentos a partir do exercício do pensamento crítico e filosófico, que tem em vista um objetivo pedagógico que será desenvolvido ao longo de toda a obra. Ao final do capítulo, espera-se que o estudante seja capaz de responder à questão "O que é a filosofia?" de forma autônoma e filosófica.

Competências gerais:

1 a 6

Competência específica:

1

Habilidades:

EM13CHS101 e EM13CHS106

Temas contemporâneos transversais:

- **Ciência e Tecnologia:** Ciência e tecnologia
- **Multiculturalismo:** Diversidade cultural

Interdisciplinaridade:

História e Sociologia

Respostas

1. Ouça os relatos dos estudantes e incentive sua participação. Espera-se que aqueles que já tiveram aulas de Filosofia exponham a natureza reflexiva do componente.
2. Espera-se que os estudantes reflitam sobre comportamentos e pensamentos automatizados, para que percebam como essa ponderação em si é um exercício para sair do lugar-comum. Deve-se desenvolver essa reflexão com a turma e iniciar o debate sobre o tema proposto.
3. As respostas podem variar bastante. Faça a mediação do debate e ajude-os a perceber como essa conversa em si já pode ser um exercício de questionamento de si e do outro.

Filosofia: pensar e transformar o mundo (p. 12)

O título trabalha como a relação entre pensamento e conhecimento transformou a humanidade.

A Filosofia e o pensamento conceitual (p. 14)

Apresentação da Filosofia e do pensar filosófico.

Explicando o conceito (p. 14)

1. Os estudantes devem explicar que, segundo Aristóteles, o ser humano é dotado de linguagem, por isso é capaz de pensar.
2. Espera-se que os estudantes aprofundem a explicação anterior, reforçando os vínculos entre a linguagem e o pensamento.

A Filosofia e suas origens (p. 18)

Um breve resgate das origens da Filosofia Antiga.

Explicando o conceito (p. 19)

Independentemente de concordar ou não, espera-se que os estudantes sejam capazes de argumentar sobre sua posição e sustentá-la racionalmente. Caso julgue oportuno, organize os estudantes em grupos para incentivar o debate, valorizando o respeito e a diversidade durante as trocas. Um grupo poderia argumentar a favor e outro contra, utilizando conceitos filosóficos e científicos para embasar suas posições. Essa é uma excelente oportunidade para discutir como a ciência moderna aborda questões sobre a origem do universo e os elementos fundamentais, questionando se as teorias contemporâneas atuais poderiam ser vistas como o princípio universal que os antigos filósofos questionavam.

No detalhe (p. 20)

Espera-se que o estudante seja capaz de compreender que a Filosofia surgiu do contato com outras culturas mais antigas. Isso foi possível em razão do expansionismo comercial grego, que colonizou territórios da Ásia e da atual Itália, além no norte da África. O fato de as ideias desenvolvidas na periferia do mundo grego chegarem a Atenas, seu centro cultural, ganhando importância ainda maior, levou os historiadores a afirmarem que a Filosofia surgiu na Grécia.

Retome (p. 24)

1. **a)** No pensamento egípcio, a palavra *rekhet* significava "a busca pela verdade", enquanto a palavra de origem grega "filosofia" significava "amor pela sabedoria", implicando também uma atitude de buscar a verdade.

1. **b)** Tales de Mileto é indicado como o primeiro filósofo grego conhecido. Defendia a ideia de que haveria um elemento da natureza que teria dado origem a todos os outros e afirmava que esse elemento era a água.

2. **a)** As condições foram: uma cultura pluralista, proveniente de diferentes povos que formaram a Grécia e dos vários povos com os quais tiveram contatos comerciais; o estímulo ao pensamento próprio, que os

cidadãos eram livres para praticar, sem ter que seguir um rei ou um sacerdote; o gosto pela discussão e pela polêmica presentes na cultura grega.

2. b) A razão é que primeiro surgiu a prática de uma busca pela sabedoria, um gosto pelo conhecimento, e só depois as pessoas que exercitavam essa busca começaram a chamá-la de Filosofia.

3. Ao longo do tempo, os estilos foram variando: poesia, usada pelos primeiros filósofos; diálogo, usado por Platão; textos discursivos, na modernidade.

Filosofia e opinião (p. 25)

O título trabalha a diferença elementar entre Filosofia e opinião.

Galeria de atividades (p. 26-27)

Nesta seção, trabalha-se o que é a Filosofia, comparando o pensamento aristotélico com o construído pelos filósofos contemporâneos Gilles Deleuze e Félix Guattari. Para tanto, o estudante irá refletir sobre textos filosóficos em dupla, fará pesquisas e redigirá uma dissertação para prática da argumentação e consolidação dos conteúdos pesquisados.

Respostas

1. Semelhança: em ambos os casos, a Filosofia é vista como uma experiência do pensar, como um exercício da razão.

Diferenças: para Aristóteles, a Filosofia é prescritiva e sempre apresenta o julgamento correto. Para Deleuze e Guattari, a Filosofia é um exercício, uma busca constante, algo que se aprimora; assim, não se pode dizer que ela sempre apresenta um julgamento correto. Além disso, para os filósofos contemporâneos não compete à Filosofia fazer prescrições, mas buscar formas de compreender o mundo e a vida.

2. A resposta pode variar conforme a pesquisa de cada estudante.

3. Na avaliação da dissertação, é fundamental acompanhar a capacidade dos estudantes de argumentar e construir o pensamento corretamente, fazendo uso das informações trabalhadas em sala de aula. Também devem ser avaliados sua capacidade de organização das ideias e seu modo de escrita.

Sugestão de leitura

- NOGUERA, R. O tabu da filosofia. *Filosofia*, v. 1, p. 45-50, 2014.

O autor discute os problemas relacionados à afirmação de que a Filosofia teria surgido na Grécia articulando a questão às discussões acerca do racismo epistêmico e do processo de colonização.

Unidade 1 – Como pensamos? (p. 28-29)

Peça aos estudantes que observem a imagem com atenção e reflitam sobre as questões para elaborar as respostas.

Resposta

1. Espera-se que os estudantes percebam que há um jogo com a perspectiva da obra.

2. Espera-se que os estudantes compreendam que a imagem não está "errada", apesar de dar essa impressão em um primeiro momento. Incentive-os a entender que a expressão se propõe a uma formulação não tradicional, a uma maneira diferente de ver e representar a realidade.

3. Desenvolva com os estudantes a analogia da imagem com a Filosofia, já que as duas provocam estranheza. A Filosofia encara problemas e não se conforma com respostas prontas, sempre enfrentando as questões que nos inquietam.

Capítulo 1: Filosofia e outras formas de pensar

Objetivos do capítulo

- Problematizar as relações da Filosofia com outras formas de conhecimento.
- Apresentar e debater o senso comum.
- Descrever as principais características do conhecimento religioso.
- Investigar o mito e a mitologia como formas de explicação do mundo.
- Apresentar as filosofias africanas tradicionais e contemporâneas.
- Identificar os elementos filosóficos presentes no pensamento ameríndio brasileiro.

Justificativas do capítulo

O capítulo apresenta a relação da filosofia com outros saberes e suas respectivas diferenças. Iniciando-se na discussão sobre o senso comum, tema mais próximo do estudante, como uma estratégia de sensibilização, o texto procura delimitar a fronteira entre o pensamento filosófico e o senso comum.

O passo seguinte é apresentar a mitologia e seus contextos, presente em diversos povos e culturas. O texto se concentra principalmente na apresentação da mitologia grega e ameríndia, mostrando os elementos comuns que caracterizam o mito e diferenciando-o da Filosofia e do pensamento filosófico sistematizado.

Ainda no intuito de confrontar Filosofia e outros saberes, o capítulo propõe pensar como se relacionam mito, Filosofia e religião, apresentando, dessa vez, as especificidades da religião por meio dos rituais, da organização comunitária e da crença. Além disso, o texto trata de alguns conflitos religiosos que ocorreram ao longo da história para mostrar como foram influenciados por interesses políticos e econômicos.

Para dar conta de toda complexidade existente acerca da discussão religiosa, o livro lança mão de autores clássicos da Filosofia da Religião, como Santo Agostinho e Tomás de Aquino, ao mesmo tempo que apresenta autores antigos e medievais menos conhecidos do público geral, como Avicena, Averróis e Christine de Pisan.

Em seguida, o capítulo dá um salto metodológico no tempo e apresenta a percepção do pensamento africano acerca dos saberes ancestrais, que podem transitar pela mitologia e pela religião, assuntos de interesse do capítulo. Além de tratar dos saberes históricos de origem africana, o texto busca apresentar como o pensamento afrodiaspórico atua na contemporaneidade segundo autores estrangeiros e brasileiros, como Aimé Césaire, Frantz Fanon, Achile Mbembe, Oyèrónkè Oyewùmí, Lélia González e Sueli Carneiro.

Por fim, o capítulo encerra a discussão teórica apresentando o pensamento ameríndio, que vem sendo mais amplamente estudado nos últimos anos no cenário acadêmico e que transporta para o escopo filosófico a discussão sobre política ambiental atrelada à cosmovisão indígena, possibilitando aos estudantes uma discussão multidisciplinar e dialogal com disciplinas como Sociologia, História, Geografia e Biologia.

O percurso traçado pelo capítulo se alinha com a proposta da obra como um todo por meio de sua metodologia de ensino de Filosofia, que não traça uma linha temporal apresentando a história da Filosofia, mas possibilita ao estudante analisar e comparar narrativas diversas que se expressam por linguagens variadas e que visam a compreensão de eventos históricos, políticos, sociais e filosóficos, como preconizam as habilidades da BNCC que fundamentam o capítulo. Além disso, a abordagem do texto valoriza a diversidade de assuntos, possibilitando ao estudante a elaboração de hipóteses acerca do processo de sistematização filosófico que influencia processos políticos, sociais, econômicos e culturais, como é possível observar nas discussões acerca da mitologia (seja ela grega, africana ou ameríndia) e da religião.

Ao longo de todo o caminho traçado na discussão sobre Filosofia e outros saberes, o texto busca, mais uma vez, fazer aparecer "o ato de criação". Para o professor, o trabalho com o conteúdo do capítulo permite não só trabalhar com os temas apresentados, como também refletir sobre sua própria prática de ensino de Filosofia, que apresenta inúmeras possibilidades, dentre elas perceber a Filosofia não só como uma disciplina, mas também como uma experiência.

Competências gerais:

1, 2 e 6

Competências específicas:

1, 2 e 5

Habilidades:

EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS202 e EM13CHS504

Temas contemporâneos transversais:

- **Ciência e Tecnologia:** Ciência e tecnologia
- **Multiculturalismo:** Diversidade cultural
- **Multiculturalismo:** Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras

Interdisciplinaridade:

História e Sociologia

Filosofia e outras formas de pensar (p. 30)

Ao apresentar as relações da Filosofia com outros tipos de conhecimento, bem como as linhas gerais do pensamento africano e do pensamento ameríndio, espera-se que os estudantes ampliem seu repertório e suas possibilidades de praticar um conhecimento crítico e criativo, além de desenvolverem a capacidade de argumentação e de reconhecerem a diversidade de culturas e epistemologias.

O trabalho com o capítulo pode ser iniciado por meio de um diálogo com os estudantes sobre seus conhecimentos. Nesse momento, é importante conhecer um pouco sobre a origem deles e identificar suas bases. Ao considerar as respostas, será possível definir os conteúdos que serão enfatizados em cada parte do capítulo, que são relacionados ao senso comum, à mitologia e à religião.

É interessante apresentar aos estudantes um texto com uma narrativa mitológica. Pode ser uma lenda brasileira conhecida na região em que eles moram ou narrativas de outras tradições, como a grega ou a nórdica, que costumam despertar o interesse dos adolescentes. Utilize o texto escolhido para debater e problematizar as explicações míticas do mundo. Essa também é uma oportunidade para incentivar o estudo das tradições não hegemônicas que são apresentadas na última parte do capítulo, ou seja, os pensamentos africano e ameríndio.

Senso comum (p. 31)

Procure explorar ao máximo, no diálogo com os estudantes, as diferenças entre mito, senso comum, religião e filosofia, assim como as intersecções entre esses conhecimentos, que se atravessam e, muitas vezes, se influenciam mutuamente.

Evidencie o fato de que o senso comum está presente no cotidiano e que, em alguns casos, contribui para a coesão social ao promover normas e valores compartilhados. No entanto, é importante ressaltar que, em diversos casos,

esse tipo de conhecimento não é baseado em evidências científicas ou raciocínio crítico, o que pode levar a conclusões errôneas ou preconceituosas. Reforce que integrar o senso comum com abordagens científicas e analíticas pode ajudar a formar uma visão mais equilibrada e informada da realidade.

Mitologia (p. 33)

Enfatize a diferença entre as explicações mitológicas e as científicas, destacando o papel dos seres sobrenaturais em diversas tradições e a influência desses elementos no cotidiano dos povos antigos, como os gregos.

Se for possível, assista com os estudantes ao filme *Os agentes do destino*, inspirado em um conto de Philip K. Dick, que apresenta a seguinte questão: "somos livres para conduzir nossa vida?". Esse filme pode ser utilizado para debater o impacto do senso comum em nossa vida cotidiana e a importância do destino na mitologia grega e em outras mitologias.

Explicando o conceito (p. 34)

Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que o mito é uma narrativa imaginária porque está ligado a uma crença ou a algo que realmente aconteceu, que é transformado em história e passa a ser narrado aos outros para que essa crença ou acontecimento permaneça na memória das pessoas.

No detalhe (p. 35)

Para explorar a mitologia africana, escolha alguns mitos presentes na obra *Mitologia dos Orixás* para trabalhar em sala de aula, apontando as semelhanças e diferenças com o mito amazônico. Além disso, também é possível discutir os conflitos presentes no Brasil oriundos da intolerância religiosa.

Sugestão de leitura

- PRANDI, R. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

O livro reúne uma coleção de 301 relatos mitológicos da religião dos orixás e narra episódios que envolvem divindades, como Exu, Ogum, Iemanjá e Iansã. Na tradição Iorubá, é por meio do mito que se volta ao passado, interpreta o presente e prenuncia o futuro.

Assim falou (p. 36)

Introduza Platão como um dos filósofos mais influentes da Grécia antiga e explique brevemente o diálogo *O Banquete*, no qual diferentes personagens discutem o conceito de amor (Eros). Converse sobre expressões como "finalidade do amor", "verdadeiro amado" e "primitiva natureza", e sobre as definições apresentadas por Platão no contexto do diálogo.

Pergunte aos estudantes o que Platão quer dizer com a ideia de que a felicidade está ligada ao amor e à "primitiva natureza" e questione: como essa visão se relaciona com a noção moderna de felicidade? Em seguida, explore a ideia do filósofo de que encontrar um "verdadeiro amado" é essencial para a realização pessoal e pergunte: como isso se compara com diferentes concepções de amor na cultura contemporânea?

Religião (p. 37)

Ressalte a proximidade entre mitologia e religião, destacando que, embora ambas compartilhem semelhanças, como a tentativa de explicar a natureza e o sentido da vida, elas têm diferenças fundamentais. A religião é um sistema organizado de crenças que geralmente está codificado em textos sagrados ou tradições orais, considerados revelações divinas.

Mencione os conflitos religiosos, originados pela intolerância religiosa, caracterizada pelo não entendimento/aceitação de uma religiosidade diferente. Explique que, atualmente, há conflitos religiosos em todo o mundo e que um dos mais evidentes ocorre no Oriente Médio.

No Brasil, que apresenta uma rica diversidade cultural e religiosa, também há uma série de conflitos religiosos que refletem tanto tensões históricas quanto novas dinâmicas sociais. Ressalte que, apesar de existirem leis que garantem a liberdade religiosa, casos de intolerância ainda são frequentes. É interessante, neste momento, mencionar que o respeito mútuo é crucial para minimizar os conflitos e fomentar um ambiente de tolerância e inclusão.

Pensamento africano (p. 42)

Ressalte que o pensamento afrodiaspórico contribui para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais contemporâneas e oferece perspectivas valiosas sobre questões de justiça social, identidade e resistência. Em seguida, fale sobre a importância das epistemologias afrodescendentes, que desafiam as perspectivas dominantes e oferecem visões alternativas sobre o conhecimento e a realidade.

Pensamento ameríndio (p. 44)

Reforce a importância de uma abordagem respeitosa ao estudar o pensamento ameríndio. Encoraje os estudantes a reconhecer e valorizar a diversidade de perspectivas que os povos indígenas oferecem e a refletir sobre como essas perspectivas podem contribuir para a compreensão e a solução de desafios globais.

Mundo do trabalho (p. 46)

A seção "Mundo do trabalho" explora a construção de uma mitologia contemporânea na obra literária de J. R. R. Tolkien. Procure explorar com os estudantes aspectos dessa obra, que também foi transformada nos filmes das

trilogias *O Senhor dos anéis* e *O hobbit*. Se for possível, trabalhe alguma cena ou um conjunto de cenas em sala de aula ou peça aos estudantes que assistam às cenas indicadas em casa, para adentrar nesse universo mitológico. As atividades propostas visam aprofundar o conhecimento dos estudantes, mas, sobretudo, apresentar a atividade profissional do filósofo em nosso tempo, confrontando-a com o saber mítico. Procure discutir essa questão durante a realização das atividades.

Respostas

1. A obra do escritor cria um universo povoado por seres com linguagem e cultura próprias. Baseia-se nas narrativas míticas antigas e apresenta, simultaneamente, algo totalmente diferente, que vira uma tradição ao ser passado às gerações seguintes. Para aproximar o estudante do mundo criado por Tolkien, é possível partir da exibição de trechos dos filmes ou da leitura de trechos do livro em que ficam evidentes as características mitológicas da obra.
2. A Filosofia busca compreender a realidade e desenvolver um pensamento crítico sobre questões fundamentais, como a existência, a moral, a mente, o conhecimento e a sociedade. Para tanto, utiliza metodologias analíticas e críticas ao abordar temas como ética, política, epistemologia (teoria do conhecimento), metafísica (natureza da realidade) e estética (também chamada Filosofia da Arte; significa percepção pelos sentidos). O impacto da Filosofia é muitas vezes acadêmico e teórico, influenciando o pensamento e as teorias em diversas áreas, como ciência, política e ética. A Literatura, por outro lado, tem um enfoque mais estético e expressivo, e utiliza a linguagem para explorar emoções, experiências humanas e a complexidade da vida. Muitas vezes, a intenção é suscitar reflexões, mas a Filosofia também pode entreter, emocionar e conectar-se com o leitor de maneiras diversas. Embora a Literatura também possa abordar temas filosóficos, ela foca aspectos da experiência humana, como amor, solidão, identidade, sociedade e cultura, e os temas são frequentemente explorados por meio de personagens e narrativas. Embora literatura e filosofia sejam dois registros distintos, é possível aproximar os dois saberes. Após discutir com os estudantes as diferenças entre eles, estimule um debate acerca de suas compatibilidades com base no que foi discutido na primeira questão: se Tolkien criou um mundo mitológico, como é possível pensar essa literatura desvinculada da filosofia?
3. A profissão do filósofo hoje é dinâmica e adaptável, respondendo a desafios contemporâneos e buscando promover o pensamento crítico em diversas áreas. Embora enfrente desafios, o filósofo se mantém relevante ao refletir sobre questões complexas e buscar uma compreensão mais profunda da condição humana. Estimule a discussão acerca da profissão do filósofo apresentando sua própria experiência como filósofo e professor.
4. Espera-se que os estudantes demonstrem entendimento da função questionadora da Filosofia e como ela propõe olhares diferentes para situações e/ou crenças consolidadas. Estimule-os a refletir sobre o desafio de expandir a Filosofia para além dos ambientes acadêmicos, popularizando reflexões e questionamentos importantes para a vida em sociedade. Aproveite a questão para perguntar aos estudantes qual a relação deles com a filosofia e se e/ou como as aulas de filosofia influenciaram sua visão de mundo. Para explorar melhor o tema e aprofundar a discussão, você pode consultar as sugestões bibliográficas inseridas na justificativa deste capítulo.

Trabalhando com letra de música (p. 47)

Os trechos da canção "Eu nasci há dez mil anos atrás", de Raul Seixas, foram reproduzidos para problematizar o senso comum. Ouça a canção com os estudantes ou peça-lhes que ouçam em casa, para tornar a atividade mais prazerosa.

Atividade complementar

Organize visitas a igrejas de diferentes religiões, ou solicite aos estudantes que façam pesquisas, especialmente daquelas que os estudantes não conhecem, e analise coletivamente (com a participação dos estudantes) as experiências ou dados pesquisados para identificar os principais traços do fenômeno religioso.

Entrevista de David Kopenawa à revista *National Geographic*. Disponível em: https://tedit.net/p5glfb. Acesso em: 19 ago. 2024.

Vídeo "O Mundo de Joelhos – Achille Mbembe entrevistado por Iman Rappeti". Disponível em: https://tedit.net/eitunn. Acesso em: 19 ago. 2024.

Galeria de atividades (p. 48-49)

Nessa seção, há uma atividade de pesquisa em grupo, centrada em um mito grego, em que os estudantes deverão interpretá-lo, bem como refletir e escrever sobre ele; e uma proposta de realização de uma dissertação de natureza filosófica, em que os estudantes terão a oportunidade de exercitar as habilidades de reflexão e escrita argumentativa.

Respostas

1. Essa atividade depende de escolhas e pesquisas a serem feitas pelos estudantes. É importante verificar a capacidade do estudante de reelaborar o material pesquisado, construindo uma reflexão própria sobre

ele. Caso julgue necessário, peça aos estudantes que analisem o mito escolhido em profundidade, compreendendo seu significado original e os valores transmitidos, e refletindo sobre como ele abordava questões fundamentais sobre a existência, a moralidade, e o sentido da vida no contexto cultural e filosófico da época. Incentive-os a considerar como a nova versão do mito pode oferecer uma compreensão mais profunda dos desafios filosóficos atuais, mostrando a atemporalidade e a relevância dessas questões.

2. Sugere-se centrar a avaliação da dissertação na capacidade de argumentação e na redação do estudante. Caso julgue necessário, oriente-os a refletir sobre como a Filosofia se relaciona com a forma de pensamento escolhida. Por exemplo: existem pontos de convergência, como a busca por sentido e explicações sobre o mundo? Ou há divergências, como o método filosófico baseado na razão em contraste com outras abordagens mais intuitivas ou tradicionais? Auxilie os estudantes a considerar a validade dos argumentos e a profundidade das explicações. Caso se proponha a leitura dos textos indicados, deve-se verificar se o estudante teve dúvidas em sua compreensão.

A dissertação filosófica pode ser utilizada como avaliação global do capítulo. Avalie a capacidade dos estudantes de construir uma argumentação.

Sugestões de leitura

- ARAÚJO, R. *Filosofia entre os ameríndios brasileiros*: em meio ao plausível e ao justificável. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2023.

Nesse livro, o autor aborda a filosofia produzida pelos povos indígenas no Brasil e mapeia a obra de três intelectuais da atualidade: Davi Kopenawa, Ailton Krenak e Daniel Munduruku.

- BARBOSA, M. S. *A razão africana:* breve história do pensamento africano contemporâneo. São Paulo: Todavia, 2020.

Essa obra é indispensável para uma visão decolonial do mundo, pois apresenta os principais pensadores africanos contemporâneos.

- BARTHES, R. *Mitologias*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Nessa obra, o filósofo e literato francês faz uma discussão muito interessante sobre o que poderíamos chamar de mitologias contemporâneas, em um conjunto de textos escritos para o grande público.

- HUXLEY, A. *A filosofia perene*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2020.

Um estudo sobre o fenômeno religioso escrito pelo célebre escritor inglês, também autor do famoso livro *Admirável mundo novo*.

- KOHAN, W. *Ensino de filosofia*: Perspectiva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

O autor trata da prática de ensino de Filosofia com o intuito de transformá-lo por meio da experiência de leituras filosóficas.

- LOPES, N.; SIMAS, L. A. *Filosofias africanas:* uma introdução. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

Esse livro é fundamental para conhecer um pouco do pensamento tradicional africano, em sua multiplicidade de culturas e línguas, ao apresentar temas e perspectivas marcantes.

- MARCONDES, D. Ensino de Filosofia: uma tarefa impossível? *O que nos faz pensar*, v. 28, n. 44, p. 1-15, 2019. Disponível em: https://tedit.net/77jaqi. Acesso em: 5 out. 2024.

O artigo trata dos desafios relacionados ao ensino de Filosofia e a possibilidade de alternativas à eles.

- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. São Paulo: Edusp, 2014.

Obra fundamental no campo dos estudos pós-coloniais e da teoria crítica, explora a condição do negro na era moderna e o modo como a racialização influencia a experiência e a subjetividade dos indivíduos.

- VERNANT, J. P. *Mito & pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

Uma das obras mais importantes do célebre helenista francês, em que ele mostra a importância do mito para o pensamento grego antigo.

Capítulo 2: A Ciência e a Arte

Objetivos do capítulo

- Apresentar as relações da ciência e da arte com a Filosofia.
- Descrever as relações entre a arte e a ciência.
- Explorar a história do pensamento científico, com ênfase na ciência moderna.
- Inventariar as características atuais do método científico e da ciência.
- Analisar a arte como atividade criativa e humana.

Justificativas do capítulo

O capítulo aborda a ciência e a arte como atividades criativas do pensamento, podendo ser articuladas à Filosofia. De partida, o capítulo evidencia as relações existentes entre ciência e arte, indicando, por exemplo, a influência da matemática na obra de Leonardo da Vinci.

Em seguida, o texto mostra de que maneira o pensamento acerca da natureza foi sendo sistematizado ao longo do tempo a partir da observação, apresentando autores canônicos da filosofia e da teoria do conhecimento como, por exemplo, os filósofos pré-socráticos, Leucipo, Pitágoras e o moderno Galileu Galilei.

Ao apresentar a ciência moderna, o texto recorre à explicação do método cartesiano para provocar os estudantes acerca do erro dos sentidos, elemento fundamental

na filosofia de René Descartes, que inaugura o racionalismo. Em oposição ao pensamento racionalista, o capítulo apresenta dois importantes filósofos empiristas, Thomas Hobbes e Francis Bacon, que se fundamentam na experiência para ter acesso ao conhecimento.

Completando a "tríade" da ciência moderna, o capítulo apresenta dois filósofos que podem ser chamados de criticistas: John Locke e Immanuel Kant, que aprofundam a crítica empirista contra o racionalismo de Descartes, mas também propõem um novo modo de pensar o conhecimento levando em conta o sujeito.

Após abordar de maneira clássica a ciência moderna a partir do trio racionalismo, empirismo e criticismo e pensar as discussões mais recentes da ciência a partir da teoria de Paul Feyerabend, o capítulo se encaminha para a discussão acerca da arte colocando o ser humano como criador. Nesta linha, a partir da teoria de Ernst Cassirer, o texto incentiva o estudante a pensar de forma crítica e criativa as ambiguidades e complexidades dos conceitos, tal como preconiza a BNCC. Além disso, os temas possibilitam que os estudantes desenvolvam as competências relacionadas à reflexão sobre registros distintos.

Ainda no registro no ato de criação, o capítulo comenta *O nascimento da tragédia* de Friedrich Nietzsche para introduzir a discussão acerca do belo, tema recorrente da filosofia grega. Para finalizar o capítulo, o texto comenta a relação entre arte e criação tal como pensada por Gilles Deleuze e Félix Guattari. A atividade final do capítulo permite extrapolar as fronteiras da discussão do capítulo ao comentar a relação existente entre arte e tecnologia.

Competências gerais:

1, 2 e 5

Competências específicas:

1 e 2

Habilidades:

EM13CHS101, EM13CHS105, EM13CHS106 e EM13CHS206

Temas contemporâneos transversais:

- **Ciência e Tecnologia:** Ciência e tecnologia
- **Multiculturalismo:** Diversidade cultural

Interdisciplinaridade:

Física, Química, Biologia e Arte

A ciência e a arte (p. 50)

Neste capítulo, a ciência e a arte são abordadas como atividades criativas do pensamento, e mostradas como parceiras da Filosofia, não como antagonistas, complementando os assuntos discutidos no capítulo anterior. Os temas possibilitam que os estudantes desenvolvam as competências relacionadas à reflexão sobre registros distintos, assim como as habilidades de crítica, argumentação e criação.

Arte na ciência e ciência na arte (p. 51)

Sugere-se iniciar o trabalho do capítulo com a canção "Quanta", de Gilberto Gil, do CD de mesmo nome, de 1997. Após ouvir a canção, pode-se analisar a letra reproduzida no capítulo e explorar as relações entre arte e ciência, mostrando que ambas são atividades criativas que se inspiram uma na outra. É possível utilizar outras músicas desse álbum para ampliar esse momento de sensibilização dos estudantes para o tema do capítulo.

Em seguida, explore a litografia *Relatividade*, de Escher, assim como outras obras do artista, que são exemplos interessantes da relação entre arte e ciência.

Um dos resultados possíveis oriundos da pesquisa feita pelos estudantes pode fazer aparecer a digital aplicada ao *videogame*. Caso isso ocorra, após a conclusão da atividade, aproveite o momento para acrescentar uma nova camada à discussão: jogos de *videogame* podem ser considerados arte? O que faz com que um jogo seja considerado arte? Converse com os estudantes sobre cores, formas e escalas. Como a trilha sonora de um jogo conduz as sensações do jogador? Como essas características se articulam com a discussão sobre arte travada ao longo do capítulo?

O pensamento científico (p. 52)

Assista com os estudantes ao filme *Alexandria*, que narra a história de Hipátia (355-415), uma das poucas mulheres de sua época que puderam se dedicar à Filosofia. Cientista e filósofa, Hipátia ensinava na Biblioteca de Alexandria e foi vítima de intolerância religiosa. Esse filme pode mobilizar o debate e antecipar alguns dos temas que serão tratados no capítulo 6, sobre ética e valores, no qual a obra também é citada.

A busca pelo método: Descartes e o racionalismo (p. 56)

Explique o conceito de **dúvida metódica**, em que Descartes duvida de tudo que pode ser colocado em dúvida para encontrar uma base sólida e indubitável para o conhecimento. Para isso, utilize o famoso princípio "Penso, logo existo" como ponto de partida e explore como Descartes aplica o método dedutivo para construir conhecimentos com base em princípios claros e distintos.

No detalhe (p. 58)

A dúvida metódica é um procedimento filosófico que busca a certeza absoluta. Consiste em duvidar sistematicamente de todas as crenças e conhecimentos que não sejam absolutamente indubitáveis. O objetivo é identificar fundamentos seguros e inquestionáveis para o conhecimento.

Sugestão de filme

- ROSSELLINI, R. *Cartesius*. Itália: Radiotelevisione Italiana (RAI), 1974.

Filme biográfico sobre René Descartes.

Os empiristas e a ciência moderna (p. 59)

Introduza o método científico como uma abordagem sistemática e empírica que pode ser empregada para investigar fenômenos, adquirir novos conhecimentos ou corrigir e integrar conhecimentos anteriores. Em seguida, enfatize que as teorias científicas são formuladas com base em evidências acumuladas e podem ser ajustadas ou refutadas com novas evidências.

Ciência: do método às teorias (p. 61)

Auxilie os estudantes a entender como o método científico é utilizado para desenvolver e validar teorias científicas e sua importância na produção de conhecimento confiável. Aproveite o momento para explorar exemplos históricos em que o método científico foi aplicado para desenvolver teorias importantes, como a teoria da relatividade de Einstein ou a teoria da evolução de Darwin. Por fim, para contextualizar o assunto, peça aos estudantes que reflitam sobre como o método científico pode ser aplicado nas áreas em que eles têm interesse ou em problemas cotidianos.

Trabalhando com Lógica (p. 62)

Resposta: Todos os habitantes que têm olhos azuis vão abandonar a ilha. Se apenas um tivesse olhos azuis, ele saberia, pois veria que todos os outros 99 habitantes têm olhos castanhos. Caso dois habitantes tivessem olhos azuis, o primeiro (**A**) poderia pensar que o viajante se referia ao segundo (**B**) e que há apenas um com olhos azuis, e **B** pensaria o mesmo em relação a **A**. No entanto, quando um deles observar que o outro não deixou a ilha no dia seguinte, deduzirá que também tem olhos azuis, de modo que os dois teriam de partir no dia seguinte. O mesmo aconteceria caso fossem três os habitantes com olhos azuis, uma vez que **A** veria que **B** e **C** não deixaram a ilha e descobriria, portanto, que ele também tem olhos dessa cor. Segue-se assim até que todos os habitantes com olhos azuis precisam sair da ilha, sejam quantos forem.

Assim falou (p. 63)

Ressalte que Feyerabend critica a ideia de um método científico universal e defende a diversidade de métodos e teorias, bem como acredita que a história do pensamento e fatores políticos podem influenciar e aperfeiçoar o conhecimento científico.

Arte: o ser humano como criador (p. 64)

Discuta exemplos de obras de arte que, na opinião dos estudantes, revelam novas perspectivas sobre a realidade. Para isso, proponha a seguinte pergunta: como essas obras ampliam a nossa percepção do mundo?

Assim falou (p. 64)

Analise como Cassirer vê a obra do artista como um meio de revelar e concretizar infinitas possibilidades, trazendo à luz novas realidades e formas. Depois, discuta a noção de que a experiência estética é mais rica e apresenta possibilidades que não estão presentes na percepção sensorial comum.

No detalhe (p. 64)

Espera-se que os estudantes mencionem exemplos para aprofundar a compreensão da importância da arte em nossa vida. Pode ser oportuno auxiliar os estudantes na apreensão da obra, incentivando-os a refletir sobre suas sensações pessoais ao observá-la. Evidencie as expressões emocionais e técnicas, como as cores predominantes e os padrões na pintura, para explorar suas reações sem forçar uma interpretação específica. Isso ajudará a trabalhar de maneira adequada com os estudantes um contexto histórico sensível.

Explicando o conceito (p. 65)

1. Espera-se que os estudantes sejam capazes de compreender que o apolíneo representa a ordem e a beleza e que o dionisíaco refere-se à força apaixonada que impulsiona a criação.
2. As duas forças são necessárias porque, se apenas uma delas estiver presente, haverá um desequilíbrio. A força dionisíaca impulsiona a criação, mas se perderá se não for contida pela racionalidade apolínea. Por outro lado, se tivermos apenas a racionalidade, não conseguiremos criar, justamente porque faltará o impulso criativo.
3. Segundo Nietzsche, quando assistimos a um espetáculo de teatro, por exemplo, o desenrolar da história nos faz pensar sobre nós mesmos, colocando-nos no lugar dos personagens. Isso também acontece quando lemos um livro ou assistimos a um filme.

Mundo digital (p. 67)

Esta seção incentiva os estudantes a pesquisar o uso de Inteligência Artificial (produto científico) para a produção de imagens, textos e sons e a debater se o produto da IA pode ser considerado arte. É importante nesta atividade dar protagonismo aos estudantes, mas estar disponível para assessorá-los segundo suas necessidades.

Sugestão de leitura

- FERREIRA, L. S. R.; FORTE, C. As obras de arte digitais: Um estudo dos jogos digitais do gênero art games. *REVEL: Revista de Estudos Lúdicos*, n. 1, 2019. Disponível em: https://tedit.net/88bxgv. Acesso em: 5 out. 2024.

O artigo faz uma breve reflexão sobre os jogos eletrônicos, que eram tidos como uma forma de entretenimento, e agora também almejam impressionar os jogadores com seus atributos artísticos.

Trabalhando com obra de arte (p. 68)

Em "Trabalhando com obra de arte", é proposta uma atividade prática com a obra do pintor J. Pollock em que os estudantes vão criar uma pintura inspirados no método de trabalho do artista. É importante trabalhar em conjunto com o/a professor/a de Arte, de modo a tornar viável a atividade.

Atividade complementar

Caso seja viável, seria interessante fazer uma visita a um museu para observar obras de arte. Do mesmo modo, a visita a um laboratório de pesquisas científicas e uma conversa com os pesquisadores ajudariam a fixar os conteúdos do capítulo.

Vídeo do *Café Filosófico* "A arte tem o dever de retratar a realidade?": Disponível em: https://tedit.net/zn5ntg. Acesso em: 19 ago. 2024.

Vídeo com o físico Marcelo Gleizer "Pense como cientista". Disponível em: https://tedit.net/pf4fvb. Acesso em: 19 ago. 2024.

Galeria de atividades (p. 69-71)

Uma das atividades propostas nessa seção é um trabalho de pesquisa individual e em grupo. A outra atividade propõe aos estudantes a produção de uma dissertação filosófica, baseada em um texto de Lévi-Strauss e nas informações do capítulo, e pode ser utilizada como estratégia de avaliação.

Respostas

1. Se compreendemos por Ciência o conhecimento produzido por meio do método científico, é evidente que ela não existia na Antiguidade. Mas, se usarmos o termo "Ciência" de forma ampla, significando um conhecimento sistematizado, e não apenas especulativo, é possível falar em Ciência antiga. Como exemplos, podemos citar: os conhecimentos práticos de Matemática que os egípcios possuíam, assim como sua formulação em teorias pelos gregos, como foi o caso do teorema de Pitágoras ou do teorema de Tales; e os conhecimentos astronômicos, que eram bastante avançados nas culturas antigas e permitiram a elaboração de teorias sobre o mundo.
2. A ciência moderna só pode ser compreendida por meio dos polos sujeito e objeto. Só há conhecimento porque há um sujeito que conhece e um objeto que é conhecido. Com base no método, sujeito e objeto se relacionam a fim de produzir conhecimento verdadeiro.
3. A Arte é importante porque por meio dela exercitamos aquilo que é propriamente humano no ser: a faculdade criativa. Somos humanos porque somos capazes de criar, e essa faculdade é mais explorada no universo artístico, de forma que, quanto mais nos dedicamos à Arte – qualquer que seja –, mais nos humanizamos pelo exercício da criação.
4. O objetivo dessa atividade é aproximar os estudantes das revistas de divulgação científica, como *Pesquisa Fapesp*, *Galileu*, *Superinteressante*, *Scientific American Brasil*, entre outras. Sugere-se avaliar nessa atividade a capacidade dos estudantes de identificar nos textos escolhidos as questões relativas ao método científico.
5. Sugere-se centrar a avaliação da dissertação na capacidade de argumentação e na redação do estudante.

Debate plural (p. 72-75)

Para concluir a primeira unidade, a seção apresenta um conjunto de textos escritos por filósofos. Os textos podem ser lidos em sala de aula, para que os estudantes expressem suas dúvidas e estabeleçam um debate confrontando os textos. Alternativamente, caso seja necessário otimizar o tempo, pode-se pedir a eles que leiam os textos em casa e tragam suas dúvidas anotadas para serem discutidas em sala.

O primeiro conjunto de textos traz duas posições diferentes sobre a compreensão da Filosofia. O segundo traz um texto sobre ciência e outro sobre arte.

As atividades desta seção têm como objetivo promover o desenvolvimento da argumentação e a reflexão sobre temas contemporâneos. Elas são baseadas na análise de textos, com o intuito explícito de desenvolver no estudante a capacidade de identificar e superar fragilidades argumentativas. Oriente os estudantes a identificar, nesses textos, problemas como incoerências internas, digressões, carências de dados, uso de informações não confiáveis, generalizações indevidas, entre outros possíveis. Caso os estudantes encontrem dificuldades nas primeiras ocorrências, ofereça ajuda: destaque os trechos do texto que apresentam problemas e explique os motivos que os tornam inconsistentes do ponto de vista argumentativo e científico.

Filosofar é preciso? (p. 72-73)

Respostas

1. **a)** Para Aristóteles, a Filosofia é uma atividade própria do ser humano, que é um ser racional, por ser uma das formas de uso da razão. Filosofar,

portanto, é exercitar a faculdade racional própria dos humanos; quanto mais filosofa, mais humana uma pessoa se torna.

1. b) O texto afirma que a Filosofia nos torna mais humanos e que é a única ciência capaz de contemplar o bem e usar a razão em sua totalidade; por isso, ela é a sabedoria mais completa e deve ser praticada. Caso julgue necessário, explique aos os estudantes que, para Aristóteles, o "bem" é o propósito das ações humanas, o objetivo final que se busca alcançar. Nesse sentido, a Filosofia seria a ciência capaz de ter a visão mais completa do que seria esse "bem".

1. c) A Filosofia é a ciência mais completa porque é a única capaz de articular, em uma mesma resposta, o uso da razão e a contemplação do bem. Algumas ciências, segundo Aristóteles, produzem as comodidades da vida; outras usam essas ciências para produzir novos saberes. Além disso, algumas ciências são úteis para nós, enquanto outras são capazes de nos dizer o que fazer. A Filosofia é a única ciência capaz de fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

2. a) A Filosofia consiste na criação de conceitos que nos ajudam a compreender o mundo e a vida.

2. b) O filósofo é aquele que pensa e que, pensando, produz conceitos que nos ajudam a pensar. Por ser o "amigo do conceito", o filósofo tem a potência e a competência para a criação de conceitos.

2. c) Essa afirmação significa que os conceitos não estão prontos, é necessário formulá-los por meio do pensamento; eles precisam ser criados por nós.

2. d) Porque, quando confiamos demasiadamente nos conceitos, eles não nos fazem pensar. Precisamos desconfiar deles, examiná-los com calma e profundidade, para garantir que são confiáveis. Assim, torna-se possível recriá-los e alimentar a atividade de criação dos conceitos. Com isso, exercitamos o pensamento.

2. e) Sim, pois, quando não aceitamos as opiniões, desconfiamos delas e buscamos bases mais sólidas para o pensamento. Se confiássemos nos conceitos, eles seriam semelhantes a opiniões, e não algo que nos faz pensar cada vez mais e melhor.

3. Sugerimos orientar os estudantes na organização do debate e no uso da argumentação para sustentar cada uma das posições.

Ciência e Arte na vida humana (p. 74-75)

Respostas

1. a) Bachelard apresenta uma metáfora ao afirmar que ninguém começa a se dedicar à ciência com um espírito jovem. Com isso, quer dizer que o cientista, como qualquer um, traz já em seu espírito um conjunto de ideias e de opiniões que foram se cristalizando ao longo do tempo. Como o essencial da "atitude científica" é colocar em questão tudo o que já se sabe, buscar o conhecimento científico significa rejuvenescer o espírito.

1. b) Porque não há conhecimento científico sem uma pergunta. A faculdade de perguntar, de propor problemas, é, então, central para a produção do conhecimento científico. Ela é o passo inicial para a construção de qualquer conhecimento no campo da ciência.

2. a) Para Nietzsche, a ciência é um conhecimento que faz com que os seres humanos se tornem demasiadamente "sérios" e compenetrados. Ela nos faz seres de certezas, o que nos torna pesados, incapazes de agir de forma leve e descompromissada. A arte, com seu potencial de criação, nos permite essa leveza e esse "descompromisso". E é nesse sentido que ela nos consente um distanciamento de nós mesmos, como esse ser pesado e sério da ciência. Assim, o exercício da arte possibilita um descanso da seriedade e do peso da verdade científica.

2. b) Um espírito livre, para Nietzsche, é aquele capaz de pensar e de criar por si mesmo, construindo a própria vida.

3. Espera-se que os estudantes sejam capazes de produzir um pequeno texto, como resultado da própria reflexão sobre os dois textos lidos. Ambos os textos mencionam a saída da ingenuidade. No primeiro, como superação do senso comum por meio da construção do conhecimento científico; e, no segundo, há a menção à arte como uma maneira de ver a vida com mais leveza e diversão.

A dissertação filosófica pode ser utilizada como avaliação global do capítulo. Avalie em que medida os estudantes foram capazes de se apropriar do texto citado para construir e defender as próprias ideias.

Sugestões de leitura

- BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

Nessa obra, o epistemólogo francês faz uma interessante análise do que denomina "espírito científico" e de seu processo de formação.

- FOUREZ, G. *A construção das ciências*: introdução à Filosofia e à ética das ciências. São Paulo: Ed. da Unesp, 2003.

A obra apresenta uma análise filosófica dos processos históricos e sociais que possibilitaram a construção do conhecimento científico e uma discussão ética sobre a ciência.

- NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

Essa obra de Nietzsche é essencial para a compreensão da importância da arte na vida humana e para a construção de um conhecimento mais leve.

Unidade 2 – O que somos? (p. 76-77)

Peça aos estudantes que observem a imagem da abertura com atenção e reflitam sobre as questões propostas para elaborar as respostas.

Resposta

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes articulem seus argumentos de forma coerente, sustentando suas opiniões de maneira racional.
2. Respostas pessoais. Em geral, as características que aprendemos pela Biologia são sobre o corpo humano e seu funcionamento. Elas são importantes, mas sozinhas não nos explicam o que é o humano, uma vez que ele é composto de muitas dimensões, além da corporal (física), como a cultural-simbólica e a econômica, entre outras.

Capítulo 3: O ser humano quer conhecer a si mesmo

Objetivos do capítulo

- Problematizar o conhecimento do ser humano sobre si mesmo.
- Introduzir historicamente o problema do conhecimento sobre o humano.
- Diferenciar os conceitos de natureza humana e condição humana.
- Apresentar a filosofia da existência e suas concepções sobre o ser humano no século XX.

Justificativas do capítulo

A questão sobre o humano é central na Filosofia. Qualquer um, em algum momento, se pergunta: "Quem sou eu?". Anterior a um conhecimento de si, há um conhecimento do humano, que precisamos desvendar para que possamos conhecer a nós mesmos.

O capítulo trata do tema a partir de uma linha temporal que se inicia nos gregos, passa pelo renascimento, e termina no século XX, com Jean-Paul Sartre. A partir desta perspectiva, o texto apresenta os filósofos canônicos que discutiram sobre o a questão do conhecimento de si e/ou do ser humano: Platão, Aristóteles, Leonardo da Vinci, Giovanni Pico della Mirandola, Nicolau de Cusa, Erasmo de Roterdã, Thomas More, Michel Montaigne, Voltaire, Hannah Arendt, Karl Marx, Søren Kierkegaard, Friedrich Nietzsche, Friedrich Hegel, Edmund Husserl e Martin Heidegger.

Ao longo do caminho percorrido, além de discutir as teorias apresentadas por esses pensadores, o capítulo ainda incentiva que o estudante reflita sobre temas transversais como ética, justiça, igualdade atendendo às demandas de competências e habilidades da BNCC.

Além disso, a discussão acerca do trabalho e da alienação fundamentada em Karl Marx, fornece ferramentas para que o estudante discuta os aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias, contextos históricos e geográficos. Nesse momento, o professor pode propor o debate com as outras ciências humanas, a partir da leitura de dados estatísticos, gráficos e dados históricos. O debate contemporâneo sobre o tema é desenvolvido em torno da filosofia da existência, com ênfase maior em Heidegger e em Sartre.

O trajeto fornecido pelo capítulo se alinha diretamente com a proposta da obra uma vez que oferece estratégias de sensibilização para que o estudante se sinta próximo do conteúdo e tenha autonomia para se relacionar com o tema a partir de diferentes perspectivas.

Para aprofundar o debate, o professor pode incentivar a leitura de textos literários de Sartre no sentido de discutir a proposta humanista do filósofo a partir de textos literários-filosóficos.

Sugestões de leitura

- SARTRE, J.-P. *A náusea*. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Romance em forma de diário que trata das angústias do homem moderno diante do mundo e da sensação de vazio.

- SARTRE, J.-P. *O muro*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Globo, 1987.

Coletânea que reúne cinco contos de Sartre. Escrito às vésperas da Segunda Guerra Mundial, os textos tratam de questões como liberdade, subjetividade, finitude e existência.

Competências gerais:

1, 6 e 8

Competências específicas:

1, 4, 5 e 6

Habilidades:

EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS106, EM13CHS404, EM13CHS501 e EM13CHS605

Temas contemporâneos transversais:

- **Cidadania e Civismo:** Vida familiar e social
- **Cidadania e Civismo:** Educação em direitos humanos
- **Multiculturalismo:** Diversidade cultural

Interdisciplinaridade:

História e Sociologia

O ser humano quer conhecer a si mesmo (p. 78)

Conhecer a si mesmo é uma das grandes preocupações humanas e está muito presente na adolescência. Porém, para conhecer a si mesmo, é necessário conhecer o que significa ser humano. Este capítulo procura oferecer subsídios para o desenvolvimento da competência do autoconhecimento, estimulando as habilidades reflexivas e críticas dos estudantes.

O trabalho com esse capítulo pode ser iniciado questionando os estudantes sobre o que os leva a se compreenderem como seres humanos. Esse debate pode ser complementado com duas cenas do filme *Blade Runner: o caçador de androides*, indicado no livro do estudante. Pode-se pedir a eles que assistam ao filme previamente e trabalhem em sala as cenas em que, após uma violenta perseguição, o policial Deckard está prestes a cair de um prédio, mas é salvo pelo androide que ele caçava. O androide, ao perceber que vai morrer, salva o humano que o perseguia. O filme propõe uma interessante discussão sobre a consciência da finitude e nossa busca por aquilo que somos.

Concepções do humano na história (p. 78)

A trajetória de investigação na história da Filosofia traça a concepção do humano no período clássico grego e no período renascentista, apresentando alguns pensadores humanistas. Nesse momento, pode-se explorar com profundidade o pensamento renascentista, que problematizou a questão humana.

Explicando o conceito (p. 78)

Resposta pessoal. Espera-se que o estudante tome posição por uma concepção monista, afirmando que o ser humano não pode ser dividido em duas – ou mais – esferas; ou uma posição dualista, justificando a divisão entre corpo e alma. Incentive os estudantes a se expressarem livremente, valorizando o respeito e a diversidade, contribuindo para o desenvolvimento de suas habilidades argumentativas. A mediação das trocas pode ser feita pedindo que reflitam sobre como percebem a relação entre corpo e mente: a neurociência poderia contribuir nesse contexto? Existem exemplos de experiências subjetivas que parecem transcender a materialidade? Essas concepções influenciam nossa compreensão da moralidade ou da vida após a morte? Não é necessário que os estudantes encontrem consensos, mas é importante que reconheçam as argumentações e suas fundamentações.

Explicando o conceito (p. 85)

Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes comentem que, para Arendt, a condição humana nos mostra um caminho e nos influencia, mas não nos determina como uma natureza humana inescapável. Essa diferença é importante para compreender o que defende a autora.

No detalhe (p. 87)

A alienação implica a perda da humanidade porque o ser humano executa o trabalho de forma mecânica, não criativa, sem planejamento e sem saber a finalidade e o resultado do trabalho. Assim, ele perde a principal característica humana, que é a criatividade para transformar a natureza.

Aproveite a oportunidade para aprofundar a discussão acerca da luta de classes proposta por Marx a partir do cinema.

Sugestões de filmes

- TEMPOS modernos. Direção: Charles Chaplin. Produção: Charles Chaplin. Estados Unidos: United Artists, 1936.

Um operário de uma linha de montagem que testou uma "máquina revolucionária" para evitar a hora do almoço é levado à loucura pela "monotonia frenética" do seu trabalho. Após um longo período em um sanatório ele fica curado de sua crise nervosa, mas desempregado.

- EXPRESSO do amanhã. Direção: Bong Joon-ho. Produção: Jeong Tae-sung, Steven Nam, Park Chan-wook, Lee Tae-hun. Coreia do Sul: Moho Film, Opus Pictures, Stillking Films, 2013.

Um experimento para impedir o aquecimento global falha e uma nova era do gelo toma conta do planeta Terra. Os únicos sobreviventes estão a bordo de uma imensa máquina onde os mais pobres vivem em condições terríveis, enquanto a classe rica é repleta de pessoas que se comportam como reis. Até o dia em que um dos miseráveis resolve mudar o *status quo*, descobrindo todos os segredos deste intrincado maquinário.

Trabalhando com conferência acadêmica (p. 96)

Para conduzir a atividade, propor um debate sobre o que se compreendeu a partir do texto de Sartre que afirma que "a existência precede à essência". Ao longo do debate, podem aparecer questões relacionadas à religião e de temas relacionados como, por exemplo, a existência de Deus, predestinação, livre-arbítrio entre outros.

Caso essas interferências ocorram, o professor pode oferecer dois caminhos:

1. Retomar e aprofundar a discussão para os termos existencialistas a partir da leitura de outros trechos do "Existencialismo é um Humanismo" tal como proposto por Sartre, que ignora ou nega a existência de Deus, como podemos observar no trecho a seguir:

E na ótica cristã, somos acusados de negar a realidade e a seriedade dos empreendimentos humanos, pois, se suprindo os mandamentos de Deus e os va-

lores inscritos na eternidade, resta não mais que a estrita gratuidade; podendo cada um fazer o que quiser, e sendo incapaz, a partir de seu ponto de vista, de condenar os pontos de vistas e os atos dos outros.

SARTRE, J.-P. *O existencialismo é um humanismo*. Petrópolis: Vozes, 2014.

Conferência proferida por Sartre em outubro de 1945 que tinha o objetivo de defender o existencialismo de acusações que vinha sofrendo na época. Nela, o filósofo esclarece os pressupostos dessa corrente filosófica.

2. Aprofundar o ensejo dos estudantes e apresentar textos de outros filósofos canônicos que abordam o tema a partir da perspectiva religiosa mostrando suas diferenças em relação ao existencialismo.

- AGOSTINHO, S. *O livre arbítrio*. Tradução, organização, introdução e notas por Nair de Assis Oliveira.

Obra que discute a natureza do livre arbítrio humano e sua relação com a natureza divina.

- AQUINO, T. *Suma Teológica*. Tradução de Alexandre Corrêa. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

Texto que se destina a apresentar os principais fundamentos da Igreja católica como uma guia introdutório para os estudantes de teologia. Discute temas como Deus, criação, ser humano.

- KIERKEGAARD, S. *Temor e tremor*. Tradução de Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

O livro discute a natureza da fé e os paradoxos da crença religiosa a partir da história bíblica de Abraão e Isaac.

Respostas

1. Essa afirmação significa que, no caso do ser humano, não há uma essência universal que nos faz ser o que somos. Ao contrário, primeiro existimos, somos lançados no mundo, para em seguida construirmos nossa vida e aquilo que somos. Assim, uma essência do ser humano não pode ser mais do que aquilo que ele realiza ao longo de sua vida.

2. Significa que o ser humano é livre e que, por isso, precisa fazer escolhas. Escolher a si mesmo é assumir a construção de sua própria vida, não confiar que já está tudo definido de antemão, mas afirmar que tudo está por ser feito.

3. Espera-se que os estudantes apontem que uma escolha individual envolve a humanidade inteira porque o ser humano é um ser de valores. Quando alguém faz uma escolha, indica aquilo que pensa ser bom, não apenas para ele, mas para todos. No excerto, observa-se essa ideia ao afirmar que "não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser". Ao escolher, estamos, na verdade, afirmando um valor que consideramos universal. Como analisa Sartre: "o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos". Assim, as escolhas individuais são feitas sob a premissa de uma responsabilidade que se estende a toda a humanidade, conforme analisado posteriormente: "nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira". Essa ideia é, por fim, concluída com a afirmação: "escolhendo-me, escolho o homem".

Natureza humana ou condição humana? (p. 83)

Explore como diferentes filósofos abordaram a natureza humana. Por exemplo, Platão e Aristóteles têm visões sobre a natureza essencial do ser humano, enquanto filósofos existencialistas como Sartre e Heidegger focam a condição humana. Mencione as afirmações de Sartre sobre a condição humana com base na liberdade e na angustia existencial, enquanto Marx enfatiza as condições econômico-sociais que moldam a vida humana.

A dissertação filosófica pode ser utilizada como avaliação global do capítulo. Avalie, em especial, como os estudantes assumem a própria posição e a sustentam.

Galeria de atividades (p. 97-99)

Uma das atividades propostas nessa seção é um trabalho de pesquisa individual e em grupo. A outra atividade propõe aos estudantes a produção de uma dissertação filosófica, baseada nos conceitos de condição humana e existencialismo, tomando como princípio a afirmação "a existência precede a essência", além das informações do capítulo. Ela pode ser utilizada como estratégia de avaliação.

Respostas

1. A noção de natureza humana afirma que o ser humano pode ser compreendido com base em algo que faz com que ele seja humano, e não outra coisa qualquer. Por exemplo, quando afirmamos que o humano é um ser racional, estamos dizendo que a natureza humana é a razão. Ela nos distingue dos outros seres vivos. A noção de condição humana, por outro lado, afirma que não há nenhuma característica que defina o que é ser humano. Ele só pode ser compreendido historicamente por meio das condições em que vive, uma vez que são essas condições que fazem com que o ser humano seja de um modo ou de outro. A segunda parte da questão pede uma posição pessoal e argumentada.

2. Espera-se que o estudante seja capaz de articular os temas estudados no capítulo com as pinturas de Hopper, pensando nas possibilidades de interpretação das cenas representadas nas pinturas. Um elemento que se espera é a questão do isolamento, da solidão, que leva a uma postura de pensar sobre si mesmo, além de certa expressão de tristeza, melancolia, que vemos

nas imagens. Para os existencialistas, quando o ser humano toma consciência de sua condição no mundo, ele se angustia, pois não vê saída, sendo obrigado a aprender a viver consigo mesmo da forma que é.

3. Resposta pessoal. A dissertação é sempre um percurso pessoal, de cada estudante. Aqui, pede-se que ele assuma uma posição e use os elementos estudados no capítulo para construir uma argumentação. Nesse sentido, independentemente da posição assumida, é importante que o foco da avaliação esteja na argumentação do estudante, em sua fundamentação e na capacidade de desenvolver um raciocínio coerente, articulando os aspectos da perspectiva existencialista.

   Esta atividade pode ser utilizada como avaliação global do capítulo. Além da capacidade argumentativa, avalie como os estudantes se apropriam dos conteúdos do capítulo para construir sua posição.

4. A dissertação é sempre um percurso pessoal, de cada estudante. Aqui, pede-se que ele assuma uma posição sobre o que é ser humano e use os elementos estudados no capítulo para construir uma argumentação. Deve-se avaliar, então, sua capacidade de argumentar, e não a posição assumida.

5. Espera-se que os grupos construam a relação entre texto, sociedade e imagens, argumentando por que consideram os direitos destacados os mais desrespeitados e a maneira como utilizam as imagens como expressão desse desrespeito.

Sugestões de leitura

- CASSIRER, E. *Ensaio sobre o homem*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2021.

Esta é uma das mais completas obras de investigação filosófica sobre o fenômeno humano, que analisa os elementos culturais e suas intervenções no mundo.

- VAZ, H. C. L. *Antropologia filosófica*. São Paulo: Loyola, 2020.

O autor dessa obra clássica no Brasil apresenta de forma didática uma sistematização histórica do pensamento sobre o humano para, na segunda parte do livro, trazer uma sólida reflexão sobre o fenômeno humano em múltiplas dimensões.

Capítulo 4: A linguagem e a cultura: manifestações do humano

Objetivos do capítulo

- Aprofundar a compreensão do ser humano.
- Apresentar e explorar a linguagem como distinção do ser humano em relação aos outros animais.
- Explorar a virada linguística no século XX e seus impactos no pensamento.
- Refletir sobre a cultura como uma atividade de simbolização e sobre sua captura na sociedade capitalista.

Justificativas do capítulo

Para dar continuidade à compreensão do humano, é necessário estudar a linguagem como forma de expressão e o modo como ela nos distingue dos outros seres. Como o ser humano é um "animal simbólico", é importante considerar a cultura como o conjunto de suas manifestações no mundo.

O capítulo inaugura o debate acerca da linguagem como fenômeno humano a partir da discussão do filme *Planeta nos macacos: a origem*, e do conto "Um relatório para uma academia", de Franz Kafka. Nas duas tramas, que tem como personagens centrais um chipanzé, os animais "tornam-se humanos" quando aprendem a falar.

Após discutir as duas referências, o capítulo apresenta a linguagem verbal como um sistema simbólico no qual a humanidade se organiza. Para desenvolver esta ideia, o texto mostra como a filosofia se ocupou da linguagem ao longo do tempo apresentando a teoria de três filósofos que trataram do assunto: Aristóteles, Ludwig Wittgenstein e Ernst Cassirer.

O capítulo busca mostrar como a linguagem pode ser compreendida de diferentes maneiras, promovendo a compreensão de temas filosóficos clássicos e fazendo perceber como os temas discutidos podem ser identificados no cotidiano a partir da experiência individual e coletiva dos estudantes, atendendo habilidades previstas pela BNCC.

A abordagem do tema a partir de autores diversos também abre espaço para a articulação entre linguagem e cultura a partir da observação de manifestações regionais da cultura popular e sua comparação com a cultura erudita, levando em conta tradições locais. A escolha dinâmica de articulação que retoma os temas da unidade anterior se alinha com a proposta da obra de oferecer autonomia ao estudante a partir da observação de sua própria experiência no mundo.

Competências gerais:

1, 4 e 6

Competências específicas:

1, 2, 3 e 4

Habilidades:

EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS106, EM13CHS202, EM13CHS303, EM13CHS404 e EM13MAT406

Temas contemporâneos transversais:

- **Multiculturalismo:** Diversidade cultural
- **Multiculturalismo:** Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras
- **Cidadania e Civismo:** Educação em direitos humanos

Interdisciplinaridade:

Língua Portuguesa, História, Sociologia e Matemática

A linguagem e a cultura: manifestações do humano (p. 100)

Comece a abordagem do capítulo definindo linguagem e cultura. Explique que a linguagem é um sistema de comunicação usado pelos seres humanos para expressar pensamentos, sentimentos e ideias, enquanto a cultura abrange o conjunto de conhecimentos, crenças, arte, leis e costumes compartilhados por um grupo social.

Linguagem: exclusividade humana? (p. 100)

Para introduzir a questão da linguagem como fenômeno humano, o capítulo se vale do filme *Planeta dos macacos: a origem* e do conto *Um relatório para uma academia*, de Franz Kafka. No primeiro, alterações genéticas em um chimpanzé fazem com que ele tenha sua inteligência aumentada e aprenda a falar, o que lhe permite se comunicar com outros de sua espécie e iniciar a conquista do planeta. No conto, um chimpanzé capturado e colocado em uma jaula percebe que a única maneira de se libertar seria comportar-se como os humanos. Para isso, ele aprende a falar, por imitação, tornando-se não muito diferente de qualquer pessoa.

Como são duas linguagens distintas, pode-se escolher uma delas na atividade de sensibilização dos estudantes. O filme pode ser visto e discutido coletivamente. O conto, que não é longo, pode ser distribuído e lido pelos estudantes. Seria interessante trabalhá-lo em conjunto com o professor de Língua Portuguesa, que exploraria os conteúdos gramaticais e literários, enquanto a Filosofia pode ser empregada para discutir a questão da linguagem na constituição do humano.

Retome (p. 103)

Se julgar proveitoso, você pode exibir alguns trechos selecionados do filme Sócrates, de Rossellini. Ele pode enriquecer o debate ao contextualizar a filosofia grega.

Sugestão de filme

- ROSSELLINI, R. *Sócrates*. Itália: Radio televisione Italiana (RAI), 1971.

O filme apresenta a figura de Sócrates, tal como descritas nos textos de Platão. O longa se concentra no final da vida do filósofo, dando destaque para alguns diálogos socráticos como *Apologia, Críton* e *Fédon*.

Filosofia e linguagem na Antiguidade (p. 104-105)

No processo de estudo da história da Filosofia, partimos do pensamento grego, com ênfase em Platão, para depois tratar de aspectos da "virada linguística" da filosofia no século XX, com foco no pensamento de Wittgenstein.

Nessa parte, é apresentada, de forma breve, a relação da linguagem com o pensamento. Essa é uma oportunidade para introduzir conteúdos de lógica, caso considere pertinente.

Explicando o conceito (p. 102)

A dialética, segundo Platão, conduz a alma até a verdade das ideias por meio da percepção das essências.

Assim falou (p. 105)

Explique que o texto de Aristóteles aborda a ideia de que a linguagem é o que distingue os seres humanos dos outros animais e como isso se relaciona com a vida em sociedade.

Discuta exemplos do cotidiano em que a linguagem é essencial para a vida em sociedade e proponha a seguinte pergunta: como a comunicação influencia sua vida pessoal e social?

A virada linguística (p. 106)

Explique que a virada linguística foi uma mudança de paradigma nas Ciências Humanas e Sociais que começou na primeira metade do século XX. Essa mudança destaca a importância da linguagem na formação da percepção do mundo e do conhecimento.

Explicando o conceito (p. 106)

Para compreender uma língua, além de dominar seus aspectos formais e aparentes, como a gramática, a sintaxe, etc., é preciso conhecer algo que a princípio não está aparente: a estrutura dessa língua.

No detalhe (p. 109)

Ao trabalhar os jogos de linguagem tal como propostos por Wittgenstein, é possível incentivar a leitura das obras de Lewis Carrol sobre a personagem Alice, pois, em ambas, podemos identificar vários desses jogos. Além disso, um terceiro livro sobre a história da menina Alice pode ser utilizado em sala de aula para introduzir noções de Lógica.

Sugestões de leitura

- CARROLL, L. *Alice no País das Maravilhas*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Editora 34, 2009.

O livro conta a história de uma menina que é transportada para um lugar fantástico.

- CARROLL, L. *Através do espelho e o que Alice encontrou lá*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora 34, 2015.

Após atravessar um espelho, Alice retorna ao País das Maravilhas e passa por muitas aventuras.

- SMULLYAN, R. *Alice no País dos Enigmas*: Incríveis Problemas Lógicos no País das Maravilhas. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

Utilizando-se do cenário de Alice, o livro propõe uma série de problemas lógicos.

Trabalho, linguagem e cultura (p. 110)

A segunda parte do capítulo aborda outra manifestação humana, a cultura, de modo articulado com o fenômeno da linguagem. Nesse momento, é possível trabalhar com a canção "Língua", de Caetano Veloso.

Uma vez mais, é possível buscar uma articulação com o componente curricular Língua Portuguesa, que pode ser empregada para fazer uma análise da letra da música, enquanto a Filosofia trabalha a língua como instrumento de criação em sua diversidade de possibilidades.

Assim falou (p. 110)

Compare a definição de Cassirer com a definição tradicional de "*animal rationale*" e discuta como cada uma pode afetar nossa visão sobre a natureza humana. Em seguida, converse com os estudantes sobre exemplos do cotidiano em que o uso de símbolos é evidente (linguagem, arte, religião e rituais). Proponha a seguinte pergunta: como os sistemas simbólicos podem influenciar nossa vida?

Atividade complementar

Oriente os estudantes a observar os diferentes usos de linguagem em distintos meios de comunicação: jornais e revistas impressos; internet, em *blogs* e *sites*; redes sociais; rádio e televisão.

Mostre aos estudantes o vídeo oficial do Theatro Municipal de São Paulo que apresenta a íntegra da ópera *O Guarani* na montagem de 2023. Disponível em: https://tedit.net/dhailv. Acesso em: 4 out. 2024.

Trabalhando com letra de música (p. 113)

Nessa seção, há uma atividade que pode ser realizada em conjunto com o/a professor/a de Língua Portuguesa. É sempre interessante, se for possível, ouvir a música com os estudantes ou, como alternativa, pedir que ouçam a música antes de trabalhar com a letra.

Depois que os estudantes realizarem as atividades propostas, é importante discutir as respostas dadas, para aprofundar a compreensão sobre a atividade humana de nomear as coisas por meio da linguagem. Nessa atividade, os estudantes exercitam a leitura filosófica de textos não filosóficos.

Mundo do trabalho (p. 114-115)

Nessa seção, é proposto um trabalho com lógica que introduz a operação da indução.

Interdisciplinaridade

EM13MAT406

Nesse momento, é importante explicar a operação lógica para os estudantes, para que eles possam fazer a pesquisa proposta e tirar suas conclusões. Na execução da proposta, sugere-se se trabalhar de forma integrada com o/a professor/a de Matemática, que poderá fornecer os subsídios para o estudo da Estatística, o que possibilitará aos estudantes compreender a lógica de modo prático e direto, por meio da abordagem de um tema relacionado ao mundo do trabalho.

Após a realização da atividade e da pesquisa feita pelos estudantes, é interessante pensar sobre os "regimes de verdade" das instituições, incluindo a ciência, tal como proposto por Michel Foucault na aula de 6 de fevereiro de 1980 em *Do Governo dos vivos*:

> De uma maneira geral, o que é a ciência, a ciência no singular? Tem sentido pôr a palavra ciência no singular? Deixemos de lado, se me permitem, o problema da regra do jogo, da gramática da ciência, da sua estrutura – há uma ou várias?, isso é um problema – mas se colocarmos a questão em termos de regime de verdade, creio que é legítimo, de fato, falar da ciência. A ciência seria uma família de jogos de verdade que obedecem, todos ao mesmo regime, ainda que não obedeçam à mesma gramática, e esse regime de verdade específico, bem particular, é um regime no qual o poder de verdade está organizado de maneira que, nela, a constrangência seja assegurada pelo próprio verdadeiro. É um regime em que a verdade constrange e vincula porque e na medida em que é verdade. E a partir daí, creio que é necessário compreender que a ciência nada mais é que um dos regimes possíveis de verdade e que há vários outros. Há várias outras maneiras de vincular o indivíduo à manifestação do verdadeiro por outros atos, com outras formas de vinculação, segundo outras obrigações e com outros efeitos que não os definidos na ciência, por exemplo, pela autoindexação do verdadeiro.
>
> FOUCAULT, M. Aula de 06 de fevereiro de 1980. *In*: FOUCAULT, M. *Do governo dos vivos*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

A partir da perspectiva foucaultiana, é possível discutir temas atuais em torno da ciência e da divulgação científica, levando em consideração algumas questões: Qual a relação entre verdade e ciência? Quais são os pressupostos da ciência? Eles são arbitrários? Devemos levar em consideração os aspectos filosóficos da ciência?

De que maneira esses questionamentos se articulam com a pesquisa produzida pelos estudantes?

Galeria de atividades (p. 116-117)

Nessa seção, há propostas de diferentes níveis de complexidade. Destaca-se a pesquisa sobre os usos da linguagem nas redes sociais, que pode produzir resultados bastante interessantes com os jovens, assim como a pesquisa sobre a cultura-mercadoria, que pode ser trabalhada em conjunto com Sociologia. A atividade de produção de uma dissertação filosófica apresenta uma letra de autoria de André Abujamra para desafiar os estudantes a pensar sobre a linguagem como sistema simbólico de comunicação, escrevendo sobre o tema.

Respostas

1. Resposta pessoal. Sugere-se observar se os estudantes demonstram capacidade de dialogar com os elementos trabalhados no capítulo.
2. O ser humano é capaz de simbolizar o mundo por meio de várias perspectivas, como a linguagem. Se considerarmos a cultura um conjunto das atividades da ação humana sobre o mundo, podemos dizer que ela constitui a associação dos mais variados símbolos por nós criados, o que, por sua vez, constitui a possibilidade de novas simbolizações.
3. Resposta pessoal. É importante que os estudantes percebam a diversidade da linguagem usada na internet, que inclui desde formas semelhantes às já existentes até novas possibilidades inauguradas pela comunicação instantânea e pelos recursos próprios da informática, dos *softwares* e das redes sociais.
4. Atividade aberta a ser desenvolvida individualmente.
5. Resposta pessoal. Atentar para a compreensão da noção trabalhada no capítulo.
6. O texto dissertativo a ser realizado com base nos elementos fornecidos. Avaliar a capacidade dos estudantes de utilizá-los no próprio discurso.

Sugestões de leitura

- ARRUDA JR., G. F. *10 lições sobre Wittgenstein*. Petrópolis: Vozes, 2017.

Uma introdução simples e direta ao complexo pensamento do filósofo austríaco.

- WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicos*. São Paulo: Edusp, 2017.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Fósforo, 2022.

As duas obras centrais de Wittgenstein são fundamentais para compreender seu pensamento sobre a linguagem e a filosofia da linguagem do século XX.

Capítulo 5: Corporeidade, gênero e sexualidade

Objetivos do capítulo

- Apresentar e fundamentar a noção de corporeidade.
- Compreender diferentes noções de corpo elaboradas por filósofos ao longo da história.
- Explicitar as diferenças entre uma visão dualista do humano e a noção monista corpo-mente de Espinosa.
- Introduzir a noção de gênero, diferenciando-a da noção de sexo.
- Fundamentar os direitos humanos no campo da diversidade de gênero.

Justificativas do capítulo

A compreensão contemporânea do humano passa, necessariamente, pela dimensão da corporeidade. Faz-se importante, então, compreender como o tema do corpo foi tratado pela Filosofia, desde os dualismos psicofísicos até a noção de "corpo próprio", passando pelo conceito de corpo-mente como uma só realidade.

O capítulo se inicia com o debate acerca dos padrões de beleza e de suas reproduções na mídia para estimular a reflexão sobre a diversidade. A partir da teoria de Gilles Lipovetsky, o texto discute a noção de corporeidade e como ela se articula com a reflexão sobre o ser humano, discutida nos capítulos anteriores.

Retomando a mitologia grega e a as teorias platônicas, se discute o dualismo, isto é, a relação entre corpo e alma, representados, respectivamente pelo mundo dos sentidos e pelo mundo das ideias. Neste momento, é possível fazer a leitura do *mito da caverna* de Platão e representá-lo para a turma a partir do jogo de luz e sombra.

Além de Platão, o capítulo apresenta os termos aristotélicos "matéria e forma" para ampliar a discussão. Avançando na linha do tempo até a patrística e a escolástica, o texto mostra outra dupla canônica que também forneceu material para a discussão a partir do debate cristão: Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino.

No intuito de ampliar o debate sobre corporeidade e introduzir novas camadas apresenta-se a articulação entre corpo e afeto a partir da leitura de Baruch Espinosa. É no contexto contemporâneo que o capítulo concentra as discussões mais aprofundadas em torno do tema apresentando filósofos como Maurice Merleau-Ponty e Michel Foucault. No âmbito da discussão entre corpo e gênero, é desenvolvida a discussão acerca da sexualidade a partir das discussões feministas travadas por Simone de Beauvoir e Judith Butler.

O percurso traçado pelo capítulo possibilita ao estudante reconhecer diversas formas de desigualdades e violências e fornece ferramentas para combatê-las no

âmbito individual e coletivo a partir de princípios éticos, democráticos e inclusivos. Além disso, incentiva o debate público e o exercício da cidadania a partir de conceitos filosóficos, como recomenda a BNCC.

Neste capítulo, mais uma vez, sua abordagem temática não apenas reproduz os conteúdos previstos pela lei, mas estimula a reflexão autônoma do estudante a partir de mecanismos didáticos caros no ensino de filosofia.

Sugestões de leitura

- BRUAIRE, C. *A Filosofia do Corpo*. Tradução de Benedito Eliseu Leite Cintra, Hilton Ferreira Japiassú e Pedro Paulo de Sena Madureira. São Paulo: Herder, 1972.

O livro promove uma reflexão sobre a existência humana e se apoia na liberdade, na lógica e na vontade para examinar "corpo e conceito", o "eu e meu corpo" e a "ordem do corpo.

- HOLLANDA, H. B. de (org.). *Pensamento feminista*: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Compilação de textos de diversas autoras que comentam os conceitos fundamentais do feminismo.

Competências gerais:

1, 6 e 8

Competências específicas:

1, 5 e 6

Habilidades:

EM13CHS101, EM13CHS104, EM13CHS106, EM13CHS502 e EM13CHS606

Temas contemporâneos transversais:

- **Multiculturalismo:** Diversidade cultural
- **Cidadania e Civismo:** Educação em direitos humanos

Interdisciplinaridade:

Sociologia, História, Biologia e Educação Física

Corporeidade, gênero e sexualidade (p. 118)

Para consolidar o conhecimento sobre o humano, este capítulo explora e aprofunda a temática da corporeidade como característica central. Investe, ainda, na possibilidade de uma visão não dualista, alicerçada no pensamento de Espinosa, para propor uma reflexão sobre sexualidade e gênero, cruzando as referências culturais com as biológicas. Logo, seu estudo possibilita aprimorar as habilidades de leitura crítica da realidade contemporânea.

A dimensão humana da corporeidade (p. 118)

Para problematizar a percepção e o pensamento sobre a dimensão humana da corporeidade, o capítulo inicia-se com uma fotografia que mostra medidas corporais em uma clínica de estética e a reprodução de uma obra do pintor Francis Bacon, que transcende a representação do corpo.

Sugere-se iniciar a abordagem do capítulo com uma leitura crítica das imagens, problematizando se elas representam os corpos da maior parte da população brasileira, debatendo a questão. Caso opte por trabalhar com um filme, além dos indicados no livro do estudante, sugere-se a comédia romântica *O amor é cego* (2001), dirigida por Peter e Bobby Farrelly. De forma bastante divertida, o filme questiona nossas representações físicas da beleza e como nos relacionamos psicologicamente com elas. Com base nessa obra, é possível problematizar nossa percepção do corpo e da corporeidade.

Também pode ser interessante trabalhar com a canção "O pulso", da banda Titãs. A música pode ser ouvida em sala de aula, com os estudantes. Incentive-os a observar a letra e proponha questões sobre ela. Depois, pode-se perguntar se eles observaram que, entre as doenças corporais mencionadas, são citados estados de ânimo e estados psicológicos. Proponha as seguintes questões: será possível separar o físico e corporal do psicológico e anímico? O que é o corpo?

No detalhe (p. 122)

A partir da discussão sobre o ideal de beleza grega, o professor pode conduzir os estudantes à reflexão acerca dos padrões de beleza atuais produzidos pelo capitalismo e promover um debate a partir da exibição do filme *A morte lhe cai bem*, de Robert Zemeckis. O filme conta a história de uma escritora que acaba em um hospital psiquiátrico quando perde seu marido para uma estrela de cinema e ex-amiga. Anos depois, ela retorna, linda, para confrontar a rival. A nova esposa do ex-marido descobre que o segredo da beleza é uma droga misteriosa que garante a imortalidade, mas que tem alguns efeitos colaterais.

Filósofos pensam o corpo e a corporeidade (p. 119)

O texto do capítulo percorre diferentes visões de corpo e sua relação com a alma, da Antiguidade aos nossos dias. Sugere-se dar especial destaque a Espinosa, autor não trabalhado em outros capítulos, o qual apresenta uma inovação importantíssima na Filosofia moderna, com sua concepção de não separação corpo-alma.

Explicando o conceito (p. 119)

A corporeidade pensa o humano como unidade, de forma que só podemos ser conscientes por sermos um corpo que está no mundo e nos permite ter contato com as coisas e outros seres.

Assim falou (p. 124)

Discuta a definição de afeto proposta por Espinosa como as mudanças na potência de agir do corpo e as ideias associadas a essas mudanças. Pergunte: como a definição de afeto de Espinosa se aplica ao entendimento das emoções humanas? Em quais situações agimos e em quais somos afetados e não temos controle sobre elas?

Novos conceitos na Filosofia do corpo (p. 125)

Em termos contemporâneos, destaca-se a noção de corpo próprio, trabalhada por Merleau-Ponty, para a qual também sugerimos atenção especial no desenvolvimento do capítulo.

Sexo, gênero e sexualidade: entre o biológico e o cultural (p. 127)

As questões relativas à sexualidade e ao gênero são exploradas como um entrelaçamento do biológico e do cultural, não podendo ser pensadas de forma dicotômica. Aproveitamos esse tema para explorar o pensamento de Simone de Beauvoir, uma filósofa do século XX, e suas considerações conceituais em torno do "segundo sexo", bem como as reflexões de Judith Butler, uma filósofa contemporânea que é referência nos estudos de gênero.

Explicando conceitos (p. 127)

Espera-se que os estudantes encontrem exemplos de formas distintas de masculinidade (como a virilidade dos guerreiros gregos antigos e as maneiras como é expressa em nossa sociedade) e de feminilidade.

Mundo digital (p. 130)

Nessa seção, há uma reflexão e algumas atividades que problematizam o uso da internet e seus recursos pelos estudantes, procurando aprimorar suas habilidades reflexivas e críticas sobre o cotidiano.

Para incentivar o debate em sala de aula, você pode proporcionar a leitura de uma entrevista do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, concedida ao jornal *El País*, na qual discute a relação entre redes sociais, dominação capitalista e neoliberalismo. O filósofo afirma que:

> O smartphone é hoje um lugar de trabalho digital e um confessionário digital. Todo dispositivo, toda técnica de dominação gera artigos cultuados que são utilizados à subjugação. É assim que a dominação se consolida. O smartphone é o artigo de culto da dominação digital. Como aparelho de subjugação age como um rosário e suas contas; é assim que mantemos o celular constantemente nas mãos. O like é o amém digital. Continuamos nos confessando. Por decisão própria, nos desnudamos. Mas não pedimos perdão, e sim que prestem atenção em nós.
>
> HAN, Byung-Chul. O celular é um instrumento de dominação. Age como um rosário. Entrevista concedida a Sergio C. Fanjul. *El País*, 9 out. 2021. Disponível em: https://tedit.net/5n3ewv. Acesso em: 7 out. 2024.

A partir da leitura da entrevista de Byung-Chul Han, o você pode provocar os estudantes no sentido de compreender sua identificação com o texto e daí prosseguir com a discussão proposta pelo livro.

Sugestão de leitura

- HAN, B.-C. *Infocracia*: Digitalização e a Crise da Democracia. Petrópolis: Vozes, 2022.

Livro que discute a relação entre a digitalização e a democracia a partir da análise das mídias sociais.

Trabalhando com filme (p. 131)

Nessa seção, propomos um filme saudita de 2019 que aborda a participação das mulheres na política desse país. O filme pode ser visto na escola com os estudantes ou é possível pedir a eles que assistam ao filme previamente para fazer um debate em sala de aula. A atividade pode ser feita em conjunto com Sociologia.

Respostas

1. Ainda que a sociedade saudita seja mais explicitamente machista que a brasileira, inclusive em termos legais, a mulher brasileira, mesmo sendo pouco mais da metade da população, ainda é um grupo sub-representado e não hegemônico. Diferenças: na Arábia Saudita, a mulher não pode se apresentar sozinha em público; deve usar roupas que cobrem todo o corpo; precisa da autorização de um homem adulto pelo qual ela seja tutelada para fazer uma série de atividades, como viajar, estudar, dentre outras. Semelhanças: nos dois países, a participação política de mulheres e homens não é equilibrada, havendo muito menos mulheres, apesar de elas representarem, pelo menos, metade da população; em ambos os países, muitas mulheres vivem em uma condição subalterna, ainda que no Brasil tenham mais direitos e possibilidades de ação.
2. Estimule o debate para que os estudantes exercitem a reflexão e a argumentação.
3. Espera-se que os estudantes demonstrem consciência das dificuldades e das desigualdades de gênero no país.

Sugestão de *podcast*

- Episódio "Violências de Gênero" do *podcast Perdidos na Paralaxe*. Disponível em: https://tedit.net/uoxyop. Acesso em: 19 ago. 2024.

Galeria de atividades (p. 132-133)

Nessa seção, há propostas diversificadas, a fim de contemplar os vários temas tratados no capítulo. Caso julgue que o número de atividades propostas é excessivo, escolha as que julgar mais interessantes. Inicie a atividade de escrita de dissertação filosófica com a música "Homem com H", para incentivar os estudantes a refletir e problematizar as questões do gênero na sociedade brasileira.

Respostas

1. Atividade de pesquisa aberta, que pode apresentar distintos resultados. Na discussão, é importante que os estudantes reconheçam que não existe "corpo perfeito", sendo esse um valor subjetivo. Além disso, os estudantes devem considerar de maneira crítica a diferença existente entre a saúde corporal e os ideais estéticos sobre o corpo comuns em nossa sociedade.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes sejam capazes de refletir criticamente sobre como as redes sociais podem ser usadas para transmitir versões idealizadas e irreais de seus usuários, o que muitas vezes impacta negativamente a autoestima dessas pessoas, além de reforçar padrões de beleza e de estilo de vida cada vez mais difíceis de manter.
3. Resposta pessoal. Os estudantes devem buscar compreender de maneira respeitosa as intenções das pessoas que fizeram essas intervenções estéticas e como elas buscam expressar suas personalidades por meio desses procedimentos.
4. Atividade aberta, com resposta de cunho pessoal. É esperado que os estudantes identifiquem como a representação dos gêneros é subjetiva e pode variar de acordo com o contexto cultural. Além disso, os estudantes devem buscar perceber se as obras analisadas representam a diversidade existente na sociedade em que foram produzidas, buscando problematizar estereótipos.
5. Atividade aberta, com resposta de cunho pessoal.
6. **a)** É possível concluir que: quando entramos novamente no rio, as águas já não são as mesmas; quando entramos novamente no rio, nós já nos transformamos e não somos os mesmos; tudo está sempre mudando.

6. **b)** Pode-se concluir que não devemos temer a morte, que é fácil, e que devemos nos concentrar no difícil ofício da vida.

7. **a)** Ensinar a pescar dá autonomia a alguém; ter autonomia é muito importante para o ser humano.

7. **b)** Nem toda herança favorece a autonomia do indivíduo; uma herança em bens pode prender o indivíduo a uma situação.

Debate plural (p. 134-137)

Para encerrar a unidade, essa seção apresenta quatro textos filosóficos. Os dois primeiros problematizam o humano; os outros dois focam o corpo e o gênero.

O que é o humano? (p. 134-135)

Para conduzir o debate acerca da articulação entre ser humano, corpo, gênero e sexualidade, retome os autores utilizados no capítulo, oferecendo novas informações e tecendo uma espécie de "costura" entre eles. Além disso, pode incentivar que os estudantes comentem suas experiências individuais relacionadas ao tema, quando for pertinente.

No intuito de transformar a sala de aula em um espaço mais acolhedor e seguro, você pode propor uma nova configuração das carteiras a partir do formato "roda de conversa". Procure conduzir o debate, interferindo apenas quando for necessário. Deixe os estudantes livres para se expressarem e criarem sua própria autonomia.

Respostas

1. **a)** O autor afirma que não há uma natureza humana porque, para ele, o ser humano não é homogêneo e simples, mas uma heterogeneidade, uma mistura de ser e não ser ao mesmo tempo. Por isso, o ser humano só pode ser pensado com base naquilo que faz e realiza, e não em algo que o defina de antemão.

1. **b)** O autor afirma que o pensamento metafísico só é capaz de compreender aquilo que é simples e homogêneo, dotado de uma natureza intrínseca. A metafísica é incapaz de compreender aquilo que é heterogêneo, que não apresenta uma natureza clara e distinta, e é formado por contradições.

1. **c)** Segundo o autor, só podemos estudar o ser humano por meio de suas manifestações e realizações no mundo. Por isso, o objeto de estudo de uma Filosofia antropológica só pode ser o "círculo de humanidade", constituído pela linguagem, pelo mito, pela religião, pela arte, pela ciência, pela história.

2. **a)** Essa afirmação significa que, no caso do ser humano, não há uma essência universal que nos faz ser o que somos. Ao contrário, primeiro existimos e somos lançados no mundo, para em seguida construirmos nossa vida e aquilo que somos. Assim, a essência do ser humano não pode ser mais do que aquilo que ele realiza ao longo de sua vida.

2. **b)** Significa que o ser humano é livre e, por isso, precisa fazer escolhas. Escolher a si mesmo é assumir a construção da própria vida, não confiar que já está tudo definido de antemão, mas afirmar que tudo está por ser feito.

2. c) Uma escolha individual envolve a humanidade inteira porque o ser humano é um ser de valores. Quando alguém faz uma escolha, está implícito ou explícito aquilo que ele pensa em ser bom não apenas para ele, mas para todos.

3. Não há respostas definidas. Fique atento às perguntas, verificando se de fato elas se relacionam com o texto e com as respostas, e se estão articuladas e são resultado de uma reflexão do grupo. No debate, é importante estimular a argumentação dos estudantes.

Corpo utópico e emancipação (p. 136-137)

Há um trecho de *O corpo utópico*, de Foucault, que evidencia como o corpo é produzido culturalmente, às vezes com intervenções físicas, como o uso de máscaras, de certas roupas e de tatuagens. Esse texto permite uma discussão interessante com os adolescentes sobre as técnicas de diferenciação corporal, como a tatuagem, o uso de *piercings*, a *body art* e as cirurgias plásticas, como a lipoaspiração e a lipoescultura.

O outro texto é um fragmento de *O segundo sexo*, de Beauvoir, que problematiza a constituição do gênero como uma produção social, trabalhando com a ideia de "tornar-se mulher". Sugerimos especial atenção no trabalho com esse fragmento, a fim de mostrar aos estudantes que o domínio histórico dos homens na Filosofia foi rompido com força no século XX, com trabalhos como esse e de várias outras filósofas.

Respostas

1. a) Segundo o filósofo, seu efeito é projetar o corpo em outro espaço, por isso ele fala em "corpo utópico". Essas intervenções estéticas sobre o corpo produzem o efeito de uma multiplicação das possibilidades e sentidos do corpo. Não se trata de buscar outro corpo, mas de multiplicar as possibilidades simbólicas do próprio corpo.

1. b) É pelo corpo que nós nos colocamos no mundo e é por meio dele que podemos nos relacionar com as coisas e com outras pessoas. Nesse sentido, tudo parte do corpo e tudo passa por ele. O corpo é, para cada um de nós, como uma esquina na qual se encontram todos os caminhos, a confluência de todas as possibilidades.

2. a) Vivemos em uma cultura patriarcal, centrada no masculino, que estabelece o sexo feminino como o outro sexo, ou seja, como o sexo que se define por não ser o sexo masculino. Cultural e socialmente, produziu-se, portanto, uma perspectiva de divisão e de segregação, como se os mundos masculino e feminino fossem completamente separados, como se cada um dos sexos tivesse uma função definida.

2. b) Na cultura machista, o homem costuma afirmar sua sexualidade dominante. Como à mulher é reservado o lugar da passividade e subjugação, a sexualidade feminina foi identificada com essas características. Assim, afirmar a independência da mulher seria o mesmo que afirmar sua masculinidade, sua posição de não passividade. Porém, a autora alerta que essa atitude é uma armadilha: a mulher não pode se libertar afirmando-se como homem. Ela precisa se libertar afirmando sua sexualidade feminina, retirando sua sexualidade do lugar social da passividade e da subjugação.

3. Trata-se de uma resposta pessoal, que deve ser elaborada com base nas reflexões dos estudantes. É importante atentar para a capacidade deles de refletir sobre o problema, chegar a conclusões e argumentar sobre elas.

Os produtos das atividades de estudos de textos filosóficos da seção "Debate plural" podem ser utilizados como instrumentos avaliativos. É possível escolher um dos textos, dois textos contrapostos ou até mesmo os quatro textos.

Sugestões de leitura

- BUTLER, J. *Corpos que importam*. São Paulo: N-1, 2023.

Reunião de textos da filósofa estadunidense que problematizam a corporeidade e as questões de gênero.

- FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

Essa edição reúne os quatro volumes escritos por Foucault em que o autor analisa como a sexualidade foi vivida em diferentes épocas históricas.

- RIÇA, F. F. F. O Uso do Debate no Ensino de Filosofia. *Revista Docentes*, v. 9, n. 26, 2024. Disponível em: https://tedit.net/4foyt5. Acesso em: 7 out. 2024.

Neste artigo o autor mostra como o debate tem a capacidade de melhorar a argumentação, incentivar a pesquisa e a promover a resolução de problemas, habilidades caras à atitude filosófica.

Unidade 3 – Por que e como agimos? (p. 138-139)

Peça aos estudantes que observem a imagem com atenção e reflitam sobre as questões propostas.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes descrevam a imagem como um grupo de pessoas em um jogo de cartas em que pelo menos uma delas está trapaceando.

2. Espera-se que os estudantes enfatizem a necessidade de debater socialmente esse tipo de atividade.
3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes assumam uma posição favorável ou contrária e a justifiquem, de modo a ensejar um debate sobre os valores.

Capítulo 6: Os valores e as escolhas

Objetivos do capítulo

- Apontar as questões centrais da ética.
- Introduzir a noção filosófica de valor como fundamento de nossas ações.
- Contrastar a perspectiva de valores universais com a ideia de que eles são criados historicamente.
- Compreender o ser humano como um ser consciente, o que possibilita atribuir valor a ele.
- Analisar a liberdade como o ato de realizar escolhas e lidar com suas consequências.

Justificativas do capítulo

O capítulo explora duas perspectivas centrais, a da universalidade do valor, a partir de Platão, e a da historicidade do valor, a partir de Nietzsche. A sensibilização do estudante é feita a partir do filme *Alexandria*, que narra os entraves entre o pensamento cristão e o pensamento secular ao contar a história de Hipátia, filósofa, matemática e astrônoma que viveu em Alexandria durante o século IV. A trama central do filme mostra o dilema moral de Davus, escravo de Hipátia, que lutava por sua fé e liberdade. Se for viável, é interessante começar a aula assistindo a trechos do filme com os estudantes no intuito de problematizar a questão e propor um debate inicial acerca do tema.

Diante desse contexto de sensibilização, o primeiro capítulo da unidade apresenta e debate as noções de valor como fundamento para a ação humana iniciando-se com a discussão relativa aos valores universais a partir da filosofia de Platão, presente na *República*, obra em que o filósofo trata da ideia de justiça e expõe um modelo de cidade justa no qual as pessoas encontrariam felicidade.

Em seguida, acompanhamos a discussão de dois textos de Friedrich Nietzsche, a *Genealogia da moral* e *Para além do bem e do mal*, que critica o pressuposto platônico da universalidade dos valores apresentando a ideia de que eles são produzidos historicamente decorrentes do contexto social. Neste momento, o capítulo faz uma importante reflexão acerca do uso de Nietzsche pelo nazismo, oportunidade que o professor pode aproveitar para articular a discussão entre política e valor. Além disso, o desenvolvimento da análise do texto nietzscheano apresenta o conceito importante do filósofo, o da transvaloração dos valores, que põe em xeque a universalização pautada no binarismo Bem e Mal.

Em uma articulação com o capítulo 3, da unidade 1, o capítulo 6 retoma a filosofia de Jean-Paul Sartre, aprofundando a discussão relativa aos temas, apresentado conceitos-chave do pensamento do filósofo como consciência e má-fé. Convocando também Edmund Husserl, representante da filosofia fenomenológica, o texto mostra a relação entre existencialismo, consciência, liberdade e valor.

O capítulo se encerra debatendo a relação entre valor e ética a partir das perspectivas filosóficas estudadas levando em consideração a historicidade e levantando temas importantes da contemporaneidade, proporcionando a análise de situações da vida cotidiana a partir dos fundamentos da ética e percebendo os processos que contribuem para a formação do sujeito, habilidades previstas pela BNCC.

Competências gerais:

1, 2, 6, 8 e 10

Competências específicas:

1, 2, 5 e 6

Habilidades:

EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS106, EM13CHS204, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CH604 e EM13CHS605

Temas contemporâneos transversais:

- **Cidadania e Civismo:** Vida familiar e social
- **Cidadania e Civismo:** Educação em direitos humanos

Interdisciplinaridade:

História e Sociologia

Os valores e as escolhas (p. 140)

Compreender e refletir sobre os valores que embasam nossas ações é de fundamental importância para a competência do agir ético em uma sociedade democrática. Este capítulo procura desenvolver e aprimorar habilidades reflexivas, como a capacidade de escolha, que são fundamentais para uma vida livre e responsável.

O capítulo inicia-se com uma imagem de cena do filme *Alexandria*, que narra a história da filósofa Hipátia e os problemas que ela enfrentou em Alexandria no século IV, relacionados ao conflito entre o paganismo e o cristianismo, que crescia no Império Romano. O dilema moral de Davus, que trabalhava para ela na condição de escravizado, é apresentado para discutir o conflito de valores. Uma boa estratégia de trabalho seria começar assistindo ao filme com os estudantes (ou pedindo a eles que o vejam previamente), para chamar a atenção deles para o tema e problematizar a questão. Na impossibilidade de ver o

filme em sala de aula, uma boa discussão sobre a imagem e a apresentação dos assuntos tratados na obra também podem ser eficazes.

Os valores são universais (p. 141)

O capítulo desenrola-se em diálogo com alguns filósofos, como Platão e sua abordagem sobre a articulação entre valor e virtude na construção da cidade perfeita. Seria interessante introduzir, na apresentação desse tema, alguns trechos do desse diálogo presente na obra mais importante deste filósofo: *A república*.

Infográfico (p. 142-143)

Respostas

1. O valor é compreendido na Filosofia como o padrão com base no qual tomamos decisões sempre que estamos diante de uma situação em que precisamos escolher. Em cada época, cada sociedade constrói os próprios valores, que balizam as ações dos indivíduos.
2. Platão afirmava a existência de três tipos de caráter. O caráter concupiscível é responsável pelos desejos. A pessoa em que esse caráter predomina, quando precisa tomar uma decisão, o faz sempre com base em seus desejos. O caráter irascível é guiado pelas paixões. Uma pessoa em que o caráter irascível toma suas decisões sempre sob o calor das emoções. Por fim, o caráter racional é orientado pela razão. Uma pessoa em que predomina o caráter racional sempre pensa antes de agir e avalia todas as consequências antes de tomar uma decisão.

Os valores são construções históricas (p. 144)

Nesse tema, é explorada a perspectiva nietzschiana trabalhada em *Genealogia da moral*. Sugerimos uma edição resumida e adaptada do texto de Nietzsche feita pelo especialista Oswaldo Giacoia Júnior. Pode-se desenvolver um trabalho complementar com esse livro.

Explicando o conceito (p. 144)

Espera-se que os estudantes afirmem que os valores são históricos porque eles têm origem no contexto de sua época; se fossem universais, não seria possível identificar sua emergência histórica.

Assim falou (p. 145)

Discuta a ideia de que o filósofo deve resolver o problema do valor e determinar a hierarquia dos valores. Proponha a seguinte questão: por que Nietzsche acreditava que essa tarefa é central para a Filosofia?

Em seguida, pergunte aos estudantes o que Nietzsche queria dizer com "vale *para quê*?" e por que essa pergunta é importante para a análise da moralidade.

Valor, escolha e liberdade (p. 151)

O capítulo dialoga ainda com Sartre, ao tratar da questão do valor em articulação com as noções de escolha e liberdade. Ao trabalhar essa parte do capítulo, podem ser feitos com os estudantes exercícios práticos de discussão sobre valores e escolhas.

Sugere-se escolher algumas situações concretas e questionamentos como: quando respeitamos uma lei (que limita a velocidade dos veículos automotores em uma rua ou rodovia; que impede a venda de bebida alcoólica a menores de 18 anos etc.), o fazemos porque escolhemos respeitar a lei ou porque não queremos sofrer as sanções ao desrespeitá-la? Qual é a diferença entre as duas posições? Quais são os valores envolvidos em um e em outro caso? Esse tipo de exercício pode aguçar o debate e o pensamento dos jovens, bem como justificar a argumentação filosófica.

Explicando o conceito (p. 151)

Segundo a fenomenologia, ao estudar os fenômenos podemos ir além das aparências, pois os fenômenos manifestam a essência das coisas. Por meio do estudo dos fenômenos, podemos conhecer a essência dos objetos observados.

Assim falou (p. 157)

Discuta a ideia de que a responsabilidade absoluta não leva à resignação, mas sim à aceitação das consequências de nossas escolhas e proponha a seguinte questão: por que Sartre acreditava que devemos reivindicar nossas ações e não nos deixar afetar negativamente por elas?

Instigue os estudantes a refletir sobre situações em que se sentiram totalmente responsáveis por suas escolhas e ações e como isso pode ser relacionado com a ideia de Sartre.

Os valores e a ética (p. 158)

Nesse tema, é importante discutir com os estudantes como os valores são influenciados por fatores culturais, sociais e históricos. Explique que diferentes sociedades e culturas podem ter valores predominantes diversos.

No detalhe (p. 158)

Para ir além no debate da historicidade do valor, é possível apresentar o texto de Michel de Montaigne sugerido aqui. Se houver tempo e julgar proveitoso, você pode ler trechos do ensaio e discutir como a relativização dos valores culturais opera no texto.

Sugestão de leitura

- MONTAIGNE, M. Dos Canibais. *In*: MONTAIGNE, Michel de. *Ensaios*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 67-85. (Os Pensadores).

Ensaio filosófico sobre navegantes espanhóis que levam dois indígenas americanos para a França. Um dos primeiros momentos da Europa em que os valores culturais são relativizados.

Trabalhando com filme (p. 159)

Nessa seção, sugere-se um trabalho com o filme *Minority report – a nova lei*, que introduz uma questão inquietante. Essa atividade pode ser realizada da forma que for mais conveniente em cada caso: se as condições permitirem, o filme pode ser exibido na escola e as atividades podem ser feitas em sala de aula; ou pode-se pedir aos estudantes que vejam o filme com antecedência para realizar as atividades propostas. O debate pode ser feito presencialmente ou usando algum aplicativo que permita a exposição e a sustentação de posições.

A seção "Trabalhando com filme" pode ser utilizada no processo avaliativo de fechamento do capítulo, visto que ela enseja um bom debate sobre os valores. Por meio do que for produzido, é possível avaliar a boa assimilação dos conteúdos do capítulo.

Para a atividade, após a exibição do filme, é possível incentivar a leitura do conto e/ou ler trechos selecionados que enriqueçam a discussão proposta. Se julgar factível, pode ser uma oportunidade para antecipar o tema do capítulo seguinte a partir da discussão kantiana da ética como dever, presente na *Crítica da razão prática*. Além do filme, a discussão pode ser ampliada a partir da hipótese de outras situações análogas comuns ao cotidiano do estudante.

Sugestão de leitura

- KANT, I. *Crítica da Razão Prática*. Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).

Obra em que Immanuel Kant investiga a possibilidade de uma moral universal e o método da razão prática. A Crítica da razão prática é uma das três críticas produzidas pelo autor.

Galeria de atividades (p. 160-161)

Nessa seção, os estudantes vão fazer uma reflexão crítica sobre os valores, partindo de casos concretos, e vão debater as questões abordadas coletivamente. A dissertação filosófica explora o conhecimento dos estudantes sobre as histórias em quadrinhos de super-heróis.

Respostas

1. Sem resposta objetiva, espera-se que os estudantes sejam capazes de ir além da mera repetição de normas sociais ou familiares mais comuns, refletindo sobre a moral do dilema e defendendo seus argumentos de forma filosófica. Pode ser útil convidá-los a mobilizar pelo menos um dos autores estudados na defesa de suas ideias.
2. Espera-se que os estudantes desenvolvam um texto dissertativo reconhecendo que, em grande parte das histórias, as noções de justiça, de Bem e de Mal podem, muitas vezes, ser vistas como simplistas, pois partem de um dualismo segundo o qual uma ação ou alguém é fundamentalmente bom ou mau, não podendo ser ambos ao mesmo tempo, ou mesmo variar entre essas categorias. Se possível, peça aos estudantes que escolham obras desse tipo (podem ser quadrinhos, filmes, séries) para que façam uma análise de como essas categorias são representadas. Há muitas obras que operam de forma mais sofisticada na construção de heróis e vilões, mostrando como algumas vezes se podem atingir consequências diferentes das intenções com uma ação, ou como a caracterização de quem é herói e de quem é vilão pode variar conforme o ponto de vista de cada um.
3. Atividade aberta a ser realizada individualmente e debatida em grupo. É possível, ainda, dividir os estudantes em grupos que defendam posições diferentes para simular um debate sobre o tema. É importante que demonstrem capacidade de debater de forma respeitosa, mobilizando argumentos bem fundamentados.

Sugestão de leitura

- TORRES, J. C. B. (org.). *Manual de Ética* – questões de ética teórica e aplicada. Petrópolis: Vozes; Educs: BNDS, 2014.

A obra apresenta um amplo compêndio sobre os muitos aspectos da ética, da teoria à prática, escrito por vários especialistas.

Capítulo 7: Ética: por que e para quê?

Objetivos do capítulo

- Diferenciar conceitualmente ética e moral.
- Introduzir duas formas históricas de compreender a ética, uma antiga e outra moderna.
- Identificar e analisar a ética aristotélica como uma ação que visa à felicidade.

- Identificar e analisar a ética kantiana como uma ação pautada pelo dever.
- Compreender essas teorias como racionalidades, sendo a ética o resultado do exercício da razão.

Justificativas do capítulo

A partir das perspectivas éticas aristotélica e kantiana, o capítulo apresenta a discussão que envolve o debate entre moral e ética, as formas históricas de compreender a ética e avalia a noção de dever. A ética, tal como entendida por Aristóteles, é vista como uma ação para a felicidade, que está diretamente ligada à virtude e à racionalidade. O sujeito é feliz quando é um ser humano virtuoso. A tríade ética, virtude e felicidade estão, portanto, conjugadas na filosofia aristotélica.

Por outro lado, a ética kantiana entende que as ações humanas são orientadas pelas intenções e não pelas virtudes. Para Kant, as ações humanas deveriam ser regidas pela questão "como devo agir?" Inspirado pelo iluminismo, Kant distingue duas esferas da razão: uma teórica, que se refere ao conhecimento, e outra prática, voltada para a ação.

A partir do entendimento dos usos da razão, Kant elabora um princípio ético universal, o imperativo categórico, que orienta a maneira de agir do ser humano a partir de três formulações. Esse é um bom momento para debater os usos do imperativo categórico na vida individual e coletiva dos estudantes. O professor pode elaborar situações hipotéticas para incentivar o estudante a compreender os fundamentos kantianos da ética. Além disso, o capítulo apresenta a discussão acerca de um texto interessante para fazer os estudantes pensarem sua própria autonomia: O que é o esclarecimento?

A abordagem do tema do capítulo, assim como toda a obra, contribui para a formação do estudante enquanto um sujeito político no mundo, como sugere a BNCC.

Competências gerais:

1, 2, 6, 8, 9 e 10

Competências específicas:

1, 2, 5 e 6

Habilidades:

EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS105, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS205, EM13CHS501, EM13CHS604 e EM13CNT206

Temas contemporâneos transversais:

- **Cidadania e Civismo:** Vida familiar e social
- **Cidadania e Civismo:** Educação em direitos humanos

Interdisciplinaridade:

Sociologia, História e Biologia

Ética: por que e para quê? (p. 162)

Compreender as principais teorias éticas produzidas na história é importante para entender como a ética se constrói como atividade racional. Isso é fundamental para o desenvolvimento de uma competência ética, que se materializa em habilidades que permitem a tomada de decisões cotidianas e a capacidade de construir a própria vida.

Inicie a abordagem do capítulo com alguns questionamentos que podem ser feitos com base na tira do personagem Armandinho presente no livro do estudante. Se quiser trabalhar com um filme, uma possibilidade é *Substitutos* (2009), estrelado por Bruce Willis. Nesse filme de ação inspirado em uma história em quadrinhos, os seres humanos vivem confinados em seus apartamentos e controlam androides que os substituem. Os androides são mais fortes, mais bonitos e não colocam em risco a vida da pessoa. Pode-se então questionar: o que faríamos em uma situação como essa? Como seria nossa vida? Em nome de que agiríamos? Buscaríamos a felicidade a qualquer custo? Ou agiríamos segundo aquilo que deve ser feito?

Aristóteles: a ética como ação para a felicidade (p. 163)

A investigação da história da Filosofia inicia-se com a *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, e sua conceituação da felicidade como o "supremo bem" a ser buscado nas ações humanas.

Para ampliar a discussão acerca da ética em Aristóteles, incentive os estudantes a escutarem o episódio referente à Aristóteles do *podcast História em meia hora*.

Sugestão de *podcast*

- *História em meia hora*: Aristóteles, 2023.

Podcast educativo que aborda a História de maneira informal e divertida. O episódio apresenta a biografia de Aristóteles, articulando acontecimentos da vida do filósofo à seu pensamento.

Explicando o conceito (p. 164)

Aristóteles apropria-se da teoria de Hipócrates para desenvolver os quatros tipos básicos de caráter: o sanguíneo (corajoso e amoroso), o fleumático (racional e calmo), o colérico (com predomínio da bile amarela, agressivo e irritadiço) e o melancólico (com predomínio da bile negra, desanimado e inquieto).

Explicando o conceito (p. 166)

1. A virtude é aquilo que faz um indivíduo agir visando ao próprio bem e ao dos outros.

2. Enquanto, segundo Platão, as pessoas nascem ou não com a virtude, para Aristóteles, ela é aprendida e adquirida ao longo da vida.

Kant: a ética como ação segundo o dever (p. 170)

A segunda parte do capítulo é dedicada a Kant e à construção de uma ética centrada no dever. O "imperativo categórico" é apresentado e discutido, sendo articulado com a perspectiva da saída da menoridade como emancipação pela ação racional.

Explicando o conceito (p. 171)

Sim, porque somos livres quando somos autônomos, ou seja, quando somos capazes de fazer nossas próprias leis, e não obrigados a seguir leis impostas pelos outros.

Assim falou (p. 175)

Explore o conceito de esclarecimento segundo Immanuel Kant, discutindo a ideia de menoridade e a importância da autonomia intelectual.

Mundo do trabalho (p. 176)

Essa seção explora a relação entre a Filosofia de Aristóteles sobre a felicidade e o papel da legislação ambiental na promoção do bem-estar e da sustentabilidade, à luz do artigo 225 da Constituição Brasileira. Relembre brevemente a visão de Aristóteles sobre a felicidade e o comportamento ético. Destaque a perspectiva desse filósofo sobre as leis, que são tidas como um meio para cultivar hábitos virtuosos que levam à verdadeira felicidade. Em seguida, leia com a turma o texto do artigo 225 da Constituição Brasileira presente no livro do estudante e explique seu papel na proteção ambiental e no desenvolvimento sustentável.

Esta atividade oferece a oportunidade de guiar os estudantes acerca de fontes de pesquisa confiáveis e produção de textos argumentativos.

- Em primeiro lugar, oriente, em sala de aula, a leitura do artigo 255 da Constituição.
- Em seguida, estimule-os a procurar em fontes seguras, textos que comentem a lei.
- Incentive um debate em sala de aula acerca das pesquisas feitas.
- Como um passo extra, solicite a produção de um texto dissertativo argumentativo, indicando o que deve aparecer no texto e como a argumentação do estudante pode ser desenvolvida.

A produção de textos argumentativos pode ser interessante para o ensino de filosofia, uma vez que parte constituinte do ato de filosofar parte da argumentação.

Sugestão de leitura

- COLENGHI FILHO, M.; VELASCO, P. D. N. A argumentação e o ensino dialógico da Filosofia. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, n. 18, jan./abr. 2019. Disponível em: https://doi.org/10.17648/eidea-18-2306. Acesso em: 7 out. 2024.

O artigo tem como objetivo mostrar como as habilidades lógico-argumentativas desempenham papel fundamental no ensino e na aprendizagem de filosofia.

Interdisciplinaridade

EM13CNT206

A conexão entre a Filosofia aristotélica e o Direito ambiental brasileiro pode ser uma abordagem interessante para a aula. A ideia é refletir sobre como a legislação ambiental pode, e deve, ser mais do que uma imposição legal, mas também um caminho para internalizar práticas que promovem a verdadeira felicidade e o bem-estar.

Trabalhando com tirinha (p. 177)

Nessa seção, são apresentadas duas tirinhas que abordam a ética e a intolerância. Apresente a ideia de que a ética ajuda a guiar comportamentos e decisões tanto na vida pessoal quanto nas interações sociais.

Atividade complementar

O filme *O show de Truman* (1998) pode ser utilizado para explorar temas como liberdade, controle, manipulação e ética.

Galeria de atividades (p. 178-179)

Nessa seção, os estudantes vão elaborar uma dissertação filosófica utilizando uma estratégia semelhante à das redações de vestibulares. A dissertação deve ser escrita com base nos dados de uma reportagem sobre acidentes de trânsito no Brasil e nos temas estudados no capítulo. É importante, porém, reforçar para os estudantes que se trata de uma dissertação filosófica, na qual o tema será tratado conceitualmente e por meio do emprego de argumentos.

A dissertação filosófica proposta pode ser utilizada como instrumento de avaliação geral do capítulo. Nesse caso específico, analise a capacidade dos estudantes de utilizar as informações do texto jornalístico para construir uma argumentação filosófica.

Respostas

1. As ciências teoréticas são aquelas produzidas por contemplação e que pensam sobre objetos que já existem,

independentes do pensamento. As ciências práticas são aquelas que trabalham com a ação humana, criando seus objetos. A ética é uma ciência prática, pois seu objeto é a ação dos seres humanos.

2. Para Kant, a maioridade consiste no uso pleno da razão. Saímos da menoridade quando somos autônomos, isto é, capazes de pensar e agir por nós mesmos, sem obedecer a outras regras que não aquelas que nossa própria razão considera adequadas. Nisso consiste a liberdade e a ação ética.
3. Resposta pessoal. Atividade de interpretação de texto na qual os estudantes devem utilizar argumentos trabalhados no capítulo.
4. Resposta pessoal. Nesta atividade, os estudantes devem produzir um texto dissertativo.

Sugestão de leitura

- VAZ, H. C. L. *Ética filosófica*. São Paulo: Loyola, 2023.

Compêndio de ética escrito por um professor que é uma referência do tema no Brasil, em que o autor apresenta os sentidos da ética, as diferentes teorias construídas na história e a abordagem contemporânea do tema.

Capítulo 8: A vida em construção: uma obra de arte

Objetivos do capítulo

- Apresentar a ética como uma forma de agir sobre si mesmo, modificando a própria vida.
- Enunciar os princípios da Filosofia cínica, da Filosofia estoica e da Filosofia epicurista.
- Comparar as três diferentes correntes filosóficas antigas, estabelecendo suas semelhanças e compreendendo suas diferenças.
- Examinar, com base em Foucault, as perspectivas da ética como forma de vida atualmente.

Justificativas do capítulo

O capítulo 8 trata das perspectivas éticas voltadas para a vida cotidiana pensando a partir da discussão prática e teoria. O filme utilizado como material de sensibilização, *A vida é bela*, proporciona aos estudantes problematizar os modos pelos quais construímos nossa vida. Questões como "nos deixamos levar pelo destino?", "vivemos "ao sabor" dos acontecimentos?" e "nos esforçamos para realizar nossos planos?" são orientadoras do texto didático.

Diante desse contexto, se inicia a discussão acerca das correntes filosóficas helenísticas e romanas que discutiram a questão da vida, passando pelo cinismo, estoicismo, e hedonismo epicurista discutindo suas convergências e divergências acerca dos modos de conduzir a vida. Para apresentar essas perspectivas o texto elenca alguns filósofos: Diógenes de Sinope, Zenão de Cítio, Epiteto, Marco Aurélio, Sêneca e Epicuro

Em seguida, o capítulo explora o pensamento de Michel Foucault, que resgata as correntes filosóficas apresentadas anteriormente para propor uma estética da existência a partir de seu projeto de uma História da sexualidade, criando dois conceitos importantes: o cuidado de si, pensado a partir dos exercícios espirituais praticados pelos gregos, e a parresia (falar a verdade).

O estudo de Foucault em torno dos exercícios espirituais chamou a atenção de outro pensador contemporâneo importante, Pierre Hadot, que defendia a ideia de que os exercícios espirituais praticados pelos gregos poderiam ser retomados na atualidade. A discussão das filosofias de Michel Foucault e Pierre Hadot, pode ser uma boa oportunidade para que o professor introduza a discussão acerca dos modos de vida praticados no século XXI, principalmente se pensados a partir do desenvolvimento da tecnologia e das mídias digitais, proposta da atividade final do livro. Ao discutir o tema apresentado pelo capítulo, o professor pode sugerir que os estudantes pratiquem a "escrita de si", tal como Foucault a define em texto como uma espécie de "cuidado de si", ou como um "exercício espiritual".

Embora a abordagem do capítulo parta de um componente histórico, seu percurso permite a discussão de temas atuais que se relacionam com debates já introduzidos anteriormente pelo livro didático e possibilita aos estudantes investigar impasses ético-políticos que decorrem de transformações tecnológicas na contemporaneidade, e como modificam os valores de indivíduos e grupos sociais e culturais em diferentes espaços e contextos, como recomenda a BNCC.

Sugestão de leitura

- FOUCAULT, M. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.

Texto em que Foucault define o conceito de "escrita de si" a partir da análise dos hypomnemata, uma espécie de caderno pessoal de anotações, e da correspondência, gêneros utilizados pelos ascéticos.

Competências gerais:

1, 2, 5, 6, 8 e 10

Competências específicas:

1, 2, 4 e 5

Habilidades:

EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS202, EM13CHS401, EM13CHS403, EM13CHS404 e EM13CHS504

Temas contemporâneos transversais:

- **Cidadania e Civismo:** Vida familiar e social
- **Cidadania e Civismo:** Educação em direitos humanos

Interdisciplinaridade:

História e Sociologia

A vida em construção: uma obra de arte (p. 180)

O capítulo está especialmente orientado para aprimorar as competências dos estudantes na gestão da própria vida. Por meio do estudo de correntes filosóficas que priorizaram essa ação, procura-se dotá-los de habilidades de reflexão sobre os valores, as escolhas e a responsabilidade sobre suas ações.

Inicie o capítulo com o filme *A vida é bela*, citado no livro do estudante, para provocar uma reflexão sobre como nos portamos diante da realidade vivida: apenas seguimos o fluxo ou assumimos nossa responsabilidade na produção da vida?

A música "O que é, o que é?", de Gonzaguinha, também pode ser utilizada para mobilizar as reflexões iniciais sobre o tema. Ouça a música com os estudantes e peça a eles que acompanhem a letra. Em seguida, proponha uma rodada de discussão e solicite a cada estudante que apresente sua opinião sobre o que é a vida, problematizando as diferentes perspectivas.

Uma vida filosófica, uma filosofia de vida (p. 181)

O capítulo apresenta as correntes filosóficas helenísticas e romanas que elegeram a ética como um dos temas centrais de seu pensamento. Além disso, aborda a Filosofia cínica e sua ideia de felicidade.

Explicando o conceito (p. 181)

São muitas as respostas possíveis. Por exemplo: "ele corre rápido como uma tartaruga"; "você está de recuperação, parabéns!".

Assim falou (p. 183)

Explique o contexto da tirada de Diógenes sobre os astros errantes e a sua crítica aos comportamentos humanos. Depois, explore o fato de a Filosofia cínica questionar as normas e as crenças estabelecidas e como essas reflexões se relacionam com o comportamento humano.

Diógenes Laércio, filósofo do século III, registrou algumas anedotas de Diógenes de Sínope. Se considerar adequado, elas podem ser lidas em sala de aula com os estudantes para aprofundar o debate sobre o cinismo.

Sugestão de leitura

- DIÓGENES LAÉRCIO. Livro IV – Escola Cínica. *In*: DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1987.

Escrito por Diógenes Laércio no século III d.C., o livro compila a biografia e as teorias dos filósofos gregos desde os pré-socráticos até os epicuristas.

A vida filosófica como vida ética (p. 184)

Nesse tema, são abordados o estoicismo e o hedonismo epicurista – com ênfase em suas convergências e divergências – e, principalmente, o tipo de condução da vida que cada uma dessas correntes propunha.

Assim falou (p. 187)

Proponha algumas perguntas aos estudantes, como: o que Epicteto quer dizer ao afirmar que "todo o augúrio é bom, se tal for o meu desejo"? Como a perspectiva de Epicteto sobre eventos adversos se relaciona com a ideia de controle interno e externo? Como podemos aplicar esse conceito em nossa vida cotidiana, especialmente em situações que parecem negativas ou desafiadoras?

Assim falou (p. 188)

Trabalhe o texto de Marco Aurélio sobre o conceito de conformar-se ao que acontece, explorando a filosofia estoica e a aplicação prática de seus princípios na vida cotidiana. Além disso, encoraje os estudantes a pensar em estratégias práticas para aceitar e adaptar-se aos eventos conforme exposto por Marco Aurélio.

Assim falou (p. 191)

Explique a importância da sensibilidade e a ideia de que a morte é a privação dela. Proponha algumas perguntas aos estudantes: Como a falta de sensibilidade na morte contribui para a ideia de que não há mal na morte? Como os princípios de Epicuro poderiam ser aplicados para a tomada de decisões equilibradas e satisfatórias?

Assim falou (p. 193)

Primeiro, compare as visões de Epicuro e Nietzsche sobre o sofrimento e a felicidade. Depois, explique que Epicuro busca a felicidade por meio da ausência de sofrimento e que Nietzsche estabelece uma relação entre o sofrimento e a capacidade de criar uma visão positiva.

Foucault e a estética da existência (p. 194)

Na última parte do capítulo, apresentamos como, no século XX, Michel Foucault resgata a perspectiva da éti-

ca como construção da vida individual ao propor a ética como uma estética da existência. Explore as visões filosóficas com os estudantes, sempre explicitando as aproximações com o mundo atual e questione: hoje, é possível assumirmos a direção de nossa própria vida?

Retome (p. 195)

1. Na sociedade capitalista contemporânea, vivemos um individualismo extremado, ao mesmo tempo que tudo é transformado em mercadoria. Uma "ética do eu" nesse contexto significa uma intensificação do individualismo, bem como o hedonismo (culto ao prazer) direcionado ao prazer como consumo. Isso desvirtua completamente a perspectiva de uma ética como construção de si mesmo.
2. Foucault não vê a liberdade como uma essência, ou seja, como uma característica intrínseca do sujeito. Para ele, a liberdade está na ação; logo, só faz sentido falar em "práticas de liberdade". O sujeito capaz dessas práticas é aquele que cuida de si mesmo, que constrói sua vida e a si próprio, sem se deixar levar pelos processos sociais de assujeitamento.

Mundo digital (p. 196)

Nessa seção, propõe-se uma reflexão sobre o uso do tempo utilizando uma charge crítica ao uso compulsivo de tecnologia e um texto clássico do filósofo Sêneca. Estimule a reflexão dos estudantes acerca de seus hábitos.

É possível aproveitar a atividade para debater mais profundamente as questões levantadas ao longo do capítulo no sentido de propor uma atitude filosófica a partir de um exercício espiritual. Em um mundo com tantos estímulos virtuais, como seria passar um dia sem acesso às mídias sociais?

Outra maneira de aprofundar a reflexão é sugerir que os estudantes anotem suas percepções de um dia sem acesso ao mundo virtual e posteriormente, compartilhem suas experiências com a turma. Caso aprovem a ideia, o desafio pode ser estendido para os streamings, entre outras tecnologias, a depender do engajamento dos estudantes.

Trabalhando com charge/poesia (p. 197)

Essa seção explora como diferentes correntes filosóficas helenistas, como o epicurismo e o estoicismo, abordam o tema da morte e o sentido da vida por meio de uma charge do artista francês Chappatte e do poema "Sentido", de Arnaldo Antunes.

As atividades propostas incentivam a observação das relações entre as obras de arte e os temas filosóficos discutidos, e propõem as seguintes reflexões: a arte contemporânea pode ser vista como uma forma moderna da filosofia cínica? Como as ideias epicuristas e estoicas estão presentes no poema de Antunes?

Respostas

1. As duas obras podem ser relacionadas com as correntes filosóficas da Antiguidade estudadas neste capítulo. A charge usa o humor para desconcertar, assim como faziam os filósofos cínicos. A canção fala sobre a vida e a morte, como a Filosofia estoica e o epicurismo. Ambas tratam de questões da vida cotidiana, objetivando nos preparar para viver melhor.
2. Sim, é possível afirmar a arte do humor como um cinismo contemporâneo, pois o humor é usado para desestabilizar o que está posto, fazer desconfiar das certezas e, com isso, faze-nos pensar sobre a vida e nossas ações.
3. Ambas as filosofias se preocupavam em preparar os indivíduos para a morte, desmistificando os mistérios e os medos em relação a esse acontecimento. Antunes indica que não há sentido algum na morte, porque também não há sentido na vida; logo, podemos concluir que nós somos aquilo que construímos. Por isso, não há razão para temer a morte.

Atividade complementar

Uma possibilidade é visitar a seção "Literatura de autoajuda" de uma livraria e refletir com os estudantes sobre esse tipo de literatura e suas diferenças em relação à Filosofia como exercício espiritual.

Sugestões de audiovisual

- PERDIDOS NA PARALAXE #103: estoicismo na era dos coachs. [Locução de:] Aldo Dinucci. [*S. l.*]: Perdidos na Paralaxe, 13 jul. 2024. *Podcast*. Disponível em: https://tedit.net/teu5sp. Acesso em: 4 out. 2024.
- NOVAES, A. *José Américo #00*. 27 jul. 2018. 1 vídeo (1 min 15 seg). Disponível em: https://tedit.net/s22m33. Acesso em: 4 out. 2024.

Galeria de atividades (p. 198-199)

Nessa seção, é apresentada uma série de exercícios para explorar e aplicar conceitos filosóficos relacionados ao epicurismo, ao estoicismo e às práticas espirituais. A avaliação deste capítulo pode ser feita com base em um exercício proposto na "Galeria de atividades" em que os estudantes devem praticar a escrita em um diário ou em um *blog*. Por meio desse exercício, é possível avaliar em que medida eles se apropriaram dos "exercícios espirituais" tratados no capítulo para conhecer melhor a si mesmos.

Respostas

1. As duas escolas filosóficas defendiam a vida pautada no princípio da não perturbação da alma (*ataraxia*).

No entanto, divergiam na forma de alcançar a tranquilidade da alma. Para os epicuristas, chegava-se à *ataraxia* pela dupla ação de evitar a dor e buscar o prazer. Para os estoicos, a *ataraxia* era alcançada evitando-se o prazer. É interessante que, com base nesse núcleo, os estudantes construam sua análise e aprofundem a questão.

2. Os exercícios espirituais foram usados, especialmente na Filosofia antiga, como práticas de pensamento, de construção de si mesmo, voltados para uma autoformação. Por meio deles, a Filosofia deixa de ser pura contemplação e se torna algo prático. Como exemplos, podemos citar várias maneiras de escrita, nas quais a pessoa escreve (para si ou para os outros) como forma de se conhecer melhor e aprimorar sua vida.

3. Atividade aberta a ser realizada individualmente.

4. Dissertação filosófica pessoal. Avalie as capacidades de redação e argumentação, bem como se os estudantes seguem os aspectos formais de uma dissertação.

5. a) Silogismo incorreto. O erro está no fato de que as duas premissas são universais, relacionando diferentes espécies animais à condição de mamíferos. Assim, as informações das premissas não autorizam concluir que esses animais são equivalentes apenas pelo fato de serem ambos mamíferos.

5. b) Silogismo correto. Apresenta uma ideia geral e em seguida um caso particular, compreendido pela ideia geral, e que permite concluir que esse caso particular atende à condição geral.

6. Resposta aberta. Os estudantes podem formular qualquer silogismo e explicar o que são as premissas e o que são as conclusões. Atente para a correção do raciocínio nas respostas dadas.

7. Trata-se de uma falácia de ambiguidade. A primeira premissa diz que está ocorrendo o desaparecimento dos datilógrafos no Brasil, indicando sua diminuição, o que os faria desaparecer como profissão. Já a conclusão toma desaparecimento no sentido de sumir da visão, relacionando-o a um datilógrafo específico, o que, evidentemente, torna a afirmação falsa.

Agir no mundo (p. 200-201)

Para a realização das etapas, peça aos estudantes que leiam o tópico "A política como partilha do sensível", do capítulo 14, e, se possível, o Texto 2 na íntegra. Além disso, peça aos estudantes que façam pesquisas na internet sobre o grupo *Just Stop Oil* (é importante que eles vejam vídeos e imagens das ações do grupo, pois elas possuem uma dimensão estética importante). É fundamental que consigam interpretar as ações desses grupos utilizando os conceitos propostos por Rancière. É possível considerar que, de acordo com as formulações do filósofo, essas ações são atos políticos legítimos, uma vez que perturbam a ordem da polícia (a ordem instituída e a administração social) ao subverter espaços de arte e dar a eles função de palco de discussão para reforçar desentendimentos sobre as políticas climáticas, buscando influenciar seus rumos. Como fechamento da atividade, retome com os estudantes a questão mobilizadora do início da seção e promova uma discussão com a turma sobre como ela pode ser respondida a partir do que foi apresentado pelos grupos.

Sugestões de leitura

- ASSY, B. *Ética, responsabilidade e juízo em Hannah Arendt*. São Paulo: Perspectiva; Instituto Norberto Bobbio, 2015.

A autora que investiga as dicotomias do pensamento arendtianos a partir do caso Eichmann.

- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

Nesse livro, Foucault analisa as filosofias antigas, explicitando o conceito de cuidado de si como princípio ético.

- HADOT, P. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. São Paulo: É Realizações, 2014.

Nesse livro, o historiador da Filosofia apresenta sua visão sobre a Filosofia antiga como um conjunto de exercícios espirituais, voltados para a produção de uma vida digna de ser vivida.

Unidade 4 – Como nos relacionamos em sociedade? (p. 202-203)

Peça aos estudantes que observem a imagem de abertura com atenção e reflitam sobre as questões.

Respostas

1. Espera-se que eles consigam identificar na obra uma crítica política à dominação francesa da Espanha, que caracteriza a punição dos espanhóis revoltosos como um momento sombrio da história do país.

2. Exemplos de divisão nas comunidades humanas incluem a separação entre pobres e ricos, fortes e fracos, dominadores e dominados, etc. Em termos políticos, temos a clássica divisão "direita" e "esquerda", herdada da Revolução Francesa.

3. É possível citar a divisão de posições no momento da Declaração de Independência ou da Proclamação da República, além de uma reflexão sobre o tempo presente, no qual as diferentes ideias políticas são apresentadas como contrapostas.

Capítulo 9: Poder e política

Objetivos do capítulo

- Caracterizar e conceituar o fenômeno do poder em seus aspectos macro e micro.
- Acompanhar o desenvolvimento histórico do pensamento político.
- Compreender o pensamento político de Platão e sua crítica à democracia ateniense.
- Explorar o pensamento político de Aristóteles e compreender que ele fundamenta a Filosofia política ocidental.
- Examinar o pensamento de Maquiavel e sua visão realista da política.
- Analisar a crítica à servidão construída por La Boétie.

Justificativas do capítulo

Levando em conta os capítulos anteriores, o texto que abre a unidade 4 trata das relações entre os seres humanos e o poder. Como compreender o fenômeno do poder, tão fortemente entranhado em nossas vidas?

O texto está estruturado em duas partes. A primeira dedica-se à apresentação e à discussão de diferentes conceitos de poder, que se inicia tratando a relação entre ser humano, poder e a autoridade a partir da noção de macrofísica do poder que se opõe à noção foucaultiana de microfísica do poder.

Neste ponto, o capítulo detalha a teoria desenvolvida por Michel Foucault apresentando seus principais conceitos acerca do tema: soberania, disciplina e biopoder. Esta é uma boa oportunidade para apresentar outro autor que se aproxima da teoria foucaultiana a partir da perspectiva pós-colonial: Achille Mbembe. A leitura do texto *Necropolítica* pode contribuir para a reflexão proposta pelo capítulo, inclusive no contexto metodológico do "ato de criação" que vem sendo utilizado por toda a obra. O professor pode demonstrar como a partir dos conceitos de poder e biopoder desenvolvidos por Michel Foucault, Mbembe cria a noção de necropolítica.

A segunda parte do capítulo volta no tempo para apresentar as filosofias políticas de Platão e Aristóteles, elencando as características do pensamento político grego e de suas organizações institucionais.

Em seguida, o texto enfatiza as transformações políticas na Idade Média ao discutir o pensamento de Agostinho de Hipona, e, posteriormente, as influências introduzidas por Nicolau Maquiavel e Etienne de La Boétie no contexto do pensamento político renascentista.

A abordagem não linear do capítulo possibilita ao estudante a articulação do tema com observações que podem ser feitas em seu cotidiano, promovendo a autonomia e a reflexão crítica a parir da compreensão de um conceito político básico, que permite identificar, a partir da interdisciplinaridade com a história, os processos de ocupação do espaço, a formação de territórios e fronteiras e o papel de diferentes instituições a partir do estudo da filosofia, como recomendam as habilidades da BNCC.

Sugestão de leitura

- MBEMBE, A. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: N-1, 2018.

O livro trata do conceito de necropolítica desenvolvido por Mbembe a partir da observação da condição dos povos colonizados.

Competências gerais:

1, 6 e 7

Competências específicas:

1, 2 e 6

Habilidades:

EM13CHS101, EM13CHS106, EM13CHS203, EM13CHS204, EM13CHS602 e EM13CHS603

Tema contemporâneo transversal:

- **Cidadania e Civismo:** Vida familiar e social

Interdisciplinaridade:

História e Sociologia

Poder e política (p. 204)

Compreender o fenômeno do poder e como ele permeia as relações sociais, tornando possível a vida política, e refletir sobre essas questões são atitudes fundamentais para o desenvolvimento das competências críticas de análise e participação política. Este capítulo auxilia no desenvolvimento das habilidades de compreensão e reflexão que permeiam os atos de participação social. Já que relações entre os seres humanos são correlações de forças, ou seja, são relações de poder, e o poder possibilita a política, é necessário compreender o poder.

Inicie o capítulo com uma discussão sobre a imagem relacionada aos ataques de 11 de setembro de 2001, e a letra da música "Companheiro Bush", de Tom Zé, disponível em: https://tedit.net/n1pbby (acesso em: 4 out. 2024). Também é possível mostrar aos estudantes duas letras de canções de Milton Nascimento: "Coração civil", disponível em: https://tedit.net/e1lk61 (acesso em 4 out. 2024) e "Carta à república", disponível em: https://tedit.net/oveecc (acesso em 4 out. 2024). Essas letras são marcadas pela crítica e resistência ao regime militar brasileiro. Esse conteúdo pode ser abordado em uma ação conjunta com os componentes curriculares História e Sociologia.

Ao trabalhar com canções, sempre que possível, é interessante ouvi-las em sala de aula, pedir aos estudantes que acompanhem a letra, destacar os pontos de interesse rela-

cionados ao problema que será estudado e incentivar um debate coletivo em torno desses pontos. No caso da canção de Tom Zé, que trata de um fato internacional de grande repercussão, são salientadas as ambiguidades entre o discurso sobre a democracia, de um lado, e a imposição da guerra, de outro. No caso das canções de Milton Nascimento, a primeira, de 1981, é um dos "hinos" contra o regime militar no Brasil, pois defende um regime democrático inspirado no da Costa Rica, uma das mais antigas democracias em território americano. A segunda, de 1987 – portanto, do início do processo de redemocratização do país –, trata da construção do futuro. Em ambas, fica bastante marcada a participação popular como base da política. Essa discussão é bastante pertinente para abrir o capítulo.

Poder e autoridade (p. 205)

Este título é dedicado à apresentação e à discussão de diferentes conceitos de poder. Optou-se por uma exposição didática da concepção clássica de poder como a "macrofísica", que é contraposta à "microfísica do poder", tal como pensada por Foucault.

Explicando o conceito (p. 207)

Espera-se que os estudantes se mostrem capazes de expressar a definição do conceito de Estado.

No detalhe (p. 208)

Para ampliar a discussão acerca do caso de Julian Assange e os diversos tipos de ativismos políticos, o professor pode sugerir e\ou orientar a leitura dos textos do Comitê Invisível.

Sugestão de leitura

- COMITÊ Invisível. *Aos Nossos Amigos*. Tradução de Plínio Dentzien. São Paulo: N-1, 2017.

Escrito por um grupo anônimo de pensadores e ativistas na França, o livro provoca o leitor a pensar sobre o poder e sua complexa rede de infraestruturas. Além disso, propõe formas de articulação coletivas para romper com as violências operadas pelo poder.

O pensamento político grego (p. 209)

Este tema expõe o percurso histórico das filosofias políticas de Platão e Aristóteles.

Explicando o conceito (p. 211)

Para Aristóteles, a economia diz respeito apenas à gestão da casa, concebida por ele como espaço privado. A compreensão atual é muito mais abrangente, pois considera a produção e a circulação de bens nacional e até mesmo global. Porém, é possível notar uma semelhança entre as duas perspectivas, que pensam a economia como uma ciência do espaço privado, e não da esfera política.

Assim falou (p. 212)

Explore a distinção que Aristóteles faz entre o governo doméstico e o governo político e suas implicações na Filosofia.

Transformações no pensamento político (p. 214)

Nesse tema, são enfatizadas as transformações no pensamento político renascentista introduzidas por Maquiavel e as ideias de tirania e servidão segundo Etienne de La Boétie.

Assim falou (p. 218)

Explique aos estudantes que La Boétie analisa como o poder dos governantes é sustentado pela colaboração e conformidade dos governados, e como essa relação de poder pode ser alterada. Incentive a reflexão sobre a relação entre poder e conformidade, explorando maneiras de resistência atuais e possibilidades de alteração dos contextos contemporâneos.

Trabalhando com música (p. 220)

Nessa seção, apresentamos a letra da canção "Podres poderes", de Caetano Veloso. Nela, o artista usa uma linguagem poética e irônica para expor as falhas e a corrupção dos sistemas de poder. A música ressalta a impotência e a insatisfação diante dos "podres poderes" que dominam a sociedade e a política. Ouça a canção com os estudantes em sala de aula ou peça-lhes que ouçam em casa.

Após a realização da atividade, se houver tempo e considerar oportuno, promova um debate acerca da relação cotidiana que os estudantes têm com as instituições de poder: família, escola, estado, políticas públicas de saúde, etc. Durante a realização do debate esclareça e aprofunde os conceitos de soberania, poder e biopoder desenvolvidos por Michel Foucault a partir da experiência dos estudantes.

Infográfico (p. 221)

O infográfico recupera e reforça pontos importantes do pensamento político aristotélico.

Respostas

1. Oficialmente, o Brasil é uma República presidencialista com sistema de democracia representativa. Porém, os estudantes podem refletir criticamente sobre a situação do Brasil atual e talvez caracterizá-lo como uma das formas degeneradas de governo apresentadas no infográfico. Nesse caso, é preciso que defendam seu ponto de vista de modo coerente e baseado em fatos.

2. Espera-se que os estudantes voltem ao infográfico e aos textos sobre o pensamento de Aristóteles no capítulo para que, de forma mais detida, possa analisar a diferença entre governo ideal e degenerado. A saber, o bom governo é aquele que visa o bem comum, enquanto no mau governo o interesse individual do governante ou da classe política sobrepõe o interesse do coletivo.

Atividade complementar

É possível propor uma visita à Câmara de Vereadores da cidade para que os estudantes compreendam seu funcionamento ou, ainda, uma visita a alguma associação de bairro para que os estudantes compreendam os mecanismos de participação social que acontecem nessa organização.

Sugestão de *podcast*

- CAFÉ FILOSÓFICO #4: ao quê você tem direito? Libras. [Locução de:] Mariana Baruco. Campinas: Instituto CPFL, 20 jul 2022. *Podcast*. Disponível em: https://tedit.net/nrncja. Acesso em: 4 out. 2024.

Galeria de atividades (p. 222-223)

Entre as várias atividades dessa seção, há uma que está centrada na prática da cidadania, focada nas propostas do *Portal da Transparência* e no efetivo acompanhamento pelos cidadãos dos assuntos da cidade em que vivem.

A dissertação filosófica proposta no capítulo pode ser utilizada como atividade avaliativa. Na realização dessa atividade, os estudantes devem ser orientados a explorar os conteúdos conceituais trabalhados no capítulo. O texto disparador deve ser considerado uma provocação; logo, seus elementos não devem ser utilizados na argumentação.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes façam a pesquisa de maneira satisfatória.
2. O texto fala em macropolítica, que equivale à macrofísica, quando se concebe o poder nas instituições (ele cita governo, corporações, fábricas) e contrapõe a ela uma micropolítica, equivalente à microfísica, quando fala nas pessoas que agem por conta própria e se organizam com outros para constituir uma comunidade diferente daquela preconizada na macropolítica.
3. Espera-se que os estudantes redijam uma avaliação consistente sobre o *site*. Caso a cidade não tenha um, incentivar a pesquisa por outros meios e/ou fazer uma reflexão sobre a dificuldade ao acesso às informações.

Sugestões de leitura

- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

  O livro reúne uma série de escritos do pensador francês sobre a temática do poder, evidenciando sua abordagem singular do tema.

- HAN, B. C. *O que é poder?* Petrópolis: Vozes, 2019.

  Nessa obra, o filósofo contemporâneo debruça-se sobre o fenômeno do poder, esclarecendo pontos fundamentais.

Capítulo 10: Estado, sociedade e poder

Objetivos do capítulo

- Compreender o Estado como conceito central do pensamento político moderno.
- Analisar as teorias contratualistas modernas, diferenciando-as do pensamento naturalista antigo.
- Apresentar e discutir as concepções de Hobbes, Locke e Rousseau, evidenciando uma complexificação histórica do tema.
- Introduzir as críticas ao Estado produzidas no século XIX, em especial o pensamento de Marx, de Engels e dos anarquistas, como Proudhon.
- Comparar o marxismo ao anarquismo, analisando suas aproximações e divergências.

Justificativas do capítulo

O objetivo do capítulo é discutir o conceito de Estado a partir das teorias contratualistas de Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau e contrapô-las às teorias comunista e anarquista. Nas perspectivas contratualistas, o Estado é uma instituição produzida pelos próprios seres humanos, que deixam o "estado de natureza" para produzir o convívio social e político com vistas a alguma finalidade coletiva. O Estado é a própria política.

A partir de manifestações políticas contemporâneas, o texto busca investigar a articulação entre indivíduo, corpo social e suas relações de poder com o Estado, tema já introduzido no capítulo anterior, levantando questionamentos em torno de temas como violência e liberdade.

No intuito de compreender as conjecturas que marcam a política moderna, o texto apresenta, em primeiro lugar, a teoria sobre a criação do Estado a partir de Hobbes, discutindo os conceitos de estado de natureza e contrato social que fundamentam o contratualismo. Em seguida, a discussão da teoria de Locke apresenta o debate em torno do direito à propriedade privada definindo o que é pacto de consentimento e pacto de submissão.

A partir da problematização sobre a natureza humana, o texto apresenta a filosofia de Rousseau enfatizando a discussão acerca da noção propriedade e da desigualdade. Essa abordagem possibilita que o professor incentive o debate acerca de temas políticos e sociais contempo-

râneos no intuito de atender as competências e habilidades recomendadas pela BNCC a partir da análise de situações da vida cotidiana que envolvem desigualdades e preconceitos, demandas políticas, sociais e culturais, e de propostas que promovam os Direitos Humanos, e o respeito às diferenças.

A segunda parte do capítulo oferece ao estudante a possibilidade de discutir a luta de classes a partir das teorias políticas do século XIX, centradas na crítica ao estado como instrumento de exploração. Como autores principais nesse tema, o texto apresenta Karl Marx e Friedrich Engels, como representantes do marxismo, e Pierre-Joseph Proudhon e Mikhail Bakunin, como representantes do anarquismo.

O debate em torno do comunismo apresenta as noções de sociedade civil, sociedade política e materialismo histórico para compreender o funcionamento das estruturas do Estado e seus modos de exploração da classe trabalhadora. Já o debate do anarquismo problematiza a noção de propriedade e de Estado a partir de argumentos que envolvem a noção coletiva de liberdade que só poderia ser conquistada a partir das relações sociais e do desaparecimento do Estado. Nesse sentido, o texto mostra as diferenças e semelhanças entre comunismo e anarquismo.

Competências gerais:

1, 4, 6 e 7

Competências específicas:

1, 2, 4, 5 e 6

Habilidades:

EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS204, EM13CHS401, EM13CHS404, EM13CHS502, EM13CHS601 e EM13CHS603

Temas contemporâneos transversais:

- **Cidadania e Civismo:** Vida familiar e social
- **Cidadania e Civismo:** Educação em direitos humanos
- **Economia:** Trabalho

Interdisciplinaridade:

História e Sociologia

Estado, sociedade e poder (p. 224)

O capítulo está centrado na análise do conceito de Estado, evidenciando sua construção histórica e as principais teorias que o afirmam e que o criticam como forma de violência social. Compreender essa temática é fundamental para a consolidação da competência participativa e o desenvolvimento das habilidades a ela relacionadas, como as capacidades de análise crítica e de associação com outros temas.

Teorias sobre a criação do Estado (p. 225)

A investigação sobre o tema está centrada nas filosofias modernas. Por isso, apresenta a noção de contrato social na teoria política moderna, com foco nas concepções de Hobbes, Locke e Rousseau. Nas perspectivas contratualistas, o Estado é uma instituição produzida pelos seres humanos, que deixam o "estado de natureza" para produzir o convívio social e político com vista a alguma finalidade coletiva. De acordo com essas perspectivas, o Estado é a própria política.

Explicando o conceito (p. 225)

A transferência de poderes e a liberdade se dão em nome da garantia da segurança e da sobrevivência. Por medo de serem atacadas, as pessoas decidem consensualmente obedecer a um soberano, que deve garantir a sobrevivência coletiva.

No detalhe (p. 227)

Para além da questão do direito, você pode ampliar o debate acerca da relação que os indígenas têm com a terra, que leva em consideração suas tradições e ancestralidades. Um texto interessante para ler com os estudantes é uma entrevista dada por Davi Kopenawa intitulada Xawara – O ouro canibal e a queda do céu. Esta entrevista foi realizada em 1990 e permanece atual ao discutir a cosmovisão indígena articulada aos ataques que os indígenas sofrem desde a colonização do Brasil.

Sugestão de leitura

- KOPENAWA, D. *Xawara* – O ouro canibal e a queda do céu. Entrevista concedida a Bruce Albert. Brasília, 9 mar. 1990. Entrevista oral. Transcrição disponível em: https://tedit.net/96jgr5. Acesso em 13 out. 2024.

Entrevista realizada em 1990 e que permanece atual ao discutir a cosmovisão indígena articulada aos ataques que os indígenas sofrem desde a colonização do Brasil.

Retome (p. 232)

Há muitas possibilidades de relacionar as semelhanças e as diferenças entre as noções de "estado de natureza" e "contrato social" em Hobbes, Locke e Rousseau. De um modo resumido, pode-se dizer que, segundo Hobbes, Locke e Rousseau, o contrato social é precedido de um estado de natureza. Esse estado, tanto para Hobbes como para Locke, é marcado pelo exercício da liberdade natural em nome da segurança individual. Para Hobbes, isso ocorria por meio da violência e da guerra de todos contra todos, deflagrada em nome da sobrevivência, da posse de bens e da propriedade privada. Para Locke, os indivíduos, livres e com direito natural à propriedade, percebem o risco desse contexto em que as leis reguladoras da vida comum e os direitos garantidores da paz estão ausentes. Ao discordar dos dois pensadores

ingleses, especialmente de Hobbes, Rousseau afirma que o estado de natureza é justamente o estado de liberdade e igualdade entre os seres humanos. Para ele, a sociedade política é a verdadeira fonte de guerra contra a qual um pacto social (contrato social) deveria ser firmado, a fim de garantir a paz, a liberdade e a igualdade a todos. Além disso, embora Locke e Rousseau concordassem que no estado de natureza a disputa pela propriedade era central, Rousseau discordava de que uma das finalidades do contrato social fosse regular e garantir o direito à propriedade privada, conforme Locke propunha. Para Rousseau, a necessidade do pacto consistia justamente em suprimir a desigualdade histórica que fundou o estado social.

As críticas ao Estado no século XIX (p. 233)

Esse tema apresenta as teorias políticas do século XIX, centradas na crítica ao Estado como instrumento de exploração das classes sociais. Para isso, são enfatizados o marxismo e o anarquismo, que são discutidos em suas semelhanças e diferenças.

Explicando o conceito (p. 237)

Porque, para o anarquismo, o governo existe em uma sociedade desigual, de classes sociais, na qual uma classe privilegiada precisa controlar as outras. Se não há classes, se todos são iguais, o governo de uns pelos outros não é mais necessário.

Assim falou (p. 238)

Explore as implicações práticas da visão de Bakunin e proponha a seguinte questão: como a ideia de que a liberdade dos outros valida a nossa própria liberdade pode ser aplicada a questões relacionadas à justiça social, aos direitos humanos e à política?

Mundo do trabalho (p. 239)

Nessa seção, propõe-se uma reflexão sobre a autoexploração, conceito trabalhado pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han.

Após a realização da atividade individual, é possível propor que cada estudante escreva um texto dissertativo argumentativo elencando a relação entre a visão de Byung-Chul Han dos trabalhadores, próprias experiências com as redes sociais e a autoexploração a partir da pergunta: de que maneira a rede social e o discurso motivacional afetam o desempenho do estudante na escola?

Trabalhando com notícia (p. 240-241)

Nessa seção, o foco está na interação entre o Estado, o trabalho e as experiências práticas de trabalhadores em contextos de crise econômica. A análise é centrada na experiência da fábrica de tambores plásticos em Sumaré (SP), administrada por operários desde 2003. A fábrica foi ocupada pelos trabalhadores após a falência dos antigos proprietários e, desde então, tem enfrentado desafios significativos.

As atividades da seção "Trabalhando com notícia" podem ser utilizadas para a avaliação global do capítulo, pois possibilitam a análise da capacidade dos estudantes de fazer uma leitura filosófica de um texto não filosófico.

Galeria de atividades (p. 242-243)

Nessa seção, as propostas de atividades concretas de afirmação da cidadania focam as organizações da sociedade civil, o Poder Legislativo e a questão do voto no Brasil. É importante dedicar um bom tempo de trabalho a essas atividades, incentivando os estudantes a relacionar os conteúdos trabalhados no capítulo com a abordagem dessas questões contemporâneas. A proposta de dissertação filosófica é feita com a indicação de um tema-problema: "O fim do Estado é inevitável?".

Respostas

1. Espera-se que os estudantes façam pesquisas em fontes confiáveis.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes utilizem os conceitos estudados para analisar sua própria realidade.
3. Resposta pessoal.
4. Resposta pessoal. Os estudantes devem produzir um texto dissertativo.

Sugestão de leitura

- Coleção Clássicos da Política. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

Os volumes com as obras de Platão, Aristóteles e Espinosa reúnem, cada um deles, *A República*, de Platão; *A Política*, de Aristóteles; e o *Tratado Político*, de Espinosa, oferecendo um bom panorama do pensamento político em Filosofia.

Capítulo 11: Totalitarismos e biopolítica na sociedade de controle

Objetivos do capítulo

- Examinar as características dos regimes totalitários no século XX, na perspectiva de Arendt.
- Introduzir as tecnologias de poder analisadas por Foucault: soberania, disciplina e biopoder.

- Compreender a ação da disciplina e do biopoder nas sociedades contemporâneas.
- Analisar a caracterização, por Deleuze, das sociedades de controle.
- Investigar possíveis ações de resistência propiciadas pelas revoluções moleculares.

Justificativas do capítulo

Acompanhando a discussão política travada na unidade, o último capítulo trata das dimensões políticas da contemporaneidade a partir da perspectiva da "sociedade de controle". A primeira parte do texto aborda o totalitarismo a partir de Hannah Arendt apresentando o caso da Alemanha nazista para compreender os artifícios utilizados pelo Estado para controlar a sociedade. Dentre os mecanismos totalitários, o capítulo chama a atenção para a propaganda ideológica que exerceu muita influência no contexto da Segunda Guerra Mundial.

Em seguida, o texto mostra, a partir de Michel Foucault, como é possível que a política exerça controle sobre a vida das populações diante daquilo que chamou de biopolítica, um tipo de poder que se pratica a partir da soberania. Além disso, capítulo apresenta conceitos foucaultianos importantes como disciplina, docilidade dos corpos e biopoder que se articulam com o poder soberano.

A discussão levantada a partir de conceitos foucaultianos se estende em direção ao pensamento pós-colonial de Achille Mbembe, que desenvolve o conceito de necropolítica, cuja discussão é capaz de incentivar a análise de processos políticos, econômicos e sociais no âmbito da colonização de modo a compreender a formação de territórios e fronteiras em diferentes períodos e espaços a partir das relações de poder, como recomenda a BNCC.

A última parte do capítulo apresenta a noção de sociedade do controle e as alternativas revoluções moleculares, tais como pensadas por Deleuze e Guatarri, que defendem uma micropolítica construída a partir das relações cotidianas capazes de resistir ao fascismo.

Competências gerais:

1, 6 e 7

Competências específicas:

1, 2, 4 e 6

Habilidades:

EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS106, EM13CHS202, EM13CHS403, EM13CHS602 e EM13CHS603

Temas contemporâneos transversais:

- **Cidadania e Civismo:** Vida familiar e social
- **Cidadania e Civismo:** Educação em direitos humanos
- **Economia:** Trabalho

Interdisciplinaridade:

História e Sociologia

Arendt e a crítica ao totalitarismo (p. 245)

A questão central deste capítulo é a sociedade contemporânea pensada como "sociedade de controle". Para compreendê-la, apresentamos a biopolítica, uma política que, segundo Foucault, é exercida por meio do controle da vida das pessoas. Nesse contexto, um importante fenômeno político de meados do século XX, o totalitarismo, também é trabalhado.

Será explorada a análise feita por Hannah Arendt sobre os totalitarismos ocorridos no século XX: o regime nazista alemão e o stalinismo soviético. Segundo a filósofa, ambos se assentavam sobre o isolamento político dos indivíduos.

Para iniciar o trabalho com o capítulo, proponha um debate sobre a imagem de abertura, sendo possível problematizar a função do governo e a emergência de governos totalitários, que podem se configurar como se a própria natureza dependesse da ação daqueles que ocupam cargos públicos.

Explicando o conceito (p. 245)

A noção pode ser usada com essa finalidade porque em sua origem indica nobreza; a raça ariana era considerada por Hitler a raça nobre, portanto superior às outras.

No detalhe (p. 248)

Para ampliar as referências acerca das condições vividas pelos judeus no Holocausto, o livro *Maus: A história de um sobrevivente* é uma sugestão para ler junto aos estudantes.

Sugestões de leitura

- SPIEGELMAN, A. *Maus*: A história de um sobrevivente. Tradução: Ana Maria de Souza Bierrenbach. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SPIEGELMAN, A. *Maus*: A história de um sobrevivente. II: e foi aí que começaram seus problemas. Tradução: Maria Esther Martino. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

História em quadrinhos em que o autor retrata o contexto totalitarista alemão da Segunda Guerra Mundial a partir do testemunho de seu pai, Vladek Spiegelman, um judeu polonês que sobreviveu ao campo de concentração de Auschwitz.

Foucault: disciplina e biopoder (p. 249)

Esse tema analisa a perspectiva política das últimas décadas do século XX e das primeiras deste século, com base nos conceitos foucaultianos de disciplina e biopoder.

No detalhe (p. 251)

Para expandir a discussão acerca do controle dos corpos, pode ser interessante fazer a leitura do conto "Pai contra mãe", de Machado de Assis, no qual o autor retrata a história de uma família pobre em que pai vivia de capturar escravos fugidos e descreve os dispositivos utilizados para manter a disciplina dos escravizados.

> A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber. perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matara sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.
>
> O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.
>
> ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Assim falou (p. 254)

Explique aos estudantes que Mbembe é um teórico camaronês, que prefere se identificar como teórico africano, cujas obras abordam temas relacionados ao poder, ao colonialismo e às políticas de morte. Em seguida, proponha as seguintes questões: como a combinação dos poderes disciplinar, biopolítico e necropolítico contribui para a dominação colonial? De que maneira a situação descrita por Mbembe se relaciona com outros contextos históricos ou contemporâneos de ocupação e violência?

Formas de resistência ao controle totalitário (p. 255)

Esse tema aborda a Filosofia política produzida por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Nele, evidenciam-se a noção deleuziana de "sociedade de controle" e as possibilidades de resistência das "revoluções moleculares", pensadas por Guattari.

No detalhe (p. 256)

Esses sistemas são implementados, segundo os governos, para evitar crimes e infrações e garantir a segurança dos cidadãos. Contudo, eles impõem uma perspectiva de que estamos sendo sempre vigiados, que nossos atos são controlados.

Mundo digital (p. 260)

Essa seção busca trabalhar com o conceito do capitalismo de vigilância e seu reflexo no cotidiano da sociedade.

Aqui é possível retomar os debates travados nas unidades e capítulos anteriores a partir da filosofia de Byung-Chul Han e trabalhar a partir de problemas éticos como: os dispositivos de segurança podem gerar exclusões sociais? De que forma a vigilância digital pode causar violências e desigualdades?

Sugestões de leitura

- VALERI, J. Inteligência artificial utiliza base de dados que refletem preconceitos e desigualdades. *Jornal da USP*, São Paulo, 7 jul. 2023. Disponível em: https://tedit.net/ukk0u1. Acesso em: 13 out. 2024.

Artigo de jornal que discute a relação entre o uso de inteligência artificial e a as desigualdades sociais.

- SERPA, V. RJ: Prisões realizadas com reconhecimento facial somam 10% de taxa de erro. *Alma Preta*, Rio de Janeiro, 4 set. 2024. Disponível em: https://tedit.net/lijc7n. Acesso em: 9 out. 2024.

Artigo de jornal que debate a taxa de erro em prisões realizadas com reconhecimento facial.

- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

A partir de uma análise centrada no colonialismo, o autor faz uma crítica relativa ao modo como a identidade da negritude são produzidas.

Trabalhando com texto de revista (p. 261)

Essa seção propõe a análise de um texto publicado há mais de duas décadas na revista *Superinteressante* que discute a crescente vigilância e o controle sobre os indivíduos empreendidos por meio da tecnologia, antecipando muitos debates contemporâneos sobre privacidade e segurança.

Galeria de atividades (p. 262-263)

Nessa seção, são propostas atividades que exploram temas como totalitarismo, tecnologias de poder e biopolítica para aprofundar a compreensão dos conceitos discutidos no capítulo.

Respostas

1. O terror é o fundamento do totalitarismo porque, no governo totalitário, a dominação completa do ser humano torna dispensáveis os princípios buscados pelos sistemas clássicos de governo. O totalitarismo se legitima fora das convenções humanas (legalidade e ilegalidade, justiça e injustiça etc.). Assim, por meio do terror, o totalitarismo não se dispõe ao debate ou ao controle humano.
2. Ambas as tecnologias de poder produzem submissão. No caso da soberania, é uma submissão do súdito ao soberano imposta pela lei. No caso da disciplina, trata-se de um sistema muito mais complexo, no qual os sujeitos são individualizados e têm seus corpos docilizados, de modo a praticar aquilo que se espera dos indivíduos nas instituições das quais fazem parte, como escolas, fábricas, etc.
3. Resposta pessoal que exige pesquisa. Espera-se que a resposta contemple os conteúdos expostos neste capítulo e os conhecimentos do estudante sobre os acontecimentos políticos dos últimos anos, que se apropriaram politicamente desses meios (Primavera Árabe, *Occupy Wall Street*, protestos de junho de 2013 no Brasil, etc.).
4. Texto dissertativo; trabalho pessoal.

Debate plural (p. 264-267)

Para encerrar a unidade, a seção explora questões sobre poder e política, e as relações entre preconceito e micropolítica por meio de dois textos que oferecem perspectivas distintas sobre como o preconceito opera nas sociedades e sobre o uso da micropolítica como uma ferramenta para compreender essas dinâmicas e agir para alterá-las.

Poder e política (p. 264-265)

Respostas

1. **a)** Para Aristóteles, a cidade está nos desígnios da natureza porque é próprio da natureza humana a associação com outros, a convivência, o compartilhamento da vida. Se naturalmente os seres humanos vivem juntos, as cidades são resultado natural do crescimento das comunidades humanas.

1. **b)** O que diferencia o ser humano dos outros animais e faz dele um "animal político" é que a natureza lhe concedeu o dom da palavra (linguagem), o que lhe possibilitou ser mais social em relação aos outros animais e constituir os laços que ligam toda sociedade doméstica e civil.

2. **a)** Porque, no Ocidente, historicamente, há uma constante disputa pelo poder. Ademais, a visão restritiva do poder, concebido como regra e proibição, foi o modo como se deu a concorrência e a apropriação do poder pela via jurídica.

2. **b)** Não, porque a burguesia também se beneficiou do poder de se autorrepresentar. Isso não constituiu, para Foucault, uma mudança na concepção de poder vigente, pois a burguesia utilizou o mesmo discurso jurídico a que a monarquia recorria, voltando-o contra esta última.

3. Resposta pessoal. Analise a capacidade argumentativa dos estudantes por meio do texto dissertativo.

Micropolítica do preconceito (p. 266-267)

Respostas

1. **a)** Um governo totalitário pode fazer uso do preconceito de modo extracotidiano, incitar o ódio e a aversão de um grupo de indivíduos contra outro, recorrer à particularidade individual contra a práxis orientada no sentido humano-genérico. Ele o faz seja para manter seus interesses e a ordem do poder vigente, seja para mobilizar a seu favor indivíduos de uma mesma sociedade que representem interesses antagônicos.

1. **b)** Segundo Heller, na maioria dos casos, somente depois de ocorrer uma situação que envolve preconceito é que nos damos conta do caráter preconceituoso daquilo que parecia ser uma opinião. Além disso, com frequência, somos incapazes de reconhecer o momento histórico emergencial no qual nossas ideias não preconceituosas tornam-se preconceitos.

2. **a)** Para Guattari, uma política que se dirige ao desejo e às questões individuais é uma política na medida em que é uma microfísica do desejo, isto é, uma análise que busca a política dirigida no desejo do indivíduo e dos pequenos grupos sociais.

2. **b)** A utilidade da análise micropolítica consiste em situar as ações de transformação social com base em um objetivo transcendente e único, em objetivos múltiplos e de alcance imediato dos mais diversos grupos sociais. Sua utilidade consiste também em relativizar essas ações de transformação, opondo-se à repressão, ao burocratismo e ao maniqueísmo nos movimentos sociais vigentes.

2. **c)** Segundo Guattari, as lutas micropolíticas evitam a centralização da ação política em um ponto único, uma luta única (partido político, sindicato etc). Elas privilegiam uma análise que aponta as grandes lutas no acúmulo de pequenas lutas cotidianas (ações pessoais ou coletivas, nos âmbitos privado e público), protagonizadas por indivíduos e grupos sociais diversos.

3. O resultado é pessoal, a depender da pesquisa realizada, mas se espera que os estudantes sejam capazes de analisar o preconceito como um ato micropolítico, uma vez que se processa no cotidiano das pessoas, nos

atos mais básicos do dia a dia. Seu combate, por outro lado, precisa ser ao mesmo tempo micropolítico, com ações transformadoras das atitudes, e macropolítico, com a criação de leis e de políticas públicas que possam induzir e estimular tais mudanças de atitude.

A aquisição dos conhecimentos e das habilidades trabalhados nesta unidade pode ser avaliada por meio da dissertação filosófica proposta. Os estudantes vão fazer uma pesquisa e ler um texto de Krenak. Por meio da dissertação, também é possível avaliar os dados obtidos, como os estudantes se apropriaram do trecho citado e a construção da argumentação.

Após a realização da atividade e a produção dos textos individuais e coletivos, é possível promover um debate retomando os temas apresentados no anteriormente e incentivar o "ato de criação", descrito por Deleuze, que orienta toda a obra. Nesse sentido, escolha uma situação-problema que se relacione com os temas tratados e peça que os estudantes encontrem, a partir das teorias estudadas, uma solução. A situação pode estar vinculada à atividade anterior, por exemplo: o uso de inteligência artificial gera exclusões e desigualdades. Qual seria a melhor solução para resolver o problema? Os estudantes podem se reunir em grupos para preparar sua argumentação, levando em conta os textos já produzidos.

Sugestões de leitura

- ARENDT, H. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

Obra fundamental para compreender filosoficamente o fenômeno político do totalitarismo.

- DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2017.

O artigo "*Post-scriptum* sobre as sociedades de controle", publicado em 1990, apresenta a análise da vida nesse tipo de sociedade e uma entrevista concedida a Toni Neri, "Controle e devir" na mesma época e que também trata desse tema.

- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica*: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2011.

O livro apresenta um panorama do pensamento de Guattari sobre a micropolítica e as revoluções moleculares compilado em uma de suas viagens ao Brasil.

Unidade 5 – Problemas contemporâneos: epistemologia e estética (p. 268-269)

Explique em linhas gerais o que é epistemologia (ramo da filosofia que se ocupa do conhecimento científico) e peça aos estudantes que observem a imagem de abertura com atenção e reflitam sobre as questões propostas.

Resposta

1. Espera-se que os estudantes sejam capazes de indicar que o pintor representa os cogumelos de fumaça originados pelas explosões atômicas como cabeças humanas, evidenciando o potencial de transformar o mundo do conhecimento humano e suas implicações destrutivas.
2. A esfinge é a entidade mitológica que afirmava: "decifra-me ou te devoro". Dali parece afirmar que o conhecimento atômico no século XX, que poderia tanto trazer progresso quanto uma destruição sem precedentes, era a nova encruzilhada na qual se encontrava a humanidade.
3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes sejam capazes de apresentar aquilo que pensam a respeito (avanços médicos, ferramentas de trabalho, etc.).

Capítulo 12: Desafios epistemológicos contemporâneos: quais os limites da ciência?

Objetivos do capítulo

- Introduzir reflexões sobre a ciência contemporânea e problematizar os limites do conhecimento.
- Apresentar a Filosofia positivista e sua defesa da neutralidade científica.
- Examinar as articulações entre ciência e tecnologia, que redundam na tecnociência.
- Refletir sobre os problemas causados pela tecnociência, buscando no pensamento ameríndio a possibilidade de elaborar outra perspectiva.
- Analisar as relações entre ciência e poder.

Justificativas do capítulo

O capítulo retoma as características gerais do pensamento científico apresentadas na unidade 1 e problematiza os limites éticos e políticos do conhecimento. Quais são os limites da ciência? O conhecimento pelo conhecimento pode estar acima dos benefícios que ele traz para a humanidade?

Para discutir essas questões, o texto parte de uma análise do positivismo, que, no século XIX introduziu o cientificismo, analisando os problemas decorrentes dessa teoria filosófica, apresentando nomes importantes como Jean Ladrière, Auguste Comte e Saint-Simon. Em seguida o texto mostra os desafios para pensar a neutralidade da ciência e as críticas que começaram a aparecer no século XX em torno desse debate a partir do desenvolvimento da tecnologia e dos acontecimentos políticos no contexto da Segunda Guerra Mundial: até que ponto o desenvolvimento da bomba atômica pode

ser considerado como "neutro" do ponto de vista científico sem levar em consideração a ética e a política? Neste ponto o capítulo também apresenta os impactos ambientais causados pelos avanços tecnocientíficos.

Se no primeiro momento do texto podemos perceber que os cientistas compreendem a natureza como um objeto externo a ser estudado, na segunda parte do capítulo, é possível observar um giro na abordagem do tema, já que voltamos o olhar para a natureza a partir da perspectiva ameríndia, que, diferentemente da ciência, pensa o ser humano como parte constituinte dela.

Apresentando a teoria do perspectivismo de Eduardo Viveiros de Castro e as cosmovisões de Ailton Krenak e Davi Kopenawa, o texto procura traçar uma comparação entre a ciência positivista e as perspectivas ameríndias mostrando os diferentes modos de olhar a natureza.

A abordagem desses temas proporciona a análise crítica dos impactos da tecnologia nas relações da sociedade com a natureza e seus impactos econômicos e ambientais levando em consideração possíveis soluções que respeitem a ética socioambiental. Além disso, possibilita avaliar os impactos ambientais decorrentes de práticas governamentais compreendendo suas origens práticas e teóricas, como orienta a BNCC.

O capítulo termina retomando a discussão da unidade anterior acerca da noção de poder articulando-a com o tema do conhecimento e da ciência a partir da perspectiva de Bruno Latour, que se utiliza da metáfora mitológica da caixa de pandora para pensar um novo modo de fazer ciência levando em consideração as discussões éticas e políticas.

Competências gerais:

1, 4, 5 e 7

Competências específicas:

1, 2 e 3

Habilidades:

EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS202, EM13CHS206, EM13CHS301, EM13CHS302, EM13CHS304 e EM13CHS305

Tema contemporâneo transversal:

- **Ciência e Tecnologia:** Ciência e tecnologia

Interdisciplinaridade:

Biologia, Química e Física

Desafios epistemológicos contemporâneos: quais os limites da ciência? (p. 270)

O capítulo busca estimular as competências de conhecimento crítico dos estudantes sobre o universo científico, aprimorando suas habilidades de interrogar a si mesmos, aos outros e ao mundo sobre os limites ético-políticos do conhecimento.

Cientificismo e neutralidade da ciência (p. 271)

Para iniciar a abordagem do capítulo, proponha questões como: quais são os limites da ciência? O conhecimento pelo conhecimento pode ser colocado acima dos benefícios que ele traz para a humanidade? Em seguida, exiba e debata o filme *Gattaca: a experiência genética*, uma ficção científica que questiona como o conhecimento proporcionado pelo avanço das ciências pode interferir na vida das pessoas.

A tecnociência e algumas de suas consequências (p. 275)

O desenvolvimento do capítulo relaciona-se ao positivismo de Comte, evidenciando sua influência nas ideias de autonomização e neutralidade da ciência e na construção, ao longo do século XX, da "tecnociência".

Explicando o conceito (p. 275)

Ele é mais apropriado porque deixa evidente que todo conhecimento tem uma aplicação prática e que a ciência não pode ser separada da tecnologia e vice-versa.

No detalhe (p. 276)

Se julgar adequado, é possível apresentar o documentário *Herança Maldita: Do ciclo do ouro ao neoliberalismo*, que discute o modelo da mineração em Minas Gerais. Ativistas e moradores de comunidades atingidas denunciam os impactos da mineração em seus territórios, culturas, economias e em todo ecossistema, para aprofundar a discussão acerca dos desastres ambientais de Brumadinho e Mariana. Disponível em: Hhttps://tedit.net/5j11lc. Acesso em: 10 out. 2024.

Infográfico (p. 279)

O infográfico sistematiza as ambiguidades do avanço tecnológico.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes consigam refletir sobre os impactos positivos e negativos que uma mesma tecnologia pode gerar. Um exemplo é a inteligência artificial e seu potencial para a descoberta de tratamentos para doenças e avanços científicos, por um lado, e a diminuição de postos de trabalho em determinadas áreas, por outro.
2. De forma coletiva, os estudantes deverão discutir o caráter ambíguo de uma tecnologia presente em seu cotidiano. É possível concluir, por exemplo, que a facilidade de comunicação proporcionada pelos *smartphones* pode estar acompanhada de impactos negativos na privacidade das pessoas e em seus níveis de ansiedade.

Ciência e poder na contemporaneidade (p. 280)

Esse tema apresenta a abordagem contemporânea de Bruno Latour sobre as relações entre ciência e política.

Retome (p. 281)

É possível estabelecer várias relações entre ciência e política. Neste capítulo, a relação mais forte entre esses saberes pode ser compreendida por meio do conceito de tecnociência. Com o avanço do conhecimento científico ao longo dos séculos XIX e XX, a aplicação bélica das descobertas da Química e da Física proporcionou aos países totalitários e às superpotências capitalistas um poder de destruição sem precedentes na história.

Trabalhando com crônica (p. 282-283)

Interdisciplinaridade

Nessa seção, exploramos uma crônica escrita por Marcelo Gleiser que oferece uma reflexão irônica e divertida sobre as implicações da descoberta científica, especificamente do "bóson de Higgs". A crônica utiliza um diálogo imaginário entre o filósofo Aristóteles e o físico Peter Higgs para discutir as questões filosóficas e epistemológicas envolvidas na ciência moderna.

Respostas

1. Podemos inferir a partir da crônica que os conhecimentos antigos eram baseados em uma suposição teórica e que era preciso ser capaz de convencer as pessoas; já os conhecimentos científicos atuais são baseados no método e na capacidade de construir uma explicação correta daquilo que se observa. Mesmo com essas diferenças, ambas as perspectivas apresentam limites.
2. Sim, afirmar que não se pode saber tudo é assumir que o conhecimento tem limites. Mesmo um conhecimento que não tem aplicação prática está limitado pela capacidade de compreensão da humanidade. Mas a afirmação de que é preciso continuar buscando evidencia que a curiosidade e o impulso humano para o conhecimento são ilimitados, ou seja, os seres humanos sempre querem saber mais e melhor.
3. A crônica nos permite pensar os avanços do conhecimento científico e sua tentativa de explicar o mundo da melhor maneira possível, permitindo que, por conhecer, sejamos capazes de fazer intervenções. Mas também nos diz sobre os limites do conhecimento. Por mais que conheçamos, nunca vamos saber tudo sobre todas as coisas.

É possível retomar a sugestão de discussão do capítulo 4, unidade 2, acerca dos "regimes de verdade" de Foucault e aprofundar a discussão em torno da relação ciência e filosofia levantada pela crônica a partir da seguinte leitura:

Sugestão de leitura

- VIDEIRA, A. A. P. *A Inevitabilidade da Filosofia na Ciência Natural do Século 19*: O Caso da Física Teórica. Ijuí: Unijuí, 2013.

O livro discute a relação entre ciência – mais precisamente a física teórica – e a filosofia mostrando como, no século XIX a profissão de físico teórico passou a ocupar o lugar do filósofo natural.

Galeria de atividades (p. 284-285)

Nessa seção, há atividades mais complexas que exigem a leitura atenta de textos. A primeira atividade proposta deve ser realizada em grupo e possibilita que os estudantes entrem em contato com a atividade científica contemporânea por meio de publicações recentes sobre o tema.

1. Respostas pessoais. É fundamental que, nas respostas, seja possível identificar com clareza o problema a ser investigado, a justificativa e os objetivos da investigação. Se desejarem, os grupos também podem incluir uma metodologia que poderia ser utilizada.

   É possível avaliar os estudantes por meio deste pré-projeto de pesquisa científica, em que eles devem demonstrar a boa assimilação crítica do conteúdo do capítulo.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes consigam refletir, citando exemplos, sobre o caráter ambíguo do avanço científico, que traz benefícios para a humanidade, mas também novos e mais intensos desafios.

Sugestões de leitura

- BRIDLE, J. *A nova idade das trevas*: a tecnologia e o fim do futuro. São Paulo: Todavia, 2021.

Na obra, o autor reflete sobre o impacto da tecnociência em nossa vida e defende que, no lugar do avanço, o futuro parece nos apresentar uma perspectiva sombria.

- O'NEIL, C. *Algoritmos de destruição em massa*. Santo André: Rua do Sabão, 2020.

O livro explica como os algoritmos regulam as ações das pessoas, tornando-se um novo agente político que precisa ser compreendido e enfrentado.

Capítulo 13: Desafios estéticos contemporâneos: a arte emancipa?

Objetivos do capítulo

- Problematizar a arte como produção humana.

- Introduzir o conhecimento da estética, que alia sensibilidade e razão na compreensão do mundo.
- Apresentar o conceito de indústria cultural e examinar suas implicações na fruição artística no mundo contemporâneo.
- Identificar as reflexões de Jacques Rancière em torno das possibilidades emancipatórias da arte.

Justificativas do capítulo

Partindo da ideia de que a arte é uma das formas centrais da expressão humana, o capítulo investiga as nossas relações atuais com esse campo. Para tal, mostra-se importante compreender que a estética alia razão e sensibilidade na compreensão do mundo.

Após a discussão da estética como uma área da filosofia que se dedica ao estudo do belo e do sublime, o texto apresenta os diversos tipos de expressão da arte que tem um mesmo objetivo: representar aquilo que observamos, e introduz a ideia de representação e imitação retomando a noção grega de mimesis.

Em seguida, é apresentado o conceito de indústria cultural desenvolvido pela Escola de Frankfurt e a crítica à mercantilização da arte no capitalismo. Neste ponto o estudante é apresentado às teorias de Theodor Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin. Nesse sentido, também é a introduzido o debate em torno da democratização do acesso a arte levando em consideração a sua reprodutibilidade e o conceito de alienação, fundamentando da teoria marxista estudado em capítulos anteriores.

Na terceira parte do capítulo é apresentada o trabalho de Jacques Rancière sobre a arte proletária no século XIX e seu potencial emancipador e sua leitura contemporânea do tema, que propõe o espectador como criador.

O tema e a condução do capítulo valorizam diversas manifestações artísticas e culturais e proporciona a apropriação de conhecimentos que possibilitam que o estudante compreenda o papel da indústria cultural e da cultura de massa e seus impactos sociais e políticos, como recomenda a BNCC.

Competências gerais:

1, 3, 6 e 7

Competências específicas:

1, 3, 4 e 5

Habilidades:

EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS105, EM13CHS106, EM13CHS303, EM13CHS404 e EM13CHS502

Temas contemporâneos transversais:

- **Multiculturalismo:** Diversidade cultural
- **Cidadania e civismo:** Educação em direitos humanos

Interdisciplinaridade:

Arte e Língua Portuguesa

Desafios estéticos contemporâneos: a arte emancipa? (p. 286)

O capítulo objetiva aprimorar as competências linguísticas reflexivas dos estudantes para problematizar a arte como veículo emancipatório, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades de crítica, criação, expressão e participação social.

A problemática deste capítulo diz respeito à arte e à estética. O início menciona as polêmicas geradas em 2017 pelo fechamento antecipado da exposição *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*, em Porto Alegre (RS), e a definição de idade mínima de 18 anos para visitação a uma exposição sobre a história da sexualidade no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp).

Para iniciar o trabalho, leia a reportagem da "Galeria de atividades" com os estudantes e debata o texto em sala de aula. Esse exercício facilitará a realização da atividade indicada ao final do capítulo. Se preferir outros caminhos, você pode trabalhar com uma obra de arte de qualquer natureza e conversar com os estudantes sobre os sentimentos, as sensações e as percepções suscitados para introduzir a percepção estética.

Sentidos, representação do mundo e estética (p. 287)

Nesse tema, há uma breve introdução à estética, que é a área da Filosofia que estuda o belo e o sublime. Após apresentar esses conceitos, o potencial emancipador da atividade artística é problematizado.

Explicando o conceito (p. 287)

A sensação de sublime é mais complexa do que a de beleza. O ser humano sente-se pequeno diante de algo que é grandioso de tão belo, como um fenômeno da natureza ou uma obra artística.

Assim falou (p. 291)

Enfatize a importância de entender a arte não apenas como uma forma de expressão comum, mas como um meio de desafiar a ordem estabelecida e provocar uma nova visão da vida. Se possível, traga exemplos atuais de obras de arte alinhadas com a visão de Read.

Arte, produção e indústria cultural (p. 292)

Nesse tema, são apresentados o conceito de indústria cultural proposto pela Escola de Frankfurt e a crítica à mercantilização da arte no capitalismo.

Arte e emancipação (p. 296)

Esse tema aborda o trabalho de Jacques Rancière sobre a arte proletária no século XIX e seu potencial emancipador, bem como uma leitura contemporânea do tema.

Explicando o conceito (p. 298)

Para os autores alemães, a ingenuidade estava em pensar que a sociedade pode ser mudada por meio da força do exemplo. A exploração do capital é perversa e, se não forem desvendados seus mecanismos para que possam ser combatidos, não há transformação possível.

No detalhe (p. 299)

Se julgar adequado, para discutir a relação em torno do que pode ser considerado arte e de seu potencial emancipatório, apresente o documentário *Pixo*, que conta as origens da pixação. O documentário mostra a realidade dos pichadores, acompanha algumas ações, os conflitos com a polícia e mostra um outro olhar sobre algumas intervenções já muito exploradas pela mídia. O filme não traz respostas, mas fornece argumentos para o debate: pichação é arte ou é crime? Disponível em: https://tedit.net/smzyh1. Acesso em: 10 out. 2024.

Mundo do trabalho (p. 300)

A seção reflete sobre Arte e indústria cultural. Para aprofundar o conceito de indústria cultural apresentado pelo capítulo, dando ênfase à questão relativa ao consumo da arte e pensando a partir de diversas expressões, como pintura, música, dança, etc, explore a experiência dos estudantes com as diversas expressões artísticas e sua relação com o consumo.

Trabalhando com imagem (p. 301)

Essa seção apresenta a descoberta de que tanto o *homo sapiens* como o *Homo neanderthalensis* faziam pinturas rupestres, o que amplia o conceito de humanidade. Além disso, evidencia a arte como uma característica fundamental que conecta os primeiros artistas aos criadores atuais, enfatizando para a importância da arte na expressão e na transformação do mundo ao longo da história. Após a realização individualizada da atividade, você pode incentivar um debate acerca das respostas dos estudantes. Além disso, pode ser uma boa oportunidade para refletir sobre a prática de ensino de filosofia pensado em conjunto com a arte e compreender a relação entre filosofia, educação, emancipação e arte.

Atividade complementar

Uma visita a um museu ou galeria de arte ajudaria no desenvolvimento dos temas do capítulo.

Vídeo com Vladimir Safatle sobre uma experiência estética e de emancipação no canal *Agenciamentos Contemporâneos*. Disponível em: https://tedit.net/7wjzvf. Acesso em: 4 out. 2024.

Galeria de atividades (p. 302-303)

Nessa seção, os estudantes vão realizar atividades mais complexas e que exigem leitura mais atenta de textos. Chamamos atenção para a última atividade sobre a reportagem a respeito da polêmica provocada pelo *Queermuseu*, que solicita a leitura de um texto jornalístico, uma coleta de opiniões de distintas fontes e uma reflexão pessoal sobre o tema, que deverá ser sistematizada na forma de uma dissertação filosófica. Atividades como essa visam preparar os estudantes para avaliações mais complexas.

Respostas

1. Resposta pessoal. No entanto, é preciso que seja utilizada a ideia citada de que apenas a obra de arte torna visível e aceitável a verdade. Espera-se que os estudantes comentem essa afirmação e se posicionem frente a ela.
2. A hierarquia dos sentidos preconiza a visão como mais importante, sendo os demais sentidos secundários. Isso fez com que as artes visuais tivessem um desenvolvimento muito maior do que outras artes ligadas aos outros sentidos.
3. Resposta pessoal. Observar a apropriação dos conceitos e o desenvolvimento de ideias e argumentos próprios na dissertação por parte dos estudantes.

Debate plural (p. 304-307)

Para encerrar a unidade, essa seção apresenta dois textos com perspectivas contrastantes sobre a função da arte.

O controle da ciência (p. 304-305)

Após responder individualmente as atividades 1 e 2, divida a turma em dois grupos: (1) aqueles que construirão argumentos em favor do limite político da ciência; e (2) aqueles que construirão argumentos em favor do limite ético da ciência. Ofereça alguns minutos para que os grupos se organizem e compartilhem suas respostas de modo a organizar o debate. Em seguida, estabeleça um tempo-limite para que cada grupo responda publicamente as perguntas anteriores. Sugira que o grupo eleja um porta-voz para debate. Ao longo da atividade é possível fazer pequenas interferências no sentido de elucidar conceitos que não tenham sido esclarecidos e corrigir eventuais equívocos.

Respostas

1. **a)** O cientista precisa despertar o interesse dos outros em suas pesquisas porque, sendo um estrategista político de interesses, ele deve conseguir aliados que possam ajudá-lo, proporcionando-lhe

condições favoráveis à realização de seus projetos de inovação científica.

1. b) Segundo a autora, as relações entre Ciência e Política são fundamentalmente éticas, pois envolvem poder (Estado e Ciência), ética (prática científica) e interesse (cientistas, Estado e sociedade).

1. c) As questões políticas interferem na ciência por meio da capacidade das ciências de propor questões e gerar respostas singulares sobre um aspecto presente na própria sociedade, isto é, sobre o arranjo de forças sociais que giram em torno dos interesses. O cientista que deseja realizar uma pesquisa inovadora e relevante deve antes considerar um aspecto político a ser integrado à sua pesquisa, a fim de despertar os interesses do público e de quem mais puder ajudá-lo na realização de seu projeto. O caso do biólogo que vincula sua pesquisa ao problema da aids é um exemplo disso. O caso de Lyssenko, segundo a autora – um exemplo moralmente negativo, mas válido no nosso caso –, também ilustra a interferência das questões políticas na ciência, uma vez que o cientista russo mobilizou o poder do Estado soviético contra outros cientistas. Já no caso hipotético do cientista que detém o conhecimento do composto com potencial bélico, a prioridade do político sobre o científico pode ser notada na ação moral do cientista, que engana os militares mediante a possibilidade de sua descoberta científica ser utilizada para fins políticos violentos. O inverso também acontece. Este último aspecto do caso hipotético dado pela autora do texto diz respeito à primazia da ciência sobre a política, visto que uma inovação científica aplicada militarmente pode atribuir ao Estado um poder desmesurado e definir tragicamente o destino de milhares de pessoas.

2. a) A condição para que os cientistas recuperem o controle intelectual sobre a ciência é a reforma do modo de pensar.

2. b) Os "dois deuses" são antagônicos porque, enquanto o deus da ética do conhecimento exige que o cientista submeta a natureza a uma dominação aniquiladora para alcançar novas descobertas na ciência, o deus da ética cívica e humana exige que a ciência seja produzida mediante uma prática que respeite a natureza em todas as suas formas de manifestação de vida.

2. c) A "árvore do conhecimento" (imagem presente no Gênesis, o primeiro texto da Bíblia cristã, que versa sobre a origem do mundo) pode ser interpretada como metáfora do estado atual da ciência. Em nome das grandes conquistas científicas – os pesados frutos –, a ciência foi e ainda é posta em prática para além dos limites éticos, o que pressupõe a perda histórica do controle intelectual sobre ela. Esse conhecimento desimpedido de seus limites éticos guarda um potencial destrutivo e dominador, representado na imagem da queda da árvore. É possível que sua queda seja interpretada como consequências nocivas da prática científica, que recaem sobre a própria humanidade (Adão e Eva) e sobre a natureza (árvore e serpente) em forma de sacrifício (queda da árvore e esmagamento de todos que se encontram sob ela).

3. Não há resposta definida para esta atividade.

Arte: dominação ou emancipação? (p. 306-307)

Antes da realização da atividade, retome os temas apresentados no capítulo e ofereça esclarecimentos sobre o conteúdo estudado, se for o caso. Em seguida, oriente a escrita da redação. Peça que o estudante responda às questões anteriores antes de produzir a redação mostrando que suas respostas podem funcionar como uma espécie de roteiro para o texto argumentativo.

O primeiro texto, de Adorno e Horkheimer, critica a indústria cultural, argumentando que a arte se transforma em um produto de massa que serve aos interesses da economia e da dominação social. O segundo, de Jacques Rancière, propõe que a fruição artística pode ser emancipadora.

Respostas

1. a) Resposta pessoal. Verifique se os estudantes foram capazes de assimilar o conceito de indústria cultural por meio dos elementos fornecidos no texto.

1. b) A questão-chave é a reprodutibilidade, o que possibilita a existência de poucos centros de produção de cultura e de mecanismos disseminadores, como o rádio, a televisão e o cinema. Um exemplo é o que representa Hollywood para a indústria cinematográfica mundial. Cria-se um determinado padrão que é distribuído massivamente, criando um rosto comum. O resultado é um processo de disseminação ideológica que serve à dominação das massas.

1. c) O rádio é um meio de comunicação muito popular na época da publicação do texto. Ele permite uma difusão em massa: o locutor fala não se sabe para quem, visto que milhares e mesmo milhões podem estar ouvindo a transmissão ao mesmo tempo. Nesse sentido, a tecnologia do rádio está diretamente ligada à comunicação de massa, enquanto o telefone está voltado para uma comunicação individualizada.

2. a) Comumente compreendemos o olhar como algo passivo, oposto à ação. Sendo assim, a passividade do olhar não pode emancipar. Por isso, é necessário superar essa compreensão e ver no olhar também uma atividade. Se olhar é agir, o olhar pode ser aberto a um processo de emancipação.

2. b) O espectador não é passivo. Ele observa, seleciona o que mais interessa, compara situações e interpreta o que vê segundo suas ideias. Desse modo, o espectador é ativo diante da obra de arte, interage com ela e a reconstrói à sua maneira. Se o espectador não é passivo, o espetáculo não embrutece, apenas transmite uma mensagem. O espectador pensa sobre o que vê e age sobre a obra, transformando-a e transformando-se a si mesmo.

2. c) Resposta pessoal. Avalie a capacidade dos estudantes de explicar o texto por meio do exemplo escolhido.

3. Resposta pessoal. Avalie a capacidade dos estudantes de usar os textos para fazer a análise.

Para avaliar o capítulo, é possível usar o trabalho com os textos de Adorno & Horkheimer sobre indústria cultural e de Jacques Rancière sobre a emancipação do espectador, da seção "Debate plural", avaliando a redação produzida pelos estudantes na atividade 3.

Sugestões de leitura

- BENJAMIN, W. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. São Paulo: Zouk, 2012.

Texto clássico sobre o impacto dos meios de reprodução no universo artístico.

- RANCIÈRE, J. *O espectador emancipado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

A obra apresenta uma nova visão sobre o impacto da arte na vida das pessoas, ao defender que uma pessoa emancipada frui a obra e não precisa ser seu criador para experimentar a potencialidade artística.

Unidade 6 – Problemas contemporâneos: ética e política (p. 308-309)

Peça aos estudantes que observem a imagem de abertura com atenção e reflitam sobre as questões a seguir.

Respostas

1. Os estudantes podem observar muitas coisas. Espera-se que eles comentem que o quadro retrata apenas mulheres e que elas estão nos escombros de uma cidade, aparentemente bombardeada.
2. Na primeira parte da resposta, espera-se que os estudantes destaquem os tons de cinza das construções e dos destroços, que contrastam com as cores vivas das roupas das mulheres. A resposta da segunda parte é estritamente pessoal.
3. Entre as várias possibilidades, os estudantes podem destacar a participação das mulheres na política, os esforços de reconstrução de uma sociedade devastada pela guerra e a força feminina de apoio mútuo.

Capítulo 14: Desafios políticos contemporâneos: novas formas de agir?

Objetivos do capítulo

- Aprofundar a compreensão e a discussão política por meio da reflexão sobre alguns elementos contemporâneos.
- Introduzir o conceito de império de Negri e Hardt como possibilidade de leitura da política atual.
- Analisar a ideia de que uma "democracia da multidão" estaria baseada na produção de consensos possíveis.
- Contrapor às teses de Negri a Filosofia política de Rancière, centrada na ideia de dissenso.
- Compreender a política como "partilha do sensível" e as possibilidades atuais de construção da emancipação.

Justificativas do capítulo

O capítulo 14 problematiza questões políticas no mundo contemporâneo. Para isso, analisa perspectivas propostas por dois pensadores: Antonio Negri e Jacques Rancière, buscando discutir a participação e representação política.

A partir do pensamento de Negri, entende-se a formulação da noção de império como uma forma política contemporânea que representa a soberania na pós-modernidade, que estaria centrada na produção biopolítica tal como imaginada por Foucault, apresentada em capítulos anteriores. Nesse contexto, o capítulo discute questões contemporâneas recentes com a pandemia de covid-19, o direito de intervenção policial, e novas formas de ação política.

A segunda parte do capítulo trata da política pensada por Rancière como partilha do sensível, que, problematiza o conceito de democracia, traça um paralelo com a arte e busca compreender o sentido contemporâneo de fazer política. Além disso, incentiva o pensamento crítico filosófico e autônomo dos estudantes a partir do diálogo com temas já tratados anteriormente.

A parte final do capítulo tem como objetivo compreender o conceito de igualdade, e suas inserções e intersecções no mundo político contemporâneo. Ao tratar dos dois autores a partir do debate de questões políticas do mundo atual, o texto busca fornecer ferramentas conceituais aos estudantes para a problematização do tempo presente a fim de investigar processos políticos, econômicos e sociais, compreendendo os mecanismo de desigualdade e exclusão que envolvam o exercício arbitrário do poder e, ao mesmo tempo, produzir um pensamento crítico em relação a esses dispositivos, como recomenda a BNCC.

Competências gerais:

1 e 7

Competências específicas:

1 e 2

Habilidades:

EM13CHS101, EM13CHS106 e EM13CHS201

Temas contemporâneos transversais:

- **Cidadania e civismo:** Vida familiar e social
- **Cidadania e civismo:** Educação em direitos humanos

Interdisciplinaridade:

Sociologia e História

Desafios políticos contemporâneos: novas formas de agir? (p. 310)

O capítulo propõe uma análise filosófica dos desafios políticos contemporâneos, de modo a consolidar o desenvolvimento da competência de ação política participativa e democrática dos estudantes, que implicam habilidades reflexivas, críticas e criativas que afirmam sua cidadania.

Para problematizar os desafios políticos contemporâneos, inicie a abordagem com o filme *V de vingança*, que pode ser visto com a turma em sala ou previamente pelos estudantes. Inspirado em uma série de quadrinhos, ele tem uma linguagem dinâmica e pode chamar a atenção dos adolescentes. Embora seja uma ficção, aborda questões políticas atuais de modo bastante direto e pode ser utilizado para iniciar um debate com os estudantes a respeito dos limites da democracia, da frágil separação entre participação e manipulação, do atendimento às necessidades dos cidadãos e do totalitarismo. Coloca também em discussão as formas de resistência política e suscita a questão: faz sentido agir violentamente contra a violência?

Também é possível apresentar e discutir os possíveis sentidos da imagem de Banksy que abre o capítulo ou outra obra desse artista, que sempre apresenta inspiração política e social.

A política contemporânea e uma "ordem imperial" (p. 311)

Nesse tema, são apresentados os postulados do italiano Antonio Negri, que destaca a formulação da noção de império como a forma política contemporânea de um mundo global. Para esse autor, se o império significa uma nova forma de dominação, também possibilita a realização democrática em torno do conceito de "multidão", reformulado com base em Espinosa.

Explicando o conceito (p. 314)

O consenso é importante porque possibilita a constituição do governo da maioria após todo um processo de negociação política.

Explicando o conceito (p. 317)

Podem ser realizadas atividades artísticas, religiosas, políticas e até mesmo festivas.

A política como "partilha do sensível" (p. 319)

Com Rancière, é possível problematizar o conceito de democracia, definido pelo autor como a realidade da política. Sua crítica da forma política das sociedades contemporâneas é bastante interessante e desafiadora, e nos motiva a pensar no que significa, hoje, fazer política.

A intenção do capítulo não é defender os pontos de vista de Negri ou de Rancière, mas colocar em debate as questões políticas contemporâneas, para que os estudantes tenham referências para questionar os discursos fáceis e vazios das propagandas políticas midiáticas. Além disso, espera-se, com a Filosofia, fornecer ferramentas conceituais para uma problematização do presente, a fim de produzir uma cidadania ativa e consciente.

Mundo digital (p. 326)

Nessa seção, são trabalhadas as *fake news* sob as lentes do pensamento de Hannah Arendt.

Se julgar produtivo, após a realização individual da atividade, retome temas de capítulos anteriores acerca do mundo digital na tentativa de articular a discussão em torno de temas da política contemporânea a partir de questionamentos do tipo: como as redes socias podem ser vistas como ferramenta de ação política? (Exemplos: Primavera árabe, *Black lives matter*, *Ni una menos*, entre outros). De que maneira o uso das redes sociais pode interferir no processo eleitoral democrático?

Sugestões de leitura

- PENTEADO, C. L. C.; CRUZ JUNIOR, B. G. Ação política na internet na era das redes sociais. *Ponto-e-Vírgula*, n. 26, p. 109-122, 2019. Disponível em: https://tedit.net/my7ad1. Acesso em: 11 out. 2024

O artigo visa analisar o uso das redes sociais em mobilizações políticas brasileiras a partir da identificação de diferentes tipos de ação política nas redes sociais.

- FAÇANHA, I. H.; SIQUEIRA, E. S. A influência das mídias sociais nas últimas eleições brasileiras. *FGV RIC Revista de Iniciação Científica*, v. 4, n. 1, p. 45-60, 2023. Disponível em: https://tedit.net/l7kync. Acesso em: 11 out. 2024

O texto busca compreender a influência das diferentes redes sociais no processo eleitoral brasileiro.

Trabalhando com texto filosófico de divulgação (p. 327)

Nessa seção, é explorado o debate sobre a proibição do uso de símbolos religiosos nas escolas públicas na França,

especificamente o véu islâmico, abordado por Jacques Rancière, que critica a proposta da lei, argumentando que ela não resolve verdadeiramente as desigualdades sociais, mas tenta impor uma forma de universalidade que pode ocultar outras desigualdades.

Após a realização individual da atividade, promova uma discussão coletiva que leve em conta a experiência dos estudantes em sala de aula. Uma maneira de conduzir o debate é solicitar que cada estudante leia a resposta dada à questão 3, e daí, seguir com a articulação entre as experiências dos estudantes e o tema tratado no texto.

Atividade complementar

Promova um debate com os estudantes sobre o conteúdo do vídeo com Henrique Z. M. Parra sobre "Tecnopolíticas e governo algorítmico no (antropo)(capital)plantationceno", do canal *Agenciamentos Contemporâneos*. Disponível em: https://tedit.net/0j7e8o. Acesso em: 4 out. 2024.

Galeria de atividades (p. 328-329)

Nessa seção, há atividades que exigem que os estudantes reflitam sobre suas ações – no caso, sua participação em redes sociais, bem como sobre as possíveis explorações políticas que se faz delas. Também há atividades baseadas em notícias sobre política contemporânea, que são especialmente relevantes.

Respostas

1. Há muitas relações entre biopolítica, sociedades de controle e império possíveis de serem mencionadas nessa resposta. Talvez a principal delas diga respeito à capacidade que o conceito de biopolítica tem de diagnosticar as atuações do império. Isso ocorre por meio das instituições e de uma sociedade de controle, concretizadas em ações militares, econômicas, políticas, médicas, jurídicas e midiáticas, que visam controlar a vida dos indivíduos.
2. A emancipação intelectual e a emancipação política são análogas, pois, assim como se deve considerar que na educação todos os indivíduos são iguais em inteligência, para que possa haver um processo de aprendizado emancipado, na política é preciso que os atores políticos se entendam como iguais para que a emancipação seja alcançada.
3. Resposta pessoal. Nesta atividade, os estudantes devem realizar uma pesquisa.
4. Resposta pessoal. Nesta atividade, os estudantes devem realizar uma pesquisa.
5. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes desenvolvam uma visão crítica, capaz de identificar tanto os benefícios quanto as limitações dessas ferramentas, ao realizar a pesquisa e analisar os dados à luz dos conceitos de Negri e Rancière. Esse processo de investigação permitirá que compreendam as implicações sociais, políticas e culturais envolvidas, promovendo uma análise mais equilibrada e informada sobre o tema.

Sugestões de leitura

- COMITÊ INVISÍVEL. *Motim e destituição agora*. São Paulo: N-1, 2017.

A obra apresenta uma leitura contemporânea da política e propõe uma ação cidadã livre e imediata.

- CENTELHA. *Ruptura*. São Paulo: N-1, 2019.

A obra propõe ações participativas e democráticas de enfrentamento.

Capítulo 15: Desafios éticos contemporâneos: novas formas de agir?

Objetivos do capítulo

- Promover um aprofundamento da compreensão e da discussão ética por meio da reflexão sobre elementos contemporâneos.
- Compreender e debater questões suscitadas pela vida humana, com base no campo da Bioética.
- Explorar e problematizar o fenômeno contemporâneo caracterizado pela produção de códigos de ética pelas empresas, visando à responsabilidade social.
- Examinar as contribuições de Levinas e de sua ética da alteridade para o debate contemporâneo.
- Investigar a concepção ética de Habermas e suas relações com as sociedades democráticas.
- Debater eticamente as relações do ser humano com o planeta por meio da noção de contrato natural proposta por Serres.

Justificativas do capítulo

O último capítulo trabalha com questões éticas contemporânea a partir de três eixos: bioética, ética na política e nos negócios e ética ambiental. A primeira parte se concentra em discutir a questão da vida e da morte a partir da bioética. O texto trata do relativismo moral pensado por Gilles Lipovetsky e a crítica feita a ele pensada por Zygmunt Bauman, que, para pensar a ética, leva em consideração os direitos humanos, a justiça social e a relação entre as condutas individuais e o bem-estar-coletivo.

Ampliando a discussão, o capítulo apresenta brevemente o trabalho de Hans Jonas e, em seguida, indica os princípios da bioética desenvolvido por Álvaro Valls e que

se aplicam à profissionais da área da saúde. A bioética aplicada é discutida pelo texto a partir da teoria de Peter Singer, que propõe cinco "mandamentos" fundamentados na ética utilitarista. Neste momento o professor pode manejar a discussão acerca dos temas sensíveis relativos à bioética como por exemplo a eutanásia utilizando os materiais sugeridos no título "Questões de vida e de morte: elementos da bioética".

A segunda parte do capítulo aborda a ética corporativa levando em consideração o que se chama de "códigos de ética" e "ética nos negócios". A discussão central é feita com base nas análises críticas realizadas por Gilles Lipovetsky. Articula-se ainda a perspectiva ética com as sociedades democráticas, explorando os pensamentos de Emmanuel Levinas e de Jügen Habermas.

A terceira parte está centrada no debate dos problemas da relação do ser humano com a natureza e traz a contribuição do pensamento instigante de Michel Serres. O filósofo propõe enfrentar a problemática ambiental por meio daquilo que denomina um "contrato natural", que modifica nossa relação com a natureza.

Por fim, e a partir da perspectiva construída pelo capítulo, o texto trata da exploração animal a partir da consideração feita por Peter Singer de "não discriminar com base na espécie". Neste ponto, pode ser interessante oferecer outras perspectivas éticas em prol da causa animal. Em coluna publicada na Folha de São Paulo, Slavoj Zizek faz uma crítica ao pensamento de Peter Singer referente à ética animal.

Além disso, Jacques Derrida fornece outros argumentos que podem ser colocados em defesa dos animais. Em O animal que logo sou, o filósofo questiona a relação e a separação entre seres humanos e animais.

Os temas acerca do debate ético que envolvem a dimensão da vida, da morte, do trabalho e da política encerram o livro possibilitando contextualizar a relação entre a sociedade e a natureza, incentivando o debate público e coletivo de temas contemporâneos que estimulam o exercício de cidadania e incentiva a participação em processos políticos e sociais, como preconiza a BNCC.

Sugestões de leitura

- DERRIDA, J. *O animal que logo sou*. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

O texto procura descrever o comportamento de desdém da filosofia em relação ao animal explorando a relação entre seres humanos e animais.

- ŽIŽEK, S. Critérios de humanidade. *Folha de S.Paulo*, 11 fev. 2001. Disponível em: https://tedit.net/5k52p9. Acesso em: 11 out. 2024

A coluna discute os critérios de humanidade utilizados por Peter Singer para desenvolver uma ética em prol da causa animal.

Competências gerais:

1 e 7

Competências específicas:

1, 2, 3 e 6

Habilidades:

EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS205, EM13CHS306 e EM13CHS605

Temas contemporâneos transversais:

- **Cidadania e civismo:** Vida familiar e social
- **Cidadania e civismo:** Educação em direitos humanos
- **Meio ambiente:** Educação ambiental

Interdisciplinaridade:

Biologia e Sociologia

Desafios éticos contemporâneos: novas formas de agir? (p. 330)

O capítulo problematiza a vida contemporânea, atravessada pelas questões da Bioética e do meio ambiente. Com isso, objetiva consolidar a competência reflexiva e crítica dos estudantes, desenvolvendo habilidades de participação ética e cidadã na comunidade.

Este capítulo trabalha as questões éticas atuais, apresentando-as em três blocos: Bioética; ética nos negócios e na política; e ética ambiental. Sugere-se iniciar com um debate em torno de um dos problemas centrais da Bioética, a eutanásia, por meio de um filme que narra a trajetória do médico que a defendeu nos Estados Unidos, Jack Kevorkian. Outra possibilidade é problematizar a ética da pesquisa científica que se realiza por meio da manipulação genética de algumas espécies. Nesse caso, um filme bastante interessante, do qual é possível selecionar algumas cenas para a exibição em sala de aula, é a ficção científica *Splice: a nova espécie*.

Questões de vida e de morte: elementos da bioética (p. 331)

A Bioética é um campo interdisciplinar que estuda os aspectos éticos e morais das práticas e decisões na Medicina e nas ciências da vida. Ela se concentra em como lidar com dilemas morais que surgem em contextos médicos e biológicos.

Explicando o conceito (p. 331)

A eutanásia é um problema ético porque coloca em discussão os limites da capacidade de decisão de cada indivíduo. Ao abordar o tema, proponha as seguintes questões aos estudantes: se temos direito sobre nossos corpos, podemos escolher a morte quando o sofrimento é tanto que já não desejamos seguir vivendo? Nesse caso, a Medicina poderia ajudar a abreviar a vida, tirando a pessoa daquela situação de sofrimento? Essas questões são profundas, por isso merecem um debate filosófico.

No detalhe (p. 337)

Para tratar do tema do suicídio assistido, que pode ser sensível aos estudantes, é possível exibir o filme *Solitário anônimo* (disponível em: https://tedit.net/2iqkcn. Acesso em: 11 out. 2024), produzido por Débora Diniz, antropóloga e professora da Universidade de Brasília (UnB) que discute o assunto a partir de uma história real, de um idoso deitado na grama à espera da morte. Em seu bolso, um bilhete anunciava ser de terras distantes. Não havia documentos ou posses. Seu desejo era morrer solitário e anônimo. Esse é o início do documentário que conta a impressionante história de um homem obstinado a planejar e controlar sua morte. É um filme sobre a liberdade, a vida e a morte. A abordagem da antropóloga permite a discussão da eutanásia de forma cuidadosa, mostrando os impasses éticos que envolvem o problema em torno da liberdade, da vida e da morte. Além disso, o documentário possibilita retomar o debate proposto por Foucault em torno do tema da biopolítica pensando a questão a partir de uma discussão ética não utilitarista diferindo-se da teoria de Peter Singer apresentada no capítulo. Outra opção para pensar a morte é o livro de José Saramago *As intermitências da morte*, que discute o tema a partir de uma história fictícia que coloca a seguinte questão: O que seria do mundo sem a morte?

Sugestões de leitura

- OLIVEIRA, A. C. C. de; SIQUEIRA, V. H. F. de. O infame solitário: o que o documentário Solitário Anônimo pode acrescentar aos debates sobre educação em saúde? *Pro-Posições*, v. 24, n. 2, p. 147-164, 2013. Disponível em: https://tedit.net/xo1tbj. Acesso em: 11 out. 2024

O artigo oferece uma reflexão sobre a educação em saúde a partir do filme Solitário anônimo e da discussão promovida por Michel Foucault sobre biopolítica.

- SARAMAGO, J. *As intermitências da morte*. Lisboa: Caminho, 2005.

Sinopse: Depois de séculos sendo odiada pela humanidade, a morte resolve pendurar o chapéu e abandonar o ofício. O acontecimento incomum, que a princípio parece uma benção, logo expõe as intrincadas relações entre Igreja, Estado e a vida cotidiana.

- SEFFNER, F. PEREIRA, M. V. M. Entre o dito e o não dito: a morte na literatura infantojuvenil. *Textura - Revista de Educação e Letras*, v. 12, n. 2, p. 45-60, 2020. Disponível em: https://tedit.net/q8kyk5. Acesso em: 11 out. 2024.

O artigo apresenta a análise de alguns livros infantojuvenis e mostra como a literatura no espaço da sala de aula pode ser produtiva para adentrar as fronteiras da finitude e tratar de temas sensíveis.

Ética, empresa e sociedade: um novo tecido político? (p. 339)

Esse tema aborda a ética no mundo corporativo com base no caso de uma grande empresa do setor elétrico nos Estados Unidos. O documentário, *Enron: os mais espertos da sala* (escrito e dirigido por Alex Gibney, Estados Unidos, 2005), do qual podem ser selecionadas algumas cenas para esse tópico do capítulo. A discussão central é feita com base nas análises críticas realizadas por Gilles Lipovetsky. Ainda nessa parte, articula-se a perspectiva ética com as sociedades democráticas, explorando os pensamentos de Levinas e de Habermas.

Ética e questões ambientais: por um "contrato natural" (p. 344)

Esse tema está centrado no debate sobre os problemas da relação do ser humano com a natureza e apresenta a contribuição do pensamento instigante de Michel Serres. O filósofo propõe enfrentar a problemática ambiental por meio do "contrato natural", que modifica nossa relação com a natureza.

No detalhe (p. 346)

Na pintura, dois homens lutam entre si enquanto afundam em areia movediça. Ora, é o que fazemos em nossa ação no mundo: procuramos resolver nossos problemas imediatos, por exemplo, retirando petróleo para fornecer energia, mas não percebemos que a poluição provocada por sua queima produz efeito estufa e contribui para as mudanças climáticas. Quando olhamos apenas para nós mesmos e para nossos problemas imediatos, deixamos de ter uma visão de conjunto e de longo prazo.

Infográfico (p. 347)

O infográfico trabalha com as reflexões de Peter Singer sobre respeito aos animais.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes reconheçam que, em geral, é mais comum em nossa sociedade a visão de que a espécie humana é superior às demais e, por isso, tem o direito de explorá-las. No entanto, é possível perceber alguns esforços para reconhecer aos animais direitos iguais aos humanos em relação à liberdade e ao bem-estar, como as ações citadas do PEA e do CONCEA.
2. Os estudantes devem utilizar argumentos éticos para definir os usos que consideram aceitáveis dos animais e aqueles que não deveriam ser praticados. Por exemplo, Peter Singer considera antiético submeter um animal ao sofrimento, independentemente da finalidade, mas considera ética a morte – desde que sem sofrimento – de um animal para alimentar um ser

humano, pois os animais só vivem o momento e não planejam o futuro como nós. Alguns exemplos de uso dos animais que geralmente não geram sofrimentos incluem cães-guia e cães de busca e salvamento.

Trabalhando com texto de ética prática (p. 348-349)

Nessa seção, é abordado o texto de Peter Singer sobre a fome no mundo e a má distribuição de riquezas. Nele, Singer discute a responsabilidade ética que temos diante dessa realidade, enfatizando que a questão é de ética prática: como agir corretamente em situações concretas.

Após a realização da atividade, estimule um debate com a turma retomando os assuntos estudados no capítulo, levando em consideração os temas em torno da vida e da morte. Para aprofundar a discussão, apresente mais detidamente o conceito de biopoder, já mencionado em outras unidades. Foucault explica que o biopoder se articula com o poder soberano de modo que:

> Ora, o direito de vida e de morte é um direito que é estranho, estranho já no nível teórico; com efeito, o que é ter direito de vida e de morte? Em certo sentido, dizer que o soberano tem direito de vida e de morte significa, no fundo, que ele pode fazer morrer e deixar viver; em todo caso, que a vida e a morte não são desses fenômenos naturais, imediatos, de certo modo originais ou radicais, que se localizariam fora do campo do poder político. Quando se vai um pouco mais além e, se vocês quiserem, até o paradoxo, isto quer dizer no fundo que, em relação ao poder, o súdito não é, de pleno direito, nem vivo nem morto. Ele é, do ponto de vista da vida e da morte, neutro, e é simplesmente por causa do soberano que o súdito tem direito de estar vivo ou tem direito, eventualmente, de estar morto. Em todo caso, a vida e a morte dos súditos só se tornam direitos pelo efeito da vontade soberana. Aí está, se vocês quiserem, o paradoxo teórico. Paradoxo teórico que deve se completar, evidentemente, por uma espécie de desequilíbrio prático. Que quer dizer, de fato, direito de vida e de morte? Não, é claro, que o soberano pode fazer viver como pode fazer morrer. O direito de vida e de morte só se exerce de urna forma desequilibrada, e sempre do lado da morte. O efeito do poder soberano sobre a vida só se exerce a partir do momento em que o soberano pode matar. Em última análise, o direito de matar é que detêm efetivamente em si a própria essência desse direito de vida e de morte: É porque o soberano pode matar que ele exerce seu direito sobre a vida. E essencialmente um direito de espada. Não há, pois, simetria real nesse direito de vida e de morte. Não é o direito de fazer morrer ou de fazer viver. Não é tampouco o direito de deixar viver e de deixar morrer. É o direito de fazer morrer ou de deixar viver. O que, é claro, introduz uma dissimetria flagrante.
>
> FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Atividade complementar

Caso haja condições práticas, incentive os estudantes a cultivar, em um espaço disponível da escola, verduras e ervas, que possam ser utilizadas em lanches. Essa experiência possibilita o debate sobre a relação ética que mantemos com a alimentação e como isso afeta nossa relação com os outros.

Galeria de atividades (p. 350-351)

Nessa seção, contempla-se cada um dos blocos que estruturam o capítulo, apresentando questões de compreensão e reflexão, propostas de atividades de pesquisa e de diálogo com textos da mídia. Para elaborar a dissertação filosófica, os estudantes podem explorar um dos três eixos do capítulo, mas o professor pode optar por apenas uma das temáticas ou mesmo pela exploração das três.

Respostas

1. Resposta pessoal. Espera-se que a resposta tome como base as reflexões e os conceitos da bioética trabalhados neste capítulo.
2. A relação entre a "ética nos negócios" e os princípios da sociedade democrática reside na estratégia de um jogo político, por meio da qual os funcionários e os clientes são vistos como cidadãos, e a empresa se apresenta como cidadã, alegando ser partícipe da vida social. Nesse contexto, as empresas põem em prática a "responsabilidade social", que consiste em iniciativas de cunho público, como financiamentos de projetos sociais, ligados diretamente ou não à área de atuação da empresa.
3. Resposta pessoal. Observar a coerência e capacidade argumentativa dos estudantes.
4. É possível elencar muitas diferenças entre as concepções éticas de Habermas e Rancière. Resumidamente, as principais diferenças se dão em decorrência do significado que cada pensador dá aos conceitos de consenso e dissenso. Habermas acredita que o consenso é a expressão democrática de diferentes vozes e diferentes demandas, contrárias às ações e aos procedimentos não comunicativos que padronizam e colonizam o mundo da vida. Para ele, o consenso é resultado do exercício de uma ética discursiva orientada em princípios de uma razão discursiva, da qual todos os diferentes indivíduos

são dotados e devem exercer livremente em nome da democracia e de sua emancipação. Já Rancière ressalta o dissenso como algo democrático e contrário ao consenso produzido pela democracia representativa vigente. Esta privilegia o consenso dentro de uma organização e distribuição do poder desiguais e excludentes. Por isso, para Rancière, o dissenso é o exercício realmente democrático que contempla a multiplicidade de formas de sentir e viver o mundo, que extrapolam as determinações da ordem vigente. O dissenso busca a igualdade e a liberdade na diferença, no entanto tende a ser suprimido pela ordem democrática vigente, que visa apenas ao consenso.

5. Resposta pessoal. Espera-se a articulação crítica da análise do trecho fornecido, dos conteúdos estudados neste capítulo e dos conhecimentos pessoais do estudante sobre os problemas da bioética.

6. Resposta pessoal. Espera-se que a resposta articule as reflexões críticas trabalhadas em todo o livro sobre a relação entre ética, moral e capitalismo, bem como as reflexões dos estudantes sobre o assunto.

7. Resposta pessoal. Os estudantes devem realizar uma pesquisa.

8. Resposta pessoal. Escrita de um texto dissertativo.

TRABALHANDO COM LÓGICA (resposta):

- Em caso de dúvida dos estudantes, a canção *Tô*, de Tom Zé, e o poema *Amor é fogo que arde sem se ver*, de Luís de Camões, são duas sugestões que permitem esse trabalho de análise pelas lentes da lógica paraconsistente.

Agir no mundo (p. 352-353)

No fechamento da unidade, essa seção traz uma reflexão sobre o conceito de desentendimento, conforme proposto por Jacques Rancière, e sua aplicação na compreensão de questões políticas da atualidade, como a atuação de grupos ambientalistas radicais.

Ao conduzir a atividade, oriente o debate definindo e monitorando o tempo de cada grupo para defender seu ponto de vista. Busque interferir apenas quando necessário para que os estudantes possam expressar seu posicionamento e autonomia.

Respostas

Para a realização das etapas, peça aos estudantes que leiam o tópico "A política como partilha do sensível", do capítulo 14, e, se possível, o Texto 2 na íntegra. Além disso, peça aos estudantes que façam pesquisas na internet sobre o grupo *Just Stop Oil* (é importante que os estudantes vejam vídeos e imagens das ações do grupo, pois elas possuem uma dimensão estética importante). É fundamental que os estudantes consigam interpretar as ações desses grupos utilizando os conceitos propostos por Rancière. É possível considerar que, de acordo com as formulações do filósofo, essas ações são atos políticos legítimos, uma vez que perturbam a ordem da polícia (a ordem instituída e a administração social) ao subverter espaços de arte e dar a eles função de palco de discussão para reforçar desentendimentos em relação às políticas climáticas, buscando influenciar seus rumos. Como fechamento da atividade, retome com os estudantes a questão mobilizadora do início da seção e promova uma discussão com a turma sobre como ela pode ser respondida com base no que foi apresentado pelos grupos.

Filosofia na história: uma linha do tempo (p. 354-361)

A linha do tempo é uma síntese visual do percurso da Filosofia durante a História.

Sugestões de leitura

- SERRES, M. *O mal limpo*: poluir para se apropriar? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

Nessa obra, o autor apresenta uma visão crítica e criativa sobre as questões ambientais e seu impacto sobre o ser humano, propondo uma reflexão fundamental para nosso presente e nosso futuro.

- SINGER, P. *Ética prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

Nesse livro, o filósofo contemporâneo apresenta uma série de questões atuais na qual a ética é utilizada como ferramenta para pensar sobre os problemas que nos afligem.

Referências bibliográficas comentadas

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal*: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 2003.

A obra explora a adolescência sob uma perspectiva psicanalítica, abordando as transformações emocionais e psicológicas típicas dessa fase.

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. Estratégias de ensinagem. *In*: ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (org.). *Processos de ensinagem na universidade:* pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Univille, 2004. p. 67-100.

Anastasiou e Alves propõem uma série de estratégias de ensino para o ensino superior, que visam envolver os estudantes no processo de aprendizagem. Algumas das principais estratégias incluem: leitura individual, discussão em pequenos grupos, socialização das discussões.

ARONDEL-ROHAUT, M. *Exercícios filosóficos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Uma abordagem didática sobre os mais variados exercícios filosóficos.

BRASIL. Lei n. 9 394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: https://tedit.net/2nq4wh. Acesso em: 29 ago. 2024.

Legislação fundamental que traz a organização do sistema educacional do país, abrangendo desde a educação infantil até a educação superior.

BRASIL. Lei n. 13 146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, p. 2, 7 jul. 2015. Disponível em: https://tedit.net/3tbi69. Acesso em: 15 out. 2024.

Legislação brasileira a respeito das pessoas com deficiência. Esta legislação visa garantir os direitos das pessoas com deficiência, promovendo sua inclusão social e cidadania, em conformidade com a Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

BRASIL. Lei n. 14 945, de 31 de julho de 2024. Altera a Lei n. 9 394, a fim de definir diretrizes para o Ensino Médio. *Diário Oficial da União*: Seção 1, Brasília, 2024. p. 5. Disponível em: https://tedit.net/2vxubs. Acesso em: 23 out. 2024.

Esta lei define as diretrizes para o Ensino Médio e estabelece a Política Nacional de Ensino Médio.

BRASIL. Ministério da Educação. *Matriz de referência Enem*. Disponível em: https://tedit.net/hpzfbx. Acesso em: 15 out. 2024.

Referência para as avaliações do Exame Nacional do Ensino Médio, que indica as habilidades e competências esperadas na formação do estudante.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: https://tedit.net/yz4ae4. Acesso em: 15 out. 2024.

Documento elaborado pelo Ministério da educação que cria uma Base Nacional Comum Curricular e indica competências esperadas para cada nível de desenvolvimento dos estudantes.

BRASIL. Ministério da Educação. *Novo Ensino Médio* – perguntas e respostas. Disponível em: https://tedit.net/45117b. Acesso em: 4 out. 2024.

Documento que fornece informações essenciais sobre as mudanças implementadas no Ensino Médio, visando esclarecer dúvidas comuns sobre a nova estrutura curricular e suas diretrizes.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília, DF: MEC, 2008. Disponível em: https://tedit.net/3j6ehr. Acesso: 28 set. 2024.

A Política Nacional de Educação Especial enfatiza a inclusão de estudantes com necessidades especiais no sistema educacional regular. A política visa garantir o acesso, a participação e a aprendizagem de todos os estudantes, promovendo uma educação inclusiva e de qualidade.

BRUNNER, J. S. *Uma nova teoria da aprendizagem*. Rio de Janeiro: Bloch, 1969.

A obra explora conceitos inovadores sobre a aprendizagem, enfatizando a importância da descoberta e da construção do conhecimento pelo estudante.

CABRERA, J. *O cinema pensa*: uma introdução à Filosofia através dos filmes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

Indicações de possibilidades de uso do cinema nas aulas de Filosofia.

CAMUS, A. *O homem revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

Camus explora a ideia de revolta e a condição humana, analisando a natureza da rebelião e sua relação com a justiça e a moralidade.

CARNEIRO, A. A. *Novo ensino da Filosofia no Brasil*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

Uma discussão sobre ensino de Filosofia no Brasil no século XXI.

CERLETTI, A. *O ensino de Filosofia como problema filosófico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Obra para compreender o ensino de Filosofia pensado filosoficamente.

CICOGNA, J. I. R. *et al*. Mortalidade por suicídio de adolescentes no Brasil: tendência temporal de crescimento entre 2000 e 2015. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, n. 68, v. 1, p. 1-7, 2019. Disponível em: https://tedit.net/sc85ak. Acesso em: 08 abr. 2024.

O estudo analisa a preocupante tendência de aumento na mortalidade por suicídio entre adolescentes no Brasil nas últimas décadas.

COMTE-SPONVILLE, A. *Uma educação filosófica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

O autor discute os meandros da aprendizagem filosófica.

CONDÉ, A. A. S. *Juventude e educação:* os sentidos do ensino médio na periferia do Distrito Federal. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em: https://tedit.net/33ontq. Acesso em: 16 out. 2024.

Este estudo apresenta informações que contribuem para uma compreensão mais aprofundada das realidades e perspectivas dos jovens de periferia em relação ao Ensino Médio, evidenciando a necessidade de políticas educacionais que considerem as especificidades desses contextos e promovam uma educação de qualidade.

COSSUTTA, F. *Elementos para a leitura de textos filosóficos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Tratado didático sobre como ler textos filosóficos.

COSTA JÚNIOR, J. F. *et al*. Um olhar pedagógico sobre a Aprendizagem Significativa, de David Ausubel. *Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem*, v. 5, p. 51-68, 2023. Disponível em: https://tedit.net/arvrai. Acesso em: 15 out. 2024.

O artigo oferece uma análise pedagógica da Teoria da Aprendizagem Significativa, de David Ausubel. O estudo destaca como essa teoria pode ser aplicada para melhorar a compreensão e retenção de conhecimento pelos estudantes

DE SINGLY, F. *L'individualisme est un humanisme*. Paris: L'Aube, 2011.

François de Singly defende que o individualismo, muitas vezes mal compreendido, não se resume à competição desenfreada e ao egoísmo. Para ele, o individualismo ocidental representa o direito de cada pessoa de amar, de participar da vida política e de tomar decisões sobre sua própria vida.

FAZENDA, I. C. A. (org.). *Dicionário em Construção*: Interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2002.

Este dicionário é uma referência importante para compreender os termos e conceitos relacionados à interdisciplinaridade, oferecendo definições claras e exemplos práticos.

FAZENDA, I. C. A. *Interdisciplinaridade*: História, teoria e pesquisa. São Paulo: Papirus, 1994.

Fazenda apresenta uma rigorosa análise histórica da realidade e da evolução do discurso e do percurso interdisciplinar.

FAZENDA, I. C. A. *Interdisciplinaridade*: qual o sentido?. São Paulo: Paulus, 2003.

A autora investiga o conceito de interdisciplinaridade, defendendo sua importância para uma educação mais integrada e contextualizada, e promovendo uma visão holística do conhecimento.

FAZENDA, I. C. A. *et al.* Avaliação e interdisciplinaridade. *Revista Interdisciplinaridade*, São Paulo, v. 1, n. 0, p. 23-37, out. 2010. Disponível em: https://tedit.net/scfcnd. Acesso em: 15 out. 2024.
O artigo discute a importância da avaliação e da interdisciplinaridade no contexto educacional. Os autores argumentam que a integração de diferentes disciplinas e uma abordagem avaliativa holística são essenciais para uma educação mais completa e significativa.

FERNANDES, D. *Avaliar para aprender*: fundamentos, práticas e políticas. São Paulo: Unesp, 2009.
No livro, o autor critica o sistema atual de avaliação e propõe uma nova abordagem, centrada no aprendizado do estudante.

FERREIRA, M. L. R. (coord.). *Ensinar e aprender Filosofia num mundo em rede*. Lisboa: Universitas, 2012.
Os desafios do ensino de Filosofia em um mundo digitalizado.

FOLSCHEID, D.; WUNENBURGER, J. J. *Metodologia filosófica*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
Obra clássica sobre metodologia da Filosofia no contexto de seu ensino.

FREITAS, M. C. de. *Deficiências e diversidades*: educação inclusiva e o chão da escola. São Paulo: Cortez, 2022.
O livro aborda temas cruciais em torno da educação inclusiva e da integração de diversas necessidades dos estudantes no ambiente escolar.

FREITAS, M. C. de. Educação inclusiva: diferenças entre acesso, acessibilidade e inclusão. *Cadernos De Pesquisa*, v. 53, ed. 10084, p. 1-16, 2023. Disponível em: https://tedit.net/r0pkcv. Acesso em: 15 out. 2024.
O artigo aponta que é importante distinguir os conceitos de acesso, acessibilidade e inclusão, no contexto da educação inclusiva.

GOMES, N. L.; DAYRELL, J. T. Juventude, práticas culturais e identidade negra. *Palmares em Ação*, Brasília, n. 2, p. 18-23, 2002.
O artigo discute como as práticas culturais, especialmente aquelas ligadas às tradições afro-brasileiras, contribuem para a afirmação da identidade negra entre os jovens.

GUIMARÃES, M. C. A. *et al.* Trajetórias de alunos com deficiência e as políticas de educação inclusiva: da educação básica ao Ensino Superior. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Bauru, v. 27, ed. 59, p. 935-952, 2001. Disponível em: https://tedit.net/4a5jvf. Acesso em: 15 out. 2024.
O artigo discute as trajetórias educacionais de estudantes com deficiência no Brasil, desde a Educação Básica até o Ensino Superior, e analisa as políticas públicas de educação inclusiva nesse contexto.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
O autor propõe uma nova abordagem para a questão do ser, que havia sido esquecida pela tradição filosófica, buscando resgatar seu significado original.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. *A organização do currículo por projetos de trabalho*: o conhecimento é um caleidoscópio. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Penso, 2017.
Os autores deste livro propõem a organização do currículo por projetos de trabalho como uma alternativa à estrutura disciplinar tradicional.

HOFFMAN, J. *Avaliação*: mito & desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 2003a.
A autora aborda os mitos que cercam as práticas de avaliação e apresenta os desafios enfrentados em ambientes educacionais, defendendo uma compreensão mais matizada da avaliação além das métricas tradicionais.

HOFFMAN, J. *Avaliação mediadora*: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2003b.
Obra que aborda o desenvolvimento de práticas de avaliação mediadoras que abrangem desde a pré-escola até os níveis universitários.

HORN, G. B. *Ensinar Filosofia:* pressupostos teóricos e metodológicos. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2009.
Análise das possibilidades do ensino de Filosofia pensado como a chave do materialismo histórico.

JORBA, J.; SANMARTÍ, N. A função pedagógica da avaliação. *In*: BALLESTER, M. *et al. Avaliação como apoio à aprendizagem*. Tradução: Valéria Campos. Porto Alegre: Artmed, 2003.
Os autores discutem a importância da avaliação como um elemento essencial para apoiar e melhorar a aprendizagem dos estudantes.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo:* uma era de expectativas decrescentes. São Paulo: Fósforo Editora, 2023.
Uma reflexão sobre a ascensão do narcisismo na sociedade contemporânea.

LE BRETON, D. *Conduites à risques*. Paris: PUF, 2002.
A obra explora comportamentos de risco, particularmente sobre os fatores psicológicos e sociais que influenciam comportamentos de risco entre os jovens.

LIBÂNEO, J. C. *Organização e gestão da escola:* teoria e prática. São Paulo: Heccus, 2014.
Uma reflexão sobre a gestão escolar no Brasil.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar*: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 1999.
O livro discute a avaliação escolar como um processo contínuo e formativo, desafiando práticas tradicionais e propondo uma abordagem mais humanista e inclusiva na educação.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar*: passado, presente e futuro. São Paulo: Cortez, 2002.
O autor aborda diversos aspectos relacionados à avaliação da aprendizagem no contexto escolar.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
O autor argumenta, neste livro, que as sociedades contemporâneas estão se afastando do individualismo característico da modernidade, em direção a formas de socialidade mais coletivas.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar*: o que é? Por quê? Como fazer?. São Paulo: Moderna, 2003.
Essa obra é uma referência para educadores, gestores e formuladores de políticas públicas, pois fornece uma base teórica sólida e orientações práticas para a promoção da inclusão escolar.

MATUI, J. *Construtivismo*. São Paulo: Moderna, 1995.
No livro, o autor propõe que o conhecimento não é simplesmente transmitido, mas construído ativamente pelos estudantes durante o processo de aprendizagem.

MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. *In*: SOUZA, C. A. de; MORALES, O. E. T. (org.). *Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania*: aproximações jovens. Ponta Grossa: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. p. 15-33. (Coleção Mídias Contemporâneas, III). Disponível em: https://tedit.net/yhkwgp/. Acesso em: 22 out. 2024.
O texto discute a importância de inovar o ensino através de abordagens que envolvem ativamente os estudantes no processo de aprendizagem.

NASCIMENTO, C. L. L. *A presença da Filosofia no Novo Ensino Médio*. Maceió: Café com Sociologia, 2023.
Análise do Novo Ensino Médio e da BNCC e do lugar e do papel da Filosofia nesse contexto.

OBIOLS, G. *Uma introdução ao ensino da Filosofia*. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2002.
O livro analisa os desafios do ensino de Filosofia.

PERRENOUD, P. *Avaliação*: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999.
Este trabalho do autor está incluído em sua discussão mais ampla sobre avaliação em educação, particularmente no contexto de avaliações de aprendizagem.

PIAGET, J. *A evolução intelectual da adolescência à vida adulta*. Tradução de Fernando Becker; Tania B.I. Marques, Porto Alegre: Faculdade de Educação, 1993.
Neste livro, são analisadas as etapas do desenvolvimento cognitivo, enfatizando como a adolescência representa uma fase crucial para a formação de habilidades intelectuais mais complexas, como o pensamento abstrato e a lógica.

PORTA, M. A. G. *A Filosofia a partir de seus problemas*. São Paulo: Loyola, 2002.
Obra para compreender filosoficamente o ensino de Filosofia.

RIBEIRO, M. L.; JUTRAS, F. Representações sociais de professores sobre afetividade. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 1, n. 23, p. 39-45, jan./mar. 2006. Disponível em: https://tedit.net/z109iy. Acesso em: 15 out. 2024.

Artigo que aborda as representações sociais de professores sobre a afetividade, destacando sua relevância para a prática docente e para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

ROCHA, R. P. da. *Ensino de Filosofia e currículo*. Petrópolis: Vozes, 2008.

O livro problematiza o ensino de Filosofia para o Ensino Médio.

RODRIGO, L. M. *Filosofia em sala de aula*: teoria e prática para o Ensino Médio. Campinas: Autores Associados, 2009.

Uma discussão teórica sobre o ensino de Filosofia baseada em uma perspectiva materialista-histórica.

RUSS, J. *Os métodos em Filosofia*. Petrópolis: Vozes, 2010.

Discussão sobre os métodos filosóficos e suas implicações no ensino da disciplina.

SACRISTÁN, J. G. *La educación obligatoria*: su sentido educativo y social. Madrid: Morata, 1999.

Livro que traz uma discussão acerca da importância da educação obrigatória no contexto social e educativo, abordando diversos aspectos que justificam a relevância da educação formal e sua função na sociedade.

SANTOMÉ, J. T. *Globalização e Interdisciplinaridade*: o currículo integrado. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Neste trabalho, Santomé explora a integração de várias disciplinas dentro dos currículos educacionais, enfatizando a importância de uma abordagem interdisciplinar no contexto da globalização.

SARTRE, J. P. *Existencialismo é um humanismo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Nesta obra da filosofia existencialista, o autor argumenta que a existência precede a essência, o que significa que os indivíduos não são definidos por nenhuma natureza predeterminada, mas sim por suas ações e escolhas.

SAUNDERS, C. *et al*. *Como estudar Filosofia*: guia prático para estudantes. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Reflexões sobre o estudo da Filosofia direcionadas para os estudantes.

SAVIANI, D. *A nova lei da educação:* trajetória, limites e perspectivas. 5 ed. Campinas: Autores Associados, 1999. (Coleção Educação Contemporânea).

Este livro oferece uma análise crítica e detalhada da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), oferecendo parâmetros de auxílio aos educadores em relação à legislação.

SCHNEIDER, H. N.; SANTOS, J. F.; SANTOS, V. S. Cultura juvenil, dependência digital e contingência. *Revista Científica do UniRios*, n. 23, 2020.

Neste artigo, os autores refletem sobre os jovens que estão cada vez mais imersos em uma cultura digital.

SEVERINO, A. J.; SEVERINO, E. S. *Ensinar e aprender com pesquisa no Ensino Médio*. São Paulo: Cortez, 2012.

Dicas importantes de como organizar os estudos e a prática da pesquisa na educação média.

SIEGEL, D. J. *Cérebro adolescente*: o grande potencial, a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos. Tradução: Ana Claudia Hamati. São Paulo: nVersos, 2016.

O livro explora o desenvolvimento do cérebro adolescente, destacando o potencial, a coragem e a criatividade inerentes a essa fase da vida. A obra oferece uma visão otimista e informativa sobre como os adolescentes podem ser guiados para alcançar seu pleno potencial, sendo uma leitura valiosa para pais e educadores.

SOUZA, J. J. de; MORAES, E. C. *Cartilha legal: inclusão do aluno com necessidades específicas*. Instituto Federal de Alagoas, 2022. Disponível em: https://tedit.net/va4rpv. Acesso em: 28 set. 2024.

TOMAZETTI, E. M.; GALLINA, S. F. S. (org.). *Territórios da prática filosófica*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009.

A prática filosófica contemporânea debatida em vários aspectos, com ênfase para a escola como lugar privilegiado para sua realização.

TONIDANDEL, S. M. *Escrita argumentativa de alunos do ensino médio*. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

A tese explora questões relativas a escrita argumentativa de alunos do Ensino Médio, envolvendo questões como problemas na argumentação e justificativas.

TOULMIN, S. *Os usos do argumento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

O processo de argumentação em Filosofia é esmiuçado neste livro, com importantes contribuições ao professor.

VELASCO, P. del N. *Educando para a argumentação*: contribuições do ensino da lógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Uma proposta de sistematização do ensino de lógica em sala de aula.

VELHO, G.; DUARTE, L. F. D. (org.). *Juventude contemporânea*: Culturas, Gostos e Carreiras. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

Neste livro, os autores examinam as complexidades e diversidades das experiências da juventude na sociedade moderna.

VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Psicologia e pedagogia).

O livro explora a intrincada relação entre linguagem e pensamento, enfatizando como as interações sociais e os contextos culturais moldam o desenvolvimento cognitivo.

YARED, I. *Prática educativa interdisciplinar:* limites e possibilidades na reverberação de um sonho. 2009. 257 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

A tese explora as práticas educacionais interdisciplinares de acordo com o contexto educacional brasileiro.

WILSON, J. *Pensar com conceitos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Análises do pensamento conceitual, tal como se compreende a Filosofia.

Fontes de pesquisa *on-line*

ANTOLOGIA DE TEXTOS FILOSÓFICOS. SEED-PR. Disponível em: https://tedit.net/vgesco. Acesso em: 4 out. 2024.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA. Seção "Filosofia na escola". Disponível em: https://tedit.net/2ryper. Acesso em: 4 out. 2024.

DICIONÁRIO ESCOLAR DE FILOSOFIA. Plátano (Portugal). Disponível em: https://tedit.net/h2eal1. Acesso em: 4 out. 2024.

ENSINO DE FILOSOFIA (*blog* destinado a pesquisas, debates, novas publicações e eventos sobre Filosofia no Ensino Médio). Disponível em: https://tedit.net/r3objv. Acesso em: 4 out. 2024.

FILOSOFIA NA ESCOLA (*blog* do projeto Filosofia na Escola, do curso de Filosofia da Universidade de Caxias do Sul). Disponível em: https://tedit.net/ark7l5. Acesso em: 4 out. 2024.

FILOSOFIA NA ESCOLA (*blog* editado por Marcelo Senna, com uma extensa lista de *links* de interesse para o ensino de Filosofia). Disponível em: https://tedit.net/enmuo4. Acesso em: 4 out. 2024.

LABORATÓRIO DE LICENCIATURA E PESQUISA SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA DA UERJ. Disponível em: https://tedit.net/nmn16l. Acesso em: 4 out. 2024.

PERDIDOS NA PARALAXE. *Site* do *podcast* que discute Filosofia e cultura *pop*. Disponível em: https://tedit.net/arvoq7. Acesso: 4 out. 2024.

PORTAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO DA UERJ. Disponível em: https://tedit.net/5jd2aj. Acesso em: 4 out. 2024.

PROJETO PAIDEIA. Disponível em: https://tedit.net/0e6epy. Acesso em: 4 out. 2024.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ. Área de Filosofia. Disponível em: https://tedit.net/3t0vrr. Acesso em: 4 out. 2024.